Trilogia Sevenwaters
Livro 3

Filha da Profecia

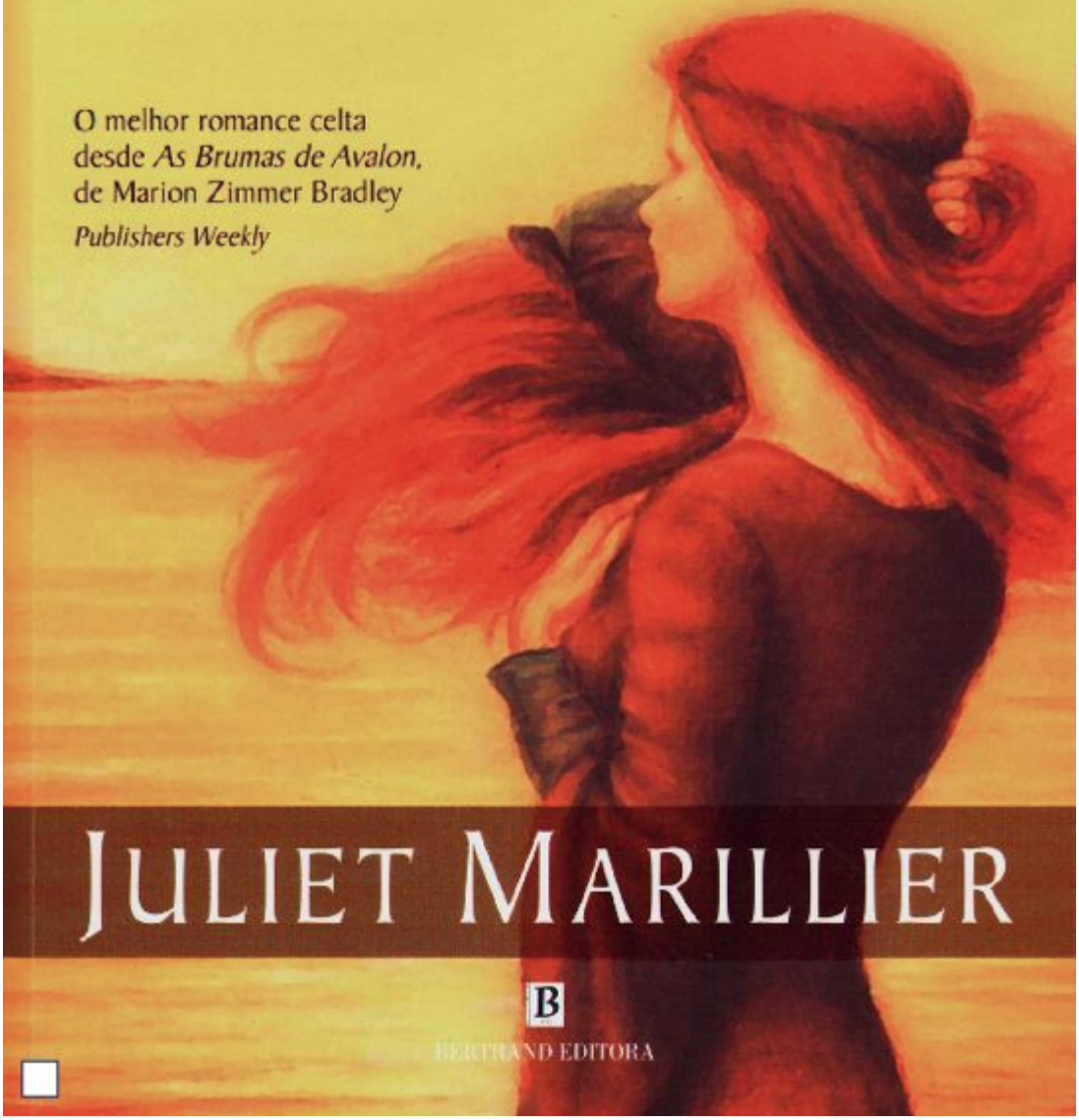
Juliet Marillier

BUTTERFLY

A FILHA da PROFECIA

SEVENWATERS III

O melhor romance celta
desde *As Brumas de Avalon*,
de Marion Zimmer Bradley
Publishers Weekly



JULIET MARILLIER

B
BERTRAND EDITORA

JULIET MARILLIER

A FILHA DA PROFECIA

LIVRO III DA TRILOGIA SEVENWATERS

CAPÍTULO UM

Chegavam todos os Verões. Eu contava os dias pela terra, pelo céu, pelo Sol e pelas pedras. Trepava até ao círculo, sentava-me muito quieta, encostada à rocha tépida a que eu chamava Sentinela e observava os coelhos à luz do crepúsculo, mordiscando a erva que conseguiam encontrar na encosta estéril. O Sol descia a oeste, uma bola de fogo laranja mergulhando, para lá dos montes, nas profundezas escondidas do oceano. A sua luz, ao morrer, agarrava as formas dos dólmanes e esticava as suas estranhas sombras pelo solo pedregoso à minha frente. Ia até ali todos os Verões desde que vira os viajantes pela primeira vez e aprendera a ler os sinais. A cada dia que passava, o Sol, ao pôr-se, alongava um pouco mais as formas pontiagudas, ao longo do cume do monte, para norte. Quando a maior das sombras me chegava aos pés, ali onde me sentava, no centro do círculo, era chegada a ocasião. No dia seguinte poderia ir até à pista, porque eles estavam a chegar.

Havia um padrão. Havia padrões para tudo, se soubéssemos como procurá-los. O meu pai ensinou-me. A habilidade está em ficar de fora, não deixar que eles nos apanhem. Seria um erro pensar que pertencemos a alguém. Pessoas como nós nunca poderiam pertencer a ninguém. Também aprendi isso com ele.

Ficava ali ao lado da pista, escondida num arbusto de zimbro, quieta como uma pedra. Ouvia-se, primeiro, o som dos cascos e das rodas das carroças. Em seguida via um ou dois dos rapazes montados em pôneis, cavalgando a frente, atentos a qualquer perigo. Quando chegavam ao topo do monte e passavam pelo sítio onde eu estava escondida, baixavam a guarda e seguiam brincando e rindo, porque já estavam perto do acampamento e de um Verão de boa pesca e relativa facilidade, um tempo em que reparavam e construíam coisas. A estação que passavam ali, na baía, era a coisa mais parecida com uma vida fixa que eles conheciam. Depois, seguia-se uma carroça ou duas, com os velhos e as mulheres sentados no topo e as crianças mais pequenas empoleiradas na

carga, ou correndo ao lado. Danny Walker conduzia uma parelha de cavalos e a sua mulher, Peg, a outra. O resto da tribo caminhava, os lenços e cachecóis, de cores vivas, contrastando com a paisagem sombria e cinzenta, que era ali estéril, mesmo sob o calor do Verão que se aproximava. Eu observava e esperava, escondida, sem me atrever a mexer um dedo, sequer. Por fim, vinham os pôneis, conduzidos pelos rapazes mais novos. Era o melhor momento do Verão: a primeira vez que avistava Darragh, montado, pequeno e orgulhoso, no seu cavalo cinzento. Vinha pálido após o Inverno no Norte e de sobrolho franzido, vigiando os animais, sempre alerta, não fosse um deles tentar fugir. Aqueles pôneis rústicos tinham essa tendência, até serem devidamente domesticados. Aquela manada seria treinada durante a estação quente e vendida quando a tribo regressasse ao Norte.

Eu não permitia que o movimento de um dedo, ou a piscadela de um olho, me denunciasse. Mas Darragh sabia. Os seus olhos castanhos olhavam para os lados, pestanejando e ele sorria, um sorriso que mais ninguém, se não eu, escondida ao lado da pista, notava. Os viajantes passavam, desapareciam a caminho da enseada e do seu acampamento de Verão e eu ia para casa, correndo pelo monte afora, descendo e atravessando a língua de terra até ao Favo de Mel, que era onde eu e o meu pai vivíamos.

O meu pai não gostava muito que eu saísse dali. Mas não me proibia. Era melhor, dizia ele, eu estabelecer as minhas próprias regras. O ofício era muito duro. Em breve descobriria que não deixava tempo para amigos, para brincar, nadar ou pescar e saltar de rocha em rocha, como as outras crianças. Havia muita coisa para aprender. E quando o meu pai estava demasiado ocupado para me ensinar, eu tinha de praticar o que já sabia. As únicas regras que existiam não precisavam de palavras Além disso, não podia ir para longe com o meu pé defeituoso.

Eu sabia que para os da nossa espécie a única coisa que contava era o nosso ofício.

Mas Darragh entrou na minha vida sem ser convidado e depois disso transformou-se na minha companhia de Verão e no meu

melhor amigo; no meu único amigo, para dizer a verdade. Eu tinha medo das outras crianças e nem sequer imaginava poder juntar-me a elas nos seus jogos violentos. Por seu lado, elas evitavam-me. Talvez tivessem medo, ou talvez fosse outra coisa qualquer. Eu sabia que era mais esperta do que elas. Sabia que podia fazer-lhes o que me apetecesse, se quisesse. No entanto, quando olhava para o meu reflexo na água e pensava nos rapazes e raparigas que via correr pela areia gritando uns para os outros, pescando nas rochas e remendando redes ao lado dos pais e mães, desejava com todo o meu coração ser uma daquelas raparigas errantes, com um lenço vermelho e um xale de longas franjas, empoleirada no alto de uma carroça a caminho, no Outono, das terras distantes do Norte.

Nós tínhamos um lugar, um lugar secreto, a meio caminho da encosta, por trás de umas grandes pedras, virado a sudoeste. Abaixo de nós, o promontório escarpado e rochoso do Favo de Mel mergulhava no mar. Lá dentro havia uma rede complicada de grutas, câmaras e passagens secretas, a casa ideal para um homem como o meu pai. Por trás de nós a encosta subia, subia até ao topo do monte, até ao círculo de pedras, descendo depois até à pista das carroças. Para lá estava Kerry e, mais longe ainda, lugares cujos nomes eu desconhecia. Mas Darragh sabia-os e falava-me deles enquanto colhia lenha para fazer uma fogueira e procurava silex e mecha nos bolsos, enquanto eu tirava do saco um pequeno pote e umas ervas secas para fazer chá. Falava-me de lagos e de florestas, de desfiladeiros selvagens e de vales suaves e brumosos. Descrevia como os Noruegueses, cujos assaltos às nossas costas eram tão temidos, se tinham estabelecido ali, casado com mulheres irlandesas e dado à luz crianças que não eram nem uma coisa nem outra. Com um brilho de excitação nos olhos castanhos, falava da grande feira de cavalos no norte. Gesticulava de tal maneira, concentrado, com voz entusiasmada, que se esquecia que tinha de acender a fogueira. Assim, acendi-a eu, apontando para os paus com o meu dedo indicador. A macieira começou a arder instantaneamente e o nosso pequeno pote de água começou a aquecer. Darragh calou-se.

— Continua — disse eu. — O velho comprou o pônei, ou não? — Mas Darragh fixou-me de sobrolho franzido, os olhos escuros semicerrados de desaprovação.

— Não devias fazer isso — disse ele.

— O quê?

— Acender a fogueira dessa maneira. Usar truques de feitiçaria. Quando não é necessário. O que é que o silex e a mecha têm de mal? Eu não teria feito isso.

— Por que é que te preocupas? Assim é mais rápido. — Eu estava a deitar uma mão-cheia de folhas secas dentro do pote. O seu cheiro encheu o ar frio da encosta.

— Não devias fazê-lo. Não quando não é necessário. — Ele sentia-se incapaz de dar outra explicação e as suas palavras morreram abruptamente. Fizemos o nosso chá, que bebemos em silêncio, sentados, enquanto as aves marinhas voavam e gritavam por cima das nossas cabeças.

Os Verões tinham muitos dias daqueles. Quando não era preciso para trabalhar com os cavalos ou para ajudar no acampamento, Darragh ia ter comigo e, juntos, explorávamos as encostas rochosas, os carreiros no alto da falésia, as baías escondidas e as grutas secretas. Ensinou-me a pescar apenas com uma linha e mão firme. E eu ensinei-o a saber que dia era, pela maneira como as sombras se moviam no topo do monte. Quando chovia, o que acontecia muitas vezes no Verão, sentávamo-nos juntos no abrigo de uma pequena gruta, na língua de terra que ligava o Favo de Mel à praia, um local que era quase subterrâneo, mas só quase, porque a luz do dia entrava por cima e a pequena extensão de areia fina ficava de um cinzento-azulado delicado. Eu sentia-me sempre segura naquele local. O céu, a terra e o mar encontravam-se, tocavam-se e separavam-se de novo e o som das pequenas ondas na praia subterrânea era como um suspiro, ao mesmo tempo uma saudação e um adeus. Darragh nunca me disse se gostava, ou não, da minha gruta secreta.

Limitava-se a ir até lá comigo, sentando-se a meu lado e, quando parava de chover, saía sem uma palavra.

Na encosta crescia uma erva selvagem, uma planta forte, flexível, com um caule verde-claro, sedoso e brilhante. Nós chamávamos-lhe cauda-de-rato, se bem que, provavelmente, tivesse outro nome. Peg e as suas filhas eram excelentes cesteiras e faziam uso daquela erva para os seus melhores e mais bonitos trabalhos, que podiam ser vendidos a uma senhora para, talvez, colher flores, em vez de transportar vegetais ou uma carga pesada de lenha. Darragh também sabia fazer cestos, com dedos longos rápidos e ágeis. Uma ocasião, estávamos junto das pedras, ao fim da tarde, encostados à Sentinela, a olhar para a baía, para o promontório distante e para o mar, a ocidente. As nuvens juntavam-se e o ar estava fresco. Nesse dia eu não podia ler as sombras, mas sabia que nos estávamos a aproximar do fim do Verão e de uma nova separação. Sentia-me triste, zangada comigo mesma por isso, tentando não pensar em mais um Inverno de trabalho duro e dias frios e solitários. Olhava para o chão pedregoso e pensava no ano em si, em como ele se sucedia, como uma serpente mordendo a própria cauda; em como ele rodava como uma roda, sem fim. Os bons tempos regressariam de novo e, depois deles, os maus. Darragh tinha na mão uma porção de caudas-de-rato e tecia-as com habilidade enquanto assobiava baixinho. Darragh nunca estava triste. Não tinha tempo para isso: para ele, a vida era uma aventura, sempre com novas portas a abrirem-se. Além disso, podia ir-se embora, se quisesse. Não tinha coisas para aprender, ou uma arte para aperfeiçoar, como eu.

Olhei para os seixos no chão. Sempre à roda, era essa a minha existência, repetindo-se sempre, um ciclo ao qual não podia escapar. Sempre à roda. Eixo e imutável.

Fixei os seixos enquanto eles estremeciam e rolavam; enquanto se moviam obedientemente no chão, à minha frente.

— Fainne? — Darragh olhava, de sobrolho franzido, para mim e para as pedras que se moviam na minha frente.

— O que é? — A minha concentração quebrou-se. As pedras deixaram de se mover.

Agora, formavam um círculo perfeito.

— Estende a mão — disse ele.

Fiz como ele me pedia, confusa e ele meteu-me no dedo um pequeno anel feito de caudas-de-rato, tão bem feito que não parecia ter qualquer junção, ou fixação.

— Para que é isto? — perguntei-lhe, virando o círculo sedoso e flexível uma vez e outra.

Ele estava a olhar de novo para a baía, observando os pequenos curraghs a regressar da pesca.

— Para que não te esqueças de mim — disse ele desprendidamente.

— Não sejas parvo — disse eu. — Por que me haveria de esquecer de ti?

— Talvez esqueças — disse ele virando-se para mim e fazendo um gesto na direção do círculo perfeito das minúsculas pedras. — Pode ser que tenhas de te virar para outras coisas.

Senti-me magoada.

— Nunca. Nunca.

Darragh suspirou e encolheu os ombros.

— Tu ainda és pequena. Não sabes. O Inverno é muito longo, Fainne. Ainda precisas que tomem conta de ti.

— Não preciso nada! — respondi eu, levantando-me rapidamente. Quem pensava ele que era, o meu irmão mais velho? — Eu sei muito bem olhar por mim, obrigada. E agora vou para casa.

— Eu acompanho-te.

— Não é preciso.

— Eu acompanho-te. Melhor ainda, faço uma corrida contigo. Só até àqueles arbustos, lá em baixo. Anda.

Eu fiquei ali, imóvel, carrancuda.

— Eu dou-te avanço — disse Darragh. — Conto até dez.

Não fiz qualquer movimento.

— Até vinte, então. Anda lá. — Ele sorriu, um sorriso enorme, irresistível.

Eu corri, se é que se pode chamar corrida ao meu passo desastrado, coxeante. Com uma das mãos a segurar a saia, eu corria relativamente depressa, se bem que o piso, pedregoso, exigisse alguma cautela. Estava a meio caminho dos arbustos quando ouvi os seus passos suaves e rápidos mesmo por trás de mim. Nenhuma corrida entre nós poderia ser igual e ambos o sabíamos. Ele podia ter coberto a distância num quarto do tempo que me levou a mim. Mas, de qualquer modo, chegamos ambos exatamente ao mesmo tempo aos arbustos.

— Muito bem, filha de feiticeiro — disse Darragh, sorrindo. — Caminhemos, agora, para recuperar o fôlego. Amanhã será melhor.

Que idade tinha eu, então? Seis, talvez, e ele um ano ou dois mais velho? Tinha no dedo o anel no dia em que a tribo fez as malas e partiu de novo; no dia em que tive de dizer adeus e ficar à espera. Para ele era ótimo. Tinha lugares aonde ir e coisas para fazer e estava ansioso por montar o seu pônei e partir. No entanto, arranjou algum tempo para se despedir de mim, no alto do monte, sobre o acampamento, porque sabia que eu não me aproximaria do lugar onde a tribo carregava as carroças e se preparava para a jornada. Eu ficava paralisada de timidez, incapaz de agüentar os olhares dos rapazes e das raparigas ou responder às perguntas finas e amáveis de Peg. O meu pai estava junto deles, uma figura alta, encapuçada, falando com Danny Walker, entregando-lhe mensagens e encomendas. À sua volta, as pessoas tinham deixado um círculo amplo, vazio.

— Bem... — disse Darragh.

— Bem... — disse eu, tentando utilizar o mesmo tom desprendido e falhando totalmente.

— Adeus, Caracóis — disse ele, estendendo o braço para puxar gentilmente um caracol dos meus cabelos, que eram tão ruivos como os do meu pai. — Vejo-te no próximo Verão. Tem cuidado contigo, até eu voltar. — Sempre que se ia embora dizia aquilo; sempre o mesmo. Quanto a mim, nunca tinha palavras.

Os dias ficaram mais pequenos e a parte sombria do ano começou. Com Darragh longe, não havia razão para me afastar de casa e, assim, entreguei-me ao trabalho, tentando não reparar no frio que fazia dentro do Favo de Mel, maior, talvez, do que o que fazia no topo do monte, provocado pelo vento de Outono. Era um sentimento doloroso, que se alojava nos ossos e permanecia ali, como um farelo. Eu nunca me queixava. O meu pai ensinara-me a lidar com ele e esperava que eu me comportasse à altura. Não era que um feiticeiro não sentisse o calor do fogo ou a mordidela do vento norte. No fim de contas, um feiticeiro era um homem, não uma criatura do Outro Mundo. O que tínhamos a fazer era ensinar o nosso corpo a fazer-lhe frente, de maneira que o desconforto não nos tornasse mais lentos, ou ineficazes. Tinha quase tudo a ver com a respiração. Mais, não posso dizer.

O meu pai foi, em tempos, um druida. Ele dizia que atirara tudo isso para trás das costas quando abandonara a irmandade. Mas um homem não se descarta com essa facilidade de tantos anos de treino e disciplina. Eu compreendia que muito do que aprendia era secreto, para ser partilhado apenas com outros da nossa espécie. Não podia mostrar-me a um ignorante, ou àqueles cujas mentes estavam fechadas. Mesmo hoje, ainda há algumas coisas que não posso nem quero dizer.

Havia muitas câmaras no Favo de Mel. Acendíamos lâmpadas durante o ano todo e na grande gruta, onde o meu pai trabalhava, ardiam muitas velas, porque ele armazenava ali os seus rolos e livros, objetos grotescos e prodigiosos metidos em frascos e pequenos sacos com pós de cheiro acre. Havia um basilisco seco e uma taça feita de um corno torcido, encaracolado, a base fixa em

pedras vermelhas. Havia uma minúscula caveira, como se fosse de um duende, de olhos vazios. Havia um espesso livro de feitiçaria cuja capa de pele estava escurecida pelos anos e pelo manuseamento. O meu pai passava os dias e as noites naquela gruta, solitário, aperfeiçoando a sua arte, aprendendo, aprendendo sempre.

Eu sabia ler e escrever em várias línguas. Podia contar muitas, muitas histórias e fazer ainda mais feitiços. Mas aprendi cedo que a grande magia não está nos livros nem nos rolos de pergaminho. Os grandes feitiços não são criados por meio de truques de mão, poções, filtros ou velhas palavras. Soube-o porque, quando o meu pai trabalhava arduamente, tudo o que ele fazia era permanecer muito quieto no centro de um espaço vazio com os olhos escuros fixos no nada. Porque a magia mais profunda está na mente, não se encontra gravada em rolos de pergaminho, árvores ou pedras. Não está gravada em parte nenhuma. O meu pai devia a sua primeira aprendizagem aos velhos sábios: os druidas da floresta. E desenvolvera-a por meio de dedicação e estudo. Mas o nosso talento para a arte da feitiçaria estava-nos no sangue. O meu pai era filho de uma grande feiticeira e através dela adquirira certas habilidades que utilizava com sensatez, já que eram ao mesmo tempo poderosas e perigosas. Devemos ter cuidado, dizia ele, para não nos aventurarmos demasiado e tocar em coisas sombrias, que é melhor deixar adormecidas. Eu não me lembrava muito bem da minha avó. Lembrava-me vagamente de uma criatura elegante, de vestido azul, que me olhou nos olhos e me provocou uma dor de cabeça. Lembrava-me vagamente de ela me fazer algumas perguntas, às quais eu respondi zangada, não gostando da sua intrusão no nosso mundo ordenado. Mas isso foi há muito tempo, quando eu era uma criança. O meu pai raramente falava nela, salvo para dizer que o nosso sangue estava infectado pelas suas origens, uma sucessão de feiticeiros que não tinham compreendido que algumas fronteiras não deviam, nunca, ser atravessadas. No entanto, dizia o meu pai, ela era poderosa, subtil e inteligente e era minha avó; uma parte dela estava em nós e nunca devíamos esquecê-lo. O que fazia com que nunca pudéssemos viver as nossas vidas como as pessoas normais, com amigos, família e

trabalho honesto. Tínhamos talentos excepcionais e isso podia levar-nos para um destino sombrio.

Eu tinha oito anos. Era Meán Geimbridb e o vento norte prostrava as árvores despidas. Atirava as ondas contra a falésia, forçando a espuma gelada a entrar nos túneis do Favo de Mel. A praia pedregosa estava cheia de vegetação emaranhada e conchas partidas. Os pescadores tinham os curraghs em terra e as pessoas tinham fome.

— Concentra-te, Fainne — disse o meu pai, enquanto os meus dedos gelados se mexiam desajeitadamente. — Usa a cabeça, não as mãos.

Cerrei os dentes, semicerrei os olhos e tentei de novo. Era um truque, nada mais.

Devia ser fácil. Estender os braços e olhar para a bola de vidro brilhante na prateleira da parede mais afastada, refletindo a luz das velas na sua superfície ilusória.

Percorrer a distância com a mente; pensar a distância, pensar o salto. Permanecer quieta. Deixar que a bola faça tudo. Ordenar à bola que venha às minhas mãos.

Ordenar que a bola venha. *Vem. Vem. Vem a mim, frágil e delicada, redonda e bela, vem às minhas mãos.* Estava frio, os meus dedos doíam-me, estava tão frio. Podia ouvir as ondas batendo na rocha, lá fora. Ouvi a bola de vidro esmagar-se no chão de pedra. Os meus braços caíram.

— Muito bem — disse o meu pai calmamente. — Vai buscar uma vassoura e varre tudo. — Depois, diz-me porque falhaste.

Não havia crítica na sua voz. Como sempre, queria que eu julgasse por mim mesma. Desse modo, aprenderia mais depressa.

— Oh... eu estava a pensar noutra coisa — disse eu, varrendo os cacos aguçados como facas. — Permiti que o elo se quebrasse. Desculpe, pai. Eu vou conseguir. Da próxima vez, consigo.

— Eu sei — disse ele, regressando ao seu trabalho. — Tenta cem vezes com algo inquebrável. Depois, mostra-me.

— Sim, pai. — De qualquer modo, eu tinha demasiado frio para dormir. Era melhor passar a noite a fazer algo útil.

Eu tinha dez anos. Estava muito quieta, no meio da gruta do meu pai, com os olhos fixos no nada. Por cima da minha cabeça, a frágil bola pairava, presa por forças invisíveis. Respirei. Lenta, lentamente. Em cada expiração um minúsculo ajustamento. Para cima, para baixo, para a esquerda, para a direita. *Gira*, disse eu à bola, e ela girou, brilhando à luz das velas. *Pára. Agora, circula à minha volta.* Os meus olhos não seguiram o movimento firme. Não precisava de o ver para saber da sua obediência à minha vontade. *Pára. Agora, cai.* A pausa infinitesimal; então, o mergulho, a descida brilhante e resplandecente para a destruição. *Pára.* O mergulho parou a um palmo do chão de pedra. A bola ficou no ar, à espera. Pestanejei e inclinei-me para pegar nela. O meu pai acenou com a cabeça, solenemente.

— O teu controle está a melhorar. Estes truques são relativamente fáceis, claro; mas, para os fazer, é preciso disciplina. Estou contente com os teus progressos, Fainne.

— Obrigada. — Os seus elogios eram raros. Geralmente, limitava-se a reconhecer que eu alcançara algo e destinava-me a tarefa seguinte.

— Agora, não te tornes complacente.

— Não, pai.

— Chegou a altura de te aventurares num ramo mais difícil da arte. Vais ter que arranjar novas reservas de força dentro de ti. Pode ser esgotante. Descansa alguns dias. Começaremos em Imbolc. Que ocasião poderia ser mais apropriada? — O seu tom era amargo.

— Sim, pai. — Não lhe perguntei o que queria dizer com aquilo. Eu sabia que fora durante o festival de Brighid que ele conhecera a minha mãe; não que ele falasse alguma vez dela, pelo menos

deliberadamente. Essa história estava bem escondida no seu íntimo, e ele era um mestre no que tocava a segredos. O pouco que eu sabia apanhara-o aqui e ali, aos bocados, ao longo dos anos. Ouvira alguma coisa da boca de Peg enquanto esperava por Darragh, escondida por trás de umas árvores.

— Ela era muito bonita — dissera Peg à amiga Molly. As duas mulheres estavam sentadas numa manhã de sol, os seus dedos ágeis confeccionando os seus intrincados cestos.

— Alta, delgada, com aqueles cabelos cor de cobre a caírem-lhe pelas costas. Parecia uma fada. Mas era um pouco... era um pouco desequilibrada, sabes? Ele tomava conta dela como um lobo olhando pelas crias, mas não conseguiu evitar o que aconteceu. Estava escrito nos olhos dela.

— Hum — respondera Molly. — A rapariga sai ao pai, então. Que coisinha estranha.

— Ela não pode evitar ser o que é — disse Peg.

E lembrava-me de outra vez, num Verão que tinha sido especialmente quente, quando Darragh se mostrara impaciente com a minha recusa em me aproximar da água.

— Por que é que não me deixas ensinar-te a nadar? — perguntara-me ele. — É por causa dela? Do que lhe aconteceu?

— O quê? — perguntei. — O que é que queres dizer?

— Sabes muito bem. A tua mãe. Por causa... bem, por causa do que ela fez. Pelo menos, é o que dizem. Que tens medo da água porque ela se atirou do Favo de Mel e se afogou.

— É claro que não — repliquei, engolindo em seco. — Não quero, simplesmente. — Como poderia ele saber que nunca ninguém me tinha dito nada acerca da morte dela?

Tentei imaginar a minha mãe através da figura encantadora que Peg descrevera, mas não consegui. Tudo o que recordava era o meu pai e o Favo de Mel. Algo acontecera há muito tempo, algo que fizera muito mal à minha mãe, ferira o meu pai e marcara o nosso

destino. O meu pai nunca me contara nada. No entanto, estava implícito em tudo o que me ensinava.

— Chegou a hora — disse o meu pai, olhando-me severamente. — Agora vai ser a sério, Fainne. Pode ser que tenha de te tirar a liberdade este Verão.

— Eu... está bem, pai.

— Muito bem. Senta-te aqui ao pé de mim. Olha para o espelho. Olha para o meu rosto.

A superfície era de bronze, polida até apresentar um reflexo brilhante. As nossas imagens apresentavam-se lado a lado; os mesmos rostos com alterações subtis. Os caracóis vermelhos-escuros; os olhos intensos, escuros como amoras maduras; a pele pálida, sem sardas. O semblante do meu pai era belo, achava eu, se bem que a sua expressão fosse um pouco desagradável. O meu rosto era o de uma criança ainda informe, franco, redondo. Olhei para o meu reflexo e depois para o do meu pai.

Prendi a respiração.

O rosto do meu pai estava a mudar. O nariz ficou arqueado, os cabelos vermelhos escuros ficaram grisalhos e a pele enrugada e manchada, como uma velha maçã armazenada durante muito tempo. Olhei, espantada. Ele ergueu uma mão e era a mão de um velho, rugosa, cheia de nós, e unhas como as garras de uma criatura selvagem qualquer. Não conseguia tirar os olhos daquela imagem.

— Agora, olha para mim — disse ele calmamente, e era a sua voz. Obriguei os meus olhos a desviarem-se, se bem que o meu coração se contraísse ao pensar que aquele homem a meu lado pudesse ser aquela casca mirrada e não o meu pai, sempre tão animado, sempre tão saudável. E, ali estava ele, o mesmo de sempre, de olhos escuros fixos em mim, o cabelo ainda encaracolado, castanho-avermelhado, brilhante, em redor das têmporas. Olhei de novo para o espelho. O rosto estava a mudar outra vez. Ondulou por momentos e parou. Desta vez a diferença

era mais subtil. O cabelo um pouco mais claro, as feições um pouco mais retas. Os olhos azuis-escuros, não os invulgarmente escuros, púrpuras, que o meu pai e eu partilhávamos. Os ombros um tudo nada mais largos, a estatura um palmo mais elevada, o nariz e o queixo com um toque de grosseria que não tinha antes. No entanto, era o meu pai; mas era um homem diferente.

— Desta vez — disse ele quando tirares os olhos do espelho, verás o que eu quero que vejas. Não tenhas medo, Fainne. Continuo a ser a mesma pessoa. A isto chamamos Encantamento, uma coisa que fazemos para nos disfarçarmos com um propósito especial. É uma ferramenta poderosa, se utilizada como deve ser. Não é tanto uma alteração da aparência, antes uma mudança na percepção dos outros. Esta técnica deve ser exercitada com extrema precaução.

Quando olhei, o homem a meu lado era o homem do espelho; era o meu pai, mas não era o meu pai. Pestanejei, mas ele continuou a não ser ele. O meu coração batia-me no peito e tinha as mãos pegajosas.

— Muito bem — disse o meu pai calmamente. — Respira devagar, como te mostrei. Controla o medo e põe-no de lado. Esta habilidade não é aprendida num dia, numa estação, ou num ano. Terás de trabalhar arduamente para a conseguir.

— Nesse caso, por que razão não ma ensinou antes? — consegui dizer, ainda profundamente confusa por vê-lo tão mudado. Teria sido melhor se ele se tivesse transformado num cão, num cavalo, ou até num pequeno dragão; mas aquilo... aquela versão dele próprio.

— Era muito cedo. Agora, estás na idade certa. Vem. — E, subitamente, era ele de novo, tão rápido como um estalar de dedos. — Passo a passo. Usa o espelho. Começaremos pelos olhos. Concentra-te, Fainne. Respira pela barriga. Olha para o espelho. Olha para o ponto entre as sobrancelhas. Isso. Obriga o teu corpo a uma imobilidade total... põe de lado o tempo que passa... Vou

ajudar-te com algumas palavras. Com o tempo, terás de aprender a fazê-lo sem o espelho e sem o feitiço.

Ao anoitecer estava exausta, a cabeça vazia como uma abóbora seca e o corpo frio e encharcado em suor. Descansamos, sentados um em frente do outro no chão de pedra.

— Como é que eu sei — perguntei-lhe — como é que eu sei qual é a imagem e qual não é? Como é que eu sei se o que vejo é mesmo o pai? Podia ser um velho feio, todo enrugado, vestido com o Encantamento de um feiticeiro.

O meu pai acenou com a cabeça, as suas pálidas feições sombrias.

— Não sabes.

— Mas...

— É possível, para alguém perito nesta arte, permanecer disfarçado durante anos, se necessário. É possível esse alguém enganar toda a gente. Ou quase toda a gente. Como já disse, é uma ferramenta poderosa.

— Quase toda a gente?

Ele ficou silencioso por um momento e depois acenou com a cabeça.

— Não enganarias outro praticante da nossa arte com esta magia. Há três pessoas, penso, que saberiam sempre quem tu és: um feiticeiro, um vidente e um inocente. Pareces cansada, Fainne. Talvez devas descansar e recomeçar amanhã.

— Sinto-me bem, pai — disse eu, ansiosa por não o desapontar. — Posso continuar, a sério. Sou mais forte do que pensa.

O meu pai sorriu; uma visão rara. Aquela mudança pareceu-me mais profunda do que a provocada por qualquer Encantamento; como se estivesse a olhar para outro homem, o homem que ele poderia ter sido, se o destino o tivesse tratado com mais gentileza.

— Por vezes, esqueço-me da tua idade, filha — disse ele gentilmente. — Sou um professor muito duro, não sou?

— Não, pai — disse eu. Os olhos ardiam-me, como se fosse chorar. — Eu sou suficientemente forte.

— Oh sim — disse ele, a boca novamente severa. — Nunca duvidei. Vamos, então. Recomecemos.

Tinha doze anos e por algum tempo, fui mais alta do que Darragh. Nesse Verão o meu pai não me deixou sair muito. Quando me dava algum tempo de descanso, saía do Favo de Mel e subia ao topo do monte, já não muito certa de que me era permitido, mas ainda sem estar preparada para pedir autorização e ela ser-me recusada. Darragh estava à minha espera tocando gaita-de-foles, como sempre, porque Dan ensinara-o e o exercício dessa habilidade era, para ele, mais um prazer do que um dever. Já não explorávamos as grutas, não caminhávamos ao longo da praia em busca de conchas nem fazíamos pequenas fogueiras. Ficávamos sentados, a maior parte do tempo à sombra das pedras, ou num buraco na beira da falésia, conversando, e eu regressava depois a casa com o som doce da gaita-de-foles soando no ar atrás de mim. Digo que conversávamos, mas, geralmente, era Darragh que falava e eu ouvia, feliz por estar ali sentada com ele. Porque, de que havíamos nós de falar? As coisas que eu fazia eram secretas, não as podia contar. E o mundo de Darragh era-me desconhecido, estranho, como uma espécie de sonho, que nunca se realizaria.

— Por que é que ele não te leva para Sevenwaters? — perguntou-me ele um dia algo imprudentemente. — Nós já lá estivemos uma ou duas vezes, sabes? Ainda lá vive uma velha tia do meu pai. Tu tens uma família inteira naquelas bandas: tios, tias e uma data de primas. Serias bem-vinda, tenho a certeza.

— Por que o faria ele? — Olhei para ele, encontrando alguma crítica, se bem que indireta, na sua expressão.

— Porque... — Darragh parecia lutar com falta de palavras. — Porque... bem, porque é assim com as famílias. Crescemos em

conjunto, fazemos coisas em conjunto, aprendemos uns com os outros, tomamos conta uns dos outros e... e...

— Eu tenho o meu pai. Ele tem-me a mim. Não precisamos de mais ninguém.

— Isso não é vida — resmungou Darragh. — Isso não é vida para uma rapariga.

— Eu não sou uma rapariga, sou filha de um feiticeiro — retorqui, erguendo as sobrancelhas para ele. — Não preciso ir para Sevenwaters. A minha casa é aqui.

— Estás a fazer aquilo outra vez — disse Darragh após um momento.

— O quê?

— Aquilo que fazes quando estás zangada. Os teus olhos começam a brilhar e umas faiscazinhas percorrem-te o cabelo, como se fossem chamas. Não me digas que não sabias.

— Muito bem, então — disse eu, pensando que teria de exercer mais controlo sobre os meus sentimentos.

— Muito bem o quê?

— Que isso demonstra, precisamente, o que eu disse. Que eu não sou apenas uma rapariga. Por isso, deixa de planear o meu futuro. Eu sou muito bem capaz de o planear.

— Hum-hum. — Ele não me pediu pormenores. Ficamos ali sentados em silêncio por um bocado, vendo as gaivotas a voar por cima dos curraghs que regressavam. O mar estava escuro como ardósia; antes do anoitecer estalaria a tempestade. Ao fim de um certo tempo ele começou a falar-me do pônei branco que trouxera dos montes e como o seu pai quereria que ele o vendesse por um bom preço na feira de cavalos, mas Darragh não tinha a certeza se conseguiria separar-se dele, porque havia um entendimento cada vez maior entre ambos. Quando ele acabou, eu estava extasiada e já me tinha esquecido de que me tinha zangado com ele.

Tinha catorze anos e o Verão estava quase no fim. O meu pai estava satisfeito comigo, podia vê-lo nos seus olhos. O Encantamento era difícil. Era possível conseguir resultados espetaculares. O meu pai era capaz de se transformar num ser completamente diferente: numa raposa vermelha de olhos brilhantes ou numa estranha criatura, fantasmagórica, parecida com um pouco de fumo. Ele disse-me os seus nomes, mas não me permitiu que tentasse o mesmo. Era perigoso se usado irrefletidamente. O risco estava em não conseguir inverter o processo. Havia sempre a hipótese de não regressar. Além disso, disse-me o meu pai, aquelas transformações provocavam um desgaste nos poderes de um feiticeiro. Quanto mais longe da aparência normal se fosse, maior era o esgotamento.

Se eu me transformasse, por exemplo, num feroz monstro marinho, ou numa águia com garras afiadas e depois conseguisse regressar à minha forma. Durante um certo tempo, depois disso, nenhum exercício da arte seria possível. Poderia durar um dia, ou uma noite. Durante esse tempo o feiticeiro estaria por sua conta, totalmente vulnerável.

Assim, eu estava proibida de tentar as variantes maiores do feitiço, que diziam respeito a formas não-humanas. Mas as outras, as mudanças mais subtis, descobri que tinha talento para elas. A princípio foi difícil, deixando-me exausta e a tremer.

Mas apliquei-me e, com o tempo, era capaz de entrar e sair do Encantamento num abrir e fechar de olhos. Aprendi a esconder o cansaço.

— Deves compreender — disse o meu pai gravemente — que o que crias é apenas uma ilusão aos olhos das outras pessoas. Se o teu disfarce é subtil, apenas uma alteração da tua própria pessoa, as pessoas não se aperceberão de que as coisas mudaram. Perguntarão apenas por que razão não repararam antes como eras encantadora, ou como a tua expressão é digna de confiança. Não saberão que foram manipuladas. E quando regressares à tua forma normal, elas não se lembrarão de te terem visto de outra maneira. Um disfarce completo é outra coisa. Deve ser utilizado com muito

cuidado. Pode criar dificuldades. É melhor manteres o teu disfarce o mais próximo possível da tua forma original. Dessa maneira podes regressar facilmente e recuperar as forças rapidamente. Desculpa-me por um momento. — O meu pai virou-me as costas, reprimindo uma tosse profunda.

— Sente-se bem? — perguntei. Não era normal ele ter mais do que um espirro, mesmo nos Invernos mais rigorosos.

— Estou bem, Fainne — disse ele. — Não te preocupes. Lembra-te do que te disse acerca do Encantamento. Se usares as formas diferentes, corres um risco muito grande.

— Mas eu sou capaz — protestei. — Transformar-me numa ave, ou numa serpente. Tenho a certeza de que sou capaz. Não posso, ao menos, tentar?

O meu pai olhou para mim.

— Dá-te por feliz — disse ele por não precisares. — Acredita que é perigoso. É um feitiço de recurso.

Já não era possível afastar-me dos meus estudos. Mal tinha visto o Sol em todo o Verão, porque o meu pai conseguira que uma das raparigas locais nos levasse ao Favo de Mel as provisões de pão, peixe e vegetais de que necessitávamos. Havia uma nascente numa das galerias mais profundas e agora era ele que ia lá buscar água. Eu ficava a estudar. Treinava-me para não me importar. A princípio custava-me muito, sabendo que Darragh estaria algures à minha procura, à minha espera.

Mais tarde, quando ele deixou de esperar, ainda me doeu mais. Escapava por breves momentos até uma plataforma sobre a água, um local secreto acessível apenas a partir das passagens abobadadas do Favo de Mel. Daquele ponto vantajoso conseguia ver a baía toda, desde o nosso lado, com as falésias a pique e as ondas a baterem, até ao fundo, a ocidente, onde o promontório abrigava as casas espalhadas e o acampamento alegre e desleixado dos nômades. Conseguia ver os rapazes e as raparigas a correrem na praia e ouvir os seus risos, trazidos pelo vento,

misturados com os gritos das gaivotas. Darragh estava entre eles, agora mais alto, porque crescera durante o Inverno. O seu cabelo escuro era atirado para trás pelo vento e o seu sorriso estava mais torcido do que nunca. Havia sempre uma rapariga à volta dele, por vezes duas ou três. Reparei, em particular, numa, uma coisinha esguia com a pele tisnada pelo sol e uma grande trança pelas costas abaixo. Onde quer que Darragh estivesse, ela não estava longe, os dentes brancos faiscando num sorriso e a mão na anca, olhando. Sem qualquer razão especial, odiei-a.

Os rapazes costumavam mergulhar das rochas mesmo por baixo do Favo de Mel, inconscientes da minha presença na saliência acima. Estavam na idade em que se acham invencíveis, quando cada rapaz é um herói, que pode matar todos os monstros que se atravessam no seu caminho. A saliência que escolheram era estreita e escorregadia; o mar era sombrio, frio e traiçoeiro. O mergulho tinha de ser calculado ao instante, para evitar a força de uma onda que os esmagaria contra as rochas aguçadas na base do Favo de Mel. Eles mergulharam uma e outra vez, três ou quatro ao mesmo tempo, esperando o momento, os pés descalços agarrando a rocha, os corpos morenos ao sol, enquanto as raparigas e as crianças mais pequenas observavam da praia, silenciosas, em antecipação. Então, subitamente e de modo chocante apesar das muitas repetições, o mergulho para as águas ameaçadoras. Nesse Verão vi-os duas ou três vezes. A última vez que lá fui, vi Darragh abandonar a saliência e subir até mais alto, ágil como um caranguejo, agarrando-se às fendas da falésia, trepando até se empoleirar numa minúscula pedra muito acima do primeiro ponto de mergulho. Prendi a respiração, chocada. Ele não ia... certamente não ia...?

Mordi o lábio e senti sangue; fechei as mãos com tanta força que as unhas me cortaram as palmas. O louco. Por que havia ele de tentar tal coisa? Como é que ele podia...?

Darragh ficou imóvel por um momento enquanto a audiência se calava e ficava gelada, sentindo, sem dúvida, o mesmo terror fascinante que eu sentia. Lá em baixo, muito lá em baixo, as ondas

esmagavam-se e sugavam e lá no alto as gaivotas gritavam avisos. Darragh não ergueu os braços para mergulhar. Inclinou-se apenas para a frente e caiu a prumo, de cabeça, direito como uma seta, os braços encostados ao tronco, sempre, sempre, até que o seu corpo entrou na água como uma ave marinha em busca de peixe; e eu vi uma onda passar por cima do local onde ele tinha desaparecido, e outra, e uma terceira, enquanto o meu coração batia de medo, como um tambor, e então, muito mais longe, na direção da praia, emergiu da água uma cabeça escura, toda molhada e ele começou a nadar e ouviu-se um viva dos rapazes na saliência e das raparigas na areia e quando ele saiu da água, a escorrer e a rir, lá estava ela para o felicitar e para lhe oferecer o xale dos seus próprios ombros, para ele se enxugar.

Nesse dia não me concentrei muito bem e o meu pai pousou em mim aquele olhar vivo, mas não disse nada. Tinha de decidir se voltaria lá, ou não, para os ver. O que o meu pai me tinha dito era verdade. Um feiticeiro, ou a filha de um feiticeiro não podia fazer as tarefas requeridas, não podia praticar a arte totalmente, se outras coisas se atravessavam no seu espírito.

Estávamos a aproximar-nos de Lugnasad e daquele fim de Verão quando o meu pai me contou, por fim, a sua história. Sentamo-nos à lareira após um longo dia de trabalho, bebendo cerveja. Em ocasiões como aquelas ficávamos silenciosos, cada um absorvido nos seus próprios pensamentos. Eu observava o meu pai enquanto ele olhava para as chamas e pensava que ele estava a perder peso, os ossos da face aparecendo por baixo da pele. Até estava mais pálido do que habitualmente. Ensinar-me devia ser um fardo, por vezes. Não admirava que parecesse cansado. Teria de trabalhar mais.

— Tu sabes que descendemos de uma linha de feiticeiros, Fainne — disse ele subitamente, como se estivesse a seguir um pensamento.

— Sim, pai.

— E compreendes o que isso quer dizer?

Eu não compreendia por que razão ele me estava a perguntar aquilo

— Que não somos iguais às outras pessoas, e nunca poderemos ser. Somos uma espécie à parte, nem uma coisa, nem outra. Podemos exercer a arte para o propósito que escolhermos. Mas alguns elementos da magia estão para além de nós. Podemos entrar no Outro Mundo, mas não lhe pertencemos. Vivemos neste mundo, mas nunca lhe pertencemos.

— Muito bem, Fainne. Em teoria, compreendes, muito bem. Mas não é a mesma coisa ir por esse mundo e descobrir o que isso significa. Tu não sabes a dor que esta semi-existência pode provocar. Diz-me, lembras-te da tua avó? Ela esteve aqui há muito tempo; talvez há mais de dez anos. Talvez te tenhas esquecido dela.

Eu franzi o sobrolho, concentrando-me.

— Creio que me lembro. Ela tinha uns olhos iguais aos seus e olhou para mim de tal maneira que a cabeça me doeu. Perguntou-me o que tinha aprendido e quando eu lhe disse, ela riu-se. Desejei que se fosse embora.

O meu pai acenou com a cabeça, de modo severo.

— A minha mãe já não pode andar por esse mundo. Fica nos lugares mais sombrios; mas não podemos esquecer-nos dela, nem da sua arte. Nós transportamos o seu legado, tu e eu, quer queiramos quer não e é através dela que somos ambos menos e mais do que pessoas normais. Eu não desejava dizer-te mais do que isto, mas chegou a hora. Queres ouvir a minha história?

— Quero, pai — sussurrei, chocada.

— Muito bem. Ficas a saber, então, que durante dezoito anos da minha vida vivi na floresta sob a proteção e sustento dos sábios. O que aconteceu antes não me lembro, porque fui para a grande floresta de Sevenwaters quando era ainda bebê. Os carvalhos e os freixos eram a minha companhia; dormia nos ramos das sorveiras bravas, os melhores para ouvir as vozes dos espíritos e usava o traje de iniciado. Foi uma infância de disciplina e ordem; frugal na

alimentação, suficiente para as necessidades do corpo, mas rica na alimentação da mente e do espírito, privado dos elementos básicos da existência de um homem, rodeado pela beleza das árvores, dos rios, dos lagos e das pedras musgosas. Cresci a gostar de aprender, Fainne. Tentei incutir esse amor em ti, ao longo dos anos da tua infância. Devo a maior parte do meu treino para me tornar num druida a um homem chamado Conor, que foi o líder dos sábios durante o tempo em que lá estive. Ele interessou-se particularmente pela minha educação. Conor era um professor muito difícil. Nunca dava uma resposta direta a uma pergunta. Apontava-me sempre a direção certa, mas deixava que eu encontrasse, por mim, as respostas. Aprendi rapidamente e queria sempre mais. Progredi; cresci e tornei-me num jovem. Conor não me felicitava facilmente. Mas estava contente comigo e, mesmo antes de eu completar o meu treino e poder, por fim, chamar a mim próprio druida, permitiu-me que o acompanhasse à grande casa de Sevenwaters para o assistir no ritual de Imbolc.

“Era a primeira vez que eu saía das profundezas da floresta. Era a primeira vez que eu via outras pessoas, para além dos meus irmãos sábios. Conor celebrou o ritual, acendeu o fogo sagrado e eu transportei a tocha por ele. Foi o culminar de longos anos de treino. Depois de comermos, ele permitiu que eu contasse uma história às pessoas reunidas. E estava orgulhoso: podia vê-lo no seu rosto, apesar da sua extraordinária capacidade para esconder os seus pensamentos. Havia uma alegria no meu coração, nessa noite, como se a mão da própria deusa me tivesse tocado o espírito e me tivesse indicado o caminho que eu seguiria alegremente durante o resto da minha vida. A partir de então, pensei, dedicar-me-ia aos caminhos da Luz.

“Sevenwaters é uma grande casa e um grande túath. Um homem chamado Liam era o senhor, irmão de Conor. E havia uma irmã, Sorcha, de quem se diziam coisas maravilhosas. Era uma contadora de histórias notável, e uma famosa curandeira e a sua própria história era a mais estranha de todas. Os seus irmãos foram transformados em cisnes por uma feiticeira maligna e Sorcha conseguiu que eles regressassem à forma humana por meio de uma

grande coragem e sacrifício. Olhando para ela, era difícil acreditar que fosse verdade, porque era tão pequenina, tão frágil! Mas eu sabia que era verdade. Conor dissera-me; Conor, que também ele tomou a forma de uma criatura selvagem durante três longos anos. São uma família de considerável poder e influência e possuem capacidades para além do normal. Naquela noite tudo era novo para mim. Uma casa grande; uma festa com mais comida do que alguma vez vira, travessas de coisas boas, cerveja em abundância, luzes, música e dança. Senti uma certa... dificuldade. Era um estranho. Mas fiquei e observei. Vi uma rapariga linda, maravilhosa, a dançar, a rodopiar e a rir, com os cabelos cor de cobre a caírem-lhe pelas costas abaixo e a pele, dourada, a brilhar à luz dos archotes. Mais tarde, no grande salão, foi para ela que contei a minha história. Naquela noite não foi com a deusa nem com os meus nobres ideais que sonhei, mas com Niamh, filha de Sevenwaters, dançando e girando no seu vestido azul e sorrindo sempre que olhava para mim. Não eram essas as intenções de Conor, quando me levou com ele à festa. Mas, uma vez aquilo começado, não havia regresso possível. Eu amava-a; ela amava-me. Encontramo-nos na floresta, em segredo. Certamente que haveria dificuldades se tornássemos conhecidas as nossas intenções. Um druida pode casar, se assim o quiser, mas é raro. Além disso, Conor tinha planos para mim e eu sabia que ele não gostaria da idéia. Niamh não estava prometida a ninguém, mas disse que a sua família talvez levasse algum tempo a aceitar a idéia de ela casar com um jovem cuja família era inteiramente desconhecida. No fim de contas, era sobrinha do próprio Lorde Liam. Mas, para nós, não havia alternativa. Não conseguíamos ver um futuro em que estaríamos separados. Assim, encontrávamo-nos sob os carvalhos, longe dos olhares e quando estávamos juntos as dificuldades desapareciam. Éramos jovens. Parecia que tínhamos todo o tempo do mundo.

O meu pai fez uma pausa para tossir e bebeu um gole de cerveja. Senti que tinha dificuldade em contar aquela história e guardei silêncio.

— Com o tempo, fomos descobertos. Como, não interessa. O sobrinho de Conor foi à floresta a cavalo, trouxe o tio e eu ouvi o

suficiente para saber que Niamh estava metida em sarilhos. Quando cheguei a Sevenwaters fui metido numa pequena sala e lá estava o próprio Conor, o seu irmão, que era o senhor do túath e o pai de Niamh, o bretão. Esperava encontrar alguma oposição. Esperava defender a minha causa, de maneira a que Niamh se tornasse minha mulher; pelo menos, conseguir apresentar as minhas credenciais e permitir que me ouvissem. Mas isso não aconteceu. Não haveria casamento. Eles não estavam interessados no que eu tinha para dizer. Foi um desastre. Mas não foi tudo. A razão porque aquele casamento nunca se realizaria não era a que eu esperava. Não era a minha falta de nascimento, ou falta de recursos. Era uma questão de sangue. Porque eu não era, como acreditava, um tipo de nascimento obscuro, adotado e sustentado pelos sábios. Havia uma grande mentira; uma verdade vital escondida. Eu era o fruto de uma feiticeira, uma inimiga de Sevenwaters. Ao mesmo tempo, era o sétimo filho de Lorde Colum, o anterior senhor do túath.

Fiquei a olhar para ele.

— Filho de um chefe de guerra, de sangue nobre, e não lhe tinham dito; não fora justo. O filho de Lorde Colum; mas... isso queria dizer...

— Sim — disse o meu pai estudando o meu rosto com uns olhos muito sérios — eu era meio irmão de Conor e de Lorde Liam, o senhor de Sevenwaters, e de Sorcha. Tinha sangue maldito. E estava demasiado próximo de Niamh. Era meio-irmão da mãe. A nossa união era proibida por lei. Assim, de repente, perdi a minha amada e o meu futuro. Como poderia o filho de uma feiticeira aspirar aos caminhos da Luz? Como poderia o fruto de uma feiticeira tornar-se num druida? Era o fim de uma visão, o fim de todas as esperanças. Quanto a Niamh, tinham o seu futuro planeado. Casaria com outro qualquer, provavelmente um chefe de guerra com influência, que a levaria convenientemente para longe, para que não tivessem de pensar em como estivera quase a manchar a honra da família.

Havia uma amargura terrível na sua voz. O meu pai pousou a caneca de cerveja no chão e uniu as mãos.

— É terrível — murmurei. — Terrível e triste. Foi o que aconteceu? Mandaram-na para longe?

— Casou-se e foi para Tirconnell. O marido tratou-a cruelmente. Durante algum tempo não soube nada, porque fui para longe em busca do meu passado. Isso é outra história. Por fim, Niamh escapou. A irmã dela soube da sua situação e ajudou-a. Depois, mandaram-me uma mensagem e eu fui ter com ela. Mas o mal estava feito, Fainne. Ela nunca recuperou.

— Pai?

— O que é, Fainne? — Parecia terrivelmente cansado; a sua voz estava fraca e rouca.

— A minha mãe não foi feliz aqui, em Kerry?

Pensei, por uns momentos, que ele não ia responder. Pareceu-me que ele teve que procurar as palavras no fundo da alma.

— A felicidade é relativa. Houve momentos de contentamento; o teu nascimento foi um deles. Niamh acreditou que tinha, por fim, feito algo de bom. E eu pensei que ela tinha recuperado; mas não estava preparado para o que aconteceu no fim. Parece que nunca conseguiu recuperar o que perdera. Talvez a sua resposta final fosse a única que lhe restava.

— É uma história muito triste — disse eu. — Mas ainda bem que ma contou.

— Foi necessário contar-ta, Fainne — disse o meu pai muito calmamente. — Tenho de ter em consideração o teu futuro. Creio que chegou a hora de seguires em frente.

— Que quer dizer com isso, seguir em frente? — O meu coração começou a bater como um tambor em sinal de alarme. — Posso começar a aprender outros ramos da arte? Estou morta por começar, pai. Prometo que trabalharei arduamente.

— Não, Fainne, não é isso que quero dizer. Chegou a hora de tu partires por algum tempo, para te dares a conhecer à família de quem te falei, aos que já esqueceram por completo que Niamh

existiu e lhes poderia causar embaraço e incômodo. Chegou a hora de ires para Sevenwaters.

— O quê? — Estava espantada. — Deixar Kerry, deixar a enseada, viajar aquela distância toda para acabar no meio daqueles que tinham tratado os meus pais de maneira tão abominável que nunca mais tinham podido regressar a casa? Como podia ele sugerir tal coisa?

— Fainne, acalma-te e ouve. — O meu pai tinha um ar muito grave; a luz da fogueira permitia-me ver os sulcos do seu rosto, uma sombra do ancião que se aproximava. Reprimi uma porção de perguntas. — Estás a ficar mais velha — disse ele. Tu és neta de um chefe de guerra do Ulster, o outro lado da tua linhagem não muda isso. A tua mãe não quereria que crescesses aqui sozinha, comigo, conhecendo apenas este círculo restrito de pescadores e nômades e passando a vida a praticar a arte. Há um mundo lá fora, filha, deves ir em frente e ocupar nele o lugar que te pertence. Os da floresta têm uma dívida a pagar e paga-la-ão.

— Mas, pai... — As suas palavras não faziam qualquer sentido para mim; eu só sentia o terror de ser mandada embora, de deixar o único lugar seguro que eu conhecia em todo o mundo. — A arte, o que me está a dizer, a arte é a única coisa que interessa, passei tanto tempo a aprender e agora sou boa, mesmo boa, o pai disse-o...

— Calma, Fainne. Respira devagar; acalma a tua mente. Não precisas de te afligir. Não tenhas medo de perder as tuas capacidades ou a oportunidade de as utilizar uma vez afastada daqui. Preparei-te suficientemente bem para que isso aconteça.

— Mas... Sevenwaters? Uma casa tão grande, com tantos estranhos... pai, eu... eu não consigo explicar como isso me assusta.

— Não há necessidade de tanta ansiedade. É verdade, Sevenwaters foi um local de tristeza e perda, tanto para mim como para a tua mãe. Mas as pessoas dessa família não são todas más. Eu não tenho querelas nenhumas com a irmã da tua mãe. Liadan

fez-me, um dia, um grande favor. Se não fosse ela, Niamh nunca teria escapado daquela farsa de casamento. Não o esqueci. Liadan seguiu o caminho da mãe ao casar com um bretão. Foi contra a vontade de Conor; aliou-se a um fora-da-lei e tirou o filho da floresta. Tanto Liadan, como o marido, são boas pessoas, se bem que possa passar algum tempo antes que os possas ver, porque vivem em Harrowfield, do outro lado do mar. Mas deves conhecer Conor. Quero que ele te conheça. Estarás à altura, Fainne. Irás no próximo Verão; tens um ano para te preparares. As coisas que eu não te posso ensinar, ser-te-ão ensinadas pela minha mãe. — Os seus lábios torceram-se num sorriso triste.

— Oh — disse eu em voz baixa. — Ela vem cá? A minha avó?

— Mais tarde — replicou o meu pai, friamente. — Podemos não gostar muito, mas a minha mãe tem um papel a desempenhar nisto tudo e não há dúvida de que ela tem capacidades que te serão úteis. Num lugar como Sevenwaters tens de ser capaz de te conduzir, em tudo, como a filha de um chefe de guerra. E nunca conseguirás aprender isso comigo. Adquiri conhecimentos profundos na floresta, mas nunca descobri como entrar no mundo como filho de Lorde Colum.

— Lamento, pai — disse eu, consciente de que a minha tristeza não era nada comparada com a dele. — Mas pensei... pensei que um dia seria como o pai, um grande erudito, um grande mágico. Aquilo que me ensinou, as longas estações de prática e estudo, não se perderão se eu for para o pé de uma... senhora?

Os lábios do meu pai curvaram-se.

— Creio que empregarás todas as tuas capacidades em Sevenwaters — disse ele. — Ensinei-te a arte como a minha mãe me ensinou a mim podes ter a certeza — acrescentou ele ao ver os meus olhos abertos de surpresa. — Ela é uma perita, sem igual, em certos ramos da magia. Como tal, não precisa de estar presente, fisicamente, para te ensinar.

Pensei na câmara fechada, nos longos períodos de silêncio. Na verdade, guardara bem os seus segredos.

— Eu não a convido para aqui de ânimo leve, Fainne. A minha mãe é uma mulher perigosa. Mantive-a afastada de ti enquanto pude, mas agora precisamos dela. Chegou a hora. Não tenhas receio. És minha filha e sinto-me orgulhoso das tuas capacidades e de tudo o que conseguiste. O fato de te mandar para Sevenwaters é um sinal da grande fé que tenho em ti, Fainne, fé nos teus talentos e confiança na tua habilidade para encontrar o caminho certo para eles. Espero que um dia percebas o que quero dizer. Agora, é tarde e temos trabalho para fazer amanhã. É melhor ires dormir, filha.

Sentia-me profundamente chocada pelo que o meu pai me dissera e muito perturbada. Mas um ano era muito tempo. Pode acontecer muita coisa num ano. Talvez eu não precisasse de ir. Talvez ele mudasse de idéias. Entretanto, só me restava continuar com o exercício da arte, porque, se acontecesse o pior e o meu pai me mandasse embora sozinha, queria estar em condições de me ajudar a mim própria. Pus de lado os meus receios e dediquei-me ao trabalho. O tempo estava quente, mas o meu pai continuava com uma tosse persistente e com dificuldade em respirar. Ele tentava escondê-la, mas eu ouvia-o à noite, quando estava acordada na escuridão.

Continuei a exercitar-me com o espelho. Gradualmente reduzi o encantamento a algumas palavras apenas. Pus os meus olhos azuis, ou verdes, ou cinzentos. Dei-lhes forma longa e oblíqua, redonda como os de um gato, de longas pestanas, bulbosos, afundados nas órbitas e velhos. À medida que a estação avançava evoluí para outras partes do rosto - o nariz, a boca, os ossos da face. O cabelo. A roupa. Uma velha andrajosa, talvez um futuro disfarce. Uma rapariga pescadora com a mão na anca, com o seu sorriso sedutor e dentes brancos, brilhantes. Uma Fainne parecida comigo própria, quase uma gêmea, mas com mudanças subtis. Os lábios mais doces, as maçãs-do-rosto mais arqueadas, as pestanas maiores. A figura mais delgada e mais curvilínea. A pele pálida e delicada, translúcida, como uma pérola. Uma Fainne perigosa.

— Muito bem — disse o meu pai, observando-me enquanto eu mudava de um disfarce para outro. — Tens aptidão para isso, não

há dúvida. A semelhança é muito convincente. Mas, pergunto a mim próprio se conseguirás aguentá-la?

— É claro que consigo — respondi instantaneamente.

— Experimente.

— Está bem.

O meu pai reuniu um conjunto de rolos de pergaminho, cartas e um saco de pele de cabra muito bem apertado com uma fita, cujo conteúdo podia ser uma coisa qualquer.

— Leva isto. O passeio vai-te fazer bem.

E encaminhou-se para a saída, os seus pés calçados com sandálias sem fazerem ruído no chão de pedra.

— Onde vamos? — Sentia-me desconfiada e apressei-me para o acompanhar, ainda com o disfarce de mim própria.

— Dan vai para o Norte amanhã. Tenho assuntos que quero que ele resolva por mim e mensagens para ele entregar. Mantém-te assim. Age como tal. Mantém esse disfarce. Quero ver a tua força.

— Mas... eles não vão reparar que eu estou... diferente?

— Há um ano que não te vêem. As raparigas crescem muito depressa. Não precisas de te preocupar.

— Mas...

O meu pai olhou para mim por cima do ombro quando saímos do Honeycomb para o carreiro na falésia. A sua expressão era neutra.

— Há algum problema? — perguntou.

— Não, pai. — Não havia problema nenhum. Apenas Dan, Peg e os outros homens e mulheres com os seus olhares penetrantes e os seus comentários. Apenas as raparigas com os seus risinhos e sussurros e os rapazes com as suas brincadeiras. Apenas o fato de nunca ter ido ao acampamento sem a companhia de Darragh, durante todos aqueles anos em que a tribo de Dan Walker passava

o Verão na baía. Apenas o fato de ir para o meio de um povo que continuava a aterrorizar-me, apesar de ser filha de um feiticeiro, porque os meus truques não escondiam o meu defeito, o meu passo esquisito e a minha timidez de deficiente.

Mas, pensei, enquanto seguia a figura encapuçada do meu pai, que caminhava com grandes passadas pelo carreiro abaixo na direção da enseada: eu hoje não sou essa rapariga: não sou essa Fainne. Em vez disso, sou o que me apetece. Sou a outra Fainne, envolta no Encantamento, com um vestido elegante, os caracóis suaves como seda, o passo firme, as pestanas longas e reviradas e um belo sorriso. Dan, Peg e os outros ver-me-iam e admirar-me-iam sem repararem na mudança.

— Pronta? — perguntou o meu pai em voz baixa enquanto percorríamos o carreiro e avistávamos a tribo preparando o gado e os pertences para a partida do dia seguinte.

Os cães corriam e ladravam, as crianças perseguiam-se umas às outras por entre as carroças, os cavalos e as pernas dos homens e mulheres ocupados nas suas tarefas.

Quando nos aproximamos e fomos avistados, as pessoas afastaram-se como era seu hábito, deixando um espaço em redor do meu pai. Ele continuou, imperturbável, com grandes passadas, até que avistou Dan Walker a ajustar uns arreios. Um par de rapazes aproximava-se com dois pôneis, vindos da praia, e olharam para mim. Pus uma mão na anca com indiferença e olhei para eles por baixo das pestanas, como vira fazer aquela rapariga, a dos dentes. Um dos rapazes desviou o olhar, como que desconcertado, e afastou-se. O outro assobiou apreciativamente.

— E entrega isto em St. Ronan — estava a dizer o meu pai a Dan Walker. — Fico-te grato, como sempre.

— Não custa nada. Este ano tenho que ir para esses lados. Fica perto de Sevenwaters. Não posso ir para essas bandas sem visitar a minha velha tia. Nunca me perdoaria. Já está velhota, mas continua rija, como sempre. Tem alguma mensagem para as pessoas de lá? — A pergunta saíra como que por acaso.

As feições do meu pai fecharam-se de maneira quase imperceptível.

— Desta vez não.

Dei um passo em frente, depois outro e reparei que Peg e as outras mulheres estavam a olhar para mim, do sítio onde penduravam a roupa nos arbustos, para secar, e vi que os olhos de Dan também estavam fixos em mim, apreciadores. Olhei para longe, na direção do mar.

— A rapariga honra-te, Ciarán — disse Dan. O nômade baixara a voz, mas eu ouvi-o na mesma. — Quem diria? Está a tornar-se uma verdadeira beleza; sai à mãe. Tens de começar a pensar num marido para ela.

Seguiu-se uma pausa.

— Sem ofensa — acrescentou Dan, sem ênfase.

— A sugestão não foi apropriada — disse o meu pai. — A minha filha é uma criança.

Dan não fez nenhum comentário, mas eu sentia que os seus olhos me seguiam enquanto eu caminhava na direção dos pôneis atados uns aos outros à sombra das árvores, mordiscando a erva. Sentia muitos olhos a seguirem-me, e não eram divertidos, piedosos ou trocistas, antes curiosos, admiradores, intrigados. Fizeram-me sentir estranha.

Estendi uma mão para afagar o longo focinho de um plácido animal cinzento e o rapaz que assobiara apareceu a meu lado. Era do gênero desengonçado, sardento, um pouco mais velho do que eu. Vira-o muitas vezes com os outros e nunca trocáramos uma palavra. Por trás dele estavam outros dois.

— O nome dele é Silver. — Aquilo foi dito com timidez, como se o rapaz estivesse pouco seguro de si. Seguiu-se uma pausa. Era evidente que esperava uma resposta da minha parte. O Encantamento era ótimo, fazendo de mim aquela-parecida-comigo a quem todos eles queriam olhar e falar. As minhas técnicas estavam

à altura. Mas tinha, também, de agir em harmonia; encontrar as palavras, os sorrisos, os pequenos gestos. Encontrar a coragem. Meti uma mão na algibeira do meu vestido, repeti silenciosamente as palavras de um velho feitiço e tirei uma maçã enrugada que não estava lá quando saímos de casa.

— Posso dar-lhe isto? — perguntei docemente, arqueando as sobrancelhas e tentando um sorriso tímido.

O rapaz acenou com a cabeça, sorrindo. Agora, havia cinco à minha volta, encostados com estudada indiferença à parede ou meio escondidos atrás uns dos outros, espreitando sem se fazerem notados. Pus a maçã na palma da mão e o cavalo comeu-a. As suas orelhas estavam recuadas. Não se sentia à vontade comigo e eu sabia porquê.

— É verdade que consegues fazer fogo com as mãos? — perguntou subitamente um dos rapazes.

— Cala a boca, Paddy — disse o primeiro com um olhar carrancudo. — O que é que te deu, para perguntares a esta jovem dama uma coisa dessas?

— Não tens nada com isso, parece-me — disse outro, se bem que, como os restantes, tivesse uma quota parte nos mexericos acerca da nossa vida solitária no Favo de Mel.

— O meu pai é que é feiticeiro, não eu — disse eu docemente, afagando ainda o focinho do cavalo com dedos delicados. — Eu não passo de uma rapariga.

— Não te vi muito este Verão — comentou o rapaz das sardas. — Ele mantém-te ocupada, não?

Acenei com a cabeça, permitindo que a minha expressão parecesse abatida.

— Somos só o meu pai e eu, sabes? — Imaginei-me uma filha obediente, cozinhando, remendando, varrendo e cuidando do meu pai e podia ver essas mesmas imagens nos olhos deles.

— É uma pena — disse um dos rapazes. — Devias vir até cá abaixo de vez em quando. Há danças, jogos e bons momentos, aqui no acampamento. É uma pena perderes isso tudo.

— Talvez... — começou o outro rapaz, mas não cheguei a ouvir o que ele ia dizer, porque foi nesse preciso momento que o meu pai me chamou e os rapazes desapareceram mais depressa do que a neve da Primavera, deixando-me sozinha com o cavalo. E quando me virei para seguir o meu pai obedientemente até a casa vi Darragh, na parte mais afastada, escovando o seu pônei branco. O nome dela era Aoife: discutira durante muito tempo com Dan para poder ficar com ela e, no fim, ganhara. Darragh olhou de relance para mim, afastou o olhar e nem por um franzir de sobrancelhas, ou por um movimento da mão, deu a entender que me reconhecera.

— Muito bem — disse o meu pai enquanto caminhávamos para casa sob o frio crescente do vento vindo de oeste. — Muito bem. Estás a apanhar a sensação. No entanto, isto é apenas o princípio. Gostaria que atingisses um maior grau de sofisticação. Vais precisar disso em Sevenwaters. As pessoas lá são algo diferentes dos pescadores e destes nômades simples. Temos que nos debruçar sobre isso.

— Está bem, pai.

— Talvez tenhamos de começar mais cedo do que o planeado. Assim que o povo de Dan se for embora, damos o passo seguinte. Podes descansar um dia. Merecê-lo; não podemos esperar mais. Usa o dia com sensatez.

Não havia outra hipótese; nunca houvera.

— Sim, pai — disse eu e enquanto subíamos a falésia a caminho dos túneis escuros do Favo de Mel deixei que o Encantamento se afastasse e passei a ser, de novo, eu mesma, com a minha deficiência. Fizera o que o meu pai me pedira. Por que me sentia, então, tão infeliz? não provara que conseguia fazer o que queria? Não mostrara que conseguia fazer com que as pessoas me admirassem e se dobrassem à minha vontade? No entanto, mais tarde, deitada na minha cama e olhando para a escuridão, senti um

vazio que não tinha qualquer relação com os feitiços, encantamentos e mestria da arte.

Foi uma noite de sonhos inquietos e acordei antes do amanhecer, tremendo por baixo do meu cobertor de lã, escutando o uivo do vento e o rugido do mar a bater nas rochas do Favo de Mel. Não era um dia bom para viajar. Talvez Dan Walker e o seu povo decidissem ficar um pouco mais. Mas nunca acontecia isso. Tinha chegado a ocasião deles, tal como as aves migratórias, as suas chegadas e partidas tão precisas como o movimento das sombras num círculo sagrado. Podia-se contar o tempo por eles. Os dias dourados. Os dias cinzentos. Parecia-me que a voz do vento tinha voz.

Vou varrer-te... varrer-te. Levo tudo... tudo... E o mar respondendo. *Tenho fome... dá-me... dá-me...*

Tapei os ouvidos com as mãos e enrosquei-me. No fim de contas era suposto ser um dia de descanso. Não conseguiria dormir em paz, pelo menos até ao nascer do Sol?

Mas as vozes não se iam embora e eu levantei-me e vesti-me, não muito certa do que o dia me traria, mas pensando que me manteria ocupada e tentando ignorar o sentimento de vazio no estômago. Foi quando estava a calçar as botas que ouvi, muito fraco através do vento, um outro som. Uma nota ou duas, fragmentos de uma canção sobre um firme e sólido zumbido. O som de uma gaita-de-foles. Portanto, ainda não se tinham ido embora. Sem pensar, peguei no meu xale e subi o monte na direção das pedras erguidas, o meu cabelo voando ao vento, a espuma do mar perseguindo-me.

Darragh parou de tocar quando me viu. Encontrara um local abrigado entre as pedras e estava sentado de pernas estendidas e encostado ao grande dólman a que chamávamos o Guardião, não de forma desrespeitosa, apenas encostado a ele como se lhe pertencesse, tal como os coelhos. Tropecei, afastei os cabelos dos olhos e sentei-me ao lado dele. Apertei o xale em redor dos ombros. Ainda mal amanhecera e o ar tinha o toque de um Inverno distante.

Levei um certo tempo até recuperar o fôlego.

— Então? — disse Darragh, o que não ajudou muito.

— Então? — repeti.

— Levantaste-te cedo.

— Ouvi-te tocar.

— Vim para aqui tocar muitas vezes. Mas tu não apareceste. Vamo-nos embora esta manhã. Mas, suponho que já sabes.

Acenei com a cabeça, sentindo-me, subitamente, muito infeliz.

— Desculpa — consegui dizer. — Tenho estado muito ocupada. Demasiado ocupada para sair. Eu...

— Não te desculpes. Pelo menos, se estás a ser sincera — disse Darragh.

— Eu queria... mas não tive hipótese — disse-lhe.

Darragh fixou-me, os olhos castanhos muito sérios e o rosto ligeiramente franzido.

— Há sempre hipótese, Fainne — disse ele sombriamente. Ficamos ali sentados um bocado e, por fim, ele pegou na gaita-de-foles e recomeçou a tocar uma música que eu não reconheci, suficientemente triste para me levar as lágrimas aos olhos. Não que eu chorasse por causa de uma coisa tão tola, mesmo que fosse capaz.

— Esta música tem uma letra — aventurou-se Darragh. — Eu podia ensinar-ta. É muito alegre com a gaita-de-foles.

— Eu, cantar? — Senti-me arrancada da minha infelicidade. Não me parece.

— Nunca tentaste, pois não? — perguntou Darragh. — É estranho. Nunca conheci uma alma que não tivesse um pouco de música. Aposto que eras capaz, a cantar, de arrancar as focas ao oceano, se tentasses. — O seu tom era de lisonja.

— Não — disse eu, sem graça. — Tenho coisas melhores para fazer. Coisas mais importantes.

— Como, por exemplo?

— Coisas. Sabes muito bem que não posso falar disso.

— Fainne.

— O que é?

— Não gosto nada que faças aquilo... aquilo... que fizeste ontem.. Não gosto nada.

— Aquilo o quê? — Ergui as sobrancelhas o mais arrogantemente que pude e olhei de frente para ele. Ele devolveu-me o mesmo olhar.

— Provocar os rapazes. Namoriscar. Portar-te como... como uma rapariga tola. Não está certo.

— Não sei do que estás a falar — retorqui, trocista, se bem que me sentisse atingida pela crítica. — De qualquer maneira, não estavas a olhar para mim.

Darragh fez o seu sorriso torcido, mas não havia qualquer alegria nele.

— Estava a olhar, sim. Tu fizeste com que toda a gente olhasse.

Fiquei silenciosa.

— O meu pai tem razão, sabes? — disse ele após um momento. — Devias casar-te, ter um rancho de filhos, assentar. Precisas que tomem conta de ti.

— Disparate — trocei. — Sei muito bem tomar conta de mim.

— Precisas de alguém que olhe por ti — persistiu Darragh. — Talvez tu não vejas isso, talvez o teu pai não perceba, mas tu és um perigo para ti própria.

— Disparate — disse eu, amargamente ofendida por ele pensar tão mal de mim. — Além disso, quem casaria comigo aqui, na baía? Um pescador? Um latoeiro? Não me parece.

— Tens razão, claro — disse Darragh após um momento. — Seria inadequado. Percebo muito bem. — Então, levantou-se, colocando a gaita-de-foles ao ombro. Crescera muito, naquele último ano e começava a aparecer-lhe um princípio de barba em redor do queixo. Pusera um pequeno anel de ouro numa orelha, tal como o pai. — É melhor ir-me embora, então. — Ele olhou para mim sem sorrir. — Levava-te no meu bolso se fosses um tudo nada mais pequena, lá isso levava. Não te metas em sarilhos.

— De qualquer maneira, vou estar muito ocupada — disse eu, enquanto a desolação, devido à separação, se apossava de mim uma vez mais. Nunca fora fácil, ao longo dos anos e saber que me iria embora no Outono seguinte ainda piorava as coisas. — Tenho um trabalho para fazer. Um trabalho difícil, Darragh.

— Hum. — Ele não parecia ouvir-me, limitando-se a fixar-me. Então, estendeu um braço para me puxar os cabelos, não com muita força e disse o que sempre dizia. — Adeus, Caracóis. Vejo-te no Verão que vem. Cuida-te até eu voltar.

Acenei com a cabeça, incapaz de dizer fosse o que fosse. De certo modo, apesar de ter aprendido muito durante aquela estação, apesar de me ter tornado quase uma autoridade na minha arte, senti, subitamente, que o Verão se perdera, que desperdiçara algo precioso e irremediável.

Olhei para o meu amigo enquanto ele atravessava o círculo de pedras, o vento puxando e afastando as suas velhas roupas e chicoteando o seu cabelo escuro, descia pelo outro lado do monte e desaparecia.

Fazia tanto frio, tanto, que o senti nos ossos, um frio que nenhuma fogueira, ou pele de ovelha conseguiria afastar.

Fui para casa ainda com o Sol a espreitar no céu, a leste, vermelho-escuro, por trás de umas nuvens de tempestade.

Enquanto regressava ao Favo de Mel, acendendo uma lanterna para me iluminar através das passagens sombrias, regulei a respiração. Uma inspiração, grande e profunda, a partir da barriga. E uma expiração intercalada, como a água de uma grande catarata. Controle. Tinha de controlar as minhas emoções. Perdê-las tirava todo o sentido à arte. Eu era filha de um feiticeiro. A filha de um feiticeiro não tinha amigos, ou sentimentos; não se podia dar a esse luxo. O meu pai, por exemplo. Tentara viver uma vida diferente e tudo o que conseguira fora desgosto e amargura. Era melhor concentrar-me na arte e pôr o resto de lado.

De regresso ao meu quarto tentei imaginar a tribo carregando as carroças, arreando os cavalos e partindo para o norte com os cães correndo ao lado e os rapazes fechando a marcha. Tentei imaginar Darragh no seu pônei branco e as suas últimas palavras.

Não gosto de te ver fazer aquilo... és um perigo para ti própria. Fizeste com que toda agente olhasse... és um perigo para ti própria... Se era assim que ele me via, era melhor que os nossos caminhos se separassem.

Ano após ano, estação após estação esperara por ele, fixando a minha esperança e felicidade no seu regresso. Por vezes, parecia-me que não estava totalmente viva se ele não estivesse ali. Agora, a minha avó estava a chegar e eu ia-me embora; estava tudo a mudar. Era melhor tirar Darragh dos meus pensamentos e continuar. Era melhor aprender a viver sem ele.

Além disso, que poderia um rapaz nômade perceber de feitiçaria, de mudanças de forma e das artes da mente? Era um mundo diferente; um mundo para além das suas mais fantásticas fantasias. Um mundo no qual, finalmente, temos de ser suficientemente fortes para continuarmos totalmente sós.

CAPÍTULO DOIS

Naquele dia pus todas as minhas coisas em ordem. Fiz a minha estreita cama e enrolei o cobertor. Varri o chão do meu quarto, que era uma das muitas grutas no dédalo de câmaras e passagens do Favo de Mel. Pus de lado o meu xale e as minhas botas na pequena arca de madeira que continha todas as minhas parcas posses. A nossa vida era muito simples. Trabalho, descanso e comida quando necessária. Precisávamos de pouco.

No fundo da arca, meio escondida por baixo da roupa de cama, estava Riona. Era a única coisa que eu possuía que não era uma necessidade vital para a vida. Riona era uma boneca. Quando as pessoas falavam da minha mãe, diziam que ela era linda, esguia, como um jovem vidoeiro, e que o meu pai a amara perdidamente. Diziam que ela fora sempre um pouco desequilibrada e que tinham ficado chocadas com a terrível coisa que fizera. Mas nunca falavam dos seus talentos, do mesmo modo que falavam do fato de Dan ser um campeão das gaitas-de-foles, ou de Molly ser uma cesteira formidável, ou de os bolos de Peg serem os melhores de Kerry. Dir-se-ia que a minha mãe não tinha nenhuma qualidade, salvo a sua beleza e loucura. Mas eu sabia que era diferente. Bastava olhar para Riona para perceber como a minha mãe fora hábil com a agulha. Ao fim de todos aqueles anos, Riona era mais do que uma simples boneca de trapos, apesar das feições um pouco manchadas e do vestido remendado. Fora bem-feita, com pontos tão minúsculos que eram quase invisíveis. Tinha dedos e unhas e pestanas bordadas. Tinha longos cabelos de lã tingidos de amarelo e um vestido sedoso cor-de-rosa por cima de uma combinação de renda. O colar que Riona usava, dando três voltas ao seu pequeno pescoço por razões de segurança, era a coisa mais forte de todas. Fora estranhamente tecido com muitas fibras diferentes, com tanta arte, que não era possível quebrá-lo, por mais força que se fizesse. Suspenso dele havia uma pequena pedra branca com um buraco no meio. Eu não brincava com Riona na presença do meu pai,.É claro que agora era demasiado velha para brincar. Era uma perda de

tempo, como mergulhar perigosamente das rochas quando não havia necessidade. Mas, ao longo dos anos, Riona partilhara inúmeras aventuras com Darragh e comigo. Explorara grutas profundas e barrancos perigosos; quase caíra da falésia para o mar e quase desaparecera na voragem de uma maré. Usara coroas de margaridas entrançadas e capas de pele de coelho. Sentara-se à sombra das pedras, olhando para nós como se fosse uma rainha vigiando os seus súbditos. Os seus olhos escuros, bordados, olhavam para mim de um modo que, por vezes, me perturbavam. Riona não me julgava, não exatamente. Observava-me.

Naquele dia senti uma grande necessidade de me manter ocupada, de canalizar os meus pensamentos para coisas estritamente práticas. Assim, quando o meu quarto ficou varrido e limpo, fui para o local onde guardávamos as nossas provisões, tirei o peixe que a rapariga tinha trazido e algumas cebolas. O peixe já estava limpo e escamado. O meu pai e eu não somos grandes cozinheiros. Comemos porque é necessário, mais nada. Mas eu tinha tempo. Acendi a fogueira, deixei-a morrer e assei as cebolas e o peixe nas brasas. Quando ficaram prontos levei um prato cheio à gruta do meu pai. Mas a porta estava fechada por dentro. Não lhe ouvia a voz entoando cânticos, ou dizendo palavras de magia. O único som era o grito agreste de um pássaro no espaço abobadado. Aquilo significava que Fiacha regressara. O meu coração parou, porque detestava Fiacha. O corvo ia e vinha conforme lhe apetecia e quando ficava durante algum tempo parecia fixar-me com aqueles olhinhos brilhantes, medindo-me e achando-me pouco impressionante. Então, subitamente, ia-se embora de novo, sem sequer um adeus. Talvez trouxesse mensagens. O meu pai nunca me disse.

Eu não gostava do bico afiado de Fiacha, ou do brilho perigoso dos seus olhos. Uma vez, quando eu era pequena, bicou-me e doeu-me imenso. O meu pai disse que foi um acidente, mas eu nunca soube ao certo.

Deixei a comida no lado de fora da porta. Havia uma regra que não precisava de ser dita e que dizia que, quando a porta estava

fechada, era para não entrar. Alguns elementos da arte têm de ser exercitados em solidão e o meu pai estava sempre a tentar aprofundar os seus conhecimentos.

É muito fácil, para um estranho, criticar-nos, ver uma ameaça em tudo o que fazemos, devido, apenas, a uma falta de discernimento. A nossa espécie nem sempre é bem-vinda em todos os recantos de Erin, porque as pessoas contam histórias acerca de nós que são meias verdades e uma mistura dos seus próprios medos e superstições. Não foi por acaso que o meu pai veio viver para este recanto distante de Kerry. Aqui, as pessoas são almas simples, cujas vidas giram em torno do mar e das estações, em cujo mundo não há lugar para o luxo do mexerico e do preconceito.

Aceitaram-no e à minha mãe como mais dois habitantes da baía, pessoas corteses, que deviam ser deixadas em paz. E todos sabiam que uma aldeia, com o seu próprio feiticeiro, era o mais seguro dos lugares para se viver. O meu pai demonstrou isso rapidamente, porque um Verão, pouco depois da sua chegada a Kerry, chegaram os noruegueses. Havia histórias acerca das suas incursões ao longo da costa, de mortes brutais, de violações, de incêndios, de roubos de mulheres e crianças e havia histórias sobre os lugares onde eles tinham chegado nos seus grandes barcos e onde se tinham instalado, simplesmente ocupando as casas e as herdades, como se tivessem todo o direito. Mas na nossa enseada não havia nenhuma colônia vicking. Ciarán tratara disso. As pessoas ainda contavam a história sobre como os grandes barcos, com as suas proas esculpidas, tinham sido avistadas, remando na direção da praia, tão rapidamente que quase não houve tempo para fugir. O Sol fazia brilhar as achas de guerra e os estranhos elmos que os homens usavam; os remos mergulhavam e saíam da água, ao mesmo tempo que os pescadores ficavam gelados de terror, vendo a morte aproximar-se. Então, o feiticeiro aproximara-se de uma alta saliência do Favo de Mel com o seu bordão de teixo na mão, erguera-o, e um instante mais tarde umas grandes nuvens começaram a correr vindas de oeste e as ondas ergueram-se até se transformarem em montanhas, que se abateram sobre a praia. Os grandes barcos começaram a lutar, a adornar e os remos partiram-

se na confusão. No espaço de segundos o céu estava escuro, o oceano fervia e as pessoas observavam, de olhos esbugalhados, enquanto os barcos dos noruegueses se partiam e eram atirados, à vez, contra as rochas. Mais tarde, as crianças encontraram estranhos objetos na praia. Uma pulseira curiosamente lavrada com serpentes e cães. Um colar com a forma de uma minúscula e letal acha de guerra, feito de arame. Uma taça de bronze. O cabo de um remo, finamente trabalhado. O corpo de um homem de pele pálida e cabelos longos, entrançados, da cor do trigo por ocasião de Lugnasad. Por isso, não havia nenhuma colônia vicking na nossa enseada. Depois disso, o meu pai passou a ser venerado e protegido, um homem incapaz de qualquer mal. Quando a minha mãe morreu as pessoas choraram com ele. E deixaram-no em paz.

O meu pai ficou durante todo o dia no seu gabinete com a porta fechada. Quando, por fim, saiu, apanhou o prato de comida do chão e comeu abstratamente, não reparando que estava fria e parecendo pálido e cansado. Sentado junto dos restos da minha fogueira, pegou no peixe gelado e não disse nada. Fiacha seguira-o e empoleirara-se numa saliência, fixando-me. Fixei-o também, carrancuda.

— É melhor ires deitar-te, filha — disse o meu pai e tossiu asperamente. — Esta noite não sou boa companhia.

— Pai, o pai está doente. — Olhei para ele alarmada enquanto ele lutava por respirar. — Precisa de ajuda. De um remédio, pelo menos.

— Disparate. — A sua expressão era severa. — Não há nada de errado comigo. Vai, vai-te deitar. Isto passa. Não é nada.

Não estava nada convencida.

— Por favor, pai, diga-me o que se passa.

Ele deu uma breve risada. Não era um som muito agradável.

— Por onde havia de começar? Não, chega. Estou cansado. Boa noite, Fainne.

E assim fui despedida, deixando-o ali, imóvel, olhando para a fogueira a morrer. À medida que me afastava na direção do meu quarto, o som da sua tosse seguia-me, ecoando nas paredes das grutas subterrâneas.

Ela chegou no fim de uma manhã de Outono, quando o meu pai tinha ido buscar água. Eu saí, ouvindo-a chamar da entrada. Nós tínhamos poucos visitantes. Mas lá estava ela; uma anciã envolta em xales, sem sequer um saco, ou um cesto. A sua face era uma ruga pegada e os olhos tão afundados nas órbitas que mal se podia ver de que cor eram. Tinha uma coroa de cabelos brancos desalinhados e uma voz muito alta.

— Então, rapariga? Não me convidas a entrar? Não me digas que não era esperada. O Ciarán está a brincar com quê?

Passou por mim e desceu o túnel na direção do gabinete, como se o lugar lhe pertencesse. Eu trotei atrás dela, esperando que o meu pai não se demorasse.

Subitamente, virou-se para olhar para mim, muito depressa para uma anciã, e fixou-me intensamente, como se me estivesse a avaliar.

— Sabes quem eu sou?

— Sei, avó — disse eu, porque, se bem que parecesse muito diferente da mulher elegante de que me recordava, sentia a magia exalar de todos os seus poros, poderosa, antiga e era o suficiente para eu saber quem era.

— Hum. Cresceste, Fainne. — Absolutamente nada impressionada, virou-me as costas e continuou a sua confiante progressão através das sombrias passagens do Favo de Mel. Parou em frente da grande porta do gabinete. Ergueu a mão e empurrou. A porta não se moveu. Feita de carvalho sólido e estruturada de maneira a fixar-se firmemente no arco de pedra, aquela entrada estava selada por meio de ferrolhos de ferro e palavras poderosas. O meu pai guardava ciosamente os seus conhecimentos.

A anciã empurrou de novo.

— Não pode entrar aí — disse eu, alarmada. — O meu pai não deixa ninguém entrar. Só ele é que entra e eu, às vezes. Tem de esperar.

— Esperar? — Ela ergueu as sobrancelhas e arqueou os lábios num sorriso. Naquelas feições tão velhas, pareceu-me odioso. Os seus olhos trespassaram-me, como se quisesse ler-me os pensamentos. — O teu pai não te ensinou este truque, entrar num quarto sem abrir a porta?

Eu acenei com a cabeça, devolvendo-lhe o olhar.

— E como abrir essa porta?

— Não pense que lha vou abrir — disse-lhe eu com a voz a endurecer, zangada, face à sua temeridade. Senti as faces corarem e soube que as faíscas, que Darragh vira uma vez, começariam a aparecer nos meus cabelos. — Se o meu pai quer que ela esteja fechada, fica fechada. Eu não a abro.

— Aposto que não consegues abri-la. — Ela estava a tentar-me.

— Não a abro. Já lhe disse.

Ela riu-se, um riso de rapariga, como um toque de pequenas campainhas.

— Nesse caso, tenho de ser eu a fazê-lo, não tenho? — disse ela levianamente e ergueu uma mão rugosa, nodosa, na direção dos pesados painéis de carvalho. Estalou os dedos e uma brilhante chama percorreu a porta a toda a volta. O ar ficou cheio de fumo e eu comecei a tossir. Não pude ver nada, por momentos. Ouviu-se um som de rolha a saltar de uma garrafa e um ranger. O fumo começou a desaparecer. A grande porta estava aberta de par em par, a sua superfície escurecida e empolada, os pesados ferrolhos pendurados, sem préstimo.

Eu fiquei ali à entrada, a olhar, enquanto a anciã dava três passos no interior do quarto secreto do meu pai.

— Ele não vai ficar nada contente — disse eu firmemente.

— Ele não vai saber — replicou ela friamente. — Ciarán foi-se embora. Não voltarás a vê-lo até teres aprendido tudo o que tens a aprender, rapariga; só no fim do próximo Verão. Ele não pode ficar, comigo aqui. Não podemos ficar os dois no mesmo lugar. É melhor assim. Nós as duas temos muito trabalho pela frente, Faimne.

Fiquei gelada, sentindo o choque do que ela me disse atingir-me o coração. Como podia o meu pai fazer-me aquilo? Para onde fora? Como podia deixar-me sozinha com aquela mulher horrorosa?

Ela estava em frente do espelho de bronze, aparentemente admirando-se, porque tirou um pente de um bolso no seu volumoso traje e começou a passá-lo pelos cabelos emaranhados. Contra a minha vontade, aproximei-me.

— Ciarán não te falou de mim, filha? Não te explicou nada? — Ela olhou intensamente para o seu reflexo. Eu aproximei-me por trás, espreitando por cima do ombro dela para a superfície espelhada.

A mulher no espelho olhou para mim. Tinha dezesseis anos, não mais. O seu cabelo era uma versão do meu, mas mais brilhante, mais bonito, caindo-lhe aos caracóis pelos ombros com vida própria, de um profundo e rico castanho-avermelhado. A sua pele era leitosa, tão pálida que era possível ver as veias na superfície cor de pérola. A sua figura era esbelta mas curvilínea, com todas as curvas nos seus devidos lugares. Era a figura que eu tentara criar para mim naquele dia, quando fui ao acampamento. Pensava que era habilidosa, mas, comparado com aquilo, os meus esforços não tinham qualquer valor. Aquela mulher era mestre na arte. Olhei-lhe para os olhos. Eram profundos, escuros, da cor das amoras maduras. Eram os olhos do meu pai. Eram os meus olhos. A anciã sorriu para o espelho com os lábios vermelhos, curvos e os pequenos dentes brancos, afiados.

— Como vês — disse ela com um riso sem alegria — tenho muito para te ensinar. E é melhor começar já. Transformar-te numa senhora elegante vai ser um desafio.

Desde que me lembro que éramos só os dois, o meu pai e eu, trabalhando juntos ou separadamente, os dias devotados à prática da arte. As nossas refeições, o nosso descanso, os nossos contatos com o mundo exterior limitavam-se ao estritamente necessário: a água e a lenha para a fogueira. O peixe entregue à porta por uma rapariga. As mensagens entregues a Dan Walker. Eu tivera os Verões com Darragh.

Mas Darragh fora-se embora e eu era, agora, crescida. Esses tempos tinham acabado.

O meu pai e eu compreendíamo-nos mutuamente sem muita necessidade de palavras.

Por vezes, ele explicava uma técnica, ou uma teoria. Por vezes, eu fazia uma pergunta. A maior parte das vezes ele deixava que eu descobrisse por mim, com uma pequena ajuda aqui e ali. Deixava-me fazer os erros e aprender por mim própria.

Dessa maneira, dizia ele, tornar-me-ia mais responsável, retendo as coisas que mais necessitava de fazer. Na verdade, com o tempo, essa disciplina levar-me-ia, não só ao conhecimento, mas também à compreensão. Era uma existência ordeira, bem estruturada, se bem que um pouco à parte dos padrões das pessoas normais.

O método de ensino da minha avó era bastante diferente. Começou por me dizer que Ciarán negligenciara gravemente a minha educação; devia ter-me, pelo menos, ensinado a comer polidamente, não a meter a comida na boca com os dedos, como o filho de um latoeiro. Quando tentei defender o meu pai, ela silenciou-me com um pequeno feitiço desagradável, que me engrossou a língua e ma encheu de pêlos, como se tivesse um gato na boca. Não admira que tivesse dito que não podia viver no mesmo local com o filho. Uma das nossas regras mais básicas dizia que a arte não podia ser usada pelo professor contra o aluno, ou pelo aluno contra o professor. O meu pai teria recusado a idéia de usar a magia para infligir castigo. A minha avó usava-a sem qualquer escrúpulo. Odiava a maneira como ela falava dele, do próprio filho.

— Bem — disse ela enquanto me observava a comer o meu peixe, os olhos seguindo cada bocado que viajava do prato para a minha boca — ele ensinou-te como mudar de forma, ensinou-te uma data de truques e ensinou-te a deslocar objetos com a mente. De que te servirá isso tudo quando estiveres sentada à mesa com as pessoas educadas de Sevenwaters? Sabes dançar? Sabes cantar? Sabes sorrir a um homem de maneira a fazeres-lhe ferver o sangue e bater o coração como um tambor? Bem me parecia que não. Não bocejes, rapariga. A tua educação tem sido inadequada. A culpa é daqueles druidas que tomaram conta do teu pai e lhe encheram a cabeça de disparates. Ainda bem que ele me chamou. Quando eu acabar contigo, serás perita na arte de trazer um homem pelo beicinho sua coisinha desastrada. Eu sou uma artista.

— Eu aprendi muito com o meu pai — disse eu, zangada. — Ele é um grande feiticeiro, profundamente respeitado. Não me parece que precisemos da sua... arte. Eu tenho conhecimentos e capacidades e melhorarei o melhor que sei, porque o meu pai inculcou-me o amor pela aprendizagem. Por que razão hei de perder tempo e energia com maneiras à mesa?

Ela deixou sair o seu riso de rapariga, tão incongruente naquela boca mirrada, sem dentes.

— Bem, bem. Mal te zangas ficas logo cheia de faíscas. A primeira coisa que precisas de aprender é a não te abrires assim, rapariga. Mas há mais, muito mais. Sei que o teu pai te ensinou umas quantas habilidades. O abecedário, por assim dizer. Mas podes conseguir grandes coisas em Sevenwaters se aproveitares bem as oportunidades. Eu ajudo-te, rapariga. Acredita no que te digo, eu conheço aquela gente.

A partir dali, ela passou a comandar. Eu estava habituada às lições teóricas e às lições práticas. Estava habituada a trabalhar muitas horas, a estar perpetuamente cansada e a continuar apesar disso. Mas aquelas lições eram tão entediantes. Como comer como uma carriça, por pequenos bocadinhos. Como dar risinhos e sussurrar segredos. Como manter-me direita ao andar,

bamboleando as ancas. Esta última não era fácil, com o meu pé defeituoso. Finalmente, exasperou-se.

— Nunca andarás direita com a tua própria forma — disse ela rudemente. — Nunca dançarás sem fazeres figura de parva. Não interessa. Podes usar o Encantamento quando quiseres. Transformares-te na pessoa mais elegante do mundo. Ficares com os pés mais graciosos do mundo, se for preciso. O único problema é que é cansativo. Manteres-te o tempo todo assim, quer dizer. Ficas estafada. Por que é que pensas que tenho estas rugas todas? A nossa espécie vive muitos anos. Por vezes penso que demasiados. Mas estou assim por ter encantado Lorde Colum, mantendo-o na palma da mão. — Ela suspirou. — Ah, aquilo é que era um homem. Foi pena aquela Sorcha. Se ela não tivesse feito o que fez, não teria havido necessidade disto tudo. Teria sido tudo meu e, por sua vez, de Ciarán. A tua miserável mãe nunca teria existido, nem tu, pequena. Pensa no que eu poderia ter conseguido. Teria sido tudo nosso, como devia ser. Mas ela fez aquilo, foi mais esperta do que eu, ela e aquelas criaturas que dão a si próprias nomes esquisitos. Seres do Outro Mundo. Ah! Subiu-lhes o poder à cabeça há muito tempo, é o problema deles. Fora com os da tua espécie. Nunca fomos suficientemente bons para eles e eles adoram lembrar-nos disso, não adoram? Muito bem, veremos o que pensarão os Fair Folk do meu pequeno presente. Hão de chorar quando o teu trabalho estiver feito, pequena.

Hesitei em perguntar-lhe o que queria dizer. Ela era rápida a ridicularizar e a punir quando achava que eu era lenta, ou estúpida.

Era demasiado tarde, disse a minha avó, para eu aprender a tocar harpa, ou flauta.

Recusei-me a cantar, mesmo quando ela me castigou, tirando-me a voz. O que não me afligiu muito, já que estava habituada a longos dias de silêncio e, com o tempo, ela desistiu de extrair qualquer forma de música de mim. Descobriu rapidamente que as minhas capacidades para ler e escrever ultrapassavam as suas de longe. Mas o mesmo não aconteceu com a minha habilidade com a agulha; achou-a extremamente rudimentar. Os materiais

apareceram subitamente, sedas, tecidos e linho, para começar. À luz da lanterna feri os dedos, entortei os olhos e amaldiçoei-a em silêncio. Aprendi a coser. Ela observava-me zombeteiramente e uma vez disse: Isto faz-me recordar umas coisas. Oh se faz.

Ensinou-me outras coisas que me fariam corar, se as dissesse. Necessárias, disse a minha avó, porque eu era uma rapariga e, em qualquer parte do mundo teria de ser capaz de atrair um homem, e segurá-lo. Não era só aprender a andar de uma certa maneira, a olhar de uma certa maneira, a saber dizer determinadas coisas e quando ficar calada. Nem era simplesmente uma questão de usar o encantamento para me tornar numa mulher mais bonita, ou mais sedutora, se bem que isso, certamente, ajudasse. Os ensinamentos da minha avó eram mais específicos. Faziam-me sentir uma pessoa baixa, por vezes. Faziam-me ficar embaraçada, quando ela me pedia que demonstrasse o que aprendera. Só o pensamento de os levar à prática era suficiente para me fazer recuar, horrorizada. Ela achava que eu era uma tola e dizia-o. Recordava-me que tinha quinze anos, que estava em idade de casar e que o melhor que eu podia fazer era aproveitar o pouco que tinha de encantos, aprendendo como usar a magia para os realçar, ou não faria nada de mim. Era claro para mim, enquanto lutava com estes novos conhecimentos, por que razão o meu pai a chamara para me guiar. Se era verdade que eu necessitava de adquirir aquelas capacidades, conhecer aqueles segredos íntimos, também era verdade que ele não mos podia ter ensinado. Há coisas que uma rapariga não pode dizer ao seu pai, por mais íntima que seja dele. Mas eu ficava acordada de noite, pensando na sua decisão, porque a minha avó era uma professora cruel e a sua presença no Favo de Mel lançara uma sombra fria sobre os meus dias e enchera as minhas noites de pesadelos. Por que se fora ele embora, para tão longe, que eu nem sequer sabia onde estava? Seria aquilo uma espécie de teste? Ele nunca me deixara, nem sequer por uma única noite. Tinha saudades, sentia-me só e estava preocupada com ele. Ele era o meu mundo, a minha família, a minha única constante. Precisava dele; e ele, certamente, precisava de mim, porque não tinha mais ninguém a quem conceder aquele sorriso raro, que lhe iluminava as feições sombrias e me mostrava o homem por quem a

minha mãe deixara um outro mundo. Teria ele medo da minha avó? Teria sido por isso que ele me deixara à mercê dela? Os meus sonhos mostravam-no magro e pálido, tossindo dolorosamente, algures numa gruta escura, sozinho. Desejei que ele regressasse a casa.

O Outono desapareceu, veio o Inverno e as lições continuaram lentamente.

— Muito bem, Fainne — disse a minha avó um dia, abruptamente, quando descansávamos no gabinete. Tinha-me obrigado, durante toda a tarde, a transformar uma aranha noutras formas: num lagarto brilhante; num minúsculo pássaro com asas palpitantes, voando às cegas, confuso, contra as paredes de pedra; num rato que se aproximou para escapar por uma fenda, até que eu estalei os dedos para o transformar num dragão cuspidor de fogo, que soprou uma pequena nuvem de vapor, batendo deficientemente as asas minúsculas. Eu estava exausta, tão cansada na minha cadeira como a aranha que estava agora pendurada, como morta, na sua teia por cima de mim. — E agora, uma lição de História. Ouve bem e não me interrompas, a não ser que seja absolutamente necessário.

— Sim, avó. — A obediência era a melhor maneira de lidar com ela. Era engenhosa nos métodos de castigo e não gostava de ser desafiada. Preferia, de longe, os métodos do meu pai, que, se bem que restritos, não eram desagradáveis.

— Responde às minhas perguntas. Quem foram os primeiros nas terras de Erin?

— Os Anciãos. — Aquele tipo de inquisição era fácil. O meu pai transmitira-me esse conhecimento ao longo dos anos e éramos ambos fluentes nessas perguntas e respostas. — Os Fomhóire. Um povo vindo das profundezas do oceano, dos poços e dos lagos. Gente do mar e das profundezas da terra.

A minha avó acenou com a cabeça.

— E quem é que veio depois?

— Os Fir Bolg. Os homens-saco.

— E depois deles?

— Depois vieram os Túatha Dê Danann, do Oeste, que com o tempo mandaram os outros para o exílio e se espalharam pelas terras de Erin. Governaram durante muitos anos até à chegada dos filhos de Mil.

— Muito bem. Mas, que sabes tu das origens dos da nossa espécie?

Os seus olhos eram penetrantes.

— Os da nossa espécie não estão na História. Somos diferentes. Fomos amaldiçoados e estamos sempre à parte. Não pertencemos aos Túatha Dê. Assim como os mortais, homens e mulheres. Não somos uma coisa, nem outra.

— Até aqui, tudo bem. Estamos à parte porque nos afastaram. Um de nós transgrediu a lei, há muito tempo e nunca nos perdoaram. Conheces essa história?

Abanei a cabeça.

— Nós somos descendentes deles, quer queiram, quer não. Dos Fair Folk, ou seja lá como for que gostam de ser chamados. Deuses e deusas, todos eles, superiores em tudo, vagueando por toda a parte como se fossem donos de tudo, depois de terem despachado os outros para os seus buracos e fendas. Mas alguém fez o que não devia e foi aí que tudo começou.

— O que não devia?

— Disse-te que não interrompesses. — A minha avó fixou-me nos olhos e eu senti uma dor penetrante nas têmporas. — Naqueles primeiros tempos éramos capazes de fazer tudo, tínhamos a magia na mão. Mudança de forma, transformação. Cura. Domínio do vento e da chuva, das ondas e das marés. Éramos verdadeiros deuses e não admira que os Anciãos tenham engatinhado para as suas grutas com o rabo entre as pernas. Mas há certas coisas na magia que devem permanecer intocadas. Nem sequer um mestre lhes

deve tocar. Todos sabiam isso. É perigoso tocar na parte negra da magia; é melhor deixá-la em paz, afastarmo-nos. Infelizmente, houve uma que se deixou levar pela curiosidade. Brincou com um feitiço proibido; chamou o que devia permanecer adormecido. A partir desse dia passou a haver um mal à solta, que nunca mais se foi embora. Assim, ela foi expulsa e uma parte do seu castigo consistiu em retirarem-lhe a capacidade de usar os mais altos elementos da magia: os poderes da Luz, da cura, do vôo. Tudo o que lhe deixaram foi a escória, os truques de feitiçaria: podia interferir e transformar um sapo num homem, talvez, ou uma rapariga numa barata. Ficou com o Encantamento. Pouca coisa, comparada com o que perdera. Ligou-se a um mortal homem, já que nenhum dos de mente superior a quis depois do que fizera. E tu sabes o que isso significa.

Desta vez esperava uma resposta.

— Que se tornou mortal?

— Não exatamente. A nossa espécie vive muitos anos, Fainne; muitos mais do que os humanos. O que significa que, a seu devido tempo, morreria. Sobreviveria para ver a sua família morrer de idade avançada antes de chegar a sua vez. Os seus descendentes transportariam o sangue da amaldiçoada através dos tempos. Todos nós temos os olhos dela. Os teus olhos, rapariga. Todos nós temos a arte, mas só alguma, compreendes? Algumas coisas estarão sempre para além das nossas capacidades. E isso dói. Devíamos ter tudo. O castigo foi injusto; demasiado severo.

Abri a boca, pensei melhor no que ia dizer e fechei-a.

— Estás a pensar no teu pai? — perguntou ela sem sorrir. — Achas que ele parece ter mais talentos do que os que eu descrevi? Tens razão, claro. Eu escolhi bem o pai dele: nada mais nada menos do que Colum, Senhor de Sevenwaters. Naquela família são todos druidas. Repara como vivem, fechados na sua preciosa floresta, rodeados pelos Outros. Têm o sangue dos Anciãos, misturado com o dos humanos. Ciarán é diferente. Especial. Devia ter substituído Colum. Não é ele o sétimo filho de um sétimo filho?

Mas fui derrotada. Derrotada por aquela rapariga miserável e pelos malditos irmãos dela. É com eles que precisas de ter cuidado. Com eles, que descendem dos Fomhóire.

Concentrei-me, franzindo as sobrancelhas.

— Por que é que é perigoso, avó? Os Fomhóire não usavam a alta magia.

— Ah. Há a alta magia, a magia dos feiticeiros e uma outra espécie. Podes chamar-lhe magia profunda. É essa que os de Sevenwaters possuem e nós não, pequena. Nem todos, repara. Muitos não passam de tolos, como a tua mãe, fracos de vontade e de mente. Nunca conseguirei compreender como o meu filho se apaixonou por aquela cabeça de vento. Niamh arruinou-lhe a vida; enfraqueceu-o terrivelmente. Mas, agora, existes tu, Fainne. Tu és a minha esperança.

Eu aprendera que era inútil ripostar, apesar de me magoar muito a maneira como ela falava da minha mãe.

— Magia profunda? — perguntei. — O que é isso?

— É a magia da terra e do oceano. O sítio de onde essa gente veio, há muito tempo. É por isso que eles se agarram às ilhas. Não são feiticeiros. Não fazem feitiços. Mas alguns têm a capacidade de falar com a mente, sem palavras. Não imaginas como tentei desenvolver essa capacidade. Esgotei-me. Mas, ou se tem, ou não se tem. Alguns deles são capazes de prever o futuro. Ferramentas poderosas, ambas. E alguns têm a capacidade de curar, muito maior do que a de um físico qualquer.

— É tudo?

— É tudo, pergunta ela! — O seu riso envergonhou-me. — Não chega? Esses dons impediram-me de atingir os meus objetivos durante duas gerações, rapariga. Levaram-me o meu filho e amoleceram-no. Mas agora vai ser diferente. Tenho-te a ti, Fainne e tenho um novo objetivo, muito maior. Tu tens em ti um pouco de tudo, graças à tua mãe. Foi a única coisa boa que ela fez por ti, patética como era. Nunca o compreendi. Se Ciarán tinha de se

perder por uma fedelha qualquer de Sevenwaters, por que não escolheu a outra irmã? O fruto dessa ligação teria tido, sem dúvida, capacidades raras. Mas, não interessa, Fainne. Tu carregas o sangue de quatro raças. Isso tem que contar para alguma coisa.

Dessa vez senti que era impossível não a desafiar.

— Não gosto que fale dessa maneira da minha mãe — disse eu, irritada.

— Não? Eu só digo a verdade, rapariga. Além disso, que te importa a ti? Mal te lembras dela, certamente. Mas, suponho que essas atitudes todas te vêm do teu pai. Ele nunca suportou que se falasse mal da sua amada Niamh. Para ele, era uma princesa, uma criatura perfeita, que não dava um único passo errado. Permitiu que ela o consumisse. Muito bem, Fainne. — O seu tom mudou abruptamente. — Até agora tens ido bem, pequena; em breve estaremos prontas, se continuares a aprender assim. Amanhã dir-te-ei o que espero que faças em Sevenwaters. Tudo isto, compreendes, os ares, a graça, a conversa fácil, os artifícios do amor, tudo isto são ferramentas, meios para chegar a um fim. Amanhã começarei a explicar-te que fim é esse. Tu tens uma grande tarefa pela frente, neta. Uma grande tarefa. Agora, vai para a cama, precisas de descansar.

Nessa noite, sozinha no meu quarto com uma vela por companhia e o oceano rugindo lá fora, abri a arca de madeira e tirei Riona. Ela parecia um pouco amarrotada por estar sob os cobertores e pareceu-me ver-lhe uma sobrancelha franzida nas feições perfeitamente cosidas. Desentrancei-lhe os cabelos amarelos e refiz-lhe o laço na parte de trás do vestido. Nessa noite, subitamente, não me senti crescida e quando apaguei a vela e me deitei na cama, fiquei com Riona junto de mim, algo que não fazia há muito tempo.

— Será verdade? — murmurei na escuridão. — Será verdade que a minha mãe era uma rapariga estúpida, que estragou a vida ao meu pai? Será por isso que ele nunca fala dela? Mas, ele disse que

a amava. Se falasse, talvez eu me lembrasse dela. Talvez me lembrasse de alguma coisa. Qualquer coisa.

— Talvez seja melhor assim — disse eu para ela, ou para mim própria. — Talvez seja melhor eu não saber nada. Ela era um deles, um dos da espécie humana, um dos da família de Sevenwaters. Eu sou da outra espécie; sou a filha do meu pai. É melhor não saber nada. — A minha mão afagou o tecido suave da saia de Riona e à medida que ia adormecendo via os dedos da minha mãe, os movimentos rápidos da agulha enquanto ela cosia o pequeno vestido com minúsculos pontos. Um presente para a filha, para que se lembrasse dela; uma pequena amiga para me confortar na escuridão depois de ela partir.

Na manhã seguinte a minha avó preparou tudo para mim.

— Ora bem, Fainne — disse ela olhando para mim de perto, ao mesmo tempo que eu me mantinha de pé à sua frente no meu vestido simples, com os sapatos de trazer por casa e com as mãos atrás das costas. — Por que é que pensas que o teu pai quer que vás para Sevenwaters? Não é o único lugar que ele deseja obliterar da memória, mas que não consegue? Por que razão mandaria para lá a sua única filha, para o coração do território inimigo?

— Eu sou neta de um chefe de guerra do Ulster — disse-lhe. — O meu pai disse que os de Sevenwaters têm uma dívida para pagar. Ele acha que eu devo aprender a mover-me naquele círculo, já que não há futuro para mim aqui, em Kerry. — Senti-me percorrida por um arrepio. Ocorreu-me, pela primeira vez, que talvez nunca mais regressasse ao Favo de Mel. Esse pensamento aterrorizou-me. — Eu confio no meu pai — continuei, tão firme quanto possível. Se ele deseja que eu viaje até ao Ulster, é porque é a coisa certa a fazer.

A minha avó fez um esgar, acordando uma rede de profundas rugas no seu velho rosto.

— A tua confiança no julgamento de Ciarán é tocante, minha querida, se tiver fundamento. A sua decisão é certa, se bem que as suas razões deixem um pouco a desejar. Atribuo isso à sua educação de druida. Aquele miserável do Conor há de pagá-las. Ele

e os irmãos dele roubaram ao meu filho os seus direitos por nascimento, encheram-lhe a cabeça de idéias tolas e por isso é que ele não sabe o que está certo e o que não está. Nunca deveriam ter sobrevivido ao que lhes fiz. Mas a questão não é essa. O teu pai só te disse metade, Fainne. Ciarán está doente. Muito doente. Manda-te embora porque, em breve, não poderá estar aqui para te sustentar.

Senti o sangue a fugir-me do rosto.

— O quê? — sussurrei tolamente.

— Não acreditas em mim? Devias acreditar, porque estou em boa posição para isso. Ciarán não deixa a sua preciosa aprendiz aqui com os pescadores, para se tornar noutra esposa com um bando de crianças tagarelas. Não te pode deixar comigo; eu vou e venho conforme me apetece. Assim, só tinha uma hipótese. O teu tio, Lorde Sean de Sevenwaters; Conor, o arquidruída; a esquiva Liadan; a única família que tens. O teu pai não tinha outra alternativa.

— Quer dizer... quer dizer que aquela tosse, aquela palidez, quer dizer que... ele está a morrer? — forcei a palavra a sair. — Mas... mas, como é possível? A nossa espécie não é como os homens e as mulheres normais, vivemos mais tempo... como pode ele estar doente? Ele disse que estava bem. Disse que não havia nada de errado...

— É claro que disse. Mas há algumas doenças que estão para lá dos remédios mortais, Fainne; que podem atacar até o mais poderoso dos magos. Ele não te disse a verdade porque sabia que não concordarias em ir, se soubesses.

— E tinha razão — disse eu, cerrando os dentes. — Não vou. Não o posso deixar. Como foi possível não me dizer? Éramos tão próximos um do outro, partilhamos tanto tempo em perfeita compreensão, em perfeita cooperação. — A dor alojou-se profundamente em mim, como uma pedra fria.

A minha avó estava calma.

— Deixa-me explicar-te uma coisa — disse ela. — Não são os humanos de Sevenwaters que interessam, pequena. É o poder por trás deles: as criaturas do Outro Mundo, com as suas maneiras esquisitas e as suas garras em cima de nós. Irás para Sevenwaters, senão pelo teu pai, pelo menos por mim. Tenho para ti uma tarefa, uma missão que deves levar a cabo. Uma grande missão, Fainne. Maior do que imaginas.

— Mas o pai disse...

— Esquece isso. Eu sou a mãe dele. Sei do que estou a falar. Há uma razão para ires para Sevenwaters, uma única. A minha. Por que pensas que vim para aqui, Fainne? Tenho-te observado ao longo destes anos; à espera, até que estivesses pronta para isto. Tu vais completar o que eu comecei. Vais conseguir o sucesso que é negado, há muito, à nossa espécie. Vais mostrar aos Fair Folk que um banido pode ser uma pessoa forte, suficientemente forte para os destruir. Tu vais-lhes frustrar o esquema. Vão cair juntos, os de Sevenwaters e as suas sombras do Outro Mundo. É essa a tua tarefa.

Olhei para ela.

— Mas... mas, avó, os Túatha Dê Danann? Quem consegue desafiar um tal poder? Serei esmagada.

Ela sorriu tristemente.

— Eu desafiei-os, e estou aqui. Um pouco gasta, mas continuo dona da minha vontade. E quase venci. Eles estão mais fracos desde que perderam as Ilhas para os Bretões. Eles tinham um plano para aquela rapariga, Sorcha, e para o palerma do amante. E têm um plano para Sevenwaters. Eu quase arruinei o primeiro. Mas a rapariga foi demasiado forte para mim. Esqueci-me dos Fomhóire. Nunca faças isso, Fainne. Tem cuidado com eles. Vais-lhes frustrar o segundo plano. Os Fair Folk querem recuperar as ilhas. Querem que tudo aconteça como na profecia. Até à última palavra. E está tudo pronto para quando se passar mais um ano. Foi o que ouvi dizer.

— Profecia? — A minha cabeça andava à roda, incapaz de perceber o horror, a grandeza e a loucura implícitas nas suas palavras.

— Ciarán não te disse nada? As Ilhas foram tomadas pelos Bretões há gerações atrás. Desde então, Sevenwaters tem estado em guerra com Northwoods. Enquanto as ilhas não voltarem para os Irlandeses, os Fair Folk e os humanos estarão sempre desorientados. Precisam delas. Os poderosos querem as Ilhas bem guardadas. Vigiadas. É a única maneira de se protegerem a si próprios do que vai acontecer. A profecia diz que virá um filho, que não será, nem da Bretanha, nem de Erin, mas das duas terras ao mesmo tempo. E há um disparate qualquer acerca da marca do corvo. Bem, finalmente, chegou esse filho, o líder há muito esperado, neto daquela Sorcha miserável. Já é um homem, está pronto para dar luta a Northwoods e tem uma força formidável por trás de si. Não falta muito. Não no próximo Verão, mas talvez no outro, é o que se diz. A tua missão consiste em impedi-los. É simples, na verdade. Tens que fazer com que eles não lutem, ou, se lutarem, que percam. Pensa nisto. Nós, os banidos, finalmente por cima dos Fair Folk. Gostaria de ver as expressões nos rostos deles quando isso acontecer.

Eu estava tão espantada que mal conseguia falar.

— Mas, como posso eu conseguir tal coisa? E por que é que o meu pai nunca me falou disso? É impossível uma rapariga deter um exército. Não tentarei semelhante tarefa. É ridículo.

— A quem é que estás a chamar ridículo? — A anciã fixou-me com os seus olhos cor de amora.

Senti a nuca a transformar-se em geléia, mas tentei manter-me firme.

— Não tentarei tal coisa sem a aprovação do meu pai disse eu. Não acredito que ele apóie semelhante idéia.

O olhar da minha avó tornou-se mais penetrante. A sua expressão alarmou-me. Senti um arrepio de frio na nuca.

— Ah — disse ela com uma voz suave que me atingiu como uma mão gelada. — Tu vais, Fainne. E farás exatamente o que eu te disser a partir de agora. Não quero ver os meus planos frustrados uma segunda vez.

— Não vou — disse eu a tremer. — Não abandono o meu pai. Não me interessa quão forte possa ser a sua magia. Não me pode obrigar.

A minha avó riu-se. Desta vez não era aquele riso parecido com campainhas, antes um riso abafado, áspero, de divertido triunfo.

— Oh, Faimne. És tão nova. Espera até começares a sentir o poder dentro de ti, espera até que os homens assassinem por ti, atraiçoem as suas mais fortes lealdades e se virem contra o que lhes é mais querido. Não há prazer igual. Espera até perceberes, bem o que tens dentro de ti. Porque podes ser a filha de Ciarán, teres em ti a influência da sua educação druídica e os seus excessos de consciência, mas também és minha neta. Nunca o esqueças. Terás sempre uma parte de mim, algures no teu espírito. Não o podes negar.

— Não me pode obrigar a fazer coisas más. Não me pode forçar a agir contra a vontade do meu pai. Pelo menos, tenho que lhe perguntar.

— Hás de perceber que posso, pequena. Isso mesmo. A partir deste momento, vais fazer o que te mandar. Prosseguirás a minha demanda até ao fim e conseguirás o triunfo que me foi negado. Se me desobedeceres, sofrerás as conseqüências Uma pequena dor de cabeça; um ataque de diarréia. Talvez umas verrugas, ou uma pequena erupção num lugar difícil. Eu não sou para brincadeiras, Fainne. Desobedece-me e não serás tu a ser castigada. Será o teu pai.

O meu coração bateu de terror.

— Não acredito! — murmurei. — Não era capaz! O seu próprio filho? Não acredito.

Mas era verdade. Via-o nos seus olhos. Ela fez um esgar, revelando os dentes aguçados, os dentes de um predador.

— O meu próprio filho, sim, e que grande desapontamento ele foi. Quanto à minha vontade, já tiveste uma demonstração. A doença do teu pai não é uma maleita que ele apanhou, ou o resultado dos nervos, ou da exaustão. É obra minha. Planeio isto há anos e tenho-vos vigiado a ambos. Talvez ele o tenha sentido; mas apanhei-o desprevenido e agora não consegue afastar-me. Por isso é que te manda embora para o que ele pensa ser um lugar seguro. Para os braços de Conor, o seu arquiinimigo. Irônico, não é?

— Mente! — retorqui, dividida entre o horror e a fúria. — O meu pai é muito rápido em contrafeitiços, nunca deixaria que isso acontecesse. Não há, no mundo, um feiticeiro mais forte do que ele. A minha voz era desafiadora, ao mesmo tempo que o meu coração tremia de pavor; tinha-nos preso numa armadilha, presos pelo amor que tínhamos um pelo outro. Ela era a mais forte; sempre fora.

— Não ouviste o que eu disse? — perguntou-me ela. — Ciarán podia ter sido o que disseste. Podia ter sido o mais poderoso de todos. Mas não quis saber. Deixou que a esperança o destruísse. Pode continuar a praticar magia, mas perdeu a vontade Foi uma presa fácil para mim. Precisarás de ter muito cuidado. Vou dar-te algumas instruções antes de partires. À mais ligeira desobediência, o teu pai é que sofre. Viste como ele está. Não são precisos muitos erros da tua parte para que piore; até não ter salvação. Por outro lado, faz as coisas bem e talvez ele melhore. Vê lá tu o poder que ponho nas tuas mãos.

— Não saberá. — A minha voz tremia. — Eu estarei em Sevenwaters e a avó disse que não conseguia ler a mente. Posso desobedecer-lhe e nunca saberá. — As suas sobrancelhas ergueram-se com desdém.

— Surpreendes-me, Fainne. Não dominas a arte das bolas de cristal, a arte dos espelhos? Saberei sempre.

Rodeei-me a mim própria com os braços, porque sentia um frio dentro de mim que permaneceria mesmo no dia mais quente de

Verão. O meu pai doente, sofrendo, a morrer; como poderia suportar uma tal coisa? Era, na verdade, uma crueldade. Uma crueldade inteligente.

— Suponho... suponho que não tenho escolha — murmurei. A minha avó acenou com a cabeça.

— Esperta. Não falta muito para que te divirtas, acredita. O fato de podermos ver desenrolar-se à nossa frente uma obra de destruição provoca um prazer inaudito. E tu vais poder fazer isso. No fim de contas, só precisas de te adaptar. Eu dou-te algumas idéias. O resto podes fazer por ti própria. É espantoso o poder que uma mulher pode ter se aprender a tornar-se irresistível. Eu mostro-te como identificar, numa multidão de cinqüenta, o alvo que será o teu homem; o único com poder e influência. Fiz isso, uma vez, e quase consegui tudo o que queria. Estive quase. Depois, aquela rapariga estragou tudo. Sentir-me-ei tão feliz como Ciarán quando vir, finalmente, aquela família falhar. Vê-la desintegrar-se e destruir-se a si própria.

A minha avó meteu uma mão num bolso escondido.

— Prossigamos. Vais precisar de toda a ajuda que puderes. Isto vai ser-te útil. Um pequeno amuleto. Uma coisa de nada, na verdade. Proteger-te-á de toda a espécie de influência. — Passou-me um cordão pelo pescoço. O símbolo pendurado nele parecia uma bugiganga sem valor; um pequeno triângulo de bronze trabalhado, cujo padrão era tão pequeno que mal se distinguiam as formas. No entanto, no momento em que o senti encostado ao coração, pareceu-me ver tudo mais claro; a minha ansiedade desvaneceu-se e comecei a compreender que talvez pudesse fazer, no fim de contas, o que a minha avó queria. Eu sabia que a magia era forte em mim. Talvez precisasse apenas de seguir as suas ordens, e tudo estaria bem. Fechei a mão em redor do amuleto; tinha um calor tépido que parecia fluir através de mim, reconfortante, tranqüilizador.

— Portanto, Fainne — disse a minha avó num tom quase amável — tens de manter esse amuleto escondido por baixo do

vestido. Usa-o sempre. Nunca o tires, compreendes? Ele proteger-te-á daqueles que tentarão frustrar o nosso plano. Ciarán diria que os poderes da mente são suficientes. Isso vem-lhe da disciplina druídica, mas, que sabem eles? Eu vivi no meio deles e posso dizer-te que precisarás de toda a proteção que puderes conseguir.

O que ela dizia parecia prático.

— Sim, avó — disse eu segurando o amuleto de bronze.

— Fortalecerá a tua resolução — disse a minha avó. — Evitará que fujas quando as coisas começarem a ficar difíceis.

— Sim, avó.

— Agora, diz-me. Há alguém de quem não gostes, aqui neste teu cantinho? Detestas alguém?

Tinha de pensar bem naquilo. O meu círculo era algo limitado, especialmente ultimamente. Mas havia uma imagem que não me saía da cabeça: aquela rapariga de pele tostada pelo sol e de sorriso muito branco, envolvendo os ombros de Darragh com um xale.

— Uma rapariga — disse eu com precaução, pensando que fazia uma idéia do que se ia seguir. — Uma rapariga pescadora, lá em baixo na enseada. Não gosto muito dela.

— Muito bem. — A minha avó estava a olhar intensamente para os meus olhos. — Sabes como transformar um sapo num pássaro e uma barata num caranguejo. Que gostarias de fazer a essa rapariga?

— Eu..

— Escrúpulos, Fainne? — O seu tom tornou-se mais penetrante.

— Não, avó. Não tinha dúvidas de que me dissera a verdade e tinha de fazer o que ela me pedia. Se falhasse, o meu pai pagaria as favas. No entanto, não significava que a transformação fosse para

sempre. Nem sequer tinha de durar muito tempo. Podia obedecer-lhe e, no entanto, fazer as coisas à minha maneira.

— Ótimo. Ainda bem que o tempo está bom, não achas? Podes ir dar um passeio esta tarde, para esticar as pernas. Leva contigo esse corvo que ainda anda por aí. Poderás fazê-lo, então. Tens de a apanhar sozinha.

— Sim, avó.

— Concentra-te. Lembra-te que o que vais fazer não passa de um ligeiro ajustamento. Sem importância nenhuma no esquema das coisas.

Programei a ocasião para quando os barcos ainda estivessem no mar e as mulheres em casa. Se fosse vista, dois e dois seriam quatro. Faltava-me a capacidade de me tornar invisível, porque, como a minha avó me dissera, tínhamos sido despojadas dos grandes poderes. Porém, eu era capaz de deslizar das rochas para os arbustos batidos pelo vento e para a parede de rocha sem chamar a atenção, curvada ou não, e pareceu-me que Fiacha sabia exatamente o que eu estava a fazer, porque se comportava exatamente como outro corvo qualquer que estivesse na aldeia naquele dia. Passou a maior parte do tempo empoleirado a olhar para mim.

A rapariga estava no exterior da casa a lavar roupa numa tina. Os seus brilhantes cabelos castanhos caíam-lhe para o rosto e parecia mais vulgar do que eu me lembrava. Duas crianças pequenas brincavam na erva, perto. Observei-a durante um bocado, escondida na sombra de um anexo. Mas não a observei durante muito tempo; não me podia permitir pensar muito. A rapariga olhou para cima e disse algo às crianças, uma delas desatou a rir e a rapariga sorriu, mostrando os dentes brancos.

Movi a minha mão, disse o feitiço na minha cabeça, em silêncio e um instante mais tarde um grande bacalhau saltava e arquejava no carreiro de terra e a rapariga de pele morena desaparecera. As duas crianças, aparentemente, não se aperceberam, absorvidas nas suas brincadeiras. Olhei para o peixe, contorcendo-se e saltando,

desesperado, Deixa-la-ia assim o tempo suficiente para mostrar que era forte; o suficiente para provar à minha avó que conseguia fazer aquilo. Depois, apontaria o dedo e diria o feitiço que faria o contrário. Talvez agora. Comecei a concentrar-me e a juntar as palavras. Mas antes de conseguir sussurrá-las, uma mulher saiu a correr da casa com uma faca na mão e as sobrancelhas franzidas. Era uma mulher grande e parou no carreiro mesmo à minha frente. E enquanto não pudesse ver a criatura que tinha transformado, não podia fazer o contrafeitiço.

Sai daí, disse-lhe eu mentalmente. *Sai daí, depressa.*

— Brid! — chamou ela. — Onde estás, rapariga?

Afasta-te. Por favor.

— Para onde foi a vossa irmã? — A mulher parecia estar a falar com as duas crianças, não esperando qualquer resposta. — E o que é que isto está aqui a fazer?

Perante o meu olhar horrorizado, ela inclinou-se e apanhou algo do chão. Se ao menos ela se virasse um pouco, tudo o que eu precisava era de um vislumbre de uma cauda prateada, um olho, ou uma boca aberta, e poderia transformar de novo a criatura na rapariga. Fa-lo-ia, mesmo que toda a gente ficasse a saber a verdade. Se não o fizesse, seria uma assassina.

— Quem é que esteve aqui? — perguntou a mulher às crianças. — Brincadeiras de miúdos? A vossa irmã vai ouvir-me quando regressar, que não haja dúvidas. Deixá-los aos dois sozinhos com uma tina cheia de água é pedir sarilhos. Mas isto vai para a panela com umas couves. — Ela fez um movimento rápido com a mão, a que segurava a faca e então, só então, ela se virou um pouco e eu vi o peixe pendurado no seu punho, transformado num pedaço de comida para toda a família. Não podia fazer nada. Era demasiado tarde. Nem sequer o mais poderoso dos feiticeiros tem o poder da vida. Um terror gelado percorreu-me o corpo. Não era só o fato de eu ter feito uma coisa imperdoável. Era muito pior. Não acabara de provar que a minha avó tinha razão? O meu sangue era o sangue de uma descendência maldita, uma linhagem de

feiticeiros e proscritos. Parecia que não podia lutar contra essa maldição, que se manifestaria quando lhe apetecesse. Os meus passos não se encaminhavam inevitavelmente para o caminho das trevas? Virei-me e fugi em silêncio. A mulher nunca me viu. Mais tarde soubemos do desaparecimento da rapariga. Fora feita uma busca; procuraram por toda a parte. Mas ninguém mencionou o peixe morto e as crianças eram demasiado pequenas para dizer fosse o que fosse. Nunca encontraram a rapariga. As pessoas esperavam que ela tivesse fugido com um namorado qualquer e que tivesse ido morar para outra terra qualquer. No entanto, era estranho; sempre fora uma boa rapariga.

Depois disso, tornou-se cada vez mais difícil adormecer. Riona ficou na arca.

Conseguia imaginar os seus pequenos olhos a olharem para mim na escuridão, dizendo-me a verdade sem uma palavra sequer. Não queria ouvir o que ela teria para dizer. Não queria pensar em nada de especial. Conhecia uma data de jogos mentais, truques, que o meu pai me ensinara para aumentar a concentração, uma estratégia para deixar de fora o que não se queria. Mas, agora, nenhum deles parecia funcionar.

A voz da minha avó a dizer: *Escrúpulos, Fainne?* Darragh olhando para mim, vendo-me acender a fogueira com um dedo. Darragh franzindo o sobrolho. *Tu és um perigo para ti própria.* E a imagem de uma rapariga de cabelos ruivos chorando, chorando, num delírio de desgosto, os olhos fechados, as mãos apertando a cabeça, o nariz a escorrer, a voz rouca de tanto chorar. Acima de tudo, queria-a a ela fora da minha cabeça. Não suportava testemunhar tanta angústia. Fazia-me querer gritar. Fazia-me querer chorar, sentia as lágrimas a aproximarem-se dos olhos. Mas a nossa espécie não chora. *Pára, pára,* disse eu, tentando afastá-la. Então, ela virou para mim o rosto trágico e inchado, e era eu.

Após um Inverno interminável e uma Primavera fria, chegou o Verão e os nômades regressaram à enseada. Fiz quinze anos. Não subi ao monte para ver as longas sombras que marcavam o dia da chegada de Darragh, apesar de o poder fazer à vontade, sem as

restrições do meu pai. Mas ouvi a voz doce e triste da gaita-de-foles penetrando na suave quietude do crepúsculo e soube que ele estava lá. Uma parte de mim desejava escapar, subir até ao local secreto para me sentar junto do meu amigo e olhar para o mar, conversar ou não conversar, conforme nos apetecesse. Mas, desta vez, era fácil encontrar razões para não ir. Não queria pensar em muitas delas, mas elas estavam lá, escondidas algures, dentro de mim. Aquela rapariga e o que eu fizera. Não fazia diferença o fato de a minha avó me ter obrigado; não fazia diferença o fato de eu só ter querido assustá-la, de eu ter querido transformá-la a tempo. Fora eu que o fizera e isso fazia de mim uma assassina. Sabia que o que fizera fora um abuso da magia. No entanto, tudo o que tinha, tudo o que era, devia-o ao meu pai. Para o salvar, tinha de estar preparada para o impensável. Mostrara a mim mesma que era suficientemente forte. Mas não queria que ninguém me falasse nisso. Especialmente Darragh. E havia outra razão, ainda mais convincente: algo que a minha avó disse, um dia.

— Ainda falta o passo seguinte — disse-me ela. — Portaste-te bem. Fizeste mais do que eu esperava em termos de resultado final. Mas, é fácil quando odiamos; muito fácil quando não nos importamos. Pode ser que tenhas de fazer mais do que isto. Diz-me, Fainne, tens algum amigo especial? Alguém de quem gostes muito?

Pensei rapidamente e abençoei a falta de capacidade da minha avó para ler a mente.

— Não, ninguém — disse eu calmamente. — Exceto o pai, claro. — A minha avó fez uma careta.

— Tens a certeza? Não tens amigas? Não tens um namorado? Não, suponho que não. É pena. Precisas de praticar.

— Porquê? Que quer dizer?

Ela suspirou.

— Diz-me, quais são as coisas mais importantes para ti?

Construí a minha resposta com cuidado

— A tarefa que me está destinada. Essa é a mais importante.

— Hum. Parece fácil, não parece? Vais para Sevenwaters, insinuas-te na família, fazes a tua magia e a tarefa está feita. Mas, e se te tornares amiga de alguém? E se gostares deles? Pode não ser assim tão fácil, nesse caso. É então que começa o verdadeiro teste de força. Aquela gente está muito próxima dos Túatha Dê, Fainne, não magoarás um sem magoares outro.

— Gostar deles? — O meu espanto era genuíno. — Tornar-me amiga da família que destruiu a minha mãe e destruiu os sonhos do meu pai? Como poderia eu?

— Ficarias surpreendida. — O tom da minha avó era secamente divertido. — Eles não são monstros só porque fizeram o que fizeram. E tu conheceste aqui poucas pessoas, fechada neste fim do mundo com Ciarán. Ele não te fez favor nenhum ao trazer-te para Kerry, pequena. Terás de ser muito prudente. Terás de te lembrar quem és e porque estás lá, a cada momento do dia. Não te podes dar ao luxo de baixar a guarda, nem por um instante. Há pessoas perigosas em Sevenwaters.

— Como é que eu hei de saber quem...?

— Alguns são de confiança. Outros não fazem mal nenhum. E outros têm o poder de te deter, se te abrires. Foi o que me aconteceu. Trata de que isso não te aconteça a ti, porque esta é a tua última oportunidade. Terás de ter cuidado com o da asa de cisne.

— O quê? — Não tinha ouvido bem, certamente.

— O perigo é ele. Ele é que pode passar para o outro lado e regressar quando muito bem lhe apetece. Tem cuidado com ele.

Fiquei ansiosa por saber o que ela queria dizer. Mas, por mais que tentasse, nessa tarde não me disse mais nada. Na verdade, ficou, subitamente, mal disposta e começou a castigar-me com picadelas que pareciam de vespa, por cada pequeno erro no treino de feitiços alternativos. Tive de fazer um grande esforço para me

concentrar; demasiado grande para poder fazer perguntas estranhas.

Nesse Verão soube o que era a dor. Os truques anteriores da minha avó não eram nada comparados com os castigos que me infligia quando me achava provocadora ou teimosa, ou quando me apanhava a sonhar em vez de me aplicar na tarefa em mãos.

Provocava-me dores de cabeça que mais pareciam as garras de um dragão, uma agonia que me desfazia as entranhas e me tirava qualquer vontade que eu ainda pudesse ter. Era capaz de me espetar milhares de agulhas na barriga e de me irritar a pele, fazendo-a arder e supurar e fazendo-me quase gritar por misericórdia. E quase gritei. Ela sabia que eu era jovem e parava antes de a tortura se tornar insuportável.

Nunca me disse o que pensava da minha força de vontade. Eu suportava o que ela me fazia, já que não tinha escolha. O meu pai não devia saber que ela me tratava assim, ou não me teria deixado à sua mercê. Eu aprendia e tinha medo.

Uma noite mostrou-me uma visão que me aterrorizou ainda mais.

— Para o caso — disse ela — de pensares em mudar de idéias quando te fores embora. Para apagar esse último lampejo de desafio dos teus olhos, Fainne. Se calhar, pensas que te menti; que isto é tudo uma grande fantasia. Olha para as brasas, onde as chamas estão mais vermelhas. Respira devagar e esquece-te de tudo o que aprendeste. Olha bem e diz-me o que vês.

Mas não foi preciso dizer fosse o que fosse. Ela deve ter lido no meu rosto o horror que senti quando olhei para o fogo e vi uma imagem do meu pai, as suas duras feições contraídas, o seu corpo torcido de dor, o peito torturado por uma tosse que parecia parti-lo em dois. O sangue saía-lhe da boca, as mãos agarravam desesperadamente o ar e os seus olhos escuros pareciam os de um louco. Todo o meu corpo ficou gelado. Ouvi-me a mim própria murmurar: *Oh não, oh não.* Ter-lhe-ia suplicado se tivesse força para encontrar as palavras.

— Oh sim — disse a minha avó enquanto a visão se extinguia e eu me deixava cair em cima do tapete junto da lareira. — A mim não me interessa se se trata do meu filho ou de um estranho, Fainne. Tudo o que me interessa é a tarefa em mãos.

— O m... meu pai. Gaguejei. Ele está?...

— Tu viste o futuro, não o presente. Um futuro possível. Se quiseres uma imagem diferente, terás de me obedecer, fazendo o que te digo. Desafia-me e ele morre, lentamente. Faz o que eu te digo e mantém a boca calada. Espero que acredites no que te estou a dizer, pequena. Serias muito tola se não o fizesses. Acreditas em mim, Fainne?

— Sim, avó — murmurei.

Os dias quentes iam passando e as vozes das crianças subiam com a brisa de Verão até às câmaras mais profundas do Favo de Mel. Os barcos saíam da enseada de madrugada e regressavam ao anoitecer, carregados com a sua carga reluzente. As mulheres remendavam redes no pontão, enquanto os rapazes exercitavam os cavalos ao longo da praia, pisando as algas. Eu permanecia acordada, noite após noite, ouvindo o distante lamento da gaita-de-foles. Apesar de Fiacha ir e vir, não havia sinal do meu pai e eu começava a recear que nunca mais o veria, o que me magoava terrivelmente; no entanto, não queria que ele visse o que se aproximava e testemunhasse o mau uso que eu estava a fazer da magia, por isso, de certo modo, a sua ausência era um alívio. Esperava que ele nunca soubesse a verdade, que ao enviar-me para Sevenwaters sacrificava a sua única filha numa demanda imprudente e impossível, pagando com a sua vida o falhanço mais que provável. Quanto à minha avó, eu não passava, para ela, de uma ferramenta bem afinada, uma ferramenta planeada ao longo dos anos, que ia agora ser usada num propósito tão grande que eu mal conseguia compreender.

O Verão estava a terminar. A minha avó fizera alguns preparativos. A minha pequena arca tinha agora dois vestidos de melhor qualidade do que os meus habituais trajes e aventais de

trabalho. Tinha um par de sapatos novos para além das minhas botas de marcha habituais. Tinham sido feitos especialmente por um homem, resmungando para si próprio enquanto tirava as medidas ao meu pé deficiente.

Aquilo era um sofrimento. Poupar-lhe-ia, de boa vontade, o trabalho; mas eu precisava dos sapatos.

Não perguntara à minha avó como viajaria para Sevenwaters. Era uma grande jornada, sabia-o, porque Darragh me dissera; quase nos confins de Erin. Mas não sabia quantas luas demoraria. Talvez a minha avó fizesse um feitiço de transporte e me mandasse para o Norte num instante com a minha bagagem. No fim, não foi preciso perguntar, porque, um dia, a minha avó anunciou, simplesmente, que chegara a hora da partida.

— Farás a viagem para Norte na carroça de Dan Walker — disse ela inspecionando a correia que atava a minha arca. — Muito prático, se não mesmo distinto.

— Prático? — perguntei, consternada. — Que tem uma viagem assim de prático?

— Levantarás menos suspeitas se apareceres com os nômades — disse ela secamente — em vez de apareceres subitamente no salão do teu tio por entre um chuveiro de faíscas. Assim, ninguém reparará em ti. O que é mais uma rapariga no meio de tantas outras? Não estás nervosa, pois não? Certamente que te ensinei bem. Usa o Encantamento, se precisares. Sê o que te apetecer, pequena. Esta gente não passa de um bando de latoeiros, Fainne. Não são nada.

— Sim, avó.

As suas palavras não eliminaram o nervoso que me enovelava o estômago. Sabia que tinha de ser forte. A missão que ia cumprir para a minha avó, a sua terrível vingança contra os que tinham desprezado a nossa espécie, tinha de ser levada a cabo com a maior das perseveranças. A vida do meu pai estava nas minhas mãos.

Não podia falhar. Não falharia. Porém, ainda só tinha quinze anos, torturada pela timidez e de modo nenhum habituada ao mundo exterior. Era isso, suponho, que fazia de mim uma arma tão subtil. Devia parecer tão inócua como um pequeno animal selvagem, que foge ao menor sinal de perigo.

Despedi-me da minha avó. Se ainda tinha dúvidas, guardou-as para si própria.

— Apetecia-me ir contigo — suspirou ela e, por um instante, vislumbrei aquela outra transformação de que ela gostava tanto, uma criatura sedutora, curvilínea, de cabelos ruivos e pele cor de pérola. — Ainda deve haver belos homens por aquelas bandas, se bem que não devam ser nenhum Colum. Ainda sou capaz de lançar a minha rede, não tenhas dúvidas. — E então, abruptamente, voltou a ser ela própria. — Mas sei que não daria resultado. Eles reconhecer-me-iam, com Encantamento ou sem ele. O druida reconhecer-me-ia. Assim como o outro. Chegou a tua vez, pequena. Lembra-te do que te ensinei. Lembra-te do que te disse. Lembra-te de tudo, Fainne.

— Sim, avó.

Saímos do Favo de Mel e aproximamo-nos do ponto em que o carreiro descia até à praia e até à parte ocidental da enseada, onde Dan Walker e os seus estariam a fazer os preparativos para a partida. E ali, com a sua capa escura e rosto cor de cinza, estava o meu pai, olhando silenciosamente para o mar. O meu coração saltou.

— Sou capaz de ir contigo até lá abaixo — disse a minha avó. — Para me despedir de ti.

Não é fácil lançar um feitiço sobre um praticante da arte. Temos de ser rápidos, ou encontraremos uma barreira, ou um contrafeitiço, e os nossos esforços perder-se-ão por completo. Mas fomos excepcionalmente rápidos. Num instante, sem sequer olharmos um para o outro, o meu pai e eu lançamos uma rede que imobilizou por completo a minha avó, deixando-a pregada na rocha, a boca ligeiramente aberta e os olhos gelados de contrariedade.

— Ela vai ficar zangada — observei para o meu pai enquanto descíamos o carreiro, ele carregando a minha pequena arca ao ombro e eu uma trouxa de roupa de cama para a jornada. Fiacha voava por cima das nossas cabeças.

— Eu, depois, falo com ela — disse o meu pai calmamente. Eu olhei para ele e pensei detectar uma sombra de divertimento nos seus olhos. Mas estava magro, tão magro, e parecia mais velho do que no último Outono, as faces cavadas, a boca severa entre novas rugas de dor. — Fainne, não temos muito tempo. Estás bem? Foram tempos difíceis para ti, tempos de grandes mudanças. Custou-me muito deixar-te assim; mas foi necessário. Estás pronta para esta viagem, filha?

Caminhei com cuidado pelo carreiro estreito. Tinha estado a chover e o piso estava escorregadio. As perguntas atropelavam-se na minha cabeça. Como é possível deixar que a própria mãe lhe faça tal coisa, e Por que é que ele não me disse a verdade? E, acima de tudo Voltarei a vê-lo? Não podia fazer-lhe nenhuma delas, porque a minha avó saberia e seria o meu pai a pagar por isso. Desejei lançar-lhe os braços ao pescoço, dizer-lhe toda a verdade e ser de novo uma criança num mundo onde as regras faziam sentido. Mas não lhe podia dizer nada.

— Sim, estou pronta — disse eu, sentindo uma sensação estranha por trás dos meus olhos, como se fosse chorar a qualquer momento.

— Tens a certeza?

— Tenho, pai.

E assim caminhamos em silêncio e, se bem que caminhássemos lentamente, como se não quiséssemos chegar ao fim, depressa chegamos ao trilho que contornava a praia e junto de Dan, de Peg e do grupo vestido de cores alegres.

— Pai — disse eu abruptamente.

— Sim, Fainne?

— Eu quero dizer-lhe... quero agradecer-lhe por ter sido um professor tão bom. Agradecer-lhe pela sua sabedoria e paciência... e... e por me ter deixado descobrir as coisas por mim própria. Por ter confiado em mim.

Por um momento, ele não disse nada. Quando falou, a sua voz estava um pouco insegura.

— Fainne, tenho uma certa dificuldade em dizer-te isto.

— O quê, pai?

— Eu... tu não precisas de ir, se não quiseres. Se, no teu coração, sentes que não deves ir, ainda estás a tempo.

— Não ir? — O meu coração bateu com força. Agora, que era demasiado tarde, ele dizia-me para ficar e eu estava proibida de dizer sim. Tossi para clarear a garganta.

— Quando chegamos a este ponto, não fazer isto por si? Não devo à minha mãe ir para Sevenwaters e ser o que ela desejaria que eu fosse? Certamente que devo ir. — E, oh, como desejava dizer-lhe que daria tudo para ficar com ele em Kerry e para que as coisas fossem como antigamente. Mas ele era meu pai e, para seu próprio bem, tinha de arranjar coragem para o deixar.

— Gostaria... gostaria que compreendesses que, no fim, o que acontecer será determinado por ti. E... Fainne, isto que vai acontecer pode muito bem estar para além do que nós, alguma vez, imaginamos. É tão importante que, não me atrevo a pô-lo em palavras. Nós somos o que... somos por nascimento e pela herança do sangue. Não podemos nada contra isso. Não podemos quebrar os laços da nossa espécie. Mas sempre pudemos praticar a arte, de uma maneira ou de outra, ou pormo-nos de parte. Tu tens essa escolha, filha.

Olhei para ele.

— Não praticar a arte? Mas... há mais alguma coisa?

O meu pai não respondeu, limitando-se a acenar levemente com a cabeça. A sua expressão permaneceu impassível. Sempre

fora um mestre na arte do controlo.

Recomeçamos a caminhar, o nosso último passeio na enseada, com a espuma das ondas a envolver o Honeycomb nas nossas costas, o grito longínquo das gaivotas por cima das nossas cabeças e, na nossa frente, Dan Walker avançando na nossa direção, uma mão estendida em saudação e um sorriso no rosto escuro, barbudo.

— Então, Ciarán? Pelo que vejo, trouxeste a rapariga. Dá a tua trouxa ao Darragh, pequena, para te instalarmos na carroça. Estás pronta?

Eu acenei com a cabeça nervosamente, olhando para o grupo. Nem sequer olhei para Darragh quando ele se aproximou e me tirou a trouxa das mãos. A arca de madeira foi atirada sem cerimônia para uma das carroças e eu vi-me içada para outra, sentada junto de Molly, a amiga de Peg e de várias rapariguitas de vozes muito altas. O meu pai ficou em baixo e eu achei-o ainda mais pálido, se possível.

— Eu tomo conta dela, Ciarán — disse Dan enquanto subia para a primeira carroça e segurava nas rédeas. — Ela, conosco, está segura.

O meu pai acenou com a cabeça. Na retaguarda, os rapazes juntavam a manada de cavalos, assobiando agudamente. Os cães ajudavam com os seus latidos excitados.

Fiacha retirou para um ponto no alto de uma árvore morta e as gaivotas fugiram espavoridas.

— Bem — disse o meu pai calmamente. — Adeus, filha. Pode ser que passe muito tempo antes de nos vermos de novo.

Agora que a despedida final se aproximava, eu mal conseguia falar. A tarefa à minha frente era tão intimidante que eu mal conseguia imaginá-la. Mudar o curso de uma batalha. Derrotar os Fair Folk num jogo que eles jogavam a mais anos do que grãos de areia havia na praia branca da enseada. O que vai acontecer... Tinha de levar a cabo a tarefa que a minha avó começara, tinha de

fazê-lo custasse o que custasse, para lhe pagar os anos de paciência e conhecimento sem preço.

— Adeus, pai — sussurrei e então Peg gritou aos cavalos, agitou as rédeas e partimos.

Olhei para trás, por cima do ombro, para a figura do meu pai cada vez mais pequena.

Lembro-me das cores. A cor ruiva do seu cabelo. A cor cinzenta do seu rosto. A longa capa escura, uma capa de feiticeiro. Por trás dele, o mar ia e vinha, ia e vinha e o céu cheio de nuvens escuras, púrpuras, violetas, sombrias e misteriosas, como se fosse o esconderijo de uma grande criatura do oceano. O vento começou a agitar os arbustos que bordejavam o trilho e as rapariguitas aproximaram-se umas das outras por baixo dos seus cobertores, rindo e sussurrando umas para as outras.

— Isso passa — disse Peg para ninguém em particular.

— Tudo bem, miúda? — perguntou Molly, acanhada. Eu acenei com a cabeça, hirta, e estremeci quando a carroça passou por cima de uma pedra. Então, passamos uma curva e o meu pai desapareceu.

CAPÍTULO TRÊS

Não era tempo de olhar para atrás e, assim, cerrei os dentes e continuei o melhor que consegui. O pior era o barulho constante: os relinchos, os latidos, o ranger das rodas das carroças e as pessoas falando todas ao mesmo tempo, como um bando de gansos.

Desejei lançar um feitiço de silêncio. Senti-me tentada a tapar os ouvidos com as mãos. Com um esforço, não fiz, nem uma coisa, nem outra.

Fizemos uma paragem bastante cedo, a propósito, para que Dan falasse com um homem acerca de um cavalo. As carroças foram colocadas ao abrigo, sob grandes ulmeiros e as mulheres fizeram uma pequena fogueira, onde puseram uma chaleira a aquecer para o chá. Mas os cavalos ficaram arreados e beberam água de um balde.

Em breve regressaríamos de novo à estrada.

O barulho continuava. As crianças corriam, riam, gritavam e molhavam-se no ribeiro que passava perto. Peg assobiava; Molly resmungava para si própria. As raparigas mais velhas conversavam acerca da feira de cavalos e qual dos rapazes, que tinham conhecido no ano anterior, estaria lá. Os rapazes gracejavam enquanto se moviam por entre os animais com os seus baldes de água.

Sentei-me à sombra das árvores e imaginei a quietude sombria do Favo de Mel, onde se podia passar um dia inteiro sem se ouvir uma única palavra; onde os únicos sons eram o sussurro dos pés calçados de sandálias e o rugir distante do oceano.

— Vem comigo.

A voz de Darragh interrompeu os meus pensamentos e a sua mão agarrou na minha, pondo-me de pé antes de eu ter hipótese de dizer sim ou não.

— Tenho uma coisa para te mostrar. Anda.

E, tirando-me da sombra das árvores de modo mais rápido do que seria confortável, puxou-me pelo monte relvado acima até um ponto coroado com um pequeno dólman. Já tínhamos percorrido uma grande distância, desde a costa; a jornada fora dura para os cavalos e as pessoas tinham, por vezes, descido dos veículos e caminhado ao lado. Peg dissera-me para ficar onde estava e eu não discutira com ela. Talvez pensassem que eu não conseguiria devido ao meu pé. Darragh não fazia tais concessões.

— Ora bem — disse ele. — Olha para além. É a tua última vista da costa de Kerry. Vais querer recordá-la. Em Sevenwaters não há mar, apenas árvores, montes de árvores.

Estava muito longe; tão longe. Não se viam as vagas nem se ouvia o seu som, ou o das aves marinhas brigando na praia enquanto os pescadores descarregavam os barcos. Apenas o brilho do Sol na água distante; apenas o céu cor de pérola e a terra que se estendia, dividida em verde, cinzento e castanho, aqui e ali com grandes pedras e amontoados de árvores batidas pelo vento.

— Olha até mais longe. Para lá daquele promontório. Diz-me o que vês. — Darragh pôs-me uma mão no ombro, virando-me ligeiramente, e com a outra apontou para o que parecia uma extensão de oceano aparentemente vazia. — Olha com cuidado.

Via-se uma ilha: um minúsculo triângulo de rocha ao longe, nas águas inóspitas. Se semicerrasse os olhos, conseguia detectar a espuma que as vagas faziam ao esmagarem-se na sua base. A seu lado estava outra ilha. Mesmo pelos meus padrões, era um local desolado.

— Não se vêem da nossa enseada — disse Darragh. — Rochas Skellig, é como lhes chamam. Vive lá gente.

— Vive lá gente? Como é possível?

— Eremitas cristãos. Homens santos. É suposto ser bom para a alma, dizem. Os Noruegueses foram lá uma vez, mataram a

maioria dos irmãos e destruíram o pouco que eles tinham. Mas os eremitas regressaram. Deve ser uma vida bem estranha. Imagina.

— Pelo menos é tranqüilo — disse eu irritada ainda a olhar para os pequenos pontos no oceano e pensando naquela escolha bem estranha.

— Não achas de mais? — Eu não disse nada.

— Não estás habituada às pessoas, mais nada. Hás de habituar-te à medida que formos avançando. Não precisas de ter medo de nós.

— Medo? — irritei-me. — Por que teria eu medo? — Darragh pensou por um momento.

— Porque estás habituada à tranqüilidade, sozinha com o teu pai, sozinhos e calados todo o dia! Porque não gostas que olhem para ti!

A angústia instalou-se em mim como uma pequena e pessoal nuvem cinzenta. Olhei para o mar em silêncio.

— É verdade, não é? — disse Darragh.

— Talvez.

— Talvez preferisses ser um eremita a viver numa rocha no mar, comendo algas e mexilhão? Não terias de aturar uma única alma, a não ser tu própria.

— O que é que isso quer dizer? — repliquei eu.

— Exatamente o que eu disse.

— Não há nada de errado numa vida desse gênero — disse eu. — Pelo menos é... segura.

— Essa tem piada. E as falésias? E os Noruegueses? E passar fome o Inverno todo? Ou apontavas o teu dedinho e transformavas um dos irmãos num belo e gordo bacalhau?

Fiquei gelada, incapaz de olhar para ele. Seguiu-se um silêncio difícil.

— Fainne? — perguntou ele. — O que é que se passa?

E eu soube que as suas palavras tinham sido inocentes, uma piada, e que fora a minha mente que se enchera de medo.

— Nada.

— Preocupo-me contigo. Houve mais alguém este Verão, não houve?

— A minha avó. Veio visitar-me.

— Hum. E foi por isso que não pudeste sair?

— Mais ou menos.

— Só isso? — Ele franzira as sobrancelhas.

— Eu... eu já não posso fazer as coisas normais. Não posso ter... amigos. Não posso permitir que se intrometam no que faço. É difícil explicar. Já é suficientemente mau ir na carroça, misturada com as pessoas, ter de falar e ouvir e... já não posso fazer essas coisas. Eu... não posso deixar que se aproximem de mim.

Darragh não respondeu. Olhei para o chão, sabendo que ele estava a olhar para mim e não querendo ver a expressão daqueles olhos castanhos demasiadamente honestos.

— Lamento — sussurrei.

— Também eu — disse ele lentamente. — Parece-me esquisito. Pode ser que sejas muito fina para gente como nós. Mas no sítio para onde vais há pessoas da tua espécie. Família. Vai ser bom para ti, Fainne. Eles hão de gostar de ti. As pessoas não são assim tão más depois de as conhecermos. E devemos ter família e amigos à nossa volta. Não compreendo como podes passar sem isso.

Aconcheguei o xale em redor dos ombros.

— Não, suponho que não compreendes — disse eu. — Mas a nossa espécie não tem amigos.

Então, viramos-nos, começamos a descer o monte, ele segurou-me na mão nos pontos mais difíceis e nenhum de nós disse uma palavra até estarmos sob os ulmeiros e ouvirmos Molly a rir de uma piada qualquer de Peg.

— Mas tens, sabes? — disse Darragh suavemente. — Por vezes, os amigos aparecem sem que tu os tenhas procurado. E depois de os teres não é fácil livrares-te deles.

— Eu vou para longe — disse eu.

— Eu sou um viajante, lembras-te? — disse Darragh. — Sempre em movimento.

A jornada era longa. Aprendi a isolar-me do barulho repetindo na minha cabeça, vezes sem conta, as perguntas e respostas que o meu pai e eu fizemos durante os longos anos da minha infância.

Quem foram os primeiros na terra de Erin?

Os Anciãos. Os Fomhóire.

E depois?

E assim por diante enquanto as carroças rolavam sob uma suave chuva de Outono e uma brisa viva vinda de oeste e, por vezes, sob uma grande abóbada de estrelas.

De onde vieste?

Do Caldeirão do Desconhecido.

Qual é o teu destino?

O conhecimento. A sabedoria. A compreensão de todas as coisas.

O conhecimento era tudo o que me fazia prosseguir. O conhecimento significava controlo e sentido no meio das crianças barulhentas, das mulheres palradoras e da companhia constante, mais companhia do que alguma vez teria em toda a minha vida.

Peg era suficientemente amável apesar das suas maneiras rudes. Nunca me pedia que a ajudasse a esfolar os coelhos, que

fosse buscar água ou que lavasse a roupa das crianças. Tentava arranjar-me sempre um canto sossegado para o meu cobertor depois de me ver uma vez afastar-me das outras raparigas e puxá-lo por cima das orelhas. Quando parávamos apenas por uma noite, dormíamos nas carroças com uma espécie de toldo por cima. Os rapazes dormiam sob as árvores, ao lado dos cavalos.

Havia sempre um certo cheiro, com toda aquela gente, e nunca havia um verdadeiro silêncio. Eu ficava muitas vezes acordada a olhar para o céu, pensando no regresso do meu pai a casa e escutando os pequenos sons noturnos à minha volta, os cavalos bufando, os suspiros das crianças mudando de posição no sono e os roncos dos mais velhos, cansados de um dia de marcha. De madrugada estariam prontos, de novo, para partir, depois de arrumarem tudo com uma rapidez incrível. A mim, parecia-me que cobríamos uma grande distância apesar das muitas paragens para vender cestos, comprar um cavalo ou simplesmente visitar velhos amigos. Acabei por perder a conta aos dias. Uma vez, quando chegamos a um vale desolado com o que parecia serem uns pequenos lagos no fundo, consegui que Darragh parasse por um momento quando ele se aproximou das traseiras da carroça onde eu ia sentada.

— Já estamos perto? — perguntei-lhe em voz baixa, para que mais ninguém ouvisse.

— Perto de quê? — perguntou Darragh.

— De Sevenwaters — sussurrei.

Darragh mostrou aquele sorriso torcido e abanou a cabeça.

— Ainda estamos a meio caminho — disse ele. — Ainda falta muito, para norte e para leste, antes de atingirmos a floresta. É muito diferente disto aqui. Mas vais poder descansar em breve e divertires-te um bocado.

— Divertir? — Franzi as sobrancelhas, amargamente desapontada por ainda nos faltar muito e furiosa comigo mesma por ter perguntado.

— Exatamente. Os melhores dias do ano. Lá em baixo, onde o vale se abre, pararemos por uns dias. Para dar descanso aos cavalos. Montaremos um acampamento como deve ser. Não muito longe dali está a Cruz. É onde se realiza a melhor feira de cavalos desta terra. Jogos, corridas, música, muita comida e bebida e mais gente do que noutro lado qualquer. Vais conhecer muita gente. — Ele estava a olhar para mim de muito perto. — Não fiques tão ansiosa, Fainne. Eu tomo conta de ti.

Paramos junto de um lago e os homens percorreram uma certa distância ao longo da margem, até os perdermos de vista. O dia não estava muito frio, apesar de o Outono já ir avançado. Não que fosse muito difícil meter as crianças na água. A dificuldade estava em lavá-las. Observei enquanto as mulheres e as raparigas mais velhas despiam e esfregavam os pequenitos, enquanto estes gritavam, protestavam e se esparrinhavam na água. O banho deu lugar a uma espécie de luta aquática; Peg, Molly e as outras raparigas tiraram as roupas sem uma palavra, sequer, de aviso e começaram a lavar-se com um pedaço de sabão comum e uma série de comentários obscenos. Olhei para longe, sentindo uma mistura de embaraço e inveja. Aquilo parecia extremamente fácil para elas. Eu não gostava da água. Em casa, nunca nadara no mar. Os meus banhos eram tomados numa pequena tina junto da lareira e era eu própria que ia buscar a água e a aquecia. Sempre fizera as minhas abluções na maior das privacidades. Até a minha avó respeitara isso. Sabia que estava suja, que cheirava mal e que tinha dois vestidos lavados na minha pequena arca. Mas aquilo... custava-me muito.

Peg saiu da água, o corpo ainda escorreito e curvilíneo apesar dos filhos que tinha tido.

— Anda daí, rapariga — disse ela com um sorriso. — É a tua última oportunidade de te pores como nova antes da feira. A água não está muito fria.

— N... não sei...

— Anda, pequena, não está ninguém a olhar. Além há uma pequena enseada, um pouco escondida. Não estás habituada, estou

a ver. Eu vigio por ti.

Assim, com as faces coradas, aproximei-me da água, separada das outras por uma curva da margem e por alguns salgueiros e despi-me, enquanto Peg, já com um vestido lavado e penteando os longos cabelos negros, se sentava num tronco de árvore e afastava as crianças se elas se aproximavam demasiado. A água estava gelada. Para piorar as coisas, o fundo era mole, lamacento e eu escorregava com facilidade. E era cada vez mais fundo. Olhei para o lado e vi as outras raparigas nadando, os braços morenos reluzindo e os cabelos molhados como graciosas algas em redor dos ombros nus. Mais longe, parecia que os rapazes se atiravam dos ramos de uma árvore para a água profunda. Lavei-me o mais depressa que pude, usando o pedaço de sabão no corpo e no cabelo, grata pela oportunidade de me livrar do suor e pó da viagem, aterrada pela possibilidade de dar um passo a mais e mergulhar de cabeça por engano. Peg estava a olhar para o outro lado. Podia afogar-me antes de ela dar conta. Ninguém sabia que eu não sabia nadar. Ninguém, a não ser Darragh.

Seria uma maneira horrível de morrer, debaixo de água, arfando, esbracejando, incapaz de encher os pulmões de ar. Seria como... seria o mesmo que... afastei aquilo da mente.

Quando saí, Peg estendeu-me um lençol para me secar e depois apareceu Molly com um vestido nas mãos, que não era meu, às riscas azuis e verdes, e sobre o ombro trazia um lenço de pôr ao pescoço com uma fita azul cosida a toda a volta.

Fiquei ali a tremer, com o lençol em redor do corpo mal me cobrindo a nudez.

— Eu tenho outro vestido na minha arca — consegui dizer. — Não preciso...

— Este é melhor — disse Peg com uma voz que não admitia réplica. — Este azul fica-te bem.

— Vamos, mete aqui os braços, rapariga. Pronto.

Elas tinham tudo, até roupa de baixo limpa e umas meias rematadas a azul. Depois de me vestir, Peg virou-me de costas e começou a pentear-me o cabelo.

— Eu não...

— Quieta, rapariga. Não dá trabalho nenhum. Tantos caracóis. Tenho uma bonita fita azul, que me ficou desse lenço Molly, vê se a descobres para te atar na ponta da trança. A tua mãe tinha uns cabelos lindos. De uma cor linda, cor de mel.

Eu não disse nada enquanto os seus dedos ágeis me entrançavam o cabelo, e o atavam com a fita azul que Molly fora descobrir nas profundezas da carroça.

— Pronto — disse Peg, segurando-me nos ombros com os braços estendidos e olhando-me de alto a baixo. — Não está mal, pois não? E agora vamos lavar estas coisas e ala que se faz tarde. Teremos tempo de sobra para as secar amanhã. Esta noite, um acampamento como deve ser; uma boa fogueira, oportunidade para nos descontrairmos e divertirmos. Vais gostar, rapariga. Vais ver.

Em breve estávamos de novo em cima das carroças, rodando por entre campos planos. Havia de novo um cheiro a maresia no ar. As rapariguitas tinham ficado invulgarmente silenciosas, olhando para mim com os seus olhos escuros. Talvez, pensei, estivessem cansadas do banho. Então, uma delas falou.

— Tu és bonita — disse ela e explodiu numa risadinha nervosa. As outras mandaram-na calar, mantiveram-se todas em silêncio durante uns momentos e depois desataram todas, de novo, a rir. E como eu não sabia se ela tinha sido sincera, ou se estava a gozar comigo, não disse nada.

Foi como Darragh me tinha dito. Chegamos ao nível mais baixo do vale, atingimos uma bifurcação e de repente havia gente por todo o lado, homens a cavalo, rapazes conduzindo pôneis, camponeses com carroças carregadas até acima e gente vestida de maneira esquisita com bolas de malabarista ou com pássaros coloridos em gaiolas. Havia uma carroça fechada com um indivíduo vestido de

preto, sentado taciturnamente e guiando um velho cavalo escanzelado. A seu lado caminhava um homem mais novo e enquanto caminhava gabava as virtudes dos vários elixires que tinha para vender: filtros de amor, poções mágicas de força, maldições para lançar a um inimigo.

— Venham, venham — gritava ele com grande vigor e maior confidência. — Doenças curadas! Fortunas vaticinadas! Procurai o Grande Mestre sob os velhos carvalhos a norte da pista de corrida. Satisfação garantida.

Fiquei a vê-los passar e perguntei a mim própria quais seriam as suas misturas. Umas poucas ervas e umas gotas de mel? Nada de grande valor, suspeitei. Mas já alguns corriam atrás da sua carroça, gritando de excitação. Loucos, pensei. Em breve ficariam sem a pouca prata que tinham e para nada.

Não partilhamos a estrada com a multidão cada vez maior, tomando antes uma variante para oeste e em breve chegávamos a um extenso relvado abrigado entre amieiros e um ribeiro. Paramos e montamos o acampamento. Desta vez as carroças foram descarregadas, as tendas erguidas e foi construída, entre pedras, uma sólida fogueira no centro do espaço aberto, com espaço suficiente em volta para as pessoas se sentarem confortavelmente. Os cavalos foram desaparelhados, presos sob as árvores e os rapazes começaram a esfregá-los, um de cada vez, procurando ao mesmo tempo algum ferimento ou entorse provocados pela jornada. Achei que ficaríamos ali até a feira acabar, subindo a estrada todos os dias para fazer negócio e regressando ao acampamento à noite. Conseguia ouvir o mar, o persistente ir e vir de pequenas vagas.

As mulheres e as raparigas tinham uma grande tenda e nela foi-me dado um pequeno canto, que Peg me mostrou, piscando o olho. Enquanto desdobrava a roupa de cama e verificava o fecho da minha arca de madeira, sussurrei um obrigada e ela retribuiu-me com um sorriso torcido, à imagem do filho. Assim que as minhas coisas ficaram arrumadas escapei-me para fora da tenda e desci por entre as árvores, pelo pequeno carreiro, para oeste. Não era longe. Um pequeno passeio pelo carreiro pedregoso, por entre arbustos

enfezados, depois uma pequena subida e lá estava ele. As vagas quebravam preguiçosamente e lambiam a grande e pura praia que se estendia entre grandes promontórios, a norte e a sul. Mais longe via-se a espuma e rochas escuras, a escorrerem água. Uma grande falésia, pelo menos assim parecia, guardava aquela baía tranqüila. O Sol, a pôr-se, aproximava-se cada vez mais da vasta extensão de água e dourava a areia. Aqui e ali, na praia, viam-se figuras: dois rapazes galopando com os seus pôneis numa corrida louca ao longo da linha de água; um rapaz num cavalo negro, nadando, respirando o poder das ondas e depois regressando à praia, escorrendo, agitando-se para tirar o excesso de água prateada. Havia gente a passear, um par de mãos dadas e uma rapariga dobrando-se em busca de conchas. Sentei-me ali um pouco, a observar. Sentei-me o tempo suficiente para me acalmar, para acalmar a respiração, para dizer a mim própria que conseguia, que havia de conseguir. Talvez, quando se juntassem todos em redor da lareira, nessa noite, não reparassem se eu me retirasse mais cedo para me ir deitar. Talvez, quando se juntassem no dia seguinte à grande multidão na feira de cavalos, eu pudesse ficar para trás e regressar ali, caminhar sozinha pela praia, ou sentar-me e olhar para as ondas, sempre a mudarem, sempre as mesmas. Talvez fosse possível. Se não, teria de usar o Encantamento. Na verdade, a minha avó teria achado uma tolice eu não ter feito nada ainda para disfarçar o meu embaraço, para disfarçar o meu medo dos estranhos. E eu também achava que era uma tolice. Mas havia algo que me impedia de o fazer. Lembrei-me das sobrancelhas franzidas de Darragh e das suas palavras.

Não gosto quando fazes isso. Pensei nas palavras da rapariga. *Tu és bonita.* Decidira, quase, que era uma brincadeira. Mas, por um momento, as suas palavras tinham-me aquecido. Se usasse o Encantamento, toda a gente pensaria que eu era bonita. Mas não era a mesma coisa.

Mas não houve escapadela possível às festividades da noite. A minha desculpa esfarrapada foi afastada por Peg, que me atirou para o meio do círculo de pessoas sentadas em troncos e caixas velhas, em redor da fogueira. Sentou-me entre Molly e ela própria, pôs-me uma caneca com algo fumegante e fragrante nas mãos e

depois instalou-se, de olhos brilhantes, pronta para o divertimento. Não tinha qualquer hipótese de recusar.

Em redor da fogueira estavam muitos rostos, velhos e novos. As mais pequenas das crianças estava sentada nos joelhos de um parente, ou dormia enrolada em cobertores junto de uma irmã vigilante, ou de um irmão. Os mais velhos tinham lugares de honra, os assentos mais confortáveis, o mais próximos possível do calor.

Estavam ali todos: Dan Walker com a sua barba escura e o anel de ouro na orelha; o grupo de jovens que eu encontrara na minha visita ao acampamento, na enseada do Favo de Mel; o próprio Darragh, conversando com um par de raparigas vestidas garridamente, que eu não vira antes. Havia outros que eu não conhecia, se bem que fossem, claramente, convidados. As duas raparigas pareciam ter irmãos, ou primos, e havia um mais velho, um homem de cabelos grisalhos sentado junto de Dan, partilhando a bebida quente de uma chaleira junto do fogo. Bebi cautelosamente. Era boa mas forte, qualquer coisa parecida com cidra, com especiarias e mel.

— E que tal uma história ou duas? — perguntou alguém. — Quem tem uma boa história? Brian? Diarmuid?

— Eu não, — disse o homem de cabelo grisalho, abanando a cabeça. — Estou com dor de dentes. Não posso falar.

— Ah! — troçou outro. — Bebe mais um pouco, que isso passa.

— Há um tipo na feira que arranca dentes — sugeriu Molly. — Vai visitá-lo. Ele tira-to num abrir e fechar de olhos.

— Aquele carniceiro? — O homem empalideceu visivelmente. — Preferia que a minha velha mo arrancasse com umas tenazes.

Seguiram-se várias sugestões acerca dos remédios a que ele poderia recorrer, nenhuma delas muito prática. Então, Dan Walker falou.

— Eu conto uma história — disse ele. Ouviu-se um coro de aprovação e depois, silêncio. — É acerca de um homem chamado Daithi, Daithi O'Flahirty. Não é parente, sabem, da distinta família com esse nome que vive por estas bandas. — Ouviu-se um rugido de risadas apreciativas. — Era um camponês. Bem, este Daithi teve a idéia de ir ver a namorada para passar o tempo, estão a perceber? Ia a caminhar pela estrada quando ouviu um barulho, tape, tapiti tape, que vinha de detrás de uns arbustos, ao lado do carreiro. Daithi era um tipo esperto. Não fez um som, acocorou-se, muito quieto e espreitou por entre os ramos para ver o que era. E Deus me ajude se não viu um tipo muito pequenino, com um chapéu pontiagudo e um pequeno avental de pele, um jarro ao lado e junto dele uma pequena concha. O pequenito estava a fazer uma bota do tamanho de metade do meu dedo, que só podia servir no seu próprio pé. Enquanto Daithi observava, prendendo a respiração, o homenzinho pousou a sua ferramenta de sapateiro, meteu a concha no cântaro e serviu-se do licor; em seguida, voltou ao trabalho, tape, tapiti tape.

— É melhor ir com cuidado — disse Daithi para si próprio. Assim, manteve a voz baixa para não assustar o homenzinho.

— Bom dia para si, meu caro senhor — disse ele o mais polidamente que conseguiu.

— E para si também — respondeu o pequenito, continuando a bater.

— O que é que está a fazer? — perguntou Daithi.

— É uma bota, pois — disse o gnomo levemente trocista. — E o que é que o senhor anda a fazer, vagueando pelos caminhos em vez de estar a trabalhar?

— Eu já volto para o trabalho — replicou Daithi, pensando, a não ser que te apanhe primeiro. — Diga-me, o que é que tem nesse seu pequeno cântaro?

— Cerveja — disse o homenzinho. — A mais saborosa que há. Fui eu que a fiz. — E lambeu os lábios.

— A sério? — disse Daithi. — E que usou para fazer essa cerveja? Malte, não?

O gnomo rolou os olhos com desdém.

— Malte? O malte é para os bebês. Esta bebida é feita de urze. Não há melhor.

— Urze? — exclamou Daithi. — Não se pode fazer cerveja com urze.

— Ah — disse o gnomo. — Foi o Dubh-ghaill que me ensinou. Uma receita secreta. Só a minha família é que a faz, mais ninguém.

— Posso prová-la?

— Claro — disse o gnomo. — Mas sinto-me chocado por um camponês tão bom como o senhor pensar em passar o tempo a beber em vez de guardar os seus gansos, que saíram do pátio e andam a dar cabo do jardim do seu vizinho.

Daithi ficou chocado e quase se virou para correr para casa, para ver se o gnomo tinha razão. Mas no último instante lembrou-se e, em vez de fazer isso, estendeu uma mão para agarrar no gnomo por uma perna. O cântaro virou-se e a cerveja espalhou-se pelo chão.

— E agora — disse Daithi severamente — mostra-me onde guardas o teu pote de ouro, ou ainda te arrependes.

Bem, o gnomo ficou encurralado, porque, como todos nós sabemos, só precisamos de segurar num e guardá-lo à vista para que ele tenha de nos mostrar o tesouro.

Assim, foram os dois até ao campo de Daithi, até um local com muitas rochas, ainda por amanhar. O gnomo apontou para uma daquelas grandes pedras na direção sul do campo.

— Além — disse o homenzinho. — Por baixo daquilo está o meu pote de ouro, a tua desgraça.

Bem, Daithi tentou levantar a rocha, empurrou, sempre segurando o gnomo e percebeu que não conseguiria movê-la sem a

sua pá. Mas havia ali tantas pedras, o campo estava cheio de pedras. Teria de marcar aquela, antes de ir buscar a pá. Daithi procurou no bolso. Tinha lá uma fita vermelha que comprara a um nômade e que tencionava dar à namorada. Tirou-a e atou-a em redor da rocha sob a qual estava enterrado o pote de ouro.

— Pronto — disse ele. Daithi franziu o sobrolho para o gnomo. — Agora, antes de te libertar — disse ele, sabendo como os gnomos eram traiçoeiros — quero que me dês a tua palavra. Não tiras dali o tesouro antes de eu regressar com uma pá. E não tiras a fita desta rocha. Promete-me.

— Prometo, claro — disse o gnomo com absoluta sinceridade.

Ouviram-se algumas risadas na audiência, da parte daqueles que sabiam o fim da história.

— Muito bem, nesse caso — disse Daithi.

— Deixas-me ir embora, então? — perguntou o homenzinho, muito educadamente. Daithi libertou-o e o gnomo desapareceu como uma flecha. Daithi foi a casa buscar a pá e correu de volta ao campo com a mente cheia das coisas que faria quando pusesse as mãos no pote de ouro. E quando lá chegou, que viu ele? Todas as rochas no campo tinham uma fita vermelha. E, por mais que tentasse, por mais que cavasse, Daithi O'Flahirty nunca encontrou o tesouro do gnomo.

Ouviram-se aplausos de satisfação. Apesar de ter gostado, era óbvio que aquela história não tivera a grandeza das contadas pelo meu pai. Então, o homem de cabelo grisalho, aparentemente curado da dor de dentes, ofereceu-se para cantar uma canção. Era uma bela canção, edificante, acerca da vida difícil na terra fria e árida de Ceann Na Mara e como ele gostava dela, de tal modo que o seu coração lhe pedia sempre para voltar. Seguiram-se mais histórias: engraçadas, tristes, melancólicas. No fim, Darragh foi persuadido a tocar a sua gaita-de-foles. Desta vez ele não escolheu a canção triste, de partir o coração, que eu ouvira tantas vezes do outro lado do monte, acima da enseada. Tocou música de dança, os jovens levantaram-se, fizeram um círculo e seguiu-se um bater de pés no

chão, um bater de palmas e um vivo redemoinho de saias e xales à luz dourada e quente da fogueira do acampamento.

Eu fiquei sentada a olhar e a beber a minha bebida. Darragh continuou a tocar. Não olhava para os alegres dançarinos, ou para os mais velhos sentados confortavelmente, revivendo amizades depois de anos de afastamento. Olhava para mim. *Levanta-te e dança,* diziam os olhos dele, desafiando-me. *Porque não danças?*

E, no fundo do meu coração, algo me dizia para o fazer. Aquela música fazia-me ferver o sangue; despertava-me sentimentos adormecidos. Mas eu fora bem treinada.

Disse para mim própria severamente: *Tu, dançar? Não sejas tola. Nunca dançarás, não sem fazeres figura de parva. Além disso, és o que és. És diferente e sempre serás.*

Depois daquilo foi fácil levantar-me, dar uma palavra a Peg e retirar-me para a tenda.

— Divertiste-te, rapariga? — perguntou Peg. Acenei levemente com a cabeça e afastei-me na direção do meu canto escuro e da minha privacidade. Lá fora, a música continuava. Em determinada altura juntaram-se à gaita-de-foles um assobio e um tambor. No meu canto, abri a minha arca de madeira, procurei entre as coisas que lá estavam, encontrei Riona e tirei-a. As suas feições mal se distinguiam nas sombras.

— A minha mãe dançava? — perguntei-lhe. — Isto foi um vestido de baile? — Os meus dedos tocaram numa prega do tecido sedoso cor-de-rosa do pequeno vestido de Riona.

Certamente, só uma rapariga confiante, encantadora, usaria um tal vestido. No entanto, essa mesma rapariga tornara-se na frágil criatura das palavras de Peg, na mulher que abandonara a filha e o homem que a amava desesperadamente, na mulher que se atirara um dia da falésia e que caíra, caíra através da espuma para as garras geladas do oceano que se atirava contra as rochas do Favo de Mel. Fora a sua própria família que provocara aquilo; o seu pai, os seus tios, o seu irmão, que era ainda o senhor de Sevenwaters.

A conversa de Darragh acerca da família era um disparate. Tinham-na matado e tinham destruído o meu pai. À sua maneira, eram tão maus como a minha avó. E agora tinha de enfrentá-los e, de algum modo, tinha de levar a cabo a tarefa de que a minha avó me encarregara. Como podia eu pensar em histórias de fadas, em música e divertimento, quando tinha uma coisa daquelas pela frente? Dan Walker e os seus eram gente simples. Até as histórias que contavam eram simples. Eu não pertencia àquele povo e era louca se pensava que algum dia pertenceria. Tinha de me manter como era e ter a certeza que não atraía as atenções.

Com o tempo a viagem acabaria e poderia começar o trabalho que me esperava. Mas não era fácil. Parecia que havia uma pequena conspiração para me afastar de mim própria e fazer com que fizesse parte de tudo, quer quisesse, quer não. Acordaram cedo, na manhã seguinte e já estavam a comer as suas papas quando eu emergi da tenda com os olhos todos ramelosos. Havia uma gamela de água comunal.

Salpiquei apenas a cara, tendo já aprendido a não ser muito exagerada.

— Come depressa — aconselhou-me uma das raparigas ao passar por mim a correr e atando o cabelo com um lenço. — Ainda é longe. E os negócios começam cedo.

Aceitei silenciosamente uma escudela de papas e fui para debaixo das árvores para me sentar num tronco a comê-las. Sentia-me cansada. Deitara-me tarde. De qualquer maneira, não queria ir. Mas pareciam todos tão ocupados; não havia ninguém a quem perguntar. Os pôneis tinham de estar impecáveis; Dan inspecionava-os enquanto os rapazes davam os últimos retoques: o intrincado entrançamento de uma crina aqui e o cuidadoso escovar de uma cauda ali. Peg preparava os seus melhores cestos e dava às raparigas instruções infindáveis sobre o negócio e sobre como não se meterem em sarilhos. Talvez não fosse preciso perguntar se podia ficar. Talvez se esquecessem de mim. Subitamente fui invadida por uma onda de saudades de casa, um desejo de ver o meu pai e regressar a Kerry, um sítio tranqüilo, seguro, familiar.

Se, ao menos, pudesse empacotar algumas coisas e partir sozinha, regressando pelo mesmo caminho até chegar ao monte onde as pedras eretas marcavam a passagem do tempo e à enseada. Mas não podia regressar. Só podia ir em frente. Sentia-me triste e sem forças. Sentia-me realmente deslocada, como se não pertencesse a lugar nenhum.

— É melhor lavares essa escudela e preparares-te para partir, rapariga. — A voz de Peg interrompeu-me os pensamentos. — Vamos todos daqui a pouco. Vai ser um dia cheio.

Olhei para ela, preparando as palavras. Então, Darragh apareceu por trás dela, muito bem-vestido, um lenço verde ao pescoço, as botas muito bem polidas e um ar confiante.

— É uma caminhada longa demais para Fainne — disse ele para a mãe.

— Ela agüenta — disse Peg olhando para ele de lado com uma expressão esquisita. — Não é nenhuma inválida.

— Eu... eu... gostava... — foi tudo o que consegui dizer. Dois pares de olhos fixaram-me intensamente e percebi que ambos sabiam o que eu estava a querer dizer.

— Fazemos o seguinte — disse Darragh com indiferença. — Eu levo Fainne comigo. Aoife aguenta bem com os dois. Desço-a perto dos carvalhos e vamos ter consigo antes de eu ir para junto dos outros. Assim é mais fácil.

— Se é isso que queres — disse a mãe secamente. — Não te atrases.

— Não, mãe — sorriu Darragh, e avançou para onde eu estava, sob as árvores, de escudela vazia nas mãos. — Pronta? — perguntou ele com as sobrancelhas erguidas.

— Eu nem sequer quero ir — resmunguei.

— Bem, não podes ficar aqui sozinha, portanto não tens escolha, pois não? — disse ele. — Precisas de um lenço na cabeça,

por causa do vento. É melhor entrançares o cabelo, também. Queres que te faça isso?

— É claro que não! — ripostei secamente. — Não sou nenhum bebê. Eu faço.

— Não te demores — disse ele tranquilamente.

Uma das raparigas ofereceu-se para me ajudar com o cabelo e, como estávamos com pressa, deixei-a. Mas depressa me arrependi.

— Tratamento especial, ha? — disse ela enquanto os seus dedos tentavam fazer alguma coisa dos meus espessos e intratáveis caracóis ruivos.

Não conseguia olhar para ela, para lhe reprimir o mexerico com uma expressão de desdém. Por isso, perguntei:

— O que queres dizer?

— Vais a cavalo com Darragh. Ele nunca fez tal coisa, levar uma rapariga com ele até à Cruz. Andam muitas atrás dele, o problema é esse. O Darragh é muito cuidadoso. Não tem favoritas.

Não consegui pensar em algo para dizer. Talvez lhe desse uma bofetada, se não me estivesse a entrançar o cabelo.

— Não se trata de favoritismo nenhum — sussurrei, irritada. — Ele está só a tentar ajudar, porque eu não posso andar com rapidez. — Movi o meu pé ligeiramente, para lhe mostrar a bota ligeiramente diferente.

— Isso? — disse a rapariga sem cerimônia. — Isso não é nada. Agüentavas nas calmas. Tens uma fita?

Estendi-lhe a fita azul por cima do ombro.

— Não. Estás a ser favorecida. Nem parece dele, chegar atrasado logo no primeiro dia de feira. É sempre o primeiro a partir, mal o Sol nasce. É louco por cavalos. Espera até ele aparecer na Cruz contigo na garupa. Vai partir os corações das raparigas todas.

— Tenho a certeza de que estás enganada — disse eu, sentindo as faces corar. — Eu não sou uma de vós. Ele só está a ser delicado. Sou uma... uma estranha, uma convidada. Mais nada.

A rapariga atou a fita com firmeza.

— Talvez sim — disse ela dando a volta com um pequeno sorriso que a marcava como mais um dos numerosos filhos de Peg. Devia, portanto, ser irmã de Darragh. Nem sequer sabia o seu nome. — E talvez não.

E então foi-se embora com um frufru de saias encarnadas e um tilintar de brincos de ouro antes de eu ter tempo, sequer, de lhe agradecer.

Ela estava completamente errada, claro. Darragh e eu éramos velhos amigos, mais nada. E ele achava que eu seria um incômodo e que me meteria em sarilhos se não me vigiasse. Qualquer coisa para além disso era muito difícil de compreender. Atei o pequeno lenço com a sua orla azul por cima do meu cabelo entrançado e fui até onde ele me esperava sem qualquer sinal de impaciência, enquanto Aoife pastava tranquilamente. Parecia que Dan, os homens e os rapazes já tinham ido. Peg e Molly estavam a organizar as crianças mais velhas no sentido de carregarem as mais pequenas e a aparelharem um par de velhos cavalos, que transportariam os cestos e os bebês.

Darragh olhava para mim com uma expressão esquisita, quase como se fosse começar a rir.

— Pareces uma pequena nômade — observou ele. — Tudo o que precisas é de um toque final e ficas igual. — Toma. Ele procurou no interior da sua jaqueta e tirou um pedaço de tecido sedoso, perfeitamente dobrado. Quando peguei nele, desdobrou-se e eu vi um xale deslumbrante de muitas cores, cuidadosamente decorado com criaturas minúsculas, delicadas, lagartos verdes, pássaros azuis, borboletas douradas e exóticos peixes com as cores do arco-íris e caudas frondosas. O xale tinha uma franja brilhante, entre o dourado e o prateado. Era o ornamento mais maravilhoso que eu já tinha visto.

— Eu não posso usar isto — disse eu, olhando para o objeto. Parecia feito para uma princesa.

— Não? — disse Darragh e tirando-mo das mãos, colocando-mo em volta dos ombros e atando-o à frente. — Vamos — disse ele. — Prometi que não chegávamos atrasados. Não tens medo de andar a cavalo, pois não?

— É claro que não! — retorqui.

— Então, vamos.

Com a sua ajuda, não foi muito difícil subir para cima de Aoife. Pensava que iria atrás dele, como dissera a irmã; mas ele colocou-me na frente, sentada de lado como uma senhora, segurando-me com uma das mãos enquanto, com a outra, segurava levemente nas rédeas. Pareceu-me, quando começamos a andar, que Aoife sabia o que queria, sem necessidade de lhe dizerem nada. Quando havia uma bifurcação no trilho, Darragh dizia uma palavra em voz baixa e ela virava. Tocava-a com os joelhos, ou pousava-lhe uma mão morena no brilhante pescoço branco e ela percebia instantaneamente o que o dono queria.

— Tudo bem? — perguntou ele uma vez ou duas, e eu acenei com a cabeça. De fato, ia melhor do que bem. Sentia-me como nos velhos tempos; quando partilhávamos uma camaradagem silenciosa. Esses tempos tinham acabado. Eu sabia. Mas, enquanto aquela cavalgada durasse, podia fingir que nada tinha acontecido. Sentia o toque suave do xale maravilhoso, com o seu vibrante padrão de vida, envolvendo-me como um talismã de proteção; quase acreditava que era um dos nômades, cavalgando para a feira, orgulhosa e, por trás de mim, com o braço em redor da minha cintura, um belo rapaz, que era o melhor tocador de gaita-de-foles de Kerry.

Ali ia eu, cavalgando o cavalo mais branco e mais inteligente de todos, com o rosto ao vento, as formas rígidas das montanhas distantes de um lado e as águas de uma vasta enseada rochosa do outro, deixando ver aqui e ali uma pequena praia e um barco ou dois em terra, para melhor segurança. Havia pouca gente no caminho.

Talvez estivéssemos atrasados. Darragh não parecia aborrecido e Aoife prosseguia como se fosse a única criatura importante na estrada. Ultrapassamos Peg, Molly e as crianças e a irmã de Darragh piscou-me o olho. Passado um bom bocado, perguntei-lhe:

— Como é que se chama a tua irmã?

— Qual delas?

— A que tem uma saia vermelha e um ar altivo. Creio que deve ser logo a seguir a ti.

Seguiu-se uma pequena pausa.

— Por que é que não lhe perguntas? — disse Darragh. Não respondi.

— Elas não mordem, Fainne — disse ele, mas não havia qualquer reprovação no seu tom. — Deve ser a Roisin. Foi atrevida contigo?

— Não.

— Tens de ter cuidado com ela. Ela diz o que pensa.

— Hum — disse eu. — Já reparei.

— Mas é boa rapariga. Todas são.

Chegamos depressa demais. Nunca vira tanta gente num só lugar, nem nunca ouvira tantas vozes. Mas havia uma certa ordem, se se olhasse com cuidado. O verdadeiro negócio desenrolava-se no local onde estavam os cavalos, com pequenos grupos de camponeses, nômades e alguns com ar de senhores locais, ou mestres-de-armas, inspecionando dentes e cascos e conduzindo conversações intensas e privadas. Mais perto desenrolava-se o comércio de bens variados, as pessoas conversavam, havia um odor a carne assada vindo de uma pequena fogueira e vi a carroça coberta do Grande Mestre e do seu fluente assistente. Alguém chamou de longe por Darragh.

Paramos sob um grupo de grandes árvores.

— Pronto — disse ele, e deslizou do alto de Aoife, leve como uma pena. — Chegamos. Segurou-me enquanto eu descia e ficou, depois, por instantes, com as mãos em redor da minha cintura. — Ah — disse ele. — Um sorriso. Coisa rara.

Estendi o braço para afagar o flanco reluzente de Aoife.

— Não vais vendê-la, pois não? — perguntei.

— A ela? Nem pensar. Não me separo dela. Dá-me sorte.

Acenei com a cabeça.

— Está alguém a chamar-te — disse eu.

Darragh afastou as mãos.

— Acho que não posso ir já — disse ele franzindo o sobrolho. — A minha mãe ainda não chegou e eu disse que esperava por ela. E lá em cima não é lugar para uma rapariga — disse ele, indicando o lugar onde estavam os cavalos com um movimento de cabeça.

Outra voz gritou:

— Darragh! Precisamos de ti aqui!

— É melhor ires — disse eu com mais coragem do que a que sentia. — Eu espero por ela aqui, sob estas árvores.

Os olhos castanhos de Darragh olharam para mim fixamente.

— Tens a certeza?

— Não sou nenhuma criança. Não me perco.

— Promete-me que não te metes em sarilhos.

— Não sejas ridículo.

— Promete, ou não saio daqui.

— Darragh! — Desta vez era Dan Walker que chamava.

— Que estupidez. Está bem, prometo.

— Até logo, então. — Puxou-me o canto do lenço, girou nos calcanhares e foi-se embora com Aoife caminhando obedientemente a seu lado, firme como uma rocha no meio de toda aquela multidão.

Tencionava cumprir a minha promessa. A sério. Mas não nos podemos esquecer de quem somos e do que somos. Por vezes, as coisas acontecem e temos de agir, não podemos, apenas, ficar parados. Foi o que aconteceu naquela manhã, na Cruz.

Misturei-me com as sombras das grandes árvores, desejando ter o poder da invisibilidade. Porque podia ficar ali escondida, com ou sem xale garrido, já que toda a atenção estava concentrada na carroça do Grande Mestre. Estava a ser aberta e descarregada a dez passos dali para delícia dos muitos pescoços esticados, ooohhhs e aaahhhs da multidão reunida em volta. O assistente esgalgado fazia a maior parte do trabalho e só ele é que falava, enquanto o Mestre permanecia com a sua miserável capa de feiticeiro esfarrapada, olhando para todos com o seu nariz que mais parecia um bico e fazendo os possíveis para parecer altivo e misterioso. Havia menos magia naquele tipo lúgubre, pensei, do que no meu dedo mindinho. Via-se logo que era uma fraude, mas era espantoso ver como as pessoas pareciam atraídas por ele.

O assistente era um homem muito irrequieto. Em breve a área em redor da carroça era um festival de bandeiras, redes e muitas gaiolas pequenas penduradas em paus, dentro de cada uma das quais estava uma estranha criatura que podia ser obtida por um determinado preço, para divertir uma namorada ou para provocar ciúmes num vizinho. Aproximei-me um pouco, mas era difícil ver sem ser vista. Na gaiola mais próxima de mim estava um pássaro com ar abandonado, uma espécie de mocho com a plumagem em farrapos. Andava de um lado para o outro no seu poleiro, os movimentos irregulares, os olhos redondos e selvagens. Por baixo dele estava sentada uma criatura penugenta, com uma mão provida de garras em redor de uma das barras da sua pequena prisão e a cabeça inclinada, como se estivesse a dormir. No outro lado, algo lançava guinchos estridentes e as pessoas apontavam, lançando pequenas exclamações.

— Minhas senhoras, meus caros senhores, meus queridos jovens! — O assistente gritava; essencial para se fazer ouvir. — Aproximai-vos, aproximai-vos e o Mestre mostrar-vos-á os incríveis remédios que temos para vós este ano, alguns já testados e confirmados, outros maravilhosas descobertas, tudo espantosamente eficaz.

Aquela lengalenga continuou durante algum tempo. Olhei em volta. Não havia sinais de Peg, de Molly e das crianças. Aproximei-me. Consegui ver a origem do barulho: um pássaro brilhantemente colorido, preso num poleiro na parte de trás da carroça. Por trás dele outros animais enjaulados. Pombas. Tentilhões. Uma lebre numa gaiola tão pequena que não conseguia virar-se, nem sequer flectir as fortes pernas, ou saltar, como todos os da sua espécie. Estava lá um rapaz, metendo um dedo na gaiola e o animal nem sequer podia fugir. Olhei-lhe para os olhos: sem expressão, olhando em frente, a razão submersa pelo pânico. O pássaro gritou de novo e a mim pareceu-me que aquele grito representava a raiva e o medo de todos os outros, por terem sido metidos em gaiolas, por serem mostrados, por servirem de divertimento a um bando de parolos e depois atirados fora sem um segundo pensamento, sequer.

O homem continuava a falar acerca de uma poção de força. Fingiu que bebeu um pouco e depois escolheu, entre a multidão, um grandalhão para lutar com ele. O resultado era inevitável. Os dois fizeram um simulacro de combate e o assistente do Mestre assentou um murro no queixo do seu opositor muito maior. O gigante caiu e a multidão fez um ah! de espanto. Após uma curta pausa, durante a qual se ouviu uma criança perguntar: Ele está morto, mãe? o sujeito começou a resmungar e foi içado, massageando o queixo e revirando os olhos. Seguiu-se um murmúrio de excitação e os compradores, ansiosos, empurraram-se uns aos outros. Perguntei a mim mesma quanto teriam eles pago ao grandalhão para fazer aquele papel.

— E agora — disse o assistente, aparentemente inchado pela sua proeza — o Mestre em pessoa vai fazer a demonstração de um novo e incrível filtro de amor. Feito por ele próprio, esta poção

transformará a mais relutante das namoradas numa... caros amigos, não imaginais. Tendes de ver por vós próprios. Meus senhores... o Mestre.

Era suposto toda a gente aplaudir, penso. Ainda não conseguia ver muito bem. Mas, se me aproximasse, ficaria no meio da multidão e as pessoas olhariam para mim, aproximar-se-iam, falar-me-iam e... Os meus dedos apertaram o talismã e senti-me mais confiante. *Usa o Encantamento,* dizia a voz da minha avó, algures na minha cabeça. *Sê o que quiseres.* Fi-lo rapidamente, antes que mudasse de idéia. Peg e Molly não estavam presentes. Darragh estava ocupado. Ninguém repararia. Escolhi a forma que atrairia menos as atenções, uma versão bastante mais velha de mim própria, uma mulher de meia-idade, com roupas de trabalho, xale, lenço e cabelos soltos. Podia ser qualquer pessoa. Na verdade, havia muitas assim na multidão.

Ninguém reparou quando me aproximei da frente, onde podia ver o homem que se chamava a si próprio Mestre, perscrutando a multidão e mantendo, ao mesmo tempo, a sua pose de desdém.

— O Mestre está à procura — disse o assistente portentosamente. — A procura de um homem que se sinta só; à procura de uma pobre alma sem amor. Que tal você, amigo?

— Esse já tem dono! — respondeu uma aguda voz feminina na parte de trás da multidão.

Toda a gente se riu.

— Ah — disse o assistente, enquanto o Mestre apontava um dedo ossudo. — Eis o homem.

— Qual é o seu nome, amigo?

O homem, embaraçado, corou, sorrindo ao mesmo tempo.

— O nome dele é Ross — disse um amigo prestável, desatando a rir. — Não tem os parafusos todos, mas é bom rapaz. Parecia que já tinham ambos uns copos a mais.

— Gostava de ter uma bela namorada, não gostava, Ross? — perguntou o assistente e acenou à sua vítima para que subisse os degraus da carroça, de modo a que toda a gente o pudesse ver. — Vamos lá a ver se lhe arranjamos uma. Qual das senhoras quer experimentar o nosso novo elixir?

Seguiu-se um arrastar de pés e um silêncio. Aparentemente, ninguém se oferecia.

Não fiquei surpreendida. O homem que eles tinham escolhido era escanzelado, não tinha um ar muito limpo e tinha um nariz bulboso, com uma verruga na ponta.

— Então? — aliciou o assistente. — Quem quer tentar? Deve haver aqui uma bela senhora que goste de se divertir? Não? Bem, nesse caso, o Mestre terá de suplicar.

O homem da capa negra já tinha descido da carroça e começara a passear ao longo da fila da frente, onde as pessoas se amontoavam. Eu tinha-o observado, enquanto os outros prestavam atenção ao que falava. O Mestre segurava na mão uma corrente de ouro com um pequeno e brilhante objeto na ponta e fazia-a oscilar, para um lado e para o outro.

— Pode ser que haja alguma coisa para a rapariga que tiver coragem — insinuou o assistente. O Mestre andou de um lado para o outro. A pequena corrente oscilava para a esquerda e para a direita. O homem parou. Fez uma pausa. Estendeu um dedo e apontou.

— Ah! — exclamou o assistente. — Temos ali uma voluntária. Aproxime-se, minha cara, suba até aqui e prove esta poção requintada, feita de uma seleção cuidadosa de ervas, bagas e... um... — o homem fez um círculo com o polegar e o indicador — ingrediente secreto. Apenas umas gotas.

A rapariga escolhida era muito nova, certamente mais nova do que eu e pobremente vestida, com um vestido todo remendado. À parte isso, havia uma frescura nela que era capaz de atrair a atenção de um homem. Ninguém levantou objeções quando os

homens a empurraram. Parecia que ela estava ali sozinha. Ninguém reparou na maneira como ela olhou para a pequena corrente de ouro oscilando de um lado para o outro, como se fosse a única coisa que conseguisse ver. Senti a irritação crescer dentro de mim.

O Mestre guardou a corrente no bolso. A rapariga colocou-se diante dele, as suas puras feições vazias de qualquer expressão. No outro lado, o homem de nariz bulboso olhou de esguelha para ela e depois para os amigos na multidão, revirando os olhos e estes riram-se, acotovelando-se.

O Mestre inclinou-se e segredou qualquer coisa ao ouvido da rapariga. Tudo o que ouvi, foi:

— Bebe isto, minha querida. — Mas ele tinha-lhe dito mais qualquer coisa. E eu era capaz de adivinhar o quê.

Ela pegou na pequena taça e bebeu. Seguiu-se um silêncio de expectativa. Por um momento, nada aconteceu. Então, ela virou-se e, sem qualquer expressão, deu um passo na direção do homem chamado Ross. Pôs-lhe os braços em redor do pescoço, pressionou o corpo contra o dele e beijou-o nos lábios longamente. A multidão deu vivas e aplaudiu. Reparei na maneira como o homem a apalpava e lhe metia a língua na boca. Esperava que o Mestre estalasse os dedos, ou acenasse diante dos olhos da rapariga para desfazer o que tinha feito. Em vez disso, ficou a ver o homem conduzir a rapariga pelos degraus abaixo e através da multidão. Um grupo de homens amontoou-se em redor da carroça, ansiosos por comprar a poção. Senti-me ultrajada. Aquilo não passava de um simulacro, de um velho truque, fácil, se se encontrasse um indivíduo suscetível. Fazia-se com facilidade. E desfazia-se com a mesma facilidade.

Mas aquele homem não o desfizera. Deixara ir aquela rapariga com aquele tipo e como eu disse, somos o que somos. Por vezes, temos de agir. O pássaro multicolorido continuava no seu poleiro perto do ombro do Mestre, sempre a gritar.

Olhei-o nos olhos e disse uma palavra em silêncio.

A corda que o prendia quebrou-se. Ninguém viu. O pássaro encolheu-se, aumentou de tamanho e transformou-se. Por momentos, na confusão, ninguém reparou. As penas de cores vivas transformaram-se em escamas brilhantes. Garras e bico desapareceram. Usei a imaginação. O animal tornou-se comprido, esbelto e sinuoso.

A serpente enrolou-se no poleiro, sentindo o poder do seu corpo musculoso e o veneno na sua língua bifurcada. Sentindo o quase esquecido poder da liberdade.

Uma criança perguntou: O que é aquilo, mãe?

O Mestre ficou gelado quando sentiu o animal circular-lhe pelos ombros e enrolar-se em redor do seu pescoço, por cima da capa esfarrapada.

— Aaah... — conseguiu ele dizer num mero fio de voz. O assistente recuou. A multidão recuou. O homem chamado Ross parou e olhou para trás, segurando ainda a rapariga por um braço. Eu avancei um passo, certificando-me de que o Mestre me podia ver.

— Desfaz o feitiço — disse eu muito calmamente. Os seus olhos esbugalharam-se na minha direção. O seu rosto estava violeta. Talvez o aperto fosse forte. Não me importei. — Chama a rapariga e desfaz o que fizeste — disse eu de novo, suavemente, de modo que apenas ele e o assistente pudessem ouvir. — Já, ou morres. Não penses que me importa o que te possa acontecer...

— Aaaah... — conseguiu dizer de novo o Mestre, olhando para o assistente com os olhos esbugalhados. A serpente aumentou o aperto e a sua cauda saiu do poleiro para se enrolar em redor do braço do Mestre. Agora, o homem suportava o peso total do animal. A cabeça, pequena e triangular, estava, agora, mesmo em frente dos seus olhos. O assistente mexeu-se e chamou.

— Tu! Tu aí! Trá-la de volta!

A multidão afastou-se do homem e da rapariga. O terror afastou as pessoas da carroça; mas o fascínio mantinha-as

suficientemente perto, porque aquele divertimento seria objeto de todas as histórias à volta da fogueira durante o longo Inverno que se aproximava. O assistente agarrou na rapariga pelo outro braço e afastou-a do lúbrico Ross. Não precisou de puxar com muita força. Ross tinha empalidecido à vista dos pequenos e maldosos olhos da serpente. Recuou para o meio da multidão. A rapariga ficou próxima do Mestre. A sua expressão era vazia; o terrível animal até podia ser um porco, ou uma ovelha.

— Desfaz o que fizeste — sibilei. — Depressa. Ou ela morde-te. — Não tinha a certeza de que conseguiria fazer aquilo, mas pareceu-me convincente. O Mestre ergueu uma mão trêmula e estalou os dedos diante do rosto vazio da rapariga. Esta pestanejou e esfregou os olhos. Então, viu a serpente e gritou.

— Está tudo bem — disse-lhe eu a coberto da reação excitada da multidão. — Vai para casa. Vai. Procura a tua família e vai para casa.

— O meu pai — disse ela com a voz em pânico, como se recordasse qualquer coisa. — O meu pai mata-me. — Olhou em volta desvairada, avistou alguém na direção dos cavalos e desatou a correr.

— Argh... — ouvi eu a seguir. Não me tinha esquecido do Mestre. Não por completo. E tinha de agir rapidamente e desaparecer, porque tinha avistado Roisin na orla da multidão e sabia que as restantes também deviam lá estar e andariam à minha procura.

Olhei para os pequenos e brilhantes olhos da serpente. Sentia-me contente por ter criado um tal animal. Mas, no fim de contas, uma serpente não pode voar. Disse a palavra em silêncio e ela mudou. O Mestre deu um grito de dor no momento em que o pássaro surgiu fincando-lhe as garras momentaneamente no pescoço, abrindo de seguida as suas grandes asas e erguendo-se, algo desajeitado, no ar, circundando a multidão com um grito de despedida, antes de voar para leste. Toda a gente olhava para cima, estendendo o pescoço para ver o fenômeno. Eu não o desejara,

mas era boa naquele gênero de coisa. As portas das gaiolas abriram-se, os trincos desfizeram-se e as dobradiças caíram. Nem todos podiam ser salvos; tinha que transformar alguns. A lebre transformou-se num belo e saudável pequeno pônei, que mandei na direção dos outros cavalos com uma palmada na garupa. Sair-se-ia bem. A criatura peluda e com garras foi transformada num esquilo, que correu pelo espaço aberto na direção dos carvalhos, onde faria a sua casa. Os tentilhões e as pombas safar-se-iam. Talvez não estivessem presos há muito tempo, porque se afastaram rapidamente, arriscando-se ao Inverno, às armadilhas e aos falcões. Mas faltava um cativo. O pequeno mocho, cuja gaiola estava aberta para a liberdade, ficou no seu poleiro, tremulo, erguendo um pé e depois outro, incapaz de fazer o primeiro movimento. E as pessoas estavam a olhar, a apontar e o Mestre e o assistente avançavam para o sítio onde eu estava, dizendo à criatura para abrir as asas e voar. Imaginei ouvir a voz de Peg, algures para o lado dos carvalhos, a chamar por mim.

— Voa, estúpido, — disse eu ao pássaro. Não podia transformar aquele; era demasiado frágil e estava demasiado aterrorizado para sobreviver. Precisava de tomar uma decisão rapidamente. Virei-me para o Mestre.

— Dá-me este mocho. Ou digo a esta gente a fraude que és. Como todos os teus remédios são uma porcaria. Sou capaz de o fazer.

Ele olhou para mim.

— Tu? — ele em voz baixa para que a multidão não o ouvisse. — Mulher de um camponês? Não me parece. Afasta-te, ou mando-te chicotear por me arruinares o espetáculo e roubar os meus animais. Vai, desaparece... — o homem parou abruptamente quando lhe olhei para o pescoço e disse outro pequeno feitiço.

— Aã aaaggg...

— Estás a ver? — disse eu suavemente. — A serpente foi apenas um divertimento. Não preciso dela para te estrangular lentamente. Dá-me o pássaro.

O homem gesticulou selvaticamente com uma mão e levou a outra à garganta. O assistente tirou a pequena gaiola com o seu pequeno habitante do gancho e eu peguei nela.

— Ótimo — disse eu calmamente, e desfiz o feitiço. O Mestre cambaleou para trás, o rosto branco como a cal, ao mesmo tempo que o seu assistente era cercado pelos espectadores confusos e gesticulantes. Agora que a serpente tinha desaparecido, queriam respostas.

O Mestre olhou para mim.

— Quem és tu? — perguntou ele com um verdadeiro medo nos olhos.

— Sou a filha de um feiticeiro e mais mestre do que tu algum dia serás com os teus taíques baratos. Não voltes a tentar isso, levar uma rapariga a comportar-se como uma qualquer para alugar. Nem te atrevas a pensar nisso. Apontei para o meu próprio pescoço, como que a avisá-lo das conseqüências. Então, vi Molly e a seu lado Roisin e desapareci na multidão, onde era mais uma mulher de um camponês em busca de um dia de divertimento.

Retirei-me para um canto tranqüilo por trás de uma carroça vazia e sentei-me na erva. Disse as palavras em silêncio e voltei a ser eu, uma pequena nômade, com uma saia às riscas, um lenço com uma orla azul, uma longa trança ruiva e um pé defeituoso. Uma rapariga usando o mais belo xale em toda a Cruz, um xale com um desenho soberbo de maravilhosos animais de todas as espécies. Uma rapariga transportando uma gaiola quebrada com um mocho maluco lá dentro. Mas não faria essa última parte.

Falei ao animal em voz baixa. Este parecia estupidificado de medo, limitando-se a levantar, mecanicamente, ora a pata esquerda, ora a direita.

— Não tenhas medo — disse eu, pouco certa de que ele me conseguisse ouvir, quanto mais compreender. — Voa. Voa para a liberdade. — Coloquei lentamente a mão na gaiola, esperando, pelo menos, umas bicadas nos dedos. O pássaro não fez qualquer

movimento, continuando, apenas, a levantar as patas alternadamente. Talvez estivesse mesmo louco. Talvez fosse uma boa ação torcer-lhe o pescoço. Ouvi de novo a voz de Peg sobre o barulho da multidão.

— Anda lá — disse eu. — Ajuda-me! — Rodeei a ave com uma mão, segurando-lhe as asas para que não se magoasse se resolvesse batê-las e tirei-a cuidadosamente, primeiro a cabeça. Sentia o seu coração a bater como um tambor e a fragilidade do seu corpo, todos os ossos e todas as penas. Usei ambas as mãos para manter a ave mais ou menos direita no chão à minha frente, enfrentando o espaço aberto.

— Árvores — disse eu. — Carvalhos. Aquilo, além, são carvalhos. Voa. Usa essas asas. Vai. — Soltei as mãos. A ave ficou ali, trêmula. Pelo menos parara de saltar de uma pata para a outra. — Vai — disse eu dando-lhe um pequeno empurrão.

O pássaro virou a cabeça e olhou para mim.

— Por todos os druidas! — sussurrei, exasperada. — Que hei de fazer? Não posso ficar contigo, tenho de ir e além disso...

A ave olhou para mim com os seus olhos grandes, redondos e loucos.

— Não me chegam os meus problemas? — perguntei-lhe. — Oh, está bem, pronto. — Aquele patético monte de penas não agüentava uma transformação, sabia-o por experiência.

Mais do que um rato, ou escaravelho, fora sacrificado às exigências da minha avó pela perfeição da arte. Mas podia torná-lo mais pequeno. E o meu vestido tinha bolsos fundos, já que uma rapariga nômade precisa de levar consigo agulha e fio, ou uma faca, ou um lenço ou dois. Estendi o braço e peguei na andrajosa criatura.

— Pronto — disse eu pegando nela. — Agora, estava mais ou menos do tamanho de um rato: as garras pareciam os pequenos espinhos de uma rosa brava e os olhos estavam minúsculos, escuros e solenes. Piscaram para mim.

— Espero que não estejas com fome — disse eu em voz baixa. — Espero que compreendas quando eu disser quieto e calado. — Meti o pequeno animal no meu bolso e fui para a feira.

— Fainne! — gritou Roisin, antes que eu tivesse dado cinco passos através da erva. — Onde estiveste? A minha mãe está farta de te procurar, disse que não te conseguia encontrar em parte nenhuma. Onde estiveste?

— Em lado nenhum — disse eu. — Ela não precisava de se preocupar.

— Não foi isso que Darragh disse. — Olhei para ela intensamente.

— E o que é que Darragh disse? — perguntei-lhe, chocada com a minha falta de timidez.

Roisin sorriu.

— Disse que eras capaz de arranjar sarilhos.

— Disparate, vês, estou bem. Onde é que vamos agora?

— Vender os cestos. Assim que os vendermos todos podemos dar uma volta. Mas não sozinhas. A minha mãe não deixa. rapariga andar sozinha — olhou para mim de lado, as sobrancelhas erguidas.

— Desculpa — disse eu. — Não sabia.

— Hã-hã — Fez Roisin e pareceu mesmo o irmão.

Foi tudo o que disse nesse dia. Sentei-me a olhar enquanto Peg, Molly, Roisin e as outras raparigas discutiam o preço dos seus produtos e embolsavam os lucros e a história do que se passou naquela manhã tornou-se mais elaborada. Vimos o Grande Mestre e o seu assistente empacotarem os seus pertences e abandonarem a feira sem mais demoras, deixando clientes descontentes e sem qualquer explicação.

Eventualmente, tinham fugido e isso era causa de conjecturas surpreendentes, porque faziam ambos, há muito, parte da feira, disse Peg. As pessoas tinham grande fé nos seus remédios. Quanto

a ela, nunca precisara daquelas poções. O que não podemos fazer por nós próprios, não podemos, paciência. As pessoas deviam aceitar isso e deixar de querer ser o que não se é. O tipo arrastava multidões, era a única coisa boa a dizer dele. Instalar a venda perto da carroça do Mestre era sinal de boas vendas.

Mantive-me afastada de tudo aquilo. Roisin perguntou-me se eu vira alguma coisa e eu disse-lhe que não, porque havia muitas pessoas mais altas do que eu à minha frente. Só muita agitação e uns pássaros a voarem. Mais nada. Mas as pessoas falaram daquilo durante a manhã toda. Diziam que a magia tinha corrido mal por uma razão qualquer. Uma maldição, talvez. Os animais tinham enlouquecido e uma serpente quase matou o tipo, assim como outro animal maior, com garras afiadas como facas. Nunca tinham visto nada daquilo. E houve uma mulher qualquer que lhe deu uma descompostura. Não gostariam nada de a desafiar. Terrível, como uma feiticeira, se bem que não passasse da mulher de um camponês. E então, de repente, desapareceu. Mas o tipo ficou assustado, via-se bem. Ficou da cor do queijo fresco e com uma marca vermelha no pescoço.

Os cestos venderam-se rapidamente e Peg ficou contente. Tinha mais no acampamento, disse ela, assim como outras coisas, lenços e outras coisas. No dia seguinte traria mais. Tínhamos a tarde livre. Mas, disse-nos Peg, nada de disparates. Nenhuma de nós poderia andar sozinha e teríamos de voltar antes do Sol tocar nos carvalhos, porque ainda era uma longa caminhada até ao acampamento e não queria que as crianças se cansassem muito. Ela e Molly empacotariam tudo, saboreariam umas canecas de cidra e poriam a conversa em dia com as amigas.

Mais uma vez, não tive escolha. Roisin agarrou-se a mim e na companhia de duas outras raparigas levou-me por entre uma data de corpos, desejosa de algum divertimento. Subitamente, senti-me invadida pelo pânico. Havia gente a mais, muito perto e eram todos estranhos. Uma coisa horrível, homens de olhar lúbrico como aquele tipo, Ross, homens estendendo as mãos para beliscar e apalpar, homens dizendo coisas como *Queres vir comigo, querida?* e depois

rindo ruidosamente como se tivessem dito uma grande piada. Mulheres insultando crianças desobedientes. Donos de barracas gritando os seus produtos com vozes que mais pareciam trompas. Não podia sair dali, porque não tinha para onde ir. Não tinha o poder de lançar um feitiço de transporte. O meu pai recusara-se a ensinar-me isso, dizendo que eu não estava preparada. Brinquei com o pensamento de transformar toda a gente em baratas, ou aranhas. Pelo menos, então, a pequena criatura no meu bolso poderia comer. Mas eu não queria discussões com Roisin, ou Peg, ou Molly. Ou até com Darragh. Não, tinha de fazer outra coisa. Usa o encantamento, Fainne.

Já resultara antes, dando-me a confiança necessária para o usar quando precisasse dele. E ninguém reparara em nada. Seria fácil.

Fi-lo gradualmente enquanto andávamos por entre a multidão O cabelo, de ruivo entrançado, passou a um dourado-avermelhado, cor de mel, mais suave. Os olhos mais claros, mais azuis, maiores, as pestanas longas e escuras. As sobrancelhas delicadamente arqueadas, os lábios doces e vermelhos. A silhueta, não muito diferente: uma pequena curva ali, uma pequena curva aqui e uma mudança na forma dos ombros. Por fim, os pés. Direitos, belos, perfeitos, em botas que assentavam que nem uma luva. Pés para dançar.

Compramos nozes assadas a um tipo de pele escura que tinha uma braseira. Foram pagas com um beijo. Mas não fui eu que o dei; o Encantamento não era suficiente para me tornar, de repente, corajosa. Foi Roisin, que espetou um beijo em cada uma das faces do homem, com um sorrisinho matreiro. Depois foi a cidra, que era grátis para todos aqueles que vendiam na feira.

Fomos tentadas pelo som de um assobio, de um bodhrán e de um especialista em colheres e fomos arrastadas para um grande círculo de gente que se preparava para dançar a jiga e o reehl na relva. Os homens começavam a regressar, tendo terminado os negócios, e Roisin e as outras tinham os olhos postos em certos rapazes de quem gostavam.

Ninguém reparou que eu estava diferente. No fim de contas, não me tinha transformado na mulher de um camponês, ou numa velha, ou num dragão. Tudo o que fizera fora melhorar a minha pessoa sutilmente, muito sutilmente.

Como o meu pai me dissera, não somos nós que mudamos com o Encantamento. A percepção das pessoas que nos vêem é que muda. Assim, naquela tarde, não me disfarcei. Não queria desaparecer e ter Roisin e as outras à minha procura. Queria, apenas, encaixar-me, aderir, libertar-me do terror que tinha de ser eu mesma e estar sempre deslocada. Além disso, disse eu para mim própria, era uma boa prática para quando estivesse em Sevenwaters.

Roisin tinha um namorado. O rapaz apareceu na orla da multidão e eu vi-o a olhar para ela, aproximar-se e pôr-lhe as mãos nos olhos por trás, rindo e pedindo-lhe para dançar. Tinha um queixo determinado e ombros fortes. Pouco tempo depois, outro rapaz pediu-me e eu aceitei, sorrindo como a minha avó me ensinara.

Ser elegante era uma sensação estranha. A música parecia transportar-me e eu flutuava de um parceiro para outro, sorrindo naturalmente, sem sequer me esforçar.

Estava calor e tirei o lenço. A fita azul perdeu-se e o meu cabelo soltou-se. Senti aquele rio dourado-avermelhado nos ombros, a saia às riscas girando à minha volta e o meu belo xale cintilando ao Sol da tarde. Senti o som do bodhran bem dentro de mim, transportando-me. Senti os olhos dos homens em mim, admirando-me e não me importei nem um bocado. Dancei com o rapaz sardento do nosso acampamento, o que tinha um cavalo chamado Silver, ele sorriu muito e não disse nada. No outro lado do círculo, Roisin continuava com o mesmo rapaz: só tinham olhos um para o outro. Dancei com um homem mais velho, um camponês com um belo casaco de botões de prata e olhos penetrantes. Perguntou-me o nome e eu disse-lhe. Perguntou-me se me poderia ver no dia seguinte e eu disse talvez. Apertou-me mais do que eu gostaria e eu pensei rapidamente. O homem ficou subitamente muito pálido e pediu desculpa. Não lhe fizera nada de mal. Ele é que

vomitou a comida toda que tinha dentro. No dia seguinte estaria melhor.

O Sol estava perto da copa dos grandes carvalhos e as nuvens amontoavam-se. Mas eu ainda não estava pronta para ir. Ali, era o centro de algo. Era eu e não era eu, era as duas ao mesmo tempo. Tudo se movia à minha volta, os homens de olhos esfomeados, o ritmo e a vibração da música, os lenços e os xales coloridos, os cabelos ao vento, o movimento, o riso e as luzes.

Um tipo alto estava a pedir-me para dançar, empurrado pelos amigos. À distância, podia ver Roisin a despedir-se do jovem. E para lá deles, na parte mais longínqua do círculo estava Darragh, muito quieto, olhando para mim. A sua expressão não estava exatamente zangada. Era mais do que isso. Era o olhar de um homem cujos maiores receios se tinham concretizado mesmo diante dos seus olhos. Deu um trejeito com a cabeça, como que a dizer vamos embora, chegou a hora. Em seguida virou costas e desapareceu na multidão. Nem sequer ia esperar por mim.

— Desculpe-me — sussurrei eu ao meu par seguinte, e fui-me embora calmamente, desfazendo o Encantamento à medida que caminhava na direção do sítio onde Darragh me deixara nessa manhã, perto dos grandes carvalhos.

Aoife estava sob as árvores, à sombra. Darragh estava junto dela, carrancudo e silencioso. Juntou as mãos para me ajudar a subir para a égua, saltou por trás de mim e partimos em passo rápido. Ele não disse nada até estarmos bastante afastados, depois de passarmos pelos pequenos barcos em terra, com as nuvens a amontoarem-se no céu por cima de nós. Não havia mais ninguém à vista.

— Não te posso perder de vista por um momento, pois não? — observou ele.

— Não sei de que estás a falar.

— Pensei que me tinhas prometido que não te meterias em sarilhos. E agora, olha para ti.

— Que queres dizer com isso, olha para mim? — repliquei, detestando que ele estivesse zangado comigo. — Fui à feira, vendi cestos, fui dançar com a tua irmã e agora vou para casa. Como toda a gente. Não era isso que querias?

Silêncio.

— Então, não era? — Até a mim a minha voz soava esganiçada. Ele estava a deixar-me pouco à vontade.

— O que eu quero não é para aqui chamado — disse Darragh calmamente.

— Isso é um disparate — respondi, não compreendendo o que ele queria dizer.

Continuamos em silêncio, enquanto a chuva começava a cair. Aoife abanou as orelhas.

— É claro que é bom estar entre as pessoas e divertires-te — disse ele, finalmente. — Não há nada de errado em dançar. Mas não... assim.

— Assim como?

— Exibindo-te. Chamar a atenção. Fazer com que os homens olhem para ti como se quisessem algo mais para além de dançar. Fazer... o que tu fazes.

Mordi os lábios e não disse nada.

— Fainne?

— Eu não me meti em sarilhos — disse eu com toda a dignidade de que era capaz, tentando descobrir por que razão ele conseguia perturbar-me tanto. — Tudo o que fiz foi divertir-me um pouco. Além disso, não tens nada com isso.

Seguiu-se outro silêncio incômodo, pontuado pelo som de cascos a aproximarem-se.

O jovem das sardas, no seu cavalo cinzento, aproximou-se de nós, sorrindo para mim.

— Querem companhia? — ele olhando para Darragh, e eu vi a expressão dele mudar, enterrar os calcanhares nos flancos do cavalo e desaparecer a galope.

— De qualquer maneira — disse Darragh enquanto virávamos à direita, afastando-nos da água — que é que aconteceu antes? Ouvi uma história acerca de uma feiticeira, de animais a fugirem, uma desordem e pássaros transformados em serpentes.

— Também ouvi.

— E então?

— Então o quê?

— Então, Fainne — disse ele, exasperado, e deteve Aoife. — Me digas que não tens nada a ver com isso. Alguém me disse que um homem foi quase estrangulado. Diz-me a verdade.

Eu não disse nada. Não tive que o fazer, porque nesse momento um pequeno animal todo esfarrapado pôs a cabeça de fora do meu bolso, talvez pensando que os solavancos tinham, por fim, acabado. O minúsculo pássaro saltou e instalou-se no pescoço de Aoife, bicando a plumagem desordenada numa vã tentativa de a alisar.

Aoife permaneceu firme como sempre, uma jóia entre os cavalos.

— Em nome de Brighid, o que é isto?

Tossi para clarear a voz.

— Creio que é uma espécie de mocho. Não quis voar e eu não podia deixá-lo abandonado. Tive de lhe reduzir o tamanho para que as pessoas não reparassem nele.

— Estou a ver.

— O homem era uma fraude, Darragh. Tentou fazer com que uma rapariga fizesse uma coisa horrível. Por meio de truques. As suas poções não valem nada. Não se preocupava com os animais,

estavam cruelmente engaiolados e... querias que eu ficasse ali sem fazer nada?

Darragh suspirou.

— Não sei. Já não sei nada. — Sem um sinal visível por parte do seu cavaleiro, Aoife recomeçou a andar e o minúsculo mocho oscilou um pouco. Baixei a mão para o amparar. *Gafanhotos*, pensei vagamente. *Vermes. Pequenos escaravelhos.*

Estávamos quase a chegar ao acampamento quando ele falou de novo.

— Tu precisas de vigilância constante, dia e noite. Não sei em que pensava o teu pai quando te mandou embora assim, por tua conta. É como... como entregar um archote a uma criança e dizer-lhe que vá brincar. Não és só um perigo para ti própria, és um perigo para toda a gente. E o pior é que não te apercebes disso.

— Que sabes tu? — resmunguei, pensando em como me sentia feliz naquela manhã, quando passei por aquele lugar, e como me sentia agora, miserável. Ele conseguira tirar toda a alegria àquele dia.

— Sei, Fainne — disse ele calmamente. — Conheço-te melhor do que ninguém. Gostaria que me ouvisses. O que tu fazes é... não está certo. Estás a manchar o teu próprio futuro. Não é por aí que vais lá. Gostaria que me ouvisses.

Uma parte de mim ansiava por lhe dizer que lamentava; por ter estragado o nosso dia, por termos discutido, por no Verão seguinte ele regressar a Kerry e eu não estar lá. Mas não podia dizer aquelas coisas, não me podia dar ao luxo de o ouvir dizer que eu não tinha coragem para continuar; para fazer o que a minha avó dissera que eu devia fazer. A vida do meu pai dependia disso. E Darragh ferira-me profundamente, porque a sua opinião era tudo para mim. As palavras saíram-me aos trambolhões antes que eu as pudesse evitar, detestáveis, ofensivas.

— Tu não sabes nada! Como poderias saber? Como poderias compreender o que devo fazer e porquê? É como... é como se um

cão vadio tentasse interpretar o movimento das estrelas. É impossível e ridículo. Gostaria que me deixasses em paz! Já não te consigo ouvir. E não posso ser mais tua amiga. Não preciso de ti, Darragh. Nem agora, nem nunca.

Uma vez dito aquilo, não podia recuar. Acabamos a jornada em completo silêncio.

Ele desmontou sem uma palavra e ajudou-me, polidamente, a descer, ao mesmo tempo que eu pegava no pequeno mocho e o metia, de novo, no bolso. Olhei para Darragh e ele olhou para mim. Então, o nômade pegou nas rédeas de Aoife, afastou-se e eu fiquei sozinha.

CAPÍTULO QUATRO

A chuva estava pegada e uma das crianças tinha tosse. Ofereci-me para ficar a cuidar dela e Peg aceitou, agradecida. Mas deixou também Roisin. Para me fazer companhia, disse ela. A idéia de fazer de enfermeira agradava-me. A rapariga não me daria trabalho nenhum. Além disso, não podia passear com aquela chuva e nem queria pensar em ir de novo a cavalo com Darragh, quanto mais falar com ele. O fato de pensar nele fazia-me sentir deprimida. Sabia que o tinha ferido. Engraçado, parecia que o meu coração me doía.

Enquanto a criança descansava, ocupei-me do meu outro encargo. Passara a noite empoleirado num suporte lateral da tenda, minúsculo, quieto e silencioso. Talvez não quisesse que eu soubesse que era capaz de voar. Não dormiu o dia todo, como qualquer mocho. Em vez disso, manteve os olhos meio abertos, observando-me e parecia feliz ao aceitar os pequenos bocados de comida que eu lhe dava: larvas, escaravelhos e outros insetos. Na tranqüilidade da noite, enquanto as pessoas dormiam, vira-o, por duas vezes, erguer as pequenas asas amarrotadas e atacar, súbita e mortalmente, uma criatura qualquer no solo, regressando depois ao poleiro para comer a sua refeição asseadamente com bico e garras miniatura.

— És uma fraude — sussurrei, sentada junto do leito da criança com o mocho empoleirado no meu dedo e dando-lhe um verme recém-apanhado. O pequeno pássaro olhou para mim intensamente, abriu o bico e abocanhou. O verme desapareceu. — Uma completa fraude. — O pássaro fechou os olhos até não serem mais do que uma fenda, agitou as penas e pareceu adormecer. Então, ouvi cascos no exterior e meti-o no canto escuro do meu bolso.

Ouvi a vozes de Roisin e de um homem. Olhei para fora da tenda e voltei para dentro. Pensava que Roisin só via o namorado uma vez por ano. Não era a maneira ideal de conduzir um namoro,

se aquilo era um namoro. Sentei-me em silêncio, ouvindo as vozes de ambos, mas sem apanhar as palavras. A minha mente estava longe. Pensava no meu pai e como perdera o amor da sua vida e os seus sonhos.

Pensava que era bom ir para Sevenwaters agora e não mais tarde. Algumas coisas podem magoar-nos. Algumas pessoas podem ferir-nos. Na minha vida não havia lugar para isso. E não podia haver outro tipo de vida para mim, ou para a minha espécie. Já sabia isso. Tinha, apenas, de o dizer a mim própria, mais nada, e a dor desapareceria.

A chuva quase parara. Do exterior, junto da fogueira, Roisin chamou-me.

— Fainne?

Emergi da tenda. O jovem estava a acender o fogo e Roisin estava a fazer chá.

— Anda tomar uma bebida. Está a ficar frio. Este é o Aidan. Aidan, esta é a Fainne. Amiga de Darragh.

Já não, pensei, forçando um sorriso.

— Encantado por te conhecer — disse o jovem e eu acenei com a cabeça.

— Aidan trouxe algumas notícias, Fainne. — Roisin parecia invulgarmente hesitante. Não conseguia imaginar que notícias me poderiam interessar. — Parece que Darragh, finalmente, tomou uma decisão — continuou ela.

— Acerca de quê? — perguntei, aceitando uma taça do seu chá de camomila a ferver.

— Diarmid O'Flaherty e os cavalos dele — disse Aidan, que se sentara num dos bancos com o braço em redor de Roisin.

— Ele não te disse? — perguntou Roisin, quando eu não respondi. Abanei a cabeça.

— O’Flaherty tem andado em cima dele, e do meu pai, estes últimos dois anos, para que Darragh vá para a herdade dele para o ajudar a treinar os cavalos. Desde que Darragh conseguiu pôr as mãos num cavalo que nem O’Flaherty, nem nenhum dos seus homens conseguia tocar. Foi há um certo tempo atrás. Ele sabe lidar com eles como mais ninguém. Alguns dos melhores cavalos são da coudelaria de O’Flaherty. Seria uma grande oportunidade para Darragh. Mas a nossa espécie não se estabelece. Ele disse sempre que não. Prefere andar na estrada ou regressar a Kerry, com ou sem cavalos.

— Mas parece que, agora, quer assentar — observou Aidan. — Talvez haja aí uma rapariga. As duas filhas de O’Flaherty são bem jeitosas.

Roisin olhou para ele. Quanto a mim, fiquei ali com a taça nas mãos sem dizer uma palavra.

— Foi uma surpresa — disse Roisin. — O meu pai ficou contente e triste ao mesmo tempo. Sabe que é uma grande oportunidade. Mas vamos ter saudades de Darragh.

— Não vão ser assim tantas — disse Aidan. — Vocês vão vê-lo por ocasião da feira. Aqui, em Ceann Na Mara, é sempre assim — explicou ele, olhando para mim. — Os Verões no campo e os Invernos na costa. O’Flaherty tem muitas herdades. Quem casa naquela família tem o futuro garantido.

— Quem falou em casamento? — zombou Roisin, espetando-lhe um dedo nas costelas.

— Fala-se.

— As pessoas dizem o que lhes apetece. Isso não faz com que seja verdade. Nunca pensei que Darragh fizesse uma coisa destas. Deixou-nos a todos surpreendidos. — Ela olhou para mim. — Pensei que tinhas sido a primeira a saber.

Depois daquilo as coisas aconteceram rapidamente. O’Flaherty regressaria a casa no dia seguinte e levaria Darragh com ele. As pessoas reuniram-se em volta da fogueira nessa noite, mas o ar

estava frio e ninguém estava com disposição para festas. Eu disse que estava cansada e fiquei na tenda. As pessoas conversaram em voz baixa enquanto bebiam as suas cervejas. Não houve histórias nem grandes risos. Mais tarde, alguém pediu a Darragh que tocasse gaita-de-foles; mas foi Dan Walker que entreteve toda a gente com um par de canções. Eu não via, mas ouvia. A música era melhor do que a de Darragh, mas não tinha a mesma alma.

Mais tarde, quando já toda a gente dormia e caía uma chuva fina, ouvi-o ao longe, junto da margem, na escuridão. Tocava para si próprio; uma espécie de adeus à família e aos amigos e à vida que lhe estava no sangue. *Eu sou um nômade, percebes*, dissera ele. *Sempre em movimento.* O lamento espalhou-se pela praia vazia e pelas águas escuras e ondulantes, penetrando no mais profundo da minha alma.

Antigamente teria sido fácil. Ter-me-ia levantado e teria ido ter com Darragh, sentando-me a seu lado. Não haveria necessidade de palavras entre os dois, porque a minha presença seria suficiente para que ele soubesse que lamentava tê-lo magoado.

Ele teria compreendido que continuava a ser meu amigo. Mas, agora, as coisas eram diferentes. Fora eu que as mudara e agora o meu amigo ia deixar-me para sempre.

Era melhor assim; melhor para mim, melhor para ele. Nesse caso, por que é que me doía tanto? Apertei o talismã da minha avó, sentindo o seu calor, sentindo a segurança que ele me dava, sentindo que o caminho que escolhera era o caminho certo, o único. Puxei o cobertor para cima de mim e pus as mãos nos ouvidos. Mas a voz da gaita-de-foles chegava-me ao coração e não se calava.

Muito tempo mais tarde cheguei a Sevenwaters, já depois de Meãn Fómhair, e havia uma quietude brumosa no ar. Passara muitos dias na estrada, tantos que lhes perdera a conta. O grupo separara-se em dois, deixando uma carroça num acampamento não muito longe da Cruz com a maioria do clã. Sem os velhos e as crianças andamos mais depressa, parando apenas à noite. Dan conduzia a carroça com Peg sentada a seu lado e Roisin fazia-me

companhia. Apesar da gentileza de todos, os meus pensamentos estavam na missão que se aproximava; não via mais nada. Dizia a mim própria, vezes sem conta, para esquecer Darragh. O que passara, passara. E tentei, com muita força, não pensar no meu pai.

Acampamos durante duas noites num lugar chamado Glencarnagh, onde havia uma grande casa e muitos homens armados vestidos com túnicas verdes, ocupados nas suas tarefas com ares carrancudos. Vi ali mais árvores do que nunca, de todas as espécies, grandes pinheiros cobertos de agulhas e outras mais pequenas, aveleiras e sabugueiros, já preparadas para o sono de Inverno. Mas aquilo não era nada comparado com a floresta. À medida que percorríamos um trilho com grandes rochas à esquerda e à direita, podíamos vê-la à distância, espalhando-se pela paisagem, envolvendo os montes, adoçando os vales. Sobre ela, a bruma, úmida e espessa.

— Ali está ela, pequena — anunciou Dan Walker. — A floresta de Sevenwaters.

— Vamos já para lá? — perguntou Peg. O seu tom era tudo menos entusiástico.

— A minha velha tia matava-me — disse Dan se eu passasse por aqui sem a visitar. — Além disso, prometi a Ciarán que lhe poria a filha à porta do tio.

— Se assim tem que ser, que seja — disse Peg.

— Quanto mais não seja, comes lá uma boa refeição — disse Dan, olhando para ela de lado. — A minha tia trata disso.

Ir logo para lá, como Peg dissera, provou ser mais difícil do que eu imaginara.

Aproximamo-nos através de campos cultivados e subimos uma encosta até um afloramento rochoso. A floresta ficou para trás, cercada de montes, estendendo-se como um enorme cobertor escuro. Era assustador; um lugar de mistério e sombras, um outro mundo, fechado e secreto. Eu não compreendia como podiam as pessoas viver num lugar daqueles. Não teriam as almas sufocadas,

privadas do vento, das ondas e dos espaços abertos? No meu bolso, o pequeno mocho agitou-se. E à nossa frente, no trilho, onde antes não havia ninguém, apareceu subitamente um bando de homens armados, vestidos todos com as mesmas roupas escuras, da cor das pedras e das árvores à nossa volta. O seu chefe vinha à frente, porque, por cima do colete de couro usava uma túnica branca com um símbolo azul: dois colares interligados.

— Dan Walker, viajante de Kerry — disse Dan calmamente enquanto descia da carroça sem que lho ordenassem. — Tu conheces-me. A minha mulher e a minha filha. Vimos de Glencarnagh. Espero ter a hospitalidade de Lorde Sean por uma noite ou duas.

Os homens rodearam a carroça, acotovelando-se e olhando para os ocupantes.

Tinham espadas e facas e dois deles estavam armados com arcos. Havia uma eficiência ameaçadora naquilo tudo.

— Diz à tua gente que desça enquanto nós inspecionamos a carroça — disse o chefe.

— Nós somos nômades — disse Dan em tom suave. — Só temos potes, panelas e um cesto ou dois. E as raparigas estão cansadas.

— Diz-lhes que desçam.

Fizemos como ele ordenou. De pé, no trilho, ficamos a vê-los fazerem uma busca metódica a todos os artigos na carroça. Nem a minha pequena arca de madeira foi poupada. Não gostei de ver os homens de armas apalpar as saias macias de Riona com as suas grandes mãos. Por fim, terminaram. O chefe percorreu-nos com os olhos. Roisin pestanejou para ele, mas o seu rosto permaneceu impassível. O homem olhou para mim e a sua expressão tornou-se mais penetrante.

— Quem é esta rapariga?

Ele perscrutava-me de perto e eu estava com medo. Eles eram druidas, não eram?

Talvez conseguisse ler nos meus olhos as intenções da minha avó. Talvez me detivessem antes de eu começar, sequer, e o meu pai seria punido. Rápida como um relâmpago, usei o Encantamento sutilmente, para dar ao meu rosto uma certa suavidade e aos meus olhos uma umidade inocente. Olhei para o homem de armas através das minhas longas pestanas.

— É a sobrinha de Lorde Sean, de Kerry — disse Dan. — Fainne. Foi-me confiada para que a trouxesse aqui. Vai ficar em Sevenwaters por uns tempos, até ao nosso regresso.

— Sobrinha? — disse o homem, mas a sua voz suavizou-se. — Não sei de sobrinha nenhuma.

— Manda uma mensagem a Lorde Sean, se quiseres. Diz-lhe que a filha da irmã dele está aqui. Ele deixa-nos passar.

Os homens de armas retiraram-se para conferenciar. Seguiram-se alguns olhares na minha direção e também na de Roisin.

— Está pior do que da última vez — comentou Peg. — A guarda foi reforçada. Deve estar para acontecer alguma coisa.

— Eles deixam-nos passar — disse Dan.

Seguiu-se uma longa espera. Passamos a primeira noite acampados ao lado do posto da guarda enquanto um homem corria pelo labirinto da floresta com uma mensagem para o meu tio. Na manhã seguinte, muito cedo, fomos acordados pelo som abafado de cascos de cavalo no solo mole. Ao mesmo tempo que eu punha de lado o meu cobertor e esfregava os olhos, apareceram dois homens, que desmontaram enquanto Dan se aproximava para os cumprimentar. Dois cães cinzentos, do tamanho de pequenos pôneis, ficaram de guarda junto dos cavalos.

— Meu senhor.

— És Dan Walker, não és? Deixa-te de formalidades. Espero que tenhas dormido bem, aqui.

O homem que falara devia ser o meu tio Sean. Tinha uma aura de autoridade que o distinguia como chefe. Era de meia-idade, não muito alto, mas de forte compleição, com cabelos escuros encaracolados afastados do rosto. As suas roupas eram simples mas de boa qualidade e também ele usava o símbolo dos colares interligados. Não consegui ver o outro homem a seu lado.

— Disseram-me — disse o meu tio — que trazes uma visita inesperada.

Dan Walker tossiu ligeiramente.

— Prometi trazê-la sã e salva até à tua porta, meu senhor. Ela vive perto do local onde passamos o Verão. A rapariga chama-se Fainne.

Como não podia esperar mais, coloquei-me ao lado de Dan. Olhei para o meu tio Sean e sorri-lhe

— Bom dia, tio — disse eu educadamente.

A sua expressão mudou, como se tivesse visto um fantasma.

— Brighid nos salve — disse ele suavemente. — Não há dúvida que és a filha da tua mãe.

Então, um dos grandes cães aproximou-se possessivamente para se colocar na sua frente, rosnando baixo enquanto fixava os seus terríveis olhos em mim.

— Chega, Neassa — disse o meu tio e o cão calou-se, mas continuou a fixar-me. — És bem-vinda a nossa casa, Fainne. — Lorde Sean inclinou-se para me beijar numa face e depois na outra. — É uma grande surpresa.

— Espero não incomodar.

— Vais encontrar uma certa perturbação, porque estamos no meio de acontecimentos importantes. No entanto, terás uma recepção de boas-vindas em Sevenwaters. Será melhor ires

conosco. Trouxemos-te uma montada. Dan e a sua família podem seguir-nos com uma escolta.

— Não é preciso — disse Dan. — Além disso, eu fui encarregue de levar a rapariga até Sevenwaters. As minhas instruções foram muito precisas.

Os olhos de Lorde Sean semicerraram-se ligeiramente.

— Só se entra ou sai com escolta, amigo ou inimigo. É para tua proteção. Os dias em que se entrava em Sevenwaters para um casamento, ou para um aniversário, acabaram há muito. Os tempos vão perigosos. Quanto à minha sobrinha, fica em segurança com a família. Suponho que não te opões a isso?

Dan sorriu secamente.

— Não, meu senhor — replicou.

— Pode ser que precises de algum tempo para te preparares. — O meu tio olhou para mim mais de perto, talvez observando o vestido amarrotado e o cabelo desgrenhado.

— Talvez comer qualquer coisa. Mas não te demores. Ainda é uma longa cavalgada.

O meu tio afastou-se ligeiramente com Dan, como se desejasse falar com ele em particular e eu pude ver o outro homem, o seu companheiro silencioso, esperando a alguma distância e segurando as rédeas dos três cavalos numa mão. O homem era mais velho, com cabelos lustrosos, macios, que deviam ter sido castanhos, mas que agora eram grisalhos; cabelos nos quais tinham sido feitas muitas pequenas tranças atadas com fitas coloridas. Tinha um rosto curioso, sem rugas e sereno e uns olhos cinzentos sem idade; usava um longo traje branco que ondulava e mudava de forma, se bem que não houvesse vento. E usava um bastão de vidoeiro; e o sol pálido da manhã brilhava no colar dourado em redor do seu pescoço.

— Creio que sabes quem eu sou. — A voz era a de um druida, suave, como música, uma armadilha para os ouvidos e para a

mente.

— És Conor, o arquidruida?

— Sou. Podes tratar-me por tio, senão achares isso muito confuso.

— S... sim, tio.

— Aproxima-te, Fainne.

Eu fi-lo relutantemente. Precisava de tempo para me preparar; tempo para me recompor, para reunir todas as forças de que necessitava. Mas não tive tempo. Olhei-lhe para os olhos, sabendo que tinha a memória da minha mãe para me ajudar.

Aquele homem planeara a sua queda. Afastara-a de todos os que amava e, com o tempo, isso fora a sua sentença de morte. Ele olhou para mim com os seus tranqüilos olhos cinzentos e eu senti-me muito desconfortável, quase como se ele estivesse a ver o que havia dentro de mim. Mas eu agüentei o olhar sem pestanejar; fora bem treinada.

— Sean está enganado — disse Conor. — Acho que és muito mais parecida com o teu pai.

Mesmo no Outono, com o solo úmido cheio de folhas sob os cascos dos nossos cavalos, a floresta era escura. Parecia estender os seus braços à medida que íamos entrando cada vez mais nela, envolvendo-nos na sombra. Por vezes, havia vozes. Chamavam do ar por cima de nós, em voz alta e de modo estranho, mas quando eu olhava para cima, tudo o que via era um movimento fugitivo na periferia da minha própria visão, por entre os ramos despidos das faias. Era como teias de aranha no ar; era como um manto de bruma movendo-se mais depressa do que a vista. Eu não percebia as palavras. Os dois homens cavalgavam imperturbáveis; se apercebiam aqueles truques de luz e sombra, aceitavam-nos como uma coisa familiar daquela paisagem impenetrável e misteriosa. Era secreta, fechada. Senti-me como numa armadilha.

O passo dos cavalos não dava qualquer concessão ao meu cansaço e eu continuei desesperadamente, grata por o meu cavalo parecer seguir a direção certa sem qualquer incitamento. Ninguém me tinha perguntado se eu sabia montar; e eu também não ia dizer a ninguém que nunca tinha montado sem Darragh a meu lado fazendo tudo. Os cães corriam à frente, procurando odores no chão. O meu tio Sean mantinha uma conversação amigável enquanto prosseguíamos. A princípio foi apenas uma conversa educada. Pensei que tentava pôr-me à vontade. Deu-me a saber que estava em curso um conselho com muitos visitantes; que eram tempos em que tinham de ter muito cuidado e que ele sabia que eu compreenderia. Mencionou que tinha uma filha mais ou menos da minha idade, que me ajudaria a adaptar-me. A sua mulher, a minha tia Aisling, ficaria encantada por me conhecer, porque também ela conhecera a minha mãe.

— Sabes, não fazíamos a mínima idéia de que virias, até aquele tipo aparecer, ontem à noite — acrescentou ele gravemente. — O teu pai não nos tem mandado muitas mensagens. Gostaríamos de te ter conhecido antes. Mas Ciarán estava decidido a limitar o contato com a nossa família. Nunca mais os vimos depois... depois do que aconteceu.

— O meu pai tinha as suas razões — disse eu para o silêncio extremamente incômodo.

Sean acenou com a cabeça.

— Eles nunca poderiam regressar juntos a Sevenwaters, isso é certo. Continuo convencido de que o que ele fez foi errado. Mas mandou-te regressar a casa. Sou receptivo a isso. Vais achar as pessoas curiosas quando chegares. Muirrin, a minha filha mais velha, vai tomar conta de ti e ajudar-te a lidar com essas questões.

— Curiosas?

— Passou muito tempo. A partida da tua mãe e o que a levou a isso tornou-se tema de histórias; um pouco como a história da tua avó e do tempo que os meus tios passaram sob um feitiço, como criaturas selvagens. As pessoas já mal sabem se aquilo aconteceu

mesmo ou se é uma lenda. As coisas são assim. A tua chegada vai levantar conjecturas. As pessoas vão falar durante algum tempo. Não sabem a verdade sobre o que aconteceu à tua mãe. Toda a situação tem de ser encarada com cuidado.

Não repliquei. Estava cada vez mais consciente da presença silenciosa do druida; da maneira como ele parecia vigiar-me, se bem que os seus olhos estivessem fixos no trilho à sua frente. Sentia-me como se me estivesse a avaliar sem dizer uma só palavra. Senti-me muito pouco à vontade.

— Vamos fazer uma breve paragem — disse Sean parando o seu cavalo numa pequena clareira. Havia ali um ribeiro com fetos crescendo junto de uma pequena lagoa e a luz vinda de cima chegava filtrada, dando aos troncos das árvores, cheios de musgo, uma misteriosa luminescência verde. Os grandes ulmeiros estavam coberto de hera. — Eu ajudo-te a descer, Fainne.

Não consegui evitar um gemido de dor quando os meus pés tocaram no chão, e o meu corpo ficou cheio de cãibras.

— Não estás habituada a andar a cavalo — observou Sean, juntando pedaços de madeira para fazer uma fogueira. — Devias ter-nos dito. — Esfreguei o traseiro dorido e baixei-me com alguma dificuldade para a manta de sela que me foi dada. Estava mesmo cansada; mas não baixaria a guarda, porque aquele homem continuava a olhar para mim com os seus insondáveis olhos cinzentos, Sean recolhera rapidamente uma pilha de ramos caídos. O fato de ser senhor de Sevenwaters parecia não o ter impedido de adquirir capacidades práticas. Os cães deixaram-se cair pesadamente, as línguas cor-de-rosa de fora das suas grandes bocas.

— A madeira está um pouco úmida — observou Sean, olhando para Conor. — Acendê-la por mim?

Olhei para o druida e ele olhou para mim, impassível.

— Por que não a acendes tu, Fainne? — perguntou ele sem ênfase. Soube naquele momento que, por mais que fizesse, nunca

conseguiria mentir-lhe. Não podia alegar ignorância feminina, ou tentar uma mentira qualquer. Aquilo era um teste e só havia uma maneira de o passar. Ergui a minha mão e apontei um dedo para a pilha de pequenos ramos e galhos. O fogo brilhou, pegou e começou a arder, firme e quente.

— Obrigado — disse Sean erguendo as sobrancelhas. — O teu pai ensinou-te umas coisas, nesse caso.

— Uma ou duas — repliquei cuidadosamente, aquecendo as mãos. — Pequenos truques, nada mais.

Conor sentou-se num grande tronco, um pouco afastado do fogo. As chamas mostraram-me o seu rosto estranhamente sombrio, de uma palidez acentuada. Os olhos estavam penetrantemente fixos em mim.

— Sabes que Ciarán seguiu o caminho dos druidas durante muitos anos — observou ele. — Seguiu-o muito prometedoramente e com grande aptidão.

Acenei com a cabeça, cerrando os dentes de irritação. Ficava-lhe bem dizer aquilo: encorajara o meu pai e mentira-lhe, deixando-o acreditar que poderia tornar-se num dos sábios, quando sabia que o seu estudante era filho de uma feiticeira. Fora uma coisa bem cruel.

— Dizes que o teu pai te ensinou um ou dois truques. E ele? Como é que ele vive a vida? Ainda exerce as capacidades que tinha com abundância?

Que te interessa, pensei, furiosa. Mas respondi cautelosamente.

— Nós temos uma vida simples, solitária. Ele anda sempre em busca de conhecimento. Pratica a sua arte. Mas raramente a usa. Foi a escolha dele.

Conor ficou silencioso por um momento. Em seguida, perguntou:

— Por que é que ele te mandou para aqui?

Sean olhou para ele franzindo ligeiramente o sobrolho.

— É uma pergunta razoável. — O tom de Conor era moderado. — Porquê agora? Por que razão educou a filha para a mandar embora após... o quê... quinze, dezesseis anos?

— Talvez pense que Fainne tem melhores hipóteses de casamento, melhores perspectivas de vida, se viver aqui com a família durante algum tempo — disse Sean. — É uma questão de bom-senso. Ela tem direitos de nascimento como todos os outros filhos de Sevenwaters, porque todos... — O meu tio parou abruptamente.

— Fainne? — Conor não ia deixar que aquela pergunta ficasse sem resposta.

— Pensamos que chegara a hora. — Aquilo pareceu-me uma boa resposta. Era verdade: e não dava a entender nada.

— Assim parece — disse Conor e foi o fim da conversa. Ele não perguntou: a hora para quê?

Regressamos aos cavalos e continuamos a jornada.

— É um pouco esquisito, Fainne — disse Sean após um certo tempo. — Eu tenho de ser sincero contigo e tu podes não gostar. Revelar a identidade do teu pai aos nossos familiares, aliados e comunidade de Sevenwaters pode trazer algumas dificuldades. Seria extremamente embaraçoso nesta fase das negociações. Mas eu não quero mentir.

— Mentir? — O meu espanto era genuíno. — Por que havia de mentir?

Ele fez uma careta parecida com um sorriso.

— Porque mesmo agora, depois de todos estes anos, as pessoas ainda não sabem a verdade. Toda a verdade. Que Niamh enlouqueceu, que fugiu para o Sul e que ficou viúva. Isso sabem. Os da nossa casa sabem um pouco mais, talvez. Mas, geralmente, todos pensam que ela se retirou para um convento cristão e que morreu lá, mais tarde. A súbita aparição de uma filha tem de ser

explicada, porque ninguém que conheceu a minha irmã te reconhecerá instantaneamente como filha dela.

Senti os olhos de Conor fixos em mim, perturbadores e cheios de intenção, apesar de eu não estar a olhar para ele.

— Por que não dizer a verdade? Os meus pais amavam-se. Sei que não eram casados; mas isso não é razão para vergonha. Não é como se eu fosse um rapaz que quisesse reclamar terras e ser chefe.

Sean olhou para Conor. Conor não disse nada.

— Fainne, — parecia escolher as suas palavras com cuidado — o teu pai alguma vez te explicou por que razão não era casado com a tua mãe?

Aguentei a irritação.

— Ele raramente fala dela. Sei que a sua união era proibida por laços de sangue. Sei que o meu pai abandonou a floresta e os sábios quando descobriu a verdade acerca do seu parentesco com a minha mãe. Mais tarde ele voltou a encontrá-la e foi assim que eu nasci. Mas era demasiado tarde para eles.

Seguiu-se um pequeno silêncio.

— Sim — disse Sean. — Walker trouxe-me notícias da morte de minha irmã, se bem que só tenha dito o que Ciarán lhe disse para dizer, nada mais. Foi há muito tempo. Tu mal te deves lembrar dela.

Cerrei os lábios e não respondi.

— Lamento, Fainne — disse Sean abrandando o passo do cavalo para atravessarmos um ribeiro — que não tenhas tido oportunidade de a conhecer. Apesar de todas as suas faltas, a minha irmã era uma bela rapariga, cheia de vida e beleza. Teria tido muito orgulho em ti.

— Achas? Nesse caso, por que razão nos deixou sozinhos? Por que razão escolheu aquela morte?

— A tua mãe foi casada com um chefe de guerra dos Uí Néill, um clã muito poderoso, com duas facções guerreiras. Em anos recentes apoiamos o chefe do ramo do norte na sua luta contra os Noruegueses e isso custou-nos muito, em recursos e energia. Mas Aed Finnliath triunfou. Os invasores foram expulsos das costas do Ulster e a paz foi selada com o casamento da filha de Aed Finnliath com um nobre dos Finnghaill. O nosso apoio a essa luta foi essencial, não só para a nossa própria segurança, mas também para reforçarmos os nossos laços com os Uí Néill de Tirconnell, que tinha sido posta em causa com o falhanço do casamento da tua mãe. Isso exigiu muita paciência e diplomacia, para além do afastamento das nossas forças da demanda mais querida aos nossos corações. Os Uí Néill do norte sentam-se, hoje em dia, na nossa mesa do conselho em Sevenwaters, enquanto formulamos uma estratégia para a nossa empresa. Esta vai ser a campanha mais importante das nossas vidas. A tua chegada levanta um problema. O marido que escolhemos cuidadosamente para Niamh provou ser um homem cruel e foi para lhe escapar que ela fugiu de um lugar aparentemente seguro. Esse fato não é conhecido fora da nossa família. Deixamos que as pessoas saibam que ela está viva; de uma maneira geral, toda a gente pensa que ela enlouqueceu e que se retirou para uma casa de oração. O marido dela morreu pouco depois; não houve necessidade de falar do que ele fez. Só uma mão-cheia de pessoas sabe que ela se foi juntar ao teu pai. Eu próprio; a minha irmã e o marido. Os meus tios. Mais ninguém. Mesmo a minha mulher não sabe a história toda. Que Niamh abandonou Uí Néill por outro homem e que estava grávida de um homem proibido, é melhor que fique em segredo para teu bem, assim como para o bem da nossa aliança.

— Estou a ver — disse eu firmemente.

— Lamento se isso te entristece. — O tom de Sean era amável; o que só me fazia sentir pior. — O que não impede que sejas recebida como deve ser, Fainne. Tu não és responsável pelas ações dos teus pais. Tu és filha desta casa e serás tratada como tal.

— Prefere que eu finja que não tenho pai, é isso? — Aquelas palavras saíram-me sem que eu pudesse impedi-las, antes de conseguir disfarçar a irritação na minha voz. Como se atreviam? Como se atreviam a pedir-me que renegasse o meu forte e inteligente pai, que fora tudo para mim?

— Eu sei que isso te magoa — disse Conor. — Ele era um jovem de qualidades excepcionais. Sem dúvida que se transformou num homem de quem te deves orgulhar muito honrosamente. Nós compreendemos isso. Niamh e Ciarán eram jovens. Cometeram um erro e pagaram por ele. Tu não tens de pagar mais nada.

— Isto pode ser feito sem mentiras. — Parecia que Sean tinha tomado uma decisão. — Nós só podemos dizer às pessoas a verdade que nos convém. Não há razão para Niamh não ter casado de novo depois da morte do marido. Diremos às pessoas que o teu pai era um druida de boas famílias. Diremos que Niamh deu à luz a sua filha no Sul, algum tempo depois da morte de Fionn. E tu regressas, agora, à tua casa e à proteção da tua família. Deve chegar. Pouca gente fora da floresta sabia da existência de Ciarán, quanto mais a sua identidade. Quanto aos nossos hóspedes da aliança, não daremos a conhecer a tua presença enquanto permanecerem em nossa casa. Eamonn pode ser um problema.

— É pena Liadan não estar cá — observou Conor.

— Teremos de fazer com que saiba — disse Sean. — Eu faço isso. Pareces cansada, sobrinha. Talvez seja melhor cavalgares comigo a última parte da viagem.

— Estou bem — disse eu cerrando os dentes. Era pedir demais: ir para um lugar desagradável, úmido e lúgubre, onde as árvores bloqueavam o vento vindo de oeste, renegar o meu pai, deixar que uma rapariga qualquer me dissesse o que fazer e ser o meu guarda-costas e ter cuidado para não chamar a atenção para mim própria, tudo por causa da sua preciosa aliança. Tornava-se-me rapidamente claro que teria de ouvir com atenção e aprender com rapidez se queria ter oportunidade de conseguir levar a cabo a missão de que a minha avó me encarregara. Os homens de

Sevenwaters eram inteligentes e seguros de si; aqueles dois seriam oponentes formidáveis e talvez houvesse mais como eles. Quem seria Eamonn? Por que razão seria ele um problema? O meu pai nunca mencionara tal pessoa. Teria de descobrir. E, por agora, jogaria o jogo do meu tio Sean. Mas, dentro de mim, nunca esqueceria de quem era filha. Nunca.

Atravessamos uma série de ribeiros gorgolejando encosta abaixo à sombra das árvores. Depois saímos de sob um conjunto de salgueiros e à nossa frente estava uma grande extensão cintilante de água, a superfície clara e luminosa sob a luz do Sol, com pequenas ilhas e aves aquáticas: gansos, patos e cisnes brancos, perfeitos.

Paramos.

— O lago de Sevenwaters — disse Sean em voz baixa —, nossa casa é do outro lado, para leste. O caminho é fácil a partir daqui. Estás a portar-te bem, Fainne.

Respirei fundo e mudei de posição, tentando aliviar o meu traseiro dorido. Estava contente por ver água; por me ver livre da prisão infindável das árvores à minha volta. O lago era muito bonito, com os seus reflexos cor de pérola, a sua grande superfície aberta para o céu, as suas enseadas calmas e a sua vida secreta, invisível.

— Há sete ribeiros que vêm desaguar no lago — disse Conor. — É o seu sangue. Só há uma saída; o rio que corre para norte e depois para leste, para a grande água. O lago alimenta a floresta. A floresta guarda as gentes de Sevenwaters e é sua missão secreta defendê-la e protegê-la, a ela e a todos os mistérios que encerra. A seu tempo tomarás conhecimento deles.

Talvez. E talvez, pensei, *venhas a saber que nem tudo é o que parece; que para alguns o rumo não leva sempre à Luz e à Ordem. Talvez venhas a aprender que a vida pode ser cruel e injusta.*

— Podes deixá-lo ir, agora — disse Conor.

— O quê?

— Podes deixá-lo ir. O mocho. Repara como ele olha em volta e vira a cabeça para o céu. Está pronto para regressar.

Olhei para ele, muda, enquanto o pequeno mocho saía do meu bolso para se empoleirar, oscilando ligeiramente, no pescoço do cavalo. A ave estava agora um pouco mais estável, porque eu tomara conta dela cuidadosamente. Mas aquele cavalo não era Aoife. O cavalo estremeceu, assustou-se e eu agarrei o mocho, impedindo-o de ser atirado ao chão. Num instante, o meu tio Sean agarrava nas rédeas do animal e acalmava-o com palavras tranqüilizadoras.

— O que é isso? — perguntou ele num tom parecido com o de Darragh. Quanto a Conor, ficou silencioso. Tendo levantado o problema, deixou-mo para eu o resolver.

— Estava preso. Eu... comprei-o. Foi tudo. Ele não voa.

— Nunca tinha visto um mocho adulto tão pequeno. Deve haver uma magia qualquer nisso. — O tom de Sean era lacônico. Suponho que não devia ficar surpreendida, porque estava em Sevenwaters, um lugar onde os velhos mistérios eram mantidos em segredo.

— Ele não voa enquanto o feitiço não for desfeito — disse Conor aproximando o seu cavalo. — Posso? — O druida estendeu uma mão, passou-a gentilmente por cima da frágil criatura e esta ficou instantaneamente do seu tamanho natural: ainda pequeno, ainda um pouco desgrenhado, mas do tamanho de um mocho e suficientemente forte para voar para os bosques. Sean estava a ter alguma dificuldade para controlar o cavalo de olhos esgazeados.

— Vai — disse Conor e, obedientemente, o animal abriu as asas andrajosas e voou, sem um som sequer, sem olhar para trás; para cima, para o topo das árvores e para longe, para o abraço sombrio da floresta. Eu não disse uma palavra.

— Fizeste bem ao trazê-lo para casa. — O tom de Conor era tranqüilo.

— Eu não o trouxe — disse eu, irritada. — Ele é que não me deu outra hipótese.

— Há sempre uma hipótese — disse o druida.

Estavam todos juntos. Raparigas, aos montes: enchendo a escadaria da casa de pedra onde, por fim, terminamos a nossa viagem, raparigas mais velhas puxando as mãos do pai, falando e rindo enquanto a mãe se aproximava para me receber e raparigas mais pequenas, correndo e provocando os enormes cães.

— Chega, filhas — disse Sean com um sorriso e elas desapareceram num instante, tão obedientes quanto exuberantes. Não conseguira contá-las, eram tão rápidas. Cinco? Seis?

— Eu sou a tua tia Aisling — disse a mulher esbelta e de olhar severo que estava nos degraus da escadaria. Um véu mantinha-lhe o cabelo ruivo no seu devido lugar e o seu rosto sardento era decidido e sério.

— És bem-vinda, como o meu marido, sem dúvida, te disse. Mas estamos todos muito ocupados. Temos muitos hóspedes. Muirrin tomará conta de ti.

— Onde está Muirrin? — perguntou o meu tio enquanto nos encaminhávamos para o interior da casa. Os cavalos tinham sido rapidamente levados. Quanto a Conor, tinha-se, simplesmente, evaporado. Talvez o bando de raparigas fosse demasiado para ele.

— Nós encontramo-la — disse a minha tia em tom eficiente. — É melhor regressares ao Conselho. Eles estão à tua espera.

— O representante de Inis Eala já cá devia estar — disse o meu tio. — Talvez consigamos concluir isto, no fim de contas. — Virou-se para mim. — E agora deixo-te, sobrinha. Foi uma longa cavalgada, para uma noviça. É melhor descansares o corpo. Muirrin deve ter uma poção ou duas, que te ajudarão. Talvez nos voltemos a encontrar ao jantar.

Pareciam pensar todos que Muirrin era a resposta para tudo. Formei uma imagem dela na minha mente que era completamente

diferente da rapariga que encontramos mais tarde a trabalhar num quarto muito pequeno e escuro nas traseiras da casa.

A primeira coisa em que reparei foi no tamanho dela; pequena e magra, com grandes olhos verdes e os caracóis do pai atados na nuca para lhe permitirem trabalhar.

Estava a cortar o que parecia ser uns cogumelos com uma grande faca de aspecto perigoso. Estava extremamente concentrada, prendendo a respiração. À sua volta, as prateleiras estavam cheias de vasos e garrafas; havia montes de flores secas e ervas penduradas por cima da sua cabeça e uma trança de alho engrinaldava a janela. Por trás dela abria-se uma porta para um pequeno jardim.

— Muirrin — disse a mãe com um leve toque de severidade. — Está aqui a tua prima Fainne. Esqueceste-te?

A rapariga olhou para cima sem qualquer surpresa nos grandes olhos.

— Não, mãe. Peço desculpa por não estar presente à chegada. Recebi uma mensagem da aldeia, precisam disto urgentemente. Como estás, Fainne? Eu sou a tua prima Muirrin. A mais velha de seis. Já conheces as minhas irmãs, suponho? — A rapariga lançou-me um sorriso de esguelha e eu vi-me também a sorrir.

— Eu estou muito ocupada — disse a minha tia Aisling. — Talvez...?

— Pode ir, mãe. Eu tomo conta de Fainne. As coisas dela estão aí?

Falei, algo relutantemente, em Dan Walker, nas carroças e na minha arca e quando terminei a minha tia já se tinha ido embora.

— Senta-te — disse Muirrin. — Preciso de acabar isto e entregá-lo a uma pessoa que está à espera. Depois, mostro-te a casa. Ali, junto do fogo. Queres um pouco de chá? A água está a ferver. Usa o pote da esquerda isso é uma mistura de hortelã-

pimenta e tomilho, muito refrescante. As taças estão além. Arranjas-me uma?

Enquanto falava, as suas mãos continuavam a cortar firme e meticulosamente os fungos cor de bronze que se encontravam em cima da laje de pedra à sua frente.

Observei-a enquanto misturava os condimentos e os óleos, vertendo, finalmente, a mistura de odor acre para um pequeno frasco de barro que rolhou firmemente.

— Está aqui o teu chá — disse eu.

— Ah, ótimo. Vou só lavar as mãos e desculpa-me por um momento, sim? — A jovem espreitou pela porta do jardim. — Paddy? — chamou.

Apareceu um rapaz grosseiramente vestido. A jovem entregou-lhe o frasco e uma data de instruções, obrigando-o a repeti-las para que não as esquecesse.

— E diz-lhes que passo por lá mais tarde para ver o velhote. Não te esqueças.

— Sim, minha senhora.

Eu sentia-me bem por ter estado ali sentada a observá-la. Agora, enquanto se sentava e colocava a taça entre as pequenas e ágeis mãos, fiquei sem saber o que dizer. Ela era tão confiante e segura.

— Bem — aventurou-se ela. — Que grande viagem. Vais querer lavar-te, descansar e ter algum tempo só para ti. E deves estar dorida de tanto cavalgar. Eu tenho uma pomada para isso. E se conversássemos um pouco? Depois, mostro-te o teu quarto, arranjo-te algumas coisas e deixo-te sozinha durante algum tempo. Tenho de ir à aldeia; amanhã, talvez possas ir comigo. Hoje, o principal é proteger-te das minhas irmãs. Elas fazem muito barulho.

— Já reparei.

— Não estás habituada a muita gente, pois não?

Relaxei um pouco.

— Em minha casa era tudo muito calmo. Havia pescadores e no Verão apareciam os nômades. Mas nós vivíamos à parte.

Muirrin acenou com a cabeça, os olhos verdes muito sérios.

— Aqui vai ser precisamente o oposto. Especialmente agora. A casa está cheia de gente por causa do Conselho. E não gostam uns dos outros. Os jantares, às vezes, são interessantes. Vais ter de descobrir quem é quem, aprender alguns nomes. Eu ajudo-te. Mas não já. As primeiras coisas primeiro.

— Obrigada. Disseste seis irmãs?

Muirrin fez uma careta.

— É verdade; eu e mais cinco, sem um único irmão. — Ainda bem que a minha tia teve rapazes, senão Sevenwaters não teria herdeiro.

— A tua tia? Deve ser...?

— A nossa tia Liadan. Irmã gêmea do meu pai. Ele teve filhas. Ela teve filhos. O túath vai passar de tio para sobrinho como várias vezes antes. O meu pai não se importa.

— Quais são os nomes das tuas irmãs?

— Queres mesmo saber? Deirdre, Clodagh, Maeve, Sibeal e Eilis. Vais aprendê-los rapidamente. Elas vão repetir-tos vezes sem conta até os fixares.

Fiz uma visita relâmpago à casa, que era mais confortável por dentro do que o seu aspecto exterior fortificado dava a entender. Muirrin manteve-me afastada da sala do conselho, cujas portas estavam fechadas. A cozinha fervilhava de atividade; aves a serem depenadas, pastéis a serem confeccionados, um grande pote de ferro a ferver sobre o fogo. Íamos prosseguir quando uma voz peremptória, vinda de junto da lareira, nos deteve.

— Muirrin! Traz aqui a rapariga, miúda!

Pertencia a uma mulher muito velha sentada num banco junto da lareira. Não era nenhuma velha desgrenhada, antes uma criatura seca, ereta, com o cabelo escuro apertado atrás, na base do pescoço, num grande nó e um xale franjado em redor dos ombros ossudos. A sua pele era enrugada, mas os olhos eram muito vivos. A mim, parecia-me que ninguém se atreveria, ali na cozinha, a pôr o pé em ramo verde enquanto ela ali estivesse.

— Bem, não pode ser Niamh — disse ela quando nos aproximamos. — Portanto, deve ser a filha de Niamh, porque é igualzinha a ela. Ora aqui está uma coisa que eu nunca pensei ver.

— Esta é a Janis — disse Muirrin, como se isso quisesse dizer alguma coisa. — Ela está em Sevenwaters desde sempre. — A jovem virou-se para a velha mulher. — Fainne acaba de chegar de Kerry, Janis. Ia agora mesmo levá-la para o quarto dela para descansar.

Os olhos escuros semicerraram-se.

— Kerry, ha? Então, já sei de quem é a carroça em que vieste. Onde está Dan? Por que é que ele não me veio ver? Onde está Darragh?

Portanto, aquela era a tia muito falada.

— Dan está a caminho — disse eu — e Peg também. Mas Darragh não veio.

— O quê? Por que é que o rapaz não veio? Parou para ver uns cavalos, não? Vai comprar algum?

— Não — disse eu. — Não veio, mais nada. Deixou a vida errante e instalou-se numa herdade a oeste. A treinar cavalos. Uma grande oportunidade. Pelo menos é o que dizem.

— E o que é que tu dizes?

— Eu? Não tenho nada a ver com isso. — Ela não pareceu convencida.

— A treinar cavalos, ha? Isso não o afastava da estrada por muito tempo. Deve haver uma rapariga metida no caso. Que outra coisa havia de ser?

— Não há rapariga nenhuma — disse eu severamente. — É apenas uma grande oportunidade. Ele fez uma escolha acertada.

— Achas? — disse a anciã olhando para mim fixamente com os seus olhos escuros. — Nesse caso, não conheces o meu Darragh muito bem. Ele é um viajante e um viajante nunca assenta. Pode tentar; mas, mais tarde ou mais cedo, a estrada volta a chamar e lá vai ele. São diferentes das mulheres. As mulheres podem ter saudades da estrada, mas adaptam-se por amor a um homem, ou a uma criança. Bem, vai-te lá embora. Muirrin, trata de lhe dar o quarto da mãe dela. Põe as miúdas na parte norte. E não te esqueças de arejar bem a cama.

A mulher falava como se fosse a dona da casa e Muirrin uma criada. Mas Muirrin sorriu e quando, depois de subirmos as escadas, entramos num quarto muito limpo cuja janela estreita dava para a orla da floresta, a primeira coisa que ela fez foi acender a lareira e verificar o colchão de palha e os cobertores de lã. E eu decidi que precisava de mudar de opinião acerca da vida numa casa como a de Sevenwaters.

Não desejava nada estar agradecida a Muirrin. Não me queria tornar amiga dela. Não me podia dar ao luxo de ser amiga fosse de quem fosse se queria levar a cabo a vontade da minha avó. Mas fui forçada a admitir que a minha prima era muito sensata. O que eu mais desejava era ficar só. A necessidade de conhecer tanta gente nova, sorrir, ser educada, fora demais para mim. Muirrin limitou-se a verificar que eu tinha tudo aquilo de que necessitava e deixou-me com a promessa de regressar mais tarde. O quarto, agora, era só meu apesar das duas camas. Deirdre e Clodagh não se importavam nada de mudar, dissera-me ela com um sorriso.

Mais tarde ouvi um toque delicado na porta e um homem entrou com a minha pequena arca. Senti uma certa estranheza ao desfazer a bagagem no quarto que pertencera à minha mãe. Talvez

ela o tivesse partilhado com a irmã, a tia Liadan de quem todos falavam. Eu tinha poucos haveres. Tirei um dos bons vestidos e coloquei-o em cima da cama para mais tarde. Tirei uma Riona amarrotada e de olhar de viés e sentei-a no parapeito da janela, a olhar para a floresta. Não me parecia que houvesse uma razão, naquela casa, para a esconder. Era uma casa de raparigas; provavelmente, havia imensas bonecas. De fato, Riona parecia até mais em casa do que eu. Eu não conseguia descansar apesar das minhas dores de pernas. A minha mente estava muito ocupada tentando tirar de tudo aquilo algum sentido. A magnitude da tarefa à minha frente exigia que eu não perdesse tempo. Tinha de descobrir o máximo que pudesse e arquitetar, depois, um plano. Não podia ficar sem fazer nada. A minha avó estaria a ver-me. Fora uma louca em duvidar. Era um dos ramos da arte para o qual eu tinha pouca aptidão, que me deixava frustrada e iludida. Mas ela, com o seu espelho sombrio e a sua tigela de água, tinha a habilidade para procurar e os olhos para ver. Quando me encontrasse, não haveria lugar algum onde me pudesse esconder.

Levou tempo. E coragem. Havia demasiada gente e demasiado barulho e, à parte Muirrin, ninguém parecia perceber que eu odiava tudo isso. Fazia-me doer o estômago e a cabeça e os meus dedos desejarem fazer uma velhacaria qualquer. Mas não me servi da arte. Em vez disso, observei e aprendi e em breve, com a aplicação que era para mim uma segunda natureza depois de anos de tutela do meu pai, aprendia as complexidades da família e dos seus aliados.

Havia as pessoas da casa, a fortaleza de Sevenwaters, que era o centro do vasto túath do meu tio Sean. A ele, conseguia tolerar. Por vezes parecia um pouco distante, mas quando falava comigo era em termos de igualdade e levava o seu tempo a explicar-me as coisas. Nunca o vi ser injusto para nenhum dos membros da casa. Tive de recordar a mim própria que fora ele, entre outros, que banira a minha mãe. Não me parecia que o meu tio Sean fosse perigoso, exceto, talvez, no campo de batalha, ou num debate de estratégia. Depois, havia a minha tia Aisling. Só de olhar para ela, cansava-me. Estava perpetuamente ocupada, supervisionando todos os aspectos da casa com uma energia incrível, que lhe consumia os dias. Como

resultado, o local funcionava com a mesma eficiência. Perguntei a mim própria se ela seria feliz.

Perguntei a mim própria por que razão teria ela tido tantas filhas quando mal tinha tempo para lhes desejar os bons dias antes de ir tratar de um qualquer assunto urgente.

Aquela fortaleza fora, em tempos, a única grande residência da floresta de Sevenwaters. Mas agora havia outras, construídas pelo meu tio e alugadas aos seus clientes livres, cujos bandos de homens de armas podia chamar em caso de necessidade. Assim, o túath era menos vulnerável, com poderosos postos avançados servindo de advertência no caso de vizinhos poderosos pensarem em estender demasiado os braços. Esses clientes livres faziam parte do Conselho, assim como os chefes dos Uí Néill, ricamente vestidos com as suas túnicas brasonadas com o símbolo escarlate da serpente enrolada. Na fortaleza de Sevenwaters havia um brilhem, um escriba e um poeta. Havia um mestre-de-armas, um fletcherm e vários ferreiros. Mas eram os outros, os que não se viam, que me intrigavam.

A minha tia Liadan era irmã da minha mãe e gêmea de Sean. O meu pai dissera-me que ela vivia em Harrowfield. Não me apercebera de como era longe dali.

Estranhamente, ela vivia na Bretanha, entre os inimigos de Sevenwaters, porque o seu marido era agora o senhor de um domínio em Northumbria, que pertencera, em tempos, ao seu pai. Quando não estavam lá estavam em Inis Eala, um remoto lugar no norte, tão distante que quase ninguém o conhecia. Mas quando o meu tio Sean falava da irmã era como se ela vivesse ali a um passo, no outro lado dos campos.

Conor falava dela como de um velho e respeitado amigo. Tentei lembrar-me do que a minha avó me dissera. Ela dissera algo acerca de ter desejado que Ciarán tivesse escolhido a outra irmã, porque os seus filhos teriam sido mais inteligentes, ou mais capazes. Não fora uma observação muito diplomata. Mas a minha avó era assim.

Liadan e o marido tinham filhos. Comecei a saber coisas deles pouco depois da minha chegada. Apesar dos meus esforços para ficar no meu quarto sozinha por algum tempo, para dar um certo descanso ao Encantamento, ou para repetir em paz os encantamentos secretos da arte, não conseguia evitar o afluxo regular de algumas visitantes curiosas. Como Muirrin previra, aprendi rapidamente a distingui-las apesar dos cabelos ruivos muito semelhantes e dos vivos rostos sardentos. Sibeal era a exceção; escura, como a irmã mais velha e muito calma. E tinha uns olhos muito estranhos, claros, sem cor, que pareciam olhar para lá das coisas. Eilis era muito pequena e muito traiçoeira. Tinha que a vigiar o tempo todo. Maeve era a do meio e tinha um cão que a seguia para toda a parte como um escravo fiel. E Deirdre e Clodagh eram gêmeas. Quando crescessem mais um pouco seriam como mais duas tias Aisling, percorrendo a casa apressadamente para verem se estava tudo em ordem. Comecei rapidamente a compreender por que razão Muirrin passava a maior parte do seu tempo na sua ervanária, ou na aldeia cuidando dos doentes.

Naquele dia tinha as gêmeas no meu quarto, cada uma sentada num banco, e também Maeve, com o cão. Este, pelo menos, estava quieto, se bem que o seu enorme corpo impedisse o calor do fogo de chegar até nós.

— Esta é a tua boneca? Posso pegar nela? — perguntara Maeve imediatamente após entrar e pegando em Riona antes de eu poder responder. Podiam acontecer coisas ruins a raparigas que me aborreciam. Podiam picar os dedos numa agulha escondida. Podiam descobrir que os seus cães já não gostavam delas. Ou podiam descobrir que esse mesmo cão desaparecera subitamente, deixando no seu lugar uma formiga, ou uma barata. Com alguma dificuldade, controlei-me.

— Foi a tua mãe que a fez? — perguntou Clodagh. Deirdre olhou para ela.

— Foi disse eu.

— Como é que ela se chama? — perguntou Maeve inspecionando a saia cor-de-rosa de Riona e metendo o nariz no colar estranhamente entrançado.

— Riona.

— Muirrin, uma vez, fez-me uma boneca. Mas não era tão bonita como esta. Posso brincar com ela?

— Ela não é para brincar — disse eu, aproximando-me e tirando Riona dos braços da criança. Voltei a colocá-la cuidadosamente no lugar que lhe pertencia, a olhar para fora da janela, para a orla da floresta.

— Bebê — disse Deirdre, fazendo uma careta para Maeve.

— Eu não sou nenhum bebê! Eilis é que é um bebê. Coll é um bebê. Eu tenho dez anos. Já sou crescida.

Deirdre ergueu as sobrancelhas e sorriu. Maeve desatou a chorar.

— Sou, sou e sou! Não sou, Fainne?

Mas também podiam acontecer coisas às raparigas que faziam chorar as irmãs por dá cá aquela palha. Os meus dedos estavam cheios de comichão; já tinha passado algum tempo. Fiz um esforço. Tinha de guardar a arte para os meus propósitos.

— Podes brincar com Riona, se quiseres — disse eu magnanimamente.

— Agora já não me apetece — disse Maeve fazendo beicinho, mas pegou novamente em Riona e sentou-se aos soluços com a boneca nos braços.

— Toma — disse eu estendendo-lhe a minha escova de cabelo. — Ela precisa de ser penteada. — Virei-me para as outras. — Quem é o Coll? perguntei.

— É o nosso primo. — Clodagh gostava de explicar as coisas; gostava de partilhar os seus conhecimentos. — O que faz com que também seja teu primo, suponho.

— Filho da tia Liadan?

— Um dos. Ela tem montes deles.

— Quatro, na verdade — disse Deirdre. Coll é o mais novo.

— Além dele há o Cormack, que tem catorze anos e pensa que é um guerreiro. Depois, há o Fintan, mas a esse não o vemos muito, está em Harrowfield. E depois há o Johnny. — Aquele nome foi pronunciado de um modo especial, como se se estivesse a referir a um deus.

— Eu vou casar com Johnny quando tiver idade suficiente — disse Deirdre com grande segurança.

A sua irmã gêmea olhou para ela de esguelha.

— Não vais, não — disse Clodagh.

— Vou sim! — Deirdre parecia que ia explodir.

— Não vais não — repetiu a irmã gêmea com firmeza. — Tu não te podes casar com um primo direito, ou com um sobrinho, ou com um tio. A Janis é que me disse.

— Por que não? — perguntou Deirdre.

— Porque os teus filhos serão amaldiçoados. Nascerão com três olhos, ou com ouvidos como os de uma lebre, ou com pés defeituosos, ou coisa parecida. Toda a gente sabe isso.

— O que é que se passa, Fainne? — perguntou Maeve subitamente, olhando para mim.

— Ficaste branca como a cal.

— Não é nada — disse eu tão animadamente quanto pude, se bem que as palavras de Clodagh me tivessem gelado o coração. — Diz-me uma coisa. Esses rapazes, esses primos. Eles vivem muito longe, não vivem? No entanto, vocês parecem conhecê-los muito bem.

— Às vezes estamos com eles. Com Fintan não; ele é o herdeiro de Harrowfield e a tia Liadan diz que ele é igual ao avô,

preferindo ficar na herdade a arar a terra e a falar dela a viajar até ao Ulster. E Cormack passa a maior parte do tempo em Inis Eala.

— Mas a tia Liadan traz o Coll com ela quando vem de visita. Ele e Eilis são terríveis.

— Nada está a salvo quando eles estão juntos.

— E o outro? Johnny, não é esse o nome?

— Johnny é diferente. — A voz de Clodagh adoçara-se. — Ele vem cá muitas vezes para aprender coisas sobre Sevenwaters, os nomes das pessoas, como dirigem as herdades, sobre as alianças, as defesas e as campanhas.

— Johnny é um grande cavaleiro — acrescentou Maeve.

— Que é que esperavas? — disse Clodagh, trocista. — Basta ver a maneira como ele cresceu, no meio dos melhores guerreiros de todo o Ulster. É um verdadeiro guerreiro e um grande chefe, apesar de ainda ser novo.

— Portanto, é uma espécie de terrível homem selvagem? — perguntei.

— Não. — Maeve olhou para mim de sobrancelhas erguidas. — É uma jóia.

— Tão jóia — acrescentou Clodagh, sorrindo — que me espanta como ainda não se casou.

— Um dia destes aparece aí com uma bela noiva de boas famílias.

— Não sabes do que estás a falar — resmungou Deirdre.

— Sei sim — retorquiu Clodagh.

— Não sabes!

— É verdade o que dizem — arrisquei — que esse Johnny é o filho da velha profecia? Sabem alguma coisa acerca disso?

— Toda a gente sabe dessa história — disse Maeve, desdenhosa, enquanto transformava o cabelo amarelo de Riona numa coroa complicada.

— Bem, é verdade? — As gêmeas viraram para mim os seus pequenos rostos.

— É, pois — disseram elas em coro e Deirdre suspirou.

Achei que não devia fazer mais perguntas sem parecer demasiado curiosa. Mantive-me calada e após um certo tempo elas aborreceram-se e foram incomodar outra pessoa qualquer.

Portanto, havia o tio Sean com as suas raparigas e a tia Liadan com os seus rapazes.

Um avô muito querido morrera recentemente e fora sepultado sob os carvalhos. E havia Conor. Os druidas viviam no segredo da floresta, como era hábito dos sábios.

Mas Conor fazia parte do Conselho e, portanto, ficaria em Sevenwaters enquanto as discussões prosseguissem para lá das portas fechadas. Na verdade, ele era o membro mais velho da família e era muito respeitado. E havia outro tio, irmão da tia Aislling.

A esse conheci-o logo no primeiro dia, por acaso, quando descia as escadas com Muirrin para ir jantar. Não me teria interessado por aquele homem de meia-idade bem constituído, ricamente vestido, de feições agradáveis e cabelos castanhos, se não tivesse ficado rígido quando me viu, e branco como a cal.

— Tio Eamonn — disse Muirrin como se fosse a coisa mais natural deste mundo — esta é a minha prima Fainne. Filha de Niamh. De Kerry.

Uma declaração bem ensaiada, que dizia o suficiente e não deixava lugar a perguntas embaraçosas.

O homem abriu a boca e fechou-a logo a seguir. As expressões seguiram-se umas às outras no seu rosto: de choque; de raiva; de ofensa; e, com um visível esforço, de boas-vindas.

— Como estás, Fainne? Estou certo que Muirrin te está a ajudar a instalares-te. Esta visita é... inesperada?

— O meu pai foi buscar Fainne esta manhã — disse Muirrin suavemente. — Ela vai ficar cá por uns tempos.

— Estou a ver. — Por trás das feições agora sob controlo podia ver que a sua mente trabalhava a toda a velocidade, como que juntando as peças de um quebra-cabeças.

Não gostei nada daquilo.

— Agora temos que ir. Vemos-nos ao jantar, tio Eamonn.

— Espero que sim, Muirrin.

E foi tudo; mas apanhei muitas vezes aquele homem a olhar para mim, à mesa, quando os outros estavam embrenhados nalguma conversa, ou do outro lado do salão quando as pessoas se reuniam à noite, ou no jardim, a passear. Era um homem influente, podia ver isso pela maneira como os outros homens da aliança lhe falavam. Muirrin disse-me que ele era senhor de um grande domínio, na verdade de dois, que limitavam a leste e a norte com Sevenwaters. Adquirira Glencarnagh assim como Sídhe Dubh, o que queria dizer que controlava mais homens e terras do que Sean. Ao mesmo tempo, era da família e, portanto, não representava uma ameaça.

Mas olhava muito para mim, até que eu me aborreci e comecei também a olhar para ele. Não tenho dúvidas do que a minha avó diria acerca daquele homem. Diria *o poder é tudo, Fainne.*

O tempo passou e Dan Walker foi-se embora. Mal os vi, porque fui apanhada, bem contra a minha vontade, na rotina diária da família e quando não era precisa escapava-me para o meu quarto, ou para o jardim em busca de um certo tempo precioso para mim própria. Tornou-se, então, claro para mim por que razão os druidas preferiam viver isolados, emergindo apenas por ocasião de grandes festivais, para celebrar casamentos ou abençoar as colheitas. Manter a sabedoria, a força interior e a concentração requeria silêncio e solidão, tanto para eles, como para nós. Para um druida

era preciso, também, a companhia das árvores, porque as árvores eram símbolos poderosos na aprendizagem dos sábios. Numa paisagem praticamente sem árvores, eu aprendera os seus nomes e formas antes de fazer cinco anos. Sean pusera em causa a sabedoria do meu pai por ele ter escolhido viver em Kerry, um lugar tão remoto, tão longe de Sevenwaters. Para mim, tornou-se claro que o meu pai sabia exatamente o que estava a fazer. Talvez, ao princípio, ele tivesse partido para proteger a minha mãe. Mas eu recordei todos aqueles anos de estudo, de silenciosa meditação, de privações auto-impostas e soube que, se não tivéssemos vivido no Favo de Mel, quase completamente rodeados pelo mar selvagem, quase permanentemente sob um céu coberto de nuvens e vigiados pelas formas secretas das pedras, nunca teria sido o que era. Ele limitara-se a passar-me o que sabia, proporcionando à sua única filha uma espécie de profissão, para que ela pudesse percorrer o seu próprio caminho no mundo. A ironia era que ele forjara uma arma digna de um verdadeiro mestre: a arma da sua mãe. Talvez nunca tenha escapado ao legado que ela lhe deixou, porque, na sua mente, não fizera ele exatamente como ela desejara?

A despeito das minhas saudades de casa, fui-me gradualmente acostumando ao padrão de vida de Sevenwaters e cada vez se me tornou mais difícil recordar por que razão estava ali. A recordação das ameaças da minha avó parecia-me quase uma fantasia. As distrações eram muitas. Por vezes, olhava para a animada cena doméstica à minha volta, pensava na magnitude da tarefa de que fora incumbida e dizia para mim mesma: Isto não pode ser verdade. Estas coisas não podem existir ao mesmo tempo neste mundo. Talvez eu esteja a sonhar. Deixem-me sonhar.

A minha tia Aisling, ocupada como sempre, não fazia tenção de me deixar desaparecer sempre que me apetecia. Tinha de ajudar Muirrin no seu trabalho de enfermeira; tinha de ajudar Deirdre e Clodagh nas suas lições de leitura e escrita, já que parecia que eu era capaz de ambas as coisas e a educação das raparigas fora algo negligenciada nos tempos recentes, visto que toda a gente andava muito ocupada. E devia supervisionar as mais novas na costura, já que também era hábil nisso. Devia aprender a montar a cavalo

como devia ser, porque nunca se sabia se era preciso partir à pressa. E precisava de roupas novas. Perguntava a mim própria o que pensaria a minha tia Aisling que me aconteceria se não fosse ela a organizar-me todos os minutos do dia.

Muirrin ajudava. Muitas vezes, quando eu era despachada para a ajudar na ervanária, ou ir com ela numa qualquer missão de misericórdia, olhava para mim com aqueles grandes olhos verdes e dizia-me para me sentar no jardim e conseguir um pouco de paz e sossego, enquanto ela prosseguia com o seu trabalho. Então, trabalhava nas suas misturas e fusões, secagens e preservações, por vezes sozinha e outras vezes assistida pela pequena Sibeal, uma criança silenciosa e diligente. E eu sentava-me no banco de pedra no jardim de ervas, envolta no meu xale de todos os dias, porque arrumara o presente de Darragh no fundo da minha arca de madeira, a salvo dos olhares indiscretos e das pequenas mãos ansiosas. Ficava ali sozinha ao frio do fim do Outono e dizia para mim própria a litania. Quase conseguia ouvir a voz do meu pai.

De onde vens?

Do Caldeirão do Desconhecimento.

E assim por diante ao longo do dia, ao longo da estação, ao longo do grande ciclo do ano, uma litania tão velha como o padrão de todas as existências. E por vezes, enquanto deixava que o recital familiar fosse desfiando, pensava noutras coisas durante algum tempo, quase sem consciência do que estava a fazer. Talvez houvesse uma mudança subtil na maneira como o musgo crescia nas pedras. Talvez houvesse mais abelhas em volta das últimas flores da lavanda e talvez menos pássaros empoleirados nos ramos nus do lilás. As pedrinhas no chão tomavam o formato de símbolos antigos. Freixos; vidoeiros; carvalhos; zaragatoas. Nada de extraordinário.

Apenas para me exercitar, por assim dizer.

A minha vida diária era um grande esforço, mesmo depois de se me tornar familiar.

Era exaustiva. Sabia que nunca me habituaria às pessoas, à companhia, à necessidade de dizer coisas óbvias, de ouvir outras entediantes e à necessidade de participar. Se somos criados na solidão e no silêncio, nunca perdemos o hábito. Por vezes, sentia-me tentada a fazer uma pequena trouxa e ir-me embora, com ou sem floresta, com ou sem avó. Mas tal aventura estava voltada ao fracasso. O sítio estava cheio de homens armados e as raparigas estavam proibidas de ir além de um determinado ponto sem escolta. Em tempos como aqueles, disse-me Clodagh muito séria, todo o cuidado era pouco.

O Conselho chegou ao fim. Eu tentara ver quem era o representante de Inis Eala, porque queria saber mais acerca da minha tia Liadan, do marido e do fabuloso Johnny. Mas não vi caras novas ao jantar, nem vi cavaleiros no pátio no dia em que o meu tio Sean falou dela. No fim, acabei por perguntar a Muirrin.

— Os de Inis Eala não estão representados no Conselho? — Tentei parecer casual. — E Harrowfield? Se Johnny é o herdeiro de Sevenwaters, por que não está ele presente, ou o seu pai? Não tomam parte no empreendimento, seja ele qual for?

Muirrin olhou para mim enquanto punha um pequeno pote no fogo.

— Harrowfield não tem nada a ver com isto — disse ela. — Esse domínio sempre esteve fora do feudo; mantém-se à parte de Northwoods, que é o nosso verdadeiro inimigo, se bem que tenham ambos a mesma fronteira. Isso não mudou depois de Liadan e o Chefe terem tomado conta da propriedade. Por essa razão, o Chefe nunca vem a Sevenwaters. Para ele, a tarefa não é fácil, porque continua a ter interesses nos negócios de Inis Eala. E Inis Eala está representada no Conselho. Esta aventura não se pode fazer sem eles.

— O Chefe? — perguntei.

— O marido da tia Liadan. Toda a gente lhe chama assim. O seu verdadeiro nome é Bran, o Corvo.

— Quem é que veio de Inis Eala para o Conselho? — perguntei. Não vi ninguém chegar.

Desta vez, Muirrin franziu ligeiramente o sobrolho.

— Por que é que estás tão interessada? — perguntou.

— Estou apenas a tentar saber coisas da família. Johnny parece ser muito importante. E a tia Liadan era irmã da minha mãe.

— Sim, é uma pena ela não estar aqui para te conhecer — disse Muirrin, provando um pouco da sua mistura e fazendo uma careta. — Ora bolas, creio que preciso de mel. És capaz de mo ir buscar, Fainne? Não admira que não tenhas conseguido ver o homem que eles mandaram. Os homens do Chefe são mestres no disfarce. — Ela viu a minha expressão e riu-se. — Oh, não há qualquer magia, asseguro-te. É a sua imagem de marca, entram e saem sem serem vistos, adotam os disfarces de que precisam e assim nunca ninguém se lembra deles. É por isso que o Chefe nunca vem em pessoa. Nunca mais te esquecerias dele. Um homem veio e foi-se embora. Mais nada.

— Por que razão nunca mais me esqueceria do... do Chefe?

— Saberás se algum dia o conheceres. Mas ele não vem a um Conselho deste gênero. Como já te disse, tem que manter uma certa neutralidade. Além disso, tem demasiados inimigos e, mesmo hoje, não tem a confiança total de todos os aliados do meu pai.

— A sério? Nesse caso, por que é que os homens dele e de Inis Eala, estão envolvidos? Isso não é arriscado para ele?

— Por causa de Johnny. — Ela não pronunciou aquele nome no mesmo tom que as irmãs. Mas ficou profundamente séria. — Johnny é um símbolo. O filho do corvo. É ele o líder da aventura e não a pode conduzir sem o apoio do pai. Além disso, as capacidades únicas do Chefe e as forças especiais de Johnny são a parte essencial da campanha. Sem eles, esta não pode ser levada a cabo. Pelo menos, é o que o meu pai diz.

— E onde é que entra o teu tio Eamonn, nisto tudo?

— Ele tem a maior e mais bem equipada força de guerreiros de todo o Ulster — disse Muirrin com desenvoltura. — Segura aqui enquanto eu torço. Obrigada. Tem que fazer parte. Todos têm. O trabalho do meu pai é mantê-los afastados das gargantas uns dos outros o tempo suficiente para que a coisa funcione. Um pouco como ser a irmã mais velha, acho eu.

Eu tinha a cabeça cheia de perguntas, mas senti que não lhe podia perguntar mais nada sem levantar suspeitas. Em vez disso, observava e escutava, porque o meu pai treinara-me para resolver quebra-cabeças. O homem chamado Eamonn era um livro fechado; difícil, reservado. Sentava-se à mesa do jantar junto da minha tia Aisling e ficava calado, quase anormal. Poder-se-ia pensar que a sua falta de contribuição para a conversação era causada por uma certa indulgência provocada pela boa cerveja, porque ficava sentado a beber permanentemente durante a noite inteira, olhando para o espaço e comendo pouco. Mas os olhos denunciavam-no. Eu era capaz de jurar que ele ouvia tudo, armazenando o que lhe poderia ser útil, um dia. E continuava a apanhá-lo a olhar para mim, vezes sem conta, como se eu fosse a peça final do seu quebra-cabeças e ainda não tivesse decidido onde me colocar. Eu olhava para ele por baixo das minhas pestanas. O seu olhar permanecia constante. *É ele*, pensei. *É ele o alvo*, como me diria a minha avó. *Encontra um homem influente, Fainne. Uma mulher é capaz de fazer maravilhas com um homem assim.* Aquela idéia aterrorizou-me. Fez-me doer o estômago e fiquei com pele-de-galinha.

Um a um, os membros da aliança fizeram as suas despedidas e deixaram Sevenwaters sob escoltas armadas. Para sua própria proteção, era-lhes explicado, enquanto os homens de Sean, com os seus trajes da floresta partiam com os visitantes.

Como era possível trabalhar lado-a-lado, planear uma grande campanha, perguntei a Muirrin, se havia tanta falta de confiança? Não seria possível um aliado mergulhar uma faca nas costas de outro?

— Oh, não é só isso — disse Muirrin desenvoltamente. — É a floresta. A floresta conhece os seus. Os outros não podem ir e vir

em segurança. Os caminhos mudam. As raízes crescem sobre os trilhos. As vozes desnorteiam as pessoas e as brumas espalham-se.

Ela disse aquilo como se fosse a coisa mais natural deste mundo e eu senti um arrepio na nuca.

— Vozes? — perguntei.

— Nem toda a gente as ouve — disse-me ela. — Mas a floresta é muito antiga. Foi confiada à nossa família nos tempos antigos, nós somos os seus guardiões. Não somos, nem de longe, os seus únicos habitantes.

Acenei com a cabeça.

— Ouvi falar na história — disse eu cautelosamente. — Um dos vossos, nossos antepassados não casou com uma mulher dos Fomhóire?

— É o que dizem. E com ela veio o segredo das Ilhas. Ambas as coisas estão ligadas: as ilhas, a floresta e a confiança dos Fair Folk em nós, há muito tempo. Se uma delas falha, tudo cai. Já deves saber disso.

— Um pouco. E gostava de saber mais.

— É melhor perguntares a Conor. Ele conta a história melhor do que ninguém.

Mas eu evitava Conor. Ele continuava em Sevenwaters, mas não fizera qualquer esforço para estar comigo. Em vez disso, passava muito tempo a conferenciar com Sean, ou a falar com Muirrin, ou sentado silenciosamente no jardim, olhando para a floresta. Eu tinha a impressão de que ele estava à espera.

A minha mente estava noutras coisas. O meu tio Sean decretara que eu tinha de aprender a montar como deve ser, já que poderia ser preciso partir a qualquer momento. Era uma experiência humilhante. Os cavalos não confiavam em mim. E toda a gente sabia montar, até Eilis, que tinha apenas cinco anos. Era muito fácil para ela, pensei eu, irritada, vendo-a galopar em redor do pátio no seu pequeno pônei preto. Crescera naquilo. Quase me senti tentada

a fazer com que o pônei se assustasse e a atirasse ao chão. Há muito tempo, num outro mundo, Darragh oferecera-se para me ensinar e eu recusara. Agora, estava amargamente arrependida.

Aoife não teria tremido e não se teria afastado de mim. Darragh teria sido paciente.

Talvez dissesse alguma piada, mas nunca se riria de mim como Eilis. Não que os rapazes da estrebaria não quisessem ajudar, mas isso tinha mais a ver com a maneira como eu sorria do que com a sua amabilidade natural. Desde a minha chegada a Sevenwaters que não aparecia às pessoas sem vestir o traje mágico de beleza e doçura que o Encantamento permitia. Não admirava que as pessoas dissessem que eu era parecida com a minha mãe. Sem o disfarce do Encantamento ficaria paralisada pela minha própria timidez. Mas ali, no picadeiro, sentia-me tentada a tirá-lo e a mostrar-lhes o tipo de criatura tímida e simples que era na realidade. Podia ter usado um truque ou dois para os colocar nos seus devidos lugares. Mas resisti à tentação e continuei. Ao fim da manhã estava cansada, sentia-me frustrada e os meus professores coçavam as cabeças, desanimados.

— Os cavalos parecem que não gostam de ti — observou um dos rapazes da estrebaria. — Nunca vi nada parecido. — A seu lado, o cavalo que eu tinha estado a montar rolava os olhos e tremia.

— Não te preocupes — disse eu. — Obrigada pelo tempo que perdeste.

— Foi uma honra, minha senhora — disse o rapaz, corando furiosamente. E eu escapei-me.

Era suposto levar Eilis e Maeve para se lavarem e começar uma lição de costura.

Mas, subitamente, senti que era demasiado e deslizei para a parte de trás dos estábulos, desesperada por uns momentos de solidão. Havia um lugar onde me podia sentar em paz, uma porta

com três degraus. Era apenas de uma pequena pausa, sem companhia, que eu precisava.

Mas tive companhia. Eamonn estava sentado nos degraus, vestido para montar, as pernas calçadas com botas estendidas à sua frente, os braços cruzados, os olhos fixos na distância e a expressão sombria, como se estivesse submerso em pensamentos profundos. Usava uma túnica verde-escura por cima da roupa de montar.

— Oh — disse eu apanhada de surpresa. — Oh... peço desculpa...

Ele levantou-se.

— Fainne, creio que ocupei o teu local de refúgio. Em todo o caso, tenho de ir. Regresso a casa hoje. Tenho muitos assuntos à minha espera.

Gelada de timidez apesar do Encantamento, não encontrei o que dizer, ou o que fazer. Automaticamente, falei com a voz doce e sem fôlego que a minha avó me teria recomendado para uma situação como aquela e mexi-me como ela me ensinara, porque não sabia o que havia de fazer.

— Por favor... fique, se assim o deseja. Não era minha intenção perturbá-lo. Tem razão, este é um bom lugar para onde fugir quando as coisas... quando as coisas se tornam complicadas. Mas... não me importo de o partilhar. Também gosta de paz e sossego? Uma pausa na confusão dos negócios? Parece ser um homem muito ocupado.

Aproximei-me hesitantemente e senti-me corar delicadamente, sem recorrer à arte.

— Por favor — disse ele. — Senta-te. Estiveste a andar a cavalo, não estiveste? Deves estar cansada.

— Estou um pouco cansada — disse eu com um sorriso de desventura e sentei-me graciosamente no degrau de cima. Ele ficou em pé com a expressão fechada, como sempre.

— Nunca aprendeste a montar? Isso é pouco vulgar numa rapariga da tua idade — observou Eamonn.

— Eu sei — disse eu com a maior das honestidades. — E não quero aprender, mas o tio Sean diz que eu devo. Preferia passar o tempo a fazer outras coisas.

— Outras coisas?

Ele parecia querer conversar comigo. Talvez os conselhos da minha avó sobre como lidar com homens fossem melhores do que eu pensava. Não sabia bem qual era a resposta que ele esperava. Tentei adivinhar.

— Coser, ler, estudar. Não estou acostumada a tanta gente.

Ele acenou com a cabeça em sinal de assentimento. Parecia-me que o tinha julgado bem.

— Não cresceste, então, numa família como a da minha irmã? Cresceste apenas com o teu pai?

Era um erro subestimar um homem daqueles. Senti-me corar ainda mais e baixei os olhos.

— De... desculpe-me, isto entristece-me. Terá de perguntar ao meu tio Sean. Custa-me muito falar disto.

Eamonn acocorou-se a meu lado, visivelmente preocupado. Não me passou despercebida a expressão inquiridora nos seus olhos.

— Lamento — disse ele. — Perturbei-te. Não era minha intenção...

— Não faz mal. — A minha voz tremeu um pouco. — Eu... eu não me importo de falar destas coisas. Levei uma existência muito protegida até vir para aqui. Uma vida calma, de contemplação.

— Acreditei, durante muito tempo, que a tua mãe se tinha afogado nas minhas terras por negligência minha — disse Eamonn. — Mais tarde soube que tinha sobrevivido e que estava numa casa

de oração. Disseram-me que tinha problemas de saúde. Mas... desculpa-me a franqueza, ninguém me falou de uma filha.

— Eu não conheci a minha mãe — disse eu num sussurro. Aquela conversa estava a deixar-me pouco à vontade. Não percebia o que ele queria. Se queria saber alguma coisa de especial que lhe pudesse servir para o futuro, certamente não a saberia por mim.

— Ela era muito parecida contigo — disse Eamonn. — Niamh era muito admirada como rapariga. Na verdade, nunca houve duas irmãs tão diferentes. — A sua boca torceu-se.

O seu rosto estava muito próximo do meu.

— Sem dúvida, está satisfeito por regressar a casa — disse eu.

Ele olhou para mim em silêncio.

— A sua família deve ter saudades suas — acrescentei.

— Aislling é a minha única família — disse ele após um momento, e olhou para o chão.

Fiz uma pausa.

— Estou surpreendida — disse eu. — Não tem mulher? Nem filhos? Talvez a minha falta de convivência com o mundo me tenha limitado a compreensão de tais coisas, mas não quer um herdeiro para as suas terras?

Ele sorriu muito levemente.

— Tu és muito direta, Fainne. Espantosamente direta.

Pus de novo em prática os ensinamentos da minha avó e fiz um gesto delicado de confusão, levando os dedos à boca.

— Desculpe. Não queria ofendê-lo. Eu cresci muito só e nunca aprendi a arte da conversação. Por favor, ignore o que eu disse.

— Suponho que não é muito vulgar — disse Eamonn, movendo-se para sentar a meu lado. — Em tempos sonhei com isso. No fim de contas, ter mulher e filhos é um direito básico de qualquer homem. Mas tudo mudou.

— Como?

Ele olhou para as próprias mãos, agora cruzadas uma na outra.

— Ah. Agora és tu que te aventuras em assuntos de que não posso falar. Todos temos os nossos segredos, acho.

— Desculpe, Eamonn.

Ele olhou para mim de sobrancelhas erguidas.

— Gostaria mais que o tratasse por tio Eamonn? Parece-me mais apropriado.

— Na verdade não, Fainne. No fim de contas, não sou teu tio, se bem que pudesse ter sido. Tenho de ir. Os meus homens estão à minha espera. O caminho é longo até Sídhe Dubh.

— É onde vive?

— E em Glencarnagh. Gostarias mais deste último lugar. É um local melhor para uma mulher.

— E eu tenho de regressar para junto das crianças — disse eu. — Tenho de as segurar e dar-lhes alguns trabalhos de costura para fazer. A tia Aisling mantém-nos a todas muito ocupadas. Eu não me importo. Mas elas são tão barulhentas.

Eamonn sorriu. Aquele sorriso melhorava-lhe muito a aparência. Era uma pena ser tão velho. Trinta e nove, pelo menos, pensei. Mais velho do que o meu pai.

— Gostas de paz e sossego, portanto?

Acenei com a cabeça.

— Teria preferido ficar no Sul e dedicar-me a uma vida de paz e contemplação — disse eu docemente, contente por não ter de mentir.

— Não gostarias de ter a tua própria família, um dia? — perguntou Eamonn com ar sério.

Pensei no que a minha avó acharia correto responder.

— Sim, gostava — disse eu num sussurro e pus no rosto a expressão delicada de uma qualquer jovem à beira da descoberta. — Um marido, um filho saudável, uma filha encantadora para cuidar... não é esse o desejo de todas as raparigas?

Seguiu-se outra pausa.

— Espero... — disse Eamonn — espero que Sean seja sensato na escolha que fizer para ti. Não gostaria de ver uma... espero que ele escolha como deve ser para teu bem. E agora tenho de ir. Boa sorte com as tuas lições de equitação. Estou certo de que, no fim, serás tão boa nisso como em tudo o resto que fazes.

— Lisonjeia-me — disse eu.

— Duvido muito. Adeus, Fainne. Talvez voltemos a conversar quando eu visitar de novo Sevenwaters.

— Gostaria muito — disse eu e segui-o com os olhos. Por fim, conseguira. A minha avó teria aprovado, provavelmente. Mas, por que razão sentia um nó no estômago sempre que pensava naquela conversa? Pensei em tudo o que dissera e não conseguia encontrar qualquer erro. Mas estava sempre a ver o rosto de Darragh a olhar para mim, como quando eu estava a dançar na feira, o rosto de um homem que se sente, de algum modo, traído. E senti-me feliz por Darragh não me ter visto enquanto conversava com Eamonn; por ele não saber o que eu teria de fazer e por não saber em que espécie de pessoa eu teria de me transformar.

CAPÍTULO CINCO

A floresta era como que uma capa de escuridão em redor da fortaleza e da sua pequena aldeia. À medida que o ano ia avançando e o tempo ia ficando mais úmido e mais frio, sentia dificuldade em afastar um sentimento de opressão, de estar fechada numa armadilha que me envolvia e asfixiava. A floresta protege os seus, dissera Muirrin. A mim, parecia-me que a floresta vivia, respirava e sentia que um intruso entrara nela, com a destruição no coração. A minha avó fora devastadoramente simples. Faz com que não lutem. Mas se lutarem, faz com que percam. Perder a batalha era perder as Ilhas. Perder as Ilhas era desgraçar a floresta e todos os seus habitantes, humanos ou do Outro Mundo. A mim, parecia-me que a floresta sabia isso, do mesmo modo que um ser vivo sabe uma grande verdade.

Pensamentos tolos, disse eu para mim própria vivamente enquanto acrescentava um cavaco à pequena lareira do meu quarto. No fim de contas, não passava de um amontoado de árvores. E as árvores podem ser abatidas e queimadas. As árvores podem ser abatidas para dar lugar a colheitas, ou pasto. Era estupidez da minha parte ligar demasiado àqueles receios. No entanto, no saber antigo, as árvores não podiam ser menosprezadas. Para Conor e para os da sua espécie eram símbolos poderosos.

Para Muirrin e para a sua família eram uma responsabilidade sagrada, para serem protegidas custasse o que custasse. Por sua vez, a floresta protegia os que viviam em Sevenwaters.

Fiquei à janela a olhar para fora, vendo a chuva a cair de lado, empurrada pelo vento e as silhuetas sem folhas dos grandes carvalhos e faias oscilarem sob as investidas da tempestade, mas, no entanto, mantendo-se firmes, juntos. Era quase noite e eu tinha acendido uma vela, que lutava por se manter acesa ali na janela. O seu brilho dourado tocava nas feições bordadas de Riona, tornando-as vivas, e dava ao seu vestido sedoso uma tonalidade de rosas de

Outono. Eu sentia uma coisa qualquer muito estranha naquele lugar, junto da estreita janela. Já a sentira antes: um poder qualquer, um significado, como se uma pessoa tivesse ali esperado interminavelmente, como se os sentimentos dessa pessoa fossem tão fortes que ainda permaneciam ali no ar frio, junto da chama trêmula da vela. Senti-me arrepiar ao pensar naquilo. Afastei-me, sentei-me na cama e os olhos de Riona olharam para mim.

Medos, disse para mim própria, demasiados medos. Tinha de me livrar deles para que pudesse levar a cabo a minha tarefa. Se a floresta era uma ameaça, tinha de me confrontar com ela. Tinha de responder às vozes e desafiar as sentinelas silenciosas.

A minha tarefa não era atingir o coração dos Fair Folk? No entanto, recuei ante a perspectiva de caminhar sozinha à sombra dos carvalhos e ouvir as suas vozes. Sem conhecer aqueles que tinha de derrotar, não conseguiria nada. Não era filha de um feiticeiro? Onde estava a minha coragem?

O tempo amainou; os dias tempestuosos deram lugar a manhãs e tardes frias, geladas, sob um sol pálido que não dava descanso aos ossos doridos. As pequenitas pararam de brigar e foram brincar para o exterior, não muito longe da casa. O último trabalho da estação estava feito, os telhados reparados, a lenha empilhada e as provisões para o Inverno cuidadosamente armazenadas. Nos pátios, os homens, com espadas, lanças e adagas, treinavam, interminavelmente, as danças letais da guerra.

Chegaram mais cavalos e os rapazes das estrebarias andavam demasiado ocupados para se preocuparem com as lições de equitação de uma das senhoras da casa. Sean parecia carrancudo e preocupado, andando de um lado para o outro com os dois grandes cães nos seus calcanhares. Chegaram mais homens, conferenciaram com ele e partiram de novo. Chegaram provisões em carroças e foram armazenadas antes que alguém lhes pudesse deitar uma olhadela. Muitas vezes, Conor estava presente junto do sobrinho, verificando as coisas e dando conselhos. Não era raro um druida envolver-se numa campanha militar, especialmente quando ela tinha a ver com algo muito querido ao seu coração.

A minha avó tinha razão acerca da grande aventura que estava a ser preparada para o Verão seguinte. Era, sem dúvida, nada mais nada menos do que o assalto final aos Bretões de Northwoods, o clã que se apoderara das Ilhas, sagradas para a velha fé durante gerações. Seria naquele Verão que as Ilhas regressariam, finalmente, aos seus devidos guardiões. Não donos; esse termo não era apropriado. A família tinha, apenas, a custódia da floresta, do lago e das Ilhas. Essa responsabilidade antiga fora colocada nos ombros do nosso antepassado pelos Túatha Dê Danann, quando ele pôs o pé na floresta de Sevenwaters. Houvera uma terrível negligência dessa responsabilidade e Northwoods apoderara-se das Ilhas. Ao longo de incontáveis anos, a luta pelo controle daqueles pedaços de terra, no meio do mar, fora constante e muitos filhos de Erin, assim como da Bretanha, tinham perdido a vida nessa causa.

Aquele seria o assalto final. Northwoods seria derrotado e as suas forças destruídas.

Chegara a hora; o filho da profecia chegara e era um guerreiro perfeitamente capaz.

Com ele a chefiar e com um conjunto de aliados como nunca antes, a aventura não podia falhar.

Aprendi tudo aquilo ouvindo e observando. O treino que o meu pai me inculcara tornou-me hábil nas duas coisas. Na verdade, havia ocasiões em que ouvia mais do que desejava; ocasiões em que pensava muito na história daquela grande família e dos segredos que lhe estavam ligados. Houve um dia em que, escapando ao barulho das crianças, me fui sentar num velho banco de pedra a um canto do jardim. O ar estava frio; eu estava bem agasalhada com a minha capa. Segurava o amuleto da minha avó na mão e tentava fixar a mente na tarefa que ela me confiara e como levá-la a cabo. Por vezes, quando tocava no pequeno triângulo de bronze, via o rosto dela e ouvia o terrível sussurro da sua voz: *Não te esqueças, Fainne. Não te esqueças do teu pai.* Recordava os seus castigos e não duvidava dos seus poderes. Por vezes, o meu espírito vacilava perante a impossibilidade da demanda que tinha perante mim.

O amuleto ajudava-me naqueles momentos de dúvida. A sua pequena forma na minha mão era sempre tranqüilizadora; quando a segurava acreditava-me capaz de quase tudo.

Naquele dia, estava sentada no meu banco à sombra de uma grande sebe quando ouvi as vozes dos meus tios Sean e Conor. Caminhavam ao longo de um carreiro de cascalho no outro lado das faias e fizeram uma pausa mesmo por trás de mim, de modo que não podia deixar de ouvir as suas palavras. Caso decidissem passar a curva e ver-me, fiz um pequeno feitiço para me confundir com a cerca, para mesclar as minhas roupas com as cores secas das folhas de Inverno e dos ramos escuros.

Escutei.

— ...tenho perguntado a mim mesmo sobre as razões de Ciarán, mas não encontro qualquer resposta — dizia Conor.

— Para mim é bastante claro, tio — replicou Sean. — Até Ciarán sabe que a filha não tem futuro numa aldeia isolada, algures na costa de Kerry. Não a pode trazer para o Norte; sabe que nunca será aqui bem recebido, por mais que partilhe o nosso sangue. Assim, manda-nos a rapariga na esperança de que nós a eduquemos, lhe arranjemos um bom marido e um futuro digno de uma filha de Sevenwaters.

Seguiu-se um pequeno silêncio.

— Há aqui qualquer coisa de errado. — O tom de Conor era pensativo, como se lutasse com um quebra-cabeças. — Ciarán não tinha amor por Sevenwaters, nem pela sua família, quando daqui saiu. Repudiou-nos a todos, assim como à irmandade, mal soube quem era. Selou essa decisão ao ficar com Niamh, mesmo sabendo que era contra a lei natural das coisas. Ao fazer isso, cortou todos os laços que ela tinha conosco. Por que razão havia, agora, de pôr a filha à nossa mercê? Mesmo quando era criança, Ciarán era um pensador subtil. Há um plano qualquer nisto tudo e não é o de ver a filha casada com um nobre qualquer.

— Com o devido respeito, tio, penso que está errado. Acho que Ciarán está a fazer exatamente o que Niamh teria desejado. A minha irmã amava este lugar e a sua família; também amava a vida que levava, as coisas boas, a música e a dança, a companhia e as festas. Niamh não era nenhuma eremita. A mim, dói-me nunca saber se a minha irmã nos perdoou a todos ou, se morreu amargurada pelo que lhe fizemos. A presença de Fainne entre nós não poderá ser interpretada como uma espécie de perdão?

— Gostarias que fosse assim — disse Conor calmamente. — Acho que não pensas no que a rapariga é; o legado que transporta. Ela é filha de Niamh, certo; vejo isso nos movimentos de cabeça, nos silêncios súbitos, na rapidez com que se sente ofendida. Mas também é filha de Ciarán. Sabes o que isso significa. Manter Fainne aqui é um risco. Temos de ter cautela.

— Ora vamos, tio, Fainne sabe alguma coisa de magia, isso é verdade, mas qualquer druida teria feito o que ela fez naquele dia, na floresta. Crescer sozinha com o pai, durante aqueles anos todos, pode muito bem ter feito com que tenha adquirido algum conhecimento. Creio que o perigo pode vir de outro lado; Eamonn tem-me feito perguntas às quais eu não sei que responder.

— Que perguntas? — O tom de Conor tornou-se, subitamente, cortante.

— Acerca do pai da rapariga, quem era ele, os seus antecedentes. As respostas que dei a Aisling não o satisfizeram; não aceita, simplesmente, que o homem fosse um druida de boas famílias. Exigiu-me outras respostas.

— Hum — disse Conor. — Que pensas do interesse de Eamonn?

— Eamonn interessa-se por tudo, armazena tudo, caso lhe possa ser útil, um dia. Não admira que se tenha tornado num homem tão rico e influente.

Os dois homens retomaram o passeio ao longo do carreiro. Suave como a brisa, levantei-me e acompanhei-os do outro lado da

sebe. Estava habituada a caminhar em silêncio, com ou sem pé defeituoso.

— ...segredos dizia Conor. A história toda acerca do dia em que Niamh fugiu de Sídh Dubh e foi ter com Ciarán! Foi uma grande vergonha para Eamonn; ele nunca se perdoou a si próprio por ter permitido uma tal quebra de segurança na sua própria casa.

— Não é essa a história que eu gostaria de ouvir — disse Sean. — Eu gostaria de saber a verdade acerca daquela vez em que a minha irmã foi visitar Eamonn e acabou num posto fronteiriço com dois homens feridos e na companhia de foras-da-lei. Essa história preocupa-me muito. Tem-me preocupado muito ao longo destes anos.

— Sim; eles guardaram muito bem esse segredo, Liadan e o Bran dela. Estes anos todos. Continuo a ter algumas dúvidas quanto ao envolvimento de Eamonn nisso tudo.

— No entanto, ele é irmão da minha mulher. É da família, agora.

— Certo. E um aliado impecável a partir desse dia. O que levanta questões interessantes.

Ambos se calaram. Teria de parar de caminhar; aproximava-se o fim da sebe e eles ver-me-iam, com ou sem feitiço. Ainda não era mestra na arte da invisibilidade.

— Não se preocupe com a rapariga — disse Sean. — Ela é boa rapariga, tenho a certeza. Um pouco de magia, umas tantas capacidades especiais, onde é que está o mal disso? Veja a Liadan, no fim de contas.

Conor riu-se, mas não havia alegria no seu riso.

— Estás enganado. Creio que esta rapariga é tão poderosa como o pai. Vejo isso nela, sinto-o sempre que me aproximo dela. Tal força numa rapariga demasiado nova pode ser desastroso para nós. Uma coisa sei eu. Preferia um mágico com os talentos dela como aliado, do que como inimigo.

Ambos continuaram e eu fiquei para trás. Conor era um druida; não era surpresa nenhuma, portanto, sentir as minhas capacidades e desconfiar de mim. Se eu fosse realmente tão poderosa como ele pensava; então, talvez pudesse ser mais forte do que a minha avó, ser capaz de lhe dizer não e conseguir proteger o meu pai. Mas Conor estava enganado. A minha magia era débil e fraca ao lado da da minha avó. Desafiá-la significava, sem dúvida, a minha própria destruição e a do meu pai. As suas palavras continuavam na minha mente. *Não serão necessários muitos erros da tua parte para o fazer ficar muito, muito doente.* Ela dissera que saberia se eu falhasse no cumprimento das suas ordens e que seria louca em menosprezá-la. Teria de fazer alguns progressos, ou o meu pai sofreria as conseqüências.

Escolhi um dia sem nuvens, um dia em que, excepcionalmente, a tia Aisling não me deu que fazer. Chegara a hora. Não tinha de ter medo de nada, disse para mim própria enquanto calçava as botas e tirava o xale que estava pendurado num prego atrás da porta. De nada. Era só dar um passo após outro. E o passo daquele dia era enfrentar as sombras daquela floresta e decidir que não me podiam fazer qualquer mal. Não passavam de truques dos Túatha Dê, sem dúvida, para amedrontar as pessoas e impedi-las de fazer perguntas incômodas. A minha avó sempre dissera que os Fair Folk eram demasiado grandes para as botas que usavam. Arrogantes. Achavam-se melhores do que os outros; bastava ver como tinham expulso os da sua própria espécie, sem terem uma pequena idéia do que era carregar uma maldição para todo o sempre. Era tempo de os enfrentar. Mas, como tudo o que eu fazia, com cuidado. Os meus propósitos tinham de se manter secretos até ao fim, ou o falhanço seria certo.

Enrolei-me no xale. Riona observava-me. *Não*, parecia ela dizer. *Isso não chega e tu sabê-lo.* Franzi o sobrolho para ela. Fui até à pequena arca e tirei o belo xale de seda, bordado com aquelas pequenas criaturas e a franja que ondulava como uma cascata e atei-o em redor dos ombros.

— Satisfeita? — resmunguei. Riona não respondeu, já que não podia. Mas a sua expressão parecia dizer, *assim está melhor. Agarra-te ao que tens, já que não é muito.* Olhei para ela, pensando de onde teria vindo aquilo e o que significaria. Então, peguei nela, meti-a na arca e fechei a tampa.

Estava-se a meio do dia e o gelo continuava a estalar sob os meus pés. No lago flutuavam alguns patos, mergulhando em busca do que pudessem encontrar. O fumo das cabanas pairava no ar; a turfa estava empilhada ordeiramente ao lado das portas baixas. Ultrapassei a aldeia rapidamente e passei por entre as paredes de pedra dos campos na direção da orla da floresta. E ali, no carreiro, estavam dois dos homens do meu tio Sean, encostados aos seus bordões e observando-me enquanto eu me aproximava.

Enderecei-lhes o meu melhor sorriso.

— Bom dia.

— Bom dia, minha senhora. É melhor não vos afastardes mais sozinha.

— Eu não vou longe. Vou só até à margem do lago. Não me demoro.

— Tendes de levar um ou dois homens convosco. Ordens de Lorde Sean.

— Mas...

— Lamento, minha senhora. Não podemos permitir. Não é seguro.

Eram ambos altos e fortes e as suas expressões disseram-me que era inútil discutir. O da esquerda parecia um pato, de boca larga e o cabelo puxado para trás. O outro parecia mais um sapo. Murmurei um encantamento e ergui a mão.

— Eu vou com a jovem. O problema fica resolvido. — E lá estava Conor, atrás de mim, no carreiro, onde um momento antes não havia ninguém.

— Muito bem, meu senhor.

A presença de um arquidruida era, parecia, uma garantia de segurança. Os homens de armas afastaram-se e deixaram-nos passar. Caminhamos em silêncio pelo carreiro que seguia sob as árvores nuas. No chão, as folhas dos carvalhos, freixos, faias e vidoeiros tinham apodrecido, formando um manto úmido, do qual emergiam fungos estranhos e coisas rastejantes. Aconcheguei o xale em redor dos ombros.

— Tu tens um propósito qualquer para te aventurares assim. — Aquilo era mais uma declaração do que uma pergunta. — E gostarias de ir sozinha. Mas, como vês, não é possível. Os dias em que as crianças de Sevenwaters podiam correr livremente pelos caminhos da floresta, sem medo, já lá vão. Muita coisa mudou, aqui.

Acenei com a cabeça.

— Eu não me intrometo, Fainne. O meu sobrinho faz bem em restringir os movimentos através da floresta. Há uma necessidade absoluta de secretismo até ao fim do Verão. Espero que compreendas isso.

— Até porque — disse eu — a floresta nem sempre é benigna, segundo me disseram. Aqui, os estranhos nunca estão seguros. Muirrin disse que ela protege os seus.

Seguiu-se um silêncio enquanto caminhávamos juntos sob as árvores.

— É verdade — disse Conor após uns momentos. — Mas isso não te diz respeito. No fim de contas, tu és um dos nossos.

Retive uma resposta amarga. *Pensas que engulo essa mentira, como o meu pai engoliu?*

— No entanto — disse eu sinceramente — não estou acostumada a tantas árvores. Deixam-me pouco... à vontade.

— Nesse caso, um druida é a tua melhor companhia.

Não respondi e continuei em silêncio até que chegamos a uma clareira no meio de sorveiras-bravas de ramos nus, ainda, aqui e ali, com alguns frutos pendurados. No centro estava uma enorme pedra cheia de musgo. Havia uma tranqüilidade especial naquele lugar. Os únicos sons eram os chamamentos ocasionais de um pássaro lá no alto e o rumorejar de um pequeno ribeiro invisível, que corria para o lago.

— Este local serve perfeitamente — disse Conor. — Vou meditar aqui um pouco, porque também eu aprecio uma pausa nos afazeres do dia. Faz o que quiseres. Não há pressa.

O druida sentou-se de pernas cruzadas em cima da rocha, o traje branco flutuando à sua volta, as costas tão direitas como as de uma criança e os olhos fechados.

Parecia não haver outro remédio senão sentar-me também, tão longe dele quanto o permitia a largura da rocha e fazer o mesmo. Sabia o suficiente acerca de magia, transes e poderes do Outro Mundo para perceber que uma pessoa não podia, simplesmente, ir em busca de manifestações e esperar encontrá-las à sua disposição.

Era necessário, primeiro, acalmar os sentidos; concentrá-los num símbolo escolhido, ou numa litania familiar; para dar tempo. Mesmo então, era possível não conseguir o que se esperava. Ajudava estar no local certo e era muito mais fácil quando não havia distrações. As escarpas do Favo de Mel eram boas para isso; o rugido do oceano e os gritos das gaivotas transformavam-se numa espécie de paz solitária e sem tempo. A pequena gruta, na base das rochas, onde o mar, a terra e a luz filtrada se encontravam, tocavam e se misturavam delicadamente, era o melhor local de todos. Imaginei as suas sombras azuis-pálidas e o suave marulhar das ondas na areia.

Naquele lugar, o meu coração descansava. Mas Kerry estava muito longe e na floresta de Sevenwaters não se podia ouvir a canção do mar. Ali, tinha de pensar na rocha; numa rocha tão maciça e antiga que devia fazer parte da própria terra, como se

estivesse no colo da própria Dana. Concentrar-me-ia na rocha e esqueceria as árvores. Abrandar a respiração; senti-la na barriga, sentir o seu poder através do corpo. Para dentro, para fora. Pausa. Para dentro e para fora. Cada vez mais lentamente. *Estou aqui. Estou nos braços da terra.* Antigamente, sentava-me encostada às pedras, e tornava-me parte dos padrões eternos do Sol e da Lua. Agora sinto a força desta rocha e dos seus velhos desígnios por todo o meu corpo. Pulsando-me no sangue; batendo com o meu coração; agarrando-se à minha alma. Eu pertenço à terra e a terra está em mim.

O tempo passou, ou talvez não. Sem me mexer, sem abrir os olhos, senti que estava ali qualquer coisa. Flutuou e pousou, do tamanho de uma coruja e um pouco surrada, na superfície musgosa perto de mim. Fixou os seus estranhos olhos redondos em mim e pestanejou. Seguiu-se uma súbita mudança; não um raio, porque não houve luz. Não uma explosão, porque não houve som. Apenas uma espécie de movimento no ar, um ajustamento nas coisas. Em vez de uma coruja, era um pequeno ser humano mais ou menos do tamanho de Eilis. Mas não era uma criança. Não sabia dizer se era homem ou mulher, porque estava envolto numa volumosa capa de penas castanhas, cinzentas, pretas, amareladas e às riscas e usava um capuz do mesmo tom, de maneira que apenas o rosto era visível, redondo e com olhos de coruja, de nariz achatado e sobrancelhas espessas e por baixo da capa dois pequenos pés metidos em brilhantes botas vermelhas. Não precisava de me mover ou abrir os olhos. Os olhos do espírito viam tudo claramente.

Boa passagem, Filha do Fogo disse a aparição. *Aprendeste com um druida?*

Com o meu pai. Parecia-me falar sem emitir um único som.

Isso explica tudo. Uma grande perda para os sábios; ele fez algumas escolhas infelizes. Assim como a tua mãe. Pelo menos, foi o que pareceu na ocasião. Mas acabou tudo em bem. As coisas simplificaram-se. Acontece, por vezes.

Quem és tu? És um dos... és um dos que se chamam a si próprios Fair Folk?

O pequeno ser emitiu uma grande risada que acabou num pio. *A lisonja não te leva a lado nenhum observou ele maliciosamente. Bons ou maus, para mim é a mesma coisa. Se me quiseres perguntar alguma coisa, responder-te-ei. Devo-te um favor. Fiquei surpreendido. Por que me ajudaste? Não fazia parte de um plano qualquer, pois não?*

Não posso ter-te libertado apenas porque me pareceu a coisa mais certa a fazer? Perguntei algo ofendida.

Um ato de pura caridade? Estás à espera de algum agradecimento?

Caridade?

Tu és a espécie de pessoas que atira fora um tesouro se vires que te atrapalha. A nós, parece-nos que te estás nas tintas para o que deixas para trás.

Que queres dizer com isso de deixar para trás? O que é isto, um interrogatório? Eu não vim aqui para isso.

Tu usas a tua arte inteligentemente; tens a técnica na ponta dos dedos. Mas usá-la imprudentemente. Não contas com os custos.

Que custos? Mas, na minha mente vi a imagem, nítida, de um bacalhau a contorcer-se no chão, lutando pela vida no ar frio e seco. Aquela imagem nunca desaparecera por completo. Limitara-me a pô-la de lado. E lembrei-me de Riona olhando para mim e naquela pequena e estranha voz, que não era uma voz, a dizer, *é melhor limitares-te ao que tens.* Pareceu-me ouvir, debilmente, o som da gaita-de-foles.

É melhor teres cuidado disse a pequena personagem encapuçada.

Isso é uma ameaça? disse eu em tom de desafio. Outra risada que acabou num pio.

Ameaça? Eu?

O que é, então? Que estás a tentar dizer-me?

Tens uma grande tarefa na tua frente. A maior de todas, Filha do Fogo. Não desperdices a arte. Não a uses em coisas insignificantes. Estiveste perto algumas vezes, não estiveste? Guarda as tuas forças para mais tarde. Vais precisar delas e de muitas mais ainda.

Pensei arduamente por uns momentos.

Que me estás a dizer? Não compreendo. Certamente, aquela pequena criatura não sabia qual era o meu objetivo. Provavelmente, era um truque para me fazer falar. Devia pensar que eu era uma simplória qualquer.

É estranho, não é? disse a criatura acocorando-se na pedra a meu lado. Era quase impossível perceber o que havia por baixo da extravagante cobertura de penas. Os seus olhos mudaram; as pupilas escuras arredondaram-se e a sua orla amarela retraiu-se. *Mesmo nos grandes planos dos Fair Folk, as coisas nem sempre resultam. Aquela rapariga, a Liadan, não entrava no esquema. Eles perceberam demasiado tarde a importância dela. Mas já não lhe puderam mudar a mente; ela seguiu o seu próprio caminho, abandonou-nos, deixou a floresta e nunca mais regressou senão para um acontecimento social qualquer. Levou a criança com ela e quase deu cabo de tudo. Mas a criança há de regressar. Todos regressam. A floresta chama por eles. Basta olhar para ti. Tu regressaste. E agora, o que vais fazer?*

Por que hei de dizer-te? Não sei quem és. Por que hei de eu dizer seja o que for?

Eu posso ajudar, Filha do Fogo.

Eu não preciso de ajuda. Não quero ajuda. Por que persistes em chamar-me isso?

Quando estás zangada emites faíscas. Isso não te diz nada?

Apenas que me descuidei. Não voltará a acontecer.

És teimosa, não és? Diz-me, se mudares de idéias.

Não mudo. Trabalho sozinha, tal como o meu pai.

Hum. Vê o que lhe aconteceu. Devia ter regressado para aqui, onde havia um lugar para ele, se queres saber. Foi um louco.

Não quero saber e não admito que o insultes. Ele é um homem bom, sábio, honrado e perito no que faz.

Estás a fazê-lo outra vez. Faíscas. És uma filha leal. Certifica-te de que isso não é a tua perda. É melhor fazeres as perguntas agora, se tens algumas para fazer. Está quase a chover.

Sem abrir os olhos, podia ver o céu por cima de nós, azul-pálido e sem qualquer nuvem.

Muito bem. Achei que era melhor aproveitar a oportunidade, quer as respostas tivesse algum valor, quer não. *O que há nas ilhas? Qual é a sua importância para esta família e para os Fair Folk?*

O mocho-homem pestanejou.

Pergunta ao druida.

Pergunto-te a ti.

Pede ao druida que te conte a história. Ele tem um fraco por ela. As Ilhas são o Último Lugar. É pena não teres o dom.

Que dom?

O dom de ver o futuro. Em breve, tudo acabará. No tempo da tua neta, ou da neta dela. As árvores. O lago. Não passará tudo de uma porção de campos áridos para as ovelhas pastarem e de uma poça de água com enguias raquíticas tentando respirar. Sem outro lugar para onde ir. Para a minha espécie, para a espécie delas ou até para a tua. Sem as Ilhas, é o nosso fim.

Pensava que as Ilhas não passavam de um amontoado de rochas no mar. Se... se, como dizes, tudo se vai perder, como

podem elas ajudar as pessoas a sobreviver? Certamente não se pode viver lá?

A pequena criatura deu um grande suspiro que fez estremecer todas as suas penas.

Já te disse. É o Último Lugar. O druida explica-te.

Não lhe quero perguntar nada.

Ele quer que lhe perguntes. Está à espera que lhe perguntes. Está à espera desde que o teu pai partiu de Sevenwaters e os sábios perderam o seu futuro líder. Mas tu sabes isso, não sabes?

Não o respondi. O ser com penas estava demasiado perto da verdade.

Mais alguma pergunta? A chuva vem aí. Queres saber o que a tua tia Liadan disse quando soube que a filha de Ciarán tinha aparecido em Sevenwaters? Queres saber o que o teu pai está a fazer, sozinho, em Kerry? Queres ouvir uma história sobre tocadores de gaita-de-foles e casamentos?

Chega! Como é que sabes tanta coisa? Pode ser tudo mentira, apenas para me confundir e afligir.

Afligir? Pensei que não eras capaz de um tal sentimento. Como é que sei tanto? Que espécie de pergunta é essa vinda de uma feiticeira ainda agora saída da casca? O teu pai não te ensinou a ver o futuro?

Hesitei.

Então?

Ensinou. Mas eu não sou muito boa.

O pequeno ser acenou com a cabeça.

Na tua família há alguns que têm um talento especial para isso disse ele. *Precisas de um vidente.*

E então aconteceu de novo, a ligeira mudança das coisas, um bater de asas e o silêncio.

Mergulhada em profundo transe, não me conseguia mexer ou abrir os olhos. Quando consegui normalizar a respiração, regressar à minha consciência normal, ao funcionamento normal do corpo e emergir para o tempo e lugar do agora e aqui, não havia uma única ave à vista. Apenas a clareira tranqüila e o arquidruida esticando os braços acima da cabeça e pondo-se de pé com a agilidade de um homem com metade da sua idade. O dia estava límpido e o Sol brilhava, cintilando na água do lago na base da colina, entre os salgueiros.

— Pronta? — perguntou Conor calmamente. Acenei com a cabeça e começamos a caminhada de regresso a casa.

Aconteceu pouco depois. Tínhamo-nos afastado o suficiente para estarmos certos da solidão e da tranqüilidade. Eu ia distraída, a minha mente repetindo aquela estranha conversa e tentando discernir o que fora real e o que fora produto da minha imaginação combinada com a minha natural falta de prática. Após um certo tempo, comecei a reparar que, se bem que estivesse certa de que estávamos a percorrer o mesmo caminho, estávamos a percorrer uma espécie diferente de terreno, onde não tínhamos estado antes; uma espécie de encosta íngreme, cheia de seixos. Ouvia-se um ribeiro perto. Começou a chover, pingos grossos, e depois um vento extremamente frio seguido de verdadeiras cortinas de água. Juraria que o Sol continuava a brilhar. Puxei o meu xale por cima da cabeça numa vã tentativa para me manter seca.

— Pára aqui, Fainne! — gritou Conor no meio do dilúvio e, agarrando-me na mão, puxou-me para fora do carreiro estreito para o abrigo de umas rochas. Entramos por uma abertura muito baixa numa enorme gruta com uma grande laje de pedra presa na parede acima do solo e uma pequena abertura redonda no teto, que deixava entrar a luz. Algures, perto, ouvia-se água a correr.

— O ribeiro — disse Conor, obviamente. — Um dos sete. A chuva engrossa-o. Estás muito molhada? Suponho que podemos acender uma fogueira.

— Com quê? — disse eu algo irritada e olhando para o interior vazio da gruta. No exterior, chovia torrencialmente. Havia uma coisa qualquer acerca de druidas e chuva.

— Podemos improvisar — disse ele com um pequeno sorriso. — Entre os dois, somos capazes de conseguir alguma coisa.

— Talvez. — O meu tom era tudo menos amável. Não gostava de ser enganada. Não gostava de estar gelada, toda molhada e presa numa gruta com um arquidruida, fosse ele da minha família, ou não. — Mas não é preciso. Isto deve passar. O dia parecia estar tão bom.

— Parecia, não parecia? — observou Conor. — Mas preferia que não te constipasses. — O meu tio tirou a capa que usava sobre o seu longo traje e colocou-ma por cima dos ombros.

Senti-a suave, quente e totalmente seca.

— Assim é melhor.

Não me contive por mais tempo.

— Se pretende deliberadamente irritar-me — disse eu secamente está a conseguir.

Ele sorriu.

— E tu estás deliberadamente a fugir a esta situação, porque não queres que eu saiba quanto sabes e, nesse caso, estás a fazer-me perder o meu tempo e o teu.

Olhei para ele com ar trocista.

— Que quer dizer?

— Não podias ter feito um feitiço de transporte, aparecendo à lareira em casa, a salvo?

— De fato, não — disse-lhe eu de mau humor. — O meu pai disse que eu ainda não estava preparada para aprender isso.

Conor acenou com a cabeça.

— Sensato da parte dele. É muito fácil, se soubermos como, sair de casa sempre que as coisas ficam feias. Bem, talvez ainda não saibas esse feitiço. Mas há outros.

— Quer dizer que eu podia transformá-lo numa rã, já que parece gostar tanto de tempo úmido?

— Bem, sim. Podias tentar. Mas eu sou bastante mais velho do que tu e apesar de não utilizar truques de feiticeiro, não quer dizer que não os saiba fazer. Acho, apenas, que talvez tivesses alguma dificuldade. Terias de ser excepcionalmente rápida.

Olhei para a laje de pedra em que estávamos sentados. O barulho da chuva era medonho; a água entrava em cascata pela abertura acima de nós, rugia no lado de fora da estreita passagem pela qual passáramos. Abaixo de nós, no chão da gruta, a água corria pelas rochas e acumulava-se no centro. As paredes escorriam.

— Eu queria que ele ficasse — disse Conor suavemente. Apesar do barulho, ouvi-o distintamente. — Pedi-lhe para ficar, mas ele não quis. Era muito novo e estava magoado. Mas não nos devia ter deixado. Nunca houve nenhum igual a ele; com tanta capacidade e inteligência. Não consigo perdoar a mim próprio. Faz parte do cargo, da tutela, fazer com que cada geração dê um filho, ou uma filha, aos sábios.

— Houve, certamente, outros — disse eu, tentando perceber como podia ele dizer mentiras descaradas e parecer tão convincente. Devia saber das restrições impostas aos da nossa espécie. Devia saber o que Ciarán era e como isso o agrilhoara. No entanto, falava como um pai que perdera o filho amado. — E há as minhas primas: as filhas de Sean e os filhos da minha tia Liadan. Certamente que um deles...?

— Os verdadeiramente capazes são difíceis de encontrar. Não é uma vocação que possamos escolher. A vocação é que nos escolhe. Em tempos, pensei que Liadan faria a escolha, ela ou o filho. Mas ela quebrou o padrão. Quanto a Johnny, poderia ser o que quisesse. Mas ela levou-o. Johnny é um guerreiro e um condutor de

homens, apesar da idade. Liadan seguiu o seu próprio caminho. Os estranhos habitantes de Inis Eala e as pessoas da propriedade do marido dela, na Bretanha, vêem-na como sendo o coração das suas comunidades. E ela é uma curandeira muito capaz. Muirrin preenche esse papel em Sevenwaters. Mas não temos nenhum druida.

Fiquei silenciosa, vendo a poça no centro da gruta aumentar de tamanho e transbordar, enchendo em turbilhão os cantos da gruta. Não queria dar a entender que estava com medo.

— Sabias — disse Conor em tom de conversa — que tinha quase vinte anos quando fui para a floresta? Tinha estudado, claro, e tinha começado a entrar no conhecimento e na disciplina. Mas entrei tarde. Com essa idade já Ciarán tinha quase completado a sua aprendizagem. Sentir-me-ia melhor se acreditasse que esse saber não se tinha perdido. A água parece estar a subir.

Acenei com a cabeça.

— Quem foram os primeiros em Erin? — perguntou ele suavemente.

— Os Anciãos. Os Fomhóire. Gente das profundezas do oceano, dos poços e dos lençóis de água subterrâneos. Gente do mar e das profundezas da terra.

— E depois deles?

— Os Fir Bolg. Os caçadores.

— Serias capaz de continuar?

— Até o tio querer. Suponho que é uma maneira como outra qualquer de morrer: recitar o conhecimento enquanto me afogo lentamente.

Ele olhou para o chão da gruta. A água não escorria apenas pelas paredes abaixo, entrava também pela abertura da gruta, como se fosse um rio. Não poderíamos sair por ali. O nível aproximava-se rapidamente da nossa plataforma. O rugido, lá fora, continuava.

— Realmente, sobe cada vez mais — observou Conor.

Cerrei os dentes e tentei parecer totalmente despreocupada. Torturei o cérebro em busca de um feitiço apropriado, mas nada me ocorreu. O meu pai é que era bom com o tempo.

— Não estás com medo, pois não? — perguntou Conor, afastando-se ligeiramente da beira da plataforma. A água já nos chegava quase aos dedos dos pés. — Ele não te criou em Kerry, num lugar qualquer onde as ondas são tão altas como os carvalhos? Tenho a certeza que foi o que a pequena Maeve me disse.

— Bem, sim, eu estou habituada a olhar para a água, a cheirá-la e a ouvi-la, mas isso não quer dizer que queira estar dentro dela — disse eu firmemente.

— Não. Diria que o fogo é o teu elemento — disse o druida calmamente. — Parece que estou a ficar com os pés molhados. Vamos tentar escapar? — Ele ergueu-se, olhando para a pequena abertura no teto da gruta, por cima de nós. Talvez conseguisse, pensei, fugir por ali. Talvez. Se conseguisse subir até lá. A água já me chegava aos tornozelos e continuava a subir.

— O que achas? — perguntou Conor e nesse preciso momento uma cascata de água entrou pela abertura por cima da sua cabeça, uma súbita queda de água que continuou implacavelmente, fazendo com que fosse impossível ouvir e ver fosse o que fosse. O nível subia de modo alarmante e já me chegava à cintura; senti o vestido a puxar-me para baixo. O meu coração batia como um tambor e, mesmo que quisesse transformar-me num peixe, ou numa rã e salvar-me, o terror impedia-me.

Conor gritava-me ao ouvido.

— Anda! Eu ajudo-te! Respira fundo e sobe!

— O quê? — Subir por ali com água no nariz, nos olhos e nos ouvidos, sem saber o que havia do outro lado? Aquele pensamento paralisou-me.

— Rápido! — gritou Conor e agarrou-me no braço, ao mesmo tempo que o meu pé escorregava na plataforma, sob a água e eu quase desaparecia sob a superfície.

— Depressa, enquanto somos capazes de ver onde está a saída.

— Eu... eu...

— És filha de Ciarán, ou não? — disse ele e, rodeando-me a cintura com os braços, ergueu-me na direção do círculo de luz através do qual a água caía em catadupas.

Prendi a respiração, lembrando-me de encher o peito lentamente de ar, estendi os braços e ergui-me com todas as minhas forças contra o peso da água que descia.

Agarrei-me às rochas escorregadias e tentei agarrar uma raiz, um ramo, qualquer coisa, ao mesmo tempo que prendia a respiração até o peito me parecer estourar, amaldiçoava o vestido comprido, dava pontapés com as botas, encontrava uma pequena saliência nas rochas, fazia força para cima e... por fim, encontrei ar.

Agarrei-me às raízes expostas de um salgueiro, arfando e tossindo e subi para as rochas por onde a água corria e corria, precipitando-se pela estreita abertura para a gruta.

— Conor! — gritei, inclinando-me e espreitando para a escuridão por baixo da torrente.

— Conor! — Não ouvi qualquer resposta. Olhei em volta, desesperada, pensando numa corda, numa escada e até numa lanterna, se a conseguisse acender. Luz. Fogo. Pelo menos, então, ele conseguiria ver a saída. Estalei os dedos, murmurando. Um estalo, um silvo e uma pequena nuvem de vapor. — Oh, anda lá — disse eu e voltei a tentar.

Surgiu uma chama, que ficou suspensa no ar por cima do buraco negro nas rochas.

Despacha-te, Fainne, pensei, sinistramente. *O homem tem idade para ser teu avô e salvou-te.* Olhei de novo em volta, mesmo

a tempo de agarrar num robusto ramo de freixo que passava levado pela água. Agarrei-me às raízes da árvore com uma mão enquanto a água passava por mim em turbilhão e estendi o ramo para baixo. A gruta já devia estar totalmente inundada. Quanto tempo conseguiria um ancião reter a respiração? Movi o ramo em círculos, os meus dedos segurando-o com força contra a força da água. Nunca tinha visto chover daquela maneira. *Maldita floresta*. As palavras vinham-me à mente. *Achamos que não queres saber das baixas que deixas para trás. Malditos Fair Folk e amigos com cabeça de mocho. Que sabiam eles?*

Estendi de novo o ramo, procurando algo, uma coisa qualquer. Onde estava ele? A chuva corria-me pelo rosto, lavando-o, levando tudo na frente. Chorar era aquilo?

Senti um puxão no ramo. Larguei as raízes da árvore e segurei-o com ambas as mãos, entrelaçando os pés nas raízes para não ser arrastada. Por cima da minha cabeça, o clarão da chama mantinha-se, iluminando a subida. Puxei com quantas forças tinha, sentindo a dor do esforço espalhar-se pelas costas. *Vamos, velhote, vamos. Falta pouco. Falta pouco.*

Uma mão longa e pálida apareceu agarrando o ramo e depois outra, emergindo através da cascata para se agarrarem às raízes lamacentas a meu lado. Inclinei-me, agarrei-lhe o braço e puxei de novo com toda a força. A sua cabeça emergiu da água, as pequenas tranças coladas às faces, a boca aberta em busca de ar, como um peixe.

Apesar disso, o seu ar continuava digno.

— Graças a Manannan — gaguejou ele — não quero repetir de novo esta experiência. Dá-me a tua mão, Fainne. Já não sou tão ágil como era... ah, pronto. Por tudo o que é sagrado. E perdi o meu bordão.

— Vamos — disse eu levantando-me com alguma dificuldade no solo traiçoeiro. — Deixe-me ajudá-lo. É melhor sairmos destas rochas e irmos para terreno seco, se conseguirmos encontrar algum.

— Muito sensato, Fainne — disse ele tossindo ruidosamente enquanto olhava para o círculo de luz que pairava sobre o buraco no solo. A água continuava a entrar no buraco e ouvíamo-la sair na base da colina.

Murmurei uma palavra e a chama morreu.

— Vamos — disse eu de novo e continuamos cambaleando, de braço dado por uma questão de segurança, por cima das rochas e ao longo dos restos do carreiro na encosta, agora desmoronando-se, até que encontramos um amontoado de pinheiros de copa frondosa e um espaço à sua sombra, atapetado de agulhas e abençoadamente seco. Sentamo-nos no solo, lado-a-lado, respirando com dificuldade.

— Ele vai voltar — observei.

— O quê?

— O bordão. Não precisa de se preocupar. Eles voltam sempre. Foi o que o meu pai me disse.

— Disse? Eu nunca o tinha perdido. Mas há histórias. Talvez sejam verdadeiras e talvez não.

— Por que é que fez isso? Por que pensou fazer tal coisa? Dizem-me que não se deve usar a arte insensatamente e quase morreu por causa disso. E é um arquidruida. Porquê?

— Fiz o quê, Fainne?

— Aquilo. A chuva e... tudo o mais. Na sua idade devia ter mais juízo.

— Por que pensas que fui eu que o fiz?

Olhei para ele de lado enquanto tirava o xale dos ombros e o torcia.

A tinta não saíra. As suas cores vivas e o padrão, delicado e belo, continuavam intactos.

— O meu pai sempre disse que você era bom com o tempo.

— Hum. — Agora que recuperara o fôlego, Conor parecia de novo ele próprio; como se nada tivesse acontecido.

— O meu pai também é bom com o tempo — disse eu cautelosamente. — Em tempos dominou os ventos e as vagas da enseada. As pessoas de lá acham que ele é um herói.

— Acredito que seja verdade — disse Conor baixinho. — Um herói comete erros e torna-se forte. Mas ele seria a última pessoa a admiti-lo.

— Escuta. A chuva parou. Vamos para casa?

Pusemo-nos a caminho. As minhas botas estavam cheias de água e o meu vestido parecia chumbo. Algures, na água, perdera a capa de Conor e só tinha o meu xale encharcado para me proteger do frio. A chuva transformou-se em pequenas gotas e parou, totalmente. O vento abrandou. Na margem, onde o carreiro emergia das árvores, jazia um grande bordão de vidoeiro trazido pela água, a sua lisa e pálida superfície gravada com símbolos minúsculos.

— Tinhas razão — disse Conor, dobrando-se para o apanhar. Pareceu-me que o bordão se elevou para se aninhar na sua mão, como que regressando a casa. Espantosamente, enquanto percorríamos os últimos metros de carreiro entre a floresta e os campos em redor, senti a minha roupa a secar, os cabelos leves e secos e as botas mais uma vez à prova de água e confortáveis. Quanto a Conor, poder-se-ia dizer que tinha ido dar, apenas, um passeio.

Pensei no que tinha acontecido. Juntei as peças todas, tentando perceber o que acontecera; olhando para além do físico e do imediato em busca do menos óbvio, tal como o meu pai me ensinara. A escuridão da gruta no subsolo. A subida através da água, a saída pela estreita abertura para a luz e o ar. O fogo que eu fizera. A mão estendida em sinal de amizade e companheirismo. E o estranho sentimento de paz que sentia agora contra toda a lógica. Parei de andar.

— Que se passa, Fainne? — perguntou Conor suavemente sem olhar para mim.

Não sabia bem como formular a pergunta.

— Acho que não é capaz de o fazer — disse eu olhando para ele de sobrolho franzido. — Tentar iniciar-me, suponho que foi isso, sem o devido consentimento. Creio que não resulta se o aprendiz não tiver sido devidamente preparado e não estiver pronto para colaborar de livre vontade. Além disso...

Parei. Não me cabia a mim lembrar-lhe que o descendente de uma linhagem de feiticeiros nunca se podia tornar um druida. Isso já ele devia saber.

— Além disso o quê, Fainne? — Ele sorria; só Dana sabia o que aquele velho manhoso estava a pensar.

— Nada. — Raspei a terra com a minha bota, sentindo a raiva a subir. — Apenas... que devia saber que isso não funciona comigo. Sabe muito bem de quem sou filha. Eu não posso... não posso fazer parte disto. Da floresta, da família, da... da irmandade. Tem obrigação de saber isso.

Conor recomeçou a andar firme e calmamente nas suas velhas sandálias de cabedal.

— Eu não planeei isto — disse ele. Suponho que não acreditas em mim, mas, no entanto, é verdade. Talvez tivesse sido, como dizes, um teste; se o foi, creio que o passaste. Um teste levado a cabo por outros e não por mim. Pode ser que leve algum tempo até o seu significado se tornar claro para nós. Podes utilizá-lo como base de meditação e consideração, Fainne. Aprende-se sempre qualquer coisa com uma experiência como esta.

— O quê? — disse eu abruptamente. Não era justo; parecia mesmo o meu pai. — Que um druida pode afogar-se com a mesma facilidade de um homem?

— Já devias saber que não me podes perguntar isso. És a única que podes descobrir, por ti própria, a lição contida nesta

experiência. Talvez tenha a ver com quem sou e o que sou. Podemos passar uma vida inteira em busca de respostas para tais perguntas. Claro que tens razão. A experiência continha todos os indícios da entrada de um druida para a irmandade; damos aos da nossa espécie um novo nascimento, uma nova entrada na luz, vindos do corpo da nossa mãe terra. Pergunta a ti própria por que razão te foi concedida uma tal experiência.

— Um erro, certamente. Talvez eles, sejam eles quem forem, me tenham confundido com outra pessoa.

Conor riu trocistamente.

— Duvido muito. Tu és filha do teu pai. Agora, quero pedir-te uma coisa, Fainne. Um favor. Gostaria que me ajudasses.

Chegáramos ao carreiro perto da aldeia.

— Se for alguma coisa a ver com água, a resposta é não. — Ele sorriu.

— Gostaria que me ajudasses na celebração de Sambain. Suponho que te ensinaram o ritual?

— Sim, mas... deve compreender que o meu pai e eu não somos druidas. O que aconteceu hoje não altera nada.

Conor olhou para mim com ar sério.

— Duvidas de ti própria. Mas isto, podias fazê-lo com facilidade. Isto e muito mais, creio eu.

— Eu... eu não sei — gaguejei, achando tudo demasiado fácil, pois senti um repentino desejo de confessar tudo àquele ancião tranqüilo; contar-lhe a razão da minha presença, o que a minha avó fizera e o meu medo pelo meu pai. *Tu também o amaste. Ajuda-me.* Mas não consegui dizê-lo.

— Pensa nisso, Fainne. Terás de optar enquanto aqui estiveres.

— Opções difíceis, talvez mais do que imaginas.

— Se soubesses no que estou a pensar, tremerias de medo.

— Vou pensar nisso — disse eu.

Conor acenou com a cabeça e subimos até casa em silêncio. Quando cheguei ao meu quarto, tirei o xale, que estava completamente seco e guardei-o na arca. Hesitei um instante antes de tirar Riona e colocá-la de novo à janela. Então, acendi o lume, que ficou com uma cor quente e rosada e sentei-me diante dele. Fora um dia muito estranho. De certo modo, conseguira o que me propusera fazer. Confrontara-me com a floresta e sobrevivera à experiência. Ouvira uma voz do Outro Mundo, talvez não aquela que esperava, mas, de qualquer modo, uma voz. Mas não aprendera nada. A mensagem que a criatura com aspecto de mocho me dera não fora nenhuma mensagem. As palavras não tinham sentido. Não fizera a Conor as perguntas que desejava ver respondidas. No entanto, sentia um calor dentro de mim, como se, finalmente, tivesse acertado em qualquer coisa. Não fazia sentido. Malditos druidas. Eram demasiado confusos. Mochos que falavam, roupa que secava num ápice, bonecas que nos seguiam com os olhos e nos falavam através da mente. Dei um enorme bocejo, seguido de outro, enrosquei-me em frente da lareira e adormeci.

Discretamente, sem ruído, como se fossem sombras sob o céu de Inverno, os druidas chegaram a Sevenwaters. Não eram muitos: um velho de barbas cinzentas, uns poucos muito mais novos, homens e mulheres de cabelos entrançados e rostos pálidos e calmos. Impenetráveis, como o seu chefe. Ficaram albergados num anexo próximo das cavalariças, preferindo ficar do lado de fora das paredes de pedra da fortaleza e mais perto da floresta. Aguardaram.

Samhaim é o mais sombrio e secreto de todos os grandes festivais. Em Kerry, o meu pai e eu celebrávamos o nosso próprio ritual, apenas os dois e, por sermos o que éramos, a sua forma fora sutilmente alterada. Não como as pessoas pensavam.

Podemos ser feiticeiros, mas não somos adoradores do mal. Não somos necromantes nem praticantes de magia negra.

Reconhecemos as antigas divindades. Saudamos os elementos, o Fogo, o Ar, a Água e a Terra. Do quinto, que é a pura essência do espírito, não nos conseguimos aproximar. Veneramos a passagem do ano e os seus pontos de viragem. Mas usamos a arte para os nossos próprios fins.

Não aderimos à maneira druida. No entanto, o que fazemos é, sob muitos aspectos, muito parecido. Compreendia a cerimônia e qual seria o meu papel nela. Conor mostrara-se perspicaz, era forçada a admiti-lo. Conhecera o meu pai suficientemente bem para ter a certeza que eu tinha compreendido o conhecimento e o seu significado. Tinha razão; se se olhasse apenas para a educação, eu tinha capacidade suficiente para ser druida. Além disso, que outras perspectivas tinha? Não tinha grandes probabilidades de caçar um homem rico ou influente para marido, quer se soubesse, ou não, a verdade acerca da minha família. Ou era a filha bastarda de um acasalamento proibido ou, pior ainda, uma desconhecida, uma rapariga cuja paternidade não era reconhecida. Talvez circulasse a história de que eu era filha de um druida, mas quem poderia saber ao certo? Poderia ser filha de um leproso, de um ladrão mesquinho, de uma criatura qualquer do Outro Mundo, ou talvez de um gnomo. Que chefe de guerra, consciente da sua linhagem, pensaria, sequer, em olhar para mim?

Naquela noite foi-me extremamente difícil recordar por que razão estava em Sevenwaters. Como já disse, a celebração do Sambaim é secreta. Os druidas tinham saído da floresta apenas porque sabiam que seria a última vez antes da batalha final. O festival marcava o começo de um novo ano, o ano em que os Bretões seriam escorraçados das Ilhas e o equilíbrio, finalmente, restabelecido. Talvez, comentara Conor, o próximo Sambain fosse celebrado como anteriormente sob as sobreiras-bravas sagradas que coroavam a Needle, lá longe, no mar oriental. Se conseguisse testemunhá-lo, partiria feliz desta vida, dissera ele. As suas palavras fizeram-se sentir um arrepio na espinha, mas não disse nada.

O ritual seria, também, celebrado no coração da floresta, onde os druidas levavam a sua existência solitária, protegidos por aqueles

outros habitantes de vozes estranhas e manifestações meio vislumbradas. No coração da floresta ficaram uns tantos iguais de Conor para cumprir esse propósito. Os que tinham aparecido em Sevenwaters celebrariam uma cerimônia para a qual tinham sido convidados os membros mais velhos da família e, mais tarde, esses outros apareceriam para saudar toda a família e partilhar com ela o ritual de Sambain. Deste modo, todos seriam incluídos. Mas as palavras sagradas e a maneira de as dizer só seriam testemunhadas por um círculo restrito e eu não as posso mencionar aqui. As raparigas mais novas eram excluídas, sabendo-se a sua total incapacidade para ficarem quietas por mais de uns momentos.

Achei que era uma decisão sensata.

Sambain é um tempo perigoso. Durante os três dias que marcam a viragem do ano e a sua descida para a escuridão, as barreiras são afastadas e as diferenças entre os mundos tornam-se menos definidas. Deixa de haver dificuldade em ver as manifestações do outro mundo, pois as suas sombras aproximam-se nesta época de caos. As coisas não parecem ser o que são. À luz da fogueira de Sambain pode-se olhar para a pessoa ao lado e, repentinamente, ver o rosto de um amigo há muito falecido. Pode-se acordar de manhã e encontrar as coisas fora do sítio. O gado vagueia, mesmo quando vedado. Podem ser vistas luzes estranhas na escuridão da noite e ouvirem-se pequenos trechos de música antiga. Se se quisesse tentar ver o futuro, seria a altura ideal para o fazer. Certamente ver-se-ia algo. E então, desejar-se-ia ter deixado tudo como estava.

Havia uma parte do ritual para o druida mais jovem e essa parte foi preenchida por mim. Não era proferir as palavras com significado e sentimento. A voz de Conor tinha um poder solene que parecia entrar diretamente no espírito. Eu concordara em ajudá-lo. Decidi que se quisesse cumprir a vontade da minha avó, teria de ganhar a confiança daquele homem; teria de encontrar um lugar naquela casa. Disse a mim própria que estava apenas a representar um papel; que pouco significado tinha para mim. Mas, à medida que a cerimônia se desenrolava na câmara iluminada por velas que fora

destinada para aquele propósito, tornou-se impossível ignorar a presença de outros seres invisíveis entre nós, algures nos cantos sombrios, ou nas chamas do fogo ritual. Parte desse ritual é a repetição solene de nomes; os nomes dos que partiram desta vida e seguiram o seu caminho; os dos que pudessem, naquela noite, ouvir as nossas palavras, pois no festival de Sambain os seus espíritos estavam tão próximos que quase os sentíamos. De certo modo, aquilo tocava-me mais profundamente do que qualquer outra coisa que se tivesse passado anteriormente e, contra mim própria, por um momento, esqueci que não pertencia e nunca pertenceria ali. Esqueci a minha avó. Estávamos juntos, como uma família, os vivos de mãos dadas em círculo e os outros entre nós e à nossa volta.

Eram muitos; tantos, mesmo os que tinham partido. Tanta saudade. Mantinham-se perto, as almas de Sevenwaters, ligando e fortalecendo os laços daquela família.

— Meus irmãos — disse Conor calmamente. — Diarmid, sempre audaz e obstinado. Cormack, irmão gêmeo e camarada, leal e verdadeiro. Liam, em tempos senhor desta casa. Deixastes o vosso legado no grande homem que é o vosso sobrinho, mais um igual a vós.

— Sorcha, filha da floresta — disse Sean. — Curandeira sem igual e de grande espírito. Lubdan, homem da terra, forte e sábio. A minha mão está na vossa, vós guiais os meus passos.

— Eilies, minha mãe — disse Aisling. — Deste a vida para que eu nascesse. Nunca te conheci, mas amo-te e venero-te.

Então, olharam para mim e as palavras saíram-me sem pensar.

— Niamh — murmurei. — Dançaste durante Imbolc e brilhaste. És a minha mãe e filha de Sevenwaters. Continuas conosco, assim como todos aqueles que partiram.

— E também os filhos desta casa, meus irmãos, que pouco viveram neste mundo — acrescentou Muirrin, pegando na mão da sua mãe. — Os pequenos Liam e Seamus; brilhantes como cintilantes estrelas no firmamento; belos como gotas de orvalho

sobre o espinheiro-alvar; vivos como chamas ardentes nas nossas mentes e corações. Esta noite estamos convosco e tocamo-nos.

— Através das sombras, sentimos a vossa presença a nosso lado — disse Conor erguendo as mãos — pois nesta noite não há qualquer barreira entre nós. Partilhai a nossa festa; sede bem-vindos e andai entre nós.

Conor continuou o ritual. À vez, o sal, o pão, o vinho e o mel foram partilhados entre os presentes e a dose dos espíritos foi atirada para as chamas. Movi-me em redor do círculo, desempenhando o meu papel de druida. Constatei que as terríveis perdas daquela família era as minhas próprias perdas e suas as minhas. Sabia que os mortos ainda estavam entre nós. O seu legado estava nos feitos e escolhas dos que viviam.

Estaria a minha mãe a olhar através do véu que dividia este mundo do outro e sorriria com o que via? Que caminho quereria ela que eu seguisse?

O círculo desfez-se e o ritual terminou.

— Vem — disse Conor. — A boa gente desta casa aguarda a nossa presença. Festejemos juntos e preparemo-nos para o tempo da escuridão.

Dirigimo-nos para o grande salão onde estavam reunidas as pessoas da casa e da aldeia. Era uma grande reunião. O número de habitantes de Sevenwaters aumentara com a chegada de muitos guerreiros e de outros que tinham um papel a desempenhar nos preparativos para a guerra. Ferreiros, armeiros, homens especializados em cavalos e homens especializados em mantimentos e na deslocação rápida e silenciosa de muita gente, A tia de Dan Walker estava presente. Olhava para mim com os seus olhos escuros e penetrantes.

Colocaram-se bancos, deixando alguns vagos para quaisquer visitantes do Outro Mundo que quisessem reunir-se a nós. As portas estavam escancaradas, pois naquela noite nenhuma entrada era proibida ou recusada. As lareiras estavam apagadas. No exterior, na

clareira entre a fortaleza e os estábulos, ardia uma grande fogueira, lançando fagulhas para o ar. A Lua estava cheia e pequenas nuvens moviam-se através da sua superfície pálida e brilhante.

— Morrigan observa-nos por trás do seu véu — disse Conor. — Vem comigo, Fainne. Espevitemos a fogueira e caminhemos na direção do novo ano.

Conor acendera a fogueira umas horas antes usando as mãos e um feitiço e outros tinham-na mantido acesa com meios mais terrenos, tais como ramos de freixo bem secos. O druida pegou num archote, aproximou-o das chamas e este acendeu-se, ardendo com um brilho dourado na noite.

— Este é o fogo do novo ano. — A sua voz era forte e clara e os seus olhos estavam cheios de uma esperança serena. — Este é o ano do ajuste de contas. Contamos os dias de escuridão e preparamo-nos com cuidado. Preparamo-nos para o tempo do Sol e da alegria e para o dia da vitória. Juro ao povo da floresta, de ambos os lados do mundo, que antes do próximo Sambain as Ilhas serão reconquistadas. O filho da profecia liderar-nos-á e nós cumpriremos a nossa missão sagrada. Juro.

Então, Conor colocou o archote na minha mão.

— Sabes o que deves fazer? — perguntou ele suavemente. Acenei com a cabeça. Tinha a estranha sensação de que já fizera aquilo antes; era como se uma cena do passado estivesse a ser repetida, mas com diferenças subtis. Os meus pés moveram-se sem eu querer. Levei o archote a arder para o grande salão e, perante a assembléia presente, aproximei-o dos troncos já colocados na grande lareira. Estes pegaram fogo e arderam. Depois, andei pela casa, tendo o cuidado de me afastar das tapeçarias, até ter aceso todas as lareiras, mesmo a do meu quarto. Pelo canto do olho pareceu-me ver um pequeno sorriso na boca bordada de Riona, mas, quando me virei, ela estava a olhar solenemente para o exterior.

O meu dever terminado, regressei ao salão. Subitamente, percebi que não temia nem a multidão que ali se encontrava, nem

as suas conversas, nem o seu esplendor. Havia vinho e pão de aveia, algumas carnes frias e um pouco de queijo macio, feito de leite de ovelha. Mas pouco, porque não haveria mais leite fresco até à chegada da Primavera e a maior parte da nossa manteiga e queijo estava guardada nas caves. O excesso de gado tinha sido abatido e as últimas colheitas armazenadas. A criação, os melhores rebanhos e manadas estavam confinados em redis e estábulos, ou nos campos murados próximos da aldeia. O pouco cereal que ainda se encontrava no campo seria deixado para os espíritos. Chegara a ocasião de trocar a luz do Sol pelo calor da lareira; os trabalhos da herdade, da floresta e da guerra pela atmosfera aconchegada do lar e da família e planear o que viria a seguir.

Não era exatamente uma celebração. As pessoas conversavam entre si, em voz baixa. Até as minhas primas estavam mais caladas do que habitualmente. Já passava da sua hora de irem para a cama e Eilis estava sentada ao colo da minha tia Aisling, de polegar na boca como um bebê. Maeve, que me seguira pela casa passo a passo, de olhos esbugalhados de admiração, sentou-se perto da lareira, encostando-se sonolentamente ao seu grande cão. Sibeal estava ao lado da velha Janis, que parecia contar-lhe uma história. As raparigas mais velhas moviam-se atarefadas, certificando-se de que as taças e as travessas estavam sempre cheias.

— Portaste-te muito bem esta noite, Fainne — disse Muirrin, aproximando-se com uma garrafa de vinho para me encher de novo a taça. — Como se tivesses sido predestinada. Foi uma grande honra teres participado na cerimônia. Foi uma honra ainda maior teres acendido as lareiras. Nunca vi Conor confiar essa missão a outro que não um druida.

— A sério? — disse eu, e bebi um pouco de vinho.

— Ele dá-te valor, Fainne. Não subestimes isso. De todos os irmãos-cisnes, Conor é o único que continua na floresta. Mantém viva a memória dos velhos tempos. Não permite que esqueçamos quem somos e o que temos pela frente. E não tenho dúvida de que tem um papel para ti nisto tudo.

— Talvez — disse eu. — Muirrin, tu disseste-me que os teus pais tiveram filhas e que a tia Liadan tinha filhos. Mas...

Ela teve um meio sorriso.

— Houve dois irmãos gêmeos. Entre Maeve e Sibeal. Viveram menos de um dia. Eu tinha mais ou menos sete anos quando eles nasceram. Peguei neles ao colo por alguns instantes. Tinham umas mãos tão pequeninas.

— Lamento. Não devia ter falado no assunto. Disseste que o teu pai se sentia feliz por Johnny herdar. Mas não sabia que tinham tido filhos e que os tinham perdido.

— O desgosto deles foi terrível. Mas o meu pai conseguiu ultrapassá-lo. É um homem muito forte. Ama e respeita Johnny. Com a minha mãe é um pouco diferente.

Muirrin hesitou.

— Não gosta que um sobrinho seja o herdeiro? — perguntei.

— Ela nunca o admitiria. É uma boa esposa, devotada ao meu pai e dedicada à administração da casa. Nunca o diria em voz alta, mas acha que falhou por não lhe ter dado um filho saudável. E há uma certa... reserva, se assim se pode dizer. Ela gosta de Johnny. Não poderia ser de outra maneira. Ele há de ser o chefe ideal de Sevenwaters. Mas tem algumas dúvidas.

— Dúvidas? — perguntei-lhe enquanto nos sentávamos num banco a um canto. — Por que razão há de ter dúvidas se toda a gente acredita que Johnny é a pessoa ideal?

Ela fez uma careta.

— Ele é perfeito. Tenho a certeza de que concordarás comigo quando o conheceres. Os sentimentos da minha mãe têm mais a ver com o seu parentesco. Ele é nosso primo, claro, mas...

— A tia Aisling tem dúvidas quanto ao pai de Johnny?

— Ela não se opõe. Não diria isso. A minha mãe submete-se às decisões do meu pai. Só que... há sentimentos duvidosos entre o

meu tio Eamonn e o Chefe. Ninguém sabe o que é, ou o que aconteceu entre ambos. Eu acho que a minha mãe acredita que o seu irmão nunca aprovará que Johnny seja o futuro senhor destas terras. Isso deixa-a pouco segura em relação ao futuro. O Chefe nunca mais cá veio desde que a tia Liadan se foi embora. Quando precisa de ver o meu pai, encontram-se noutro lugar qualquer; num lugar sempre diferente. Eu própria só o vi uma vez. E o tio Eamonn faz os possíveis por estar bem longe quando Liadan está cá. É como se tivessem de estar afastados uns dos outros para haver paz.

— Que estranho. Há quanto tempo é que isso dura?

— Desde que o Johnny nasceu. Há quase dezoito anos.

— Estou a ver — disse eu, se bem que não muito bem. Havia ali muitos segredos; segredos interessantes. — Lamento, Muirrin. Acerca dos teus irmãos. — Era a pura das verdades.

Vira o ar de desolação nas feições pequenas e sardentas da minha tia Aisling quando os seus nomes tinham sido pronunciados.

— Obrigada, Fainne. Tu és uma ótima rapariga. Sinto-me feliz por teres vindo para cá. É ótimo ter irmãs, mas é maravilhoso ter uma amiga com quem falar. Com o tempo, a minha mãe há de concordar com os planos do meu pai para Sevenwaters. Primeiro, temos de ganhar a batalha. Depois, trataremos do futuro. — O seu rosto estava iluminado de esperança e propósito.

— Desculpa — disse eu. De repente, senti-me muito cansada. — Achas que o tio Sean se importa se eu me for deitar?

— Oh, Fainne, coitadinha! Desculpa, esqueci-me que trabalhaste arduamente, ajudando Conor e transportando aquele grande archote... vai, vai-te deitar. Eu digo-lhes que estás muito cansada.

Escapei-me para o meu quarto, fechei a porta, desfiz o Encantamento e troquei o vestido por uma simples camisa de noite. Retirei Riona da janela e sentei-me à lareira com ela a meu lado. Os meus dedos tocaram a superfície gravada do amuleto em redor do

meu pescoço, percorrendo as minúsculas inscrições. Se bem que a lareira estivesse bem acesa, o quarto estava frio: mais frio do que a madrugada gelada; mais frio do que o toque da espuma das ondas a meio do Inverno; mas não tão frio como o frio que me enchia o espírito e que não desaparecia. Era a garra gelada da incerteza. Peguei no atiçador para dar mais calor à lareira. Aproximei o ferro das brasas e de imediato o quarto ficou iluminado com uma luz alaranjada, enchendo-me o nariz e a boca com um fumo sufocante. O ar parecia estralejar e assobiar à minha volta e o meu coração bateu, assustado. As chamas esmoreceram de novo, ficaram arroxeadas, escuras como amoras e, no fundo, surgiu o rosto enrugado da minha avó, coroado por labaredas, os olhos penetrantes fixando-me e, no estralejar da madeira que ardia, ouvi a sua voz trocista.

— Devias ter vergonha, Fainne. Esqueceste o sofrimento do teu pai? Perdeste o sentido de disciplina tão rapidamente que brincas aos druidas, esquecendo o teu propósito?

Fiquei incapaz de falar. O meu coração batia como um tambor e a minha pele estava suada e pegajosa. Sabia que ela me procuraria. Sabia que viria, mais cedo ou mais tarde. Mas não já. Não assim.

— Eu... eu... — gaguejei, lutando para me controlar. — Eu não me esqueci, juro, não me...

— Oh, Fainne. Tão fraca. Tão facilmente ludibriada. Por que salvaste o druida da inundação? Por que não deixaste afogar-se no escuro o causador da desgraça do teu pai? Sim, eu vi tudo. Não és tão forte como pensavas.

— Conor faz o seu jogo. — Os meus dentes batiam uns nos outros. Que ela não me mostrasse a imagem do meu pai. Isso nunca. — Eu sei o que ele quer; hei de trocar-lhe as voltas. Ele é um homem velho.

— Ele é um druida. Não me convences, Fainne. Tenho de ir aí em corpo e espírito para te espevitar? Esqueceste a razão por que estás aí, pequena?

— N... não, avó.

— Então, por que perdes tempo a sonhar à lareira?

— P... porque foi necessário ganhar a confiança desta gente — gaguejei. Aquilo não era nada bom, tinha de me controlar rapidamente. Os olhos dela pareciam facas, pareciam penetrar no fundo da minha alma, procurando todos os meus pequenos segredos. — Parecer amiga deles; desempenhar o papel de familiar. A minha mãe... — parei. Naquela noite, parecera-me que Niamh me observava através do véu das sombras.

— A tua mãe teria vergonha de ti. — A voz da minha avó era fria e dura como uma pedra. — Ela despreza essa gente pelo que lhe fizeram, a ela e a Ciarán. Estás a perder a vontade, Fainne. E sabes porquê?

— Que quer dizer?

— Essa gente é manhosa. Parece que te aceita, mas não é verdade. Conor adormece-te, fazendo com que quase acredites na mesma mentira que pregou ao teu pai. Começas a pensar que, afinal de contas, talvez consigas. Talvez possas atingir a Luz; seguir o caminho dos sábios até te transformares no que ele é. Ah! Olha para ti, Fainne. Olha para ti sem a roupagem do Encantamento. Tu és um ser à parte; não pertences a essa gente. Tu transportas o meu legado, o sangue dos banidos e Conor sabe isso muito bem. Ele está, apenas, a brincar contigo. Até o teu pai te usa para os seus fins. É assim conosco. Não há amor. Não há Luz. Não há aceitação. Apenas confusão e escuridão. Ao menos, tenta ter algum objetivo.

— A avó diz que não há amor, mas eu amo o meu pai e ele ama-me. Isso deve valer alguma coisa.

— Isso é um disparate sentimental. Ciarán achava que amava a tua mãe. Foi o seu maior erro. Se ele te amasse, nunca te teria mandado para aí. O teu pai sabe, e eu sei, que nunca serás outra coisa senão o que és. Presta atenção. Olha para o fogo.

— Estou a olhar.

— Olha de novo.

Obedeci e as chamas modificaram-se, encaracolando-se, espalhando-se e mostrando-me, mesmo no centro, uma imagem pequena e nítida: o meu pai, dobrado, tossindo como se o seu peito fosse rebentar e o sangue, vermelho-vivo, escorrendo-lhe por entre os dedos que mantinha encostados à boca. Pestanejei e a imagem desapareceu. O meu coração ficou gelado.

— Viste bem? Foste tu a causadora. O que vês está a acontecer. É difícil um homem engolir com uma tosse assim. Não admira que esteja tão magro. Às vezes, torna-se difícil respirar. E, no Inverno, Kerry é muito frio. — Os olhos dela trespassaram-me.

— Por favor! — A voz tremeu-me de angústia. Não podia deixar de lhe suplicar. — Por favor, não faça isso. O meu pai não tem culpa. Por favor, não o magoe assim! Estou a fazer o que a avó quer, estou mesmo, tenho planos. Está a castigá-lo para nada.

— Os planos são uma coisa. A ação é outra. O que tens feito, desde que chegaste aí? Tens usado a arte? Encontraste um homem que seja o teu instrumento? Que fizeste até agora?

— Eu... eu fui até à floresta em busca dos Fair Folk. Falei com um deles.

— E?

— Um... um homem interessou-se por mim — gaguejei eu, agarrando-me desesperadamente àquele episódio. — Um homem influente. Ele faz parte do meu plano.

— Se ele se interessou por ti, onde está ele neste momento?

— Foi para casa. Mas disse que se sentia ansioso por me ver de novo. — Aquilo não chegava, sabia que não chegava. A tosse abafada do meu pai ecoava na minha cabeça como um toque a finados.

— Isso não chega, Fainne. Cada vez mais digna de pena. Lembras-te do bacalhau? Fizeste aquilo com muita facilidade. A etapa seguinte é que é o verdadeiro desafio. Foste pateta em deixar

essa gente começar a insinuar-se no teu coração. É melhor agires rapidamente, antes que te esqueças de como o fazer. De outro modo, perderás a vontade. Tornar-te-ás, simplesmente, um deles. Talvez gostes de ver sofrer o teu pai.

— Pare com isso! Não foi fácil. Todas as noites, antes de adormecer, vejo aquele peixe na minha mente. Foi terrível. Usei a arte indevidamente.

— Ela era dispensável. Todos são. Onde está a tua coragem, pequena? Mostra-ma. Mostra-me que ainda a tens. Mostra-me que não queres saber dessa gente. Foi essa gente que mandou a tua mãe para os braços de um homem, tão cruel que ela nunca mais recuperou. Foi essa gente que colocou a esperança no coração do teu pai, apenas para lha arrancar depois. Essa gente não se preocupa contigo. Nada. Tudo o que lhe interessa é a sua querida floresta, as suas Ilhas e a vontade dos Fair Folk. A tua mãe morreu. Matou-se devido ao que essa gente lhe fez. Já te esqueceste? Preferes ser atraída para a sua estranha compreensão do mundo, dando mais valor a uma profecia qualquer, à imaginação deturpada de um bardo, do que à existência de uma mulher. Acorda, Fainne. Onde está a tua raiva? Mostra-me a tua força.

Então, senti-a, a arte em toda a sua força, emergindo de todas as partes do meu corpo. Era capaz de fazer o que ela queria, sabia que era capaz; só precisava de pôr em prática tudo o que o meu pai me ensinara. No entanto, ele dissera:

— Por vezes — sussurrei — é preciso muita força para não agir...

— O que é isso? Um disparate qualquer dos druidas? Acredita em ti própria. Reconhece a tua herança. Mostra que és capaz. Há quanto tempo não usas a arte? Mostra-me, Fainne. Talvez um pouco de fogo. Um pequenino. Mas que seja bem quente. Assusta-os. Transtorna-os. Não consegues, pois não? Perdeste a raiva. Perdeste a vontade. Afinal de contas, o amor que dizias ter pelo teu pai não era verdadeiro.

— Eu consigo! Ainda agora senti as chamas na ponta dos dedos! Mas... mas parece não haver um propósito nisso... não passa de um truque...

— Falas-me em propósito? Nesta noite, entre todas as noites? A tua mãe não esperou, ano após ano, entre dois mundos, ver-te através do véu numa noite de Sambain? Ver-te, por fim, mostrar ao irmão, ao tio e a toda essa gente que não podem pisar alegremente um caminho cheio do sangue de inocentes? Esta noite, a tua mãe está a ver-te, Fainne. Fá-lo por ela. Eles tiraram-lhe o poder; forçaram-na às trevas e ao desespero. Recupera-o por ela. Mostra-lhe o que a sua filha é capaz de fazer.

Eu sentia a força em mim, a chama que parecia empurrar-me, se bem que, por qualquer razão, eu continuasse a lutar contra ela. Aquela gente era a gente da minha mãe, apesar do mal que lhe tinha feito.

— Eu... eu não sei bem...

— Se não consegues reunir em ti a força necessária, és, na verdade, uma pobre estudante. Não devias hesitar, nem sequer por um momento. Ciarán perdeu o seu tesouro, Fainne; o seu amor e a sua esperança. Perdeu a própria identidade. E tu renegaste-o ao apresentares-te aí como órfã, em Sevenwaters. Sabes bem que o farei sofrer se te recusares a obedecer às minhas ordens. Faz o que te digo. Mostra-me que não esqueceste o teu pai. Procura a fúria bem dentro de ti. Acende o fogo.

Fechei os olhos por um momento, incapaz de agüentar o poder do seu olhar por mais tempo, e quanto os abri de novo o fogo morrera, transformando-se em brasas, e ela desaparecera.

— Pai — sussurrei. — Pai, agüente-se, esteja onde estiver. Seja forte.

Peguei em Riona e guardei-a na arca, mesmo no fundo, por baixo do xale de Darragh. No fundo, na escuridão, onde não poderia ver nada. Cerrei o fecho. Em seguida, fui até à janela. Era muito tarde. Estivera sentada, sozinha, durante muito tempo. Parecia que

toda a gente se tinha ido embora, mas devia haver guardas; havia sempre guardas. A família, os druidas, as pessoas da casa e da aldeia já deviam estar a dormir. Estava tudo calmo. Apaguei a vela e fechei os olhos. Respirei lenta e profundamente, evocando o olho do espírito; lenta e profundamente, aumentando gradualmente o poder como as vagas do grande oceano. Na mente vi a fogueira que Conor acendera, ardendo ainda lá em baixo, junto das muralhas da fortaleza. Vi-a nitidamente. Havia guardas junto dela, alerta na escuridão, aproximando-se uns dos outros para se aquecerem. A noite estava calma, suficientemente fria para enregelar um homem através da pele de carneiro, da capa de lã e de tudo o mais. Pensei naquela fogueira, vendo-a com tanta nitidez como se estivesse mesmo diante de mim. Grandes toros no centro, brilhando, dourados e laranja, transformando-se em cinza. Fagulhas subindo no ar quente, dançando no ar como insetos brilhantes. Uma centelha ou duas. O fumo encaracolando-se. De manhã, não restaria muito mais. Eu era capaz de acender uma fogueira. Tudo o que tinha a fazer era apontar o dedo. Mas aquilo seria diferente. Seria um acidente. Não teria nada a ver comigo. Não estava no meu quarto a dormir, na parte mais afastada da fortaleza? Da minha janela nem sequer conseguia ver o pátio onde o fogo, infelizmente, se descontrolou e espalhou por onde não devia. De olhos bem fechados, mantive o fogo na mente. A mudança foi rápida. Tinha de ser, antes de os guardas poderem acorrer com paus e sacos de serapilheira para apagarem as chamas. Um súbito fulgor e estas espalharam-se pelo solo, apanhando tudo o que pudesse arder. Homens gritando, homens correndo. As chamas eram de uma cor linda, dourado-avermelhadas, como o sol de Outono atravessando o mel.

— Está a ver, avó? Está a ver o que eu consigo fazer?

As chamas atingiram as vedações dos edifícios exteriores e ergueram-se, esfomeadas, na direção do céu. Cantavam. Chiavam. Rugiam. E havia outros sons, não já na minha cabeça, mas lá fora na noite, demasiado reais, sons de pessoas gritando, transportando baldes e a voz do meu tio Sean gritando em todas as direções. Cavalos relinchando, um som de esmagamento quando algo grande

caiu ou foi arrastado, um súbito e terrível som de dor, um homem gritando, gritando, gritando. Eu não queria ouvir aquilo. Tapei as orelhas com as mãos, mas não senti qualquer diferença. Ouviram-se mais sons de coisas esmagadas e o som de cascos nas pedras do pátio. Abri os olhos e vi, por baixo da minha janela, homens conduzindo cavalos aterrorizados para a segurança dos campos e correndo de volta para o inferno. O brilho da conflagração espalhava as suas sombras pelo espaço entre a fortaleza e a floresta. Fiquei muito quieta. Não havia necessidade de desfazer o feitiço. Eles apagariam o fogo. Os animais estavam salvos. Sentia-me feliz por isso. A família não seria desalojada. Tal acontecimento, na noite de Sambain, podia sugerir que as esperanças do arquidruida para o ano seguinte tinham saído frustradas.

Lançaria a semente da dúvida. Correra tudo bem. Mas, por que razão me tremiam as mãos como as folhas de um vidoeiro sob um temporal de Outono? Agarrei com força no amuleto que tinha em redor do pescoço, para me acalmar.

Alguém bateu à porta do meu quarto.

— Fainne! Estás acordada?

Era Muirrin. Não pude fazer outra coisa senão abrir a porta e deixá-la entrar.

— O que é? O que é que se passa? — Fiz os possíveis para parecer meio adormecida e confusa.

— Oh, Fainne! Não ouviste o barulho? Houve um fogo terrível. Um dos druidas morreu e há outras pessoas muito feridas. E não conseguimos encontrar Maeve. Esperava...pensava que ela pudesse estar contigo. Mas estou a ver que não. Oh, Fainne, que faremos se...

Naquele momento, a competente e reservada curandeira de Sevenwaters levou as mãos aos olhos e irrompeu em lágrimas. Senti um arrepio terrível percorrer-me o corpo, que não tinha nada a ver com a hora tardia ou o frio da época.

— Eu ajudo-te a procurá-la — disse eu com uma voz incerta que não tinha nada de artificial. — Deixa-me pôr a capa. Tenho a certeza de que ela está bem, Muirrin.

— Quando chegarmos lá abaixo já eles a encontraram, acredita. — Brighid me ajude, por que não parei aquilo a tempo e horas? Por que não parei quando as chamas começaram a lamber as paredes? Por que não me lembrei do local onde os druidas estavam a dormir?

Se havia uma resposta para aquelas perguntas, eu não a tinha. Em vez disso, enquanto descíamos as escadas à pressa e saíamos para o pátio, ouvi uma pequena voz interior. Foi a mesma coisa outra vez. O mesmo da outra vez, com o peixe. *Não podes fazer nada; está-te no sangue...*

Naquela noite senti que havia duas pessoas dentro de mim. A Fainne que ajudava Muirrin em busca de Maeve pela casa, pelo jardim, com uma lanterna na mão, pela aldeia onde os anciãos e as crianças estavam agora acordados e receosos e os novos a caminho da fortaleza para combater as chamas. O gado era reunido nos campos e os rapazes e os cães faziam os possíveis para manter alguma ordem naquela caótica manada de animais aterrorizados. Perguntamos a toda a gente, mas ninguém tinha visto Maeve. E quando regressamos para o que restava dos edifícios queimados, chegamos mesmo a tempo de ver Sean carregando-a para o exterior; o seu rosto parecia o de um velho à luz dos archotes e Muirrin lançou um enorme grito de angústia antes de correr na direção do pai e da silhueta mole, como uma boneca, que ele segurava nos braços. E durante esse tempo todo, a outra Fainne observava tudo aquilo. Ninguém a podia ver. Ninguém podia ouvir a sua voz senão eu; a pequena voz que era a voz da minha avó.

Foste tu que fizeste isto. Vê como podes ser forte. Amanhã, o teu pai respirará com mais facilidade.

Levei as mãos aos ouvidos e respirei profundamente uma vez, duas, três. Depois, obriguei-me a aproximar-me e abri a boca para

fazer uma pergunta cuja resposta temia ouvir. Mas não precisei de perguntar.

— Muito bem — dizia Muirrin com vivacidade, se bem que o seu rosto estivesse cheio de lágrimas e pálido. — Leve-a para o quarto a seguir ao meu e mande também os feridos para o outro ao lado. Leve-a com cuidado. Vamos precisar de muito linho limpo e pessoas para nos ajudar. Depressa.

Portanto, Maeve estava viva. Tossi para clarear a voz.

— On... onde está o cão? — perguntei hesitantemente. — Ela é capaz de querer o cão ao pé dela quando...

— O cão morreu — disse Sean pesadamente. — Ela não quer que ele durma no quarto; ele foi em busca de calor e os druidas acolheram-no.

— Ela andava à procura do cão? — murmurei enquanto caminhávamos em procissão, tristes, em direção à fortaleza. Algures, à distância, um homem continuava a gritar de dor. — No fogo?

Sean acenou com a cabeça.

— Não sei como, perdemo-la. Deve ter-se afastado para o ir buscar.

— Que aconteceu? Está muito ferida? — Forcei-me a perguntar-lhe.

— Parece que tropeçou e ao tentar não cair agarrou-se a um ferrolho de ferro, não sabendo que estava quente. As mãos dela estão... estão queimadas. — A voz do meu tio tremeu. — O cabelo dela estava em chamas. Apagamo-las. O rosto e as mãos ficarão marcados para sempre, se sobreviver. Não perdôo a mim mesmo. Como pode ter acontecido uma tal coisa?

Pálida como a cera, Muirrin ordenou tudo com rapidez e eficiência. Linho, água, ervas. Foi colocada em linha uma série de enxergas. Pessoas traziam os feridos. Havia um jovem druida com queimaduras terríveis nas pernas e nos pés. Apesar do treino, não

era capaz de conter os gritos e o som dilacerou-me. Quanto a um outro, o mais velho, a enxerga onde estava deitado estava coberta da cabeça aos pés com um pano branco. Aquele sábio não regressaria para ver o solstício de Inverno sob os carvalhos nus. Alguém colocara um ramo de teixo em cima do pano branco como a neve que o cobria. Havia cinco homens feridos; alguns com queimaduras, outros tontos e tossindo devido ao efeito do fumo. No quarto onde os puseram, Conor ia de um a outro, inclinando-se para murmurar palavras suaves, tocar uma mão ou afagar uma testa. Levaram Maeve para o quarto seguinte e eu fiquei à entrada, desamparada, enquanto a deitavam. Pela primeira vez, vi a minha tia Aisling completamente perdida. Ajoelhou junto da filha, olhando sem expressão para os cabelos, rosto e mãos queimadas, enquanto o som áspero da respiração da criança se ouvia no quarto iluminado por velas.

Muirrin estava a acender mais lanternas. Podia ver-lhe as mãos a tremer.

— Pai — disse ela. Sean olhou para ela.

— Há demasiados feridos — disse ela calmamente. — E isto pode estar para além das minhas capacidades. Precisamos de Liadan.

O meu tio acenou com a cabeça.

— Felizmente, ela está em Inis Fala, não na Bretanha. Pelo menos, não precisa de atravessar o mar e em breve estará aqui. Que podes fazer por Maeve?

Muirrin hesitou.

— Farei o melhor que sei, pai — murmurou ela. — E agora, vá. Estou a ouvir os homens a chamarem por si. A mãe também.

— Eu fico com ela. — A voz da minha tia Aisling estava irreconhecível; tênue e pouco segura, nada de acordo com a sua personalidade. Fiquei assustada por as coisas poderem mudar com tanta rapidez. — E se ela acorda e...

— Eu chamo-a logo — disse Muirrin com uma voz de comando firme. — Prometo. Tem razão, ela há de querê-la junto de si. Mas eu vou dar-lhe um remédio para as dores; para já, não acorda. As pessoas vão precisar de si lá em baixo, para lhes dizer o que fazer e para as tranqüilizar. Isto perturbou toda a gente.

— Tens razão, claro. — Aisling levantou-se, uma silhueta pequena e delgada dentro de um bonito vestido. Sem o véu, os seus cabelos eram brilhantes como mal-me-queres à luz das velas. — Vou para baixo. — Vi-a endireitar os ombros e engolir as lágrimas. Alguém a chamou e ela desapareceu.

— Eu... posso fazer alguma coisa? — Muirrin olhou para mim.

— Não, Fainne. Isto tem que ser feito por mãos capazes; e tenho gente que me vai ajudar para ir buscar água e apanhar ervas. Mas... — estava a olhar para além de mim, na direção da porta. Virei-me.

Elas estavam ali, imóveis, como uma fila de pequenas estátuas. Deirdre, Clodagh, Sibeal e a pequena Eilis, nas suas camisas de noite, descalças no chão de pedra. Oito olhos, grandes e temerosos, fixavam-se em mim em busca de alguma coragem. Em mim. Nas minhas costas, Muirrin falou firmemente.

— Está tudo bem, meninas. — Uma jovem aproximara-se, bloqueando a visão do quarto. — Um incêndio e Maeve feriu-se. Eu estou a cuidar dela. Fainne vai levá-las de volta à cama e vai contar-vos uma história. Amanhã saberão tudo. — baixou a voz. — Por favor, Fainne? — O tom da sua voz revelava um medo terrível por trás das palavras calmas.

— Eu quero a mãe — Eilis, esfregando os olhos.

— Podemos ver Maeve? — Deirdre, pondo-se em bicos dos pés para tentar ver alguma coisa. — O que é que ela tem?

Não podia fazer outra coisa senão o que me tinham pedido.

— Vamos embora — disse eu imitando o estilo de voz de Muirrin. — A vossa mãe está ocupada e Muirrin também. — Eu sei

uma história muito bonita acerca de um homem que apanhou um gnomo e outra acerca de um cavalo. E tu — disse eu, olhando para a exausta e lacrimosa Eilis — podes levar Riona contigo para a cama. Se te portares bem.

Por trás de nós, a porta fechou-se suavemente. No outro quarto, um homem soluçava de dor. Ouvi a voz suave de Conor, cadenciada e calma.

— Fainne — Clodagh em voz baixa enquanto nos afastávamos. — Quem é que está a chorar?

— Um homem que se feriu — disse eu, pensando que não valia a pena mentir. — Um dos druidas. Estão a tratar dele. Ficou muito queimado.

Seguiu-se um silêncio, coisa rara entre elas. Nenhuma delas disse uma única palavra até estarem as cinco no quarto, ao mesmo tempo que eu distribuía os cobertores e acendia a lareira. Era bom encher a mente com coisas práticas e imediatas.

Contei-lhes a história do gnomo, depois a outra e aconcheguei Riona ao lado de Eilis. Em breve dormiam todas, menos Clodagh, que continuava sentada à lareira, segurando o meu xale de seda nas mãos, tocando nas pequenas criaturas com uns dedos surpreendentemente cuidadosos.

— Este xale é tão bonito — disse ela em voz baixa para não acordar as irmãs. — Foi o teu namorado que to deu?

— Eu não tenho namorado — disse eu. — Foi-me dado por um amigo. — Ainda bem que ele se tinha ido embora depois de mo dar. Pelo menos, não podia ver o que eu tinha feito naquela noite.

— Fainne?

— Hum?

— A Maeve vai morrer?

Estremeci. Era como se estivesse a ver a criança sentada à janela, penteando os cabelos amarelos de Riona enquanto o seu

grande cão ressonava junto da lareira.

— Não sei — disse eu. — Muirrin é uma curandeira muito competente, todos o dizem. E o tio disse que Liadan vem aí, se bem que possa demorar ainda algum tempo a chegar, é que é difícil fazer chegar lá uma mensagem para a trazer para Sevenwaters.

Clodagh olhou para mim.

— Oh não — disse ela. — O pai fala com ela. Ela já deve estar a caminho.

— Fala com ela?

— Como eu com Deirdre. Tu não consegues? Falar sem dizer palavras, quer dizer. O pai é capaz de dizer coisas a Liadan instantaneamente, mesmo quando ela está em Harrowfield, que fica muito longe, em Northumbria. Ela vem o mais depressa que puder. A tia Liadan é capar de curar seja quem for.

— Muito bem, então — disse eu com um sorriso. — Suponho que isso quer dizer que Maeve tem boas hipóteses de recuperar. E agora tens de dormir. Vais ter de te encolher aqui ao pé de mim. Espero que os teus pés não estejam muito frios.

Mas enquanto ela, finalmente, adormecia, eu ficava de olhos abertos, vendo a luz da madrugada entrar pela janela e a casa recomeçar a viver lentamente à nossa volta.

Fiquei ali a olhar para as paredes de pedra e pensei na minha mãe. Imaginei se o seu espírito infeliz vaguearia por ali, algures, observando-me, observando tudo o que eu fazia. Que dissera o meu pai? Houve tempos de felicidade... o teu nascimento... ela acreditava que, finalmente, fizera uma coisa boa. Mas, no fim, não fora capaz de acreditar. Talvez a sua resposta final fosse a única que lhe restava. Era uma boa saída. Cortar os pulsos, saltar de um telhado, ou mergulhar nos braços do lago. Mas eu não podia fazer o mesmo que ela. Isso destruiria o meu pai. Tinha de fazer o que a minha avó queria. Devia-lhe tudo e não podia permitir que ela o torturasse. No entanto, como podia conciliar aquilo com o que tinha feito naquela noite? Era a segunda vez que matava. E tinha feito

uma coisa horrível a Maeve e àquele jovem druida. Qual seria o preço a pagar pela segurança do meu pai? A maldade que fizera naquela noite não tinha relação, certamente, com a batalha que se aproximava e com os Fair Folk? Por que me forçara ela a fazer aquilo?

Ela não te forçou a fazer aquilo, disse a voz involuntária dentro de mim. *Tu é que o fizeste de livre vontade. Está-te no sangue. Não podes fazer nada. Além disso, foi um castigo pelo que fizeram.*

Não se pode castigar uma criança pelos erros dos adultos, disse eu a mim própria.

Errado. Veio a propósito. Perturbaste o teu tio e puseste dúvidas no coração do povo. Enfraqueceste o druida. Três passos na direção do grande objetivo. Veio mesmo a propósito.

Cr... creio que não quero ser quem sou.

E que queres tu ser? A mulher de um latoeiro qualquer, com uma criança na barriga, mais três a teus pés e uma vida errante? Pensas que tens escolha? Foi o que o teu pai pensou. Vê o que lhe aconteceu. E sentes simpatia por essa gente?

Fiz força para que aquela voz deixasse de me atormentar, mas não consegui. A voz era minha e não podia ser silenciada. As crianças dormiam tranquilamente à minha volta e enquanto a luz da madrugada enchia o quarto com um brilho dourado, pareceu-me que as sombras me enchiam a mente e o coração e que o próprio Sol era incapaz de as afastar.

CAPÍTULO SEIS

O fogo é uma coisa terrível. Começa com uma simples centelha, o mais pequeno pedaço de fumo. Cresce, ganha poder e espalha-se até se transformar numa grande conflagração, consumindo tudo o que encontra. Se não for detectado, consome tudo. A força destrutiva do que eu soltara aterrorizava-me. Não fora apenas o trabalho das chamas em si, os edifícios arruinados, um ancião lutando desesperadamente num pesadelo de fumo, ou os jovens sofrendo enquanto tentavam sobreviver. Não fora apenas Maeve, que agora pairava entre este mundo e o outro. Fora a maneira como todos tinham sido apanhados desprevenidos, a maneira como as chamas se tinham espalhado, tocando e ferindo cada pessoa em Sevenwaters. Se a minha avó desejava ver-me destruir a família e semear a dúvida nos seus esforços, deve ter achado tudo um grande sucesso. Não queria pensar no que o meu pai teria pensado. Tentei imaginá-lo usando a arte para fazer exatamente o que eu fizera, mas não consegui.

As pessoas falaram quando ele expulsou os Finnghaill da enseada. Morreram homens afogados por causa do que ele fez. Mas aquilo era diferente.

Vi a incerteza aumentar lentamente quando os destroços ficaram à vista, a família mudando da esperança pura e da inspiração do ritual de Sambain para uma introspecção ansiosa. O tempo à mesa foi reduzido. A conversa escasseou. Atearam-se pequenas discussões que nem sempre foram resolvidas rapidamente. Sean estava sempre ausente e silencioso e Aisling nervosamente ocupada. Conor só ficou mais um dia após o incêndio, partindo depois para a floresta com quatro dos seus irmãos transportando o corpo do ancião numa tábua. Teria de ser ele a dar a terrível notícia ao seu povo, disse calmamente o druida a Sean, não permitir que a soubessem por outros meios. O seu ancião tinha de seguir o seu caminho com os rituais apropriados e o seu corpo depositado onde pertencia, sob os carvalhos.

Era evidente que Conor queria ficar, porque, se bem que alguns já tivessem recuperado, havia ainda três homens sob os cuidados de Muirrin e as perspectivas para o mais novo não eram nada animadoras, a não ser que conseguisse agüentar até a minha tia Liadan chegar. A fé de todos nas suas capacidades curativas espantavam-me.

No fim de contas, Liadan não passava de uma mulher, tivesse ou não sangue dos Fomhóire. Que podia ela fazer que Muirrin e os seus ajudantes não pudessem?

Regressaria assim que pudesse, disse Conor. O druida sabia que os seus irmãos feridos teriam os cuidados devidos pela lei e pelos laços de sangue. Entretanto, tinha obrigações, que tencionava cumprir, para com os que tinham ficado na floresta. A fria formalidade das suas palavras marcou entre ele e o seu sobrinho uma distância que não havia antes. Eu pensava que Conor era infatigável. Vira-o suportar um quase afogamento com uma serenidade que muitos homens de vinte anos teriam tido dificuldade em agüentar. Mas o incêndio abalara-o. Saiu de Sevenwaters apoiando-se pesadamente no seu bordão de vidoeiro, o capuz subido para esconder as feições.

Não se podia ver a sua expressão. A pequena procissão afastou-se pelo caminho sob as árvores nuas e desapareceu. Conor nunca mais me falara desde a noite do incêndio. Se sabia, ou desconfiava, ou estava simplesmente demasiado distraído para reparar em mim, não havia maneira de saber.

Muirrin era uma rapariga forte, se bem que fosse delgada de corpo. Orientou tudo a partir da ervanária e havia uma atividade constante. As mulheres passavam esponjas pelas testas a arder de febre, mudavam compressas e ferviam poções de ervas à lareira. Os homens transportavam lenha e baldes de água. Mas o lugar estava calmo, com exceção do som das respirações aflitivas, ou da voz de Muirrin dando instruções precisas e suaves. Quando passei pela porta fechei os ouvidos à voz do jovem druida, gemendo de dor. Não visitei Maeve na sua cama. Mas o olho da minha mente mostrou-me o seu rosto, brilhando com borbulhas cheias de pus no

lado esquerdo, e os seus olhos fixos, aterrorizados. As crianças andavam muito irrequietas e a minha tia Aisling parecia incapaz de fazer fosse o que fosse. Movia-se através da rotina restrita da casa, como se isso a impedisse de se desfazer. Não chorava quando as pessoas a podiam ver. Só quando se sentava sozinha com Maeve, enquanto Muirrin ia comer qualquer coisa ou descansar um pouco, é que se permitia chorar. Mais tarde, isso era visível na sua palidez e olhos avermelhados.

A coisa terrível que eu fizera atormentava-me os pensamentos dia e noite. Quebrara uma das regras mais básicas da arte. Fora levada à ira e deixara que ela me vencesse.

Sabia que era errado. No entanto, não sabia que outra coisa poderia ter feito. À medida que o tempo passava, a voz interior, que eu não gostava de ouvir, aparecia frequentemente para me atormentar.

Cresceste, murmurou ela. *Sabes agora que é verdade. A nossa espécie só pode percorrer o caminho do caos e da destruição. A Luz está-nos proibida. Porque estás surpreendida? Foi-te dito. Até o teu pai te disse.*

O meu pai não usa a arte para provocar sofrimento, disse eu a mim própria.

Não te guies por ele. Ele perdeu-se, quando a perdeu. É um homem sem rumo. A esperança era a sua fraqueza e ele deixou que ela o destruísse.

Todas as noites, enquanto ficava de olhos abertos desejando dormir, aquela voz sussurrava-me, cada vez mais difícil de ignorar. Era como se eu transportasse a minha avó dentro de mim, a minha alma gêmea, e sentia que ela ficava cada vez maior, aproximando-se cada vez mais para expulsar a outra Fainne, a rapariga que fervia, em tempos, chá numa pequena fogueira, se sentava de encontro às pedras e cavalgava um pônei branco. Eu estava a perder essa rapariga rapidamente. As paredes de Sevenwaters e o grande cobertor da floresta pareciam comprimir-se sobre mim a cada dia que passava e eu sentia a última recordação de Kerry

afastar-se lentamente de mim. Doía. Doía tanto que fiz coisas loucas para tentar melhorar a situação. Mantive Riona junto da minha almofada, aconchegada num lindo xale com borlas prateadas. Enquanto permanecia deitada, podia tocar nas suas dobras sedosas e sonhar com um futuro que me era proibido. Enquanto afagava o cabelo de lã da boneca, podia imaginar um passado que me era desconhecido, no qual uma jovem mãe costurava amorosamente, com pequenos pontos perfeitos, um tesouro para a sua pequena filha. Os meus dedos moveram-se de encontro ao fino, forte e estranho colar de Riona e algo murmurou dentro de mim.

Agarra-te. Agarra-te ao que te resta.

Havia magia naquela pequena recordação; não a magia sábia e hábil que tinha à minha disposição, antes uma magia mais antiga e mais profunda, que falava de família e união. Aquele cordão de muitas cores e texturas, com as suas fibras curiosamente entrelaçadas, estava cheio de poder. Sentia-o puxar-me, tentando-me, atraindo-me suavemente para um caminho que eu não podia seguir. Não há muito tempo, teria ficado satisfeita se as pessoas estivessem demasiado preocupadas para se incomodarem comigo. Teria aceitado de bom grado a oportunidade de estar só, para recitar o conhecimento, meditar em silêncio ou praticar feitiços de transferência ou manipulação. Mas, agora, andava à deriva. Não conseguia meditar. A minha mente recusava livrar-se de pensamentos inoportunos. O conhecimento já não parecia ajudar-me. Fazia-me recordar o druida deitado, com dores, no salão e o outro que partira para sempre. Jurei não exercer a arte, pois poderia descobrir de novo que só a poderia usar para destruir. Ninguém tinha tempo para mim e ninguém tinha tempo para as crianças. O resultado era inevitável. Sentava-me sozinha, fingindo estar ocupada com uma coisa ou outra e elas surgiam em bicos dos pés com um pretexto qualquer. Clodagh pedindo ajuda para a sua escrita. Deirdre à procura de Clodagh. Eilis em pranto e com um arranhão no joelho, que Muirrin não podia tratar por estar demasiado atarefada. Sibeal, como uma pequena sombra, sem qualquer motivo. Deslizava para dentro do meu quarto e sentava-se

a meu lado sem um único som. Eu era obrigada a tentar descobrir o que se passava. Aprendera algumas histórias na viagem desde Kerry. Nem todas eram apropriadas para os ouvidos das pequenitas. Por isso, fiz alguns ajustes aqui e ali. As minhas histórias foram bem recebidas e fui obrigada a inventar mais. Não conhecia nenhuns jogos, por assim dizer, mas as raparigas ensinaram-me o jogo do anel e alguns truques com os dedos e uma guita. Tentaram ensinar-me uma canção, mas eu aleguei que não tinha boa voz. Assim, cantaram elas para mim.

Juntas, lutávamos com a nossa costura. Fizemos bainhas em lençóis e remendamos vestidos. A minha tia Aisling agradeceu-me por mantê-las distraídas e longe do caminho de toda a gente.

Pude dizer, com toda a franqueza, que me sentia feliz por ajudar. Os dias, eram assim preenchidos. O tagarelar das crianças afastava a voz da minha mente. A sua companhia deixava-me exausta e, assim, conseguia dormir. No entanto, não podia estar com elas o tempo todo. Muirrin falava pouco, mas eu sabia que nem Maeve, nem o jovem druida, estavam a melhorar. Ouvi Sean dizer que era um milagre terem conseguido mantê-lo vivo aquele tempo todo e que esperava que Liadan tivesse algumas respostas quando chegasse. Muirrin andava muito pálida, os olhos com olheiras e uma pequena ruga sempre na fronte. Quando as raparigas não estavam a dormir, ou comigo, estavam quase sempre no salão, na entrada, no lado de fora do quarto dos doentes, de pé ou sentadas em fila, silenciosas. Em tempos, teria achado o seu silêncio solene uma bênção rara. Agora, não tinha tanta certeza. Dava-lhes demasiado tempo para pensar. Começaram a fazer perguntas, às quais eu não queria responder.

Por que acontecera uma coisa tão má a Maeve? Quando poderia ela sair para poder brincar? Por que estava a mãe zangada o tempo todo e por que discutiam, ela e o pai, constantemente?

Finalmente, Muirrin proibiu-as de permanecer no lado de fora da porta. Maeve estava demasiado doente para ser vista e ela dava o seu melhor. Teriam de aguardar, disse-lhes Muirrin com aspereza, reentrando no quarto dos doentes e fechando-lhes a porta na cara.

Eilis desatou a chorar. Sibeal fechou-se em si própria. Deirdre resmungou. E Clodagh disse:

— Muirrin nunca se zanga. Maeve deve estar a morrer. E aquele homem também.

No quarto dia após o incêndio choveu tanto que me lembrou a estadia na gruta com Conor. Não havia vento. O céu estava cinzento como chumbo e a água caía em torrentes, rugindo sobre o telhado, cobrindo os caminhos e transformando os campos em charcos. Se Liadan estivesse realmente a caminho, aquilo atrasaria, certamente, a sua chegada a Sevenwaters. O estado de espírito das pessoas, já em baixo, pior ficou. Meteu-se na cabeça de Eilis que a doença de Maeve fora causada por si, porque em tempos chamara ao cão um grande bruto sujo, que devia estar no pátio dos estábulos. Começou a chorar e não consegui consolá-la nem com doces, nem com histórias, nem com carícias. Após um curto espaço de tempo, começaram a correr lágrimas sentidas dos olhos de Sibeal, e então as outras começaram também a chorar, até o meu quarto se transformar num antro de tristeza. Como que por contágio, esta tinha-se espalhado por todos os cantos daquela grande casa. Entrou sutilmente no meu coração, onde o sentimento de culpa e de dúvida já lutava com o grande objetivo que me propunha atingir. Tirou-me as forças e a coragem. Pensei que não suportaria estar um minuto mais com aquela família naquela casa, encurralada pela chuva, abafada pela floresta, afogada em lágrimas e encarcerada pelo que fizera. Pensei para mim própria que daria tudo para fugir, nem que fosse por pouco tempo; apenas para respirar e fortalecer-me de novo.

A salvação veio de onde eu não esperava. As raparigas estavam a atingir um estado de tristeza total e eu arrisquei-me a sair em busca de qualquer coisa para as distrair, pois estava a ficar sem idéias. Caminhei sozinha pelo vestíbulo superior, imersa em pensamentos, mal me apercebendo do sítio para onde me dirigia. Passei o quarto dos doentes e não espreitei. Mas ouvi ruídos. Não consegui afastá-los, por mais que tentasse. Quando alcancei as escadas, as minhas pernas enfraqueceram repentinamente. Sentei-

me no primeiro degrau e pousei a cabeça nas mãos. Se conseguisse deixar de pensar. Se conseguisse, ao menos, afastar as vozes que me atormentavam.

Pensávamos que não te importavas com os danos que deixas atrás de ti.

— Fainne?

Afastei as mãos do rosto e levantei os olhos. Três ou quatro degraus abaixo de mim estava Eamonn vestido com roupas de montar. O seu cabelo castanho escorria e o seu rosto tinha uma expressão de sincera preocupação.

— Não estás com bom aspecto — comentou ele franzindo o sobrolho. — Deves estar exausta. Ouvi dizer que tens ajudado com as pequenas. Lamento muito o que aconteceu. Vim mal o mensageiro de Aisling chegou com as notícias. Foi-me difícil conter a surpresa.

— Está um tempo péssimo — disse eu bruscamente — pensei que ninguém se aventurasse a sair com tal tempo. A tia Liadan vai atrasar-se. Pelo menos, é o que dizem.

A expressão de Eamonn mudou ligeiramente, demasiado rapidamente para eu a compreender.

— Pensei que pudesse ser necessário aqui — disse Eamonn.

— Estou certa de que a tia Aisling ficará contente por te ver — disse eu delicadamente. — Ela tem andado muito preocupada. Maeve está muito mal.

Ele acenou com a cabeça.

— Estás contente por me ver, Fainne? — perguntou ele em voz baixa.

— Estou — disse eu, e era verdade. Ele estava fora da situação, do choro, das paredes de pedra e da escuridão abafante da floresta. Podia olhar para ele sem recordar o que fizera, porque ele não tomara parte.

— Ah — disse ele e estendeu a mão para me colocar uma madeixa rebelde de cabelo atrás da orelha, um gesto curiosamente íntimo. — Que coisa notável em ti, Fainne. Dizes sempre o que pensas de chofre.

Senti-me corar de novo.

— Talvez eu não tenha as maneiras que uma rapariga deve ter numa casa como esta. Realmente, digo o que penso. Nunca aprendi outra coisa. Mas não gostaria de te embaraçar dizendo algo pouco apropriado.

— Tu não me embaraças, minha querida — disse ele com um meio sorriso. — Gosto da tua honestidade. Vem, não fiques sentada nesse chão de pedra fria. Vamos procurar uma lareira e talvez alguma cerveja. Depois, tenho uma proposta para te fazer.

Eamonn estendeu uma mão para me ajudar a levantar e eu aceitei-a. Era seca e quente e o aperto muito forte. Não fazia idéia do que tinha para me dizer, mas, fosse o que fosse, era preferível àquele pequeno quarto cheio de raparigas choramingonas. A sua tristeza só aumentava a vergonha que eu sentia pelo que tinha feito.

A cozinha era o único lugar realmente quente, por isso sentamo-nos ambos a um canto. Não havia nenhuma privacidade; os criados e as criadas entravam e saíam, havia galinhas a serem depenadas, pudins a serem cobertos para irem a cozer e um fluxo permanente de homens de armas molhados para uma rápida caneca de cerveja, um pedaço de pão de aveia ou um momento ou dois junto da grande lareira. Pelo menos, com tanto barulho e atividade, uma conversa tranqüila passaria despercebida.

A velha Janis estava sentada exatamente no mesmo sítio onde a vira pela primeira vez, direita na sua cadeira, os olhos escuros e argutos fixos em tudo e em todos. Tirei cerveja de um jarro e coloquei uma caneca nas mãos de Eamonn.

— Obrigado, Fainne — disse ele com ar sério. — E agora, conta-me coisas. Ainda não vi a minha irmã, ou o teu tio. Há inundações numa das aldeias e Sean foi ver o que se pode fazer

pelos habitantes. Disseram-me que Aisling está indisposta. A situação aqui deixa-me pouco à vontade. Tu viste tudo desde o princípio. A criança vai morrer? E o druida? Como é que o incêndio se espalhou tão depressa e não pode ser detido antes de causar tantos prejuízos? Nem parece coisa de Sean, deixar que uma coisa destas aconteça. Fico preocupado com a sua segurança.

Olhei para ele.

— Suspeitas de alguma traição? Um inimigo infiltrado?

— Não sei do que suspeito. As circunstâncias parecem-me... invulgares, mais nada. Não gostaria de pensar que um acidente destes ocorreu para nos minar. Nos tempos que correm não podemos permitir-nos, sequer, uma escorregadela. E se o fogo tivesse atingido as armas, ou as provisões cuidadosamente armazenadas? Quero que me digas, exatamente, o que aconteceu.

— Não posso. Eu estava deitada quando o incêndio começou. E o meu quarto fica no outro lado. Quando desci, o mal já estava feito. — Aquilo era verdade.

— E a criança?

— Está muito mal. Queimada no rosto e nas mãos. O druida ainda está pior. Mas ainda há esperança. Estão à espera da minha tia Liadan a qualquer momento. — Não me passou despercebida a mudança de expressão que passou pelas feições de Eamonn quando mencionei aquele nome. Fosse o que fosse que acontecera entre ambos, há muito tempo, deixara uma impressão que ainda permanecia, dolorosamente, sob a superfície. — Dizem que ela é uma curandeira maravilhosa. Muirrin acredita que ela faz a diferença.

— Estou a ver. — As suas feições, agora, estavam impassíveis. — E a minha irmã? Ela também não está bem?

— A tia Aisling anda muito transtornada. Era de esperar. Está muito preocupada com Maeve.

— Não admira.

— Anda muito aflita. E as raparigas sentem isso. Tem pouco tempo para elas e acha a sua presença um fardo. Teme perder outra filha. A família depende da sua força, penso eu, e sente-se de algum modo à deriva por ela estar no estado em que está.

Eamonn acenou com a cabeça.

— Analisaste bem. Eu senti o mesmo pela maneira como fui recebido. A vida continua, mas não como dantes. Esperemos... esperemos que a irmã de Sean consiga um milagre.

— Pelo menos, eles pensam que sim. Diz-se que ela possui poderes para além do normal.

Eamonn sorriu sinistramente.

— Oh sim. Isso é verdade. Os juízos que faz é que a deixam ficar mal. Mas, voltemos à presente situação. Eu tenho uma sugestão a fazer que, penso, convirá à minha irmã. Mas preciso de saber, antes, se tu estás de acordo.

Ergui as sobrancelhas numa expressão de interrogação.

— Eu tenho uma ótima casa vazia em Glencarnagh, com muitas pessoas que tratam dela. Demasiado grande para um homem sozinho, jardins para passear, cavalos para montar, calor e espaço. Estas crianças estão a deixar-te exausta e a preocupar a minha irmã. Podiam ir comigo e ficar lá até a situação aqui estar resolvida de uma maneira ou de outra. tu podias acompanhá-las, não como ama, compreendes, mas para lhes providenciar um rosto familiar. Eu gostaria muito, Fainne. Gostaria de ver essas faces com alguma cor. Gostaria de ter hipótese de te mostrar a minha casa. E há lá mulheres que podem muito bem tratar das crianças, terias tempo para descansar e recompores-te. Que achas?

— Eu... eu não sei — gaguejei, apanhada de surpresa. — Suponho que as raparigas gostariam muito; Eilis está sempre a falar dos teus estábulos maravilhosos. Mas... Não lhe podia dizer o que me ia na mente; que a sua sugestão me oferecia a hipótese de fazer exatamente o que a minha avó gostaria e que esse pensamento me enchia de maus pressentimentos. — Farei o que a tia Aisling

desejar, claro — disse eu com voz fraca. A tia Aisling recusaria, pensei; não me parecia apropriado ser incluída numa tal visita familiar.

— Está combinado, então — disse Eamonn. — Falarei com Sean assim que ele regressar. Duvido que se oponha. É uma solução prática. Poderemos partir amanhã se a chuva abrandar.

— Talvez — disse eu, conseguindo arvorar um sorriso. — Desse modo, estaremos longe quando a tia Liadan chegar.

O seu olhar tornou-se mais penetrante.

— Que queres dizer? — perguntou.

Do outro lado da cozinha, a anciã olhava para nós.

— Eu... eu ouvi dizer que vocês os dois fazem os possíveis para se evitarem um ao outro — disse eu. — Não quero parecer metediça.

Não gostei do tom súbito da sua voz.

— Não é um assunto para mexericos.

— Ofendi-te. Lamento. Seja o que for que aconteceu entre ti e a tia Liadan, ainda te magoa. Vejo isso muito bem.

— São coisas que pertencem ao passado. Não gosto de falar delas. — A sua boca ficou cerrada e os olhos castanhos cheios de amargura.

Fiquei sem palavras. Parecia que entrara em águas onde não sabia navegar.

— Fainne! Estás aí! Era Clodagh, entrando na cozinha com as outras todas atrás. Havia ainda olhos vermelhos e feições marcadas, mas, pelo menos, o choro tinha parado.

— Oh, olá, tio Eamonn. Onde estavas, Fainne?

— Em lado nenhum — disse eu com um sorriso fraco. Por mais maçadoras que as raparigas fossem, havia ocasiões em que eram

bem-vindas. — O vosso tio Eamonn teve uma idéia. Vamos dizer-vos qual é. Mas só se o vosso pai concordar, não se esqueçam.

Sean pôs algumas reservas quando finalmente regressou a casa e lhe pediram permissão. Já havia muita perturbação, disse ele e, além disso, eu ainda mal me instalara em Sevenwaters. Ainda era cedo para outra mudança. E o tempo estava péssimo. Mas a tia Aisling decidiu contra.

— É uma sugestão bem prática — disse ela vivamente. — Far-me-ia muito jeito. É melhor as raparigas ficarem longe de Muirrin, por agora. Podiam parar em St. Roman para passar a noite. É uma viagem tão longa.

— Longa para Fainne — disse Eilis, que estivera a ouvir. — Ela nem sabe montar e todos os cavalos têm medo dela.

— Eilis! — exclamou a mãe. — Isso não se diz. Tens de aprender a dobrar a língua.

— Mas é verdade — disse Deirdre, vindo em auxílio, contra o costume, da irmã mais nova.

— Quanto a isso — disse Eamonn como que por acaso — trouxe um cavalo para Fainne. Uma égua de temperamento excepcional, ótima para uma jovem. Iremos por etapas. Não é motivo para grandes preocupações.

Sean e Aisling olharam um para o outro fixamente. Eu olhei para o chão algo embaraçada, mas, ao mesmo tempo, contente. Era evidente que tinha havido um planejamento anterior, ao contrário do que sugeria aquele convite acidental.

— Estou a ver — disse Sean franzindo o sobrolho. — Não sei.

— As raparigas devem ir. — Aisling parecia determinada. — Esta casa não é o melhor lugar para elas, agora; há demasiada tristeza. É melhor elas irem, Sean.

— Pensei em partirmos amanhã, se a chuva abrandar. — Eamonn parecia ansioso por aproveitar a vantagem que tinha.

— Muito bem — disse Sean muito sério, olhando para a mulher. — Mas não há pressa. As raparigas precisam de tempo para se despedirem.

— Desculpem. — A tia Aisling virou-se abruptamente e dirigiu-se para a porta quase a correr. Pensei que ela estava a reprimir as lágrimas.

— Venham, meninas — disse eu vivamente. — É melhor irmos ver as vossas coisas, vermos se as vossas botas estão limpas e as vossas capas secas. — Olhei para Eamonn. — Obrigada pela tua amabilidade — disse eu em voz baixa.

A expressão dele era muito séria. Era quase sempre. Pensei que seria um desafio persuadir aquele homem a sorrir. A minha avó não tinha nenhum truque para isso.

— Não é nada, Fainne — disse ele.

— Em Glencarnagh, o jardim é bonito — observou Deirdre quando já estávamos no andar de cima. Eu abrira a minha arca de madeira e estava a tirar as minhas desprezíveis coisas, pensando no que seria apropriado para aquela visita. — Tem um lago com peixes, um labirinto de arbustos e nogueiras.

— E montes de cavalos — disse Eilis. — O tio Eamonn deixar-me-á montar o preto?

— As tuas pernas são muito curtas. Espera dez anos e depois pensa nisso — disse Deirdre secamente.

— Fainne — disse Clodagh.

— O que é? — perguntei com ar ausente.

— Acho que o tio Eamonn gosta de ti.

— É claro que gosta dela — disse Eilis, confusa. — Ele é nosso tio, gosta de todas.

— Ele não é tio de Fainne — disse Clodagh. — Além disso, eu disse que ele gosta dela. Tu não compreendes, ainda és muito pequena.

— Queres dizer, como se fossem namorados? — As sobrancelhas de Deirdre cerraram-se. — Mas, ele é velho. Mais velho do que o pai.

— Eu sei o que digo — disse Clodagh. — Vais ver se não sei.

— Eu acho que devias ir fazer as tuas malas — disse eu, asperamente. — Tirar as tuas coisas da tua arca. No fim de contas, é provável que partamos amanhã.

Sibeal não falava muito. Naquele momento, a sua voz soou suave, mas as suas palavras provocaram-me um arrepio no corpo todo.

— E se Maeve morrer e nós não estivermos aqui?

As gêmeas ficaram muito quietas, os rostos sardentos brancos como a cal. O lábio inferior de Eilis começou a tremer ameaçadoramente.

— Não digas disparates. — Mantive a voz o mais firme que pude. — A vossa tia Liadan não vem aí, e não é ela a melhor curandeira de todo o Ulster? É claro que Maeve não vai morrer. Quando regressarmos já ela estará como nova, vais ver. — Era uma imitação credível do estilo positivo de Peg Walker. Mas, como convencê-las se eu própria não acreditava?

— Fainne? — A voz de Clodagh não tinha a sua confiança habitual.

— O que é?

— Precisamos de ver Maeve. Antes de irmos. Muirrin disse que não podíamos. Mas nós temos que a ver. Pedes-lhe? A ti, ela ouve-te.

Quatro pares de olhos redondos fixaram-se em mim com a mesma expressão. Não duvidava de que Clodagh falava por todas e eu pensei de novo nas mensagens telepáticas e quem teria herdado essa habilidade.

— Eu... eu acho que... — gaguejei.

— Por favor, Fainne — disse Sibeal num pequeno sussurro delicado.

— Muito bem — disse eu. — Eu peço-lhe. — Mas têm que me fazer duas coisas. Primeira, vão para os vossos quartos e preparem as vossas coisas. Ponham de parte o que gostariam de levar. E mantenham-se longe do quarto dos doentes até eu as chamar. Não esperem por mim no lado de fora da porta. Sabem como Muirrin detesta isso.

Desapareceram todas sem um som. Eu tremia, o meu coração gelado de medo. Usara todas as desculpas que encontrara desde a noite do incêndio para me persuadir de que não precisava de ir ao quarto dos doentes e ver o que fizera. Muirrin não precisava de mim. Tinha ajudantes suficientes e mais capazes do que eu. De qualquer maneira, eu não pertencia à família. Seria uma intrusão. Estava melhor a tratar das crianças. A maior parte das desculpas era verdadeira. Mas a razão porque não entrara no quarto não era nenhuma daquelas. Mantivera-me longe porque temia que, depois de ver o que estava naquele quarto, não teria a vontade para continuar a tarefa que me impusera. E se eu falhasse, o meu pai morreria de agonia. Mas, assim, não tinha escolha. Prometera. Tinha de ir, imediatamente, antes de perder a pouca coragem que estava a tentar reunir. Era apenas uma questão de fazer com que os meus pés atravessassem o átrio, um depois do outro e quando chegasse à porta, em vez de passar rapidamente tentando não ouvir os sons, entraria, simplesmente, e...

Tirei Riona da arca e meti-a debaixo do braço. E o xale, que estava em redor dela, o xale maravilhoso, cheio de sol. Como podia pô-lo? Seria como permitir que Darragh visse o que eu fizera, fingir que era digna de um presente tão bonito, quando o que visse confirmaria que era verdade, que a minha espécie era capaz apenas de destruição e mentira. Mas algo me fez pô-lo. Por cima pus o xale de lã, de maneira que apenas se via a franja, apenas um pouco, em baixo. Em seguida caminhei ao longo do átrio, bati à porta e entrei, o coração batendo como um tambor e a pele cheia de suor.

— Fainne! — exclamou Muirrin, surpreendida. A jovem estava a mexer qualquer coisa dentro de um pequeno pote, à lareira. Maeve jazia numa esteira sobrelevada e a tia Aisling estava sentada junto dela, escondendo a criança da minha vista. Havia um pequeno fogo, quente, na lareira e um cheiro agradável a ervas. Junto da janela, duas servas dobravam lençóis lavados. O quarto onde os druidas estavam era ao lado, mas eu não conseguia ver nada. Estava silencioso, com exceção da voz de um homem lendo ou recitando em voz baixa.

— Ainda bem que vieste — disse-me Muirrin em voz baixa, acenando com a cabeça na direção da mãe. — Vê se consegues que a mãe vá descansar um pouco. Está completamente arrasada e isso não é nada bom. Aqui, pode fazer muito pouco. Agora que vieste, talvez ela se vá. — Fiz um esforço para caminhar até à cama; fiz um esforço para olhar para baixo, para a criança que ali jazia numa espécie de sono inquieto. As suas mãos estavam ligadas. Mal imaginava os ferimentos que sofrera, agarrada ao ferro quente no vôo de cabeça. Mas a sua cabeça já não tinha nenhuma ligadura e, de um dos lados, os seus cabelos brilhantes estavam todos frisados e queimados, a pálpebra esquerda grosseiramente inchada e as sobrancelhas e as pestanas tinham desaparecido. Uma medonha exsudação, roxa, vermelha e castanha, espalhava-se, como um cancro, do olho até à pequena orelha. Desse lado, o seu rosto parecia o de um monstro. Fiz um esforço muito grande para continuar a olhar.

Controlei a minha expressão. Após um curto espaço de tempo, descobri que conseguia falar.

— Eu fico com ela um bocadinho, tia Aisling. Vá descansar. Eilis perguntou por si. Ela quer mostrar-lhe o lenço que bordou. Está muito orgulhosa dele.

Aisling olhou para mim, os olhos azuis sem qualquer expressão. Por um momento, senti que ela não sabia quem eu era.

— Eu fico com Maeve. Tudo bem, tia. Pode ir.

Usei a arte sutilmente, de modo a fazer a minha voz mais convincente, de modo a que ela pudesse confiar em mim. Mas, no meu espírito, tremia com a minha duplicidade.

A tia Aisling pestanejou e pareceu acordar.

— Creio que é melhor — disse ela relutantemente. — Obrigada, Fainne. Muirrin, volto mais tarde.

Fiquei, durante muito tempo, a olhar para a criança. Olhar para ela era castigar-me a mim própria. Mas, nem toda a culpa do mundo podia desfazer o mal que lhe fizera.

Se aquela gente soubesse, se soubesse que era eu a responsável, seria, sem dúvida, expulsa. Seria odiada e maldita, tal como a minha avó. Não interessava que eu o tivesse feito para evitar o sofrimento do meu pai. Não interessava se tinha de levar a cabo uma tarefa imensa, tão grande que as suas vidas nunca mais seriam as mesmas. Olhei para a criança e percebi que lhe tinha roubado o futuro. O que eu fizera era tão mau como o que Conor fizera ao meu pai. Se Maeve vivesse, ficaria deformada e medonha. Eu achava-me simplória e mal-jeitosa, com os cabelos muito encaracolados e o pé torcido, a minha estatura desmedida e a minha timidez. Mas a minha pele era suave e pálida, as minhas mãos ágeis e desprovidas de cicatrizes e o meu corpo saudável, porque, como Roisin dissera, o coxear não era nada. Não era desfigurada. Não assim. Foi naquele momento que jurei a mim mesma nunca mais usar o Encantamento para parecer mais bonita. Agradeceria à deusa a minha sorte e continuaria como eu própria. Lentamente, deixei que o véu de beleza desaparecesse, sabendo, pela natureza das coisas, que as pessoas não repariam na mudança.

— Está a acordar — disse Muirrin em voz baixa. — Estas gotas são eficazes, mas não duram muito. Estamos todas com o sono atrasado. A dor tem sido muita. Importas-te de ficar aqui um pouco enquanto eu lhe ponho ligaduras novas?

Acenei com a cabeça e voltei para junto da cama. Apertando Riona contra o peito, observei a criança a acordar, um olho

transformado numa fenda devido à pele inchada e o outro muito aberto e assustado, observei Muirrin a lavar-lhe a pele queimada com água fria de ervas e escutei os seus fracos queixumes transformarem-se num lamento doloroso quando um cataplasma de pele de cebola lhe foi colocado no rosto e couro cabeludo queimados e atado com uma ligadura lavada. Mantive-a no lugar enquanto Muirrin fazia os nós e senti os seus gritos vibrarem-me na cabeça, como se fossem ficar ali para sempre. Em seguida, a cama foi mudada enquanto uma das servas erguia a criança nos braços com tanto cuidado como se estivesse a segurar num cesto de ovos. Quando, finalmente, Maeve regressou à sua esteira e tentou beber uns goles de uma taça que Muirrin lhe levou aos lábios, eu estava gelada de horror.

— E agora, Maeve — disse Muirrin calmamente — tens uma visita. Fainne está aqui para te ver. Já viste? Bebe isto tudo e depois ela fica aqui contigo um bocadinho. Talvez até te conte uma história.

A criança engoliu tudo obedientemente, com muito custo. Aquela bebida, provavelmente, dar-lhe-ia algum descanso. Pensei na força de vontade de Muirrin.

Não chorava com medo da própria fraqueza. Não se queixava aos deuses por lhe terem atingido a irmã. Não sucumbia de exaustão nem me perguntava porque demorara tanto tempo a visitar a criança. Continuou, simplesmente, a fazer o que tinha de ser feito, aceitando as coisas como elas eram e ocupando o seu lugar no esquema com um propósito que não deixava lugar a qualquer dúvida. No entanto, isso tinha o seu preço, que era visível nos seus olhos sombrios. Maeve deixou-se cair nas almofadas com um pequeno queixume que poderia muito bem ser um suspiro. Os seus olhos viraram-se para mim.

— Maeve — disse eu tão firmemente quanto pude, sentando-me num banco junto da sua cama. — Trouxe alguém para te ver. — Ergui Riona para que a criança pudesse ver os caracóis amarelos da boneca, os seus argutos olhos escuros e a boca delicadamente bordada. O vestido cor-de-rosa espalhou-se sobre o linho rígido da

colcha da cama de Maeve. Os lábios da criança rasgaram-se num pequeno sorriso.

— Ótimo — disse eu. — Ela também está contente por te ver. Quero pedir-te um favor. Vou visitar o teu tio Eamonn e vou estar ausente durante algum tempo. Riona não pode ir. Mas não quero deixá-la sozinha, já que estamos as duas aqui há muito pouco tempo. Gostaria que tomasses conta dela enquanto estou fora. Tens de lhe fazer companhia, manter-lhe o cabelo limpo e penteado e talvez possas deixá-la dormir contigo. És capaz de fazer isso?

O pequeno e doloroso sorriso apareceu de novo.

— Ótimo — disse eu e tirei o estranho colar que a boneca usava, sabendo algures dentro de mim que, se bem que pudesse deixar a minha pequena companheira com alguém que tinha mais necessidade dela, não podia deixar também aquele último elo com a minha mãe. Meti o colar no bolso do meu vestido e aconcheguei Riona ao lado de Maeve, sob os cobertores. A boneca ficou acomodada na concha do braço da criança como se sempre ali tivesse estado. A expressão dos seus traços bordados parecia quase condescendente.

— Agora vou contar-te uma história, mas depois tenho de me ir embora. Gostavas de ouvir uma história?

Uma resposta muito fraca.

— Hum. — Foi tudo o que conseguiu dizer. No outro extremo do quarto, Muirrin sentou-se à lareira e uma das mulheres pôs-lhe uma caneca de cerveja nas mãos. A jovem ficou a olhar para as chamas como se estivesse demasiado cansada para fazer qualquer movimento.

Que espécie de história se conta a uma criança que olha para o outro lado do quarto e vê a morte à espera na sombra? Eu sabia muitas, mas nenhuma delas me parecia adequada. Que truque pode divertir uma rapariga enquanto a sua pele se transforma numa rede de cicatrizes? Como manter o seu coração forte e o espírito animado quando falamos por trás do tumulto da nossa própria

culpa? Os meus dedos brincaram com a franja do meu xale de todos os dias. Sedoso e alegre. Recordações inocentes. O delicado padrão rendado de pequenas ondas lambendo a areia na minúscula gruta secreta. Sons de uma melodia erguendo-se na quietude da alvorada.

— As pessoas com quem viajei, quando vim para aqui, contam muitas histórias à noite, em redor da fogueira. Para ajudar a combater o frio, compreendes? Os mais pequenos e os velhos sentam-se à frente, onde está mais quente. Em seguida instalam-se os rapazes, as raparigas e os adultos. Depois, os animais. Os cães que guardam o acampamento, os patos e as galinhas metidos em pequenos cestos, e os cavalos. Cavalos suficientes para fazerem o seu próprio círculo. Se falassem, também contariam uma história ou duas. Algumas dessas histórias são nobres e grandes, outras são tolas e outras fazem-nos chorar e rir ao mesmo tempo. A história que te vou contar é acerca de um rapaz e de um pônei. É nova. Tu és a primeira pessoa a ouvi-la. Tu e Riona.

Maeve deu um pequeno suspiro e virou ligeiramente a cabeça na minha direção, como se não quisesse perder uma única palavra.

— Muito bem, então — disse eu — esse rapaz era um dos nômades. Tinha crescido na estrada. Era ao que estava acostumado. Para ele, não havia casa nem cama; nem servos que lhe fizessem a comida ou o lavassem, nem trabalhadores que lhe tratassem dos cavalos ou trabalhassem os campos. Apenas uma carroça e um par de cavalos, o céu, o mar e o horizonte cheio de aventuras. Não ficava muito tempo no mesmo sítio. Está na natureza de um nômade estar sempre em movimento, sabes?

Maeve estava a tentar dizer algo. Inclinei a cabeça para lhe apanhar as palavras fracas. ... nome? Engoli em seco.

— O seu nome era Darragh. Viajava com o pai, a mãe, as irmãs e os irmãos, alguns primos, tios, tias e o velho avô. Muita gente e ainda mais cavalos. Porque era isso que eles faziam. Apanhavam pôneis selvagens, ou compravam-nos baratos,

treinavam-nos e vendiam-nos em Cross. É onde existe a melhor feira de cavalos de todo o Erin.

O quarto estava silencioso. Não só a criança estava absorvida na história, como o olhar de Muirrin estava fixo em mim, assim como os das servas, que tinham parado o seu trabalho e se tinham sentado num banco perto da janela para ouvirem.

— Darragh tinha um raro dom com os cavalos. Havia algo nele, algo que ninguém sabia, mas os animais confiavam nele. Custa muito um pônei abandonar a sua manada e passar a viver entre homens, sabes, custa muito e é assustador. É como dizer adeus à tua família. É como ir para um lugar tão diferente que até parece um mundo novo. Eles chamam a isso domar um cavalo, domesticá-lo de modo a aceitar uma sela e submeter-se à vontade do cavaleiro. Por vezes, o que eles fazem pode parecer muito cruel; atar um animal, obrigá-lo a vergar-se e a aceitar a supremacia do homem. Quebrar-lhe o espírito, muito simplesmente. É a única maneira, dizem os viajantes, se se quiser que o cavalo tenha algum valor para o comprador. Ninguém quer um animal que não saiba obedecer. Darragh não gostava de dizer domar. Ele tinha uma táctica totalmente diferente. Se os outros achavam os seus métodos um pouco estranhos, nunca o diziam, porque eram sempre os cavalos trazidos por Darragh os mais procurados e mais bem vendidos em Cross.

“Uma vez, quando estavam acampados na base de um monte e os homens e os rapazes foram em busca de pôneis selvagens, pensando apanhar alguns para os preparar para a feira de Outono, os pôneis pastavam a erva verde da encosta do monte. Eram esquivos, as orelhas sempre a moverem-se, as caudas agitando-se como se pressentissem alguma coisa. Prontos a fugirem ao menor movimento. Os seus pêlos eram da cor da paisagem, negros, cinzentos, castanhos, da cor das rochas, do líquen e das cascas das árvores. Mas havia um que sobressaía. Uma égua, movendo-se entre os outros como uma bela lua cheia por entre nuvens escuras, mais branca e brilhante do que algum dia poderias imaginar. A sua

crina e a sua cauda caíam como a franja sedosa do xale de uma dama. Lustrosos e brilhantes.

— Aquela é minha — disse Darragh baixinho.

— Aquela? — murmurou o pai, que sabia mais de cavalos do que a maioria das pessoas. — Não me parece. Olha-lhe para os olhos. Aquele animal é louco. Há orgulho e raiva nela, o que quer dizer que nunca a domarás. Pode causar-te a morte. Escolhe outro.

Mas Darragh estava decidido. Habitualmente, uma vez escolhidos os que valia a pena levar, regressavam com os seus próprios cavalos e cães, separavam os pôneis da manada e levavam-nos para o acampamento. Ali, ficavam presos e sujeitos à disciplina habitual até estarem suficientemente dóceis para serem montados.

Darragh sabia que aquele pônei era diferente. Vira o que o seu pai também vira: o seu olhar selvagem, o fremir das narinas e o porte altivo da sua bela cabeça. Parecia uma princesa dos velhos contos, altiva e intocável e muito senhora de si. E assustada. O animal pressentira a sua presença. Aquele pônei não podia ser capturado e conduzido com varas, com cães ladrando-lhe e mordendo-lhe as patas. Isso faria com que ela enlouquecesse. Aquela princesa só podia ser domada com amor.

“Ainda bem que os nômades estavam acampados naquela região durante o Verão, pois Darragh precisava de tempo. Disse à mãe que talvez estivesse ausente durante algum tempo e que dissesse ao pai, mas não imediatamente. Então, subiu o monte muito cedo, de manhã, enquanto a bruma ainda dormia nas reentrâncias e fendas e só os pássaros mais atrevidos cantavam os seus desafios aos primeiros tons rosados da aurora. Partiu silenciosamente, sozinho, com um pequeno cabresto numa das algibeiras, um pedaço de pão e queijo na outra e os olhos e ouvidos bem abertos. O pônei estava só, debaixo de umas sorveiras-bravas. Sonhava; e tão silencioso foi Darragh a aproximar-se, que ela não ouviu nada até ele estar muito perto, sentado numa pedra, imóvel. Ela olhou para ele. Ele não fez um único movimento, apesar de,

verdade seja dita, estar um tempo gélido e ele ter dificuldade em não tremer de frio. Darragh manteve-se quieto e certificou-se de que o seu olhar estava na erva, nas árvores ou no céu que lentamente clareava transformando-se num tênue lilás e após um certo tempo ela pareceu esquecê-lo, baixou a cabeça e começou a pastar. Mas ele sabia que ela tinha os olhos postos nele.

“Foi um processo longo. Por um lado, Darragh tentava cansá-la com a sua paciência. Por outro lado, ela tentava cansá-lo com a sua resistência. Para onde quer que o pônei branco fosse, lá estava Darragh, silencioso, imóvel, não tentando nada. Mantendo-se, apenas, a seu lado. Ela corria, corria rápida como o vendo de oeste, atravessando vales, desfiladeiros e campos de erva viçosa, e Darragh corria atrás dela com a rapidez possível das suas pernas, ficando para trás vezes sem conta. Mas ele encontrava-a sempre. Ele era um rapaz magro, mas ficou ainda mais magro.

“Havia sempre alguém, numa cabana, que lhe dava de comer, uma mão-cheia de amoras, qualquer coisa, mas nunca o suficiente. As suas botas estavam quase gastas. No acampamento, a sua gente contava os dias que iam passando.

— Aquele rapaz é doido — disse o pai. — Eu disse-lhe que nunca conseguiria domar aquele pônei. Qualquer pessoa vê que o animal é louco.

“A mãe não dizia nada. Ela tinha a sua opinião mas guardava-a para si.

“Darragh estava exausto. Corria de manhã à noite, tinha um tornozelo ferido e bolhas nos pés. Tinham passado muitos dias desde que partira e estava de regresso à encosta onde tudo tinha começado. O pônei observava-o e ele estava perto, muito perto. Quase conseguia ouvir o que o animal pensava: que achava o comportamento dele muito estranho e não percebia o que queria dela. Que deveria estar do outro lado do monte, para leste, com a manada, mas, por qualquer razão, estava ali com ele. Tinha de partir, os outros estavam à sua espera, mas... mas...

— Muito bem — disse Darragh, dando um passo em frente e colocando a sua mão morena e magra, muito suavemente, no pescoço do pônei branco. — Vou para casa. É melhor ires ter com os teus. Não te metas em sarilhos. E virou as costas, descendo o monte de regresso ao acampamento.

Fiz uma pausa. O quarto estava silencioso e até a voz no quarto ao lado tinha cessado a sua cadência firme. No exterior, os pássaros cantavam.

— O fim não pode ser esse — disse Muirrin.

Olhei para Maeve. A pequenita continuava acordada, o rosto virado para mim, expectante.

— É evidente que não — disse eu. — Darragh foi para casa, meteu os pés num balde com água quente, comeu uma grande tigela de guisado, enrolou-se no seu cobertor e dormiu do anoitecer até muito depois do galo cantar. A sua irmã Roisin, era esse o seu nome, teve de acordá-lo, tão profundo era o seu sono depois de toda aquela correria, de todo aquele tempo quieto e de tanto tentar perceber como pensava o pônei.

— Levanta-te, Darragh — disse-lhe a irmã ao ouvido. — Olha. Olha para além.

“Ele saiu de sob o cobertor, pestanejando e esfregando os olhos. E então, delicado e gracioso sob o sol da manhã lá estava o pônei branco, esperando por ele no outro extremo do acampamento, no meio dos cestos, barricas e diversa tralha. O animal pôs a sua bela cabeça de lado, olhou para ele com aqueles olhos que o seu pai tinha achado loucos e relinchou suavemente, como se dissesse: estou aqui; e agora?

“No Verão seguinte, o pai de Darragh perguntou-lhe se tencionava vender Aoife, foi esse o nome que foi dado ao pônei. Conseguiria um bom preço por ela na feira, porque era um animal de inteligência extraordinária, se bem que, na verdade, só desse o seu melhor quando Darragh a montava. No entanto, uma vez, tinha

levado uma rapariga para um passeio e as suas maneiras tinham sido perfeitas. Mas Darragh não se separaria dela.

— Não posso — disse ele ao pai. — Ela não é minha.

— Que disparate é esse? — perguntou-lhe o pai. — Foste tu que a apanhaste, foste tu que a domaste. É claro que é tua. Conheço uns cinco homens que dariam bom dinheiro por uma fêmea assim.

— Não foi tal — respondeu Darragh, acariciando o pêlo cor de neve de Aoife. — Eu escolhi-a e ela escolheu-me. Não a apanhei e não me pertence. Ela é livre de partir quando quiser. Além disso, não me quero separar dela. Dá-me sorte.

À medida que o tempo foi passando, Darragh foi ficando cada vez melhor com os cavalos. Nem toda a gente tem a habilidade e a paciência para domar uma criatura selvagem só com amor. Nunca se separava de Aoife nem ela dele. Tornaram-se ambos uma espécie de lenda. As pessoas apontavam e murmuravam quando viam o jovem moreno com o seu pequeno brinco de ouro passando pelas suas cabanas em cima do belo pônei.

— Aquele rapaz é meio cavalo — dizia um.

— Não foi isso que ouvi — dizia outro. — Dizem que o animal é um pônei mágico. Transforma-se numa bela rapariga à noite e volta a ser animal de manhã. Não admira que não se queira separar dela.

Mas Darragh limitava-se a sorrir, afagava o flanco de Aoife suavemente e cavalgavam juntos na direção do crepúsculo. E é este o fim da história, por agora.

Maeve parecia estar a dormir, a respiração mais calma e Riona continuava aconchegada nos seus braços. Cobri-a com o cobertor.

— Essa história é verdadeira? — perguntou a grande serva com alguma hesitação. Tinha chegado enquanto eu a contava.

— É — disse eu, pensando que ainda bem que a minha espécie não chorava, ou estaria a fazer uma triste figura. — Na

verdade, eu própria a montei, uma vez. É tão inteligente e bonita como a história diz.

— Contaste-a muito bem. — Muirrin levantou-se da sua cadeira e espreguiçou-se. — Fez-te parecer... uma pessoa completamente diferente.

Não respondi. Nem todas as melhores histórias do mundo, ou todas as belas recordações, poderiam repor as coisas no seu devido lugar. Para Maeve; para nenhum de nós. Ainda bem que Darragh se tinha ido embora. Sentia-me feliz por nunca mais o ver. Que rapaz, no seu perfeito juízo, quereria uma rapariga como eu para ser sua amiga?

— Muirrin — disse eu, lembrando-me, finalmente, porque tinha ido ali. — Já sabes que vamos todas para Glencarnagh, as raparigas e eu?

— Já — disse Muirrin com um sorriso seco. — Foi uma surpresa. Pergunto a mim mesma o que terá levado o tio Eamonn a esse gesto súbito de apoio familiar?

— Eu acho que ele está só a querer ajudar — disse eu.

— Pode ser. As raparigas nunca lá foram antes, exceto em visitas formais com a mãe, ou o pai. O tio Eamonn é muito rigoroso. Faz tudo segundo as regras.

— Mas ele não está a quebrar nenhuma regra. É tio delas, no fim de contas.

— Hum. — Muirrin olhou para mim de modo zombeteiro. — Desde que saibas no que te metes.

— Eu... eu quero pedir-te um favor — disse eu. — As crianças querem ver Maeve antes de irem. Para elas é importante. E mandaram-me aqui para te persuadir a deixá-las entrar por uns momentos.

Muirrin franziu o sobrolho.

— Elas vão ficar perturbadas e vão perturbar Maeve. Talvez não te apercebas de como ela está doente, Fainne. Foi muito ferida e está muito fraca. Não quero arriscar-me a que os ferimentos piorem; isso pode acabar com ela. Desculpa-me por ser tão fria, mas devo fazer tudo o que estiver ao meu alcance até à chegada da tia Liadan. Não é boa idéia elas virem aqui.

— Por favor, deixa-as vir. — Utilizei a arte, o mais sutilmente que sabia, para fazer com que as minhas palavras parecessem convincentes. — Não quero dar-te mais preocupações, mas... mas Sibeal disse-me. “E se Maeve morre e nós não estamos cá?” Elas estão a pensar nisso. Eu digo-lhes para guardarem qualquer comentário para elas próprias, para não a perturbarem. Por favor, Muirrin.

Muirrin estava a olhar fixamente para mim e tinha uma expressão estranha no rosto, como se estivesse a tentar perceber as palavras que eu dissera, uma linguagem ao mesmo tempo familiar e desconhecida.

— Muito bem — disse ela após um momento ou dois. — Não posso dizer que não depois das tuas palavras. Eu mando-te chamar quando ela acordar. E as raparigas têm de sair antes de lhe mudarmos de novo as ligaduras. Não podem estar presentes quando isso acontecer. Fainne... — A jovem engoliu as palavras.

— Sim? — perguntei.

— Tu pareces... diferente, mais nada.

— Que queres dizer com isso, diferente? — Estava alarmada. Certamente, ela não percebera que eu utilizara a arte?

— Não sei — disse Muirrin. — É como se umas vezes fosses uma pessoa e outras outra. Como se fosses duas pessoas. É uma estupidez, não é? Devo estar muito cansada.

— Não chega ser apenas uma pessoa? — disse eu com ligeireza, mas percebi que me tinha descuidado. Não contara com os estranhos poderes que alguns membros daquela família possuíam. Teria de ter mais cuidado.

Como que para facilitar a nossa partida, as nuvens dissiparam-se e o Sol apareceu na manhã fria. Cavalos e pôneis estavam prontos em frente da porta principal e muitos homens de armas, cujas túnicas verdes-escuras, brasonadas com a torre negra, os identificavam com a casa de Eamonn, estavam reunidos, compondo uma escolta impressionante. Desta vez, parecia, nenhum dos homens de Sevenwaters iria conosco. Eamonn era da família e assim seria poupado à indignidade de ser acompanhado até à fronteira pelos guardas do meu tio. Podia-se confiar na família.

Portanto, Darragh tinha razão; a mensagem era bem implícita na sua conversa jovial acerca das alegrias de crescer rodeado de irmãos e irmãs. Via-se bem, pensei amargamente, como eu era pouco aceite ali; Eamonn podia passar como quisesse, mas, a mim, nem sequer me deixavam dar um passeio na floresta sem uma escolta armada. E eu era parente, ao passo que Eamonn não.

As crianças estavam silenciosas. A visita a Maeve fora difícil; guardar para si próprias os comentários e as lágrimas de desgosto fora ainda mais difícil. Tinham-se portado corajosamente, as quatro, e eu fizera questão de lho dizer, mais tarde, quando a porta se fechou, deixando para trás o sofrimento da irmã. Houvera lágrimas, que eram tanto de raiva como de desgosto.

— Não está certo! — resmungara Clodagh, franzindo furiosamente o sobrolho enquanto olhava para os punhos cerrados. — Estas coisas não deveriam acontecer. Como podem os deuses permitir que isto aconteça?

— Não é justo — acrescentara Deirdre, sem olhar para ninguém em especial.

As mais pequenas não tinham dito nada. Sibeal era uma sombra de si mesma; Eilis chuchava no dedo. De manhã, desceram com as suas capas e botas de montar, foram ajudadas para cima dos seus pôneis e em breve estávamos a caminho através da floresta na direção de Glencarnagh.

CAPÍTULO SETE

Tudo o que sabia acerca de cavalos devia-o a Darragh. Mas nunca ouvira as suas histórias com a atenção devida, por isso não sabia muito. A pequena égua que me transportou até casa de Eamonn era muito velha, mas continuava firme como uma rocha. Sabia que era velha porque Eilis mo dissera. Sabia-se pelos dentes, dissera ela. A égua era cinzenta-prateada, de olhos gentis e, tal como Aoife, parecia saber exatamente para onde ia, sem ser preciso guiá-la. Não tremia e não tentava fugir de mim como os outros animais dos estábulos do meu tio. Era claro que, agora que tinha tirado o Encantamento, qualquer animal estava mais pronto para confiar em mim. Mas eu achava que era mais do que isso. Aquela égua parecia, de algum modo, diferente, especial.

— Onde é que a arranjaste? — perguntara a Eamonn, pensando se um grande senhor e possuidor de vastas terras viajaria até uma grande feira, enviaria um homem para negociar por ele ou, simplesmente, evitaria tais lugares vulgares, criando simplesmente os seus próprios cavalos.

— Foi abandonada, há muito tempo. — Eamonn cavalgava a meu lado, como que para se certificar que eu não me perdia. Talvez duvidasse da minha capacidade para conduzir aquele animal tão bem treinado. — Por uma dama. É um ótimo animal e notavelmente saudável apesar da idade. Foi pouco usada.

— Não tem havido dama nenhuma para a montar? — aventurei. Ele olhou para mim.

— É verdade. Há muitos anos que não há uma dama em Glencarnagh. E desde que Aisling casou com o teu tio, o meu domínio de Sídh Dubh tem sido uma casa só de homens. Há muito tempo.

— Por que não devolveste a égua à sua dona? — perguntei-lhe. Pensei que não me ia responder. A sua boca cerrou-se e os

olhos castanhos gelaram. Mais uma vez, entrara em território proibido.

— Não houve oportunidade — disse ele finalmente. — Ela nunca mais voltou.

Eu não o pressionei mais. Ele tinha no rosto a mesma expressão de quando pronunciei o nome Liadan. Perguntei a mim mesma se a égua teria sido dela.

Glencarnagh era um sítio bonito. Quando acampei ali com a gente de Dan Walker reparei apenas na casa sólida, bonita e extremamente bem guardada. Nessa ocasião, a minha cabeça estava cheia de pensamentos acerca de Sevenwaters e do que ali descobriria. Agora, tinha tempo para ver e ouvir.

Aquela casa fora bem construída para uma família. A mãe de Eamonn crescera ali, até que casara com o pai dele e fora para Sídhe Dubh. Mais tarde, houvera uma noiva na casa, a jovem que casara com o avô de Eamonn, Seamus, quando já era velho. Houvera uma criança; mas parecia que não vivera senão até aos sete anos e o ancião nunca mais recuperara do desgosto. Quando Seamus morreu, a sua esposa regressou para junto da sua gente. Agora, tanto Glencarnagh, como Sídh Dubh, pertenciam a Eamonn: um homem de meia-idade sem mulher nem herdeiros e não parecendo inclinado para adquirir nem uma coisa, nem outra. O que era estranho.

Até eu sabia o suficiente para perceber que a súbita morte daquele homem, sempre possível devido à natureza das coisas, levaria a tempos de enorme instabilidade e grande risco para o seu vizinho, Sean de Sevenwaters, cujas terras estavam cercadas, quase por completo, pelas de Eamonn. Haveria chefes de guerra e reis sem importância, de todo o Ulster, reclamando um grau qualquer de parentesco e lutando pelo túath. A meio dos preparativos para a grande batalha pelas Ilhas, seria a última coisa que eles quereriam. E Eamonn? Não se preocupava por não ter um filho para herdar os seus vastos domínios, as duas maravilhosas casas, o exército pessoal, os prados e outros empreendimentos?

Havia ali uma oportunidade, um segredo que a minha avó gostaria que eu descobrisse, estava certa. Esse segredo fazia o rosto de Eamonn contrair-se e os olhos escurecerem quando o nome da minha tia era mencionado, depois de tantos anos. O senso-comum dizia-me que se a minha avó queria que aquela gente fosse derrotada, não o seria com números superiores ou estratégias militares, ou até com um espetacular número de magia, supondo que eu tinha a capacidade necessária. A derrota viria deles próprios, atirando aliado contra aliado, irmão contra irmã. Eu sabia-o, sem sequer ter lido qualquer livro, ou ouvido qualquer professor. Sabia-o pela maneira como a minha avó brincara com o meu amor pelo meu pai, usando-o para me apanhar numa armadilha. As armas mais fortes eram as do coração: ódio, dor, medo. E amor, também. Essas armas podiam ser utilizadas com crueldade. A minha avó sabia isso. Não agira por desejo de exercer vingança sobre os que desgraçaram a nossa espécie? O seu ódio era uma força mais poderosa do que qualquer exército. Para ela era fácil dar-me ordens, fazer-me fazer coisas más, mesmo quando eu não queria. Eu nunca teria magoado Maeve, nunca; a criança era inocente, mal começara ainda a sua vida. Nunca teria feito aquilo. Mas fizera-o, com um simples estalar de dedos e a invocação de um feitiço, como se não tivesse mais significado do que uma pequena fogueira no campo para ferver água. E agora, quando vacilava perante a perspectiva de completar a tarefa para a minha avó, apercebi-me de que, se falhasse, havia outros que ela podia fazer com que eu prejudicasse. Quem seria o próximo? A graciosa e sempre alerta Sibeal, com os seus olhos profundos, a volátil Deirdre, que tinha tantos estados de espírito como um dia de Outono? A prática e perceptiva Clodagh, ou o bebê da tia Aisling, a minúscula Eilis? Todas se me tinham tornado queridas apesar dos meus esforços para me manter à parte; tão queridas como quatro irmãs. Não as poria em risco se falhasse os planos da minha avó?

Eu sabia o que ela queria que eu fizesse em Glencarnagh. Ela mesma o faria com perícia. Quase conseguia vê-la, com os seus caracóis ruivos e figura suavemente curva, sorriso inocente e olhos alegres bem grandes, sempre junto da sua vítima, cegando-a para a realidade com o seu encanto deslumbrante de borboleta, mantendo-

se sempre fora de alcance para a obrigar a sair do caminho da segurança na sua desesperada perseguição. Eu sabia como fazer isso. Ela ensinara-mo pormenorizadamente. Mas eu não o faria, se houvesse outro meio. Havia algo de espalhafatoso ao conseguir atingir um objetivo com tais meios, por mais importante que esse objetivo fosse. Era um ramo da arte que gostaria de deixar intocado.

Esperaria um pouco; procuraria uma maneira diferente. E assim, durante algum tempo, instalei-me em Glencarnagh com a gratidão de um prisioneiro libertado inesperadamente, observando as raparigas a jogarem à bola no relvado, perseguindo-se umas às outras no labirinto, assando castanhas na lareira do quarto à luz das velas e sentindo o meu espírito descansar um pouco.

Esperava continuar como antes: acompanhar as raparigas durante o dia e espiar à noite, talvez incluída numa conversa adulta de tempos a tempos se isso agradasse ao meu anfitrião. Não tinha talento para a música; não podia entreter. Nem sequer podia recitar o conhecimento druídico aos presentes após a ceia. Os talentos que possuía não eram para ser partilhados. Esperava ter um pouco de tempo para mim própria, para ordenar os meus pensamentos. Não queria pensar além disso. Mas Eamonn tinha idéias diferentes e tornou-as bem claras mal chegamos a Glencarnagh. As raparigas estavam estafadas da viagem e foram para a cama cedo.

Eu também planeara retirar-me, pois tinha um belo quarto só para mim e ansiava por sossego. Ultimamente, desde o incêndio, raramente passava as minhas noites sozinha, pois era normal uma das crianças entrar em bicos dos pés no meu quarto, acordada por um pesadelo, em busca de companhia para afugentar a escuridão. Era, realmente, irônico que viessem ter comigo, o que não melhorava a opinião que tinha de mim própria. Mas, ali, as crianças tinham sido alojadas num bem apetrechado quarto para quatro, com uma serva própria e Eamonn disse-me, quando estávamos juntos à lareira, que eu poderia dormir sem ser incomodada. O salão em Glencarnagh era muito mais pequeno do que o grande espaço de Sevenwaters e o calor da lareira espalhava-se pelo compartimento. A mobília estava tão polida que podíamos ver o nosso rosto refletido

nela e os espaldares das cadeiras eram habilmente esculpidos; pequenos animais e arabescos. Bebi um pouco de vinho que me fora dado e concordei sem falar.

— Vi como a minha irmã se serve de ti em Sevenwaters — disse Eamonn num tom uniforme. — As tuas origens podem ser obscuras, mas és, de qualquer modo, sobrinha do marido dela e deves ser tratada como tal. Usar-te como serva não é, de modo algum, apropriado. Aqui, és minha convidada.

— Eu... — As suas palavras deixaram-me surpreendida. Apercebi-me, para minha surpresa, de que acabara por aceitar as tarefas que a minha tia me impunha de bom grado. Na realidade, quase que gostava de as executar. — A tia Aisling sempre foi muito bondosa. As crianças não me dão nenhum trabalho. Mas agradeço a tua amabilidade. Estou ansiosa por gozar algum tempo de tranquilidade, algum tempo só.

— Devo confessar — disse Eamonn cuidadosamente — que isso não é exatamente o que eu pretendia. Apesar de poderes ter solidão e paz, se é isso que desejas. Os meus motivos não são, exatamente, desinteressados. Suponho que sabes isso.

Lancei-lhe um olhar rápido e pousei de novo os olhos na minha taça. Quereria ele dizer o que eu estava a pensar? Certamente que não.

— Tinha esperança — continuou ele — de que pudéssemos passar algum tempo juntos. É claro que tenho de tratar dos assuntos da propriedade e as crianças parecem gostar da tua companhia. No entanto, restam os fins de tarde. E se este tempo se mantiver, podemos cavalgar juntos. Há aqui boas terras: campos de pastagens, vales arborizados e uma queda de água. Gostaria de te mostrar isso tudo.

— Andar a cavalo? — perguntei. — Isso não é o meu forte.

— Portaste-te bem na viagem para cá, Fainne. Creio que aprendes depressa.

Sorri.

— Já mo tinham dito.

Ele olhou para mim fixamente e havia um brilho nos seus olhos que a minha avó teria reconhecido.

— E eu sou um bom professor — disse ele suavemente. — Descobrirás isso quando me conheceres melhor. — Senti-me corar.

— Não tenho dúvidas disso — murmurei. Ele queria mesmo dizer aquilo. Mal podia acreditar. Porque não usara nenhum dos pequenos feitiços que a minha avó me ensinara desde que partíramos de Sevenwaters. Não o encorajara de modo algum. No entanto, o que ele me dizia parecia claro. Era ao mesmo tempo estranho e preocupante. Tanto quanto as boas maneiras me permitiam, aleguei cansaço e retirei-me para a segurança solitária do meu quarto.

O tempo, apesar de frio, manteve-se bom. As minhas primas exploraram a grande casa com as suas paredes sólidas de pedra e o seu telhado de colmo, exploraram as vacarias e os celeiros, ajudaram a dar de comer às galinhas e levavam pequenos mimos aos habitantes dos bem apetrechados estábulos de Eamonn. Eilis tentava ganhar a amizade de um grande cavalo preto, muito mais alto do que ela. Apercebi-me de que ela tinha esperança de montar aquela criatura assustadora, mal conseguisse convencer o tio. Eu invejava a sua confiança. Clodagh descobriu a saída do labirinto e mostrou-a às outras com uma certa superioridade. Deirdre caiu no lago ao correr atrás de uma borboleta e tiveram que lhe secar e limpar a roupa à lareira.

Mantinham-se ocupadas e os sorrisos regressaram aos seus rostos ansiosos. Sibeal continuava calada. Trouxera a sua pequena tabuinha de Sevenwaters e enquanto as irmãs corriam atrás umas das outras pelos caminhos, atiravam a bola, ou davam cenouras aos cavalos, ela era vista a escrever letras cuidadosamente na superfície de cera com um pequeno estilete. Eu era a única a quem ela mostrava o seu trabalho para ser corrigido, um fato que não passava despercebido.

— Também escreves bem? — perguntou-me Eamonn, mais tarde, quanto estávamos sentados no salão depois da ceia. Tinham estado outras pessoas presentes antes da refeição: o brithem, o feitor, o mestre-de-armas e vários homens pertencentes à casa acompanhados das esposas. Mas Eamonn, assim parecia, não comia acompanhado.

Ali não era como em Sevenwaters, onde todos se reuniam à hora da ceia e a conversa era animada e pontuada de gargalhadas; onde as crianças se sentavam à mesa com os pais e os trabalhadores partilhavam o faito do seu trabalho com os donos da casa. Ali, o pequeno grupo de conselheiros de confiança reunia-se para discutir assuntos sérios: disputas territoriais, negócios de gado, problemas com as armas, o envio de homens que iam buscar mercadoria a um barco que tinha atracado algures. As mulheres pouco contribuíam, mas eu pude ver que estava a ser atentamente observada. Era só conversa de homens. Eu escutava atentamente, mas não percebia patavina. Já era suficientemente estranho ter sido incluída naquele grupo. A princípio, a minha presença deu azo a alguns sobrolhos levantados e até a uma piscadela de olho de um sujeito, apesar de eu reparar que eles se certificavam, primeiro, de que Eamonn não estava ver. Então, quando chegou a ocasião de servir a refeição, desapareceram todos como se devido a uma ordem silenciosa e eu fiquei com Eamonn, sentada com algum esplendor a uma mesa cuja bela madeira de carvalho brilhava como um espelho. Evitei fazer qualquer comentário, se bem que me teria sentido muito melhor a cear com as minhas primas e a dama-de-companhia delas no seu quarto, ou comendo qualquer coisa a um canto da cozinha, ou onde quer que fosse que as restantes pessoas de Glencarnagh comiam. Pensei em peixe assado numa pequena fogueira, com um nabo ou dois misturados para dar um certo travo. O meu lugar não era na companhia daquele homem, não percebia o que ele queria de mim. Usei as maneiras à mesa que a minha avó me ensinara, disse pouco e, por fim, a refeição terminou e fomos sentar-nos à lareira com uma garrafa de vinho em cima da pequena mesa. Foi então que ele comentou a ajuda que eu dava a Sibeal com as letras.

— Sim, eu sei ler e escrever — disse eu cautelosamente. — Sou capaz de transcrever Latim para Irlandês e Irlandês para Latim. Sou capaz de escrever com muita perfeição. O ensino foi excelente.

— Suponho que foste ensinada numa casa de oração; no entanto, sei que uma santa irmã não pode aspirar à educação que é dada a um jovem nesse estabelecimento. É evidente que planeavam um futuro para ti intramuros. Mas tu não te converteste à fé cristã.

— Como sabes que não me converti? — perguntei-lhe, pensando até onde iria a conversa antes de eu ter que mentir.

— Sei que Conor ficou impressionado com as tuas capacidades e conhecimento e que falou a Sean na possibilidade de te juntares aos irmãos e irmãs na floresta. De certo modo, herdaste os dons do teu pai. Disseram-me que ele foi um druida. Acho isso interessante.

Não lhe dei qualquer resposta. O vinho era bom; aquecia-me o coração e tornava-me a cabeça mais leve. Eamonn parecia capaz de esvaziar taça após taça sem qualquer efeito visível.

— Queres saber o que eu penso? — perguntou. Eu não disse nada.

— Penso que seria um desperdício.

— O quê?

— Tornares-te druida. Tu gostas de crianças, vê-se bem. Penso que não te oporias às... às oportunidades que uma vida cheia te pode oferecer.

Olhei para ele o mais de frente que consegui, o que não era fácil depois de todo aquele vinho.

— Eu posso achar que uma vida cheia é uma vida dedicada ao espírito — disse eu severamente. — Ao espírito e à mente. Fui educada a pensar assim.

— Mas não acreditas, pois não, Fainne? — Ele aproximara-se e, subitamente, eu senti-me cansada, desconfortável, como se ele me estivesse a sondar, a cheirar, do mesmo modo que um predador cheira a sua presa. Metia-me medo o fato de lhe ter permitido que assumisse o controlo com tanta rapidez.

— Não sei — disse eu engolindo em seco. — Só tenho quinze anos e o meu futuro é incerto.

— Terei de fazer algumas escolhas. Suponho que o meu tio Sean me guiará.

— Mas, — disse ele suavemente, e a sua mão pegou no jarro de vinho que estava em cima da mesa, roçando pelo meu braço ao passar, como que por acaso — não deves escolher às cegas. Seria sensato da tua parte se explorasses algumas possibilidades antes de decidires. Não seria?

— Talvez — disse eu, desejando deixar de tremer, desejando que o meu coração deixasse de saltar.

— Não tens razão para ter medo de mim — disse Eamonn.

Não era capaz de responder àquela declaração e, assim, ignorei-a. A minha mão moveu-se para agarrar no amuleto, esperando desesperadamente por uma inspiração qualquer. Respirei fundo. Talvez a melhor defesa fosse o ataque.

— Posso fazer-te uma pergunta? — disse eu.

— As que quiseres.

— A mim, parece-me que esta casa é uma casa de família. Uma casa confortável, agradável; está cheia de luz. As pequenas gostam dela; é segura e elas sentem-no.

Eamonn inclinou a cabeça numa aparente concordância, mas os seus olhos estavam desconfiados.

— O dono de uma casa assim deve ser um anfitrião cuidadoso —continuei. — Está impecável, na sua beleza e conforto. É uma casa... é uma casa feita para agradar a uma mulher e para abrigar

os seus filhos. No entanto, tu não tens nada disso aqui. Parece-me estranho.

Seguiu-se um silêncio e eu comecei a arrepender-me das minhas palavras arrojadas.

— Peço-te desculpa se te ofendi — acrescentei. Eamonn olhou para mim e depois para longe.

— De fato, tu dizes o que pensas. Quanto a Glencarnagh, pertencia ao meu avô antes de eu a herdar. Seamus Redbeard, era como lhe chamavam. Casou tarde pela segunda vez e melhorou as condições aqui para agradar à sua jovem esposa. Sempre foi uma ótima casa. Mas eu não vivo aqui; venho de visita de tempos a tempos e tenho gente que a mantém. A minha outra casa é diferente.

— Uma fortaleza rodeada de pântanos? Foi o que eu ouvi.

— É verdade. Talvez a aches um lugar mais apropriado para um homem de meia-idade solitário.

— No entanto, decidiste manter Glencarnagh como está. O jardim deve ser muito belo na Primavera. Por que razão te darias a tanto trabalho se mal o vês?

Outro pequeno silêncio.

— Há uma resposta simples para isso. Posso dizer que é para que pessoas como tu, ou como as minhas sobrinhas, o possam gozar quando vêm de visita.

— Mas?

Ele fez uma careta.

— Interessa a razão? — perguntou. — A esperança morre, mas as pessoas continuam. Glencarnagh é uma concha vazia, Fainne. Um santuário para o que nunca aconteceu. No entanto, não consigo desfazer-me desta casa. Seria... seria o fim dos meus sonhos. Sonhos que deviam ter sido enterrados há muito.

Olhei para ele.

— Isso é terrível — disse eu já sem o medo que sentira. — Como podes dizer isso?

— Eu só queria — disse ele suavemente olhando para o vinho na sua taça — eu só queria o que qualquer homem razoável quer. Uma esposa, um filho, a minha casa, a minha terra, a oportunidade de poder alimentar a minha gente e cumprir o meu dever. Nunca dei um passo em falso, Fainne. Segui sempre as regras. E então, bastou um estalar de dedos para que tudo me fosse roubado, não por um homem superior, coisa que eu teria compreendido, mas por um miserável que mais valia ter morrido no berço do que viver para ver a luz do dia. — Os seus dedos apertavam a taça com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. — Roubaram-me tudo o que interessava. Até me roubaram a oportunidade de me vingar. Pior ainda, forçaram-me a uma aliança profana com uma criatura cujo nome desprezo. No entanto, mantenho esta casa alegre e fresca, como se a Primavera caminhasse pelas suas paredes, quando a neve do Inverno enche os campos lá fora. Como se, mesmo agora, houvesse hipótese de ela regressar.

Ele tinha-me deixado sem palavras. Fiquei ali sentada calada, esperando que o ritmo do meu coração abrandasse, achando que me tinha enganado em mais do que uma coisa. Achando que, no fim de contas, os pequenos truques da minha avó não seriam de grande ajuda ali, porque aquele homem só desejara uma mulher, a única que nunca poderia ter.

— Estás... estás a falar da minha tia Liadan, não estás? — perguntei, finalmente.

— Foi Sean que te falou nisso? — perguntou ele vivamente.

— Não — disse eu o mais calmamente que consegui. — Adivinhei. Tu foste muito claro no teu discurso. Mal suportas ouvir o seu nome; no entanto, parece quereres dizer-me que ainda a amas.

— Amar? — O seu tom era amargo. — Em tempos, pensei que compreendia o significado dessa palavra. Mas agora não. Entre um homem e uma mulher tem que haver o dar e o receber. Talvez seja, aliás, a única coisa. Não pode ter sido o amor que fez com que ela

tivesse feito o que fez. Foi, antes, uma espécie de luxúria perversa, que a levou a esquecer quem era e o que tinha prometido.

— Mas isso foi há muito tempo — disse eu. — E tu pareces ainda zangado.

Foi então que ele pareceu lembrar-se de onde estava e com quem estava a falar. Vi-o respirar fundo e forçar as feições a descontraírem-se um pouco.

— Desculpa, Fainne. Nem acredito que te disse isto tudo. Esqueci-me de mim próprio e só te peço perdão. És demasiado nova para suportares uma tolice destas.

Ele era um seguidor de regras. Fora o que Muirrin dissera. Devia ser-lhe doloroso aperceber-se de que se tinha aberto com uma mera rapariga, ainda por cima de recente conhecimento. Formulei a minha resposta com cuidado.

— Eu não fui criada como as outras raparigas. Por favor, não deixes que isto te perturbe.

— É a inocência que fala por ti — replicou ele, franzindo o sobrolho. — Foi incorreto da minha parte, indisciplinado e inapropriado.

— Não acho — disse eu calmamente. — A mim, parece-me que é um fardo que tu carregas há muito tempo. Vais levá-lo contigo para a sepultura?

— Fainne! Fiquei chocado. Posso ser um velho pelos teus padrões, mas não tenho qualquer intenção de morrer já.

— No entanto — disse eu — vais para a batalha este Verão. Uma empresa de grande perigo, de grande risco. Parece que te preocupas pouco com o futuro do teu nome e dos teus domínios. Talvez não temas a morte. Porém, é melhor libertares o teu espírito desse ódio todo. A deusa chama quando lhe apetece, não quando nós escolhemos atravessar a margem.

— Tu és uma rapariga estranha, Fainne — disse Eamonn, pegando na minha mão e levando-a aos lábios. — Não sei o que

fazer de ti.

— E eu de ti, — disse eu, retirando a minha mão. — Não sei o que queres de mim.

— Neste momento — disse ele sem sorrir — creio que são horas de te ires deitar. Tira uma vela daquela prateleira, ali ao pé da porta.

— Eu...

— É melhor ires, Fainne. Esta noite sou uma pobre companhia.

Assim, deixei-o em frente da lareira com o jarro de vinho a seu lado e tentei imaginar quantas taças necessitaria de beber antes de cair no esquecimento.

Pus-me em frente do espelho. Um espelho muito bonito; o bronze polido devolveu a luz das velas, brilhando com um calor dourado. Em redor da moldura, o metal estava gravado num padrão intrincado: laços, uma corrente tripla, com embutidos ovais, aqui e ali, de esmalte. Escarlate, dourado, azul-escuro como o oceano insondável.

Era o espelho de um homem rico. O meu reflexo olhava para mim, as suas formas suavizadas pelo tom rosado do metal, uma rapariga outonal. Olhei para mim própria e ouvi as palavras de Eamonn. Sou um bom professor, dissera e quando pensei naquilo, deixei de ter dúvidas quanto às artes que ele acreditava poder partilhar comigo. A rapariga no espelho não era a espécie de rapariga que enchia um homem de desejo. Os seus cabelos curtos encaracolados; eram da cor das chamas, avermelhados. Os seus olhos eram de uma cor púrpura intensa, da cor das amoras maduras. Os lábios eram severos, a boca era a de um eremita, feita para recitar o conhecimento, ou para orar na solidão. Não eram lábios feitos para beijar, murmurar palavras doces, ou cantar canções de amor. A pele era pálida, as faces sem cor. Mas o meu corpo tinha mudado quase sem eu dar por isso. Estava a desenvolver curvas aqui e ali, de modo que a estranha e alta rapariga estava agora a ficar com tudo nos seus devidos lugares. O

pé torcido continuava ali. Não havia cura para aquela herança de um acasalamento proibido, pensei, furiosa. Mas, apesar disso, eu não parecia... desagradável. Sorri para mim própria no espelho e o pequeno amuleto que me pendia do pescoço brilhou, apanhando a luz das velas. O meu sorriso enfraqueceu. Era uma tolice acreditar que pudesse ser outra pessoa. A beleza não era nada. Que tinha conseguido a minha mãe com a beleza? Fora vendida pelo mais alto preço e fora miserável durante o resto da sua curta vida. No entanto, nas observações sugestivas e olhares de viés de Eamonn estava a origem da solução do meu problema; o começo de uma estratégia para atingir o objetivo da minha avó. Podia ouvi-la: *Esse homem é poderoso. E é corruptível. Aproxima-te dele, faz com que ele te deseje. Usa-o, Fainne.*

Mas eu não podia fazê-lo. A perspectiva punha-me doente. Era usar a arte erradamente e sabia que não conseguiria fazê-lo. Vesti a camisa de noite e subi para a cama, consciente do espelho brilhando suavemente à luz da pequena lareira.

Faltava-me a força. O meu corpo tremia só de pensar. Como poderia eu fazê-lo, quando as palavras que o homem dissera me faziam tremer? Era errado. Manipular um homem assim, para que ele ansiasse por mim como um cão por um pouco de calor, dobrá-lo à minha vontade para que ele fizesse o que eu queria, era perder o respeito por mim própria. Nunca compreenderia os homens, quanto mais mentir a um e fazer tudo o que a minha avó me dissera que os homens e as mulheres fazem juntos. Só o pensamento me desgostava. Tinha de haver outra maneira. Ir a Glencarnagh fora um erro.

Não te estás a esquecer de nada?, disse a pequena voz interior. *E o teu pai? Agarra esta oportunidade, Fainne. A aliança já balança no fio de uma faca. Escolhe o ponto mais fraco, porque é o mais frágil. Esse homem fala contigo. Fá-lo falar mais. E lembra-te que é no quarto que os homens dizem os seus maiores segredos.* Tapei os ouvidos com os dedos, como se pudesse silenciar aquela voz interior. Enrolei-me sob os cobertores. Mas não tinha ali Riona para me ajudar a manter a voz afastada. Não tinha meios para

silenciar a sua mensagem inexorável. Não precisava de olhar para o espelho para ver a imagem do meu pai, arfando, lutando por respirar, usando todos os restos de controlo que ainda possuía para não gritar de dor quando sentia como que uma mão de ferro agarrando-lhe o coração, roubando-lhe o ar. Senti o amuleto quente, pequeno e duro contra o meu peito. *Tens de continuar*, disse a voz vezes sem conta. *Pelo teu pai. Deves-lhe isso. Até ao fim, Fainne. Mesmo até ao fim.* A chuva regressou e não se podia andar a cavalo. Eamonn ensinou-me a jogar brandubh (NT: uma versão um pouco mais sofisticada do jogo das pedrinhas). Fiquei feliz por isso. O grau de concentração necessário para antecipar o movimento estratégico seguinte do adversário significava que não se podia manter uma conversação ao mesmo tempo. Sentados defronte um do outro com uma pequena mesa e o tabuleiro do jogo entre os dois, significava que não nos podíamos tocar. As peças do jogo eram maravilhosamente esculpidas, o próprio tabuleiro estava decorado com embutidos intrincados de madeira. Começamos um jogo experimental e quando ele viu que eu já sabia as regras começamos a jogar a sério. O nosso terceiro jogo a sério durou até muito tarde. Os restantes habitantes da casa já estavam deitados e nós os dois continuávamos, sozinhos, à lareira. Eamonn bebia continuamente como era seu hábito. Eu dava pequenos goles do meu vinho, mas bebia o menos possível. Era necessário manter a cabeça lúcida para aquele jogo e também para o jogo ainda mais subtil, mudo, que continuava entre nós por meio de gestos e olhares. Antes do amanhecer, as peças negras tinham vencido as brancas e eu tinha ganho. Eamonn estava bastante surpreendido.

— Bem — comentou ele com o sobrolho ligeiramente franzido. —Estou a ver que tenho de ter cuidado contigo, Fainne.

Com um grande bocejo, não resisti a acrescentar:

— Já me tinhas dito que eras um bom professor.

— E tu disseste que eras uma boa aluna. E era verdade. Tu aprendes muito depressa para o meu gosto.

— Preferias que te deixasse ganhar? — perguntei, erguendo as sobrancelhas.

— Claro que não. — A sua resposta foi brusca. — Surpreendeste-me, apenas. Geralmente, a mente da mulher não tem a capacidade de apanhar os padrões intrincados deste jogo e usá-los para vantagem própria. Na próxima vez, estarei de sobreaviso. Não te dei o devido valor como adversário.

— E não gostas de perder. — Aquelas palavras saíram-me antes de eu as poder reter. Ele semicerrou os olhos enquanto me olhava.

— Um dia, a tua franqueza trar-te-á problemas — disse ele suavemente. — Será melhor travares um pouco essa língua quando estiveres com outras pessoas. Mas não dizes mais do que a verdade. Eu não aceito facilmente a derrota. Aventuro-me sempre esperando ganhar.

— E perdes muitas vezes?

— A longo prazo, nunca.

— Mas...

— Um homem que me tire o que é meu, é pago na mesma moeda. Ele pode esquecer o que fez. Eu nunca esqueço.

— E se esse homem se tornasse teu aliado? — perguntei. — Não seria, então, uma escolha impossível?

Seguiu-se uma pequena pausa. Os dedos dele apertaram a taça de vinho como se estivesse a estrangular um inimigo.

— Um homem desses nunca pode ser considerado um aliado —disse ele severamente. — Mais vale confiar num monstro qualquer do Outro Mundo do que num homem assim. Os códigos normais de família e lealdade não se aplicam nessa situação. Mais valia que uma criatura assim nunca tivesse nascido.

O seu tom desanimado alarmou-me. Lamentei ter feito a pergunta. Peguei na minha vela e ele pareceu voltar a si.

— É muito tarde. Está quase a nascer o dia. De manhã, é melhor ficares mais um pouco na cama, porque estás muito cansada.

— Talvez. Mas eu estou habituada a dias longos e a levantar-me cedo. Obrigada pelo jogo. Gostei muito. — E tinha gostado. Era bom exercitar a mente noutra coisa qualquer que não o desafio impossível que a minha avó me tinha exigido. Era bom concentrar-me noutra coisa que não a imagem do rosto queimado de Maeve, que, por algum tempo, desaparecera da minha mente. Quando regressasse a casa, talvez o pudesse ensinar ao meu pai... não, é melhor não pensar nisso. Devia estar mesmo cansada.

— Sentes-te bem? — perguntou Eamonn, dando um passo em frente e pegando-me no braço. — Estás pálida. Fiz com que ficasses a pé até muito tarde.

— Não é nada. Isto já passa.

— Nesse caso, boa noite. Ou talvez devesse dizer bom dia. — Geralmente, ele acenaria com a cabeça ou agarrar-me-ia a mão para se despedir. Desta vez, inclinou-se e deu-me um pequeno beijo na face. Não teve qualquer importância. Foi leve e rápido. Mas eu vi o seu olhar.

— Boa noite — disse eu rapidamente e retirei-me para o meu quarto. Meti-me debaixo dos macios lençóis de linho e dos suaves cobertores de lã, tão cansada que deveria ter adormecido mal a minha cabeça tocou na almofada, mas incapaz de evitar que a minha mente trabalhasse continuamente. Era óbvio o caminho que a minha avó queria que eu seguisse. Na realidade, era evidente que a tarefa que ela me tinha imposto não era, afinal de contas, tão impossível como eu julgara, se me propusesse a fazer o que devia em relação a Eamonn. Mas, como fazê-lo? Como suportá-lo?

Quando o dia surgiu e um galo começou a cantar ruidosamente no pátio, adormeci com os meus problemas sempre às voltas na minha cabeça.

Não dormi muito. Houve uma alteração no tempo úmido e as raparigas estavam ansiosas por ir para o exterior, apesar do frio cortante. Tinham chegado visitantes, que já estavam reunidos com Eamonn na sala do conselho. Também ele devia ter dormido pouco. Havia belos cavalos a serem tratados nas cavalariças e belas capas a secar diante das lareiras da cozinha. Ninguém parecia disposto a dizer quem eram os visitantes. Talvez ninguém soubesse. Saímos para passear, as cinco, vestidas com pesadas capas de capuz e robustas botas de Inverno. O Sol lutava para emergir das nuvens ainda escuras da chuva e o vento era cortante, mas as raparigas sorriam.

Estavam contentes por poderem estar, de novo, ao ar livre.

— Está-se bem aqui — observou Deirdre — podemos passear à vontade sem nenhum homem de armas sempre à nossa frente barrando-nos o caminho.

Eilis saltitava por cima das poças de água.

— Um, dois, três... upa! Um, dois, três... plof! — Ia precisar de mudar de roupa quando regressássemos a casa. Enquanto caminhávamos por um carreiro entre sebes de teixo bem aparadas, em direção a uma pequena clareira de aveleiras de ramos nus, reparei que, afinal de contas, havia guardas. Não surgiam de repente, como Deirdre afirmara. Apenas uma presença discreta a uma distância conveniente. Homens vestidos de verde, bem armados e silenciosos. Uma pessoa podia passear, mas não sem vigilância. Era para nossa segurança, suponho. No entanto, aquilo irritou-me. Pensei em Kerry e o modo como Darragh e eu trepávamos pelos rochedos como cabras selvagens e corríamos para trás e para a frente à beira-mar sem que as nossas famílias pensassem se estaríamos em segurança ou quando regressaríamos a casa. Sabiam que estávamos em segurança porque estávamos juntos. O meu coração doía-me de desejo de voltar a ser essa rapariguinha. Mas não valia a pena reviver o passado; a roda não parava. Deirdre queria trepar às árvores. Entalou as saias no cinto e trepou com uma agilidade impressionante, mostrando as pernas de

uma maneira pouco feminina. De imediato, Eilis pediu para a ajudarem a fazer a mesma coisa.

— Bebês — troçou Clodagh, enquanto segurava a irmã mais nova e a ajudava a subir para o ramo inferior, mas o brilho dos seus olhos dizia que não ficaria atrás da irmã gêmea e em breve saltitavam as três como esquilos, balouçando-se perigosamente nos ramos sem folhas.

Sibeal estava sentada numa pedra lisa, próxima do local onde o ribeiro, engrossado pela água da chuva, desaguava numa pequena lagoa. A água estava coberta de espuma e a corrente forte, mesmo naquele local de repouso temporário. Sibeal estava sentada de pernas cruzadas, as mãos no colo e as costas muito direitas. Estava numa posição de meditação, imitando Conor. O seu olhar estava fixo na água. Instalei-me calmamente nas rochas a seu lado.

Passou algum tempo. Os sons surgiam e desapareciam; o riso e os gritos das outras, o gemer dos ramos, o chamamento dos pássaros; a voz da própria água, enquanto descia em cascata para a lagoa. O Sol, subitamente, mostrou o seu rosto por entre as nuvens, a luz tocou a superfície da água, penetrante, estonteante no seu brilho. A espuma ficou dourada e as rochas molhadas cintilaram.

No meu outro lado, alguém estava acocorado; alguém mais ou menos do tamanho da minha prima, mas coberto de penas. De certo modo, foi possível falarmos silenciosamente.

Tu outra vez.

Desapontada? Quem esperavas?

Eu não vim para aqui à procura de seres do Outro Mundo.

Ah-ah — Se a voz da mente pudesse exprimir descrença, aquilo seria o que a criatura estava a transmitir.

Eu não vim chamado por ti, mas sim por ela.

Pela... minha prima? Ela chamou-te?

Ela abriu o caminho, de modo a eu poder vir. O que ela vê é uma coisa totalmente diferente. Ela olha para a água. Vê o futuro e o que ele lhe trará. Eu estou aqui por ti.

Por que razão me procurarias? Eu já estava bastante confusa. A última coisa que eu queria era outro diálogo critico que fazia mais perguntas do que dava respostas.

Estás confusa. Sinto-o. Perdeste o rumo, se é que alguma vez o tiveste. E não sabes a quem pedir a direção.

Eu não preciso de perguntar a direção a ninguém. Eu sou capaz de encontrar o meu próprio rumo. O meu pai ensinou-me a resolver os meus próprios problemas.

E resolverás. Não temos dúvidas nenhumas. Mas estás a perder tempo. Que tal um pequeno conselho?

Um conselho teu? Acho que não. Nem sequer sei quem és, ou o que és. A pequena criatura parecida com um mocho agitou as penas, soltando uma ou duas que flutuaram no ar à minha frente, delicadas, pequenos fragmentos castanhos, como as últimas folhas de Outono. No meu outro lado, Sibeal continuava sentada, imóvel, o olhar claro fixo na água.

O que eu sou? repetiu a criatura. *O que somos. Olha para nós, Fainne. Se não consegues adivinhar com esse conhecimento druídico todo, a tua educação foi desperdiçada.*

Nós? perguntei e enquanto a voz falava na minha mente, vi, sem abrir os olhos, um movimento na paisagem, uma mudança, um desdobramento, como se o pequeno riacho, as grandes rochas e as fendas na terra se enrugassem e se afastassem para revelar o que sempre ali existira se uma pessoa soubesse como procurar.

Reuniram-se à minha volta em círculo, silenciosos. Nenhum era mais alto do que uma criança; eram todos diferentes uns dos outros, cada um de algum modo parecido com uma criatura conhecida, uma rã, um esquilo, talvez um bácoro, se bem que alguns se parecessem como pequenas plantas, ou arbustos; cada um deles era único à sua maneira. Não eram animais, mas também não eram humanos.

Olhei mais de perto. Havia um que tinha um único olho no meio da testa e outro tinha apenas uma perna, apoiando-se numa pequena muleta feita de vidoeiro. Outro tinha rugas profundas por todo o corpo como uma maçã encarquilhada; outro parecia estar coberto, da cabeça aos pés, de musgo cinzento-esverdeado.

Vocês são... vocês são... hesitei.

Continua. A criatura-mocho acenou com a cabeça encorajadoramente. *Quem foram os primeiros na terra de Erin?*

Foram vocês? aventurei-me.

Ouviu-se um aprovador coro de risadinhas, murmúrios, pios e grunhidos.

Nós somos os Anciãos. Fora a criatura coberta de musgo, parecida com uma rocha, que falara. A sua forma era sólida e sem membros discerníveis, mas, no entanto, tinha uma espécie de rosto; uma fenda no lugar da boca e manchas avermelhadas de líquen que poderiam ser os olhos. *Nós somos os teus antepassados.*

O quê? Quase falei em voz alta de espantada que fiquei. *Vocês? Como é possível?*

Seguiu-se uma série de gargalhadas à minha volta. Sibeal não se mexia.

Teus antepassados e da tua prima. Mas ela não nos vê. Ela vê outra coisa. Pareces chocada. A criatura-mocho fixou os seus grandes olhos redondos em mim. *Nunca pediste ao druida que te contasse a história, pois não? De que tinhas medo? A história fala de uma união, há muito tempo, entre um homem de Gaels e uma mulher da nossa espécie. A linhagem de Sevenwaters surgiu desse acasalamento. E tu és filha de Sevenwaters.*

Não me parece. Franzi o sobrolho. *Não fui criada a amar a floresta como esta gente. O meu caminho é diferente.*

Havia ali uma criatura que parecia feita de água; a sua forma modificava-se e fluía e através dessa fluidez eu podia ver os rochedos e a erva para além dela. A sua forma não era muito

diferente de uma pequena criança com cachos de algas a fazerem de cabelos.

Todas regressam. A sua voz parecia a voz de um riacho a correr por entre seixos lisos. *Todas as crianças regressam à floresta. Mas isso já não chega.*

Tu regressaste disse a criatura-mocho. *Podes querer negá-lo, mas és um de nós.*

Isso é um disparate. Estavam a tentar enganar-me. A tentar fazer-me revelar qual era o meu objetivo. *Eu sou uma rapariga mortal, mais nada. Sou meio-irlandesa e meio-bretã. Uma mistura. Estou tão longe de vós como... como...*

Como um cão vadio está longe dos misteriosos padrões das estrelas? É isso? Agora, irritei-te. E provei o meu ponto de vista.

Que ponto de vista? Que queres dizer?

Estás a ver as pequenas labaredas que se acendem no teu cabelo quando te zangas?

Eu não conheço nenhuma rapariga mortal que faça isso! Nós sabemos quem tu és.

Ah sim? A conversa começava a alarmar-me. Reprimi a vontade de utilizar a arte. Não me podia revelar assim sem mais nem menos. *E o que é que eu sou?*

A criatura musgosa falou de novo.

Isso mesmo, uma mistura. Uma mistura muito perigosa. Uma mistura de quatro raças. Por que razão te mandou o teu pai para aqui? Por que razão vir agora, no fim de tudo?

Aquelas palavras gelaram-me. Tinha de tentar assumir o controlo da situação.

Diz-me disse eu. *Os Fair Folk querem ganhar a batalha, não querem? Recuperar as Ilhas? É isso que queres dizer com o fim de tudo? Mas eles já têm muito poder. Os deuses e deusas Túatha Dê não são capazes de controlar os ventos e as ondas, capazes de*

derrotar exércitos inteiros e de destroçar o mais forte opositor? Por que razão não recuperam, simplesmente, as Ilhas sozinhos? Qual é a necessidade de morrerem humanos, geração após geração nesta longa guerra? Esta família já perdeu muitos filhos. Por que é que vocês fazem isto a esta gente? A esta gente... inferior?

Seguiu-se uma série de sussurros, murmúrios e resmungos no círculo de pequenas criaturas estranhas. Sobrolhos franzidos; caudas agitadas; penas eriçadas e narizes torcidos de desprezo.

Gente inferior? A criatura musgosa falou com voz profunda e seca. *Mas eles acharam-nos inferiores quando nos baniram para os poços, cavernas e profundezas do mar; para as ilhas selvagens e para as raízes dos carvalhos. Mas, apesar disso, ainda cá estamos. Estamos e somos sábios. Os tempos mudam, minha filha. A ordem muda. É assim com os Túatha Dê. Com a chegada dos filhos de Mil, a estrela deles começou a apagar-se. Os seus dias ficaram contados. O teu pai e o arquidruida estão entre os últimos sábios desta terra. Bem pode Conor chorar a perda do seu aluno mais capaz, pois não haverá mais nenhum como ele enquanto os homens existirem na terra, nem no tempo dos filhos dos seus filhos, nem dos filhos dos filhos deles. O homem gosta do poder e da influência, busca horizontes longínquos e riquezas inalcançáveis. Pensa que pode possuir o impossível. Derruba as velhas árvores para alargar os seus pastos; mina as grutas profundas e derruba as pedras que estão em pé. Abraça uma fé nova com fervor e, talvez, com sinceridade. Mas afasta-se, cada vez mais, das coisas antigas. Já não ouve o bater do coração da sua mãe terra. Já não cheira a mudança do ar; já não vê o que está para além do véu das sombras. Até o seu novo deus é formado à sua própria imagem, pois não lhe chamam eles o filho do homem? De livre escolha, separa-se dos ciclos antigos do Sol, da Lua e das estações. E, sem ele, os Fair Folk perdem importância e ficam reduzidos a nada. Retiram, escondem-se e ficam reduzidos a duendes com os seus pequenos jarros de cerveja; a duendes que roubam o leite das vacas durante o Sambain; a fadas que, com os seus lamentos, pressagiam a morte. Não passam de uma recordação na mente de um velho frágil; uma história contada por uma velha louca. Isto já aconteceu antes,*

Fainne. E vai acontecer de novo brevemente. Os machados entrarão na grande floresta de Sevenwaters até não haver nada. Um velho carvalho aqui e além. Um bonito vidoeiro à beira do lago, onde em tempos uma família de crianças de olhos límpidos proferiam, ao mesmo tempo, o nome da sua mãe e o nome da grande Dana. O lago não será mais do que um charco quase seco. Não haverá refúgio para eles. E, depois de desaparecerem, também a nossa espécie desaparecerá. Já assistimos a isso.

Aquelas palavras calmas e medidas gelaram-me o sangue.

Isso não pode ser impedido? perguntei eu.

Já aconteceu antes. É o que tem que ser. Num mundo assim não há lugar para nós. À minha volta, as criaturas suspiraram em uníssono.

Nesse caso, por que razão é tão importante recuperar as Ilhas? Por que razão se há de cumprir a profecia? A marca do corvo, o líder escolhido, etc., etc. Estás a dizer que, de qualquer modo, tudo se perderá. Os anos de fidelidade, a guarda da floresta pela gente de Sevenwaters, tudo para nada?

Ah. A questão é essa. Tudo se perderá no tempo; o lago, a floresta, os druidas, os senhores e os Fair Folk. Tudo o que vês. O invisível é que deve permanecer. A semente que espera dentro do fruto encarquilhado do Outono; a jóia guardada dentro da pedra silenciosa. O segredo guardado nas profundezas do coração. A verdade guardada no espírito. Quando as Ilhas não forem mais do que uma recordação entre os homens, o essencial tem de sobreviver. Por essa razão, a batalha tem de ser ganha, as Ilhas têm de ser reconquistadas antes que seja tarde demais. Tudo deve acontecer de acordo com a profecia. Assim diz a deusa. As Ilhas são o Último Lugar. Lá está guardado o que há de mais precioso. Guardado até a roda girar por completo e chegar de novo o tempo em que o homem ouve de novo o bater do coração da terra e se liga à vida que ela encerra. Com a chegada do Filho da Profecia vem o guardião da verdade, o Vigilante da Needle. Isto tem de acontecer, ou estaremos todos perdidos. Acredita, os Túatha Dê não

procurariam a ajuda dos humanos se não fosse preciso. Fere-lhes o orgulho serem forçados a humilharem-se assim. Mas só através da espécie humana poderá a profecia ser cumprida e os mistérios guardados em segurança.

Um momento. O Vigilante de Needle? Não me lembro de ter ouvido falar disso antes. Que quer dizer isso? Falas por enigmas.

A criatura musgosa abriu a boca parecida com uma fenda. Talvez estivesse a tentar sorrir.

Já devias estar habituada, pequena. O teu pai não é um druida?

Nós não te podemos dizer o que vai acontecer disse a criatura-mocho. *As profecias e as visões nunca são tão simples como parecem. Vai haver uma batalha, derramamento de sangue e morte. Vai haver sacrifícios e choro. Essa parte é óbvia para todos. Mas não é a morte que importa. O que importa é a custódia. Aquilo de que não se fala. A custódia da verdade em tempos de escuridão e ignorância. Sem isso, desaparecemos todos e tu acabas por ter razão. Os anos de perda e dor não terão servido para nada.*

Por que razão me dizem isso tudo? Tremia como varas verdes. Se aquelas palavras eram verdadeiras, a demanda da minha avó era, seguramente, uma coisa abominável. *Sabes quem eu sou e quem é o meu pai. Deves saber o que a minha avó é e o que fez. Não achas que estás a ser inconsciente ao revelares-me os teus segredos?*

Achas? Disse a criatura aquosa com uma voz suave e calma. *Nunca te ocorreu que todas as raparigas têm duas avós?* Então, com um ligeiro movimento, um desdobramento, esconderam-se e desapareceram repentinamente.

— Viste-a? — A voz de Sibeal assustou-me tanto que quase caí na lagoa.

— Vi... quem? — gaguejei.

— A Dama. Viste-a?

— Que Dama? — Olhei para ela, pensando na profunda tranquilidade da sua expressão.

Era óbvio que não se tinha apercebido dos meus estranhos companheiros.

— A Dama da floresta. Não a viste mesmo? Ela esteve mesmo ali, no outro lado da lagoa.

Abanei a cabeça.

— Não vi dama nenhuma — disse eu. — Ela vem aqui muitas vezes?

— Algumas. — Sibeal levantou-se sacudindo o vestido. Ela mostra-me imagens.

— Imagens?

— Na água. Vi Maeve.

Senti um arrepio de medo. Não disse nada.

— Estava crescida, mais crescida do que Muirrin. Soube que era ela. Por causa do rosto.

— Do rosto? — repeti eu estupidamente, sem saber se queria ouvir a resposta.

— Sim, as cicatrizes. E as mãos ainda feridas, tinha uma bonitas luvas calçadas. Vamos ter com as outras, agora?

— Não. Conta-me o resto.

— Que resto?

— Maeve. Ela estava... ela estava bem? O que estava a fazer? Estava feliz?

Sibeal olhou para mim de relance, aparentemente surpreendida.

— Estava a cantar para um bebê. Por que perguntas?

— Por que é que achas? — exclamei, exasperada, esquecendo que ela era apenas uma miúda. — Claro que quero saber! Tu vês o futuro, não vês? Podes mostrar-me se ela vai sobreviver, recuperar e ter futuro! É claro que quero saber!

— Não chores, Fainne — disse Sibeal com ar sério, oferecendo-me o seu pequeno lenço de linho.

— Eu não estou a chorar — disse eu zangada, aborrecida por ter perdido facilmente o controlo de mim própria. De qualquer modo, não poderia chorar, mesmo que quisesse. Na nossa espécie, as lágrimas parecem amontoar-se, amontoar-se dentro de nós e nunca saem; um oceano de lágrimas inundando as profundezas do coração.

— A única coisa — continuou ela enquanto regressávamos lentamente para o maciço de aveleiras — é que nunca temos a certeza de que o que vemos vai acontecer, ou se é apenas qualquer coisa que pode vir a acontecer. Ou pode ser apenas um... um símbolo.

— Sabes o que isso significa? — perguntei eu, divertida apesar de tudo.

— Como a caveira da morte — explicou Sibeal com ar sério. — Ou um anel de promessa. Ou a luz alegre do Sol, ou o mistério das sombras.

— Esquece — disse eu. — Tens a certeza de que só tens oito anos?

— Acho que sim — respondeu Sibeal, perplexa.

Naquela noite jantei sozinha. Eamonn tinha-se atravessado no meu caminho quando regressava ao meu quarto para trocar as botas enlameadas por uns sapatos macios e tentar domar o meu cabelo todo despenteado. Como se tivesse pressentido a minha presença, saiu da sala do conselho quando eu passava e fechou a porta atrás de si.

Mas eu fora treinada para saber observar e vislumbrei dois homens de pé perto da mesa, dentro da sala. Até ouvi algumas palavras.

— O filho é que é a chave — disse o homem mais alto, de cabelos altos entrançados de modo a ver-se o rosto e de ombros desnivelados, como se tivesse um velho ferimento mal curado. O outro era mais baixo, mais velho, de feições rudes e severas e com uma barba grisalha. Ao fechar-se, a porta impediu que eu ouvisse a resposta.

— Fainne — disse Eamonn amavelmente, olhando-me de alto a baixo. — Estou a ver que saíste. Tiveste uma manhã agradável?

— Tive, obrigada. — O seu olhar perspicaz fez-me sentir consciência das minhas faces afogueadas, do meu cabelo despenteado, do meu vestido amarrotado e do fato de estar ainda a arfar depois de ter regressado a correr do arvoredo. — As raparigas estiveram a trepar às árvores.

— Dormiste bem?

— Bastante bem. E tu? — Ele fez uma careta.

— Hoje em dia, o descanso escapa-me. Pouco importa. Sugiro que esta noite te deites cedo, Fainne. Lamento, mas não posso jantar contigo. Estes homens e eu estaremos sempre reunidos enquanto aqui estiverem. Confesso que gostaria de te mostrar a eles. Mas, nestas circunstâncias, seria pouco sensato. Os meus convidados partirão amanhã de manhã. Talvez possamos, então, dar aquele passeio a cavalo de que te falei, se as tuas primas te dispensarem por um dia.

— Talvez — disse eu, não sabendo se me sentia mais aliviada com a perspectiva de uma ceia descansada com as raparigas, seguida de um bom sono, ou alarmada com a idéia de um dia fora na companhia de Eamonn. — Tu estás ocupado. Continua. — Virei-me para me afastar e senti a sua mão fechar-se em redor do meu pulso. Para um homem da sua idade, ele era, realmente, muito rápido.

— Estás zangada? Estás ofendida por eu te excluir? — Falei sem me virar.

— Por que havia de estar ofendida? Esta casa é tua; os assuntos são teus Não tenho a presunção de me querer imiscuir em qualquer um deles. — Mal as palavras me saíram, soaram-me bastante agressivas.

— Não? — disse Eamonn suavemente, libertando-me. Ouvi de novo a porta a abrir-se e a fechar-se atrás de mim e fugi, confusa, pelo átrio afora na direção do meu quarto.

Que lugar era aquele no qual, ora estava no campo a falar com criaturas do Outro Mundo que diziam que o fim do mundo estava a chegar, ora estava a jogar um jogo qualquer impossível de entender com um homem que tinha idade suficiente para ser meu pai? Quem me dera ter outra vez cinco anos e a maior das minhas preocupações fosse a necessidade de mover as minhas pernas com velocidade suficiente para acompanhar Darragh! Não que isso, alguma vez, tenha sido um problema; nem uma única vez ele deixou de esperar por mim. Só no dia em que lhe disse que não precisava mais dele e o mandei embora.

Não valeu de nada deitar-me cedo, porque não dormi pacificamente. Fui atormentada por pesadelos; pesadelos dos quais acordava com a cabeça a doer e o corpo encharcado em suor, pesadelos dos quais não me recordo, exceto que me deixaram num estado miserável e mais confusa do que nunca. Tudo o que me lembrava era de correr, correr o mais depressa que podia, sem conseguir alcançar o que perseguia.

Mas o dia começou bem. Se estava à espera de passear apenas com ele, não pensei com lógica. Tinha de haver guardas, claro, homens vestidos de verde que nos acompanharam à distância. No fim de contas, aproximava-se uma batalha e os membros da aliança mal confiavam uns nos outros, quanto mais na oposição. Eu seguia na pequena égua que me trouxera até Glencarnagh; com ela, quase gostei do passeio. Demos, primeiro, a volta aos campos fechados, aos pastos mais acima e às pequenas

aldeias asseadas, cada uma com a sua bem defendida fortificação. A maior parte dos campos era aberta: colinas suaves, grandes vales verdejantes, com aqui e ali um ribeiro franjado de salgueiros e sabugueiros. Havia muitas árvores, mas o local não tinha a quietude opressiva e abafada de Sevenwaters e eu gostava mais assim. Gostava mais ainda do fato de Eamonn parecer gostar de me explicar tudo, sem nunca sugerir que o passeio tinha outros propósitos que não o de me mostrar o que devia ser mostrado a qualquer hóspede. Fiquei mais aliviada e comecei a divertir-me, porque estava um dia lindo, a propriedade era muito bonita e havia muita coisa interessante. Vimos colméias e falamos com o apicultor acerca das características curativas do mel. Inspecionamos um pequeno dique e um moinho.

Paramos numa das aldeias maiores, um grande recinto fortificado com uma poderosa muralha exterior de estacas, fechando a aldeia e o pequeno forte. Ali, um dos clientes livres de Eamonn, que era o chefe da comunidade, serviu-nos uma refeição de cerveja, pão e carneiro cozido com alho e permitiu-nos que descansássemos um pouco.

— Estás a coxear — observou Eamonn quando me sentei num banco e desapertei um pouco a bota. — Magoaste-te?

— Não é nada. — Não consegui evitar a brusquidão na voz. E odiei-me por me preocupar tanto. Não usaria o Encantamento para retificar a situação. Não depois daquela vez na feira. Não depois de Maeve.

— Tens a certeza? Talvez seja melhor regressarmos imediatamente. Não quero que te canses.

— Já disse que não é nada. Tenho um pequeno problema no pé, mais nada. Coxeio um pouco. Não tinhas reparado?

Eamonn abanou a cabeça ligeiramente e sorriu. Em seguida voltou a trocar notícias sociais com os seus anfitriões.

De regresso da aldeia, Eamonn falou em voz baixa com um dos seus homens de armas. Em seguida, foi ter comigo.

— Gostarias de ver a cascata? — perguntou ele. — Deve estar bem grossa depois desta chuva toda. Não estás muito cansada?

Abanei a cabeça.

— Ótimo. É do outro lado do monte, para oeste.

Enquanto cavalgávamos nessa direção reparei que todos os guardas que nos acompanhavam, menos dois, tinham ficado para trás, aparentemente instruídos para esperarem onde estavam até ao nosso regresso. O caminho subia cada vez mais sob os ramos nus e entrelaçados dos vidoeiros e dos freixos e desembocava numa encosta aberta e rochosa. A minha pequena égua escolhia, com cuidado, o caminho pelo carreiro acima. Por cima de nós, o céu de Inverno estava sem nuvens, uma enorme tigela invertida de um azul-profundo e eu apercebi-me de uma enorme extensão à minha direita de campos, árvores e muros de pedra e, mais além, para leste, um escuro manto de árvores que marcavam a fronteira com Sevenwaters.

— Não olhes ainda — disse Eamonn por cima do ombro. Fiquei um pouco alarmada devido a encosta do monte ser íngreme de um lado do carreiro e abrupta do outro, porque só podia confiar no instinto da minha montada. A ansiedade afastou outros pensamentos da minha mente e foi somente quando o som da água que se precipitava se transformou num rugido aos meus ouvidos e o carreiro se alargou, transformando-se numa larga plataforma relvada rodeada por grandes rochedos, que me apercebi de que os últimos guardas tinham sido deixados para trás. Eamonn ajudou-me a descer do cavalo e pareceu-me que as suas mãos se demoraram na minha cintura além do estritamente necessário.

O ruído da água estava por toda a parte, ecoando pelas paredes de rocha, martelando-nos os ouvidos, vibrando no solo onde nos encontrávamos. Havia espuma no ar e, sobretudo, uma umidade que tudo cobria.

— Vem ver — disse Eamonn elevando a voz para poder ser ouvido por cima do ruído. — Mas tem cuidado. O piso está escorregadio.

De pé, num local especial, sobre a escorregadia superfície de pedra, mesmo à beira da plataforma, era possível vê-la. A queda de água estava mesmo ali, cerca de dois metros acima de nós. Podíamos observar a descida repentina e violenta, um véu rodopiante de água rebentando e salpicando por ali abaixo até uma lagoa invisível lá muito no fundo. A escarpa era suavizada por fetos, musgos e pequenas plantas que se agarravam à sua superfície fendida e estalada. Olhei para a torrente que descia e espumava e lembrei-me da plataforma no rochedo acima do Favo de Mel e da minha mãe a dar um único passo para o vazio e cair, cair através do ar impiedoso de encontro aos rochedos e às vagas alterosas em baixo. Pensei na arte e no truque que aprendi com a bola de vidro. Cai. Pára. Desce suavemente. Ninguém parara a sua descida. Nenhuma mão se esticara para a apanhar suavemente na palma e pousá-la docemente no chão. Eis a tua segunda oportunidade. Revive a tua vida. Em vez disso, fora-lhe permitido partir. Talvez o objetivo dela já tivesse sido cumprido. Ser o brinquedo de um homem rico. Quebrar o coração do meu pai. Dar à luz uma filha cuja mente estava tão confusa e infeliz como a dela. Uma vez isso feito, que importância tinha se ela esmagasse o seu pobre, belo e frágil corpo nos rochedos do Favo de Mel?

— Fainne!

Talvez tivesse fechado os olhos. Talvez tivesse cambaleado, ou meu pé defeituoso tivesse deslizado um pouco na superfície traiçoeira. Quando Eamonn me chamou, senti de novo os seus braços em redor da minha cintura, agarrando-me firmemente e puxando-me para trás.

— Cuidado — disse ele abruptamente — não me assustes.

Mas, quem agora estava assustada era eu. Pois ele não me largava, agora que estávamos de novo em segurança na relva. As suas mãos continuavam a segurar-me com força e ele estava muito próximo, tão próximo que eu sentia o calor do seu corpo e ouvia a sua respiração por cima do som da água.

— Não quero perder-te, agora que te encontrei — disse ele suavemente.

— Eu... eu não sei o que queres dizer — murmurei. Eu só queria afastar-me e libertar-me das suas mãos. Mas receava ofendê-lo. Eamonn virou-me de modo a encará-lo.

— Pensei... por um momento pensei... não, esquece o que eu disse.

— Pensaste que eu ia saltar?

— Cair, talvez. Creio que hoje estás pouco firme.

— Já te disse, não é nada.

— Estou preocupado por te ter exigido demasiado. Deixa-me ver esse pé. Talvez possamos improvisar uma almofada para a bota, ou...

— Já te disse. Não é um ferimento. O meu pé é defeituoso, sempre foi. Nunca hei de andar como as outras pessoas.

— Mostra lá. — Ele tirou as mãos da minha cintura e sentou-se na rocha de braços cruzados, observando-me calmamente.

— Eu... — Como poderia dizer-lhe que aquela era a coisa mais dolorosa que alguém me podia pedir para fazer? Como poderia explicar-lhe como me sentia envergonhada por mostrar a minha deformidade? Clodagh tinha razão, esta era a marca de uma criança que nunca devia ter nascido. E o homem mal me conhecia. Não compreendia nada.

— Por que tens medo, Fainne? — perguntou Eamonn em voz baixa.

— Eu não tenho medo — respondi bruscamente e, de mãos trêmulas, desatei a bota e tirei-a do pé. Enrolei a meia e coxeei até junto dele para me sentar a seu lado. — Pronto — disse eu abruptamente. — Não imagino porque queres ver isto. — As minhas faces estavam vermelhas de vergonha.

Então, ele ajoelhou-se a meu lado e as suas mãos moveram-se de encontro ao meu pé nu, parecendo não se importar com a sua estranha forma, afagando a curva, seguindo-a, os dedos movendo-se, quentes e fortes, para me rodear o tornozelo.

— Isto não é uma deformidade que cegue um homem aos teus outros encantos. Mas vejo que estás preocupada — observou ele olhando para o pé, apesar de a sua mão parecer estar a subir pela minha perna, sob a saia, de um modo que me era bastante perturbador — que pareces diferente, hoje. Mais distante. Como um animal prestes a fugir. Estás assustada, Fainne? Já te disse, sou um bom professor. Serei meigo contigo e não me precipitarei. Não há necessidade de te afastares com medo.

A sua mão continuava a mover-se, afagando-me a canela, levantando a saia, subindo como que por acaso até ao joelho e mais acima ainda.

— Eu... eu...

— Estás com medo. — Eamonn retirou a mão e sentou-se de novo a meu lado, mas mais perto. Esperava que o meu suspiro de alívio não fosse demasiado audível. — Não tenho pressa. Só que... tens de compreender que nós, homens, somos precipitados nestes assuntos, temos uma... uma necessidade que é difícil de controlar. Por vezes, pode ser doloroso tentar controlar os nossos impulsos.

— Mas vais ter de te controlar — consegui dizer com a voz trêmula de nervoso.

— Podes encontrar-te comigo a meio caminho.

— Não... não te estou a compreender.

— Não? Certamente percebes o que te estou a dizer, Fainne. As tuas palavras e os teus olhares levaram-me a acreditar que não és avessa às minhas atenções. Não negues. Desde que te conheci, em Sevenwaters, que o vejo no teu rosto e nos teus misteriosos olhos escuros. No levantar das tuas sobrancelhas, na maneira como inclinas a cabeça e na maneira como o teu corpo se bamboleia quando andas. Um homem teria de ser monge para não te desejar.

Um homem teria de ser louco para não tocar nessa pele branca como a neve, não sentir a pureza desse corpo contra o seu, não olhar para ti deitada na sua cama apenas com a chama escura do teu cabelo escondendo-te a nudez e não saber que serias só dele, uma jóia brilhante a não partilhar com ninguém. Não tenho forças para negar esse desejo, Fainne; tenho de to afirmar, quer tenhas medo, quer não.

Fiquei incapaz de responder. O meu coração batia fortemente com o choque. Fizera tudo aquilo sem sequer tentar? Fizera-o sentir daquela maneira sem sequer usar o Encantamento? Entendera mal, certamente, as suas palavras.

— Choquei-te e peço-te desculpa. Mas, aqui, não há olhares curiosos nem ouvidos abertos. Falaste-me com muita franqueza. Pareceu-me dizeres que era altura de esquecer; altura de continuar. Não sei se consigo, Fainne. Mas tu podes ajudar-me. Contigo, posso começar a apagar o passado.

— Eu... eu não creio que... — Tinha cruzado os braços com força no peito, como que para evitar fazer qualquer coisa de que me iria arrepender para sempre.

— Pronto. Dou-te a minha palavra. Não farei nada de que não gostes. Só tens de me dizer e eu pararei. Mas não podes mentir-me. Sei que me desejas. Vejo-o no modo como coras, como uma labareda repentina sob a pele transparente do teu rosto. Sinto o desejo na tua respiração.

Ele tinha muita prática. Antes de eu poder dizer uma palavra já estava presa nos seus braços, as minhas mãos contra o seu peito, as minhas pernas sobre as suas, de modo que estava quase sentada nos seus joelhos e recebia um beijo que me pareceu bastante perito, se bem que eu não tivesse qualquer termo de comparação. Foi um beijo que começou gentilmente e se tornou, pouco a pouco, duro; um beijo que começou com um encontro suave de lábios e se transformou numa úmida e íntima sondagem de línguas, um beijo esfomeado, sugestivo, que me deixou sem respiração e a tremer. Sob a minha mão, o seu coração batia com

toda a força e as suas moviam-se de modo experiente, uma nas minhas costas segurando-me contra si e a outra na minha coxa. Havia sensações estranhas no meu corpo nas quais eu não queria pensar e o toque dos seus dedos fez-me arfar e estremecer.

— Oh, Fainne — disse ele. — Aproxima-te. Põe as tuas mãos em mim, meu amor. Põe a tua mão aqui, deixa-me mostrar-te.

E, subitamente, os ensinamentos da minha avó deixaram de me ajudar. Na verdade, estava tão chocada que mal me conseguia lembrar de uma única palavra acerca deles. Sabia apenas que aquilo era errado. Era tão errado que, simplesmente, não podia deixar que acontecesse. Gritar ou lutar seria um sinal de indisciplina e ofensa. Concentrei-me; fiz um esforço para tratar aquilo como um quebra-cabeças a ser resolvido, enquanto as suas mãos me acariciavam o corpo e os seus lábios me beijavam os ouvidos, o pescoço e desciam na direção dos meus seios. Sentia, sob a minha mão, a parte do seu corpo que ele queria que eu tocasse. Era interessante o modo como mudava entre os meus dedos. Não era totalmente ignorante acerca daqueles assuntos apesar da minha educação estranha. Uma vez, na enseada, vira uma égua que tinha ido ao garanhão; observara o ato com grande admiração e decidira que não devia ser uma coisa muito agradável, pelo menos para a égua.

Apercebera-me, no acampamento de Dan Walker, de encontros secretos pelos cantos, sob os cobertores, ou na noite, sob as árvores; de sons e movimentos que aprendi a ignorar. Mas agora, com o corpo de Eamonn contra o meu, a sua respiração cada vez mais apressada e descontrolada e a sua mão desapertando-me o corpete para mostrar os meus seios ao sol de Inverno, sabia que tinha de o fazer parar.

Eamonn estava a desapertar o cinto e fazia pressão contra a minha mão. Fosse qual fosse a solução, tinha de ser rápida. Podia usar a arte como antes, causando-lhe uma dor lancinante nos intestinos, uma súbita fraqueza no estômago. Mas isso parecia-me um pouco cruel; e suficientemente arbitrário para ser visto de maneira suspeita.

Eu já estava no chão com todo o peso do seu corpo em cima de mim e as suas mãos extremamente insistentes. No outro extremo da plataforma a pequena égua relinchou suavemente. Cavalos. Algo acerca de cavalos. Se, ao menos, conseguisse pensar por uns momentos. Um garanhão não podia levar a cabo o ato, não podia entrar na égua, se o seu equipamento deixasse de ter desejo e se transformasse numa espécie de ferramenta. E que ferramenta impressionante. Evidentemente, com o homem acontecia o mesmo. E, se bem que não conhecesse um feitiço específico, podia adaptar um rapidamente; um feitiço que modificasse a forma das coisas, que transformasse o mole em duro, por exemplo, ou o duro em mole. Mas não repentinamente; para que não houvesse suspeitas.

— Eamonn arfei não posso fazer isto. Não está certo. Eu sempre... eu sempre disse que esperava. — Com a respiração ofegante, murmurei o feitiço enquanto a minha mão tocava aquela parte mais íntima do seu corpo. — Que esperava até me casar. — O feitiço parecia estar a funcionar com uma rapidez alarmante. Vi a expressão no seu rosto mudar de uma intensa excitação para o espanto primeiro e depois para uma aguda mortificação. Afastou-se rapidamente da minha mão.

— Desculpa — disse eu. — Sei que isto deve ser muito difícil para um homem.

— Na verdade — disse ele após um momento ou dois. — Na verdade.

— Eu... eu não posso fazer isto — disse eu sentando-me e começando a compor o meu vestido com dedos trêmulos. — Fui educada a acreditar que este ato é sagrado na cama matrimonial. Para uma mulher, quero dizer. Não quero ofender-te, ou... provocar-te qualquer angústia. Mas fiz o voto de nunca me entregar a um homem antes de ele ter metido a aliança no meu dedo.

Eamonn parecia estar a ter alguma dificuldade em acalmar a respiração.

— Desculpa — repeti.

— Não. Eu é que peço desculpa. Exigi demasiado de ti e demasiado cedo. Esqueci-me que és muito nova. Mas tu fizeste-me esquecê-lo, Fainne.

— Não tive qualquer intenção...

— Ah. Agora não me estás a dizer a verdade. Porque penso, do fundo do meu coração, que falamos a mesma linguagem, tu e eu. Vem, é melhor regressarmos a casa. Talvez tenhas percebido mal.

— Percebido mal o quê?

— A minha posição. As minhas obrigações. As minhas intenções ao convidar-te para Glencarnagh.

Senti-me humilhada, logo a seguir furiosa, e falei sem pensar.

— É melhor seres franco, Eamonn. Por que razão te darias ao trabalho de me proteger velando a verdade? Queres dizer que pensaste que eu viria e me entregaria a ti, sentindo-me honrada por um grande homem como tu se dar ao incômodo de se deitar comigo? Queres dizer que a tua intenção era apenas ir para a cama comigo, mais nada? Um homem gosta de ter uma virgem de vez em quando, não gosta? — Conseguia manter a voz firme. Esse meu descontrolo perturbava-me. Pensava que tinha sido esperta com o meu pequeno feitiço. Mas agora sentia-me reles, suja e, pior ainda, tinha sido insultada. Não gostaria de ter aquele homem como inimigo.

Mas tinha-o, também, subestimado. Fazia-o um homem mais simples do que era na realidade.

— Ficas muito bonita quando te zangas — disse ele calmamente, olhando para mim. — Teu cabelo parece que está em chamas. Os teus olhos brilham de fúria. Como pode um homem olhar para ti e não te querer? Tu és perigosa, Fainne. Muito perigosa. Mas eu sempre gostei de desafios. Aproveitemos o passeio de volta a casa, porque está um dia lindo. Nada está acabado entre nós. Somos ambos parecidos, tu e eu. Falaremos disto mais tarde. Estou certo de que encontraremos espaço para... negociarmos.

Eamonn ajudou-me a subir para a égua e começamos a descer o monte comigo à frente desta vez. Os homens de armas estavam à espera. O tempo que estivéramos ausentes não fora muito. Conseguia imaginar como eles o interpretariam. A minha reputação, entre aquela gente, não melhoraria. Ao pensar nisso, senti-me enjoada.

— Como te disse, — a voz de Eamonn veio das minhas costas, apenas audível por cima do rugido da grande cascata — não gosto de perder. Mas, no fim, verás que isto é um jogo em que ganhamos ambos.

CAPÍTULO OITO

Nessa noite retirei-me cedo e Eamonn não me fez perguntas. Mas não dormi. Doía-me a cabeça, debatia-me e virava-me, umas vezes fria como o gelo, outras a ferver de calor. Ouvia chiadeiras e retolhos na casa e os sons dos guardas mudando de turno lá fora, uma troca de palavras em voz baixa, botas caminhando na direção da cozinha, esperando o seu dono que a lareira ainda estivesse acesa e houvesse algo para comer. Por fim, levantei-me, vesti uma capa por cima da camisa de noite e percorri, também eu, o átrio, sabendo que não dormiria se esperasse na cama pelo sono. Iria buscar um chá de camomila, iria à casinha e se mesmo assim não conseguisse dormir sentar-me-ia muito simplesmente junto da vela e tentaria pôr os pensamentos em ordem. Não era que tivesse quaisquer deveres a cumprir. Poderia descansar o dia todo, se quisesse. Por que outra razão viera para aquele local senão para providenciar algum divertimento a Eamonn, uma diversão picante na sua existência bem ordenada? Era evidente. Fora estúpida em não perceber. Não admirava que me sentisse reles.

A casa dormia. No fim do átrio brilhava uma luz vinda da cozinha, a luz da lareira, através da porta aberta. Talvez ainda lá estivesse gente. Mas a passagem estava na sombra, iluminada apenas por uma vela aqui e ali em pequenos recantos para torná-la segura para pessoas como eu, que sentiam necessidade de vaguear durante a noite. Os quartos estavam às escuras. Caminhei suavemente de chinelos, cuidadosamente para não perturbar ninguém. Não me apetecia companhia.

Um pequeno som chamou-me a atenção, um arfar rítmico, um ah... ah... ah... baixinho. Fiz uma pausa ao passar pela soleira de um dos quartos às escuras.

Devia ter-me afastado imediatamente quando os vi. Mas descobri que não era capaz.

Fiquei presa ao chão, a olhar. A luz fraca das velas no corredor revelava vagamente as formas. Reconheci a mulher. Trabalhava nas cozinhas, Mhairi, era esse o seu nome, uma criatura agradável se bem que um pouco desleixada, com uma figura generosa e bonitos olhos escuros. Estava de costas para a parede, de pernas afastadas, a camisa de noite enrolada até à cintura e Eamonn fazia com ela o que não pudera fazer comigo na cascata. Os efeitos do meu feitiço tinham tido pouca duração. Não abraçava a mulher; tinha as duas mãos plantadas na parede de cada lado da cabeça dela e mal olhava para ela enquanto empurrava, empurrava com uma determinação que me pareceu não estar muito longe da ira. Mhairi parecia estar a gostar; tinham sido os seus gritos que eu ouvira e, na sombra do quarto pude ver os seus olhos semicerrados, o rosto corado e os lábios abertos. Não consegui que as minhas pernas se movessem para longe daquele lugar onde não tinha nada que estar. O ritmo dos seus movimentos aumentou, Mhairi deu um súbito gemido, Eamonn gritou, empurrou uma última vez e eu afastei-me silenciosamente, fugindo para a relativa segurança da cozinha, as faces coradas de embaraço e vergonha.

Os meus sonhos não fizeram nada para afastar os sentimentos de constrangimento e auto-repugnância e pela manhã descobri, muito simplesmente, que não poderia sair para as minhas tarefas diárias como se nada tivesse acontecido. Em Kerry, quando tínhamos determinados sentimentos, havia sempre uma solução. O meu pai fechava-se no seu gabinete de trabalho para lutar com os seus problemas à sua maneira, ou ia dar um passeio pela praia, sob o vento e a espuma do mar, apenas com Fiacha como companhia. Se estivéssemos no Verão, eu ia ter com Darragh e contava-lhe a minha história angustiante, ou sentava-me com ele em silêncio enquanto o mundo regressava lentamente ao seu sítio. No Inverno, meditaria: fixaria os meus pensamentos numa única frase do conhecimento, ou no fragmento de um verso e deixaria cair o resto. Em Kerry havia tempo e espaço para tais coisas. Ali era diferente. As raparigas andavam sempre por perto, esfomeadas por companhia. E Eamonn estava presente, Eamonn, que tornara claro que o assunto entre nós ainda não tinha acabado. Não podia enfrentá-lo, não podia. Havia gente por toda a parte.

Não havia possibilidade de um pouco de tranqüilidade.

A minha cabeça estava cheia de pensamentos indesejáveis. A minha mente estava tão confusa que era impossível ver o caminho que tinha de tomar. O Inverno estava a chegar e eu ainda não conseguira nada senão uma descida à confusão e à dúvida. Podia agradecê-lo às criaturas que se chamavam a si próprias Anciãos. Não queria acreditar no que me tinham dito acerca da batalha e do seu significado. Não me queria confrontar com isso. Mas tinha de o fazer. Uma serva trouxe-me água quente para me lavar e eu disse-lhe que estava indisposta. Queria passar o dia sozinha no meu quarto, disse-lhe. Não, não queria comida nem bebida para além do jarro de água que já tinha mandado buscar. Tinha lenha para a lareira. Disse-lhe para dizer a toda a gente que não queria ser perturbada. A toda a gente. Ficaria bem, desde que ninguém me incomodasse.

Em seguida, fechei a porta, acendi a lareira e sentei-me diante do fogo de pernas cruzadas com um cobertor entre mim e o chão de pedra. Ia ser um dia longo, porque a minha autodisciplina tinha enfraquecido um pouco desde que deixara Kerry. O meu pai sempre me disse que o frio era um estado de espírito. Deve aprender-se a lidar com o modo como ele faz tremer o corpo e fazer-nos desejar um cobertor e um pouco de vinho quente. Deve aprender-se a pôr isso de lado. Eu costumava sentar-me do alvorecer ao crepúsculo junto das pedras, ou nas saliências do Favo de Mel.

Mas agora precisava do meu cobertor e da minha pequena lareira. Estava a descuidar-me. Estava a permitir que aquela gente me perturbasse e mudasse.

O tempo passou. Comecei pelo conhecimento, que veio quase sem eu pensar. O seu recitamento transportou-me até um certo ponto. Fixei os olhos no fogo; pensei nele em todas as suas formas e comecei a mergulhar profundamente no meu transe, diminuindo o ritmo da respiração, o corpo banhado em luz, a mente começando a libertar-se, já quase na fronteira,... e então ouvi baterem delicadamente à porta.

— Fainne? Fainne!

Era Deirdre. Eu já estava longe e ouvi a sua voz como que através de uma barreira, do fundo de um poço. Ignorei-a, agarrando-me à minha imobilidade com todas as minhas forças.

— Fainne!

— Talvez esteja a dormir. — Era a voz de Eilis.

— Estamos a meio do dia. Não pode estar a dormir.

— É melhor deixá-la em paz — disse a voz de Clodagh, a voz da compreensão. — disseram...

— Sim, mas...

— Deirdre. Elas disseram para não a perturbarmos por nada deste mundo. Por nada deste mundo.

— Sim, mas...

As suas vozes enfraqueceram. Mas tinham-me perturbado. Percebi que não podia regressar ao meu transe e senti-me mal, como quando alguém nos interrompe abruptamente esse estado de consciência. Agora que as palavras me tinham perturbado, foram seguidas por pensamentos e sentimentos e a minha mente relatou-me de novo os acontecimentos do dia anterior e da última noite, mas não conseguindo que fizessem qualquer sentido. Muito bem, Eamonn quisera uma mulher e como eu o frustrara com o meu pequeno feitiço, ele fora a outro sítio. Isso era lógico. Por que razão me oporia à descoberta de que uma era tão boa como outra? Por que razão me havia de preocupar com a idéia de que ele só me tinha convidado porque pensava que eu era uma presa fácil, pobre, inocente, uma coisa adorável? Não podia ser. Não jogaria o jogo da minha avó com ele. Já decidira isso antes de termos ido passear juntos. Portanto, por que razão me doía ele ter-me achado reles e por que razão me aborrecia o fato de ele ter encontrado uma substituta com tanta facilidade? Pensava que ele me achara, bela? Que eu seria a cura para todos os seus problemas? Talvez que ele pensasse casar comigo?

Não és nada, disse eu para mim própria. *É Liadan que ele quer. Para ele, as mulheres são todas iguais. Não passaste de mais uma virgem. Não és nada. Toma atenção. Que homem amaria uma rapariga como tu? É melhor contentares-te com aquilo em que és boa.*

Olhei através do quarto para as teias de aranha na soleira da entrada. A grande aranha ao canto estava no centro da teia maior, escura e muito quieta, esperando.

Concentrei-me nela. O animal estremeceu e ali, na parede de pedra, apareceu uma minúscula e brilhante criatura, meio abelha e meio pássaro, agarrando-se à superfície rugosa com pequenos pés parecidos com garras. Parecia sentir-se ali desconfortável, como se preferisse estar num bosque colorido envolta em flores exóticas. Fiz com que a aranha regressasse e observei-a a fugir para se esconder, sem dúvida um pouco abalada.

Levantei-me, desaparecida a capacidade para me manter imóvel e servi-me de um pouco de água. Quando estava inclinada, de jarro na mão, algo caiu na taça com um pequeno plof. Era o amuleto de bronze que tinha no pescoço, o que a minha avó me tinha dado. *Usa-o sempre. Nunca o tires, compreendes? Ele proteger-te-á.* Pesquei-o do fundo da taça e sequei-o na saia do meu vestido. O cordão onde estivera seguro estava gasto. Teria de arranjar outro. Meti cuidadosamente o pequeno talismã na arca de madeira que trouxera comigo de Sevenwaters, bem no fundo, onde estaria seguro.

Uma das raparigas devia ter um pedaço de guita, ou uma fita, para eu o prender de novo ao pescoço.

Talvez a água me tivesse acalmado. Senti a cabeça mais límpida. E o Sol estava a atravessar as nuvens no lado de fora da minha janela. O quarto parecia mais iluminado. Espreguicei-me e pus-me de novo à lareira. Entrelacei as mãos no colo e fechei os olhos. Desta vez usaria o olho da mente para imaginar o meu lugar secreto, o lugar do meu coração. Uma pequena gruta, quase subterrânea. A luz suavemente cinzento-azulada, como se esta e a

sombra fossem uma só coisa naquele pequeno espaço misterioso. O único som provinha do vaivém das pequenas ondas numa praia de areia branca a dois passos de distância. Um lugar onde a terra, o mar e o céu se encontravam e tocavam de uma maneira maravilhosa e doce. A minha mente estava calma. O meu coração batia regularmente.

Uma espécie de paz entrou no meu espírito. Sutilmente, comecei a caminhar na direção do reino para além do pensamento, que é o reino da luz.

Algum tempo depois ouvi baterem à porta e, de novo, vozes.

— Fainne! Estás acordada?

Desta vez era Clodagh. Mudara de idéias e decidira perturbar-me. Mas as suas palavras passaram por mim sem qualquer significado. Continuei imóvel; estava demasiado longe para regressar assim tão facilmente.

— Fainne! — o tom era insistente. E então ouviu-se uma outra voz, uma voz de homem.

— Pensei que te tinham dito para deixares a tua prima em paz, hoje.

— Sim, tio, mas...

— A tua mãe não te ensinou a obedecer a uma ordem? — Um pequeno silêncio.

— Ensinou, tio Eamonn.

— Nesse caso, ela ficaria muito zangada se soubesse que preferiste ignorar os seus ensinamentos, agora que estás longe de casa.

— Sim, mas...

— Ouve o que te digo, Clodagh. A tua prima está cansada, talvez, até, nem esteja bem. Devias respeitar o desejo dela. Eu trouxe-a para aqui para descansar, não para ser constantemente incomodada. Vai fazer outra coisa qualquer. Tu e as tuas irmãs.

Seguiu-se uma espécie de pausa revoltosa. Então, três ou quatro vozes fininhas murmuram:

— Sim, tio Eamonn. — Som de passos a afastarem-se e depois o silêncio. Ouvi aquilo tudo, se bem que estivesse no meu lugar secreto, no meu paraíso. Algures, nas profundezas da minha mente, veio-me o pensamento: *Chegou a hora de as levar para casa. Para Sevenwaters. Para a floresta.*

Ao crepúsculo já eu tinha completado a minha meditação e regressara ao presente e ao meu quarto. Sentia-me cansada, mas diferente. Senti que seria capaz de dormir sem pesadelos. A minha mente estava calma. Depois do jejum e do silêncio, o meu corpo parecia, de certo modo, mais limpo. Sentia-me mais perto de mim própria, da rapariga de Kerry, da rapariga que me parecera perdida. Talvez, no fim de contas, tivesse estado presente o tempo todo, essa rapariga que era capaz de tomar decisões e de ver o futuro e que sabia quando começar e quando parar. Talvez só tivesse precisado do silêncio para a encontrar.

Não desci para jantar. Queria manter aquele sentimento. Queria que se mantivesse profundamente dentro de mim, para ter coragem de enfrentar tudo de novo.

Especialmente para que pudesse encontrar-me de novo com Eamonn, agradecer-lhe polidamente a hospitalidade e dizer-lhe que queria levar as raparigas para casa imediatamente. Tinha acabado tudo, antes mesmo de ter começado. Um erro de ambas as partes. Um equívoco.

Deitei-me na cama, tapei-me com o cobertor e ensaiei o discurso mentalmente. Era importante que o dissesse como deve ser. Eamonn era um homem poderoso apesar de todos os seus defeitos e eu não queria ofendê-lo. Mas tínhamos de ir embora. Para mim, era agora claro. Não era capaz, simplesmente, de fazer o que a minha avó queria. Eu não era o que ela pensava. Não podia ser como ela. Mesmo que fizesse o que ameaçara fazer, ferir o meu pai, não conseguiria fazê-lo. Se os Anciãos estavam certos, não se tratava apenas de ganhar ou perder uma batalha. Era muito mais do

que isso. Era a diferença entre um possível futuro e futuro nenhum. Era evidente que tais acontecimentos se desenrolariam independentemente do que eu pudesse fazer.

Teria de o dizer à minha avó. Teria de recusar fazer o que ela queria e sofrer as conseqüências. Talvez pedisse ajuda a Conor. Talvez lhe contasse a verdade e me entregasse à sua mercê.

Sentia-me sonolenta. O fogo brilhava, dourado e a vela ardia firmemente na sua prateleira. As pessoas da casa deviam estar a jantar, as crianças no seu quarto, talvez discutindo se me deviam ter acordado ou não por uma qualquer razão trivial. Os homens e as mulheres no calor da cozinha. O senhor do Túath sentado sozinho à sua bela mesa. Fiz um esforço para não sentir pena dele. Ele era o culpado da sua solidão. Ele é que a escolhera.

Quente e descontraída, deslizei para o sono. Perguntei a mim própria o que quereriam as raparigas. Não tinham regressado depois de Eamonn lhes ter ordenado que se fossem dali embora. Provavelmente algum pequeno drama, um dedo cortado ou um gato perdido. Havia ali muita gente para as ajudar. Não percebia porque vinham sempre ter comigo. Agora ia dormir e teria sonhos maravilhosos acerca do mar e do céu, dos velhos amigos e dos tempos da inocência. De manhã recomeçaria tudo com toda a coragem de que era capaz.

— Fainne.

A princípio recusei acreditar. Fechei os olhos com força, como que para negar a voz familiar que estava a ouvir ali mesmo ao lado da minha cama, à luz da lareira.

— Fainne! Levanta-te!

Ela estava ali. Não apenas a sua imagem nas brasas escaldantes, não apenas o gentil murmúrio da sua voz na minha mente, mas ela mesma, a minha avó, ali comigo, no interior do meu quarto escuro e fechado à chave. Gelada devido ao choque, virei a cabeça e deixei que os meus olhos se certificassem do que o meu coração, aos pulos, já sabia que era verdade. Ali estava ela, a

menos de dois passos de mim, na sua forma de anciã, os cabelos desgrenhados, o vestido esfarrapado, os dedos parecidos com garras e o olhar sinistro. A sua voz vibrava de fúria.

— Levanta-te! Vamos! Coloca-te diante de mim e presta-me contas, pequena!

Fiz como ela me ordenou, tremendo dentro da minha camisa de noite. Os meus sentimentos de paz e confiança desvaneceram-se quando reconheci a sua voz.

— C... como é que entrou aqui? — murmurei.

— Achas que não tenho o poder de me transportar de um lado para o outro? — Perguntou ela rispidamente. — Subestimas-me, pequena. Nunca conseguirás escapar à minha vigilância. Não penses que me enganas. Onde está o amuleto? Que lhe fizeste?

Subitamente, fiquei gelada de pavor. O amuleto; um feitiço de proteção, dissera-me ela e eu, louca, tinha acreditado. No momento em que o tirara voltara a ser eu própria. E agora ali estava ela, lívida de fúria, tão cheia de magia destrutiva que até as pontas dos seus dedos estalavam. Escolhi as palavras com cuidado.

— O cordão partiu-se. Guardei-o para não o perder. Amanhã arranjo outro cordão e ponho-o de novo ao pescoço. Não me esqueci do que me disse para fazer.

— Mostra-mo.

Fui até à arca de madeira, abri-a e comecei metodicamente a tirar as minhas roupas dobradas, a minha escova de cabelo e outras pequenas coisas. As minhas mãos tremiam. Mesmo no fundo estava o amuleto e quando peguei nele encontrei outra coisa; um pequeno objeto há muito esquecido, deixado ali ao longo dos anos, talvez esperando aquele momento. Senti um baque no coração. *És capaz de te esquecer*, disse uma voz na minha memória.

— Então? Tem-lo? Mostra-mo!

Estendi a mão com o amuleto de bronze na palma. Ela fungou.

— Muito bem. Amanhã. Sem falta. Atreve-te a tirá-lo outra vez e colocar-te-ás, e aos nossos esforços, em grande risco. Tira-o e perderás a tua última proteção contra esta gente. Olha que eles são fortes. Compreendes, Fainne?

— Sim avó. — Compreendia muito bem, se bem que um pouco tarde. Se não usasse aquele pequeno talismã, o seu pequeno feitiço para me obrigar a fazer o que ela queria, viria rapidamente ter comigo, pronta para me punir a mim e ao meu pai. Aquilo não era nenhum amuleto de proteção, antes um aparelho para distorcer a mente, um feitiço para me controlar. Não admira que sentisse, por vezes, que os meus pensamentos não me pertenciam. Não admira que me tivesse odiado a mim mesma.

— Ora bem, Fainne. Pergunto a mim própria se te terás esquecido porque estás aqui.

— Não, avó. Mas...

— Mas? — O tom de ameaça naquela simples palavra quase me gelou. Respirei fundo, outra vez, e disse para mim própria: *Filha do Fogo. Procura a tua força, Filha do Fogo.*

— Creio que não sou capaz de fazer o que pretende, avó. Tenho... tenho...

Nesse preciso momento senti uma dor, como se fosse um dardo, na minha têmpora direita, uma dor que me fez cair de joelhos e me deixou no chão a vomitar com o sabor amargo da bílis a escorrer-me pelo queixo, já que o meu estômago estava vazio devido ao dia de jejum.

— Eu... eu...

— O que é que ias dizer, Fainne? — perguntou ela suavemente.

— Eu... pelo menos ouça-me. Pelo menos, pode deixar-me acabar antes de me castigar pelas minhas palavras.

— Deixar-te, pelo menos, acabar? Oh, minha querida. Quando é que percebes que posso fazer tudo o que me apetece? Tudo,

pequena!

— Tudo menos praticar alta magia? — murmurei. — Tudo menos restringir a atividade do meu pai? Isso não é tudo.

— Como te atreves? Como te atreves a desafiar-me? Como te atreves a responder-me dessa maneira?

Outra dor excruciante, desta vez do lado esquerdo. Rastejei a seus pés com a cabeça entre as mãos e o mundo a girar descontroladamente em frente dos meus olhos cerrados.

— Está enganada. — A minha voz era apenas um pequeno murmúrio; mas o meu pai ensinara-me bem. Através da agonia que me perfurava o cérebro, consegui encontrar as palavras. — Aquilo que quer. A floresta. As Ilhas. Está completamente enganada. A batalha tem de ser ganha, não perdida. As Ilhas têm de ser salvas, não desperdiçadas. Sem elas, nenhum de nós sobreviverá. Não posso fazer isto, avó. Nem por si, nem pelo meu pai, nem por ninguém.

— Levanta-te.

Pensei que as pernas não agüentariam comigo. A dor estava a passar lentamente, mas o meu corpo estava encharcado de suor e tinha contrações no estômago. Lutei para me pôr de pé, cambaleando.

— Olha para mim, Fainne.

Fiz um esforço para olhar para ela. Os seus olhos brilhavam, escuros; ela olhava para mim como se quisesse ler os segredos mais profundos do meu coração.

— Eles disseram-te isso. Falaste com eles. Quem foi? A dama da capa azul e voz de mel? Aquele que paira na orla da Visão, esquivo, entre a Luz e a escuridão? A donzela toda caracóis e vestidos sussurrantes, ou o senhor de chamas nos cabelos com as suas maneiras imperiais e joguinhos mentais? Quem foi? Não acredites neles. Eles são os inimigos da nossa espécie. A nossa

demanda consiste em contrariar os seus objetivos, não em ajudá-los.

— Creio que está enganada. E não posso fazê-lo. Arranje outra ferramenta. Já que tem tanto poder, que até consegue estar aqui neste instante, porque não leva a cabo a tarefa? Ao pé de si, eu não sou nada. Não está contente comigo. Tornou isso muito claro. Leve a cabo o seu ato de destruição. Procure a sua própria vingança.

Ela olhou para mim sinistramente, de sobrancelhas erguidas em sinal de desprezo.

— Por vezes, és muito estúpida, Fainne. Há uma maneira certa de isto acontecer e uma maneira errada. A coisa tem de desenrolar-se de acordo com a profecia até ao fim. Por que razão pensas que não te disse para matares os seus chefes, ou vender os seus segredos ao inimigo? Por que achas que te deixei tanto tempo com os teus próprios expedientes? Quero que te insinues, que te intrometas nas suas vidas e nos seus corações, pequena. Quero que eles confiem em ti. Quero que te amem. Então, no fim, apareces. Apareces, sorrindo e desferes o golpe mortal. Tu foste feita para esta tarefa, Fainne. É só tua, tua unicamente.

— Não faço. Castigue-me como quiser. Não posso continuar a magoar inocentes, a abusar da minha arte e a fazer disparates sem pensar nas conseqüências. Nem que acreditasse no objetivo a atingir.

Silêncio carregado. Continuei a respirar controladamente, pensando onde seria atingida pelo golpe de agonia seguinte.

— Não te estás a esquecer de nada? — a minha avó disse em tom sedoso, apontando para as brasas brilhantes da lareira. Virei-me. Enquanto olhava, as chamas subiram por si próprias, torcendo-se e vacilando até formarem uma imagem. A imagem do meu pai, sozinho no seu gabinete. À sua volta, em vez das prateleiras arrumadas, das filas ordenadas de garrafas e jarros, dos rolos de manuscrito cuidadosamente armazenados, havia um caos total, como se cada acessório, cada talismã, cada formulário de feitiçaria, cada ingrediente secreto tivesse sido tirado do seu lugar por um

violento ato do destino. O meu pai rastejava pelo chão, o peito arfante, a boca aberta procurando respirar. As suas roupas estavam em farrapos. Parecia um esqueleto, uma frágil coleção de ossos que parecia unida apenas pela pele pálida e esticada. Ele olhou para mim com os mesmos olhos intensos e escuros da minha avó.

Virei-me com o coração a bater com força. Apelei a todas as minhas forças, mas a minha voz continuava trêmula.

— Eu conheço o meu pai — disse eu. — É terrível ver isto, se é, na verdade, uma visão autêntica. Mas o meu pai busca o caminho da Luz, se bem que lhe esteja vedado. Preferia sofrer e morrer do que ver perecer pessoas inocentes e coisas destruídas só porque eu o quero proteger. Eu conheço o meu pai. Conheço-o melhor do que a avó, porque sou a sua única filha.

Então, senti a dor de novo, no pé, desta vez, torcendo-se e ardendo de febre, como se os ossos tivessem sido agarrados e torcidos por um punho de ferro. Deixei escapar um grito de terror.

— Nunca gostaste desse pé, pois não? — observou a minha avó num tom amável. — Sempre desejaste ser uma beleza. Quem te pode culpar? Não percebo porque não usas mais o Encantamento. Enfim, estás aqui, em casa de um homem influente ainda solteiro. Que presa. Pensa, Fainne. Uma vez Sevenwaters derrotada, este tipo pode ficar com tudo. Os três domínios num só. O teu filho herdaria tudo. O neto de Ciarán. Um da nossa espécie. Seria o maior possuidor de terras de todo o Ulster. E tu serias a mãe dele. Com um poder assim, quem precisa de beleza?

Senti outra excruciante onda de dor no meu pé e cerrei os dentes com força para não gritar. A dor cessou.

— Estás a ver? — disse ela calmamente. — Olha para o pé.

Olhei para baixo e senti o sangue fugir-me do rosto. Onde antes estivera o meu pé direito, aquele cuja forma era ligeiramente diferente, um pouco curvo, um tudo nada inclinado para dentro, estava agora uma pata horrível igual à de um monstro de uma velha

história, a imitação grotesca de um pé peludo, inchado, com dedos bulbosos e garras amarelas, retorcidas, grandes como cornos.

— Posso fazer mais — disse ela. — Muito mais. As mãos. O rosto. O próprio corpo. Passo a passo. Os homens fugiriam aos gritos. Nunca mais te atreverias a pôr os pés na rua. Ainda me queres desafiar?

A minha avó sentou-se, sorrindo, como que por acaso, na borda da cama. Olhei para a monstruosidade que tinha no lugar do meu pé. Chamei um feitiço para mudar aquilo. Murmurei as palavras.

— Oh não — disse a minha avó em voz baixa. — Não é tão fácil como isso. E antes que eu pudesse acabar o encantamento, o contrafeitiço já estava em ação e a minha pata peluda continuou como estava.

— Muito bem — disse eu com as lágrimas a correrem-me pela cara abaixo. Talvez consiga fazer pior ainda. Talvez eu me transforme num monstro. Então, farei como a minha mãe e acabarei com tudo. Corto os pulsos. Atiro-me da torre de Sevenwaters. Vou até ao lago e entro nele até que a água me cubra a cabeça. E depois?

— Rapariga miserável. O teu pai vai responder por isto. Toma lá. — A minha avó estalou os dedos e o meu pé regressou à sua forma primitiva.

Prendi a respiração e reprimi o abjeto agradecimento que me veio aos lábios. Não lhe ia dar a saber quão perto estivera de desistir quando vi o que ela era capaz de me fazer.

— Senta-te, pequena. Enrola-te neste cobertor. Está frio. Estou a ver que tens algumas coisas bem bonitas na tua arca. Uma série de vestidos bem bonitos. Isso é um alívio. Não podes cortejar um homem rico vestida como a mulher esfarrapada de um pescador. E que xale maravilhoso, todo colorido. Vem do mercado dos latoeiros, não vem?

— É uma porcaria. — Com um grande esforço, mantive o rosto e a voz impassíveis. Sabia onde ela queria chegar. — Pode ficar com ele, se quiser — acrescentei. — Não representa nada para mim.

— Não? Mas é muito barato e muito vistoso para o meu gosto, Fainne; a espécie de coisinha que um viajante daria à sua namorada. Não seria capaz de usar esta coisa tão garrida.

— Foi tolice da minha parte sugerir que ficasse com ele — disse eu levantando-me e começando a meter de novo as minhas coisas na arca.

Por trás de mim, a minha avó falou de novo.

— Portanto, deixas que o teu pai sofra e morra. Não te importas de te transformar num monstro. Não te preocupas com o teu futuro. Isso surpreende-me, devo admitir. Não és a rapariga que eu pensava que eras. Mas não me desafies, Fainne.

— Não sei o que quer dizer. Não me pode obrigar a fazer o que quer. Não me pode forçar.

— Achas que não? E se visses todos aqueles que amas, todos aqueles com que te preocupas, abatidos um a um? E se assistisses à destruição lenta de tudo o que te é querido? Se assistisses a isso sabendo que podes impedi-lo? Que aconteceria, então? Não farias nada para os proteger?

— Não sei o quer dizer — disse eu respirando com dificuldade, mas já um terror profundo se espalhava pelo meu corpo à medida que eu me apercebia do significado das suas palavras. — Eu não tenho ninguém. Não me importo com ninguém senão com o meu pai. E já lhe disse, sei muito bem o que ele pensaria disto.

— Oh, não tenhas dúvidas, ele vai continuar a sofrer. Quanto aos outros, não acredito em ti. Tenho-te observado de vez em quando. Vi um certo olhar nos teus olhos. Vi-te a brincar com as crianças, aconchegando-as na cama, fingindo-te aborrecida com as suas impertinências. Vejo como as tuas mãos lidam com essas tuas coisas, como se as recordações fossem demasiado preciosas para

mexer nelas de qualquer maneira. Não duvides, Fainne. Verás tudo, passo a passo, de modo agonizante. Uma queda infeliz de um cavalo. Uma jovem desgraçada pela companhia errada. Um assado comido à beira da estrada com uma má escolha de cogumelos. Um incidente infeliz com um anzol. Tudo acidentes. Quanto a ti, talvez venhas a ser a única a não sofrer nada. O teu trabalho será ver como eles sofrem à tua volta. Ver, sabendo que podias ter evitado tudo. Sabendo que, sem a tua desobediência, nada teria acontecido.

— Pare! Pare! Como é que sabe que isso é verdade? Pode estar a mentir-me. O meu pai pode, até, nem sequer estar doente. Posso muito bem desafiá-la e não acontecer nada!

— Achas? — Ela olhou para o meu pé. — Se quiseres experimentar, não te posso impedir, minha querida. Mas o risco é teu. E tens razão, não podes saber se o teu pai sofre. Não enquanto não regressares a Kerry. E, se regressares, asseguro-te de que os seus ossos estarão na areia, branqueando ao sol, antes de chegares à tua pequena enseada. É claro que podes sempre mandar um latoreirozinho com uma mensagem. — A minha avó olhou para a arca de madeira, onde o xale estava desdobrado. — Podes sempre fazer isso. Mas, quem sabe se ele chegaria lá são e salvo com as estradas perigosas como estão? Poderia muito bem ser assassinado, por exemplo, por causa dos seus pequenos haveres antes de atingir o fim da jornada.

— Pare! Que maldade!

— Ah! Maldade? Tens muito que aprender. Entre o Bem e o Mal, a sombra e a Luz, há apenas um cabelo a separá-los. No fim, é tudo o mesmo. Diz-me. Diz-me tudo o que fizeste desde que aqui chegaste. Todos os pormenores.

— Não me tem estado a observar o tempo todo? Não sabe tudo?

Ela deu uma risada.

— Não, não sei. Vejo apenas fragmentos. Um bocadinho aqui, um pouco mais além. Peças de um quebra-cabeças. Um quebra-

cabeças que me preocupa. É por isso que estou aqui. E agora conta-me. Depois, veremos o que se segue. Tens andado a perder tempo. Mas isso acabou, ouviste?

— Sim, avó.

Contei-lhe. Com o coração apertado de angústia e a cabeça cheia de lágrimas por derramar, contei-lhe tudo. Tinha de o fazer, porque a culpa era minha. Permitira que aquela gente entrasse no meu coração. Permitira-lhes que me encantassem e eu começara a ser um deles. E agora não podia ficar de lado a ver Sibeal, ou Clodagh, ou as outras a serem magoadas. Não podia ficar de lado vendo a tia Aislimg perder outra filha. Especialmente, não podia permitir que a minha avó se interessasse mais pela família de Dan Walker, estivessem onde estivessem. Estendera-me uma armadilha e eu caíra nela.

Por fim, estava tudo contado. A história do incêndio, se bem que tenha deixado de fora o que sentia acerca do meu passeio na floresta com Conor e o que sentira na celebração de Sambain. A história acerca do que dissera a Eamonn, a minha vinda para Glencarnagh e como as coisas tinham acontecido entre nós. Não falei dos Anciãos e o menos possível das crianças. Em especial não mencionei Sibeal e os seus estranhos olhos límpidos, de vidente.

— Hum — disse a minha avó quando eu acabei. — Tens de usar esse homem, Eamonn, isso é evidente. Tens e usarás. Eu conheci o pai dele. Este é igual. Um homem muito poderoso, Fainne. E perigoso. Um homem sem honra. Um homem que não hesitará em apunhalar o irmão pelas costas se isso servir os seus interesses. Um homem que nunca esquece nada.

— De certeza que está enganada. — Estranho como era, era difícil acreditar que Eamonn fosse tão convencional. Não me dissera ele que nunca violava as regras?

— Não acredites nisso. Ele é a resposta para os teus problemas. Usa o seu ódio. Usa o seu desejo. Faz com que te queira de maneira a prometer-te tudo o que lhe pedires.

— Isso é ridículo. — Eamonn pode ter as mulheres que quiser. O interesse dele por mim foi momentâneo. Ele não se quer casar comigo. Tenho a certeza.

— Então, tens de o fazer mudar de idéias. Assume o controle. Usa a arte. Faz com que ele arda de desejo por ti.

— N... não posso. Tenho vergonha e rebaixo-o. N... não é justo.

— Justo? Justo, diz ela? — A minha avó deu outra risada carcarejante. Pensei quanto tempo demoraria até alguém a ouvir e bater à porta para perguntar se estava tudo bem. — Esquece o que é justo. Esquece a honra. Isso são conceitos sem qualquer significado. Só uma coisa que interessa aqui, Fainne. O poder. O teu poder sobre esse homem. O seu poder para quebrar a aliança. O nosso poder para derrotar os Fair Folk. Poder e vingança. O resto não interessa.

— Sim, avó.

— E agora conta-me outra vez. Conta-me o que ele disse acerca da tua tia Liadan. E conta-me o que ele disse acerca do marido dela.

— Não preciso de repetir. Sei o que tenho de fazer.

— Ah! Tu? Custa-me a acreditar pelo que fizeste até agora.

— Eu sei o que tenho de fazer — repeti azedamente. — Faria melhor se me deixasse sozinha para continuar.

— O quê? Continuar o quê?

E contei-lhe tudo, passo a passo: um plano baseado no ciúme e na obsessão, que usava subterfúgios e traições para conseguir o objetivo final. Mal acreditava que iria para a frente com ele. Mas parecia não haver outra saída. Quando acabei, a minha avó sorriu com os seus dentinhos aguçados na boca envelhecida pela idade.

— Muito bem — disse ela. — Muito bem, Fainne. Talvez, no fim de contas, te tenhas transformado em alguém apesar do teu aspecto pouco atraente.

— Avó, pode acreditar que vou até ao fim com isto. Não haverá necessidade de vir aqui outra vez. Se vier, posso ter dificuldade em manter a confiança deles.

Ela tremeu de alegria.

— Agora dás-me ordens? Venho se quiser, pequena.

— Não está a ouvir. Dou-lhe a minha palavra. Farei como quer, desde que... desde que não...

— Magoe os que amas? Oh minha querida, o amor é uma coisa tão confusa para uma rapariga, não é? Passaríamos todas muito bem sem ele. Quanto mais depressa te aperceberes disso mais fácil a vida te parecerá. Nunca escolhas um homem por amor. Não há futuro nisso.

— Concorda? Acredita que levarei isto até ao fim por si?

— Acreditar? Ah! Preciso de uma garantia. E grava as minhas palavras na tua cabecinha: Se não conseguires que esse teu plano funcione, terás de tomar medidas mais drásticas. Dar-te-ei um pouco de tempo extra, apenas o suficiente. Mas quero ver progressos, Fainne. Quero resultados. Tens razão, não venho para estas bandas de bom grado. Usa o amuleto. Saberei se estás em segurança. Não o tires. Nunca, compreendes?

Ela estava a olhar outra vez para mim intensamente, como se quisesse ler-me a mente. Graças à grande deusa, nunca aperfeiçoara a arte de ler os pensamentos, de falar sem palavras. E ela só me consegue ver se eu o usar. Doce Brighid, era verdade. Tinha sido estúpida. Mesmo cega.

— Sim, avó. Amanhã arranjo um cordão forte e volto a pôr o talismã ao pescoço. Prometo.

— Espero que não me estejas a mentir. Saberei se não cumprires a promessa. E haverá outros a sofrer.

Mordi os lábios e abstive-me de responder.

— Muito bem — disse ela expansivamente. — Uma visita tão agradável. Toma cuidado para que dê tudo certo, Fainne. Não me assustes outra vez. Atreve-te a deixar-me ficar mal e verás como posso ser criativa, prometo-te. Faz as coisas como deve ser e talvez não me vejas de novo durante muito tempo.

— Sim, avó.

— Então adeus.

Observei enquanto ela se desvanecia lentamente à luz fraca da lareira e da vela solitária. Fiquei a olhar até todos os traços daquela velha desgrenhada e odiosa terem desaparecido. Mesmo depois, passei a mão pelo ar uma, duas, três vezes antes de me dar por satisfeita e de que não havia ali nada. Lá fora estava escuro. O jantar já devia ter acabado e as raparigas deviam estar a preparar-se para irem para a cama. Eamonn devia estar sentado, sozinho, em frente da lareira do salão com um jarro de vinho por companhia. Talvez devesse começar esta noite mesmo. O meu coração fraquejou.

Por que acreditara que tinha força suficiente para a desafiar? Por que me permitira pensar que poderia escolher o meu caminho, que poderia ir na direção da Luz em vez de na da escuridão? Não havia escolha para mim, nunca haveria.

E o amuleto. Que tola fora para não reconhecer aquilo como um feitiço de feiticeira!

Usa sempre isto. Proteger-te-á. Um aparelho para distorcer a mente, o mais poderoso dos instrumentos de controle; através dele podia ver-me e dobrar-me à sua vontade. Eu lera, em tempos, acerca daquele feitiço, nas páginas poeirentas de um velho livro. Enquanto o usasse, ela poderia sempre encontrar-me. No momento em que o tirei ela soube; soube e veio ter comigo a toda a velocidade, furiosa e... e também algo mais. Quase assustada. Como se uma Fainne fora de controlo fosse infinitamente mais perigosa para ela do que todos os Fair Folk do mundo. Mas talvez não fosse assim. Como feiticeira semitreinada que era, mal sabia os ramos mais desafiadores da arte, impedida pela minha juventude e

inexperiência. Pelo contrário, a minha avó era uma mestra, mais poderosa até do que o meu pai, porque não o adoecera ela fatalmente com o seu feitiço? Devia estar enganada. Olhei de relance para a arca de madeira. O amuleto estava lá. Pô-lo-ia de novo ao pescoço no dia seguinte. Tinha de manter a minha palavra. Era a única maneira. Protegê-los-ia, ao meu pai, às raparigas, à família e... e a todos os que me eram próximos. Não podia permitir que ela os destruísse um a um.

Ouvi as pessoas a deslocarem-se no átrio. Não era assim tão tarde. A minha avó viera e desaparecera entre o começo do jantar e o apagar das últimas velas. Tinha de ir falar com Eamonn enquanto tinha coragem. Tremendo de frio, despi rapidamente a camisa de noite e vesti um vestido lavado. Atei os cabelos na nuca com uma fita.

Calcei os chinelos e disse a mim própria que nunca mais me voltaria a queixar do meu pé defeituoso. Lavei a cara com água tirada do jarro enquanto sentia o bater do meu coração e as garras do medo em todo o meu corpo. Essa sensação só desapareceria quando a tarefa de que ela me incumbira acabasse. Depois disso, nada mais teria importância.

Abri a porta cautelosamente, esperando poder deslizar pelo átrio sem que ninguém me visse. Dei um passo e parei. Sibeal estava sentada no chão da passagem, envolta numa capa para resistir ao frio. Estava tão quieta que eu mal a vi ali na sombra. Não falou, olhando antes para mim e a chama da minha vela tremeluziu, pequena mas segura, na superfície límpida como a água dos seus estranhos olhos. A pequenita levantou-se em silêncio total. Quando abri a porta por completo, ela aproximou-se como um pequeno fantasma, passou por mim e entrou no quarto. Fechei a porta atrás de nós.

Por um momento, ela não disse nada.

— O que é, Sibeal? Por que estavas ali à espera?

— As minhas irmãs disseram-me para não te dizer. Disseram que já era muito tarde.

— O quê? Dizer-me o quê? — Haveria uma coisa ainda pior para me acontecer naquele dia? A minha mente percorreu as possibilidades. Notícias de Sevenwaters. Maeve.

— Notícias de mais longe. O meu pai.

— O que é? Diz-me!

A criança olhou para mim com ar sério.

— Nós tentamos dizer-te. Mas tu não respondeste. E então apareceu o tio Eamonn e mandou-nos embora.

Agarrei-a pelos braços e abanei-a ligeiramente.

— Diz-me! — disse eu através dos dentes cerrados.

— Não é preciso magoares-me. Não precisas de te zangar. — Recordei a mim própria que ela tinha apenas oito anos e que tinha estado à espera, silenciosa, na escuridão, até que eu estivesse pronta para sair.

— Desculpa. Eu... eu estou preocupada, mais nada. As notícias são más?

— Não. É que aquele pônei esteve aqui. O das tuas histórias. Pensamos que gostarias de saber. Pensamos que gostarias de o ver. Mas agora é tarde.

Se sentira medo antes, não fora nada comparado com a angústia que me atingiu o coração.

— Que pônei? — murmurei, como se não soubesse a resposta.

— O pônei branco. Tu sabes, aquele das tuas histórias todas. Ele deixou-nos fazer-lhe festas e a Eilis até lhe deu uma cenoura.

— Ele? — perguntei a custo.

— O homem. O homem das histórias, aquele que tem um anel de ouro na orelha. Ele perguntou por ti.

— Darragh? Darragh esteve cá hoje? — A minha voz tremia. Ele estivera ali, a minha avó estivera ali e ela dissera... ela dissera:

Podias mandar uma mensagem por um latoeirozinho. Ela dissera: *Ele pode muito bem ser assassinado no caminho.* Talvez não fosse ele disse eu agarrando-me a uma esperança louca. Por que veio ele aqui?

— Ele tem trabalho longe daqui, a quilômetros de Glencarnagh. Talvez fosse outra pessoa qualquer. Onde é que ele está agora, Sibeal? Depressa, diz-me!

O tom de Sibeal era solene.

— Foi-se embora. Ele e o pônei. O tio Eamonn mandou-o embora. O tio Eamonn estava zangado.

— Há quanto tempo? Para onde é que ele foi?

— Para longe. Não sei para onde.

— Em que direção? Para leste, para Sevenwaters? Para Oeste? Em que direção? Há quanto tempo, Sibeal?

— O que é que se passa, Fainne? — Os seus olhos estavam abertos, interrogativos, quase assustados.

— Desculpa, desculpa. Tudo bem. Fizeste bem em esperar por mim para me dizeres. É que eu... eu...

— Tens pena de não o teres visto? Pensamos que tinhas. Por isso é que eu tentei dizer-te antes. Mas não respondeste quando bati à porta.

— Desculpa — disse eu de novo. Tinha mais pena do que ela imaginava. Era muito estranho ele ter aparecido em Glencarnagh. Quem saberia por que razão viera ele?

Era muito cruel da minha parte não ter aparecido para lhe falar. Mas era melhor assim. Ele tinha-se ido embora e eu nunca mais o veria o que significava que estava a salvo da minha avó. Talvez tivesse aparecido para visitar a sua velha tia Janis.

Talvez fosse isso. Em qualquer dos casos, assim era melhor. Muito melhor. Por que razão, então sentia eu uma dor tão grande que quase me despedaçava o coração?

— Desculpa, Fainne — disse Sibeal com uma voz baixinha. — Ele foi para Oeste, penso. Antes do pôr do Sol. Disse que tinha de regressar rapidamente. Mas ele queria esperar até tu estares melhor e poderes descer para falar com ele. O tio Eamonn mandou-o embora. O tio Eamonn estava mesmo zangado.

— Eu... ele... Darragh parecia bem? Ele falou contigo? — Ela que me diga tudo, cada palavra, cada gesto. Não que seja suficiente.

— Ele deu-me uma mensagem para ti — disse Sibeal solenemente. — Obrigou-me a dizê-la.

Esperei.

— Ele disse: Diz adeus à Caracóis por mim. Diz-lhe que se mantenha afastada de sarilhos até eu voltar. Ele queria que eu dissesse exatamente isto.

— Mas ele não pode voltar! — A minha voz tremeu, ao mesmo tempo que o medo me fez enovelar as entranhas. — Não pode! Não posso permitir que volte!

— O que é que se passa, Fainne? — Os olhos límpidos de Sibeal perscrutaram-me com uma expressão ansiosa.

— Nada — murmurei. — Nada. Está tudo bem, Sibeal. Fizeste bem, muito bem. Fico em dívida para contigo. Agora, vai para a cama, que estás gelada. Toca a andar, vai para o pé das tuas irmãs. E... Sibeal?

Ela virou para mim o seu rosto pequeno e pálido.

— Não fales nisto. Por favor. Não gosto de te pedir que guardes segredo. Mas não fales nisto ao teu tio, ou às tuas irmãs. É muito importante.

Ela acenou com a cabeça e saiu silenciosamente pela porta.

Tinha uma noite. Apenas uma noite antes de pôr de novo o talismã ao pescoço e voltar a ser uma criatura da minha avó. Darragh viera e eu não estivera com ele.

Darragh dissera que voltaria. Mas não pode voltar. Tinha até ao amanhecer para o encontrar e dizer-lho. Depois disso, não poderia esconder mais segredos à minha avó. Depois disso, deixaria de ser possível ter amigos.

Um bom pônei é capaz de percorrer uma grande distância do nascer do Sol até à hora de deitar. Através de campo aberto, quando o seu cavaleiro está com pressa, pode percorrer muitos quilômetros. Para lá das fronteiras de Glencarnagh, Aoife poderia estar ainda a cavalgar para Oeste, para as costas áridas de Ceann Na Mara. Uma coisa eu sabia. Não podia pedir ajuda a Eamonn. *Um homem que fica com o que é meu é pago na mesma moeda*, dissera ele. Ouvi a vozinha séria de Sibeal. *O tio Eamonn ficou muito zangado.* Não podia atravessar o átrio e pedir delicadamente um cavalo emprestado e dois homens com archotes. Tinha de fazer a jornada sozinha, sem ser vista e regressar ao meu quarto antes de amanhecer. Tinha de percorrer aqueles quilômetros todos de alguma maneira, tinha de o encontrar. Um grande feiticeiro, como o meu pai, usaria o Encantamento; totalmente, para efetuar uma transformação total. Correria pelos campos afora como um gamo, ou voaria com fortes asas como um mocho, ou outra ave noturna. Eu sabia, teoricamente pelo menos, como isso era feito. Mas o meu pai proibira-me de tentar.

Era muito perigoso. Era possível fazer a transformação e não regressar à primeira forma. Podia ficar armadilhada na segunda forma para sempre, ou, desastradamente, ficar entre as duas formas. E esgotaria a arte; exauriria a força. No entanto, o tempo passava e eu estava suficientemente desesperada para tentar. Com o coração a bater e o sangue a correr, pus-me à janela, olhei para a noite e pensei se me atreveria a diminuir a distância que havia entre uma mulher e uma ave, passando de uma criatura humana terrena para um ser alado. E se falhasse e caísse do céu para me esmagar nas pedras? Mas, de que outro modo poderia chegar a tempo?

A luz espreitou por entre as nuvens. A brisa fez restolhar as sebes, fazendo agitar os ramos nus dos velhos ulmeiros que abrigavam os canteiros ordenados do jardim e o lago escuro como

tinta. Lá fora, perto da sebe, estava um cavalo. A Lua apanhou o cinzento-escuro do seu pêlo, iluminando-o e fazendo-o ficar de uma cor delicada de pérola. Talvez a mão da deusa me tocasse. Movi-me o mais rapidamente que pude. Uma capa escura; as minhas botas na mão, para não fazer barulho. E depois o feitiço. Não para alterar a minha forma, não muito, de qualquer modo. Uma meia mudança: apenas um efeito sombra, para que pudesse passar despercebida se tivesse sorte. Movi os pés silenciosamente ao longo do átrio e passei pelo salão onde Eamonn estava sentado sozinho. Passei pelas cozinhas, escondi-me num pequeno recanto quando os guardas passaram a rir e a brincar a caminho de um jantar tardio e de uma boa caneca de cerveja. Afastei-me antes que o turno seguinte entrasse de serviço. Segui a linha da sebe até onde estava a pequena égua que montara antes e que esperava por mim placidamente, nada espantada por eu aparecer assim mesmo por baixo do seu nariz. Como escapara ela da cavalariça e aparecera ali sem ninguém a ver? Talvez fosse uma criatura do Outro Mundo, porque tinha mais anos do que aqueles que um cavalo vive e continuava inteligente e nervosa. No fim de contas pertencera, em tempos, a Liadan e dizia-se que Liadan possuía alguns poderes para além do normal. De qualquer modo, a égua estava ali e parecia pronta. Mas não resolvia o problema de como montar nela e cavalgar sem sela nem rédeas. Além de que não ajudava nada o fato de eu não saber para onde ir.

— Vem — murmurei. — Vem cá. Depressa.

A égua estava a afastar-se de mim, descendo ao longo da linha da sebe, misturando-se com as sombras.

— Espera. — Corri atrás dela. Junto do muro de pedra que protegia a horta dos porcos, a égua parou.

— Ótimo — murmurei. — Ótimo. Tu sabes como se faz, estou a ver. — Saltei para cima do muro e depois para o lombo do animal, onde me empoleirei precariamente sem sela nem cobertor, sem brida nem rédeas para me ajudarem. — Muito bem — disse eu em voz baixa. — Vou precisar de toda a ajuda que puder conseguir. Vais ter de correr muito. E sem fazer barulho. E sem me deitares ao

chão. Compreendes? E agora encontra Aoife. Encontra Darragh por mim. — Pus-lhe uma mão no pescoço, desejando que me ouvisse, desejando que se apercebesse do que tinha de ser feito. Uma tolice, na realidade. Não podia esperar sussurrar ao ouvido de um cavalo e ganhar-lhe amizade eterna. Uma criatura selvagem nunca se viraria para mim em busca de amizade. Mas a égua cinzenta levantou a cabeça, espetou as orelhas e afastou-se firmemente em direção a Oeste, passando a sebe, atravessando uma pequena ponte e ultrapassando as aveleiras em direção à noite sombria. Agarrei-lhe na crina com ambas as mãos e apertei os joelhos com força. Não cairia. Não cairia. Iria e regressaria de madrugada. Tinha de o fazer. Quando o encontrasse dir-lhe-ia que devia ir imediatamente para casa de O'Flaherty e que nunca mais se deveria aproximar de mim. Dir-lhe-ia isso, despedir-me-ia e regressaria a Glencarnagh. Era simples, na realidade.

O tempo passou e a égua continuou pela noite dentro, a princípio com firmeza, como se o luar fosse suficiente para lhe mostrar o caminho. Estava frio. Tanto, que tinha cãibras nos dedos. Os pés estavam entorpecidos e as orelhas doíam-me. Tinha arrepios por todo o corpo, como ondas de água gelada numa praia árida.

A égua parecia saber para onde ir, pensei eu sinistramente, tentando imaginar quanto tempo duraria antes de os meus pés gelados se recusarem a continuar e eu cair no chão duro. Uma coisa era certa. Se caísse, não teria as forças suficientes para voltar a montar.

A princípio, aquele mundo noturno pareceu ser silencioso. Mas à medida que íamos prosseguindo para Oeste, fui ficando cada vez mais consciente de alguns pequenos ruídos. Por cima do som dos passos da égua cinzenta ouvi um restolhar e um estalar, como se as árvores se inclinassem para observar a nossa passagem. Uma vez, pensei ouvir uns uivos distantes, de lobos esfomeados. Disse a mim própria que estava enganada. Algo piou nos escuros ramos por cima da minha cabeça. Um coro de rãs recebeu-nos quando passamos por um pântano escuro, brilhante. Outra vez, ouvi um

súbito rufar de asas de pele e uma vibração muito rápida quando um bando de morcegos voou sobre as nossas cabeças na direção de uma qualquer gruta subterrânea. Tinha tanto frio que mal conseguia manter-me acordada apesar da urgência da jornada. Estava tão cansada que pensei em parar para dormir um pouco enrolada nos fetos. Um belo e longo sono. No fim de contas, quem daria pela minha falta?

A égua abrandara o passo. A sua cabeça virou-se para um lado e depois para outro.

Deu um passo e parou. Deu outro passo e fez uma pausa. Acordei abruptamente, o coração batendo com toda a força, alarmado.

— Tu sabes o caminho! — disse-lhe eu rispidamente. — Tens de saber! Vais desistir depois de chegarmos aqui? Não podes seguir o rasto de Aoife como um cão? O que é que se passa contigo?

O animal estremeceu, parado ali na noite. Estávamos na orla de um espaço aberto; o luar deixava ver umas colinas suaves, arborizadas.

— Anda! — disse eu. — Depressa, antes que gelemos os dois! Não sabes que temos de chegar lá e regressar antes de amanhecer? Anda! Por favor!

Espetei-lhe os calcanhares nos flancos e apertei os joelhos. Restava-me tão pouca força que duvido que ela tenha sentido alguma coisa.

— Oh, por favor — murmurei na escuridão, mas a égua manteve-se imóvel. A minha mente ponderou, a um nível distante, que explicação daria a Eamonn quando fosse descoberta ali no dia seguinte, meio gelada e com um cavalo que não me pertencia.

Talvez morresse de frio. Pelo menos, evitaria muitas desculpas.

Ouvi um pio por cima da minha cabeça e algo escuro passou por mim a voar com um súbito rufar de asas. Pensei sentir uma pequena pena passar-me diante do nariz.

Funguei. Ouvi outro pio. O seu tom pareceu-me uma mensagem clara. *Anda, estúpida. Não temos a noite toda.*

A pequena égua avançou. À nossa frente, o mocho voava de um lado para o outro, esperando num ramo baixo, num muro de pedra, no topo de uma rocha. Impaciente.

Vamos. Não podes andar mais depressa? A égua começou a andar a trote e depois, quando emergimos para uma espécie de carreiro, começou a galopar. Fui sacudida para cima e para baixo como um saco de grão. Agarrei-me de novo à crina e inclinei-me para a frente, desejando que os meus joelhos se agüentassem. A dor percorria-me as pernas e as costas. Cerrei os dentes com força.

O mocho voava à nossa frente e a égua seguia-o. Pensei em Fiacha, o corvo. Era assim que ele voava: umas vezes à frente, outras atrás, uma pausa aqui e ali, dando a impressão de que achava os humanos incríveis e entediantemente lentos, mas que a sua missão era tomar conta deles e pronto. Tentei imaginar onde estaria ele. Estaria na beira de uma falésia por cima do Favo de Mel observando o feiticeiro Ciarán a tossir, a lutar pela vida no meio das ferramentas destruídas da sua antiga arte? Ou fora banido pela minha avó, deixando o meu pai sozinho? Por que razão apareceriam estas criaturas do Outro Mundo para nos guardar e guiar, já que nenhum mocho normal, ou corvo, tinha a inteligência e a vontade suficiente para isso? A ave voava à nossa frente, guiando a minha égua por montes e vales, pelo meio dos pântanos e dos bosques e passando em segurança as fronteiras de Glencarnagh.

Por fim, sob umas macieiras nuas, paramos. O mocho ficou por cima de nós, empoleirado num ramo coberto de musgo, a sua silhueta contra a Lua. Vi-o baixar a cabeça, ansiosamente, para ajustar as penas. Eu sentia-me como se tivesse sido agarrada, agitada como um batedor de leite e pousada de novo. Doíam-me os ossos todos.

O bosque à nossa volta estava tranqüilo. A égua continuava imóvel. O mocho não emitia som. Esperavam que eu fizesse

qualquer coisa. Forcei o meu corpo a mexer-se e quase caí do lombo da égua para o chão. As minhas pernas pareciam de geléia.

Consegui ficar de pé agarrando-me à crina do animal. Ela manteve-se firme, imperturbável; um cavalo raro, aquele.

Um pouco abaixo de nós havia mais árvores e um curso de água que brilhava sob a luz suave da Lua. Mas havia, também, outra luz, uma luz quente, tremeluzente.

Detectei um odor saboroso no ar frio: não era, certamente, o odor de papas de aveia?

Então, a égua emitiu um pequeno relincho e da base da colina veio uma resposta, outro relincho suave. Vi uma figura levantar-se junto da fogueira brilhante e virar-se lentamente para mim. Encostando-me pesadamente ao flanco da égua, avancei aos tropeções.

Então, as coisas aconteceram rapidamente, sem uma única palavra. O som de passos rápidos e um súbito suster de respiração. Um braço rodeando-me e amparando-me até chegarmos à fogueira. Uma capa sobre os meus ombros, abençoadamente quente.

Não me podia sentar, o meu corpo estava demasiado dorido; apareceu um cobertor dobrado, cheirando fortemente a cavalo e eu semideitei-me nele, o mais perto possível do fogo. Ouviu-se um tinir de metal, como se um recipiente estivesse a ser cheio por outro. Em seguida, uma mão meteu-me uma taça com algo quente e a cheirar deliciosamente na mão gelada. Todo o meu corpo tremia e os meus dentes batiam uns nos outros. Não seria capaz de dizer uma única palavra, mesmo que quisesse. Darragh espevitou o fogo, atirando para cima das brasas um ramo ou dois.

As chamas crepitaram; o meu rosto começou a aquecer. Bebi um gole da bebida que ele me tinha dado. Era chá, muito quente e muito doce. Nunca provara nada tão bom.

Por fim, Darragh instalou-se junto da fogueira e olhou de frente para mim.

— Tens ali uma ótima égua — observou. — Estou a ver que aprendeste a montar desde que me deixaste.

Fiquei sem saber o que dizer, por momentos. Era só aquilo que ele tinha para dizer?

Mas, pensando bem, era típico.

— Pelo que me lembro, tu é que me deixaste — disse eu rispidamente, mas a minha voz saiu trêmula e patética. — Mas sim, sei montar. Um pouco. Mas não interessa. Tenho de regressar antes de amanhecer.

Darragh olhou para mim.

— Ai sim? — disse ele.

— Não precisas de ser assim — retorqui.

— Assim como, Fainne?

— Sabes muito bem. Achas que eu sou estúpida por ter vindo. Nem sei porque me preocupo. — O meu corpo foi percorrido por outro arrepio e eu apertei a capa em redor dos ombros.

Darragh olhou para mim em silêncio durante alguns momentos. O pequeno brinco de ouro na sua orelha brilhou à luz da fogueira.

— Por que vieste? — perguntou ele, por fim.

— P... para te dizer. Para te dizer uma coisa importante.

Ele agitou a panela por cima do lume. Senti de novo aquele odor saboroso. Peg, Molly e as outras mulheres faziam sempre papas de aveia de manhã. Peg dizia que afastava o frio. Darragh tirou o recipiente do fogo e aproximou-o de mim.

— Aqui não há pratos dourados — disse ele. — Nem colheres de prata. Não estou habituado a servir damas, sabes? Mas a comida é boa. Anda lá, Fainne. Tens de comer.

— Estou demasiado cansada para comer.

— Toma — disse ele gentilmente e sentou-se a meu lado. — Come e não fales. — Ele mergulhou a colher de osso na panela e eu abri a boca, sentindo-me como um pássaro a ser alimentado no ninho. Teria sido humilhante, mas a expressão preocupada no seu rosto e o extremo cuidado como estava a levar a cabo a sua missão fazia com que parecesse tudo natural. Além disso, as papas estavam deliciosas e eu descobri que estava esfomeada.

— Muito bem — dizia Darragh de vez em quando. — Muito bem. Boa menina. — E em pouco tempo as papas desapareceram.

— Desculpa — disse eu com a voz já um pouco mais forte. — E o teu pequeno-almoço?

Darragh não respondeu. Ele estava sentado junto de mim, olhando para o fogo, de braços cruzados. O silêncio prolongou-se. Por fim, falou com algum acanhamento.

— É melhor dizeres-me. É melhor dizeres-me o que se passa.

— Diz-me tu primeiro. Por que foste a Glencarnagh. E o que andavas a fazer tão longe de casa em pleno Inverno. Não é suposto estares a trabalhar para O'Flaherty?

— E estou. Vamos para lá agora, Aoife e eu. Ele não me queria deixar ir a Sevenwaters. Tive que pedir a Orla que falasse com ele. Por fim, lá disse que sim, mas eu tive que prometer que regressaria com a Lua nova. Não me resta muito tempo.

Fiz os possíveis para compreender o que ele me estava a dizer.

— Quem é Orla? — perguntei. Darragh olhou para mim de lado.

— A filha de O'Flaherty. A mais nova.

— Estou a ver.

— Não estás não, Fainne.

— Estou sim. Suponho que ela é boa com cavalos, não?

— Muito boa — disse ele, os seus dentes brancos brilhando na escuridão enquanto sorria. — Monta muito bem, para uma rapariga. Sabe os truques todos.

— Sim, deve saber. E também é bonita, não?

— É — disse Darragh estendendo as mãos para as aquecer na fogueira. — Cabelos grandes, louros, faces rosadas e os olhos da cor do céu de Verão. Iguais aos da irmã. Têm ambas muitos pretendentes, daqui até Cross.

Ele estava a provocar-me.

— Esquece que eu perguntei — disse eu, zangada. — Responde à pergunta. Por que estás aqui?

— Fiquei ansioso. Preocupado. Pareceu-me que estavas metida em sarilhos e que precisavas de ajuda.

— O quê?

— Não é preciso ficares chocada. Fui a Sevenwaters e disseram-me que não estavas lá. Fui a Glencarnagh e descobri que não precisavas nada de mim. E agora, vou para casa. É uma história simples. Cometi um erro. Não foi o primeiro, aliás.

Não soube o que dizer e, por isso, fiquei calada. Começava, por fim, a ficar quente, com a fogueira, a capa e as papas de aveia. O meu corpo sentia-se melhor apesar das dores e dos arrepios. A minha mente é que parecia não estar a trabalhar muito bem.

Tudo o que conseguia pensar era que a noite era muito curta, que tinha muitas coisas para dizer e que cada vez que abria a boca só dizia asneiras.

— Fainne? — A sua voz soou suavemente na escuridão.

— Hum?

— Conta-me. Diz-me o que se passa. Por que é que fizeste este caminho todo para me encontrar? Diz-me o que se passa. Que coisa é essa tão importante que quase morreste gelada?

A sua gentileza quase me derreteu. Recordei tudo: o meu pai, a minha avó e o amuleto, Maeve e o incêndio, Eamonn. Desejei contar-lhe tudo, absolutamente tudo; tirar de cima dos ombros a culpa e o medo. Mas não consegui. Ele tinha de ficar de fora. Tinha de o deixar de fora.

— Vim para te dizer que vás para casa e nunca mais voltes. — disse eu em tom neutro. — Não podes voltar, Darragh. Não tentes ver-me de novo. É importante.

Seguiu-se uma pausa.

— Fizeste este caminho todo para me dizer isso?

— Sim. Tem de ser. Acredita-me.

— Estou a ver — disse ele com firmeza.

— Não, não estás. — Não conseguia disfarçar a miséria que me ia na voz. — Não estás a ver nada. Mas, apesar de tudo, somos amigos. Tenho de te pedir que confies em mim e fazer o que te peço.

Ele semicerrou os olhos.

— Diz-me uma coisa. Esse tipo, o senhor de Glencarnagh, que significa ele para ti? Não é boa rês, esse tipo. Que significa ele para ti?

— Não tens nada com isso. O que é que ele te disse?

— Mandou-me embora. Até falou numa escolta até à fronteira. A mim, um viajante. Recusei a amabilidade. Disse-me que não, que não te podia ver, nem hoje nem amanhã, no dia seguinte ou no próximo ano. Disse que estavas ali como sua hóspede especial e que não devias ser perturbada. Que um insignificante como eu devia saber que não se incomoda uma dama. Palavras do gênero. Por momentos, fez-me desejar ser um guerreiro, em vez de músico. Que quis ele dizer, Fainne? Hóspede especial?

— Lamento que te tenha tratado assim. — A minha voz tremia. —Eu estava doente. Indisposta. Não sabia que estavas ali.

— E não te importas que o tipo tome as decisões por ti? Não te importas que seja ele a escolher os teus amigos?

Não respondi.

— Fainne. Olha para mim.

Virei o rosto para ele. Darragh estava muito pálido e muito sério.

— Vais casar com ele? É isso? Diz-me a verdade.

— Não tens nada com isso — murmurei.

— Tenho, sim. Diz-me.

Com relutância, acenei com a cabeça.

— Não é impossível.

— É um bocado velho para ti, não achas? — perguntou ele rudemente.

— Casamentos desses não são raros. É a idade da mulher que importa se um homem quer um herdeiro.

Darragh nunca se zangava. Era uma das boas coisas dele. Pensei que, desta vez, se ia zangar. O seu maxilar cerrou-se, mas a voz manteve-se calma.

— Portanto, casas-te pelo nome e pela fortuna. E vais dar à luz os filhos de um velho.

— Não compreenderias.

— Tenta.

— Não podes compreender.

Darragh ficou silencioso por um momento. Então, disse:

— Disseste-me isso uma vez, não disseste? Algo acerca de um cão vagabundo, creio que foi isso.

— Falei sem pensar, dessa vez. Lamento se te magoei. Mas isto é uma coisa que não te posso explicar. Peço-te, simplesmente, que te afastes, mais nada. — Desejava tanto contar-lhe a verdade.

Ele esperou um pouco. À medida que a noite ia avançando, o ar à nossa volta ia ficando cada vez mais frio. A pequena fogueira já não era suficiente para afastar o sentimento gelado que parecia vir do fundo da minha alma. Pensei que, se fosse capaz de chorar, as minhas lágrimas transformar-se-iam em gelo antes mesmo de caírem dos meus olhos.

— Amas esse tipo? — perguntou Darragh sem olhar para mim.

— Amor? — exclamei, sentando-me repentinamente levada pelo choque e reprimindo um gemido de dor. — É claro que não! O amor não é para aqui chamado. Quem é que se casa por amor? Isso é uma tolice. Num casamento desses só há dor e perda. — Pensei na minha mãe e no meu pai e como as suas vidas tinham sido destruídas pelos laços que os ligavam.

— Nesse caso, aconselhas a minha irmã Roisin a não se casar com Aidan, não? Eles estão a planear casarem-se no Outono, quando ela fizer dezessete anos. Aidan já tem um pouco de terra. Achas que eles não deviam seguir em frente?

Olhei para ele de sobrolho franzido.

— Isso é diferente — disse eu.

— Diferente como? Queres dizer, por serem pessoas simples, ao contrário de ti e do teu grande senhor?

— É claro que não! Pensei que me conhecesses melhor!

— Também eu — disse Darragh suavemente. — Mas passas a vida a surpreender-me.

— É diferente porque... porque... não te posso dizer. Mas é.

— Hã-hã — disse Darragh. Ficamos ali sentados por um bocado. O frio parecia vir de todos os lados. As únicas partes do meu corpo que ainda estavam relativamente quentes eram as mãos,

que eu mantinha estendidas para o fogo. O resto tremia de frio, para já não falar dos danos que a viagem tinha feito. Pensei, vagamente, em como iria subir outra vez para cima do cavalo quando chegasse a madrugada e fazer o caminho todo de volta.

Darragh rodeou os joelhos com as mãos, olhando para as chamas. Tinha um ar solene; não era o Darragh sorridente de sempre.

— Não me convenceste — disse ele.

— Convencer-te de quê?

— De que tens razão. De que não precisas que tomem conta de ti. Não acredito numa única palavra. As tuas palavras dizem-me uma coisa e os teus olhos outra. Fainne, podes dizer-me. Não há segredos entre nós. O que é que te preocupa tanto?

— Nada. — A minha voz falhou apesar dos meus esforços. — Nada. Acabo de te dizer, vai-te embora e nunca mais voltes.

— E que vais tu fazer depois de eu me ir embora?

Pôr o amuleto e acabar a tarefa para a minha avó, de maneira a ficares livre de perigo.

— Regressar a Glencarnagh e ir para o meu quarto antes que eles descubram que eu saí — disse-lhe. — Continuar com a minha vida. Mas isso não te diz respeito.

— Tenho outra sugestão — disse Darragh. Eu não disse nada. — Esperamos até de madrugada, ponho-te em cima de Aoife e vamos os dois para casa, para Kerry. É isso que vamos fazer.

Aquelas palavras cortaram-me a respiração e, por um momento, fiquei incapaz de responder. A ansiedade tomou conta de mim. Se eu pudesse dizer sim. Se pudesse ir para casa, para o Favo de Mel e para o meu pai, para o tempo em que tudo fazia sentido e a coisa pior da minha vida era ter que esperar o Inverno todo pelo regresso de Dan Walker e do seu clã à enseada. Mas não podia ir. Se não pusesse, na madrugada que se aproximava, o amuleto da minha avó ao pescoço, ela apareceria junto de mim,

furiosa e em busca de respostas. E uma vez posto o amuleto, ela poderia ver-me sempre que quisesse. Regressar a Kerry representava a morte para o meu pai e para Darragh. Não levar a cabo a tarefa da minha avó seria o fim para todos nós.

— Não posso — disse eu. — E o teu trabalho para O'Flaherty? E os cavalos dele? E Orla?

Darragh atirou um graveto para o fogo.

— Esquece O'Flaherty — disse ele. — Não te preocupes com isso. Eu estou a dizer que te levo para casa. Estás cansada, tens medo e nem sequer sabes para que lado te hás de virar. Penso que o teu pai ficará feliz por te ver.

Fiz um esforço para falar.

— Não posso voltar atrás. — A minha voz era tão fria como o gelo que me enchia o coração e me gelava as lágrimas por derramar. — Mas tu tens de ir. Tu e Aoife. Eu tenho de ficar aqui. Eu sei o que estou a fazer, Darragh.

Então, ele não disse nada durante muito tempo e à medida que o silêncio se foi prolongando eu comecei a bocejar, os meus olhos começaram a fechar-se apesar do frio e eu pensei vagamente que não dormia há muito tempo. Mas não podia dormir.

Tinha de regressar a Glencarnagh, tinha de...

— Pega — disse Darragh. Ele tinha arranjado outro cobertor não muito maior do que um saco, talvez utilizado para aquecer Aoife, porque, tal como o outro, cheirava fortemente a cavalo. — É melhor descansares um bocado. Estás mortalmente cansada. Anda lá, deita-te, que eu cubro-te.

— Não posso — protestei por entre os meus convulsivos bocejos. — Já te disse... tenho de estar lá de madrugada... viagem longa...

— Aoife é rápida — disse Darragh. — Eu levo-te a tempo. Eu acordo-te, não tenhas medo.

— Não... tu não compreendes...

— Compreendo sim, Fainne.

— Mas... — O cobertor sabia tão bem, tão bem. Deixei cair a cabeça e fechei os olhos enquanto continuava a murmurar os meus protestos.

— Ehhh — disse Darragh. — Eu fico de vela. Descansa.

O sono atingiu-me como uma grande vaga, súbita e imparável. Quase acordei uma vez ou duas, consciente do frio intenso que entrava através do cobertor, da capa e do vestido, tocando no meu espírito com os seus dedos gelados; consciente de que tremia como varas verdes a despeito das brasas e dos meus esforços para me enrolar sobre mim própria o mais possível. E então, subitamente, fiquei quente, maravilhosamente quente, segura e confortável e algures na minha mente o Sol brilhava sobre a água da enseada e era Verão. Mais tarde agitei-me de novo, sabendo que a noite ia passando mas não querendo acordar por completo com medo de que aquela visão se perdesse para sempre. Havia um braço que me rodeava, segurando a capa em redor dos meus ombros e o mesmo velho cobertor cobria-nos a ambos.

Darragh estava por trás de mim, o seu corpo encostado ao meu, o seu calor fazendo parte de mim e os meus cabelos sentiam a sua respiração tranqüila e lenta. Mantive-me muito quieta. Não queria acordar por completo. Pensei que, se tudo acabasse naquele momento, não me importaria nem um pouco. Que acabasse tudo, para que não precisasse de acordar. E deslizei de novo para o sono.

— Caracóis.

Puxei o cobertor para cima de mim e fechei os olhos com força.

— Fainne. Acorda, minha querida. — Puxei o cobertor para cima do rosto.

— Fainne. Vamos, acorda.

Pestanejei, espreguicei-me e gemi. Sentei-me com alguma dificuldade. Ainda estava escuro. Do outro lado da fogueira, Darragh

andava de um lado para o outro e reparei que Aoife já tinha as bolsas da sela e o cobertor dobrado na garupa. A égua cinzenta estava perto, tranqüila. O esplendor desvaneceu-se na minha mente como se nunca tivesse existido.

Tentei levantar-me. Não foi fácil. A viagem causara mais danos do que eu pensava.

— Darragh.

— Hum?

— Eu quis dizer o que disse. Regressa para junto de O'Flaherty. Eu volto para Glencarnagh sozinha.

— Hã-hã.

— Pára com isso! — A minha voz era tão fraca e hesitante como a de uma criança. Que se passava comigo? — Não podes ir comigo. Eu vou sozinha.

— Muito bem. Nesse caso, vem até mim.

— Isso não é justo! — Dei um passo e a dor dilacerou-me as costas. — Eu posso ir. Eu consigo.

— Senta-te, Fainne. Se insistes em regressar, Aoife e eu levamos-te, já te disse.

— Por que não ouves o que eu te digo? — protestei, deixando-me cair no chão de modo estranho, porque as minhas pernas não me suportavam. — Tu não podes voltar lá. Não podes ser visto comigo. Nem em Glencarnagh nem em qualquer outro sítio.

— Sentes-te embaraçada, é isso, por seres vista na companhia de um nômade? — Ele estava de costas para mim, a tratar da égua.

— É claro que não!

— Tu és suficientemente estúpida para tentar regressar sozinha. E eu talvez te deixe, porque estou farto de lutar contigo. Mas não podes montar esta égua daqui até Glencarnagh. Ela está velha e já percorreu um longo caminho contigo, esta noite. Não está

em condições de te levar de volta na escuridão. Eu levo-te. Não te preocupes, não te envergonho. Não mostro a cara ao teu grande senhor. Não quero estragar as tuas expectativas.

Eu não disse nada. Não valia a pena. Faria o que tinha de fazer e a cada momento agradeceria à deusa por ele estar longe, a Oeste, sem me poder ver. Daria graças todos os dias por ter tido a oportunidade de o afastar dos olhos da minha avó. Mas necessitava da ajuda dele para regressar a Glencarnagh. Teria de aceitar.

— Muito bem — disse ele de modo agradável uns momentos depois. — É melhor partirmos.

— Lamento — disse em voz baixa.

— O quê?

— Lamento ter feito esta égua percorrer tanta distância na escuridão, ao frio. Lamento tê-la cansado. Não pensei. Tudo o que eu queria era...

— Não te preocupes com isso — disse Darragh. — Ela está um pouco cansada, mas nada que um bom descanso e um estábulo quente não resolvam. A pobre não está habituada a uma excitação tão grande. Mas é um animal saudável. Não tenhas medo por ela. Ela faz o caminho de volta com relativa facilidade atrás de Aoife. A mim, parece-me que já tens problemas suficientes.

Em seguida ergueu-me para cima de Aoife, montou também, colocando-se atrás de mim e partimos.

Foi uma cavalgada estranha; silenciosa a maior parte do tempo e mais rápida do que a jornada anterior, porque Aoife tinha um passo rápido e suave, sem necessidade, aparentemente, de ser guiada. A certa altura, Darragh disse:

— Vai ali um mocho, umas vezes atrás de nós e outras à frente. Estás a vê-lo? Faz-me lembrar aquele corvo que está sempre perto do teu pai, vá ele para onde for. Como se fosse um guardião.

Acenei com a cabeça na escuridão.

— É da mesma espécie — disse eu.

— Estou a ver. Fainne?

— Hum? — Recusei-me a permitir que a minha mente continuasse a funcionar para lá daquele momento; para lá do passo firme do pônei, do brilho branco do seu pêlo à luz da Lua, de Darragh com o braço em redor da minha cintura e do calor do seu corpo afastando o frio do meu coração. Sentia-me segura. Pensei, tolamente, que faria com que aquilo durasse muito tempo; porque seria a última vez.

— Eu já vi que não vens comigo. Já vi que não vais regressar a Kerry. E já me disseste que não sou aqui bem-vindo. Mas...

— Mas o quê?

— Gostaria que aceitasse o conselho de um velho amigo. Gostaria, pelo menos, que não ficasses em Glencarnagh. Estarás mais segura em Sevenwaters. As pessoas, lá, são boas. O teu tio é bom homem. O meu pai respeita-o muito, assim como toda a família. E... e devias esperar antes de tomares uma decisão. Ainda és muito nova. Tens todo o tempo do mundo.

Ah isso é que não tenho. Só tenho até ao Verão. Não mais. O meu destino é medido pelo espaço de tempo entre duas estações. Mas, para ti, posso comprar mais um pedaço.

— Acabaste?

Ele não respondeu.

— Há algum tempo, se bem me lembro, aconselhaste-me a encontrar um marido e a criar um rancho de filhos — disse-lhe. — Agora, dizes-me para esperar. Afinal, o que é que vai ser?

— Não brinques, Fainne. Tu deves casar-te, mas, pelo menos, escolhe um homem bom.

Fiquei calada. De certo modo, ele tinha o dom de dizer as coisas mais simples, fazendo-me ficar alegre ou miserável num instante. Continuamos a cavalgar e eu pensei ver o céu a clarear,

como se a madrugada não estivesse muito longe. O frio começou a entrar-me de novo no espírito, como se o melhor e mais verdadeiro amigo do mundo não tivesse o poder de deter os seus dedos gelados.

— Darragh — disse eu em voz baixa e até a mim a minha voz me pareceu estranha, como se estivesse a lutar com as lágrimas. Mas os meus olhos estavam secos. Eu era filha de um feiticeiro, e era forte. Não choraria

— Sim?

— Se soubesses as coisas que eu fiz, não quererias ser meu amigo. Se soubesses, compreenderias por que razão te peço que fiques longe de mim. Coisas terríveis. Coisas maldosas, das quais não suporto falar.

— Por que não mas contas e me deixas julgar? — O meu coração deu um salto de alarme.

— Não posso. Não te posso contar.

— Mas eu posso adivinhar.

— Não, não podes. Ninguém consegue adivinhar. Está... está para além da compreensão das pessoas normais. Acredita apenas que é melhor ficares longe de mim. Por favor, acredita.

Aoife continuava firmemente em frente e agora havia um acinzentar distinto no céu, uma mudança nas sombras à nossa volta.

— Eu posso adivinhar — disse Darragh de novo. A sua mão segurava as rédeas descontraidamente e o seu braço rodeava-me a cintura com firmeza e segurança.

— Houve um incêndio. A minha tia contou-me. Morreu um homem e outro ficou ferido. E uma criança ficou queimada. Um acidente terrível. Tu sempre foste boa a fazer fogo.

Eu não disse nada.

— Tens razão, foi uma coisa horrível. Podes persuadir-me, sem grande dificuldade, de que tiveste algo a ver com ele. Mas nunca me convencerás que o fizeste de propósito. Magoar e ferir pessoas inocentes, tirar a vida a um homem santo. Não acredito.

— Há mais — murmurei. Darragh esperou.

— Aquela rapariga na enseada. A rapariga pescadora, aquela que desapareceu. Lembras-te?

Ele continuou em silêncio.

Cada palavra era um julgamento. Forcei-as a sair, uma a uma, com o coração a bater como um tambor.

— Eu... eu usei a arte, Darragh. Usei-a de modo errado. Mudei-a e ela morreu. Algo correu mal e ela morreu. Nunca disse a ninguém até agora. Depois disto nunca mais quererás ser meu amigo.

E agora ele ir-se-ia embora de boa vontade. Desprezar-me-ia e deixar-me-ia e eu já não teria de me preocupar, porque ficaria a salvo. Paciência se isso lhe doía, paciência se ele sentia uma faca no coração, torcendo-se e virando-se. Eu sofreria sempre pelo que fizera e pelas coisas que teria de fazer.

— Ela era boa rapariga — disse Darragh calmamente. Chegamos a uma ligeira inclinação, entre grandes ulmeiros e ali, à luz da madrugada, estava a grande e baixa casa de Glencarnagh, e um pouco mais perto estavam dois guardas com túnicas verdes e armas nos cintos. Aoife parou.

— E agora vai-te embora — disse eu entredentes. — Deixa-me aqui, eu faço sozinha o resto do caminho. Já te aventuraste demasiado.

Por trás de mim, Darragh não se mexeu.

— Darragh! — murmurei, aflita. O céu estava cada vez mais claro. Eu tinha de estar dentro de casa, com o amuleto ao pescoço, antes de o dia nascer. Prometera à minha avó. E Darragh tinha de se ir embora antes de ser visto. Eu temia a ira de Eamonn.

Por fim, Darragh moveu-se. Deslizou do cavalo e estendeu os braços para me ajudar a desmontar. Senti as pernas pouco seguras e ele segurou-me, franzindo o sobrolho enquanto me perscrutava o rosto à luz pálida da madrugada.

— Talvez eu vá até Kerry e traga o teu pai — murmurou ele. — Talvez faça isso.

— Não! — arquejei. — Não! Não faças isso! Vai-te embora e deixa-me! Que hei de dizer para que tu compreendas?

— Tu precisas que tomem conta de ti. Foi o que eu sempre disse e isso não mudou. Tu estás metida numa coisa qualquer demasiado grande para ti. Não está certo, Fainne.

Respirei fundo.

— Não sejas estúpido — disse eu e fiz com que a minha voz parecesse o mais fria possível. — É muito simples. Eu quero esquecer-te. Quero apagar cada traço teu da minha mente. Quero que te vás embora, não quero voltar a ver-te. Acredita. É a verdade.

Darragh ficou branco como a cal e tirou lentamente as mãos da minha cintura. Descobri que podia manter-me de pé sem ajuda. Ou quase. O seu olhar manteve-se firme no meu rosto. Os seus olhos castanhos, olhando para os meus e perscrutando profundamente.

— Dá-me a tua mão.

Abri a boca para discutir, mas, em vez disso, vi-me a estender a mão e ele a pegar nela. Olhamos ambos para baixo.

— Não acredito — disse Darragh enquanto os seus dedos tocavam no pequeno círculo de erva entrelaçada que eu usava no dedo mindinho; o minúsculo presente que as minhas mãos tinham encontrado, como que por acaso, no canto mais escondido da minha arca de madeira quando pensara desafiar a minha avó e fora derrotada. Ela não vira aquilo e nunca veria, porque voltaria de novo para a arca antes de o amuleto regressar ao meu pescoço. Aquele pequeno círculo era um símbolo de inocência; e eu não o podia

usar. No entanto, usara-o esta noite no meu dedo para provar que não me tinha esquecido.

— Não acredito — disse ele de novo e largou-me a mão. — Está a amanhecer e é melhor ires para dentro. Os guardas não te vêem?

Abanei a cabeça.

— Há sempre um meio de fazer as coisas. — Ele franziu o sobrolho.

— Não gosto nada disto, Fainne. Não gosto de te deixar aqui.

Eu não disse nada. Olhamos um para o outro por um momento e comecei a virar-me para me ir embora.

— Bem — disse Darragh gentilmente e a sua mão estendeu-se para me afastar um caracol do rosto. Os seus dedos percorreram-me a têmpora e retiraram-se. — Adeus, Caracóis. Mantém-te afastada de sarilhos até...

— Não! — exclamei. — Não digas isso! Tu não podes voltar! Nunca mais, entendes, nunca mais!

E virei-lhe as costas, correndo o mais depressa que o meu corpo dorido me permitia por baixo dos grandes ulmeiros, murmurando o feitiço para que os guardas não vissem nada senão um truque da madrugada, um mero movimento dos arbustos e da erva, e não olhei para trás nem uma única vez. Corri ao longo da sebe, atravessei o jardim, deslizei pela porta da cozinha e pelo átrio até ao meu quarto, onde a lareira estava apagada e a vela reduzida a um pedaço de cera. O ar estava gelado, mas não tanto como o meu coração.

Tirei o pequeno anel do dedo e meti-o nas profundezas da arca, por baixo do xale de seda. Não o voltaria a usar. Em seguida, tirei o amuleto da minha avó, o triângulo de bronze estranhamente trabalhado e procurei um cordão ou uma fita, qualquer coisa para o poder pôr ao pescoço, porque não me queria arriscar a que ela voltasse enquanto Darragh não chegasse à fronteira de

Glencarnagh. Uma vez posto o amuleto, ela já me podia controlar. Só teria de fazer a sua vontade e os que me eram queridos estariam salvos.

Lembrei-me de uma coisa. Um cordão, estranho, que adornara a minha boneca, Riona. Tinha-o tirado para o guardar, juntamente com a pequena pedra branca que o acompanhava. Onde o pusera? No bolso de um dos vestidos, se bem me parecia. O vestido castanho-avermelhado. Estava na arca, dobrado. Sim, lá estava ele, um cordão resistente, entrançado com muitas fibras, tão resistente que parecia inquebrável, as suas pontas atadas com um pedaço de couro. Tentara, uma vez, desatá-lo, mas não conseguira. Mas agora, curiosamente, o nó desfez-se facilmente.

Parecia que aquela coisa, que pertencera à minha mãe, não se importava de transportar aquele talismã tão perigoso. Meti a pequena pedra na arca e coloquei o triângulo de bronze no seu lugar. Enquanto apertava o cordão em redor do pescoço, descobri que estava a murmurar: *Lamento. Lamento tanto.* O amuleto parecia mais leve, como se o cordão que o suportava fosse mais forte do que o anterior, que se partira devido ao seu fardo maldito. Talvez, mesmo naqueles tempos de escuridão, o espírito da minha mãe velasse por mim. Estremeci. Ainda bem que ela não me podia ver; ainda bem que não sabia que eu era, mais uma vez, um instrumento da minha avó. Porque me parecia que, a partir deste momento, os meus passos seguiriam o caminho da feiticeira e a minha história seria a história dela.

CAPÍTULO NOVE

Sabia o que tinha a fazer. Era uma questão de disciplina. Controle da vontade e concentração mental. Concentrar toda a energia na tarefa e não deixar que nada se interpusesse. Devia ter sido assim desde que subira pela primeira vez para a carroça de Dan Walker e abandonara a costa de Kerry. Era o que devia ter feito na floresta de Sevenwaters, em vez de permitir que as raparigas tivessem entrado na minha guarda e se tivessem instalado no meu coração contra todas as probabilidades. Era assim que me devia ter protegido, em vez de ouvir um druida e as histórias daqueles que se chamavam a si próprios Anciãos.

Havia uma estratégia para ser seguida e o primeiro passo era Eamonn. Eamonn não era assim tão difícil, disse eu para mim própria enquanto me lavava e vestia com um cuidado pouco vulgar, franzindo o sobrolho para o meu rosto branco como um fantasma e para os meus olhos sombrios no espelho. Pelo menos, não gostava dele, pensei, enquanto escovava cem vezes o meu cabelo e o penteava no topo da cabeça para parecer mais velha, pelo menos com dezessete anos. Era apenas uma questão de não me esquecer do que devia fazer e por que razão o fazia. Pensar na voz da minha avó a dizer: *Ele pode muito bem ser assassinado na estrada por causa dos seus fracos haveres.* Pensar nisso e fazer o que ela queria com mãos seguras de feiticeira.

Aventurei-me a sair, sabendo que era tarde e que haveria perguntas se não aparecesse pelo segundo dia consecutivo. Estava cansada, cheia de frio e cheia de equimoses. Não parecia nada uma rapariga que estivera a descansar um dia e uma noite. Uma ligeira palidez era uma coisa: uma aparência de completa exaustão era outra. Pelo menos, estava limpa. E não usaria o Encantamento. Tinha de fazer aquilo por mim própria.

Estava com sorte. As raparigas não estavam à vista e Eamonn estava só, de sobrolho franzido a consultar uns documentos escritos em letra muito pequena, sentado numa antecâmara onde umas

altas e estreitas janelas deixavam entrar a luz do Sol daquela manhã de Inverno. Fiquei à entrada a olhar para ele, pensando que o seu rosto parecia gasto e cheio de rugas sob aquela luz inexorável, reparando que o seu cabelo castanho estava grisalho nas têmporas e lembrando a mim mesma que tinha de aprender que as pessoas eram peões num jogo, nem mais, nem menos. Não fiz qualquer som, mas, subitamente, ele ficou consciente da minha presença e levantou-se rapidamente, quase como se se estivesse a pôr em guarda à vista de um inimigo.

— Bom dia — disse eu polidamente. — Peço desculpa se te assustei.

— De modo nenhum. — Ele recuperou rapidamente, aproximando-se de mim para me guiar até um banco junto da pequena lareira. Estava um frio terrível; as tapeçarias agitaram-se sob a corrente de ar. Não consegui reprimir um arrepio.

— Vem, senta-te aqui — disse Eamonn. — Ainda não estás bem. Já comeste?

Abanei a cabeça, imediatamente foi chamada uma serva, imediatamente foi despachada e pouco depois reapareceu com pão, frango frio e um jarro de cerveja num tabuleiro, que colocou a meu lado. A rapariga foi despedida e a porta fechada.

— Por favor — disse eu — perturbei-te no teu trabalho. Por favor, continua. Ignora-me. Eu fico quieta. Ou, se quiseres, posso comer noutro lado qualquer. Não queria...

Eamonn fez uma pequena careta.

— De maneira nenhuma. Isto vai devagarinho; a tarefa não é do meu gosto e não me consigo concentrar. A interrupção é bem-vinda. Além disso, estava mesmo a pensar mandar uma mulher saber como estavas. Deixa-me servir-te.

Esperei em silêncio enquanto ele deitava a cerveja na caneca, pensando na mão de Darragh na minha e recordando-o a alimentar-me como a uma criança.

— Pronto — disse Eamonn. — Estava preocupado, Fainne. Não tivemos o prazer da tua companhia, ontem.

— Como vês, já estou bem. Bebi um pouco de cerveja e esmigalhei o pão entre os dedos.

— Eu... — Eamonn estava invulgarmente hesitante. — Pensei se a tua indisposição não terá sido resultado de... pensei que talvez te tenha ofendido, afligido. Sei que meu comportamento não foi muito apropriado.

Olhei para ele.

— Não foi bem o teu comportamento que... foi o que tu disseste. Eu fiquei um pouco perturbada, é verdade. Mas, como vês, já recuperei.

— Então, ofendi-te. Lamento. — Parecia sincero. Sentara-se no banco em frente e perscrutava-me de perto. Bebi mais um pouco de cerveja. De fato, tinha fome, porque as papas de aveia não tinham durado muito, mas um bom apetite não se coadunava com a imagem que queria criar. Deixei o pão.

— Temos de falar sobre isso — disse Eamonn em tom pouco entusiasta. — Mas não sei por onde começar.

Olhei para ele de relance. Parecia um homem que não tinha dormido e pressenti que os manuscritos espalhados sobre a mesa eram a menor das suas preocupações.

— Tu falaste em compromisso — recordei-lhe. — Acredito que isso é possível entre nós. Mas não falaremos sobre esse assunto esta manhã. Ainda estou cansada e tu pareces um pouco confuso. Posso fazer uma sugestão?

— Fazes favor.

— Talvez eu possa ficar aqui um bocado, tranquilamente. Não precisamos de falar sobre o que aconteceu entre nós. Trouxe algum trabalho de costura comigo; vou comer e beber e trabalhar um pouco porque a luz é boa nesta sala e esta manhã só quero a tua companhia. Podes continuar com o teu trabalho como se eu não

estivesse aqui. Mais tarde, talvez depois do jantar, falaremos de outros assuntos.

Ele ficou a olhar para mim durante alguns momentos. Então, disse:

— Esteve aqui ontem um rapaz a perguntar por ti. Um tipo rude. Disse que te queria ver e não gostou nada de receber um não como resposta. — Eamonn tinha o sobrolho franzido. Mantive-me impassível.

— A sério?

— Trazia um belo pônei, um animal bom demais para um vagabundo. Completamente branco. As pessoas daqui disseram que tu o conhecias de Kerry.

— Devia ser um dos nômades, suponho. Foram eles que me trouxeram para Sevenwaters.

— Isso foi um arranjo pouco vulgar — disse Eamonn, troçando.

— Talvez, mas foi uma viagem segura, porque uma rapariga não pode viajar sozinha sem uma escolta. As pessoas deixam os nômades em paz. Esse homem é sobrinho de uma das servas do meu tio Sean. Mais nada.

— E para ti, Fainne, que significa ele? Ele foi muito persistente. Tolamente. Parecia de compreensão lenta quando lhe disse para sair das minhas terras. Que significa ele para ti?

E, subitamente, senti um certo tom na sua voz e um olhar nos seus olhos que me deixaram muito desconfortável. Lembrei-me de que este homem sustentava o seu ressentimento ciumento há mais de dezoito anos. Este homem dissera: *Um homem que me tira o que é meu é pago na mesma moeda.* Não gostei daquele olhar, mas a voz da minha avó dizia: *Sim, sim. Joga com isso.*

Tentei uma risada suave de desprezo.

— Para mim? Nada. Eles são boas pessoas, mas simples. Têm o hábito de aparecer, perguntam por um amigo e depois vão-se

embora outra vez. Não quer dizer nada.

— Amigo? Certamente, uma dama não pode ser amiga de um tipo assim, um latoeiro?

— Não tem mal nenhum — disse eu espontaneamente. — Além disso, eu não sou nenhuma dama. Tu próprio o reconheces, não negues. Um homem da tua posição não pode pensar em casar com uma rapariga como eu, no fim de contas. Uma rapariga cujo parentesco é, pelo menos, irregular. Uma rapariga educada no isolamento, sabendo mais acerca de livros e outras coisas do gênero do que do governo de uma casa.

— Fainne...

— Ah, quebrei as minhas próprias regras. Vamos fazer o seguinte. Tu sentas-te e continuas a decifrar esse teu pequeno manuscrito. Eu vou comer o que tu, amavelmente, mandaste vir e continuar com a minha costura. E só falaremos mais tarde. Estás de acordo?

Eamonn sorriu secamente e retirou-se para a sua cadeira junto da mesa.

— De certo modo — observou ele — sinto-me como se estivesse a receber instruções, não a ser consultado.

— Isso não te agrada? — perguntei, as sobrancelhas erguidas imitando o estilo da minha avó.

— Não disse isso.

Acabei o meu pequeno-almoço e concentrei-me no meu trabalho de costura. Ainda bem que a minha avó me tinha ensinado a coser. Talvez a qualidade dos meus pontos não a satisfizesse, mas, pelo menos, dava uma imagem de competência doméstica. E a luz era boa. Este homem falara de pele branca e cabelo ruivo como se ambas as coisas lhe agradassem. Sentei-me exatamente onde o sol de Inverno tocava nas minhas faces pálidas; sabia que os seus raios fariam sobressair a cor dos meus cabelos, transformando-os num halo deslumbrante. Concentrei-me no meu

trabalho, os meus dedos movendo-se diligentemente. Sabia, sem olhar, que os olhos de Eamonn estavam mais vezes fixos em mim do que no documento à sua frente.

O tempo passou num silêncio total. O Sol percorreu o seu caminho no céu e o melhor da sua luz morreu no interior da sala. O solstício de Inverno estava próximo.

Por um momento, permiti a mim própria pensar em Darragh e em Aoife transportando-o para oeste, para Seann Na Mara. Regressaria para junto de O'Flaherty, instalar-se-ia, casar-se-ia, talvez, com Orla e criaria um rancho de filhos de cabelos escuros e filhas de belos olhos azuis. Todos eles nadariam como peixes e montariam como se tivessem nascido numa sela. E teria a sua irmã mais nova com ele quando ela se casasse com Aidan. A sua existência seria simples, feliz e cheia de projetos. Viveria para ver os seus filhos crescerem.

— Fainne?

Estremeci, como se me tivesse picado e saí dos meus pensamentos perigosos. Não podia permitir-me tal coisa. Tinha de me concentrar.

— Hum? — perguntei, terminando uma seqüência e cortando a linha com os dentes.

— Eu... nada. Esquece.

— Quebraste as regras — disse eu de modo ligeiro, dobrando o meu trabalho.

— Não fales.

— Mas eu já acabei o meu trabalho. Talvez seja melhor ir-me embora.

— Não vás. É agradável ter-te aqui enquanto trabalho. Parece estranho, mas é agradável. Eu costumava... costumava sonhar que seria assim com... costumava imaginar como seria se fosse um homem casado. Como poderia ser diferente. Tinha uma imagem na

cabeça, na qual cavalgava para casa, para Sídhe Dubh e... não, não me parece próprio. Não devo dizer estas coisas diante de ti.

— Podes dizer — disse eu em voz baixa.

Eamonn levantou-se e aproximou-se de mim, olhando através da alta e estreita janela para a paisagem de Inverno: os ulmeiros de ramos nus e o jardim escavado, esperando as novas plantações.

— Vais pensar que sou tolo — disse. — Mole.

— Não vou, não, Eamonn. Não te julgarei.

Ele olhou para mim de relance, sem expressão.

— Nesses tempos, sabes, pensei que me casaria e teria filhos, como qualquer homem. Foi então que conheci o Homem Pintado; esse filho do diabo que se tornaria no desejo de vingança da minha vida. Então, não sabia que seria ele a roubar-me tudo o que me era querido; que me tiraria a esperança da minha vida e que ficaria ele com ela. Então, acreditava que a minha vida seria como a dos outros homens. E à medida que ia sentindo a escuridão entrar-me no espírito provocada pela influência desse homem, crescia na minha mente uma pequena imagem, uma imagem pura, a única que permaneceria: a minha mulher à entrada de Sídhe Dubh com o meu filho nos braços. Essa imagem era a minha garantia de que tudo seria como deve ser.

Eu não disse nada.

— Pensamentos tolos de velho — observou Eamonn amargamente — É isso que estás a pensar.

— Era Liadan que vias, claro.

— Claro. Mas ele levou-ma. Ela deu à luz o filho dele. Os filhos dela deviam ser meus.

Ele dissera uma coisa extraordinária, tão extraordinária que eu mal consegui formular uma resposta.

— Dissemos que só falaríamos dessas coisas mais tarde — consegui dizer. — Por que preferiste dizer-me isso agora?

Eamonn evitou o meu olhar. Olhou para lá da janela, para um homem no carreiro, em baixo, com uma forquilha ao ombro e um par de cães nos calcanhares.

— Não sei — disse ele após um momento. — Suponho que, vendo-te aí muito tranqüila, senti uma espécie de... de integridade, do que a minha vida poderia ter sido se as coisas tivessem sido diferentes.

Eu não disse nada.

— Eu não queria falar disto; contei-te sem querer. Foi uma tolice, um sinal de fraqueza.

— Não podemos recuperar o que nunca tivemos.

Levantei-me.

— Vou-me embora — disse eu calmamente. — Vou ver as raparigas e depois vou descansar mais um pouco. O passeio à queda de água provocou-me mais dores no corpo do que imaginava.

— Foi muito imprudente da minha parte. — Eamonn franziu o sobrolho, olhando para mim. — Muito imprudente.

— Não tem importância — disse eu de modo ligeiro. — Depois do jantar talvez possamos jogar brandubh de novo e falar mais sobre essas coisas...

— Acho que não...

— Talvez possamos. — O meu tom era firme. — Mas, antes, gostaria que pensasses numa coisa.

Ele esperou.

— O que é que tu queres? — perguntei cuidadosamente. — De que é que precisas para continuar? De que estás à espera para agarrares a vida com ambas as mãos e assegurares que és recebido em tua casa de braços abertos e que ouves risos de crianças? Qual é o fantasma que te impede de fazer isso?

— Tu não podes...

— Ah — disse eu. — Posso, sim. Fiz-te uma pergunta e estou à espera da resposta.

— Não quero falar mais dessas coisas. É melhor esquecermo-nos delas.

— Não me parece — disse eu. — Só viveste metade da vida. Se deitas fora o resto, o teu inimigo venceu-te. E agora vou-me embora. És capaz de me fazer uma coisa?

Ele inclinou a cabeça com cortesia, mas os seus maxilares estavam cerrados.

— Põe as mãos atrás das costas — disse eu. — E fecha os olhos até eu dizer que podes abri-los.

Surpreendido, mas condescendente, ele fez como pedido. Coloquei as minhas mãos em ambas as faces do seu rosto e senti o seu corpo retesar-se.

— Olhos fechados — disse eu severamente. — Então, fiz um esforço e beijei-o, um beijo que começou como o doce encosto de lábios que se poderia esperar de uma rapariga inocente como eu. Mas a minha avó ensinara-me muitas coisas. Eu sabia como fazer com que o beijo mudasse, com um ligeiro abrir dos lábios e um pequeno toque da língua, para algo mais, algo que faria com que o sangue de um homem fervesse e a sua respiração se acelerasse, tal como estava a acontecer agora com Eamonn. Esperei pelo momento em que ele já não conseguisse controlar as mãos que tinha atrás das costas e nesse momento retirei os lábios e recuei.

— Fainne! — disse ele afogueado e olhando para mim. — Que estás a tentar fazer-me?

— Nada — respondi de olhos muito abertos, surpreendida. — Só te quis mostrar que também acredito em compromissos. A propósito, se, no futuro, tiveres dificuldade em ler, estarei pronta para te ajudar. Sei ler muito bem e os meus olhos são mais novos.

Virei-lhe as costas, saí da sala e Eamonn não disse uma palavra.

Não era fácil. Desprezava-me a mim própria pelo que estava a fazer. Senti um arrepio ao pensar no que pensaria Darragh se me pudesse ver. O meu pai sempre me deixara percorrer o meu próprio caminho e fazer os meus próprios erros, mas isto tê-lo-ia chocado profundamente. No entanto, encontrei as forças necessárias para continuar. Havia uma pequena imagem do meu pai na minha mente, tossindo sangue. E havia outra de Darragh e Aoife cavalgando para Oeste, para longe do perigo. E as pequenitas, todas diferentes, cada uma delas fantástica à sua maneira? Tinham confiado em mim espontaneamente; não podia expô-las à fúria destrutiva da minha avó. Só precisava de pensar nisso para, no fim de contas, poder continuar.

Passei algum tempo com as pequenas. Estavam invulgarmente deprimidas; Eilis mostrou-me o seu trabalho de costura, as gêmeas estenderam-se no tapete em frente da minha lareira e Sibeal sentou-se à janela, tão quieta e calada como se fosse feita de pedra.

— Muito bem, Eilis — disse eu. — A tua mãe ficaria muito orgulhosa de ti. Lamento não ter podido ajudar-te ontem. Estive doente.

— Ajudei-a eu — disse Deirdre com um ligeiro toque de presunção — Estiveste aqui fechada o dia todo. Nem sequer respondeste quando batemos à porta. O que é que se passa contigo?

— Tive uma grande dor de cabeça. Mas já estou melhor.

— Não pareces melhor — observou Clodagh. — O teu rosto está branco e tens olheiras.

— Pensamos que talvez tivesses tido uma discussão com o tio Eamonn.

— O tio Eamonn anda mesmo maldisposto — disse Deirdre.

Não respondi. Era melhor passar menos tempo com elas a partir dali. Era melhor afastar-me rapidamente, mesmo que isso as magoasse. Ficar perto delas era pô-las em perigo. Além disso, eram muito boas a resolver quebra-cabeças.

— Não o viste — disse Clodagh no meio do silêncio. — Darragh. Ele esteve aqui e tu não o viste.

— Ah, sim ouvi dizer — disse eu com firmeza.

— Nunca pensamos que eles existissem mesmo. — Deirdre estava no chão, uma mão a amparar a cabeça e olhando para mim, sentada na cama com Eilis. — Ele e o pônei branco. Mesmo a sério. Pensamos que era uma história acerca das aventuras de um rapaz e um pônei. Mas existem mesmo. Ele deixou-nos fazer uma festa em Aoife.

— Ele disse que tinha estado em Sevenwaters. E viu Maeve, sabias? Ele disse que ela estava melhor. — Clodagh estava a segurar um graveto por cima do fogo, deixando-o arder. — Podemos ir para casa, Fainne?

Subitamente, ficou tudo silencioso no quarto. As quatro olharam para mim intensamente.

— Em breve — disse eu. — Muito em breve. Tenho de falar com o vosso tio Eamonn, primeiro. Perguntar-lhe o que pensa, se quiserem.

Clodagh olhou de relance para Deirdre e uma mensagem sem palavras passou de uma para a outra.

— Ele vai dizer que não — disse Clodagh. — Ele vai querer que tu fiques em Glencarnagh. E tu não podes ficar sem nós. Havias de o ter visto ontem, quando Darragh esteve aqui.

— Estava furioso.

— Darragh foi simpático — observou Eilis. — Deixou-me dar uma cenoura ao pônei.

— Não te importas? — perguntou-me Clodagh. — De não o teres visto?

Respirei fundo.

— Foi pena — disse eu o mais firmemente que pude. — Mas eu não estava em condições de ver ninguém, nem sequer um velho amigo. O vosso tio Eamonn fez o que devia fazer.

Senti Sibeal a olhar para mim, apesar de estar nas minhas costas. Mas ela não disse nada.

— Tu é que sabes — disse Clodagh em tom de perfeita incompreensão. Depois de elas saírem tentei descansar, mas não consegui. Ocorreu-me, nesse dia, que as visões que tivera enquanto à lareira, com o braço de Darragh em redor da minha cintura e o calor do seu corpo contra o meu, tinham sido os últimos sonhos bons da minha vida.

Agora, enquanto mergulhada num meio sono, as imagens enchiam-me a mente: a minha mãe saltando de uma falésia e caindo, caindo com os seus cabelos brilhantes chicoteados pelo vento e as rochas em baixo estendendo os seus braços antecipadamente para um abraço final; o meu pai, o rosto branco como a cal, cuspindo sangue; Darragh à beira da estrada com uma faca nas costas e Aoife farejando-o delicadamente, os seus olhos fiéis desvairados ao sentir que ele não acordava. E mais tarde outras imagens, que me pareciam falar de coisas que iriam acontecer, ou que poderiam acontecer. Uma rapariga a chorar de olhos cerrados, revelando os meus caracóis ruivos e a minha pele leitosa, as lágrimas caindo-lhe pelas faces, o nariz cheio de ranho e a boca esticada num ricto de angústia. Já vira aquilo antes. As palavras vieram com a imagem: *Só mais tarde te aperceberás do que perdeste.* E então, subitamente, uma escuridão súbita, como se o mundo estivesse de pernas para o ar devido àquela dor. Homens murmurando e gritando de medo. E uma grande onda, uma parede de água vinda de lado nenhum, uma ondulação tão alta que ao olhar para ela era como se se estivesse a olhar para a morte, como se se

respirasse pela última vez. *Eu tiro-te tudo... tudo... eu levo tudo...tudo...*

Reparei, ao jantar, que Eamonn mudara de roupa e que os seus cabelos, tal como os meus, traziam sinais de terem sido escovados. Observei os seus olhos castanhos-escuros e sombrios, as feições quadradas e inflexíveis, a maneira como uma madeixa de cabelo lhe caía por cima da sobrancelha. Pensei que, em tempos, devia ter sido um jovem bem bonito, que qualquer rapariga teria gostado de ter por marido.

Quando se pensava na sua riqueza e poder, era difícil imaginar a minha tia Liadan a rejeitá-lo por outro homem, especialmente um tão estranho e tão pouco atraente como o seu marido. Não parecia fazer sentido. Tentei imaginar que espécie de mulher seria ela para tratar um pretendente de maneira tão cruel, tão cruel que lhe assombrara a existência. Então, disse de novo a mim própria que não devia esquecer que os homens e as mulheres eram apenas peças de um jogo, prontos a serem manipulados. Não me competia sentir pena daquele homem solene, pálido e de meia-idade que estava sentado, calado, do outro lado da mesa, comendo pouco e bebendo constantemente. Não me competia sentir o que quer que fosse. *Menina bonita*, disse a voz da minha avó.

Terminamos a refeição. Um dos criados levou os pratos e trouxe vinho. Eamonn deu-lhe instruções para não sermos incomodados fosse pelo que fosse. Diante da lareira estavam duas cadeiras de espaldar, esculpidas, com uma pequena mesa entre elas. A caixa com as peças de brandubh e o tabuleiro, elaboradamente desenhado, estavam prontos.

— Queres jogar? — perguntou Eamonn instalando-se à minha frente. *Este jogo não*, pensei.

— Hoje não. Creio que não me conseguiria concentrar. A tua gente não vai tirar conclusões precipitadas se a porta estiver fechada e se souberem que não nos devem incomodar? A minha reputação pode ir por água abaixo.

Eamonn olhou de frente para mim.

— Como vês, não fechei a porta à chave nem vou fechar. Não precisas de ter medo de mim, Fainne. Eu não sou um sedutor, seja qual for a opinião que formaste acerca de mim.

— O teu comportamento, no outro dia, não abona muito o que estás a dizer agora.

— Já te pedi desculpa e volto a fazê-lo. Não sei o que me deu. — Ergui as sobrancelhas.

— Mal me atrevo a adivinhar.

— Também, não me tornaste as coisas fáceis. Esta manhã tu... eu não consigo perceber o que tu queres de mim. — Eamonn deitou-me vinho na taça e voltou a encher a sua. A bebida era muito forte, com um paladar doce que fazia lembrar encostas soalheiras e flores campestres. Bebi cautelosamente, consciente de que tinha de me manter lúcida.

— Vamos ao que interessa — disse eu. — Tens uma resposta para a minha pergunta? Porque me parece que, se vamos continuar, o passado tem de ser resolvido. E eu posso ajudar, acredita.

— Não sei como, Fainne. — Eamonn olhou fixamente para a sua taça como se pudesse encontrar nela a resposta para um problema qualquer. — Tu nunca o conseguirias compreender, por muito que quisesses, porque, no fim de contas, és muito jovem e bastante inexperiente. Nunca compreenderias o que existe entre mim e...

— E Liadan?

— E outras. Tu própria o disseste. Que foste criada no isolamento, longe do convívio dos homens. Nem sequer te passa pela cabeça as coisas más que aconteceram. És uma inocente. Como me poderias ajudar?

— Estou a ver. — Levantei-me. — Então, isto não teve significado nenhum, não é verdade? Assim sendo, é melhor regressar a Sevenwaters. As pequenas têm perguntado quando poderemos regressar. Vou dizer-lhes que podemos partir amanhã.

— Não. — Eamonn levantou-se bruscamente e senti a sua mão no meu braço. — Não foi isso que eu quis dizer. Por favor, senta-te, Fainne.

— É difícil, não é? — perguntei suavemente depois de me sentar de novo e ele abriu os dedos que se tinham crispado no meu braço e regressou ao seu lugar. — Tu não percebes o que eu quero e eu não faço idéia do que tu queres. Creio que nem tu sabes. Por que não começas por responder à pergunta que te fiz?

Eamonn não respondeu. Tinha a boca cerrada, como se tivesse dificuldade em reprimir as palavras.

— Estás a fugir à pergunta? — perguntei. — Achas que é... qual é a palavra de que tu gostas muito... inapropriada?

Os seus lábios abriram-se num sorriso pálido.

— Foi bastante apropriada. Acho que me podes responder.

— Talvez. Mas eu quero que sejas tu a responder. — Outro silêncio.

— Nunca falei destas coisas — disse ele em voz baixa, como se estivesse a pedir desculpa, após um momento. — Ao fim destes anos todos. Por que o faria agora? Além disso, estou ligado a uma promessa. Não te posso contar toda a verdade.

Eu não disse nada e continuei à espera.

— Tu disseste uma coisa que ainda não me saiu do pensamento durante o dia todo. Que, se eu não agisse agora para mudar o rumo da minha vida, ele ter-me-ia, de algum modo, derrotado. Se queres te diga o nome do fantasma que devo afastar, digo-to. O Homem Pintado. Ele matou-me os meus homens, roubou-me a minha mulher e roubou-me os meus filhos. Ele roubou-me o futuro. Não consigo imaginar outra vida enquanto não lhe puser as mãos no pescoço e o estrangular. Quero vê-lo sofrer e morrer. Era isto que querias ouvir? Era?

— Diz-me uma coisa. — A minha voz não estava muito firme, mas consegui controlá-la. — Não te incomoda que a mulher que em

tempos amaste perca o seu marido e enfrente um futuro de dor e solidão? Porque ainda gostas dela, não o negues.

— Amar? Lá estás tu de novo com essa palavra. Essa palavra não tem significado, Fainne. Hás de perceber isso mais tarde. Liadan condenou-me a uma vida vazia. Merece mais do que eu? Além disso, Inis Eala está cheia de homens. Criaturas ferozes como ele, todas elas. Ela tem muito por onde escolher. A cama dela não ficará fria durante muito tempo após a morte dele.

— Isso é um pouco injusto.

— Achas? Depois do que ela fez?

— Diz-me uma coisa. Não tens esperança de que, por trás do teu desejo de vingança, uma vez o homem morto, Liadan possa mudar de idéias e voltar para ti? — Observei-o atentamente enquanto ia pronunciando as palavras. — É por essa razão que continuas solteiro? Não disseste, uma vez, que estes salões continuam à espera dela?

— Ah! — troçou ele. — Eu não sou nenhum idiota. E tenho o meu orgulho. Ela aviltou-se ao deixar que aquele homem a possuísse. Já não serve para casar com um homem de posição. Ela assim o quis. Não lhe daria uma segunda oportunidade, nem que ma pedisse de joelhos.

— Além disso, ela já não tem idade para te dar filhos saudáveis. — Eamonn olhou para mim e eu aguentei-lhe o olhar. — Portanto, tens de matar esse Homem Pintado. Então, poderás esquecer e recuperar a tua vida. Se é assim por que não tomaste essa iniciativa há anos atrás? Por quê perder tanto tempo? Certamente, tens os recursos necessários? Disseram-me que esse homem é uma espécie de pária, renegado por todas as pessoas respeitáveis, apesar de possuir uma grande propriedade no outro lado do mar. Além disso é bretão. Um inimigo. Teria sido fácil. Por que esperaste?

— Pensas que não tentei? — A voz de Eamonn tornou-se abrupta, ele levantou-se e começou a andar de um lado para o outro

na sala. — O tipo é escorregadio como uma enguia e não se deixa encurralar; é astuto e não tem escrúpulos nenhuns. Com o casamento, adquiriu um pouco de respeitabilidade. Com o tempo, adquiriu Harrowfield, além da bizarra propriedade no norte. Por isso, tem aliados e inimigos poderosos. Dizes que eu tenho os recursos necessários. Mas não são nada comparados com os dele. Ele é engenhoso, vigarista e consegue que tudo lhe corra de feição. Sabe como escapar da rede mais fina e como fugir ao cão mais rápido. A minha perseguição tem sido incansável ao longo dos anos, Fainne. Nunca me consegui aproximar. O tipo é assim.

— Esperto.

— Esperto? Manhoso que nem uma raposa, diz antes. Nojento.

— Esse homem é aliado de Sean e pai do seu herdeiro. É capaz de ser difícil. Se o Homem Pintado morresse não prejudicaria a campanha do meu tio contra os Bretões? Muirrin disse-me que cada um dos parceiros da aliança tem um papel vital a desempenhar no sucesso da campanha de Sean.

— Talvez — disse ele franzindo o sobrolho. — Mas a minha demanda para destruir esse homem não tem nada a ver com Sean.

— Mas os guerreiros de Inis Eala vão lutar ao lado das tuas forças na batalha pelas Ilhas. Nesse caso, o Homem Pintado não vai ser teu aliado?

— Esse homem é demoníaco — disse ele friamente. — Não pode ser considerado aliado em circunstância alguma. Desde há muito que está marcado para morrer às minhas mãos.

— Que me estás a dizer? — perguntei. — A tua sede de vingança é mais forte do que o desejo de ver as Ilhas regressarem ao Ulster? Como pode ser isso?

Eamonn resmungou qualquer coisa enquanto continuava a andar de um lado para o outro.

— O quê?

— Não posso continuar esta discussão. Já te disse. Estou ligado a uma promessa.

— Uma promessa a quem?

— A ela. Não me perguntes mais nada, Fainne. Não te posso dizer mais nada.

— Muito bem. Já sei o que tem de ser feito. Parece-me que precisas de um espião.

— Não pode haver espiões em Harrowfield. Ninguém entra, ou sai, sem o homem saber. E ele sabe sempre. Já tentei. Quanto a Inis Eala, é inexpugnável. Nem um único dos meus homens conseguiu chegar à aldeia à beira-mar, quanto mais ao outro lado. O Homem Pintado tem uma rede de espiões que rivaliza com a do próprio Northwoods. Ele viaja frequentemente entre o Ulster e a Bretanha e mais longe ainda, mas fá-lo em segredo. Ninguém lhe consegue seguir o rasto. As pessoas costumavam dizer que ele e os seus homens eram uma espécie de criaturas do Outro Mundo, fora das leis dos humanos. Por vezes, estupidamente, até eu próprio quase que acredito.

— Muito bem — disse eu. — Não pode ser um espião. Pelo menos, humano.

— Que outra espécie haverá, então?

— Ah. Já lá vamos. Mas acredito que posso ajudar-te. Queres mais vinho?

Voltei a encher-lhe a taça; acrescentei mais umas gotas à minha. Eamonn fixava-me, mal acreditando no que lhe estava a dizer.

— Tu, ajudares-me? Desculpa, Fainne, mas não vejo como.

— Não, não podes ver. Mas, a seu tempo, explicar-te-ei. Primeiro, quero fazer-te outra pergunta.

— Espero que não seja tão difícil como a última. Parece-me que isto está a ser mais cansativo do que o brandubh.

— Quero que me digas, honestamente, por que razão achas que não sirvo para tua mulher. Mas fala abertamente.

Eamonn abriu e fechou a boca.

— Achas esta pergunta despropositada? — perguntei eu friamente. — Parece-me óbvio.

— A tua educação tem algumas falhas — disse ele de lábios semicerrados. — Uma jovem não deve fazer uma pergunta dessas a um homem.

— Já a fiz e quero que me respondas francamente. E se achas que é despropositada, também é despropositado um homem da tua posição levar a sobrinha de um parente para um passeio a cavalo, sozinha, meter-lhe a língua na boca e as mãos...

— Chega, Fainne! Até ficas... grosseira.

— Eu não sabia nada até tu me ensinares — disse eu recatadamente, detestando o seu olhar de repugnância.

— Cometi um erro. Já te pedi desculpa. Tu és uma rapariga muito bonita e tens uns modos que atraem o olhar, a imaginação e que fazem um homem desejar abraçar-te e fazer as coisas que tão francamente me fizeste recordar. É natural um homem sentir-se assim, Fainne. Até uma inocente rapariga de convento sabe isso. — Anuí com os olhos postos no chão.

— Uma mulher sente o mesmo. É o que acontece quando duas pessoas se juntam; o sangue ferve e desejam permanecer juntas. Eu sei. Mas já te disse que não me entregarei a um homem fora do casamento. E tu já disseste claramente que não tencionas casar. No entanto, trouxeste-me para aqui e não pareces ansioso por me veres pelas costas.

Eamonn olhou para a lareira, relutante em me encarar.

— Na verdade, não. Como já te disse, acho que és uma companhia agradável, esperta, inteligente e competente. Tens jeito para as crianças; és paciente e dócil. E cheia de surpresas. Começo a aperceber-me de que gosto mais de surpresas do que pensava.

Não nego que esperava que pudesses... que pudesses deixar-me ensinar-te a arte do amor, Fainne. Tenho pensado muito nisso desde que te vi pela primeira vez com as tuas primas em Sevenwaters, tão deslocada naquela casa como uma flor exótica entre flores silvestres. Mas, casamento? Nunca pensei em tal coisa.

O meu coração ficou gelado de fúria. Respirei lenta e cuidadosamente. *Os sentimentos são irrelevantes. Os sentimentos só atrapalham e evitam que se faça o que deve ser feito.*

— Então, achas que eu deveria ficar aqui como uma espécie de... esposa não oficial? É isso? Para te aquecer a cama, para me sentar recatadamente a teu lado enquanto trabalhasses e para me esconderes sempre que recebesses visitas importantes?

— Não, Fainne. — Ele parecia triste, mas não consegui ter pena dele. — Nunca pensei em tal coisa. Portei-me levianamente, por egoísmo e sem pensar nas conseqüências. Uma falha, que não tornarei a repetir. Foi como se tu fosses uma chama que eu quisesse guardar em minha casa, para me aquecer.

— Muito poético. Mas não me aceitas como esposa. Por que não?

— Não pensei em casamento. Parece-me demasiado tarde. Além disso, quando um homem da minha posição casa, a mulher tem que ser de boas famílias. Não penses que não me ocorreu quando te conheci. Informei-me. Informei-me junto da minha irmã e de Sean. Informei-me junto do druida. Foram todos muito evasivos quanto à identidade do teu pai. Foi o suficiente para me alertar para uma irregularidade qualquer. Um homem não leva o seu melhor garanhão a uma égua qualquer, Fainne. A descendência ficaria manchada e não prestaria.

Engoli a humilhação com enorme dificuldade. Apeteceu-me bater-lhe. Em vez disso, corei levemente e bebi um pouco de vinho.

— Estou a ver. Sabes, um bom casamento seria muito importante para mim. Sou prendada e tenho alguns conhecimentos; na verdade, até tenho alguns que tu nem imaginas, Eamonn. Mas,

em casa do meu tio Sean, não sou mais do que uma parente pobre. Sem um bom casamento e um homem digno para me guiar, enfrento um futuro obscuro. Quase de servidão.

Eamonn franziu o sobrolho.

— Eu ofereço-te um lugar aqui. Serás bem tratada. Terás tudo o que desejares; boas roupas, adornos, a administração da casa e da propriedade e a minha qualidade quando aqui vier. Dar-te-ei uma boa vida, Fainne. Não precisas de ser uma criada em casa da minha irmã. E... e iniciar-te-ia, a pouco e pouco, naqueles prazeres que mencionaste. Creio que não serias avessa a isso.

— Mas não colocarias o teu anel no meu dedo, não me darias o teu nome, nem me deixarias ter os teus filhos. Preferes não ter filhos a enfrentar essa vergonha. Seria, em tudo, uma pobre substituta dela, não é verdade? — A voz tremia-me apesar de todos os meus esforços.

— Oh, Fainne. Agi mal e causei-te um desgosto. Mas o casamento está fora de questão, minha querida. Toda a gente o reprovaria. Tal união seria vista como disparatada e inútil, um indício de que estaria a perder o juízo. Tornar-me-ia alvo de chacota.

— Se não te casares, não terás filhos legítimos. E, quando morreres, os abutres descerão sobre as tuas propriedades, que ficarão devastadas. É isso que desejas? Perdeste a vontade de lutar pelo que é teu, de preservar o patrimônio dos teus filhos? Estou desapontada. Afinal de contas, deixaste que o teu inimigo te vencesse.

Seguiu-se outro silêncio.

— Nesse caso, diz-me — disse Eamonn, pousando a taça violentamente na mesa e pegando-me nas mãos. — Diz-me quem és realmente e porque estás aqui. Pois, uma coisa é certa, não casarei com uma mulher sem pai.

A minha estratégia era arriscada e aquela era a parte mais difícil. Um homem com um sentido tão forte da propriedade

recusaria a verdade. Tinha de lhe dizer a verdade e tinha de o manter interessado para que ouvisse o que vinha a seguir.

— Muito bem — disse eu hesitando naturalmente. — Vou contar-te a verdade. Não vais gostar do que vais ouvir. Vou ter que te exigir uma promessa. Que me deixarás acabar. Dá-me a tua palavra.

— Claro — disse Eamonn enquanto o seu polegar se movia levemente no meu pulso, como se, mentalmente, os prazeres da carne ainda o possuíssem contra a sua vontade. Se assim era, isso dava-me uma vantagem e eu teria de a usar apesar de me enojar.

— Muito bem — disse eu de novo. — Isto é muito difícil, sabes? É como admitir que estou... de certo modo, marcada. Eu não sou quem tu pensas, Eamonn. Nunca to disse, mas não fui criada num convento de irmãs católicas. Deixei apenas que acreditasses no que querias, é tudo. Cresci sozinha com o meu pai em Kerry, apenas os dois. O meu pai ensinou-me tudo o que sei. Em tempos foi druida, mas deixou de o ser quando conheceu a minha mãe e a levou. O seu nome era... é... Ciarán e é meio-irmão de Conor de Sevenwaters.

Seguiu-se um longo silêncio. Eamonn mantinha as minhas mãos nas dele, mas estas estavam imóveis, como que geladas.

— O quê? — perguntou ele tão baixinho que eu mal o consegui ouvir. Havia um choque profundo nos seus olhos.

— O meu pai é filho da segunda mulher de Colum de Sevenwaters. Ela levou-o consigo quando era muito pequeno; mas o pai trouxe-o de novo para a floresta e ali foi educado para ser druida. É um homem bom, sábio e honrado. Foi durante todos estes anos a minha única família, o meu guia e o meu mentor.

— Mas... mas isso quer dizer... sabes o que isso significa, Fainne? — Eamonn largou-me as mãos.

— Sim, sei. Significa que a união entre a minha mãe e o meu pai era proibida. O seu sangue era demasiado próximo, pois a mãe dela era meia-irmã dele. Mas eles não sabiam isso quando se

apaixonaram. Ninguém disse ao meu pai de quem ele era filho senão demasiado tarde.

— Mas... mas a tua mãe, Niamh, era casada. Estava casada com um dos Uí Néill e foi raptada da minha fortaleza de Sídh Dubh. Foi raptada por... por... que Dagda me acuda! Não me digas que Liadan sabia dessa paixão incestuosa e que ajudou a irmã a fugir para os braços do amante? Que Liadan colaborou com a ajuda de... isto é uma aberração inacreditável! Que tal coisa tenha acontecido na minha própria casa, na presença da minha irmã! O Sean sabia disto?

— Sabia que eles se amavam. Foi por essa razão que a minha mãe foi dada a outro homem e foi para Tirconnell. Ela era muito infeliz. O marido era muito cruel com ela.

— Talvez ele tenha punido Niamh por ter descoberto que ela cometera um ato abjeto. Parece que tanto ela, como a irmã, tinham pouco juízo.

Engoli a raiva.

— Agora já sabes quem sou, Eamonn. Esta é a verdade. Agora já percebes por que razão os meus parentes foram tão evasivos nas respostas que te deram.

Pareceu-me que ele não tinha mais nada a dizer, continuando a fixar o fogo de braços cruzados. Pensei que estava a pensar na sorte que tivera; agradecendo aos deuses por, afinal, não me ter levado para a cama.

— Já chega disse eu com uma leveza que não sentia. Temos outros assuntos a discutir: o teu inimigo e a tua vingança. Porque parece-me que é isso que mais que te preocupa; de tal maneira que se sobrepõe à tua lealdade para com os teus aliados e parentes.

— Já não interessa — disse Eamonn desprendidamente. — Está tudo acabado entre nós. Se quiseres, regressa a Sevenwaters e leva as crianças. Que tudo fique como estava. Não tenho futuro, Fainne. Se eu quiser passar o resto da minha vida a perseguir um fantasma, que tens tu a ver com isso?

— Talvez nada — disse eu baixinho. — Mas detesto ver definhar um homem bom. Além disso, disse que te ajudava. Disse a verdade e vou dizer-te o que deves fazer. Antes de mais nada, era necessário explicar-te tudo acerca do meu pai. Ele foi criado para ser um druida. Mas depois de ter deixado a floresta, aprofundou o conhecimento da feitiçaria. Quando a minha mãe morreu, tornou-se o meu único companheiro; e ensinou-me muitas coisas, tal como um mestre ensina um aprendiz. Era isto que eu queria dizer quando falei em talentos.

— Isso já não me interessa.

— Prometeste que me deixarias falar até ao fim. — Eamonn estava hirto. Enchi uma taça de vinho, meti-lha na mão e ele despejou-a de uma só vez. Duvidei de que ele se apercebesse do que fizera.

— Imagina uma balança — disse eu calmamente. — De um lado está a tua oportunidade de acabar com o Homem Pintado de uma vez por todas. A certeza da vingança e de que tens a vida dele nas mãos. Do outro lado, está uma jovem; uma rapariga que, tu próprio admitiste, te faz bater o coração e ferver o corpo. Uma rapariga que se guarda para ti; que se mantém fresca e intocável para a tua noite de núpcias. Talvez não seja a que tu amas; mas dar-te-á o que Liadan nunca te deu. Dar-te-á a sua juventude, belos filhos e filhas e nunca olhará, sequer, para outro homem, mantendo a tua casa impecável, a tua lareira permanentemente acesa e que te receberá de braços abertos quando regressares. Com ela, nunca te aborrecerás; surpreender-te-á sempre, vezes sem conta. Mas há um problema. A sua linhagem está um pouco manchada. Tu próprio dizes que não a queres. Afastá-la. E, assim, perdes ambos. Os pratos da balança ficam desequilibrados; perdes o teu futuro e, ao mesmo tempo, desperdiças a oportunidade de destruir o teu velho inimigo e apagar as injustiças do passado. Porque, para teres um, tens de aceitar ambos.

— Tu falas como um druida. Não te compreendo. — Despertara-lhe a curiosidade.

Escolhera as palavras cuidadosamente.

— Para derrotares este inimigo, precisas de um espião. Precisas de saber os seus pontos fracos; Informações acerca dos seus movimentos, para saberes em que ocasião estará só e sem guardas e altura em que estará mais vulnerável. Ambos lutarão lado-a-lado no próximo Verão. Terás, então, muitas oportunidades.

— Mas...

— Sim, há um problema. Por um lado, uma propriedade na longínqua Northumbria, bem guardada, em território inimigo. Ninguém se atreve a atacá-la. Por outro, uma fortaleza numa ilha remota e secreta, com uma proteção tão grande que parece quase uma coisa do Outro Mundo. Este homem pode ser encontrado lá de tempos a tempos. Mas, como penetrar em tais defesas? Certamente que não através de um guerreiro qualquer treinado em espionagem. Este homem terá sempre um outro homem bem melhor. Não, tu precisas de algo mais. Precisas de um espião que passe despercebido, que se confunda com o meio, como se não estivesse lá. Um espião que penetre no conselho mais secreto e na reunião mais privada. Um espião que possa descobrir as confidências trocadas num quarto, se as quiseres saber. Isso posso eu providenciar.

Eamonn olhava chocado e divertido para mim. As suas maçãs-do-rosto estavam coradas; talvez fosse do vinho, mas detectei nele um novo entusiasmo.

— O meu pai ensinou-me umas coisas um pouco... vulgares — disse eu docemente. — Vou demonstrar-tas. Chama o teu criado; pede-lhe que traga alguma comida ou uns troncos para a lareira.

Sem fazer qualquer pergunta, Eamonn fez como lhe pedi. O homem entrou e ficou diante de nós. Um jovem um pouco atarracado, de rosto duro e olhos pequenos. O meu coração bateu com toda a força quando murmurei o feitiço porque via, ao mesmo tempo, a imagem da mulher utilizando a faca para abrir o peixe que era a sua própria filha. Desta vez não posso cometer nenhum erro. Enquanto Eamonn dava instruções em voz baixa ao servo, proferi

algumas palavras mágicas em voz baixa, refreando a tentação de transformar Eamonn, talvez, num furão. Enquanto eu pronunciava as palavras, o homem começou a modificar-se, o nariz mais comprido, a pele mais escura e peluda e o corpo a encolher perante o olhar fascinado e horrorizado de Eamonn e ali, defronte dele, ficou um belo cão negro, arfando um pouco, de língua de fora, orelhas arrebitadas e a cauda abanando esperançadamente.

— Cãozinho bonito — disse eu. — Senta-te.

Eamonn pousou cuidadosamente a taça de vinho na mesa.

— Será verdade o que estou a ver? — murmurou ele. — Não será nenhum truque de luz, que desaparecerá mal nos movamos? Como conseguiste fazer isto?

— Chega-te aqui — disse eu. — É verdadeiro. Toca-lhe. Depois, é melhor transformá-lo outra vez e mandá-lo embora.

Cautelosamente, Eamonn estendeu uma mão e o cão lambeu-lhe os dedos.

— Dagda me acuda! — murmurou Eamonn. — Que és tu? Uma praticante de magia negra?

Toquei na cabeça do cão, murmurei uma palavra e, num ápice, o criado ficou de novo na nossa frente piscando os olhos, confuso. Senti-me percorrida por uma vaga de alívio; funcionara. Desta vez fizera tudo bem.

— Vai buscar mais vinho — disse eu bondosamente ao homem. — E algum pão de trigo, se houver. Lorde Eamonn está com fome. — Quando o homem saiu da sala, disse: — Não sou nenhuma bruxa má. O meu pai é feiticeiro. Ensinou-me. Mas não somos necromantes. Usamos a arte com sabedoria e cautela. Estás a ver como podemos usar isto para alcançar o objetivo que há tanto tempo te foge?

— Diz-me lá, então. Anda, vamos sentar-nos, esperamos que ele venha e saia de novo. Ele lembrar-se-á de alguma coisa?

— Depende. Depende de como o feitiço é feito. Este homem pensará que teve uma ligeira tontura, uma confusão momentânea, nada mais. Se eu o tivesse deixado na sua forma alterada durante mais tempo, poderia ser diferente.

— Tu eras... eras capaz de mandar um homem com a forma de uma criatura qualquer para obter informações? Ele seria capaz de, o fazer e trazer-mas de volta? — Eamonn estava ansioso, a mente pesando as possibilidades.

— Não, Eamonn. Eu vou explicar-te. E verás como a imagem da balança é adequada. Ah, aqui está o teu homem com o vinho. Obrigada. — Sorri enquanto o criado pousava um tabuleiro com outro jarro de vinho e um pequeno pão macio

— É tudo por hoje. — Eamonn não conseguia deixar de olhar para o criado, como se esperasse que, de um momento para o outro, ele arrebitasse as orelhas ou abanasse a cauda. — Podes ir deitar-te. Os outros também. Fecha a porta quando saíres e diz ao resto do pessoal que não nos incomode.

— Sim, meu senhor.

O homem retirou-se e Eamonn debruçou-se para pôr outro tronco na lareira. A sala estava bastante escura à exceção da luz trêmula da lareira e das velas colocadas aqui e além. Lá fora, o vento assobiava por entre as árvores. Ali, em frente da lareira, havia um sentimento de conspiração e segredos partilhados sob o manto da escuridão. Bebi um grande gole de vinho e pousei a taça. Não demasiado. Até ao momento, tudo correra como eu previra. Não podia dar-me ao luxo de agir irrefletidamente.

— Vou explicar-te tudo, Eamonn. Não posso transformar um homem num cão, numa mosca ou num pássaro e enviá-lo como espião. Com essa forma, não se lembrará das tuas instruções e não entenderá a fala humana. Eu podia modificar-te; podia transformar-te num sapo, ou num furão. Mas tu és da mesma espécie do teu criado; perderias também a tua consciência humana até eu te fazer regressar. Portanto, como vês, seria inútil.

— Nesse caso, como poderemos consegui-lo?

— Nem um homem, nem uma mulher, podem ser transformados assim e continuarem a ter o conhecimento de ambas as formas, homem e animal. Para isso, é necessária a sabedoria de um vidente. Ou de um feiticeiro.

— Queres dizer...?

— Quero dizer que, se queres fazê-lo, tens de confiar em mim. Porque eu posso transformar-me num mocho, num salmão ou num gamo e posso ir a casa do meu tio, ou às salas secretas de Inis Eala escutar tudo. Posso regressar e trazer-te a chave para a destruição desse homem. Tenho a capacidade e posso fazê-lo.

— Estás a falar a sério? — perguntou Eamonn lentamente. — Isso é verdade? Não é uma fantasia de rapariga?

— A minha avó transformou seis rapazes em cisnes e quase destruiu a casa de Sevenwaters — disse eu sinistramente. Podes acreditar que sou capaz de fazer a mesma coisa. O que conta aqui é a tua vontade. Porque, se isto for avante, a campanha do meu tio Sean está condenada. Afinal de contas, a tia Aisling é tua irmã. Gostarias que Sevenwaters caísse e que os Bretões ficassem com as ilhas?

Eamonn sorriu amargamente.

— Nós temos o Filho da Profecia, não é verdade? Talvez não falhe.

— O filho do homem que tentas destruir? Ele não será tão malvado como o pai, o homem que pensas ser menos do que humano?

— Por estranho que pareça, o rapaz é um bom líder, muito admirado entre os aliados. É forte, hábil e muito sábio para a idade. Custa-me aceitar que o filho desse homem possa, um dia, vir a ser o senhor de Sevenwaters. Mas um filho não escolhe o pai.

— Estou a ver. — Surpreendera-me. O seu ódio era tal que pensei que se refletiria em todos aqueles que estavam ligados ao

Homem Pintado. Perguntei de novo a mim própria que tipo de homem seria aquele Johnny, em quem toda a gente confiava.

— Achas, então, que, se o pai morrer, ele comandará os aliados na batalha?

Eamonn franziu o sobrolho.

— Ele comandará em qualquer circunstância. A profecia é bastante clara. Quanto ao papel do pai, nada sei. Podemos ser aliados, mas Sean só diz o que lhe convém e isso irrita-me. Não sei se a perda do Homem Pintado afetará a campanha, ou não. Nem me interessa. Porque, a meu ver, devo confessar-te que uma coisa pesa mais do que a outra. Quero que me mostres, Fainne. Mostra-me que podes fazer o que dizes. — A sua voz tremia de antecipação. — Mostra-me que és capaz de te transformar.

— Ah não, isso não faço.

— Porquê?

— Porque é muito perigoso, Eamonn. Enfraquece a arte; depois, fica-se vazia e exausta. Tais poderes não podem ser usados levianamente como uma mera demonstração. Acredita, posso fazê-lo e fa-lo-ei quando chegar a ocasião.

— Tenho dificuldade em entender isto — murmurou ele e eu apercebi-me de que a sua mente fervilhava com as possibilidades que eu lhe propunha. — Com isto, posso apanhá-lo antes de o Verão acabar. Ficarei a saber os seus pensamentos e segredos mais íntimos. Com isto, certamente a minha demanda não falhará e o homem morrerá às minhas mãos. Tens a certeza, Fainne? Tens a certeza de que queres fazer isto por mim?

— Oh sim — disse eu calmamente. — Sem dúvida que quero. Mas há um preço a pagar, Eamonn. Tu não és o único com uma visão e um objetivo.

— Que preço é esse? — Conseguia perceber a excitação na sua voz; naquele momento, poderia pedir-lhe o que quisesse.

— Já te disse — disse eu. — A balança, o equilíbrio. Se aceitares um dos lados, tens de aceitar o outro. Se formos parceiros nisto, seremos parceiros em tudo. Eu executo a tua vontade e reúno as informações que tu queres. Partilho a tua lareira e a tua cama. Descobrirás que também ali sei fazer magia. Tenho os teus filhos e tu dás-me o teu nome. Preciso dessa segurança. Preciso de respeitabilidade, de um lar e de um sítio onde me sinta em casa. Sem isso, não farei nada. Porque, se matares esse aliado e a campanha do meu tio falhar, o meu único futuro é contigo.

Seguiu-se um silêncio de morte, interrompido apenas pelo estalar da lareira e do piar de um mocho no exterior. Esperei que ele dissesse que não casaria com uma mulher de sangue manchado, apesar de tudo. Se o dissesse, talvez não me conseguisse controlar; manter-me calma. Os poderes mágicos não protegem uma pessoa desse tipo de dor.

— Fainne? — disse ele baixinho. Estava a olhar para as chamas e eu não lhe conseguia ver a expressão.

— Sim? — Maldição, a minha voz começara a tremer, como se fosse chorar a qualquer momento. Fora pateta em beber tanto vinho. O controlo era tudo.

— Anda cá. Aproxima-te.

Levantei-me e ajoelhei-me diante dele, de modo a que a luz da lareira se refletisse nos meus cabelos e me aquecesse a pele pálida até ficar rosada. Olhei-lhe para os olhos, mantendo no rosto uma expressão de esperança inocente, fresca e sem artimanhas.

— Juras que estás a dizer a verdade? Que consegues fazê-lo e ser bem sucedida?

— Juro, Eamonn. — Ainda brinquei com a idéia de fazer mais uma magia; como o contrário do feitiço que usara com ele num momento delicado, perto da queda de água, mas vi a expressão no seu olhar e soube que não precisaria de tal ajuda. Havia mais do que simples desejo no seu olhar. Era o olhar de um homem tão consumido pelo ódio que não olhava a meios para obter o que

queria; um olhar que me dizia que por mais que o seu corpo sentisse luxúria e necessitasse de ser apaziguado de tempos a tempos, a única coisa que realmente o excitava era o pensamento do pescoço do seu inimigo entre as mãos exalando o último suspiro.

— Toca em mim, Fainne — murmurou ele e eu ouvi a mesma excitação, irritada, perigosa, na sua voz. — Deixa-me saborear os teus lábios; deixa-me saborear neles a minha vingança.

Senti um forte desejo de lhe cuspir no rosto, pois parecia-me que o homem não me via, afinal, como uma verdadeira mulher, antes como uma ferramenta para os seus tenebrosos propósitos. A raiva e a vergonha cresceram em mim; suprimi ambas.

Controle, disse a voz da minha avó. *Não o percas agora, quase no fim. Faz o que ele te pede. Disseste que serias uma boa esposa, não disseste? Demonstra-lho. Faz com que ele te deseje.*

— Mas tu disseste... — murmurei.

— Só um beijo, apenas um — disse Eamonn suavemente, abraçando-me, encostando os lábios ao meu pescoço e ao meu rosto e como eu não tinha outra alternativa, deixei que me beijasse nos lábios. Foi o momento mais difícil de todos; fingir que colaborava, rodeando-lhe o pescoço com os braços, abrindo a minha boca para que ele a invadisse com a língua, sentindo as suas mãos no meu corpo e sabendo, o tempo todo, que não havia nenhum sentimento verdadeiro em tudo aquilo. Senti-me enojada, ao mesmo tempo que arquejava de prazer simulado e me encostava a ele.

Quanto a Eamonn, sentia-lhe o desejo, mas sabia que não eram os meus encantos que o excitavam. Ele provara que era o sentimento de vingança que o mantinha vivo.

Que viria depois, pensei, enquanto a sua mão subia pela minha perna? Não me conseguia imaginar como mulher daquele homem. Se isso viesse a acontecer, tinha as ferramentas necessárias para o punir pela sua arrogância. Mas nunca aconteceria.

Ocorresse o que ocorresse, não havia futuro para mim depois do Verão. Falara-lhe em casamento apenas para que a minha oferta de magia parecesse mais convincente, porque era pouco possível eu fazer tal gesto de boa vontade. Talvez o tivesse feito, também, por um certo sentido de orgulho. As suas mãos subiam cada vez mais.

Talvez não tivesse percebido o que eu queria dizer.

— Eamonn... — arquejei. — Tu prometeste...

— Só uma vez — murmurou ele. — Só uma vez, Fainne. Tu vais gostar. Farei com que isso aconteça. Depois, espero... não me digas que não...

Ele era muito forte; o suficiente para me impedir de escapar sem usar a arte e eu não podia usar o mesmo truque novamente. Não queria irritá-lo, porque, no fim de contas, ele ainda não dissera que sim, pelo menos por palavras. Além disso, eu não podia pronunciar as palavras de um feitiço enquanto tivesse a sua língua na minha boca e ele não parecia ter pressa de a tirar.

Ouvi o pequeno som antes dele. Não passou de um pequeno ranger, de um restolhar, quando a porta se abriu e alguém parou subitamente na soleira. Eamonn retirou os seus lábios dos meus e as mãos do meu corpo. Susteve a respiração, pronto para repreender o eventual criado que se atrevera a entrar onde não devia. Olhou na direção da porta. Seguiu-se um silêncio de espanto.

— Vim para levar as minhas filhas para casa. — A voz era do meu tio Sean, tão fria como um dia de Sambain. — E parece que cheguei a tempo.

Virei-me lentamente, sentindo o rubor subir-me às faces apesar de todos os meus esforços. O meu tio usava um fato de montar e o olhar nos seus olhos era tão glacial como a sua voz.

Por trás de mim, Eamonn respirou fundo e eu senti quando ele colocou as suas mãos nos meus ombros num gesto que me pareceu de posse.

— Sean. Surpreendeste-nos — disse ele com uma calma digna de louvor. — Fainne concedeu-me a honra de ser minha mulher.

A repugnância e o choque que vira antes no rosto de Sean não se comparavam com a expressão com que ele ficou depois daquela declaração. Deu deliberadamente dois passos no interior da sala, sem falar, os lábios cerrados com força. Então, retraí-me de dor ao sentir as mãos de Eamonn apertarem-me convulsivamente os ombros e o seu corpo ficar hirto.

O meu tio não viera só. Por trás dele, na soleira, estava uma mulher que eu antes não conseguira ver por ser pequena, mal chegando aos ombros de Sean. Pensei que era Muirrin; e então olhei de novo. Aquela mulher tinha os mesmos cabelos escuros e encaracolados da minha prima, entrançados e com madeixas teimosas caindo-lhe pelas feições delicadas. Tinha os mesmos olhos visionários e verdes e a mesma figura delgada. Mas Muirrin não tinha aquela boca doce e curva, uma boca que qualquer homem pensaria ter sido feita para beijar. E Muirrin não tinha aquele ar de autoridade, porque aquela mulher era consideravelmente mais velha e quando ela entrou no quarto, desapertando a capa de capuz, pareceu-me tão formidável como o meu tio, uma mulher que obteria obediência total sem necessitar de a exigir. Como inimiga seria terrível. Não tinha dúvidas de que era a única irmã da minha mãe, a minha tia Liadan.

— Eu... eu... — Eamonn, que lidara com o aparecimento inesperado do meu tio com uma calma surpreendente, parecia agora completamente perdido.

— Uma noite fria para andar a cavalo — observei e coloquei a minha mão sobre a de Eamonn por um momento, tirando-a depois quando ele abrandou o aperto. — Gostariam de uma taça de vinho, suponho?

— Obrigada. — Liadan parecia capaz de falar, ao contrário dos dois homens. A minha tia avançou, atirando com a capa para cima de um banco e revelando um vestido e uma túnica extremamente bem-feitos, o primeiro cinzento-escuro e a segunda um pouco mais

clara, com um toque de violeta. Apesar da severidade da sua aparência, a sua voz era quente e os seus grandes olhos verdes observaram-me tranquilamente. Enchi a taça e passei-lha, mantendo as mãos firmes.

— Não os esperávamos — disse eu.

Liadan olhou de relance para Eamonn e de novo para mim. A sua boca cerrou-se.

— É verdade. Não vou pedir desculpa, porque me parece que a nossa chegada foi atempada. Tencionamos levar-te a ti e às crianças amanhã para casa. Maeve melhorou um pouco e está sempre a perguntar pelas irmãs.

— A... ainda bem que ela está melhor — disse eu. Fiz um esforço para continuar. — E o homem que também foi ferido, o jovem druida?

— Consegui apaziguar-lhe um pouco a dor. Mas nem um homem jovem e forte recupera de tais ferimentos. Expliquei-lhe isso. Conor levou-o para a floresta.

— Lamento. — A minha voz fraquejou e o seu olhar aguçou-se. Os dois homens não se mexiam nem falavam. O ar na sala escura parecia vivo de tanta tensão. Então, ouvi passos a aproximarem-se e o criado de Eamonn apareceu à porta apertando a camisa, passando a mão pelo cabelo e desculpando-se. Eamonn deu-lhe umas rápidas instruções. Preparar comida, quartos e tratar dos cavalos.

— Parece-me que temos coisas para discutir. Sean, — por fim, mexeu-se, mas apenas para cruzar os braços e para franzir o sobrolho. — Coisas que não podem esperar.

— Quero as pequenas fora daqui logo que tiverem feito as malas.

— Certamente que não é necessária tanta pressa. — Já conhecia suficientemente Eamonn para perceber a hesitação na sua voz e o cuidado que punha em não olhar para a minha tia enquanto

ela se sentava num banco, de costas direitas, conseguindo parecer uma princesa apesar do vestido simples.

— Não tenciono ficar aqui mais do que uma noite — disse Liadan friamente. — É tempo de as pequenas irem para casa. Quanto ao que disseste, está fora de questão. À luz do dia, depois de refletires, até tu verás isso, Eamonn.

— Creio que não. O casamento parece-me possível e eu tenho esperança de que Aisling concorde. A minha irmã tem-me pressionado, ao longo dos anos, para que eu me case e eu já estou cansado dessa pressão. E tu não conseguirás que a tua sobrinha se case tão bem noutro lado qualquer.

— Não é possível — disse Sean pesadamente. — Por razões que não vamos discutir aqui.

— Se te referes ao parentesco de Fainne, eu estou ao corrente. Ela disse-me tudo, foi muito corajosa. Penso que, se debater o assunto esta noite, ela não deve estar presente. Fainne não tem andado bem e está muito cansada. Estes assuntos devem ser discutidos entre homens.

Vi a boca da minha tia Liadan torcer-se num dos cantos, mas os seus olhos continuaram mortalmente sérios. Ela olhou para o irmão, ele olhou para ela e eu lembrei-me que Sean e Liadan eram gêmeos. Lembrei-me do que Clodagh me dissera; que as mensagens fluíam de um para o outro em silêncio, fosse qual fosse a distância. Da escura e sombria floresta de Sevenwaters ao secretismo impenetrável de Inis Eala, ou a Harrowfield, no outro lado do mar, mensagens mentais, rápidas como uma flecha ou como o mais veloz dos gamos.

— Pela primeira vez, concordo contigo, Eamonn.

Liadan levantou-se, bocejando.

— Certamente que podemos poupar Fainne aos pormenores; quanto a mim, estou muito cansada e só quero um lugar bem quente para dormir. Vou-me certificar de que a nossa escolta está

instalada e depois retiro-me. Acredita que não quero ficar aqui nem mais um instante do que o necessário. Vens, Fainne?

Enquanto saíamos as duas da sala, deixando os homens num pesado silêncio, olhei para Eamonn por cima do ombro. A sua expressão era uma mistura de agonia provocada por um amor impossível e de ódio alimentado por anos de frustração. Eu tinha razão. Era nela que os seus olhos estavam fixos e a escuridão neles mostrava a sua luta interior. Para ele, nada mais interessava.

CAPÍTULO DEZ

Ela era delgada, elegante, de boas maneiras e muito segura de si. Os criados de Eamonn correram para satisfazer os seus pedidos. Eu segui-a, sentindo-me como um gigante desajeitado, sem palavras e desastrada, até que tudo ficou a seu gosto e ela anunciou, sem consultar ninguém, que partilharia o meu quarto, já que seria mais fácil para todos. Enquanto caminhávamos à luz de uma vela, perguntei-lhe rudemente:

— Não confia em mim, tia?

Ela olhou para mim de lado, os seus olhos verdes friamente calculistas.

— Não confio em Eamonn — disse ela azedamente. — Sei-o capaz de muitas coisas. Acho que tenho de acrescentar à lista o abuso de raparigas.

Não respondi até chegarmos ao quarto e fecharmos a porta. Liadan tinha um pequeno saco com uma camisa de noite e uma escova. Era evidente que não tencionava ficar muito tempo. Observei-a enquanto desfazia as tranças.

— Está zangada comigo? — perguntei-lhe. Ela fez uma pausa e olhou-me fixamente.

— Não, minha querida — disse ela. — Não estou zangada. Apenas um pouco triste. Há tanto tempo que desejo conhecer-te. Na verdade, ter-te-ia vindo buscar imediatamente, mas Maeve precisava de mim em Sevenwaters e Aisling pediu-me muito ajuda. Se eu estivesse presente, não teriam vindo para aqui. Mas a culpa é de Eamonn, não tua. Sei que agiste inocentemente; nem poderia ter sido de outra maneira com uma rapariga da tua idade.

Estava a ficar confusa.

— Desejava conhecer-me? — perguntei, ao mesmo tempo que me sentava na cama para tirar os sapatos. — Porquê?

— Porquê? — Liadan parecia espantada. — Como é possível fazeres-me essa pergunta, Faimne? Fazes idéia do que passamos, afastados de Niamh durante aqueles anos todos? Ciarán nunca nos deixou aproximar. Quando ele levou a tua mãe para Kerry, foi o fim. Eu compreendi as suas razões, mas nunca achei que tivesse razão. Niamh era minha irmã e de Sean. Nós a amávamos. Foi um choque terrível quando soubemos que ela tinha morrido; e quando soubemos que não podíamos ver-te. É uma dádiva dos deuses o fato de estares aqui, Fainne. Uma dádiva que quase perdemos por descuido. Partimos de madrugada. Não quero que estejas de novo a sós com Eamonn.

— Amor — disse eu friamente. — Por que é que toda a gente usa essa palavra? O meu tio Sean, Conor e os outros não demonstraram grande amor quando expulsaram a minha mãe de Sevenwaters. Não houve grande amor na educação de um jovem para que ele fosse druida, atirando-lhe depois com todos esses anos à cara. Não acredito que o amor exista; ou, se existe, só provoca dor e perda. A minha mãe matou-se. Isso não lhe diz nada? — Eu não queria falar daquela maneira. Queria mostrar-me segura de mim própria. Mas ela fizera-me zangar, ali sentada muito direita e bela, com as suas suaves palavras de boas-vindas. Ela não via, nenhum deles via que o meu pai e eu nunca lhes pertenceríamos? Não compreenderiam que tinham sido eles os culpados?

— Tu és muito parecida com ela — disse Liadan suavemente, olhando para mim com aqueles olhos enormes, visionários. — Muito mais do que pensas. Recordas alguma coisa da tua mãe?

Abanei a cabeça, furiosa comigo própria por ter dito demasiado. Estava a deixar escapar a minha autodisciplina, quando não me podia dar ao luxo de baixar a guarda.

— É pena — disse ela. — Niamh, por vezes, era muito... difícil. Azeda, dura. Mas nunca era de propósito. Mas sentia tanta coisa, tanta, que, por vezes, transbordava. Não podes afastar o amor, Fainne. Se o fazes é porque ainda não aprendeste a reconhecê-lo. Niamh amava o teu pai; amava-o mais do que tudo no mundo. Teria mudado toda a sua vida por ele; e mudou, quando chegou a

ocasião. E ele não fez menos por ela. É por isso que custa tanto a acreditar.

— O quê? — Enfiei a camisa de noite pela cabeça o mais rapidamente que pude, porque não gostava de me despir em frente de outras pessoas.

Liadan pareceu pensativa.

— Que ela tenha posto fim à vida. Que a sua escolha tenha sido a morte. Uma vez, ouvia-a ameaçar que se matava, quando ainda estava casada com Uí Néill. Não tenho dúvidas de que estava a ser sincera. Mas fazê-lo depois de Ciarán a ter ido buscar e depois de te ter a ti... sempre me pareceu impossível. Nunca consegui compreender. Tudo o que ela queria era estar com ele e dar-lhe filhos. Desejava isso. E amava-te muito, Fainne. Eu sei.

— Não pode saber — disse eu. — Acaba de me dizer que nunca mais a viu. Não pode saber.

Deitei-me na cama e olhei para o teto.

— Estou a ver — disse Liadan e pareceu-me que estava dividida entre as lágrimas e o riso — que começamos mal. Perdoa-me, tenho de me beliscar para me lembrar que és tu aí deitada em vez da minha irmã, porque ficas extremamente parecida com ela quando te zangas.

— Pensei que tinha dito que a amava. — Liadan suspirou.

— Toda a gente a amava, Fainne. Ela era como um belo animal no Verão, encantadora, divertida e cheia de vida. O que aconteceu mudou-a de modo terrível. O que lhe aconteceu, a ela e a Ciarán foi muito mau. Reconheço-o; na verdade, o teu pai e eu conversamos muito acerca disso há muito tempo. Mas Ciarán e eu nunca fomos inimigos. Quanto a Niamh, ela disse-me, uma vez, que gostaria muito de ter um filho dele. Compreendi o que ela disse porque, então, eu estava grávida, o pai do meu filho estava longe e parecia-me pouco provável que alguma vez pudéssemos viver juntos. Compreendi perfeitamente o seu desejo. Ela manteve essa esperança, mesmo nos momentos mais difíceis.

— Talvez — disse eu de má vontade. — Mas ela não me amava. Como podia ter-me amado? Se me amasse, se houvesse amor, como foi possível ela morrer quando eu era demasiado pequena para me lembrar dela?

— Eu sei o que ela sentia por ti. — A voz de Liadan era suave mas firme na escuridão, depois de ter apagado a vela. — Vi-o. Por vezes, tenho visões. Foi há muito tempo, antes de tu nasceres, que eu vi. Uma imagem. Niamh sentada num lugar estranho, um lugar de luz azulada e sombras suaves, como uma pequena gruta meio enterrada sob o mar e lavada pela maré. Niamh e tu. Faziam ambas desenhos na areia, cuidadosamente, em silêncio. Nunca esquecerei o olhar no seu rosto ao olhar para ti. Depois disso, nunca consegui compreender por que razão... — A sua voz desvaneceu-se.

Por um momento, não consegui dizer nada. As suas palavras tinham-me feito recordar: a pequena gruta por baixo do Favo de Mel, o lugar dos desejos, o refúgio onde me sentara em silêncio tantas vezes, sozinha ou com Darragh a meu lado, observando o jogo de luzes suaves sobre as pedras macias, deixando a areia brincar por entre os meus dedos e ouvindo as pequenas ondas irem e virem, irem e virem.

Aquele lugar fazia-me ter saudades de Kerry. Tentei imaginar a minha mãe sentada na pequena praia observando a pequenina Fainne a brincar na areia. Mas era apenas isso: uma imagem. Desejava recordar, mas não me lembrava dela. Ainda bem.

Estava em perigo de sentir demasiado e os sentimentos só tornavam as coisas mais difíceis.

— Tia Liadan?

— Hum?

— É assim tão impossível eu casar com Eamonn? — Seguiu-se uma longa pausa.

— É — disse ela finalmente.

— Porquê? — perguntei. — A tia sabe o meu passado. Onde hei de eu encontrar um marido com a posição de Eamonn? Ele não me honrou com a escolha? Não compreendo.

— Não vou falar disso aqui, nesta casa, Fainne. — O seu tom não admitia discussão. — Esse assunto pode esperar. Tu podes esperar. Ao contrário de Eamonn, tu só tens dezesseis anos e tens todo o tempo do mundo. Agora é melhor dormirmos, porque amanhã partimos cedo.

Eu não disse nada, já que não tinha qualquer resposta. Pensei que ela estava adormecida, mas, pouco depois, disse:

— Sabes que é possível casar por amor. Na verdade, a nossa família é sobejamente conhecida por fazê-lo contra tudo e todos. Seria muito triste casar apenas por segurança ou por interesses estratégicos. Talvez seja prático, mas é muito triste. Tens algum namorado, Fainne?

— Não — retorqui, demasiado depressa.

— Nesse caso... — disse a tia Liadan na escuridão.

Por vezes, o ataque é a melhor defesa.

— Certamente não casou por amor? — perguntei em ar de desafio.

— Por que dizes isso? — Liadan não pareceu ficar ofendida, apenas surpreendida.

— Desculpe, mas, para todos os efeitos, o seu marido não parece o tipo de homem por quem uma rapariga desistisse da perspectiva de um excelente casamento e por quem deixasse a casa paterna para sempre. Como é que o conheceu?

Seguiu-se um pequeno silêncio.

— Tanto quanto me lembro — disse Liadan, e eu percebi que ela estava a sorrir — os homens dele bateram-me na cabeça e raptaram-me. Nessa ocasião, achava-o bastante assustador e ele achava que eu não passava de uma miúda incômoda.

— Portanto — disse eu, perguntando a mim própria se não estaria a inventar tudo para troçar de mim — não casou por amor?

— O amor encontrou-nos e surpreendeu-nos — disse ela docemente. — Eu casei apenas por isso, Fainne. Quando o vires, podes achá-lo estranho, selvagem e totalmente diferente de um chefe de guerra respeitável como Eamonn de Glencarnagh. Bran não respeita nem as leis nem as convenções, exceto as que ele próprio faz. E a sua aparência coloca-o tão à parte como a sua reputação. Mas é cinqüenta vezes mais homem do que Eamonn. O que existe entre nós está para além do amor, Fainne. Ele é meu marido, meu amante e amigo, aquele a quem eu posso confiar os meus maiores segredos. Espero que um dia também tu tenhas a alegria de encontrar um parceiro assim pois nada é mais importante.

Fui forçada a admitir que a minha tia tinha qualquer coisa. Adormeci com as mãos nas orelhas, não fosse começar a acreditar que o que ela dissera era verdade.

Estávamos prontos para partir pouco depois da alvorada do dia seguinte. As pequenas estavam excitadas por regressarem a casa e falavam ininterruptamente como um bando de pássaros até Sean as mandar calar com um aviso firme e bondoso. Eamonn parecia estar longe. O que eventualmente fora dito entre ele e o meu tio não o deixara de bom humor. No último minuto, quando Sean estava de costas e Liadan respondia a uma comprida pergunta que Clodagh lhe fizera, conseguimos trocar algumas palavras. A pequena égua que me transportara tão corajosamente na pegada de Aoife estava selada e pronta para mim; Eamonn dissera que podia regressar a casa nela, visto que parecia adequada para mim. Não lhe podia dizer que ela estava demasiado cansada depois da sua aventura noturna. Estava de pé ao lado da égua e Eamonn fingiu ajustar o freio. Olhou para mim de relance, de olhos semicerrados e boca severa.

— Promete-me — murmurou ele. — Promete-me que farás o que disseste.

O meu coração parecia um tambor. Havia morte naquele olhar, um olhar sombrio.

— Está combinado, lembras-te? — disse eu a tremer. — Dois pratos. Como tencionas equilibrar o teu?

— Duvidas de mim? — A mão de Eamonn cerrou-se na minha com força, os seus dedos magoando-me. Resisti à dor e ao medo e olhei para ele sem pestanejar.

— Eu mantenho a minha promessa se tu fizeres o mesmo — disse eu firmemente. — Se o meu tio recusa este casamento, por que haveria eu de correr um tal risco por ti?

— Ele não vai recusar. — Não havia lugar a dúvida no tom de Eamonn. — Ele há de ceder aos meus desejos. São loucos, se não se apercebem do meu poder sobre eles. A campanha de Sean não pode realizar-se sem mim. Hei de ter o Homem Pintado; e hei de ter-te a ti. Não duvides.

— Eu...

— Promete-me, Fainne.

Acenei com a cabeça, sentindo um arrepio na espinha.

— Di-lo!

— Prometo. Terei o que queres quando o Verão vier.

O aperto abrandou e ele levou os meus dedos aos lábios.

— Nesse caso, também tu terás o que queres — murmurou ele. — E esperarei esse dia com grande ansiedade, minha querida.

A ansiedade não será grande, pensei, enquanto Mhairí estiver disponível. Reprimi o comentário que me veio aos lábios.

— Adeus, Eamonn — disse eu. Então, a minha tia Liadan colocou-se a meu lado e o momento passou.

— É esta a escolta? — Eamonn correu os olhos pelos três homens com as cores de Sean em cima dos seus cavalos com as quatro pequenas entre eles. — Não chega, certamente. Estou

espantado por teres vindo assim desprotegido. É melhor eu mandar alguns dos meus guardas contigo.

Ele franziu o sobrolho na direção de Liadan.

— Por favor, não mandes — disse ela friamente. — Eu tenho os meus próprios homens.

— A sério? São criaturas do Outro Mundo? Não vejo homens nenhuns.

— Não, não vês. Eles são bons nisso. Eu não vou a lado nenhum sem proteção, Eamonn. Bran assegura-se disso.

Ele olhou para ela, sem palavras. Então, cuspiu deliberadamente para o chão, para os cascos do cavalo dela. Foi chocante; um gesto estranho da parte de um homem que, aparentemente, fazia sempre o que era correto. Liadan não disse nada, limitando-se a dar a volta ao seu cavalo e a afastar-se sem um único olhar para trás.

Foi estranho. Cavalgamos para leste através dos jardins e bosques de Eamonn, passamos pelos seus campos e aldeias e Sean e os seus três homens iam à frente e nos flancos, sempre alerta apesar de estarmos em segurança, dentro das fronteiras de Glencarnagh. Só quando nos afastamos dos bosques e entramos em terreno mais selvagem, mais aberto e cheio de rochas é que eu me apercebi, gradualmente, de outros cavaleiros a nosso lado, não muito distantes, uma presença constante e invisível. A minha pele arrepiou-se. Pensei em criaturas do Outro Mundo, mensageiros dos Túatha Dê Danann, talvez, seguindo-me para descobrirem os meus segredos. Após um certo tempo tornaram-se visíveis, como se só então fosse seguro mostrarem-se. Eram seis ou sete e tinham a aparência de umas criaturas quaisquer de uma velha história, porque estavam todos vestidos de cinzento-acastanhado, misturando-se com a paisagem de Inverno e nas cabeças tinham capuzes justos, que lhes escondiam as feições à exceção dos olhos, boca e nariz; não era possível distinguir aqueles guerreiros uns dos outros. E eram mesmo guerreiros; iam todos armados com adagas e espadas e alguns transportavam também arcos e bordões,

machados ou facas de arremesso. Fiquei alarmada, mas os outros continuaram a cavalgar como se a presença daquelas criaturas ferozes fosse uma coisa normal e percebi tardiamente que deviam ser os homens da minha tia Liadan. Tinham formado uma guarda silenciosa à nossa volta e o meu tio, cujo papel como parte da escolta pareceu subitamente supérfluo, refreou o andamento do seu cavalo para se aproximar da irmã, que ia mesmo à minha frente.

Eilis escolheu aquele preciso momento para falar.

— Da próxima vez que formos a casa do tio Eamonn, hei de montar aquele grande cavalo preto — anunciou ela alegremente.

— Fainne — disse Deirdre — vais casar com o tio Eamonn? Clodagh disse que sim.

— Não disse nada! — exclamou Clodagh. O que eu disse foi: Como é que ela pode casar com o tio Eamonn se tem um homem como Darragh? Não ouviste o que eu disse.

— Ouvi, sim.

— Chega. — Sean não precisava de erguer a voz para as silenciar. Deirdre franziu o sobrolho. Detestava não ter razão.

— Quem é Darragh? — perguntou a tia Liadan com indiferença. Ninguém respondeu.

Parecia que a pergunta me era dirigida.

— Ninguém — murmurei.

Liadan ergueu as sobrancelhas, como se achasse a minha resposta não adequada.

Cavalgávamos por um caminho estreito entre paredes de rocha; a escolta silenciosa seguia atrás e nos flancos numa demonstração de controlo total sem necessidade de quaisquer palavras. Fui poupada à resposta, já que tivemos de seguir em fila.

Quando emergimos, Clodagh respondeu por mim.

— Darragh é o rapaz das histórias de Fainne sobre nômades. Tem um cavalo branco.

— O nome do cavalo é Aoife — acrescentou Deirdre. — Estiveram ambos em Glencarnagh.

— Nunca pensamos que fossem reais, mas eles foram lá para ver Fainne. — O tio Eamonn mandou-os embora.

— Ele veio de... de... — gaguejou Clodagh.

— De Ceann na Mara — disse eu rudemente.

— Eu dei uma cenoura ao pônei. — Eilis tinha de falar. Não podia permitir que aquilo continuasse.

— Ele não é ninguém — disse eu repressivamente, sentindo os olhos de Sibeal em mim, assim como os de Liadan. — Não passa de um rapaz que eu conheci em Kerry, mais nada. Aquela velha, que está sempre sentada na vossa cozinha, Janis, creio que é esse o seu nome, é uma espécie de parente dele. Ele foi lá vê-la.

Sean e Liadan olharam um para o outro.

— Foi esse o rapaz que foi a Sevenwaters à tua procura? — perguntou Sean. — Do clã de Dan Walker?

— É filho dele — disse eu.

— Dan tocou gaita-de-foles no funeral da minha mãe — disse Liadan docemente. — Foi a música mais bela que ouvi em toda a minha vida e também a mais triste. Ele deve ser o melhor tocador de todo o Erin.

— Darragh é melhor — disse eu sem pensar. Os meus dedos subiram para tocar no amuleto. Não podia falar dele. Tinha-se ido embora. Estava esquecido. Tinha de manter isso sempre presente, para que a minha avó não se lembrasse dele.

— A sério? — disse Liadan, sorrindo. — Deve ser um músico formidável.

Mas eu não fiz qualquer comentário e continuamos em silêncio com a nossa estranha escolta sempre a nosso lado, como sombras vigilantes.

Foi no segundo dia que aquilo aconteceu. Tínhamos parado para passar a noite numa das aldeias avançadas do meu tio Sean e eu tinha partilhado o quarto de dormir com as pequenas. Aquilo agradava-me. A sua conversação incessante podia ser cansativa, mas era melhor do que ter de suportar outra das estranhas conversas com a minha tia, nas quais ela parecia compreender mais das minhas palavras do que eu própria.

Consciente de que tinha de continuar desde que começara, consciente das implicações do que prometera a Eamonn, não queria que Liadan se tornasse minha amiga, nem revelar-lhe nenhum dos meus segredos. Na verdade, estava na hora de pôr de lado todas as amizades, concentrando-me no que tinha de ser feito. Tinha de ter isso presente. Tinha de ser forte; seria forte, porque, não me treinara o meu pai para ser autodisciplinada, e não era ele um modelo de autocontrole?

Continuamos a cavalgar por um carreiro estreito que dava para um vale coberto de árvores. Nevara durante a noite e os pinheiros ainda tinham neve nos ramos. Os cães de Sean corriam à frente, deixando um rasto gêmeo no carreiro. Estava um dia tranqüilo, com o céu densamente nublado e baixo. Entre este e as árvores, não conseguia escapar à velha sensação de me sentir aprisionada, fechada. Continuei sorumbaticamente sozinha, tentando encontrar, algures nos meus pensamentos, uma imagem clara da enseada, com as gaivotas gritando lá no alto, o ar impregnado do cheiro do sal da vagas e o trovão do oceano nas rochas do Favo de Mel. Mas tudo o que conseguia ver era o rosto do meu pai, gasto e pálido e tudo o que conseguia ouvir era a sua luta para poder respirar, enquanto tossia e vomitava no seu gabinete destruído.

Os nossos cavalos seguiam cuidadosamente ao longo do carreiro. Este era muito estreito e à nossa direita a encosta erguia-se abruptamente, mergulhando a pique à nossa esquerda, onde uma série de pedras marcava o sítio de uma velha derrocada.

Três dos homens mascarados iam à frente e depois o meu tio, seguido por Clodagh e Sibeal. Eu ia a seguir com as outras atrás. Que sorte, pensei, a minha pequena égua ser um animal notável, porque continuava a saber montar muito mal. Mas aquele animal gentil sabia o caminho e eu confiava nele. Devia-lhe muito; usara-o abusivamente, exaurira-o e ele continuava a transportar-me de boa vontade. Quando chegássemos a casa certificar-me-ia de que teria um merecido descanso, cuidados e tudo aquilo de que os cavalos gostam, talvez cenouras.

Aconteceu subitamente. Ninguém soube exatamente o que foi: um pássaro, um morcego ou algo mais sinistro. Veio de lado nenhum, rápido como uma flecha, descendo, voltando a subir em completo silêncio e desaparecendo quase antes de eu ter tempo de ver o que era. O meu coração bateu apressadamente, em choque. A égua estremeceu e parou. Mas à nossa frente, onde a sombra passara, o pônei de Sibeal relinchou, ergueu as patas dianteiras e a pequenita foi atirada ao chão. Não havia tempo para pensar. Vi a sua figura pequena encapuçada voar na direção da encosta rochosa à nossa esquerda. Ouvi, nas minhas costas, o grito de Deirdre. A arte fluiu através de mim, se bem que mal me tivesse apercebido de que a tinha chamado. Os longos anos de prática deram resultado. Alto. A criança ficou subitamente no ar, suspensa a menos de três palmos da pedra rugosa onde iria embater com alguma violência. E agora suavemente para baixo. Fiz os ajustamentos necessários. Um pouco para a direita, de modo a que aterrasse num estreito ressalto ao lado das rochas instáveis. Mas lentamente; a pequenita poderia assustar-se e cair.

E pronto. Eu tremia da cabeça aos pés e sentia-me incapaz de falar, como se aquele uso limitado da arte me tivesse exaurido.

Os homens da tia Liadan eram bons. Quase antes de Sibeal ter tempo de se aperceber do que estava a acontecer, já dois deles se tinham precipitado para o barranco e descido até onde ela estava, amparando-a para se assegurarem de que não resvalaria.

Com palavras de conforto, transportaram-na até ao carreiro. Liadan, pálida como a cera, inspecionou a criança em busca de

ossos partidos; a própria Sibeal já estava praticamente recomposta; uma fungadela ou duas e um ligeiro tremor do lábio eram os únicos sinais de angústia. Eilis, pelo contrário, chorava de susto. Assim que se soube que Sibeal não estava ferida, foi colocada no cavalo do pai e a nossa guarda guiou-nos eficientemente pelo monte abaixo até um lugar seguro sob os pinheiros, onde poderíamos fazer uma pausa e recuperar forças. Foi feita uma pequena fogueira; o chá ferveu. Tratei de tentar fazer parar os berros de Eilis, porque a última coisa que queria era responder a perguntas. Agira instintivamente; fizera a única coisa possível. Se voltasse a acontecer, sabia que faria novamente a mesma coisa. No entanto, continuava a usar o amuleto da minha avó; continuava a seguir o seu rumo.

Senti uma mudança em mim, ou no talismã que trazia. Desde a noite em que ela viera ter comigo, a noite em que ameaçara destruir todos aqueles que me eram queridos, que me parecia não poder continuar a fazer-lhe a vontade cegamente, sem reservas. O poder do amuleto teria de algum modo diminuído por causa do cordão que o sustentava? Tinha o coração gelado. Talvez o incidente tivesse sido casual.

Mas talvez tivesse sido obra da minha avó; uma espécie de teste. Se fora assim, não havia dúvida de que falhara miseravelmente. Fizera exatamente o oposto do que ela teria querido. Talvez nunca viesse a saber. Talvez, dali em diante, tivesse de olhar com atenção para todas as quedas, todos os pequenos incidentes e, mesmo assim, não ficar com a certeza.

— És uma boa amazona, Eilis — disse eu em voz baixa, afagando os caracóis da criança. — Quando chegarmos a casa, vou dizer à tua mãe como seguraste o cavalo quando aquilo aconteceu e como foste corajosa.

Lentamente, ela foi-se acalmando. Alguns minutos depois Deirdre deu-nos um pouco de chá e eu vi, à distância, Liadan examinando Sibeal de novo, mais cuidadosamente desta vez, olhando-lhe para os olhos e fazendo-lhe perguntas. O pônei da

pequenita parecia também ter recuperado; estava junto dos outros, pastando a magra erva invernal.

— É engraçado — observou Deirdre. — Geralmente, quando as pessoas caem de um cavalo abaixo, geralmente... caem. Mas Sibeal... ela parece que flutuou o último bocadinho. Nunca vi nada parecido.

— Magia — soluçou Eilis. — Como na história.

— Ela podia ter morrido. — Deirdre estava a pensar. Mas antes que pudesse tirar conclusões, Liadan apareceu a nosso lado e as crianças foram mandadas para junto de Sibeal para lhe darem mais chá e fazerem mais perguntas.

A minha tia sentou-se ao meu lado num ramo de árvore caído. A sua expressão era séria, quase severa.

— O meu irmão não viu o que aconteceu; mas eu vi, Fainne — disse ela calmamente. — A princípio pensei que estava a imaginar coisas. Mas Sibeal disse: Fainne salvou-me.

Não respondi.

— Talvez não saibas que o teu pai me salvou a vida uma vez utilizando as artes druídicas. Fizeste uma grande coisa hoje, Fainne. Ciarán teria orgulho de ti. Foste tão rápida; tão subtil.

Senti-me miserável; teria chorado, se pudesse.

— Pareces triste — disse Liadan. — Tens muitas saudades dele?

Contra a minha vontade, acenei com a cabeça.

— Hum — disse ela. — Estamos muito longe de Kerry. Tenho perguntado a mim própria por que razão Ciarán não veio contigo, porque és muito nova para fazer uma viagem tão longa sozinha. Conor tê-lo-ia recebido bem. Tenho a certeza que ele te recebeu bem. Um talento desses seria o suficiente para que o meu tio tentasse recrutar-te para a irmandade. Ele nunca mais encontrou ninguém com o talento do teu pai.

— Não seja tola! — disse eu, furiosa comigo própria por deixar que os meus sentimentos me dominassem. — A nossa espécie não pode aspirar aos patamares superiores da arte druídica. Estamos amaldiçoados, nunca poderemos trilhar os caminhos da Luz.

Liadan ergueu as sobrancelhas. Os seus olhos eram do verde das folhas de Inverno à luz do Sol; o seu rosto era da cor da neve.

— A mim — disse ela docemente — parece-me que acabas de provar exatamente o contrário.

Ela estava errada, claro. Não sabia das outras coisas que eu fizera, coisas terríveis.

Não sabia das coisas que eu ainda tinha de fazer.

— Estás a tremer, Fainne. Tiveste um grande choque, minha querida. Vamos, dá-me a tua mão, deixa-me ajudar-te.

— Não! — A minha voz soou-me áspera. Não lhe permitiria que olhasse para os meus olhos e lesse neles o que me ia na mente. Talvez pensasse que eu não sabia que ela era uma visionária. — Eu estou bem, tia Liadan — acrescentei polidamente. — O que eu fiz foi... foi simplesmente um truque, nada mais. Sinto-me feliz por ter podido ajudar. Não foi nada.

Ela não fez qualquer comentário, mas eu senti o seu olhar pousado em mim, perspicaz, avaliador. Cavalgou o resto do caminho até casa ao lado do irmão e não falaram um com o outro em voz alta, mas pareceram-me ambos muito sérios.

Perguntei a mim própria se falariam de mim, mentalmente, da mesma estranha maneira dos Fomhóire, de quem, a acreditar na minha avó, tinham herdado aquele talento.

Algo se alterara em Sevenwaters desde que eu partira. Não sabia exatamente o que era; era como que um pressentimento, mas a sombra passara e a ordem parecia recomposta. Era como se, de algum modo, a família tivesse recuperado a alma.

Aisling abraçou as filhas, sorrindo; Muirrin apareceu a seguir e junto dela estava Maeve com uma grande ligadura em redor da

cabeça. As irmãs correram para a abraçar, falando todas ao mesmo tempo.

— Cuidado — avisou Muirrin. — É só um bocadinho, porque ela tem de voltar para a cama.

Os sorrisos e as lágrimas eram mais que muitos. Mantive-me afastada, porque não fazia parte daquilo. Esperei que acabassem, de maneira a poder ir para o meu quarto, fechar a porta e ficar sozinha. De maneira a poder ir para qualquer lado e não ver aquilo. Salvar uma criança não invalidava o que fizera a outra. Não era assim tão simples.

As pequenas sorriam. E Deirdre corava. Os maiores sorrisos e os cumprimentos mais efusivos não eram, de fato, para Aisling, ou para Maeve, mas para um outro alguém. Junto da família estavam outros dois homens de Liadan nas suas roupas escuras, se bem que estes dois não estivessem mascarados. Eu pensava que eram guardas. Eram ambos jovens; um atraía os olhares imediatamente, porque a sua pele era tão escura como um carvalho e o seu cabelo tinha pequenas tranças, como as dos druidas, mas decoradas com contas alegres e penas nas pontas. Estava junto de Maeve, amparando-a com um braço. Vi Muirrin murmurar-lhe qualquer coisa ao ouvido e ele sorrir, mostrando uns dentes muito brancos. Mas era o outro que atraía a atenção das minhas primas, se bem que eu não percebesse porquê. Era um tipo vulgar, de feições agradáveis, entroncado mas bem constituído e o cabelo castanho encaracolado cortado muito curto. Virou-se ligeiramente e eu vi, surpreendida, umas marcas no seu rosto, uma tatuagem delicada, subtil, que lhe torneava o olho e rodopiava audaciosamente pelas sobrancelhas e faces. Era um excelente trabalho; era uma ligeira sugestão de um bico, e penas, nada mais. À nossa volta, os homens que tinham formado a nossa guarda tinham desmontado e, à vez, tinham tirado as máscaras e eu vi que todos eles usavam tatuagens no rosto, na maior parte deles simples e noutros um pouco mais elaboradas, mas todas diferentes. Todos eles tinham representado um animal, um texugo, uma foca, um lobo, um veado. Eu era a única que

estava a olhar. Para os outros, aquele bando de guerreiros pintados devia ser familiar.

— Fainne. — Era Clodagh, que aparecera a meu lado e me puxava pela manga. — Este é o Johnny.

O jovem de aspecto vulgar estava ali a meu lado com um sorriso amistoso nas feições pintadas. Engoli em seco. Aquele era Johnny, o fabuloso Filho da Profecia?

Aquele jovem pouco atraente que não parecia diferente de um dos da sua própria guarda? Certamente que havia algo errado. Esperara... bem, esperara, pelo menos, um guerreiro de estatura formidável, ou talvez um sábio cheio de arte e saber. Não... não alguém que poderia muito bem ser um moço de estrebaria, ou um cozinheiro.

— Tantos primos e todos raparigas — disse Johnny. — Prazer em conhecer-te, Fainne. Maeve falou-me muito de ti e contou-nos todas as tuas histórias. — Ele estendeu a mão e apertou-me a mão. O seu aperto foi quente e forte. Olhei-lhe para os olhos e percebi instantaneamente de que me enganara. Eram cinzentos e profundos. Avaliaram-me rapidamente, registraram o que viram e guardaram-no para referência futura. O homem era inteligente. Era um estrategista. E era difícil resistir ao seu olhar. Descobri que estava a sorrir para ele.

— Assim é melhor — disse ele. — Este é o meu amigo Evan. Evan é aprendiz da mãe. Ela dir-te-á que ele tem os predicados necessários para vir a ser um curandeiro de primeira. Ele e Muirrin fizeram maravilhas com Maeve. Fazem ambos uma ótima equipe.

Johnny sorriu para o homem de pele escura e depois para Muirrin. Muirrin corou; Evan olhou para o chão. Então, Liadan disse que Maeve devia voltar para a cama e na agitação da entrada na casa e da separação da bagagem consegui fugir para o meu quarto, onde fechei a porta à chave sem perceber muito bem porquê.

Não gosto dele, pareceu-me dizer a mim própria. *Não posso gostar dele*. Torna as coisas mais difíceis. Sentei-me no chão em

frente da lareira, mas não a acendi apesar do dia frio que estava. Receava as visões que, eventualmente, veria nas suas brasas; as coisas terríveis que estavam no meu caminho, as que eu própria faria e as que não poderia impedir. *É fácil,* disse para mim própria. *É um jogo de estratégia. Como o brandubh. Sabes o que tens afazer. Limita-te a fazê-lo.*

Fácil de dizer. As coisas tinham mudado em Sevenwaters e não era só por causa da vinda de Liadan e por Maeve estar a melhorar mais depressa do que as pessoas pensavam. Era por causa dele, de Johnny. Era visível a maneira como os homens iam ter com ele em busca de respostas e a maneira como ele falava com eles, amigavelmente, respeitosamente mas confiante, como se fosse um homem muito mais velho, maduro e sábio. Era visível no seu sorriso e no seu comportamento; na maneira como usava as roupas simples com orgulho, como se fazer parte de uma equipe lhe desse mais satisfação do que qualquer símbolo de liderança. No entanto, era ele o líder. Os homens mais velhos calavam-se para o ouvir. As mulheres apressavam-se para lhe servir uma refeição ou para lhe encher a taça e coravam quando ele lhes dirigia uma palavra amável. Ele estava em toda a parte; exercitando os homens de Sean no pátio, inspecionando a construção de um novo celeiro, conversando com Janis na cozinha. Era muitas vezes visto à cabeceira de Maeve contando uma história ou ouvindo as suas confissões murmuradas. Fora o seu sorriso doce que aquecera aquelas paredes; fora a sua oferta de ajuda que devolvera a cor ao rosto pálido de Aisling; era o seu conselho que Sean procurava todas as noites quando os homens tinham longas conversas acerca de mapas e diagramas. Por sua causa, a casa recuperara a sua força e objetivo, que desaparecera no festival de Samhain, na noite do incêndio. Eu trouxera a escuridão. Johnny restaurara a Luz.

Meán Gemhrídh estava próximo. Muitas vezes, na enseada, por essa ocasião, o tempo estava tão mau que era impossível ler o dia a partir das pedras; tudo era sombrio, com as nuvens a cobrirem o sol de Inverno. No entanto, eu sabia; subia o monte à chuva ou ao vento e sentava-me sob o dólman virado para oeste, tentando ver

suficientemente longe para conseguir vislumbrar Tir Na n'Og, a ilha dos sonhos.

Mas nunca consegui. Então, ficava ali sentada, com a capa sobre a cabeça para me proteger do vento, sentindo a força da rocha nas minhas costas como uma grande mão protetora e sonhava os meus sonhos de Verão. O Verão vinha sempre. Era apenas uma questão de esperar e ser forte. Tudo isso tinha acabado, claro. Dissera adeus à enseada e ao meu pai. Mandara Darragh embora para muito longe, onde estaria em segurança e, para mim, nunca mais haveria Verões. Era necessário praticar. Fazer o que tinha de fazer, exercitar-me na arte para ir mais longe do que o meu pai me permitira. Na verdade, ele proibira-mo expressamente e com boas razões. Por isso, tinha de aperfeiçoar as minhas capacidades, disciplinar a mente e fortalecer-me. Então, só então, tentaria transformar-me numa criatura selvagem e, ainda mais difícil, regressar, depois, ao meu próprio corpo. A perspectiva aterrorizava-me. E se subestimasse a minha própria habilidade? E se me condenasse a viver como um pato, ou um sapo, ou, pior ainda, se ficasse presa entre uma forma e outra? Então, seria impotente para proteger aqueles que procurava defender dela. Esse feitiço era fortíssimo, um dos mais difíceis da arte; esgotava as forças e sobrecarregava a mente. O meu pai não achava que estivesse pronta para o tentar. E se ainda não estivesse? O tempo passava rapidamente; os homens, sob o frio do solstício, já se reuniam para uma partida iminente e a tia Liadan já falava em regressar a casa. Mesmo na escuridão do Inverno, aquela gente estava com os olhos postos na vitória do Verão. E o Verão não estava longe. Tinha de me preparar.

Mas, como ensaiar o feitiço ali, em Sevenwaters? Não havia solidão, privacidade, salvo no meu quarto e, mesmo aí, estava a ser constantemente interrompida. A casa estava cheia de gente, a família sempre ocupada e a minha ajuda estava sempre a ser pedida para numerosas tarefas, a muitas das quais não estava acostumada. Aprendi a fazer muitas coisas, mas eram as coisas erradas: como coser bainhas, como preservar maçãs em mel e fazer

geléia de língua de porco, como depenar um pato e a melhor maneira de medicar um punho torcido.

À noite era difícil passar despercebida. Com a chegada de Johnny e o seu bando de guerreiros pintados, o jantar tornara-se uma ocasião festiva, seguida freqüentemente pela narrativa de histórias e canções. Um dos jovens tinha uma bela voz e um outro não era mau de todo com o assobio. Havia uma harpa pequena, finamente trabalhada e tanto Deirdre, como Clodagh, eram capazes de tirar sons muito doces das suas delicadas cordas. No acampamento de Dan Walker havia o mesmo sentimento de bem-estar; o mesmo companheirismo. No entanto, era estranho. Aquela gente era da minha família, mas eu sentia-me menos parte dela do que da família colorida e simples dos nômades. Gostava mais de pensar em Peg, que me dera um lenço e o seu sorriso, do que na tia Liadan com os seus olhos perspicazes e os seus silêncios.

Ouvia a sua música e só pensava nos lamentos solitários da gaita-de-foles.

Pensei na floresta. Lá, havia, certamente, muitos espaços abertos, vazios: clareiras, pedaços de terreno desertos na margem do lago, grandes rochas cheias de musgo.

Esses locais eram ótimos para a prática secreta da arte. Mas não tinha nenhum druida para ir até lá comigo e os guardas eram muitos. Além disso, que seres estranhos estariam à espreita na escuridão selvagem, prontos para me espiar os segredos e antecipar os meus movimentos? Não podia ir para lá.

Fiquei bloqueada pelas dúvidas e aterrorizada pela minha falta de progressos. Se assim continuasse, se me permitisse pensar demasiado no que tencionava fazer e no que isso significava, arriscava-me a perder a vontade. Agora, quando tocava no cordão em redor do meu pescoço, ele não parecia fazer com que me concentrasse na tarefa que tinha pela frente, antes murmurava uma mensagem diferente: *tu és filha de Sevenwaters*, dizia ele. *Tu és uma de nós*. Mas eu não esquecera o aviso da minha avó. Ela queria resultados. Sem resultados, regressaria e faria com que

outros pagassem pela minha desobediência. No entanto, quando pensava nisso, parecia-me que, fizesse o que fizesse, a gente de Sevenwaters estava sempre condenada. Podia proteger os inocentes da ira da minha avó obedecendo às suas ordens. Se o fizesse, não haveria mais incêndios, quedas inesperadas e todas as coisas que ela enumerara, tais como envenenamentos, ou desaparecimentos. Os que eu tentava proteger estariam em segurança em Sevenwaters, em Kerry e, mais a oeste, em Ceann na Mara. Talvez o conseguisse. Mas, a longo prazo, se cumprisse a sua demanda, a batalha seria perdida, assim como as Ilhas e aquela família mergulharia no caos e no desespero. Não seria uma catástrofe maior do que as perdas pessoais que eu tentava evitar? Na verdade, se ouvisse as vozes dos que se chamavam a si próprios Anciãos, a desgraça das Ilhas significaria, nem mais nem menos, do que a morte das grandes raças de Erin: os Fair Folk, os mais velhos e os muitos e estranhos habitantes do Outro Mundo que viviam por baixo da terra. Quanto à espécie humana, perderia para sempre os mistérios do espírito. Que homem ou mulher poderia viver sem isso?

Deixariam de ser os guardiões da terra e do mar, passando a ser parasitas, sem se preocuparem com o significado das coisas e sem respeito pela confiança sagrada depositada neles. Seria essa a vontade da minha avó? A escolha que eu enfrentava não era escolha nenhuma; ambos os caminhos iam dar à escuridão. E eu não podia esperar outra coisa, devido ao sangue amaldiçoado que me corria nas veias e nas do meu pai; sangue maculado, o que significava que nunca poderíamos pisar os caminhos da Luz. Eu não era filha de Sevenwaters. Fosse para onde fosse, não podia fazer outra coisa senão destruir a minha família e tudo aquilo que ela tentava, tão arduamente, salvaguardar.

Praticava o melhor que podia no interior do meu quarto até altas horas da noite. De manhã emergia pálida, a bocejar e de mau humor. E a tia Liadan vigiava-me com as suas feições pequenas e doces e sem qualquer expressão. A tia Aisling também me vigiava, franzindo o sobrolho, e ordenava-me que descansasse de tarde e às filhas que me deixassem um pouco em paz. Eu agarrava esse

tempo, grata e usava-o para praticar ainda mais. Ainda não me atrevia a fazer a transformação completa, mas estava cada vez mais perto. Entretanto, ia fazendo outras coisas: a manipulação de objetos, que se tornara fácil, o deixar cair e apanhar, as deslocações subtis e os ajustamentos de forma e tamanho. Uma vez, apanhei um susto com uma barata gigante; felizmente consegui desfazer o feitiço com um estalar de dedos. Perdi uma aranha, fazendo-a tão pequena que não consegui vê-la quando quis fazer o inverso. Ainda não conseguia fazer esse truque de olhos fechados. Ensaiei transformações em frente do espelho, primeiro as mais fáceis, já que o tempo era sempre limitado: a mais bonita e mais bem-feita rapariga da feira; uma versão mais simples, estrábica, de cabelos frisados e ralos; uma matrona com uma criança na barriga e rugas nas sobrancelhas; uma velha extremamente parecida com a minha avó. Desfazia esta última rapidamente, porque me arrepiava a idéia de que, no futuro, talvez eu ficasse como ela. Depois, um pouco mais difícil, uma Fainne com cerca de oito anos de idade, do mesmo tamanho da minha prima Sibeal. A criança olhava para mim da superfície de cobre polido do espelho, as feições inocentes, ainda informes; os cabelos caindo-lhe pelos ombros, como uma capa de fogo. No dedo usava um pequeno anel de erva. E por trás dela, em vez das paredes de pedra escura do meu quarto, vi as falésias do Favo de Mel, as ondas do oceano e o céu enevoado de Kerry. Pensei ouvir a voz do meu pai a dizer: muito bem, filha. Tens talento para isso. Desfiz a transformação abruptamente, demasiado abruptamente, porque quase desmaiei devido à súbita perda de energia que acompanha tais transições e quando olhei de novo para o espelho vi-me a mim própria pálida e exausta, como uma rapariga doente. Dia e noite aperfeiçoei aqueles talentos. Em breve, muito em breve, teria de dar o último passo, de rapariga para animal selvagem, de animal selvagem para rapariga.

Recebi uma carta de Eamonn. Não diretamente; teria sido inapropriado e Eamonn acreditava que devia, sempre que possível, fazer tudo segundo as regras. A carta era para o meu tio Sean e era um pedido formal de casamento. Uma carta daquelas não podia ser ignorada, nem podia haver uma recusa imediata se quem a escrevera era um parente e um aliado. Parecia não ter importância o

fato de já ter sido dito a Eamonn que tal casamento estava fora de questão. Na verdade, o homem parecia não conhecer a palavra não. Fazia o pedido com cortesia, indicando que um dote não estava em causa sendo as minhas circunstâncias o que eram; acrescentava que, devido aos riscos iminentes do Verão, preferia que o casamento tivesse lugar na Primavera, talvez em Imbolc. Havia outra mensagem nas entrelinhas. Eu iria para Glencarnagh antes do Verão como sua mulher. E era evidente que me deixaria com uma criança no ventre quando partisse para a grande campanha. Se morresse, deixaria, pelo menos, um herdeiro. Sean percebeu perfeitamente essa mensagem. Quanto a mim, as intenções de Eamonn eram evidentes. Queria impor os seus direitos de propriedade. Agora que sabia do que eu era capaz, queria ter a certeza de que faria a sua vontade e não a de outros. Informações; segredos; espionagem.

Comigo a seu lado, nenhuma oportunidade lhe seria negada. E era melhor deixar isso bem claro antes de começar a campanha. Ocorrera-lhe, talvez, que havia possibilidades na nossa união que iam além da eliminação de um inimigo particular.

Sean mostrou-me a carta em privado. Eu apreciei o gesto, não desejando ter a tia Aisling a vigiar aquele encontro. Li rapidamente a missiva e devolvi-lha.

— Muito formal — comentei.

O meu tio ergueu as sobrancelhas.

— Estou a ver que lês bem — disse ele.

— O meu pai ensinou-me. E Conor ensinou-o a ele. Suponho que poderia ser chamada de letrada. Talvez, se não me permitires que me case, eu possa arranjar um emprego como escriba.

Sean olhou zombeteiramente para mim.

— Não me parece. Conor disse que tu eras uma druida nata. Achas que serias capaz de responder à chamada?

— A minha espécie não pode trilhar esse caminho. — O meu tom era frio. — Devia saber isso, tio. No fim de contas, sou filha do meu pai.

— E da tua mãe, Fainne. Ela era minha irmã. Devo escolher bem por ti em memória dela.

— Mas escolheu bem mal para ela — disse eu amargamente.

— Talvez sim; e talvez não. É verdade que ela teve azar. No entanto, na ocasião, a família fez o que lhe pareceu melhor. Ninguém sabia o que viria a acontecer. Não penses mal de mim, Fainne, mas, de certo modo, Niamh comeu o fruto que colheu. Escolheu um homem que não podia ter.

Olhei para ele, irritada.

— Mas, nesse caso, eu não existiria, tio. Eu sou o fruto de uma ligação proibida. Não acha que este casamento é a melhor hipótese para mim?

Sean suspirou e sentou-se à pequena mesa.

— Devias falar com Liadan acerca disto — disse ele. — Alguns aspectos deste assunto devem ser discutidos entre mulheres.

— Não — disse eu rapidamente. — Isso não é necessário. Dê-me apenas uma boa razão para que Eamonn e eu não nos casemos; uma razão para além da diferença de idades, porque essa não tem importância, já que eu não me importo.

Pensei que o tinha encostado a um canto, onde me revelaria a verdade sobre Eamonn e Liadan, um segredo bem guardado, que originara uma grande amargura. Mas ele era um bom estrategista.

— Muito bem — disse ele. — Precisamos da autorização do teu pai. Liadan diz que tem a certeza que ele não a dará. Mas, se tu estás disposta, façamos uma experiência. Diz-me onde poderemos encontrar Ciarán e eu mando-lhe um mensageiro com a notícia, pedindo-lhe a sua bênção para o teu casamento.

— Não! — Não consegui controlar o medo. — Não, não pode fazer isso! — Uma vez cá fora, não podia retirar as palavras.

Sean olhou para mim com olhos perspicazes.

— Estou a ver — disse ele. — No entanto, temos de responder a esta carta de uma maneira ou de outra, ou Eamonn aparece aí a exigir uma resposta. Puseste-me numa situação muito delicada, sobrinha.

— Peço desculpa — murmurei.

— Não interessa. Conor chega amanhã para celebrar o ritual do solstício; discutiremos isto com ele e com Liadan antes de decidirmos a nossa resposta. Que Brighid nos salve. Por vezes, penso que recuei até à data em que a tua mãe recusou uma oferta semelhante. Já então, a feiticeira que era a velha inimiga da nossa família tinha de novo a mão em cima de nós, movendo-nos como peças de um jogo qualquer da sua própria invenção. Talvez, quando chegou a ocasião, Niamh não tenha tido hipótese.

Fiquei gelada. Pensei na minha mãe saltando para o vazio e nas palavras de Liadan:

— Sempre me pareceu impossível. — Um terrível pensamento introduziu-se na minha mente, recusando-se a sair.

— Não precisas de ter medo de Liadan — disse Sean com um pequeno sorriso. — Ela amava a irmã e não te quer mal nenhum.

— Medo? É claro que não tenho medo. — Até a mim aquilo me parecia pouco convincente. Olhei de novo para o meu tio. Ele estava tranquilamente sentado, os dedos afagando a cabeça do grande cão sentado a seu lado. Os olhos do animal estavam meio fechados de prazer. Aos pés de Sean, o outro cão dormia. — Só que...

— Diz, Fainne. — A sua voz era amável. — Eu quero que te sintas aqui como em tua casa, sabes isso. Quero que te sintas como mais uma das minhas filhas enquanto estiveres conosco.

— É que ela tem... o... o poder, a capacidade de falar sem palavras, de ler os pensamentos das outras pessoas, eu sei que ela

tem. E eu... tenho medo disso, tio. Medo que a tia Liadan me leia o pensamento e veja coisas que são... privadas. — Por que dissera aquilo? Só servia para lhe aumentar as suspeitas. — Uma rapariga da minha idade tem segredos acrescentei apressadamente. Coisas que é capaz de dizer à sua melhor amiga, mas a mais ninguém.

— Devias falar com ela — disse Sean de novo. — É verdade, há pessoas na família com essa habilidade. A sua força varia de pessoa para pessoa; Liadan tem um dom poderoso, partilhado apenas por mais uma pessoa, que eu saiba. Mas ela nunca o usa para espiar, ou meter-se onde não é chamada, Fainne. Tal dom acarreta uma grande responsabilidade. Não pode ser usado de ânimo leve. Só se soubesse que aqueles que ama estão em perigo mortal é que o usaria dessa maneira.

As suas palavras não fizeram nada para me tranqüilizar.

— Estou a ver. Talvez fale com ela. Isto tem de ser discutido em alguma espécie de... fórum familiar, com Conor e com os outros?

O meu tio acenou gravemente com a cabeça.

— Acho que sim, Fainne. Temos de escolher as palavras com cuidado quando elaborarmos uma resposta para Eamonn. Ele é um homem muito influente; não nos podemos dar ao luxo de o enfurecer.

Não via Conor desde o incêndio. E ele não me via desde que levara o velho druida para descansar sob a tranqüilidade dos grandes carvalhos. Não sabia o que lhe diria.

Parecia-me que o sentimento de culpa estaria espelhado no meu rosto e eu achava que ele sabia ver essas coisas. Parecia-me que o espírito maligno que eu herdara da minha avó se veria nos meus olhos e que isso não passaria despercebido a um homem com as capacidades do arquidruida.

Eu estava sentada ao lado de Maeve, contando-lhe uma história. Apesar dos meus melhores esforços, descobri que não conseguia recusar os seus repetidos pedidos para a visitar e, uma vez sentada a seu lado, era incapaz de lhe recusar uma história. Desta vez começara com uma história acerca de dois pequenos amigos e como quase foram apanhados pela maré. Maeve e eu não estávamos sós; Muirrin estava ocupada a bater qualquer coisa num almofariz e o jovem de pele escura, Evan, estava no quarto ao lado a cuidar de um sujeito com uma grande dentada no traseiro. Os bosques estavam cheios de porcos selvagens e nos seus esforços para arranjar um bom espécime para a festa do solstício conseguira mais do que previra. A presa entrara e saíra com uma limpeza a toda a prova; Evan falava de modo a tranqüilizar o paciente enquanto lhe suturava a ferida. Johnny estava em frente da pequena lareira. Aparecera depois de eu ter começado e eu pensara interromper a história, já que não me queria revelar a ele daquela maneira. Mas Maeve, com a sua vozinha delicada, disse:

— Continua, Fainne, por favor.

Johnny abriu a boca num sorriso grande e desarmante e eu continuei.

— Bem, que haviam eles de fazer? As ondas estavam a ficar cada vez maiores, o dia cada vez mais escuro e tudo o que restava da praia era um pedaço de areia, suficiente apenas para a pequena Fainne pousar os pés. Ela estava assustada, mas não abandonaria Darragh e, assim, não disse nada, apertou Riona contra o peito, olhou para a água que se aproximava cada vez mais e sentiu a rocha inclinada por trás de si; demasiado inclinada para poder trepá-la.

Maeve olhava para mim com ar solene. A sua cabeça ainda estava ligada; mas o olho, pelo menos, tinha sarado, o inchaço desaparecera e a vista estava intacta. As mãos estavam enfaixadas. Sabia que Muirrin mudava as ligaduras duas vezes por dia e que a obrigava a dobrar e mexer os dedos. Ouvira a criança chorar de dor ao sentir a pele queimada esticar. A própria Muirrin saía daquelas sessões com os olhos vermelhos.

— Então, Darragh disse: Vamos ter de nadar. Não é longe... só até àquelas rochas além e depois podemos saltar para o paredão. Dá-me a Riona, que eu levo-a. E Fainne disse em voz baixinha: “Eu não sei nadar”. Darragh olhou para ela, com a água a chegar-lhe aos tornozelos e disse: “Achas que vou deixar que te afogues? Não podes deitar-te de costas e flutuar sem entrar em pânico? Eu nado pelos dois. Tem que ser; as ondas estão cada vez mais perto”. Dito isto, meteu Riona no cinto e entrou na água. As ondas já rebentavam na base da falésia. Fainne sentiu a água nos joelhos, ensopando-lhe o vestido. Só o pensamento de entrar na água fazia-lhe tremer o corpo todo. Mas não daria a entender a Darragh que tinha medo. Assim, fez o que ele lhe pedira: entrou no mar revolto e deixou que ele a envolvesse, sentindo o frio percorrer-lhe o corpo; sentiu os braços de Darragh sob os seus e em redor do peito, segurando-a e começaram a deslocar-se na água, deixando que ela os levasse. Fainne nunca tivera tanto medo. Por vezes, a água esparrinhava por cima dela, entrava-lhe para a boca e para o nariz e uma vez o aperto de Darragh abrandou e ela quase se afogou. A água estava gelada e ela sentiu a força do oceano erguendo-os e baixando-os, para cima e para baixo. Outra vez, atreveu-se a abrir os olhos e olhou para trás; mas fechou-os logo a seguir porque estavam muito longe da praia, tão longe que parecia impossível Darragh conseguir nadar de volta com o seu peso a retardá-lo. Fainne fechou os olhos com força.

“Olha, Fainne,” disse Darragh. “Temos companhia. Que visão rara”. Era mesmo dele; nada como um rapaz que estava quase a afogar-se nem sequer tinha a respiração acelerada. Cautelosamente, ela abriu um pouco os olhos. E ali, ao lado deles, à direita e à esquerda, nadavam duas grandes criaturas de pele macia das profundezas, mantendo a mesma velocidade deles, como guardiões elegantes. Eram sereias, filhas de Manannán mac Lir, que tinham vindo para os levar a salvo para a margem. Durante toda a travessia através da baía elas brincaram, mergulharam e nadaram em círculos, dançando na água e Fainne olhava de olhos esbugalhados, quase se esquecendo que tinha medo. E, por fim, chegaram às rochas macias no outro extremo da baía e Darragh e Fainne saíram da água, tremendo de frio e com sorrisos de orelha a

orelha. As duas sereias foram-se embora sem um único olhar para trás, mas, durante algum tempo, puderam vê-las brincar ao gato e ao rato para lá das ondas.

— Dizem, — disse Darragh a olhar para elas, — que as sereias são meio humanas. Sabias? Por vezes, saem da água, tiram as peles e tornam-se homens e mulheres de novo, por um certo tempo. Mas têm sempre de regressar. O mar chama-as. Estão sob um feitiço. Pelo menos é o que dizem.

Fainne acenou com a cabeça e foram os dois para casa, cheios de frio, ensopados e cansados, mas felizes. Quanto a Riona, tomou um banho que não queria tomar, mas secou depressa em frente da lareira e o que ela ficou a pensar da aventura nunca ninguém soube, porque ela não diz.

Maeve deu um pequeno suspiro de satisfação, eu olhei para cima e na soleira da porta estava Conor.

— Uma história verdadeira, sem dúvida — observou ele solenemente enquanto se aproximava para cumprimentar Muirrin e Johnny e tocar na cabeça da criança com uma mão gentil.

— Oh sim — disse Maeve com toda a segurança. — Todas as histórias de Fainne são verdadeiras. Bem, aquela do duende talvez não. Mas as de Darragh são verdadeiras.

— A sério? — Johnny sorria de sobrancelhas erguidas enquanto olhava para mim. — E que grande nadador ele é. Acho que gostava de o conhecer. Parece ser um tipo bom para termos junto de nós.

— Bem, isso é pouco provável — disse eu reprimidamente. — Ele vive muito longe, para Oeste. E as histórias são verdadeiras e não são.

— As melhores histórias são todas assim — disse Conor. — Aprendeste essa arte com o teu pai, sem dúvida — acrescentou ele calmamente. — Ele tinha a habilidade de nos manter suspensos das suas palavras.

— Desculpem-me. — Levantei-me de repente e desapareci murmurando algo acerca de coisas a fazer. Quando fiquei a salvo no meu quarto, fiz um esforço para me acalmar, coloquei-me em frente do espelho e chamei a arte. Mas a minha mente estava confusa e triste e não consegui escapar às minhas próprias feições, que olhavam para mim ameaçadoramente. Por fim, desisti. Abri a minha arca e, procurando lá bem no fundo, tirei o xale de seda que levara uma vez, há muito tempo, numa outra vida, numa ida à feira a cavalo. Sentei-me no chão com as suas cores alegres de Verão em redor dos ombros, fechei os olhos com força e comecei a oscilar para trás e para a frente, murmurando: *Lamento, lamento.* Mas se estava a falar do meu pai, ou de Darragh, não sabia.

Ceder daquela maneira à fraqueza era perigoso. Demonstrava uma lamentável falta de autocontrole. O meu pai nunca deixara que os seus sentimentos o dominassem.

Como ficaria desapontado se me pudesse ver. No entanto... no entanto, lembrava-me daqueles longos períodos de tempo em que ele se fechava no seu gabinete e não me deixava, sequer, aproximar. Lutaria com a prática complexa da arte, ou lutaria com outra coisa qualquer? E via-o sair ao fim do dia com a expressão confusa e de aversão por si próprio que eu via agora nas minhas próprias feições. Então, atribuía aquilo aos grandes desafios que ele punha a si próprio como mestre feiticeiro que era. Mas agora, subitamente, já não tinha tanta certeza. Como filha dele, teria feito tudo para lhe aliviar a tristeza, para lhe fazer chegar aos lábios aquele raro sorriso, mas, quando estava assim, evitava o contato e cortava pela raiz as minhas perguntas ansiosas. Mais tarde, fazia o possível para me recompensar, contando uma história à lareira e escutando pacientemente enquanto eu relatava os pequenos acontecimentos do dia. E eu desejava que o seu mundo fosse melhor, mas sabendo que era impossível. O meu amor por ele dera cor à minha vida e ainda dava. Era essa a arma mais poderosa da minha avó, que me condenava a um futuro de trevas e traições.

Não pude escapar a Conor. Ele encontrou-me antes do jantar, quando fazia um recado à tia Aisling. Eu estava na cozinha, onde

havia outro par de olhos que eu preferia não ter encontrado. A anciã, Janis, não dissera grande coisa desde o meu regresso de Glencarnagh, mas o que dissera deixara-me bastante desconfortável.

— Eu sempre soube — observou ela, fixando o seu escuro e perscrutador olhar em mim — que a tua mãe só arranjaria sarilhos. E arranjou. Parece-me que tu não és diferente.

— Que quer dizer? — disse eu, ultrajada com aquela ridícula acusação.

— Ele encontrou-te? — foi o esforço seguinte dela.

— Quem? — perguntei, olhando irritada para ela.

— De quem pensas tu que estou a falar?

Seguiu-se uma pausa. Percebi que tinha as mãos cerradas. Fiz um esforço para as relaxar.

— Não o vi — disse-lhe eu friamente.

— Não o viste, ou não o quiseste ver?

— Que tem com isso? Como se atreve a interrogar-me assim?

— Miúda, eu sou suficientemente velha para dizer a verdade sem medo. Talvez não tenhas ouvido. Niamh nunca ouvia quando eu lhe dizia o que lhe convinha. Arrepender-te-ás para sempre se despedaçares o coração do rapaz.

— Que disparate — disse eu tremendo, mas o tom da minha voz perdera a sua certeza. — Os corações não são para aqui chamados. Darragh é... era... meu amigo, mais nada. Foi-se embora. Tem uma namorada em Ceann Na Mara, uma rapariga muito bonita que sabe tudo acerca de cavalos e que tem um pai rico. É... é ótimo para ele. Aqui não há corações, nem para ele, nem para mim.

Janis suspirou e sorriu tristemente.

— Eu vi o olhar nos olhos dele, miúda. A mim, parece-me que não sabes o valor do que deitaste fora. A mim, parece-me que tu não sabes nada de nada.

— Sei, sim — murmurei, perguntando a mim própria porque estava ali a ouvi-la, deixando-a magoar-me tanto com as suas palavras. — Só que... só que, precisamente, por saber o que sei é que faço o que devo fazer. É melhor assim. Melhor para Darragh e melhor para toda a gente.

Janis perscrutou-me de perto.

— Não é assim que as coisas funcionam, miúda — disse ela em voz baixa. — Não podes dispor das vidas das outras pessoas e dos seus sentimentos só porque achas que é melhor. Cresceste com Darragh, não cresceste?

Acenei com a cabeça, de lábios cerrados.

— Hum. Ele disse-me. E alguma vez ele te deixou decidir por ele?

Abanei a cabeça.

— Estás a ver, então.

— Eu sei o que é melhor — disse eu, furiosa.

Janis estendeu a mão rugosa e pegou-me na minha. O seu toque era surpreendentemente suave.

— Há aí muitas lágrimas, miúda — disse ela.

Tudo o que consegui foi acenar com a cabeça, porque as suas palavras tinham-me feito recordar a pequena imagem que vira em sonhos, noite após noite, desde o dia em que transformara uma rapariga num peixe e permitira que a sua própria mãe pusesse fim à sua vida com uma faca de cozinha. Via-me a mim própria com uma angústia que ameaçava rasgar-me a alma.

— Não posso fazer nada — disse eu com a voz estrangulada, e fugi. Depois daquilo fiz os possíveis para me manter afastada de

Janis. No entanto, havia os recados e era impensável não os fazer, porque naquela casa a palavra da tia Aisling era lei.

Portanto, estava eu na cozinha, pedindo à cozinheira para mandar alguns homens buscar algumas galinhas e Janis estava sentada silenciosamente à lareira a olhar para mim. E no outro lado do fogão estava Conor, fazendo exatamente o mesmo.

— Ah — disse ele com um sorriso — precisamente a rapariga com quem eu queria falar. — Vem, Fainne, vamos dar um pequeno passeio juntos. Tenho uma proposta para te fazer.

Não podia recusar. Encontrei uma capa pendurada perto da lareira; Conor puxou para cima o seu capuz. Tinha nevado de novo e deixamos as marcas das nossas botas na neve enquanto caminhávamos pelo carreiro na direção da floresta. No ar havia aquele calor que pressagia mais neve antes do cair da noite. Esperei que o druida falasse. Tentei antecipar as perguntas, formando as convenientes respostas na minha cabeça. Talvez me fizesse perguntas acerca do incêndio e o meu papel nele. Talvez falasse de mortes e ferimentos. Talvez me perguntasse, de novo, porque viera para Sevenwaters. Talvez quisesse falar do meu casamento; para me dizer que era impossível.

— Amanhã celebramos Meán Geimhridh — disse Conor. — Provaste ser uma boa assistente na última vez, Fainne. Estás disposta a desempenhar de novo o mesmo papel?

Lutei para encontrar uma resposta.

— Eu... não percebo porque quer que eu faça isso. Não seria de modo nenhum apropriado.

— Não? — perguntou Conor sorrindo um pouco. — E por que não?

Não lhe podia contar a verdade: que seria uma falsidade. Na noite de Sambain eu fizera de conta que pertencia à família. A minha avó aparecera na noite de Sambain e eu provocara o incêndio.

— Não posso — disse eu rudemente. — Sabe que eu nunca poderei pertencer à Ordem dos sábios. E sabia que o meu pai também não podia, mas mentiu-lhe e deixou-o pensar, durante aqueles anos todos, que era possível. Foi como... foi como prometer a alguém um premio maravilhoso se esse alguém trabalhasse arduamente e depois, no fim, tirar-lho. Não admira que o meu pai fale de si com amargura. Eu não posso ser uma druida, tio. Não posso fazer as coisas próprias de um druida. Não sou capaz.

Passou-se muito tempo antes que Conor respondesse. Se o tinha feito zangar, disse a mim mesma, não me importava; já era tempo de ele enfrentar a verdade. Ele sentou-se no muro de pedra, perto do local onde o carreiro passava por baixo das árvores nuas a caminho das sombras da floresta. E eu fiquei ao lado dele, olhando para lá do lago.

— Lembro-me de o teu avô reconstruir este muro, pedra a pedra — observou ele finalmente. — Hugh de Harrowfield era um grande professor, sábio e paciente. Ensinou aos homens daqui como se faziam as coisas, mas fazia sempre a sua parte; dava sempre o exemplo. Há um truque nisto, um certo saber. Tens de dispor as pedras ao comprido ao longo da linha do muro com o lado mais estreito para baixo; desse modo, as pedras amparam-se umas às outras e não quebram sob pressão. Estas pedras são como uma grande família; os fortes apóiam os fracos, mas cada um desempenha o seu papel no todo.

Não fiz qualquer comentário. Aquilo pareceu-me um conto educativo.

— O que disseste não é verdade, Fainne — disse Conor solenemente. — Creio que percebo por que razão pensas assim, pois isso era o que o teu pai pensava: por ser filho de uma feiticeira, foram-lhe interditados os poderes da Luz, a prática mais elevada da arte. Uma vez a idéia na sua mente, nenhum argumento a abalou. Tentei dizer-lho naquela noite em que ele veio a Sevenwaters e lhe contamos a verdade acerca dos pais. Mas recusou ouvir.

— Como é possível eu estar errada? O nosso sangue é mau. Por mais que tentemos, todas as nossas alternativas conduzem à escuridão. E isso não se pode controlar. Eu sei.

Conor suspirou.

— És muito jovem, Fainne. Como podes ter tanta certeza?

— Porque... porque é o que me acontece — murmurei. — Não vale a pena pensar de outra maneira.

— Não acredito numa coisa dessas, filha.

— É verdade, tio. Não se trata apenas do que o meu pai preferiu acreditar. É uma coisa antiga, muito antiga. A história do que nós somos. Nós descendemos de uma dos Túatha Dê, os Fair Folk; de uma que foi banida por praticar o lado negro da arte. Ela originou algo de demoníaco e libertou-o no mundo. Por isso, os Fair Folk baniram-na e interditaram-lhe a magia mais elevada. É assim com todos os seus descendentes.

Conor olhou para mim intensamente.

— Uma história interessante — disse ele. — Mas, no fim de contas, não passa de uma história. Onde ouviste isso, Fainne?

— O meu... o meu pai disse que foi assim.

— E onde terá ele ouvido isso, pergunto a mim próprio? Uma pessoa pode ou não acreditar nessas histórias. Mas eu retribuo-te com um argumento que não podes deixar de acreditar que é verdadeiro, pois baseia-se em fatos verídicos.

Esperei.

— Diz-me uma coisa. Alguma vez viste o teu pai usar a arte com fins maléficos?

— Não — respondi contrafeita. — Mas isso é diferente. — O meu pai fez uma escolha. Ele disse-me que a nossa espécie é atraída pelo mal. Mas uma pessoa pode sempre escolher não utilizar a arte.

Conor acenou com a cabeça solenemente.

— Então, ele não exerce a arte?

Franzi o sobrolho.

— Exerce; para quê, ninguém sabe. Talvez o faça para se desafiar a si próprio; para preencher os dias vazios. Ele costumava fazer demonstrações para me ensinar. Mas... na realidade, exerceu-a apenas uma vez. — Olhei de relance para o druida. — Ele salvou a população da enseada quando os Nórdicos a invadiram. Ainda hoje falam disso.

— Então — disse Conor — a única vez que ele a exerceu foi para praticar o bem.

— Mas houve pessoas que morreram — disse eu. — Houve um guerreiro de cabelos louros muito claros, que o mar atirou para a praia no meio da madeira dos navios destruídos.

— É um assunto complicado. Às vezes é difícil separar o que está certo do que está errado, Fainne. E tu ainda és muito nova e mal começaste o teu treino.

— O que é que isso quer dizer? — perguntei abruptamente, um pouco ofendida por ele me considerar uma principiante.

— Já falamos do teu pai. E de ti? Dizes que só podes trilhar um caminho para a escuridão por seres quem és. Digo-te que isso está errado. Tu, realmente, podes escolher. Sim, tu és neta de uma feiticeira. Mas a tua outra avó era a minha irmã Sorcha, a quem as pessoas chamam, por vezes, a Filha da Floresta. Ela era uma mulher extremamente forte; de grande coração, espírito puro, muito amada nesta casa e na comunidade. O teu avô, Hugh de Harrowfield, era um homem forte e admirável, porque, no fim de contas, era bretão. Tu também recebeste essa herança, Fainne. Quer queiras, quer não, também és uma de nós. E estás errada no que diz respeito à arte. Liadan contou-me o que aconteceu com Sibeal no regresso de Glencarnagh. Usaste as tuas capacidades para praticar o bem. Estou certo que já o fizeste noutras ocasiões.

Senti que ia chorar.

— Fiz muitas coisas más, tio. — Parecia que as palavras me estavam a ser extraídas à força apesar dos meus esforços. — Coisas terríveis que não lhe posso contar. Se a família soubesse, seria banida como o meu pai.

— Ciarán nunca foi banido. — A voz de Conor era calma, mas a sombra de uma dor antiga permanecia nela. — Ele preferiu partir. Preferiu um rumo perigoso. Acredito foi em busca de Lady Oonagh.

— Lady Oonagh?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— A mãe dele, a feiticeira.

— É esse o nome dela? Eu sempre lhe chamei apenas avó.

Por vezes, dizemos coisas, mas as palavras saem, sabemos que nunca as devíamos ter dito. Mas é tarde demais para voltar atrás. Vi a expressão de Conor mudar; vi a confiança serena desaparecer para dar lugar a uma rigidez pálida que era quase medo. Afastei o olhar, virando o rosto para as águas do lago, naquele dia, cinzentas e escuras sob o pesado céu de Inverno.

— Tu... — balbuciou ele, tossindo levemente. — Diz-me uma coisa, Fainne — disse ele já mais calmo. — A tua... a tua avó esteve sempre em Kerry enquanto tu lá viveste?

Achei que ele estava a escolher as palavras com o máximo cuidado. Quanto a mim, deixara que a conversa enveredasse por águas muito perigosas. Perdera totalmente o controlo. Era assim que os druidas agiam. Com a educação que tive, tinha obrigação de não me ter deixado enredar.

— Não, tio. Ela esteve lá pouco tempo. Eu cresci sozinha com o meu pai, como já lhe tinha dito.

— Se ele acreditava que a arte te conduziria ao mal, por que ta ensinou?

Não tinha resposta para aquilo.

— Vem — disse ele. — O tempo está a refrescar. Regressemos.

— Sim, tio.

Encaminhamo-nos para a fortaleza em silêncio. Fui assaltada por sentimentos contraditórios, um deles o medo da fúria da minha avó caso tivesse ouvido aquela troca de palavras. Mas, para além desse medo, sentia um enorme terror, o de que talvez Conor tivesse razão. Seria possível, então, eu não ser totalmente má e poder aspirar a algo diferente? Este pensamento era cruel. Certamente, não passava de uma esperança vã, a mesma esperança que o meu pai tivera e que lhe foi rudemente sonegada. Enquanto caminhávamos na direção da porta principal, onde uns rapazes estavam atarefados a varrer a neve dos caminhos e umas raparigas bem agasalhadas com xales e lenços penduravam grinaldas de verdura em redor da porta, lembrei-me daquela ocasião na feira. Eu não tive razão quando impedi aquele tipo de executar os seus truques maldosos; não devia ter libertado os animais julgando que estava certa. Mas fizera-o. Usava o amuleto, mas fizera-o na mesma.

A idéia que Conor colocara na minha mente era tão aterradora que desejei, do fundo do meu coração, nunca a ter ouvido. Mas, uma vez alojada na minha mente, não a podia afastar. Apercebi-me de que a verdade se aproximava sorrateiramente de mim há já muito tempo, desde o momento em que enfiei o pequeno talismã da minha avó no estranho cordão feito de várias fibras. Havia qualquer coisa neste colar que funcionava contra a maldade do talismã. Algo de maravilhoso e belo. Talvez fosse o amor, ou a família; talvez ambos. Sentia-me feliz por a minha avó nunca ter conseguido dominar a arte de ler os pensamentos alheios. A arte que a minha tia Liadan possuía em abundância. Pois a idéia que me ia na mente nunca poderia ser vista pela minha avó.

Naquela noite, apaguei a lareira do meu quarto e sentei-me, gelada, à luz vacilante de uma pequena vela, enquanto as sombras dançavam nas paredes ao ritmo do bater do meu coração. Lá fora, nevava; o silêncio era profundo. Acreditara que não podia fazer

senão o que a minha avó queria: levar a cabo uma missão terrível, de enormes proporções. Apesar de me parecer impossível, planeara fazê-la, pois estava ligada pelo medo e pela crença de que, mais cedo ou mais tarde, não poderia fazer outra coisa senão o que ela queria e seguir o rumo demoníaco ligado ao meu sangue amaldiçoado. Assustador, mas, ao mesmo tempo, fácil, porque era inevitável e estava fora do meu controlo.

Mas estava errada. O poder do amuleto distorcera-me a mente e enfraquecera-me a capacidade de raciocinar. Cegara-me a tudo, exceto ao que ela queria que eu visse. Através do talismã, a minha avó provocara o mal e fizera-me acreditar que fora eu a praticá-lo. Na verdade, era uma feiticeira formidável. Mas, talvez, não fosse assim tão formidável. Ela nunca me explicara por que razão não podia ela própria matar o Filho da Profecia e acabar, de uma vez por todas, com tudo. Tudo que dissera era que os acontecimentos deviam desenrolar-se de acordo com as profecias antigas. E, naquela noite, quando tirei o amuleto, ela precipitou-se para ver o que eu estava a fazer. Estava com medo de mim; medo do que eu pudesse fazer se escapasse ao seu controlo. Uma revelação importante, dissera o meu pai, e mais qualquer coisa acerca de encontrar o rumo certo para os meus dons. Muito bem, parecia-me que acabava de encontrar esse rumo, apesar de estremecer ao contemplá-lo. Poderia devolver a vida ao meu pai. Poderia mostrar-lhe que a nossa espécie podia, na verdade, aspirar à Luz. Poderia fazer com que àquela gente não fosse roubada a oportunidade de ganhar a batalha e salvar as Ilhas. Nunca poderia compensá-la pelo terrível mal que causara. O passado não podia ser apagado. Mas podia, de agora em diante, pisar, se tivesse coragem, um caminho diferente. Um caminho de medo e sacrifício; com o tempo, talvez um caminho de redenção. Lady Oonagh era forte. Mas eu tinha de ser ainda mais forte.

CAPÍTULO ONZE

A minha mente começou a trabalhar muito depressa. A minha avó apareceria se pensasse que eu era muito lenta, disso tinha eu a certeza. Tinha de agir primeiro.

Tinha de me antecipar à sua visita. Tinha de ser eu a chamá-la, apesar de a perspectiva de ela aparecer em Sevenwaters me arrepiasse. Tinha de assumir eu o controlo; demonstrar-lhe-ia os meus progressos. Não podia ter a mínima dúvida de que eu continuava a ser a sua boneca e decidida a fazer a sua vontade. Era uma hipótese perigosa; ninguém poderia saber a verdade. Graças à deusa, Darragh estava a salvo em Ceann Na Mara, suficientemente longe para que a minha avó não se lembrasse dele. Quanto ao meu pai, confiava nas minhas decisões e apesar de esta ser a maior da minha vida, aplicava-se a mesma regra. Ele educara-me de modo a fazer as coisas sem ajuda e eu honraria os seus ensinamentos.

Precisava de uma razão para chamar a minha avó; um relatório era capaz de ser do seu agrado. O plano que elaborara para ela incluía espiar para Eamonn, descobrindo as informações de que ele necessitava para destruir o seu velho inimigo, aquele a quem chamavam Chefe. Tinha de arranjar algumas notícias para lhe mostrar que não tinha estado inativa. Como era que o sujeito se chamava? Bran? E não podia espiar se não me transformasse. Eram horas de exercitar a arte.

Ótimo disse uma vozinha estranha mesmo por trás de mim. Fiquei gelada ali onde estava, na semi-escuridão, junto da lareira apagada. Por um momento, pensei... pensei mesmo... mas não, aquele piar suave não pertencia de todo à minha avó.

— Achas? — perguntei cautelosamente enquanto o meu coração regressava lentamente ao seu ritmo normal, e virei-me para observar a criatura-mocho empoleirada na minha janela com a sua capa de penas e pequenas botas vermelhas. Devia, realmente, ter

estado muito absorvida nos meus pensamentos, pois não a ouvira chegar e mudar de forma.

— Acho sim, Rapariga de Fogo. Vejo-o no teu rosto. Um olhar diferente. Portanto, o que vai ser? Um gato agressivo, talvez? Uma pulga? Poderias entrar em muitos sítios. Saberás muitas coisas esta noite, porque eles estão todos sentados a conversar por trás de portas fechadas. É melhor apressares-te.

Franzi o sobrolho.

— Agora lês-me os pensamentos? — perguntei-lhe, pensando se me arriscaria a confiar naquela pequena personagem que parecia saber tanta coisa.

Uma gargalhada parecida com um gorgolejar.

— Nós não lemos os pensamentos. Limitei-me a esperar que tu descobrisses por ti própria, mais nada. Mas estamos em toda a parte, se bem que as pessoas não nos possam ver. Vemo-lo nos teus olhos. Levaste tempo, filha única de druida, a descobrir este quebra-cabeças.

Parecia não haver resposta possível para aquilo, salvo, talvez, outra pergunta.

— Achas... achas que o meu pai tencionava...?

— Terias de lhe perguntar. Mas, agora, toca a andar, o tempo passa. O que é que vai ser?

Estremeci.

— Tenho que entrar sem ninguém me ver na sala onde eles estão, entrar por uma porta fechada, ficar lá o tempo que for preciso invisível e regressar para aqui sã e salva. Não pode ser um gato, isso é certo. Um animal noturno, bastante pequeno; um que possa entrar por uma greta.

— Uma barata? — sugeriu a criatura, prestável.

— Não, estava a pensar numa traça — disse eu com a voz a tremer, excitada.

— Boa idéia. Anda lá, então.

Lembrei-me, tardiamente, que um mocho também era um animal noturno e recordei o acampamento dos nômades e um certo predador miniatura, picando sobre a presa com as garras abertas e a boca escancarada.

— Espero que não tenhas vindo à procura de comida — disse eu franzindo o sobrolho.

— Já comi, obrigado — respondeu polidamente a criatura. — Anda lá, despacha-te. Podes fazê-lo, ou não?

— Nunca tentei antes.

— Nós sabemos. Por isso é que eu estou aqui. Para te vigiar. É sempre preciso, a primeira vez. É uma espécie de segunda natureza para a nossa espécie. Ficas avisada. Senti-lo-ás depois. Custa bastante. Certifica-te de que regressas para aqui antes de desfazeres o feitiço.

Primeiro passo. Era preciso criar uma imagem na mente, uma espécie de mapa do que tinha de ser feito, suficientemente simples para que até a mais ínfima das criaturas o pudesse compreender. Fechei os olhos e obriguei-me a visualizar o caminho que teria de seguir: sair do meu quarto por baixo da porta, por onde entrava uma corrente de ar gelada e seguir ao longo do corredor na escuridão até ao local onde eles estavam reunidos, uma pequena sala no topo das escadas. Retive na mente os contornos da porta, com réstias de luz passando por baixo e por cima. Teria de passar pela fenda no alto da porta e depois segurar-me a uma parede, ou ao teto, e tentar ouvir algo que pudesse convencer a minha avó de que o meu plano estava a avançar. Em seguida, revi mentalmente o regresso através da minúscula ranhura, voando rapidamente ao longo do corredor, pousando na minha porta e passando por baixo. Tinha de fixar o plano antes de começar, assim como o feitiço para regressar à minha forma. Tinha de fixar essas duas coisas, assim como a percepção de mim própria, ou ficaria perdida para sempre na outra forma. O meu coração batia com toda a força, com a ansiedade. Tinha de fazer aquilo. Tinha de fazer aquilo.

— Agora — disse a criatura-mocho.

Segundo passo. Pensei no animal, na traça. Senti a forma, a leveza e a alteração de equilíbrio, de modo que, em vez do plano acima e abaixo, chão e teto, havia simplesmente diferentes espécies de planos e diferentes espécies de contato. Senti a força das asas e o estranho aumento da luz. Senti a minha consciência diminuir, alterar-se e concentrar-se em algo muito mais simples e direto. Murmurei as palavras na mente e transformei-me.

Por um momento senti apenas um pânico cego. Não conseguia despegar as patas das asas, os olhos não funcionavam como deve ser e andei em círculos no chão, tropeçando, caindo e batendo as asas à toa.

Porta disse uma voz e eu assustei-me, mas senti, algures, que havia um plano e compreendi que devia segui-lo. Voei erraticamente na direção da minúscula fenda de luz e passei por baixo da porta. Luz. Calor. Era o que eu queria. Queria luz e lá estava ela, por cima de mim, não muito longe. Voei, agora mais ousadamente, atraída pelo seu brilho, sabendo que tinha de voar na sua direção, que tinha de me aproximar...

Não, Rapariga de Fogo. Isso não. Lembra-te de quem és. Lembra-te do plano.

A voz. Tinha de prestar atenção à voz. Mas a luz estava ali. A luz chamava-me com tanta força...

Queimas-te se voares para a lanterna. Segue o plano. Não te percas. Algures, o sentido do ego, lá muito no fundo, o treino do meu pai. Eu era Fainne, filha de Ciarán. Aquela forma, como traça, era apenas uma concha e eu tinha de ignorar o modo como ela me empurrava na direção daquele brilho e daquele calor. As minhas frágeis asas transportaram-me ao longo do corredor, por cima da tentadora chama da lanterna. Não conseguia ver o meu estranho companheiro; talvez a criatura tivesse ficado fechada no meu quarto. Mas a sua voz continuava a guiar-me.

Muito bem, Rapariga de Fogo. Não percas a consciência. Não te entregues a essa outra mente, ou não passarás de parte da próxima refeição de um mocho. E agora, entra.

Chegara à entrada da pequena sala do conselho. Havia apenas o espaço suficiente para eu rastejar por entre a porta de carvalho e a soleira. No lado de dentro havia luz; duas lanternas e algumas velas. Aquelas luzes chamaram-me do mesmo modo que um ribeiro de água límpida chama um homem sedento após uma longa jornada. Com um esforço de vontade, agarrei-me à parede junto da porta. A minha visão era estranha: não havia cor, apenas luz e escuridão e podia ver em redor, não em frente.

Não conseguia interpretar o que os meus olhos novos me mostravam; para o conseguir, precisava de aprender a ver de novo. Concentrei-me na audição e, com um esforço, consegui separar as vozes de Conor, de Sean, de Liadan e, para minha surpresa, de Johnny. Ocorreu-me que devia a Johnny o fato de a conversa decorrer em voz alta. Não fora a sua presença e os restantes teriam usado a voz da mente, conduzindo a conversa em silêncio total. Só um vidente seria capaz de compreender o que se passava naquele conselho.

Era difícil ouvir e mais difícil ainda compreender. Uma parte de mim só ouvia sons, sons de perigo e outra parte só via e sentia escuridão e luz: a escuridão de predadores invisíveis escondidos nas sombras e o apelo forte, maravilhoso, tremulo, da luz em cima da mesa. As palavras, o plano, Não me podia perder. O plano era escutar, *porta, voar, porta, segurança.* Depois, o feitiço do regresso. Primeiro, escutar.

— O que quer dizer que não posso adivinhar — dizia Conor solenemente, como se tivesse chegado ao fim de uma narrativa. — Tremo só de pensar nas influências que terá sofrido. A questão é, que fazemos agora?

Seguiu-se um breve silêncio.

— Está a dizer-nos — o tom de Sean era cuidadoso — que acredita que Fainne veio para Sevenwaters como emissária de Lady

Oonagh? Isso parece-me fantasista, não consigo acreditar. Nunca concordei com as suas dúvidas acerca dela. Ela é boa rapariga. Aisling fala muito bem dela. Teve, apenas, uma educação estranha e é um pouco tímida e desajeitada, mas mais nada.

— Estás a esquecer-te da magia. — A voz de Liadan era fria. — Nós vimos. Ela é forte; forte e capaz, tal como o pai. E é típico de Lady Oonagh, não é, tio, procurar fazer-nos mal usando como arma uma criança que desejamos ter conosco há muito tempo, que desejamos amar? A filha de Niamh. É uma crueldade, na verdade, e tem o selo indiscutível dessa feiticeira. Não disseste que Fainne sabe conjurar o fogo com os dedos? Isso não te diz nada?

— Estás a sugerir... mas isso é absurdo, Liadan! — Sean murmurou em tom chocado. Eu aproximei-me para ouvir melhor, passando da parede para o teto e ficando de cabeça para baixo na sombra. Em baixo, um dos grandes cães de Sean torceu as orelhas e começou a rosnar baixinho, sinistramente. Pressenti o movimento precipitado de outras criaturas pequenas junto de mim; senti um súbito terror sem perceber a causa.

— Isso é impossível, mãe. — Johnny falou com absoluta confiança. — Eu vi Fainne com as crianças. Ela adora-as. Devia ouvi-la a contar histórias, ou vê-la à cabeceira de Maeve. Não há nela qualquer maldade: na verdade, o que há nela é uma enorme simplicidade, que torna essa idéia impensável.

Liadan suspirou.

— Tu não sabes. Mas Conor pode dizer-te que Lady Oonagh era assim, não pode?

— Não exatamente — disse Conor lentamente. — Nós nunca confiamos na feiticeira, nem no primeiro momento, quando o meu pai a trouxe para Sevenwaters como sua noiva. Mas ela tinha um certo encanto; uma espécie de Encantamento, que usava para convencer as pessoas de que era pura e bem-intencionada; para as apanhar na armadilha. O meu pai foi enfeitiçado assim, assim como o meu irmão Diarmid. As feiticeiras têm essa capacidade. Mas não

resulta com pessoas como eu, ou como Liadan. Mas contigo, filho, ou com Sean, é possível.

— Não pode ser — disse Johnny, nada convencido. — Eu posso não ser vidente, mas sei ler o caráter no rosto de um homem, ou de uma mulher. Fainne está confusa, assustada; a verdade é essa. Por baixo, não passa de uma criança inocente. De que é que têm medo?

— Eu digo-te — disse a sua mãe numa voz estranhamente constrangida. — Há muito tempo, foi-me dada uma oportunidade. Os Fair Folk vieram ter comigo e ordenaram-me que ficasse aqui na floresta para que o meu filho ficasse ao abrigo da influência da feiticeira. Conor pode confirmá-lo; ele deu-me o mesmo conselho. Chegaram a dizer que a profecia não se cumpriria se eu não fizesse o que eles exigiam.

— Mas a mãe desobedeceu — disse Johnny. — Porquê?

— Na ocasião, pareceu-me não ter outra hipótese. Ou te mantinha a salvo, ou punha em risco o teu futuro e o futuro de Sevenwaters, da floresta e das Ilhas. Muitas pessoas não compreenderam o que fiz. E havia Bran. Ele não podia ficar aqui comigo, na floresta. Para proteger o meu filho, teria de afastar o homem que faz parte de mim; negar-lhe o próprio filho. Não podia fazer isso. Desafiei as ordens deles e virei costas a Sevenwaters. Fui contra os conselhos de Conor. E foi por causa da minha intervenção que Niamh escapou ao marido e fugiu com Ciarán. Se não fosse isso, Fainne não existiria. Eles avisaram-me. Os Fair Folk disseram-me que... que... não consigo dizê-lo por palavras. Esperava nunca ter de falar disto, Johnny. Nunca contei nada disto ao teu pai.

— Está a dizer que a presença de Fainne é, de algum modo, uma ameaça para mim? Para a minha segurança? — Johnny estava estupefato. — Como é isso possível, mãe?

— Lady Oonagh tentou, em tempos, dominar Sevenwaters — disse Sean lentamente. Então, foi derrotada pela força da minha

mãe; pela força humana. Pode ser que tenha tentado de novo através de Ciarán; e agora tenta mais uma vez através da filha dele.

— A minha mãe acredita nisso. Quando Niamh e Ciarán puseram os olhos um no outro pela primeira vez nesta casa, ela viu a mão de Lady Oonagh estender-se para nós uma vez mais. Ela acredita que aquela mulher vai continuar a estender as garras, geração após geração, até a profecia se cumprir e tudo se componha. É capaz de ser verdade. Se Lady Oonagh continua viva, deve continuar a mover-se por entre nós, tentando contrariar-nos, porque a nossa campanha, no próximo Verão, pode muito bem ter sucesso. Mas se não tivermos o Filho da Profecia, estamos condenados.

— A rapariga anda perturbada — disse Conor. — Ela tem muito do pai, da sua inteligência e da sua sensibilidade. Se não fosse esta loucura por causa de Eamonn e da pressão que temos sobre os ombros, gostaria de lhe ganhar a confiança e convencê-la de que os seus poderes podem ser para o bem apesar do que lhe foi ensinado. Não me parece que Fainne esteja inclinada para o mal.

— Desculpe-me, tio, mas penso que os seus sentimentos o fazem esquecer a verdade — disse Liadan com firmeza. — O tio sentiu muito a perda de Ciarán; nunca mais encontrou outro com os mesmos talentos e a irmandade está a degenerar. Não confie demasiado, não veja em Fainne unicamente o que quer ver.

A resposta de Conor foi imediata.

— Ela salvou Sibeal. Ela é filha da tua irmã e só tem dezesseis anos. Que queres que eu faça?

— O bom senso diz-me que devemos mandá-la para casa — disse Liadan firmemente. — Que Ciarán se responsabilize por ela, já que preferiu educá-la no conhecimento das artes dos feiticeiros e a expôs à influência da mãe dele.

— Creio que não podemos fazer isso — disse Sean com autoridade. — A minha sobrinha está assustada; vi isso quando lhe disse que devia pedir autorização a Ciarán para casar com Eamonn.

— Tu o quê? — A voz da sua irmã soou chocada.

— A idéia é repugnante, reconheço; mas a experiência ensinou-me umas coisas. Não lhe podia recusar o pedido sem uma explicação. Ela recusou mandar uma mensagem ao pai. A rapariga anda aterrorizada por uma razão qualquer; aterrorizada pela perspectiva de entrar em contato com ele.

— Mas não está com medo dele — acrescentou Conor calmamente. — Ela fala dele com grande lealdade e respeito.

— Eu não a mando para Kerry — disse Sean num tom que indicava que a decisão estava tomada. — Contra a vontade dela, não. Não sabemos quais são as forças que estão em campo. A mim, custa-me acreditar que Fainne queira fazer-nos mal, mas confio no teu julgamento, irmã. Não quero pôr em risco a nossa campanha, ou a nossa família.

Liadan ficou silenciosa.

— Só há uma solução, então. — Johnny falou com grande confiança.

— Levamo-la conosco para o Norte. Pomos Eamonn polidamente de fora; dizemos que a sua pretensa noiva quer esperar pela aprovação do pai e que Ciarán não pode ser contactado neste momento. Entretanto, afastamos Fainne e tudo fica bem. Não lhe faltarão pretendentes entusiastas em Inis Eala e todos eles mais novos e mais prometedores do que Eamonn de Glencarnagh, apesar de menos dotados de bens materiais. Ela esquece-o depressa.

— Não ouviste nada do que eu disse — disse Liadan com ar cansado.

— Eu ouço sempre, mãe — disse Johnny com um sorriso na voz. — Até faço uma aposta consigo, se quiser. Aposto que sou suficientemente grande e forte para ficar fora de perigo, com feiticeira ou sem feiticeira. Que tal? Além disso, se acha que Fainne está confusa, ou assustada, há algum lugar melhor do que Inis Eala

para ela encontrar equilíbrio? Se ela quer respostas, é lá que as encontra, certamente.

— Lady Oonagh tentou matar-te, uma vez.

— E eu estou aqui, não estou? — disse Johnny alegremente.

Enquanto escutava com toda a concentração possível, esquecera-me, por momentos, que era ao mesmo tempo uma traça e uma rapariga. Aproximei-me, mas um dos pés ficou preso em algo, tentei soltá-lo e as pernas ficaram-me, subitamente, enredadas. Bati as asas, lutando por me libertar, mas a teia pegajosa apertou-se em redor das asas palpitantes e das pernas frágeis sem que eu pudesse quebrá-la. Nas trevas, por trás de mim, pressenti uma presença, esfomeada, à espera.

A parte de mim que continuava a ser a Fainne, disse-me: *teia, aranha. Liberta-te, depressa.* A parte de mim que continuava a ser uma traça estava paralisada por um terror cego que me mantinha presa, ao mesmo tempo que batia as asas num esforço frenético, fútil. A presença aproximou-se, movendo-se como uma bailarina nos delicados fios.

Depressa! disse a voz do meu guia coberto de penas, enquanto eu sentia a morte nas minhas costas. *Um salto rápido, curto. Depressa!*

Puxei para um lado, usando todo o peso do meu corpo, leve como era, batendo as asas o mais que podia, ao mesmo tempo que a aranha fazia um súbito ataque na minha direção e, por fim, consegui libertar-me descendo em espiral, descontrolada, ainda com fragmentos pegajosos de teia agarrados às pernas. O meu vôo disparatado levou-me até junto da lanterna; quente. Caí na direção da mesa e aterrei de costas; senti de novo a morte muito perto. Os cães começaram a ladrar. Uma grande mão pegou em mim; e uma outra aproximou-se, aprisionando-me. Lutei e bati as asas, até que consegui pôr-me de pé. E esperei pelo esmagamento final.

— Pobre coisinha — disse Johnny. — Não sabe para onde há de ir.

Senti um movimento, as mãos abriram-se e eu rastejei para longe do calor da pele humana para as pedras junto da soleira da porta, nas sombras. Tendo-me libertado, o meu primo voltou para a mesa e com a minha estranha visão de inseto pensei vê-lo pousar uma mão tranqüilizadora no ombro da sua mãe.

— Está combinado, portanto — disse ele enquanto eu me escapulia pela fenda entre a porta e a soleira e fugia pelo corredor, por cima da aura de luz da lanterna, até alcançar a minha própria porta. Rapidamente para baixo e sob a porta. Salva. Descansar.

E agora o feitiço. O meu companheiro do Outro Mundo estava empoleirado na janela; senti as pequenas botas vermelhas não muito longe de mim e a ameaça dos seus duros tacões. Mas não queria mexer-me. Estava escuro; podia ficar ali quieta. *O feitiço. Ainda não acabou. Diz as palavras, Rapariga de Fogo.* Debilmente, recomecei a pensar: o feitiço, o plano. *Porta, voar, porta. Escutar. Porta, voar, porta, salva. O feitiço.* Algures, bem lá no fundo, estavam as palavras do contrafeitiço e eu chamei-as no silêncio da minha mente de traça, palavras que pareciam não ter qualquer significado, apenas poder. À minha volta, o quarto oscilava e mudava de forma; começaram a aparecer umas cores difusas, o dourado da lanterna, o castanho-avermelhado de um vestido estendido em cima da cama e o verde e carmesim de uma grinalda sagrada que Clodagh atara por cima da minha janela para dar as boas-vindas aos espíritos de Meán Geimhrídh, O quarto desvaneceu-se e iluminou-se, desvaneceu-se e iluminou-se; a figura da criatura mocho flutuou em frente dos meus olhos. Olhei para baixo e vi que era eu de novo.

Olhei para cima e à minha volta a vela, a janela e a criatura-mocho mexeram-se e oscilaram ao mesmo tempo. Em seguida caí, e ficou tudo escuro.

— Nunca discuti com o teu pai acerca de um ponto de estratégia e não o vou fazer contigo. Os homens contam contigo

para que tomes as decisões certas, e eu também. — Aquela voz entrou na minha consciência enquanto vinha lentamente a mim. Mantive os olhos fechados. Estava na cama, aconchegada por baixo dos cobertores e ouvia o estralejar do fogo na lareira. Um cheiro delicioso; uma bebida de ginja e cravo-da-índia. Tinha dores no corpo todo. Pensei que era melhor adormecer de novo...

— Além disso — desta vez era a voz de Johnny lá no fundo, — a mãe quer que ela vá. Vejo-o por trás dessa atitude austera. Tem de concordar que Fainne é uma rapariga encantadora, filha de feiticeiro ou não. Não vê como ela pode brilhar, como uma pequena lâmpada, na nossa austera casa de homens?

— A mãe dela, certamente, atraiu-os como a chama atrai as traças — disse Liadan retorcidamente. — Mas, na verdade, por vezes penso que estou outra vez na presença de Niamh, teimosa, espinhosa e ao mesmo tempo uma rapariga fácil de amar. Leste bem os meus pensamentos, filho. Gosto muito dos meus quatro filhos; mas sempre desejei uma filha. Talvez seja verdade. Talvez Fainne precise de proteção. Mas também é um risco terrível, sei isso melhor do que ninguém, salvo, talvez, Ciarán.

— Confie em mim, mãe. É melhor assim.

— Suponho que não vale a pena falar-te em perigo, como também nunca valeu a pena com Bran. O conceito de auto-proteção é desconhecido de vocês os dois. Esperava que ele se tornasse um pouco mais cuidadoso, como qualquer homem perto dos quarenta com filhos crescidos. Mas continua na frente de tudo, arriscando a pele como se tivesse tantas vidas como um gato.

— E não tem? — zombou Johnny.

— Ele não tem de ser assim. Há outros, homens mais novos, que só estão à espera de uma oportunidade. Sinto... sinto que é perigoso, Johnny. Tenho medo de vos perder aos dois.

— Conhece o Chefe. Ele calcula os riscos. Isto foi planeado até ao último pormenor e, apesar da idade, ele é um dos que nada melhor e conhece o terreno e o local de atracagem melhor do que

ninguém. Selecionaremos os outros homens. É verdade, há perigo, mas também há perigo nos ventos e nas marés. E veja se não há homens no mar. Não podemos afundar a esquadra inimiga pela calada sem nos expormos ao perigo.

— Vocês serão tão poucos e longe de qualquer ajuda. Se isto se sabe, vocês ficarão tão vulneráveis como uma galinha no ninho.

— Pensa que não contamos com isso? Quanto à espionagem, quem acreditaria que até o Homem Pintado seria louco a ponto de tentar semelhante operação? Ninguém contorna a Needle pelo lado leste. Quanto a chegar a terra a nado, nunca ninguém o tentou antes, sendo as correntes o que são. Tais rumores seriam instantaneamente associados a fantasia.

— As tuas palavras fazem pouco para me tranqüilizar — disse Liadan. — Lembro sempre a mim própria que foi minha a escolha de te educar à imagem do teu pai; um guerreiro e um estrategista, que não sabe o que é o medo. As coisas teriam sido muito diferentes se tivesses sido educado como letrado e místico na floresta.

— Lamenta essa escolha, mãe?

— Até àquele momento, quando Conor nos disse que Lady Oonagh continua viva e nos ameaça, não. Tive muitos anos de felicidade; não sei se Bran e eu teríamos podido viver as nossas vidas um sem o outro. Sinto-me feliz com os meus filhos, a excelente comunidade de Harrowfield e os amigos de Inis Eala. Sinto-me orgulhosa de ter sido capaz de gerar herdeiros, não só para os domínios do meu pai, mas também para Sevenwaters. Mas há coisas que lamento; a dor e o sofrimento por Niamh mantêm-se no meu coração, assim como a indiferença de Ciarán pela sua família e o seu chamamento. É por essa razão que gostaria de ter a filha deles comigo, como se fosse minha. Mas agora... uma vez, há muito tempo, disseram-me: Tu queres mais do que o que podes ter. Disseram-me que havia sangue e lágrimas na minha escolha. Talvez tenha chegado a hora de eu pagar por esses anos de felicidade. Pergunta-me de novo, depois do Verão, se lamento alguma coisa.

— Tem saudades dele — disse Johnny docemente.

— Mais do que consigo pôr em palavras. A minha casa é aqui; mas o meu coração está onde ele estiver.

— Partiremos assim que Fainne possa viajar — disse Johnny.

Então, ouvi baterem à porta, o ranger desta a abrir-se e a voz de Clodagh. Seguiu-se uma conversação sobre se eu tinha desmaios antes e por que razão estivera doente em casa do tio Eamonn durante um dia inteiro e não vira o pônei branco. Por fim, pareceu-me seguro abrir os olhos e dar-lhes a conhecer que estava acordada.

Estivera inconsciente durante um dia e uma noite inteiros, disseram-me, desde que Sibeal me encontrara no chão do meu quarto, de manhã cedo, até ao dia seguinte.

Talvez mais tempo ainda, porque eu estava gelada quando a minha prima me descobriu e deu o alarme, se bem que estivesse tapada com um cobertor e tivesse uma almofada sob a cabeça, o que era estranho. Dormira durante as celebrações do solstício de Inverno, que Conor levara a cabo sozinho. Perdera a grande fogueira, disse-me Eilis, a cidra e os bolos. Na verdade, estava ainda tão fraca que quase não conseguia virar-me na cama. Tive uma série de pequenas visitantes e contaram-me muitas histórias. Johnny apareceu e deu-me a notícia de que iria para norte a cavalo com ele e a mãe, para conhecer a outra parte da minha família. Sibeal apareceu sozinha com Riona. Os meus protestos foram indeferidos.

— Já expliquei tudo a Maeve — disse-me a criança solenemente, como se fosse uma mulher mais velha — e ela concorda. Nós vamos fazer-lhe uma boneca nova. A mãe vai-nos ensinar. Tu precisas de Riona. Tens de a levar quando te fores embora.

O esgotamento continuou. Estava espantada como o esforço da transformação me exaurira, se bem que tivesse sido avisada. O corpo tremia-me e recusava-se a qualquer esforço; a mente ainda mantinha o terror do inseto indefeso, algures no interior da consciência humana. Na próxima vez, pensei, escolheria algo maior,

mais forte e mais capaz de olhar por si próprio. Passaram-se três dias antes que estivesse suficientemente recuperada para continuar com o meu plano.

Sentei-me à lareira naquela terceira noite. Pusera de parte tudo o que pudesse ser perigoso. Riona estava no fundo da arca, junto do xale de Darragh e do minúsculo anel de fibras entrançadas. Se tivesse forças, talvez tivesse atirado fora aquelas coisas preciosas; talvez as tivesse destruído, não fossem atrair o olhar da minha avó e dar-lhe alguma idéia. Mas, filha de feiticeiro ou não, não estava suficientemente forte.

Quando tudo estava arrumado em segurança e a porta fechada à chave, fechei o amuleto na minha mão e concentrei-me nas chamas. Um distorcer mental tem um objetivo duplo. Liga quem está a usá-lo a quem o outorgou; prende um à vontade do outro. É também uma espécie de condutor, um olho, que se abre entre os dois quando quer. Fora assim, pensava eu, que a minha avó fora capaz de me ver de vez em quando para saber o que eu estava a fazer apesar de estar longe. Ela dissera que não me podia ver o tempo todo, apenas de vez em quando e por breves períodos.

Tais feitiços possuem as suas próprias subtilezas, os seus próprios truques. A ligação sempre me parecera forte quando eu tocava no amuleto, ou o segurava. Se o fizesse agora e a invocasse, ou convocasse, talvez ela viesse. Respirei fundo e abri o olho do espírito. Disse as velhas palavras e chamei-a.

Ela apareceu num instante; não em carne e osso, como no nosso último encontro memorável, mas ali nas brasas da lareira, um par de brilhantes olhos escuros e uma voz poderosa, exigente.

— Ah! Não estava à espera que me chamasses assim. Estou morta por ouvir as novidades, pequena. Conta, conta!

— Saí-me bem, avó. — Não consegui evitar o tremor na voz.

— Sou toda ouvidos. Continua.

— O meu plano está em prática, como lhe disse que estaria. O homem chamado Eamonn fez-me uma oferta, formalmente, em

troca das informações que eu lhe possa dar. Quer destruir um outro, que faz parte da aliança. Transformei-me para obter o que ele queria. Se ele for em frente, certamente provocará o insucesso da campanha. Eles não podem vencer sem este homem a quem chamam Chefe.

— Tu fizeste uma transformação completa? Com sucesso?

— Sim, avó.

— Sem ajuda?

— Sim, avó. — Olhei de frente para o fogo e mantive uma expressão sincera.

— Estou a ver. E que informação é essa?

De certo modo, sabia que ela me poria à prova. Não bastava fabricar uma história.

No entanto, senti relutância em lha dizer; nas suas mãos, uma tal informação podia ser muito perigosa.

— S... significaria muito pouco para si, avó; trata-se simplesmente de algo que pode dar a Eamonn a oportunidade de fazer o que deseja. Depois de eu lhe dizer, fará o que entender.

Os olhos da minha avó semicerraram-se alarmantemente.

— Fainne — disse ela muito suavemente — tu preocupas-me, pequena. Pensei que soubesses qual é o resultado se tentares desobedecer-me. Mas parece que não. Queres que te mostre outra vez? — O fogo pareceu ficar mais brilhante em redor das suas feições, uma chama dourada e vermelha terrível, com exceção das brasas escuras que eram os seus olhos. Certamente que não adivinhara a verdade? Certamente não sabia que eu tencionava desafiá-la?

— Eu... eu não queria... — gaguejei.

— Diz-me, Fainne! Qual foi a informação que descobriste? Não estás a brincar comigo, pois não? As brincadeiras fazem-me pensar em crianças. As crianças adoram brincar, não adoram? Trepar,

balançar, girar. Tudo coisas arriscadas, especialmente para as mais pequenas. E o teu tio tem muitas filhas; demasiadas, na realidade.

Eu tremia como varas verdes. Punha-me furiosa o fato de ela ter o poder de me manipular; o seu desprezo pelas crianças aterrorizava-me. Parecia que não podia fazer outra coisa senão dizer-lhe. Senti o amuleto aquecer contra o meu peito, como se tivesse algo da sua ira.

— Tem a ver com nadar — disse eu, tentando dar-lhe o menor número de detalhes possível. — Um pequeno grupo de homens. E é perigoso.

— Mais — ordenou a minha avó.

— Eles vão nadar de uma ilha para outra para afundar os navios do inimigo. Durante esse empreendimento, o homem que Eamonn despreza estará em grande risco. Tenciono dizer isso a Eamonn; deixar que ele agarre a oportunidade.

— Hum. Não é grande coisa. E se não der resultado?

— Dará, avó. E há mais. Vou para norte com a minha tia Liadan, para Inis Eala. Lá, estarei perto do centro da campanha; perto dos seus segredos. Estarei no local ideal para continuar a sua missão.

— Estou a ver.

— Não se sente contente com tudo o que fiz, avó?

— Há más influências naquele lugar. É antigo e cheio de mistérios. O teu pai sentir-se-ia em casa, sem dúvida. Vê lá se não acontece o mesmo contigo. Lembra-te, os únicos bons conselhos são os meus. E não tentes tirar o amuleto. Precisas dele, porque estes tempos vão ser muito difíceis para ti. Se o tirares, pode ser o teu fim.

— Compreendo, avó — disse eu em tom suficientemente doce. Na verdade, compreendia demasiado bem, porque já acontecera antes, no dia em que Darragh apareceu em Glencarnagh. Tira-o, ela saberá imediatamente e pintará a manta, obrigando-me a fazer a

sua vontade com todas as armas que possui. Ela precisava de mim. Não podia fazer aquilo sem mim, isso era claro. Se bem que desejasse tirar aquele talismã sinistro, tinha de o usar até ao fim; até ao momento do conflito final. Tinha de usar o seu feitiço até ao instante em que ela soubesse, finalmente, que eu não era nenhuma ferramenta para seu uso, antes uma adversária. O que aconteceria então, não sabia, mas sabia, lá no fundo, que tinha de acontecer tudo até ao fim, como tinham dito os Anciãos; como ela própria dissera: o momento precede o acontecimento...

— E esse Eamonn? — perguntou subitamente a minha avó. — Como é que lhe vais dar a informação se ele está num lugar e tu noutro?

Não levara muito tempo para descobrir a fragilidade da minha estratégia. Tentei não mostrar o meu receio.

— Hei de arranjar uma maneira — disse-lhe com um tom que eu esperava ser de confiança. — Ele vai fazer parte da campanha final; há de haver uma altura em que vão estar todos reunidos. Inis Eala é a chave de tudo, avó. É lá que eu devo estar.

— Pareces diferente, pequena. Algo mudou. Não te esqueças. Não te esqueças do que te mostrei.

Estremeci perante a suavidade ameaçadora da sua voz.

— Não me esqueci, avó. E mudei. Agora que sei... agora que senti a satisfação de fazer com que um homem me deseje, agora que experimentei o poder da transformação, começo a compreender. Começo a perceber por que razão age como age; começo a compreender que ser feiticeira tem as suas recompensas.

— Pode ser — fungou ela, mas percebi no tom da sua voz que estava satisfeita. Acreditara em mim, portanto. Ainda bem que não estava presente de corpo e alma, ou teria farejado o meu medo. Era perigoso, o meu jogo com ela.

— E se não der resultado? — perguntou ela. — Sabes o que deves fazer?

— Vai resultar. Se não, arranjo outra maneira.

— Não é preciso, Fainne. Eu digo-te. É óbvio. Mas, agora, responde-me a uma coisa. Ele está aí, o rapaz, aquele a quem chamam o Filho da Profecia? Já o viste?

— Já, avó — disse eu cautelosamente, não gostando do tom da sua voz.

— Lembra-te — disse ela no fim, a única coisa que interessa é ele. Ele é a única peça de real valor neste jogo. O resto, o druida, o guerreiro, o chefe de guerra, a dama, estarão todos a seu lado, darão tudo por ele e morrerão por ele se necessário, para conseguirem o objetivo final. Ele está na profecia e todos contam com isso. A sua confiança vem daí, dele. No fim, tudo o que é preciso é tirar o Filho da Profecia e tudo entrará em colapso. Espera até ao último momento e faz com que ele falhe. Se não tiveres, outra vez, estômago para o matar, há outras maneiras. E tu sabes quais são. É fácil arranjar alguém que faça o trabalho sujo por ti. Como é ele? Espero que não te apaixones por ele, estás a ouvir?

— Não, avó. Não sou assim tão estúpida.

— Hum. Não sei se será verdade. Tu és muito mole com essas crianças. Suponho que é bonito; e tu és filha da tua mãe, no fim de contas.

— Acredite — disse eu com pouca firmeza — não me atreveria a mentir-lhe.

— Muito sensato, Fainne. Mas acho que gostaria de uma pequena demonstração de lealdade. Vamos fazer o seguinte. Vamos pôr esse jovem guerreiro à experiência, assim como tu. Veremos se é assim tão forte; veremos quanta dor é capaz de suportar. Será útil, mais tarde. Essa viagem para o Norte representa a oportunidade ideal. Não precisas de fazer um feitiço, neta; guarda o teu poder para o fim, porque nessa altura terás de estar no teu melhor. Eu farei o necessário. Não vou matar o sujeito, esse é o teu trabalho e virá mais tarde. Vou só brincar um bocadinho com ele.

Senti um arrepio pela espinha acima; era-me difícil para os seus olhos rodeados de chamas e manter o rosto calmo.

— Não compreendo — disse eu. — Qual é a finalidade?

— Já te disse, Fainne. É um teste. Um teste fácil para ti, porque não precisas de fazer seja o que for. Vais simplesmente observá-lo. Não é pedir muito.

Fiquei em silêncio quando percebi o significado das suas palavras.

— Compreendo — murmurei. — Que tipo de feitiço tenciona usar? — A minha avó cacarejou de divertimento.

— Precisas de me perguntar? Tu, que desfiguras crianças? Ora vamos, onde está a tua imaginação? Que usarias tu?

Aquilo era, na verdade, um teste. Mantive a minha expressão impassível enquanto o meu estômago se retorcia de repugnância.

— Teria de ser subtil — disse-lhe. — A minha tia Liadan é desconfiada. Se tenciona inverter o feitiço mais tarde, terá de ser algo invisível.

— Noites de terror, talvez — disse a minha avó encorajadoramente. — Podia enlouquecer o tipo com visitações de morte e desastre.

Recordei a firmeza nos olhos cinzentos de Johnny.

— Não penso que isso dê resultado — disse-lhe.

— Então? — Ela estava a ficar impaciente. — O que é que há de ser?

Eu sabia a resposta, se bem que não lhe quisesse dizer qual era. Pelo menos, aquilo que tinha na idéia era facilmente reversível. E para manter a confiança dela em mim, tinha de continuar a brincar.

— Uma dor de barriga — disse eu — que até pode ser natural, algo que comece como um distúrbio pequeno e aumente de

intensidade. Que pretende de Johnny? Subserviência? O reconhecimento da sua fraqueza? Que espera provar?

Os seus lábios arquearam-se, mostrando os dentes nitidamente pontiagudos.

— Quanto tempo consegue agüentar — disse ela. — Mas, mais importante, durante quanto tempo és capaz de assistir sem o ajudar. Se forem ambos fortes, a conclusão final será muito mais satisfatória, Fainne. Muito mais. Na verdade, mal posso esperar para ver. Muito bem, seja uma dor de barriga; e tu perceberás o que se passa, já que te fiz, em tempos, uma demonstração. Pequenos dentes roendo a carne, uma dor que irrita os nervos e faz tremer os tendões, uma agonia que faz com que um homem ache que a morte é uma bênção. E lembra-te, não penses em fazer seja o que for, minha querida; limita-te a ver. Mais nada.

Acenei com a cabeça, tentando não tremer.

— Tu não me verás —disse a minha avó. — Mas eu ver-te-ei, Fainne. Trata de agir de acordo com as minhas instruções.

— Sim, avó — disse eu.

— Não te preocupes — continuou ela — eu deixo que o tipo recupere a tempo. Quero que esteja bem para tomar o seu lugar na batalha afinal. Quero que esta gente saboreie o gosto do sucesso até ao último momento. Então, tiramos-lhes a vitória, mas só então. Os humanos e os Fair Folk afundar-se-ão juntos, mesmo diante dos nossos olhos. Que momento! Provavelmente, acrescentarei uns pequenos toques da minha lavra. Não serei capaz de resistir.

— Farei como diz — disse eu. — E o meu plano com Eamonn vai dar resultado, prometo. Mas vou estar muito tempo longe. Provavelmente, só terá notícias minhas no fim.

— Eu saberei onde estás e o que estás a fazer — disse Lady Oonagh. — Eu sei sempre.

Nem sempre, pensei.

— Então, adeus — disse eu.

— Adeus, pequena. Tenho muita esperança em ti. Não me desapontes. Não esqueças o teu pai e esse outro que nunca está longe dos teus pensamentos.

— Não, avó. — Pronunciei as minhas palavras com firmeza e segurança enquanto as chamas e os olhos brilhantes se iam desvanecendo, assim como a voz demoníaca.

Esperei durante muito tempo e quando achei que era seguro fui à arca, tirei Riona e deitei-me na cama embalando-a como a um bebê. Não conseguia deixar de tremer, mesmo com um cobertor a tapar-me e após algum tempo levantei-me e fui até à janela para ver a neve a cair através do ar escuro da noite de Inverno. Pensei no meu pai, sozinho no Favo de Mel e disse docemente, usando a ferramenta que ele me dera para manter a coragem: concentrar-me no que foi, é e terá de ser.

De onde vieste?

Do Caldeirão do Desconhecimento.

Que procuras?

Sabedoria. Entendimento. Procuro o caminho da Luz.

Era uma época estranha do ano para viajar, com o tempo inclemente e os dias curtos.

Mas não fiz qualquer pergunta. Mandáramos uma mensagem a Eamonn com o texto sugerido por Johnny. Previámos que o destinatário ficaria pouco satisfeito com a missiva, não perdendo tempo com uma visita nem a fazer perguntas. A nossa partida, por isso, teve lugar no dia em que a mensagem foi despachada. Se Eamonn fosse a Sevenwaters, nós já não estaríamos lá. Essa suposição não foi dita por palavras, mas eu compreendi-a perfeitamente. Talvez devesse protestar um pouco. Mas a minha mente estava ocupada com outras coisas e deixei passar a ocasião.

Para meu espanto, as pequenas ficaram desgostosíssimas com a minha partida. Eilis chorou. Nunca pensara que a criança gostava de mim; no fim de contas, eu era uma amazona péssima.

Talvez as suas lágrimas não passassem de um hábito. Mas Clodagh abraçou-me, assim como Deirdre e a expressão de ambas era lastimável.

— Regressa quando puderes — disse Clodagh.

— Vamos ter muitas saudades tuas — fungou Deirdre. — Vai ser tão aborrecido sem ti.

— Adeus, Fainne — disse Sibeal solenemente. — Vais ter de ter cuidado com os gatos. — Olhei para ela, compreendendo que ela tivera uma visão, talvez uma transformação. Não lhe podia perguntar o que queria dizer enquanto os outros estavam por perto, mas acenei em reconhecimento. Muirrin beijou-me em ambas as faces e deu-me um vestido macio de lã cinzenta, que disse ser bonito e muito quentinho, porque os ventos, no norte, eram muito frios. Muirrin não chorava. O aprendiz de feiticeiro da minha tia, Evan, ficaria em Sevenwaters até à campanha, já que tinha a força necessária em caso de fraturas ósseas e a capacidade cirúrgica que a minha prima não tinha. Já vira o modo como ambos se tocavam as mãos e trocavam olhares tímidos quando pensavam que ninguém estava a ver e compreendi a razão do brilho que iluminava as feições pálidas de Muirrin. Quando a Maeve, despedira-me dela em privado e a última história que lhe contei era só para nós. A imagem dos ferimentos da pequenita, e a sua coragem, estavam profundamente alojadas em mim. Usa-las-ia para me darem forças.

Antes de partirmos, fiz um esforço e fui à cozinha em busca da velha tia de Dan Walker, Janis. Ela estava sentada na sua cadeira junto do fogão, como sempre, como um velho guardião daquele domínio, uma espécie de espírito caseiro, velando por tudo com benigna disciplina. Era uma fantasia minha; ela não era uma criatura do Outro Mundo, antes uma simples mulher de avançada idade. A pele enrugada e as faces encovadas diziam-no; e a mão nodosa, segurando um galho seco, confirmava-o.

Mas os seus olhos escuros continuavam brilhantes e perspicazes

— Bem, pequena. Parece que te vais embora? O que é que eu digo ao nosso rapaz quando ele te vier procurar?

— Ele não vem — disse eu decididamente. Talvez a idade avançada desse coragem às pessoas. Ela tinha uma maneira muito própria de dizer o que tinha a dizer, por mais desagradável que fosse. — Ele sabe isso. Nunca mais vem. De qualquer modo, ele agora vive no Oeste. Já lhe tinha dito.

— Um nômade nunca assenta. O que é que lhe digo? Não tens nenhuma mensagem? Ou invento eu uma? Digo-lhe o que leio nos teus olhos, talvez?

— Ele não vem. Mas se... se viesse, dir-lhe-ia...

As palavras faltaram-me. A única mensagem que tinha no coração estava errada; não a podia dizer. Darragh devia sabê-lo; ele não podia vir atrás de mim enquanto a minha avó pudesse exercer nele a sua magia demoníaca.

— Se viesse — ousei dizer — dir-lhe-ia, ou antes, ordenar-lhe-ia que regressasse a casa e nunca mais voltasse. Dir-lhe-ia que ele e eu nunca serviremos um para o outro. Se vier atrás de mim só provocará dor e tristeza. Diga-lhe que eu sei tomar conta de mim própria. É melhor assim.

— Mais alguma coisa? — Janis cerrou os lábios enrugados e ergueu as sobrancelhas negras. Era óbvio que não ficara impressionada.

— E... e diga-lhe — murmurei — diga-lhe que não me esqueci. Diga-lhe que estou a tentar fazer o que tem de ser feito.

Seguiu-se um silêncio entre as duas no meio do ranger do espeto onde assava um flanco inteiro de carneiro, do bater dos pratos, das risadas e brincadeiras dos guerreiros enquanto usufruíam de um momento de calor e companhia, antes de regressarem aos infindáveis treinos e preparativos para a campanha.

— Escolheste um caminho solitário — observou Janis em voz baixa. — E ainda não tens dezesseis anos; ainda és uma criança. Um caminho longo e solitário.

— Já estou habituada — disse eu ferozmente. Talvez fosse a expressão dos olhos de Janis, ou a bondade da sua voz, não sei dizer ao certo. Mas fizeram-me recordar imagens do passado, de tal modo que me apeteceu chorar. — Mas tenho as recordações — disse-lhe. — E essas ficarão para sempre.

— Não chega para construíres a tua vida — disse Janis.

Cavalgamos para norte. Assim que partimos da fortaleza de Sevenwaters, Johnny tornou-se num dos guardas, o capuz escuro do uniforme tornando-o indistinto dos seus camaradas. Tudo parecia correr bem. A vozinha da minha avó mantivera-se silenciosa desde a noite em que a conjurara e soubera dos seus planos para Johnny.

Cavalgávamos todos ininterruptamente; ninguém mostrava sinais de doença ou dor.

Não sabia, ao certo, quando ela o atingiria, apesar de, agora, sentir o amuleto permanentemente quente no peito, sabendo, assim, que ela me observava. Os nossos guardas mantinham a sua presença silenciosa e vigilante, rodeando-nos, a mim e à minha tia Liadan enquanto atravessávamos encostas arborizadas e caminhos, florestas, lagos e riachos gelados. Conduziram-nos por caminhos estreitos e pântanos; através de desfiladeiros onde grandes aves de rapina voavam e o solo duro como pedra devido ao gelo. Acamparam conosco num lugar de pedras eretas, onde dormimos abrigados sob um antigo túmulo com símbolos secretos gravados. Nunca tiraram as máscaras, a não ser para comer. Não os conseguia diferenciar.

— Uma forma de proteção — explicou Liadan. — Necessária por causa das tatuagens.

— Se são tão perigosas, por que as fizeram? — perguntei. Liadan sorriu.

— Um símbolo de orgulho; de pertença. Os nossos guerreiros consideram isso uma grande honra. Nem todos são aceites no bando.

— Quais são os... requisitos? Sangue nobre? Feitos heróicos?

— Cada homem é único. Cada um tem as suas próprias qualidades. Se puder contribuir com algo, algo de que nós necessitemos, será aceite desde que passe o teste.

— Teste? Que teste?

— Um teste de perícia e lealdade. Varia. Encontrarás gente de toda a espécie em Inis Eala. Homens de toda a espécie; de todas as cores e credos.

— E mulheres?

— Ah, sim, também há algumas. Mas têm de ser muito especiais para viver num lugar daqueles, Fainne. Muito especiais.

— Tia Liadan — perguntei enquanto nos deitávamos no estranho espaço abobadado da velha sepultura. — Este lugar, por exemplo. Já leu os sinais? As inscrições?

Seguiu-se uma pequena pausa.

— Não, Fainne — disse ela com um tom de voz estranho. — Estas inscrições são de uma língua ainda mais antiga do que qualquer outra que eu aprendi a decifrar. Não consigo lê-las.

Parecia haver uma pergunta por trás das suas palavras.

— Sabe — disse eu — isto é tão antigo que ninguém o consegue decifrar. Mas eu cresci num lugar onde havia umas pedras como estas; os pedreiros do caminho do Sol foram os meus companheiros diários durante a minha infância. Eu reconheço alguns destes sinais.

— Eu sei que é um dos locais dos Anciãos — disse a minha tia suavemente — um lugar de grande força e magia. — Ela hesitou e depois continuou: — Eles falaram-me aqui. Os Fomhóire.

Olhei para ela espantada.

— Está a falar... está a falar das criaturas que são meio rocha, meio água, criaturas com pêlo e penas ao mesmo tempo? Esses seres pequenos que se consideram os nossos antepassados? — Devia falar com mais cuidado, mas ali, no coração da terra, pareceu-me seguro.

— Eu nunca os vi — disse Liadan, sonhadora. — Só lhes ouvi as vozes. Vozes profundas, vindas da terra e da água, guiando-me. De qualquer modo, nunca pensei que fossem pequenos. Sempre pensei que seriam enormes, velhos e imensamente poderosos. Eles aconselharam-me a seguir os desejos do meu coração; seguir os meus instintos. Foi aqui, neste local, que... que foram tomadas decisões de grande importância, decisões que mudaram o rumo das coisas. Já viste essa gente, Fainne, para falares deles assim, como se os conhecesses?

Acenei com a cabeça.

— Os sinais falam de uma ligação antiga. Falam de sangue e trevas. E falam de esperança. Pelo menos, isso consigo entender.

A minha tia olhou para mim em silêncio. A nossa lanterna brilhava suavemente na escuridão daquele espaço subterrâneo. Mais abaixo, na enorme câmara vazia, estavam instalados e já dormiam alguns dos homens de Johnny e, por isso, falamos em voz baixa. Após um momento, Liadan perguntou cautelosamente:

— Essa gente também te acompanha, minha querida? Achas que eles são... bons?

Aquela conversa estava a tornar-se perigosa. Eu não podia saber ao certo se a minha avó estava a ouvir, ou não. Aquele local parecia-me seguro; mas nenhum local era seguro enquanto eu usasse o amuleto e tirá-lo era o mesmo que chamá-la.

— Eles têm as suas próprias teorias acerca de como as coisas devem ser feitas. Mas têm o hábito de não as explicar, de me obrigarem a descobrir os significado das coisas. E consigo, como foi? Seguiu as instruções deles, ou seguiu o seu próprio caminho?

Liadan suspirou.

— Ambas as coisas, creio. Foi às ordens de outros que eu desobedeci. E tu, Fainne? Qual é o caminho que tu segues?

Pergunta perigosa.

— Um caminho solitário — disse eu. — Pelo menos, foi o que me disseram.

— Igual ao de Ciarán? — perguntou ela baixinho.

— Eu não quero falar do meu pai. — Deitei-me e tapei o rosto com o cobertor. O amuleto pesava-me; a sua forma, pequena e maligna, parecia queimar-me permanentemente, obrigando-me a recordar o olhar inquiridor da minha avó e o meu papel no jogo.

Perguntei a mim própria se ela lhe teria reforçado o poder, agora que nos aproximávamos do fim. Talvez as minhas suspeitas fossem verdadeiras. Talvez ela me temesse. Não liguei à queimadura. A dor não significava nada. O meu pai ensinara-me a resistir-lhe.

Em breve soube que Johnny não era unicamente um rapaz bondoso, que salvava insetos aflitos e dava a mão a crianças doentes. Era costume da nossa guarda silenciosa cavalgarem dois à frente, dois atrás, com vários nos flancos nem sempre visíveis, mas suficientemente perto para se poderem aproximar rapidamente de nós em caso de perigo. Liadan e eu vestíamos simples capas escuras, túnicas confortáveis, saias e robustas botas de Inverno. Ela montava uma égua castanha e eu a pequena égua cinzenta que Eamonn me emprestara. Liadan parecia não se importar.

— Essa égua é minha — disse a minha tia com simplicidade. — Um presente, mas não de Eamonn. E, certamente, não foi por culpa minha que ela ficou em Glencarnagh. Esse animal já viu muita coisa, Fainne. Coisas tristes; coisas terríveis. Acho que chegou a ocasião de a levarmos para casa.

Passamos por uma clareira. Estava uma manhã extremamente fria, o solo gelado e não se via um único pássaro nos ramos

despidos dos espinheiros. Passávamos por um espaço onde estranhos aglomerados de pedras salpicavam a encosta do monte ao acaso, aglomerados esses que ninguém podia dizer ao certo se eram obra do homem, ou de algo mais antigo e onde as sombras invernosas transformavam essas rochas em duendes, fantasmas, gigantes e dragões. Até a vegetação parecia maligna, pequenos arbustos escuros estendendo longos ramos num abraço espinhoso, prontos a rasgar um vestido, ou umas meias. O nosso passo era vivo; parecia que nem os guerreiros mascarados tinham desejo de permanecer naquelas paragens mais tempo do que o necessário.

O carreiro estreitou até que só um dos cavaleiros da escolta podia ser visto, o homem que ia à nossa frente. Alguém gritou e ele estacou. Ambas desviamos os nossos cavalos para parar a seguir a ele e Liadan estendeu uma mão tranqüilizadora na minha direção.

À nossa frente, no carreiro, estava um grupo de homens de ar feroz armados de facas, mocas e pequenos machados. O seu líder aparente, um sujeito enorme com uma pala num dos olhos e dentes amarelos e podres, avançou e apontou a sua arma para o nosso grupo.

— Toca a descer dos cavalos — ordenou ele. — E nada de brincadeiras. Nós somos seis e vocês um, se não contarmos com as damas. Devagarinho. Dá-me essa espada. E a faca. Vira-te. E agora...

Para meu espanto, o nosso homem fez exatamente o que o outro lhe disse sem uma palavra de protesto. Os atacantes aliviaram-no das suas armas e seguraram nas rédeas do seu cavalo, como que para o levarem. Fiquei cada vez mais alarmada quando o homem com a pala no olho se aproximou de nós sorrindo. A minha tia permaneceu quieta e de olhar calmo. Os atacantes tiraram o capuz ao nosso homem.

Não se via sinal do resto da escolta.

— Bem, bem — disse o líder com uma risadinha sufocada, aproximando-se do meu pequeno cavalo. — Que temos nós aqui?

Eu ergui a mão, pronta para pronunciar as palavras de um feitiço.

— Não, Fainne — disse Liadan suavemente. — Não é preciso.

Atrás do líder, os seus homens tinham tirado a máscara do guerreiro, revelando as distintas marcas do seu rosto. Alguém praguejou e eu ouvi as palavras Homem Pintado proferidas num murmúrio aterrado. O sujeito a meu lado estacou e depois recuou, o rosto subitamente branco como a cal em redor da pala. Então, ouviram-se vários sons pequenos: um zumbido, uma vibração e o som de uma flecha penetrando no alvo; o homem que eles tinham desarmado rodopiou e desarmou um dos atacantes com um pontapé estrategicamente colocado. Subitamente, sem qualquer sinal de luta aparente, havia seis homens no chão duro, gemendo, arquejando, ou, mais sinistramente, totalmente silenciosos. À nossa frente, dos lados e atrás, os homens de Johnny emergiram da cobertura das rochas ou das árvores, metendo pequenas coisas nos cintos, ou nos bolsos. Uma flecha foi arrancada de um corpo de modo descuidado. Uma faca curta foi usada com eficiência. Fechei os olhos.

— Fainne? Desculpa. Estavas com medo? — O guerreiro mascarado falou com a voz de Johnny. O homem que os atacantes tinham desarmado reclamava as suas armas, recolocando o capuz como se aqueles encontros fossem tão vulgares como, por exemplo, juntar ovelhas ou cortar uma fatia de pão.

— Eu sei tomar conta de mim — disse eu com brusquidão, forçando o meu coração a abrandar o ritmo. — Pareceu-me uma maneira estranha de enfrentar uma emboscada, mais nada. Podias ter-nos avisado.

— Nós temos os nossos métodos. E isto não se pode bem chamar uma emboscada, tal foi a inépcia.

— Não precisavam de os matar.

— Eles foram loucos em tentar e não mereciam melhor. Além disso, nem todos estão mortos. Alguns vão levar uma história para

casa; uma história acerca do Homem Pintado. Esta passagem vai ser segura durante algum tempo, até eles esquecerem e tentarem de novo. Mas desta vez escolheram mal a vítima. Ninguém toca na minha mãe. Viajar com ela é ter, também, a melhor proteção.

A sua voz era firme e as suas maneiras seguras, como sempre. A minha avó ainda não tinha lançado o feitiço, então? Seria possível ela ter preferido não exercer aquela crueldade?

Continuamos a viagem e eu ponderei na estranheza de tudo aquilo, que o homem que a minha avó me mandara destruir fosse aquele que fizera com que aquela força de especialistas me salvasse. Ele transportava a morte consigo, guardando-a cuidadosamente, como se fosse o mais precioso dos tesouros. Ainda bem que era forte, porque se ela fosse em frente com o seu pequeno plano, o sofrimento seria terrível. A maestria da minha avó com aqueles feitiços só era superada pela sua total falta de escrúpulos. Ela estivera na origem da morte de muitos pequenos animais ao demonstrar este ou aquele feitiço; observara desapaixonadamente a minha própria agonia enquanto me castigava com facas de vidro na cabeça, com bizarros inchaços de língua ou garganta e cruéis alterações de visão, ou audição. Não assistia calmamente à morte lenta do próprio filho? A minha avó usaria a arte fria e eficientemente no meu primo. Só esperava que não por muito tempo.

Aprendera a reconhecer Johnny no meio dos seus idênticos e vestidos de igual companheiros de armas. Era o mais baixo, pouco mais alto do que eu, o dorso tão direito como um de uma criança, a cabeça orgulhosa e os ombros quadrados.

Mudavam de cavalo de vez em quando, mas eu reconhecia-o. Enquanto continuávamos a jornada para o norte, para as costas mais a norte do Ulster, fui observando-o, pensando que em breve, muito em breve, teria de parar e desmontar, ou cair do cavalo com convulsões. Sabia qual era o feitiço; ela usara-o em mim uma vez. Nem o mais forte dos homens o suportaria por muito tempo.

Os montes e os vales, os riachos escondidos e os bosques enublados iam passando. À minha frente, o meu primo continuava a cavalgar, porte altivo como sempre, a mão nas rédeas, frouxa. Procurava, em vão, um sinal qualquer de doença. Ao escurecer comecei a perguntar a mim própria se o Filho da Profecia estaria de algum modo protegido contra aquele feitiço, talvez pelos poderes da floresta que a minha avó tanto detestava. Senti o calor do amuleto contra o corpo e soube que ela estava próximo; o pequeno triângulo parecia cada vez mais ligado à sua presença, o seu calor uma mensagem clara de que ela me estava a observar, observava Johnny e que iria, realmente, testar-nos aos dois.

Acampamos para passar a noite na carcaça de uma velha casa, onde as paredes de pedra se desfaziam e os restos de traves e de colmo ofereciam um abrigo precário contra o frio do Inverno. Os homens retiraram os capuzes e comeram uma refeição frugal. Johnny estava um pouco pálido e não o vi partilhar a comida, mas a sua voz continuava firme; sorria com as anedotas dos homens e deu-nos um cortês boa noite antes de se retirar para fazer o seu turno de ronda. Não parecia haver nada de errado com ele.

Dentro de dia e meio alcançaríamos a costa, disse-me Liadan enquanto cavalgávamos na manhã seguinte. Ali, um barco levar-nos-ia até à ilha. Havia uma nota na sua voz que falava de alegria antecipada; não conseguia disfarçar o desejo de chegar ao destino. Não perguntou ao filho se estava tudo bem e eu também não.

Olhei para o meu primo enquanto percorríamos um carreiro íngreme e perigoso.

Mantive os olhos nele enquanto o jovem nos precedia, seguia ou guiava e as suas costas continuavam direitas e orgulhosas e o seu cavalo movia-se firmemente em frente. Johnny erguia a cabeça como se fosse o herói de uma história muito antiga. O amuleto queimava-me o peito. Ela estava a observar-me e a observá-lo a ele.

Subitamente ocorreu-me que tinha estado errada. Não só ela já exercera o feitiço, talvez há já alguns dias, como o reforçava

permanentemente, perfurando, apunhalando, triturando. Não era a ausência de magia que fazia aquela coisa malévola invisível, era a fantástica força moral do homem que a suportava.

Prossegui a jornada com os dentes cerrados e a testa cheia de suor; as minhas mão tremiam enquanto seguravam nas rédeas. Desiste, disse eu mentalmente. Não sejas tão forte. Quanto mais depressa desistires, mais depressa isso pára. À nossa volta os outros continuavam, ignorantes da batalha que se desenrolava no meio de nós.

Apenas três pessoas sabiam o que estava a acontecer: o meu primo, eu e a feiticeira que ninguém podia ver. Acampamos para passar a noite. Johnny foi deitar-se cedo. Não comeu. Apercebi-me da palidez cinzenta no seu rosto e reparei no modo como ele evitava o olhar da mãe. Durante a noite acordei e ouvi o som de vômitos para lá das rochas, nas sombras, e Liadan agitar-se sob o cobertor, mas não acordou. Partimos de madrugada e os homens cavalgavam ao nosso lado, silenciosos. O cheiro no ar era como em Kerry, cortante e salgado. Gaivotas passavam por cima de nós, gritando. Conseguia ouvir o distante rugido do mar. Mas não sentia alegria naquelas coisas familiares, não ali, naquele local distante, com todo o Erin a separar-me do meu pai. Não quando nunca mais escalaria aquelas falésias com um amigo a meu lado e nunca mais me sentaria ao abrigo das rochas num companheirismo silencioso, numa confiança total. Nunca mais teria isso. Não merecia; nunca merecera. O amuleto magoava-me; O seu cordão tocava-me nos seios. Mas não era nada comparado com o que o meu primo devia estar a sofrer. Ela estava a observar-nos; estava perto. Eu não o podia ajudar, se bem que soubesse qual era o feitiço inverso, se bem que o tivesse na ponta dos dedos. Mas não podia.

A paisagem abriu-se. O céu parecia iluminar-se e alargar-se à medida que avançávamos para norte. Havia poucas árvores; e as que havia naquele canto da terra varrido pelo vento aninhavam-se em ravinas, ou agrupavam-se em bolsas abrigadas por trás de pequenas colinas. Dois homens afastaram-se a galope, sem dúvida para anunciarem a nossa chegada. Os outros continuaram

espalhados ao longo do trilho, sempre silenciosos. A nossa jornada terminaria em breve. Quando chegamos a uma elevação e avistamos o oceano pela primeira vez para lá de uma pálida linha de falésias, ouvi-a murmurar-me na cabeça. *Tentador, não é?* picou-me ela. *Sabes como a dor o come; reconhecê-la. O rapaz é forte; é um daqueles Fomhóire ancestrais, além de ser um guerreiro, treinado para suportar tudo. Trabalho do pai. Subestimei-o. Mas não cometeremos o mesmo erro na próxima vez. E tu estás quase lá; e as oportunidades escasseiam. Acho que vou prolongar isto mais um pouco. Até ao ponto em que o corpo dá de si, até ao ponto em que o coração enfraquece e falha... tão, tão perto... sabes como é, Fainne...*

Eu sabia. Uma criatura selvagem banqueteando-se no meu corpo vivo enquanto eu permanecia deitada, consciente e desamparada perante o seu apetite rapace. A dor percorrendo cada parte do meu corpo, cada fibra do meu ser. Eu sabia, porque já o tinha sofrido. Esperei, tremendo enquanto olhava para ele. Os meus dedos agitaram-se com o esforço que eu estava a fazer para reter o contrafeitiço; obriguei-me a engolir as palavras que o libertariam. Por fim, houve uma reação. A sua montada tremeu, parou e Johnny escorregou da sela para o chão do trilho. Conseguia ouvir-lhe a respiração; cortante, rápida. No entanto, mantinha-se de pé, quando qualquer outro homem se espojaria no chão, gritando e agarrando-se à barriga. Atrás dele, o meu cavalo tinha também parado e tremia.

Sentia-me incapaz de dizer fosse o que fosse. Não chegava? Por que não caía Johnny, ou não gritava, ou reconhecia a derrota para que ela parasse? Eu sabia que ela não podia continuar, já que se arriscava a matar o homem ali mesmo, onde ele estava. Seria ele Cu Chulainn renascido, para conseguir suportar uma tal agonia?

Um dos homens voltou para trás e foi feita uma troca discreta. Liadan vinha lá atrás, fora de vista.

O outro homem desmontou e segurou as rédeas dos dois cavalos. Por trás da sua máscara, Johnny olhava para mim. Indicou, com um pequeno gesto de cabeça, que eu devia continuar e meter

por um trilho lateral em direção a leste, onde um grupo de três velhas rochas fora colocado no topo de uma elevação. Sobre elas crescia uma crosta de líquen cinzento e eu lembrei-me daquela estranha criatura parecida com uma rocha que me falara uma vez de confiança antiga e caminhos futuros. Desci do cavalo e deixei-o com os outros. Johnny começou a caminhar e eu segui-o e se os meus passos eram vacilantes devido ao meu pé defeituoso e ao desnível do solo, os passos de Johnny ainda eram mais. No entanto, continuou a andar sem falar, mas eu percebi, pela sua respiração, que fazia um esforço para continuar silencioso quando tudo dentro dele gritava de dor. Perguntei a mim própria, então, por que razão a minha avó não tornava o amuleto ainda mais forte e matava, de uma vez por todas, o Filho da Profecia. Seria certamente mais fácil do que aquele cruel jogo de testes e provas. Ela não precisava de mim para extinguir a esperança de vitória de Sevenwaters. Johnny já vacilava às portas da morte e sem Johnny a batalha não podia ser ganha. Paramos à sombra de umas pedras antigas no lado leste, longe da vista do trilho onde os outros esperavam. O meu primo retirou a máscara. Olhei para ele e ele para mim, o seu rosto cinzento, os olhos brilhando de febre, e ferozmente determinados. *Há algo aqui que ela não consegue derrotar*, pensei eu. Talvez seja a extrema coragem, ou talvez algo mais; uma magia mais antiga e profunda do que a dela, uma força que vela pelos seus passos, que o guia em direção ao destino que lhe foi predestinado. Johnny respirou fundo, estremecendo e nesse preciso momento o calor contínuo do amuleto enfraqueceu e morreu, até não passar de um pequeno triângulo de metal num cordão em redor do meu pescoço. Ela desaparecera, mas o feitiço ainda o possuía.

— Não me parece — disse Johnny numa voz que denotava imensa dor — que saibas exatamente com o que estás aqui a lidar. — A sua mão, pousada na pedra gasta para se apoiar, mostrava os nós dos dedos brancos.

Respirei fundo.

— O que queres dizer?

— Diz-me — conseguiu ele dizer, tentando controlar-se. — Quanto tempo mais? Não por mim; nós estamos treinados para suportar tudo. Mas não quero que a minha mãe sofra.

Olhei-lhe para o rosto pálido, tatuado com a cabeça de um corvo e cheio de suor; um rosto cujo olhar corajoso não parecia ter vacilado por um só instante. Ele pensava que era eu a culpada. Pensava que era eu a única responsável pela sua tortura cruel. Não admira que não tivesse dito nada. E a minha avó desaparecera sem o libertar. Com um murmúrio e um pequeno movimento da mão, inverti o feitiço. Então, ele perdeu momentaneamente o controle. Expirou repentinamente e deslizou para o chão, as costas de encontro à rocha, de olhos fechados. Quanto a mim, fiquei instantaneamente exaurida de forças e sentei-me abruptamente a seu lado. O céu estava claro e a brisa fresca; os pássaros voavam por cima de nós em círculo, gritando. Tudo aquilo me parecia errado; como se estivéssemos deslocados. Tudo aquilo parecia pertencer a um tempo longínquo, a um tempo de inocência, mas não àquele, onde tudo era perigoso e difícil, doloroso e onde o medo imperava.

— Deves saber — disse Johnny um pouco depois sem abrir os olhos — que eu tenho um caminho a seguir e uma missão a cumprir e que nada me deterá. Nada. — A sua voz não passava de um feroz murmúrio, assustador na sua certeza. Se alguma vez tive dúvidas de que ele era o herói de que falava a profecia, deixei de as ter.

— Eu não fui responsável por isto — disse eu, trêmula. — Mas não espero que acredites em mim. — Não lhe podia dizer mais do que aquilo. Já falhara no teste da minha avó; ela não me deixara outra alternativa, senão a de intervir. Não me arriscaria a revelar-lhe a verdade.

— Estou a ver — disse o meu primo num tom que poderia não querer dizer nada.

— Por que me trouxeste contigo? — perguntei-lhe rudemente. Ele abriu os olhos e conseguiu um pequeno sorriso.

— Desobedeci à minha mãe — disse ele pouco seguro. — Ela não queria que tu fosses para Inis Eala. Porquê, não sei, salvo que tu pareces andar perturbada e precisas de proteção e isso é uma coisa que nós sabemos fazer muito bem.

— E estás arrependido dessa decisão?

— Não, prima, não estou. Raramente me engano.

— Algumas pessoas diriam que isso é uma tolice — disse eu cautelosamente.

— E tu, achas que é uma tolice, Fainne?

Não me arrisquei a responder em voz alta. Mas abanei a cabeça e ofereci-lhe a minha mão quando vi que ele estava a tentar levantar-se.

— Tu tens uma grande força de vontade — disse eu enquanto fazíamos o caminho de regresso. Ele caminhava cuidadosamente, como se fosse a experimentar cada parte do corpo para se assegurar de que a dor tinha mesmo desaparecido.

— Sou filho do meu pai — disse Johnny.

Eu também sou filha do meu pai, disse-me o meu coração. E, de regresso ao trilho, montamos nos nossos cavalos como se tivéssemos, apenas, ido esticar as pernas e continuamos o nosso caminho na direção da costa norte do Ulster e de Inis Eala: a Ilha do Cisne.

CAPÍTULO DOZE

Se a minha mente não andasse ocupada, ter-me-ia lembrado que, para se chegar a uma ilha, é preciso ir de barco, que um barco deve estar no mar e que, apesar de ter crescido na costa de Kerry, tinha medo do mar. Só quando chegamos a uma pequena aldeia fortificada no alto de uma falésia profundamente recortada e olhei para uma ilha, a norte, e vi a considerável extensão de água de aspecto turbulento entre nós e aquele lugar inóspito, é que senti os órgãos vitais revolverem-se de terror. Mas não permitiria que o meu primo, ou a minha tia, ou um único daqueles jovens e sombrios guerreiros soubesse da minha fraqueza. Havia uma baía e um ancoradouro. Também este estava muito bem guardado por homens quase todos mais velhos do que o bando de Johnny e de aspecto extremamente estranho. Não usavam capuzes, máscaras, ou uniforme, antes trajes personalizados feitos de pele de raposa ou coelho, de uma coisa parecida com pele de serpente, e onde o couro, a prata e o bronze desempenhavam diversos papéis na sua confecção. Até os homens, em si, eram distintos, com a pele tatuada como os guerreiros mais novos, mas cada um deles possuía um toque extraordinariamente pessoal: cabelos até à cintura penteados para trás e atados com uma fita; uma cabeça meio rapada; um anel perfurando um sobrolho, ou um nariz; um colar de penas escuras. Apesar da sua aparência espetacular, comportavam-se como profissionais, fazendo o seu trabalho com rapidez, calmamente e sem espalhafato. Tratavam Liadan como se ela fosse uma rainha. Quanto a mim, trataram-me com grande respeito, sem uma piscadela, um assobio ou um comentário despropositado, apesar da conversa de Johnny acerca de prováveis pretendentes. Senti, no entanto, um exame minucioso por parte de um sujeito cujo nome me pareceu ser Snake, um homem de meia-idade, de aspecto ameaçador, cujos olhos se semicerraram nas feições duras enquanto me ajudava a entrar para um barco extremamente pequeno e que balouçava de modo alarmante, assegurando-se de que ficava sentada ao meio, de modo a não atrapalhar ninguém. Os

homens remaram. O barco subiu e desceu. Fiz um grande esforço para manter os olhos abertos e as feições calmas enquanto o meu estômago se retorcia e o meu rosto se enchia de gotas de suor. Apertei as mãos uma contra a outra e vi a ilha a aproximar-se. Não olhei para trás. Pensei que estava a fazer boa figura até o sujeito chamado Snake dizer, olhando na minha direção:

— É melhor teres cuidado com as serpentes marinhas. Nestes dias assim, costumam aparecer.

Olhei para ele horrorizada, o coração a bater com toda a força, e depois para além dele, para as grandes vagas e os misteriosos e escuros vales entre elas, onde esperava ver aparecer uma coisa qualquer. Então, Liadan olhou para mim, depois para ele e disse asperamente:

— Que vergonha, Snake, atormentar a pobre rapariga dessa maneira! Já tens idade para ter juízo.

Snake sorriu para ela.

— Estamos quase a chegar — disse ele num tom diferente.

Liadan acenou com a cabeça. Os seus olhos estavam fixos na ilha e havia uma brilhante antecipação neles, que lhe dava um ar de mulher bastante mais nova.

Eu não sabia o que esperar. Pelo menos, esperava que o marido estivesse à espera dela no embarcadouro, apesar de não ter ido ao outro lado buscá-la. Mas, se bem que estivessem ali muitos homens para nos ajudar a sair do barco e carregar a nossa bagagem por uns degraus íngremes acima, talhados na falésia, não vi nenhuma figura que correspondesse às minhas expectativas. Havia um jovem muito parecido com Johnny, com o mesmo sorriso encantador e olhar firme. Recebeu Liadan com um beijo em cada face; filho dela, portanto, aquele que as pequenas tinham dito imaginar-se um grande guerreiro. A mim parecia-me mesmo um guerreiro, com o seu rosto duro e maneiras seguras, para não falar da grande faca e do machado de arremesso que trazia à cintura. E havia um rapaz, este parecido com o meu tio Sean, de pele pálida e

cabelos escuros encaracolados que lhe caíam para os olhos. Devia ser o mais novo, Coll. Eles eram quatro, mas um estava em Harrowfield. Onde estava o pai deles? Liadan parecia imperturbável. Os homens juntaram-se para a cumprimentarem; os sorrisos eram muitos, mas havia também uma espécie de deferência que os mantinha a uma certa distância, como se não se achassem dignos de se aproximar. Subimos os degraus; eram vinte e sete. As minhas pernas doíam-me.

No topo havia um planalto desprovido de árvores na sua maior parte e um grupo de edifícios baixos rodeado por uma robusta parede de pedra. À distância, os contornos da ilha erguiam-se e desciam e os agrupamentos rochosos, cheios de espuma do mar, pareciam guardar buracos, praias secretas, talvez grutas.

— É um lugar selvagem — disse uma voz calma à minha direita. — Mas é um bom lugar, depois de o conhecermos.

Olhei em volta. O homem que falara tinha a pele tão escura como o carvão e uma dentadura muito branca, na qual faltavam dois dentes. Usava uma pena no cabelo entrançado.

— Bem-vinda à ilha — disse ele. — Suponho que já conheces o meu filho.

Olhei para ele por um momento, retomei a compostura e tentei adivinhar.

— Evan? Eu... sim, conheço.

Ele estendeu uma mão, eu apertei-lha e senti imediatamente um defeito; o seu aperto era muito firme, mas a sua mão só tinha três dedos.

— Vamos — disse ele — vamos para casa, para comeres qualquer coisa e para te arranjarmos um lugar para dormires. É uma coisa rara aqui na ilha, a visita de uma jovem dama. O meu nome é Gull; com o tempo, conhecer-nos-ás a todos.

Liadan desaparecera; Johnny e os irmãos tinham desaparecido no meio do grupo de homens, que seguiam na direção do maior dos

edifícios de pedra. Mais longe, podia ver algumas ovelhas a pastar; fumo a sair de uma chaminé; roupas a secar ao vento.

Uma cena confortavelmente doméstica, apesar de remota.

— Que espécie de lugar é este? — perguntei enquanto seguia Gull para dentro de casa. — Que fazem aqui?

Ele fez uma pausa e olhou para mim com as escuras sobrancelhas erguidas.

— Fizeste este caminho todo sem perguntar? É uma espécie de escola, miúda. Uma escola como muitas outras desde Wessex a Orkney, de Munster às costas mais longínquas da Gália. Podes chamar-lhe uma escola de guerra. Mas é mais do que isso. Muito mais. Mas, vais querer beber qualquer coisa e um lugar qualquer para descansar. Biddy!

A casa era quase exclusivamente um espaço aberto, mobiliado com grandes mesas e bancos. Num dos cantos havia um espaço para cozinhar e nele uma grande mulher, de olhar competente e rosto doce, enchia de sopa as gamelas dos homens, cada um à vez.

— A jovem dama está aqui — disse-lhe Gull. — A sobrinha de Liadan, Fainne.

Portanto, sabiam da minha vinda; até sabiam o meu nome. Os mensageiros de Johnny eram eficientes.

— A minha mulher Biddy — acrescentou Gull. — Ela toma conta de ti. Senta-te aqui, descansa.

Mas eu estava a olhar para além da entrada da cozinha, para um pequeno jardim com um muro em volta, um local abrigado, onde as ervas e os vegetais cresciam a despeito do ar do mar. Através da soleira podia ver a minha tia Liadan e um homem que devia ser o Chefe, porque estavam os dois perfeitamente imóveis, abraçados e de olhos fechados, como dois jovens que tivessem descoberto pela primeira vez o amor.

As mãos dele estavam enterradas nos cabelos sedosos dela, que tinham escapado da fita e lhe caíam pelas costas. A testa dela

descansava na curva do pescoço dele. Eu tinha a certeza de que nenhum deles estava consciente de outra coisa que não aquele abraço e o bater de ambos os corações. Não conseguia desviar o olhar e não era só o intrincado desenho, finamente gravado, que parecia cobrir um dos lados do corpo daquele homem que me prendia a atenção, por mais espantoso que fosse. Nunca pensara que um homem e uma mulher de trinta e cinco anos de idade, ou mais, pudessem possuir tais sentimentos um pelo outro, fazendo com que tudo o mais desaparecesse das suas mentes. Pensava que o amor era uma fantasia, uma ilusão da juventude, como a paixão que destruíra o meu pai e a minha mãe, ou o rubor e os olhares tímidos de Muirrin para o seu apaixonado, que, certamente, não durariam muito mais após o casamento e a perda da graciosidade da juventude devido às tarefas domésticas e à família. Era por isso que olhava, sabendo, do fundo do meu coração, que o que estava a ver era tão encantador e contínuo quanto totalmente inesperado. Enchia-me de uma estranha e dolorosa tristeza.

— Ela não o cumprimenta diante das outras pessoas — disse Biddy docemente. E, estendendo uma mão, fechou a porta para que aqueles dois não fossem perturbados por olhares indiscretos. Corei de embaraço.

— Não faz mal, miúda — acrescentou ela amavelmente. — E agora, queres um pouco de cerveja? Um pouco de sopa? E vamos arranjar-te uma cama. Que sabes fazer? Costura? Cozinha? Aqui, todos trabalham.

— Eu... bem, dizem que sou muito boa a cuidar de crianças — disse eu, atrapalhada. Aquela gente parecia imensamente competente, à semelhança de Liadan e dos filhos. Procurei na memória qualquer coisa que pudesse ser útil. Não lhe podia dizer que podia usar a magia para acender o fogo da cozinha, ou, talvez, transformar pedras num armazém novo. — E sei ler e escrever, um pouco. E sou capaz de apanhar peixe com uma linha.

— A sério? — sorriu Biddy. — Não vais demorar muito a encontrar um marido com esses talentos. Eu tenho dois filhos já crescidos, para além de Evan. Ferreiros, os dois, bastante fortes.

Aposto que vai haver competição, com uma coisinha bonita como tu a andar por entre as ovelhas e a cozinha. Olha, estás a corar. Bebe a tua cerveja, miúda. Aqui estás segura. Temos regras e as pessoas cumprem-nas. Os rapazes adoram o chão que Johnny pisa. Nenhum deles põe em risco o seu lugar aqui na ilha; nem pela rapariga mais linda do mundo.

A vida, ali, era diferente. As pessoas talvez pensassem que não me sentiria à vontade, que não me adaptaria àquele lugar desagradável, com os seus ventos fortes, falésias perigosas e isolamento, para não falar das atividades perigosas dos seus habitantes masculinos. Mas não sabiam nada acerca da maneira como fora criada.

Talvez fosse no lado oposto da terra, mas, em muitas coisas, Inis Eala era como Kerry. Aqui, nenhuma floresta encobria a luz. Acordava ao som do mar na pequena cabana que partilhava com três outras raparigas solteiras. Tinha o meu próprio canto.

Elas acabaram por descobrir que eu preferia estar sozinha. De qualquer modo, havia sempre trabalho. Uma rapariga ajudava Biddy na cozinha; outra parecia ter jeito para tudo, quer fosse matar e depenar galinhas, ou arrancar marisco das rochas com uma faca. A terceira rapariga, Brenna, era alfageme. Devo ter erguido as sobrancelhas, surpreendida; ela disse com orgulho que fora a profissão do pai e, quando ele morrera, ela, por assim dizer, ocupara o seu lugar. Agora, era um dos melhores alfagemes do Ulter. Se não fosse, não estaria ali. Na ilha só se usavam armas da melhor qualidade.

Algumas das coisas, em Inis Eala, eram executadas abertamente. Havia uma padaria e uma forja; havia um lugar na baía onde pareciam estar a construir barcos grandes e pequenos. Havia um telheiro onde o peixe era seco e fumado. Havia uma enfermaria dirigida pelo homem chamado Gull, aquele que usava uma pena no cabelo e só tinha cinco dedos nas duas mãos. Havia um padre cristão e um druida. Estes dois passavam a maior parte do tempo juntos, em debates amigáveis. Ambos executavam rituais: as pessoas, ou assistiam aos de um, aos do outro, ou a nenhum,

conforme lhes apetecia. Havia uma pequena latoaria, um lugar onde se fiava e tecia e um outro onde se faziam velas.

E depois havia as outras coisas, razão pelas quais todos estavam na ilha. Apercebi-me disso na forja, onde dois fortes homens, chamados Sam e Ciem, fabricavam não só forquilhas, pás e ferramentas para trabalhar o solo pedregoso, mas também uma grande variedade de armas: espadas, pontas de lança, punhais, machados de arremesso e numerosos outros artigos que eu não me atrevia a adivinhar para que serviriam. Sam e Ciem eram filhos de Biddy, mas não de Gull. Ambos eram brancos, louros, de faces rosadas como duas leiteiras e possuíam braços grossos como troncos de árvores. À noitinha, depois da ceia, Sam tocava bodhrãn, Ciem assobio e eu ficava espantada por aqueles dois gigantes possuírem uma leveza de toque tão grande. Havia uma mulher que tocava uma harpa de joelho, mas não havia nenhum tocador de gaita-de-foles. Enquanto o vento de Inverno assobiava lá fora e o mar rugia, as pessoas batiam palmas, cantavam e algumas vezes dançavam abrigadas naquele aconchegante edifício e ao calor da lareira. Eu não dançava. Olhava.

Observava e pensava como as coisas podiam ser tão diferentes do que imaginara.

Aquele homem, por exemplo, o Chefe. Bran, era esse o seu nome, mas só Liadan o chamava assim. Em tempos, pensei que ele seria uma peça facilmente sacrificável no jogo; pensei em deixar Eamonn destruí-lo, quebrar a aliança e, assim, fazer com que perdesse a batalha. Dissera à minha avó que o faria. Pois, que sabia eu acerca do homem até então? Tinham-me dito que ele era um foragido, escumalha; que roubara cruelmente a apaixonada de Eamonn e lhe arruinara a vida. Era considerado, pelo menos, um pouco estranho. Fizera tantos inimigos ao longo dos anos, que jamais poderia regressar a Sevenwaters. Mas, mais estranho ainda, conseguia, ao mesmo tempo, ser o senhor de um grande domínio na Bretanha, o que era, certamente, uma coisa incrível. Esperava um enigma. Mas ninguém me dissera que a mulher desse homem o amava mais do que à própria vida. Não sabia que os seus filhos o

respeitavam e admiravam; que a sua gente o via como um homem acima do comum dos mortais. À medida que o tempo ia passando em Inis Eala, ia-me apercebendo de que, se bem que Johnny administrasse o local, o taciturno e ameaçador Chefe era o pilar de toda a comunidade, a força que garantia o sucesso da campanha. E que campanha; apesar do tempo inclemente, os homens chegavam e partiam de barco, por trás dos altos muros do pátio o treino fazia-se até à perfeição e por trás de portas fechadas ensinava-se outra coisa: a leitura de mapas, a espionagem, o conhecimento de venenos e antídotos, subterfúgios e disfarces. Todos tinham de conhecer um pouco de tudo. Entretanto, havia regras e uma das principais era o secretismo. Ainda bem que já não precisava de arranjar informações para Eamonn, porque não o poderia ter feito sem me transformar. E não o podia tentar sem levantar suspeitas a Liadan. Ela vigiava-me de perto; outro período de doença misteriosa denunciar-me-ia. Estava imensamente grata a Johnny por me ter trazido para Inis Eala, onde não precisava de pensar em Eamonn.

O Chefe não era grande coisa para que se olhasse. Havia aquelas tatuagens flamejantes, é certo; aquilo era uma obra de arte, cobrindo-lhe toda a parte direita do corpo, desde a cabeça rapada à ponta dos dedos da mão e do pé. Mas, à parte isso, ele era muito parecido com Johnny, um homem pequeno, muito bem constituído e de perspicazes olhos cinzentos. A sua boca era dura; não tinha o sorriso encantador do filho. As únicas vezes que havia alguma doçura nas suas feições era quando olhava para Liadan e, mesmo então, eu achava que ele não queria que outros vissem tal fraqueza na sua imagem severa. Mas revelava-se através de pequenos toques, pequenos olhares. Era evidente que não conseguiam estar muito tempo longe um do outro. E ele procurava sempre solenemente a opinião dela; tratava-a sempre como igual, devendo sempre ser consultada e respeitada. Eu não gostava muito dele, mas gostava daquilo.

Havia um círculo restrito, um grupo de homens mais idosos que parecia representar o papel principal nos conselhos e tomada de decisões e que tinham o controlo de vários aspectos da campanha. As visitas do Chefe eram raras; o seu domínio de Harrowfield

necessitava da sua presença e ele e Liadan passavam a maior parte do seu tempo em casa, em Northumbria. Era esse grupo de homens, liderado por Johnny, que dirigia o trabalho em Inis Eala. Uma coisa que partilhavam era os nomes estranhos, que não eram nomes de homens, mas sim de animais selvagens.

Além de Gull, o curandeiro, e de Snake, que tratava dos assuntos da guerra, havia guerreiros chamados Spider, Rat, ou Wolf. Os mais novos não tinham tal pretensão, se bem que os seus nomes tivessem uma variedade de origens muito grande:

Corentin, Sigurd e Waerfrith; Mikka, Gareth e Godric. Algum tempo depois, Biddy explicou-me amavelmente que nos velhos tempos, quando o Chefe fundou a sua força de guerra, os homens que se juntaram a ele puseram de lado os nomes que traziam e assumiram uma nova identidade. Os seus nomes de animais não diziam nada acerca das suas origens, ou história; só falavam das qualidades de cada um, como por exemplo a lealdade de um cão, ou a habilidade de uma gaivota para voar e ver longe. A esses nomes juntavam uma marca própria: a tatuagem gravada na pele, que era ao mesmo tempo um símbolo de pertença e de feroz individualidade. Agora, que já tinham assentado, por assim dizer, já não precisavam dos nomes; mas até os mais novos tinham as tatuagens. Podia saber-se quem estivera com o Chefe desde o princípio pelos nomes. E podia saber-se quem provara ter valor pela pele. Todos respondiam perante Johnny; a sua juventude não era impedimento à sua autoridade.

Havia trabalho para mim. A escrita, por exemplo. Demonstrei a minha capacidade quando me exigiram e foram-me designadas tarefas. Nada que dissesse respeito à estratégia e coisas da guerra, claro; nada que dissesse respeito à campanha do Verão ou a outro assunto secreto. O padre e o druida tratavam desses assuntos. Nem me foram dados mapas para que trabalhasse neles, se bem que os mapas e as cartas marítimas fossem muito usados pelo círculo restrito. No entanto, havia livros para serem copiados, cartas que diziam respeito a importações domésticas e registros para serem arquivados. Havia as contas da comunidade, um trabalho

entediante, mas que, para mim, era tão fácil que até o podia fazer de olhos fechados e ainda receber elogios. Faziam-me perguntas acerca de quem me tinha ensinado, eu dizia-lhes que fora um druida e tentava não pensar no meu pai.

E como mencionara, tolamente, crianças, fiquei encarregue do meu primo Coll. Fora idéia de Johnny, não da sua mãe. Talvez, pensei sinistramente, fosse uma espécie de teste. Descobri rapidamente que os rapazes são algo diferentes das raparigas. Não se pode esperar que escutem histórias como as que eu tinha no meu repertório, nem que mordam a língua de concentração a costurar, ou que brinquem com bonecas. Na verdade, eu própria nunca fizera tais coisas quando era criança. Riona sempre me parecera mais uma companheira de aventuras do que uma coisa para brincar.

Estávamos no Inverno e Coll andava inquieto. Era demasiado novo para aprender as artes da guerra; não se concentrava durante muito tempo na aprendizagem das letras com o estilete e a cera; achava o jogo das pedras aborrecido; não gostava de tocar assobio. Em vez disso, ia até à janela fechada, espreitava pelas gretas para a tempestade no exterior e suspirava pesadamente. Eu via nos seus olhos o anseio do Verão, que fazia eco em mim própria como muitas vezes antes.

Estava a tentar copiar um livro acerca do conhecimento das ervas. Era em Latim e eu ia traduzindo enquanto escrevia, o que requeria muita concentração. Coll estava sempre a interromper. Conseguia imaginá-lo com Eilis. No fim, pousei a pena e fui ter com ele à janela.

— Quando o tempo melhorar — disse eu esperançosa, olhando para o exterior, para o céu cinzento — talvez me possas mostrar o resto da ilha. Aposto que há grutas e praias visitadas pelas sereias. Costumas ir até à ponta? — No exterior, a paisagem estava velada por uma cortina de nevoeiro e chuva.

— Às vezes — disse ele cautelosamente.

— Só às vezes? É muito perigoso? — As falésias, lá, eram, certamente, mais altas. As vagas explodiam, brancas, quando rebentavam nas rochas. Porém, não eram mais íngremes do que no Favo de Mel.

— Claro que não — disse Coll de imediato, franzindo o sobrolho. Realmente, ele era muito parecido com o tio Sean; um rosto longo e magro, sobrancelhas escuras e cabelos pretos encaracolados. Olhei para ele muito séria. Mais um como Sibeal? Certamente que não. Este era... era... bem, para dizer a verdade, ele era muito rapaz. Lembrei-me de uma coisa que a minha avó me disse uma vez acerca dos filhos que poderiam ter nascido se o meu pai tivesse escolhido Liadan em vez da irmã. Se Liadan tivesse tido uma filha, pensei cautelosamente, poderia, então, ter gostado bastante dela.

— Aonde é que vais, então?

— Há pequenas baías no lado oeste. Há uma falésia com papagaios do mar. Grutas, túneis. Às vezes, as sereias aparecem. Está-se lá bem. — Ele franziu o sobrolho. — Mas acho que tu não consegues lá ir. Tens que descer até ao fundo.

— Ficarias espantado — disse eu friamente. — No sítio onde eu cresci, é preciso descer por falésias como essas sempre que se precisa de água. Eu sou ágil como uma cabra.

Coll não parecia convencido.

— Mas, tu não passas de uma rapariga.

— Hum. Bem, o meu melhor amigo era um rapaz e tudo o que ele fazia, também eu fazia. — Aquilo era tão pouco verdadeiro que me senti na obrigação de emendar: — Exceto a nadar. E com a música, e com os cavalos.

— E ele era capaz de fazer tudo o que tu fazias?

Tentei sorrir.

— Nem tudo — disse-lhe.

Depois daquela conversa, Coll e eu tornamo-nos amigos e, juntos, contamos os dias até as tempestades de Inverno amainarem e o céu ficar límpido de novo, com os tons cor de pérola de Imbolc. Chegamos a uma espécie de acordo. Ele aperfeiçoaria as letras durante um certo tempo, ao mesmo tempo que eu trabalhava com a pena.

Corrigir-lhe-ia o trabalho. Então, à vez, contaríamos uma história inventada por cada um de nós acerca de um rapaz que viajava para terras estranhas num pequeno barco e vivia toda a espécie de aventuras. Coll confiava plenamente, com a segurança inocente de uma criança de sete anos, que seria essa a sua vida dentro de alguns anos; não apenas as viagens, mas também a descoberta de ilhas exóticas e as lutas com monstros marinhos, que venceria e talvez até casasse com uma princesa, mas isso só quando já fosse bastante velho, pelo menos vinte e um anos, porque se estaria a divertir muito

O tempo passou. O amuleto mantinha-se fresco ao toque e eu perdera o receio constante de que a minha avó pudesse surgir inesperadamente, talvez para me ralhar por ter libertado Johnny do feitiço. Cautelosamente, perguntava a mim própria se aquele local seria seguro. Talvez fosse essa a razão porque ela não me queria ali. Ela dissera algo acerca de influências. Mas não havia sinal algum de gente do Outro Mundo. Nem os grandes, nem os mais pequenos se tinham manifestado desde que eu saíra de Sevenwaters. Havia apenas um forte contingente de humanos extremamente capazes, uma grande quantidade de armas de aspecto perigoso, o vento e o mar. Não havia cavalos na ilha; estes eram guardados na aldeia, no outro lado. E não havia cães, sequer, para ajudar a guardar os carneiros e as cabras. Havia um gato, que pairava na cozinha e estava sempre debaixo dos pés de Biddy. Era um dos animais mais estranhos que eu jamais vira, com uma pequena concavidade no sítio onde devia estar a cauda e saltitava quase como um coelho. Coll disse-me que ele viera da ilha de Manannan, onde todos os gatos eram assim. Quando ergui as sobrancelhas, descrente, ele disse que toda a gente sabia da história. Fora obra dos Finn-ghaill, com a sua propensão para

adornarem tudo o que usavam na cabeça. Tinham desenvolvido a moda de pendurar caudas de gato nos elmos, como uma espécie de pluma, às manchas, listradas, ou brancas. E as costas de Man estavam agora cheias de aldeias vickings. Por isso, as gatas cortavam as caudas das crias mal nasciam, para evitar a crueldade que lhes seria imposta mais tarde. Era uma história interessante e não menos plausível do que qualquer uma das minhas.

À parte Coll, a família mantinha-se afastada. O Chefe não era um homem com quem se fizesse amizade facilmente, e eu sentia-me satisfeita por ele limitar o seu discurso comigo a um cumprimento de quando em quando, ou um aceno brusco de cabeça ao passar. Porém, eu sabia o suficiente para constatar que, enquanto ele estivesse em Inis Eala, nada aconteceria sem o seu conhecimento. Johnny era o mais amigável.

Tinha sempre um sorriso e uma palavra amável para mim e brincava com o seu pequeno irmão por este monopolizar a rapariga mais bonita da ilha, o que demonstrava quão poucas raparigas existiam lá, na realidade Johnny nunca mencionou o que acontecera entre nós durante a viagem para Norte e eu tão pouco.

Era-me impossível saber se ele ainda acreditava que o feitiço fora obra minha. O outro irmão, Cormack, andava tão intensamente envolvido no treino e no fabrico de armas, que não tinha tempo para conversar. Dizia-se que ele era tão bom como o pai no combate corpo-a-corpo e só tinha catorze anos.

E havia Liadan. Ouvira o que ela dissera acerca do seu desejo de querer ter uma filha, e eu pressentia que ela gostaria de conversar comigo, talvez acerca da minha mãe e dos seus tempos de infância. Mas ela andava ansiosa. Parecia-me que contava os dias que faltavam para o Verão, do mesmo modo que eu, mas as suas feições pálidas pareciam serenas e os seus olhos verdes muito solenes. Os seus homens só pensavam em desafios, conflitos e vitórias. Eu achava que Liadan pressentia um Verão que lhe traria sangue e perda, como em tempos lhe tinham dito. Receava por todos, mas, especialmente, por Johnny. Observava-o com olhos sombrios. A minha tia não me fez qualquer pergunta incômoda,

talvez por saber que não obteria resposta. No entanto, permitiu que eu me tornasse amiga do filho mais novo. Era a presença dele, irrequieta, questionadora e simples, que me permitia passar o Inverno num razoável estado de espírito. Isso e o silêncio da minha avó.

A estação decorreu chuvosa e tempestuosa, com noites gélidas, e quanto mais a Primavera se aproximava, mais clara se tornava, na minha mente, a tarefa a meu cargo. Para satisfazer a minha avó, tinha de permanecer ali até os aliados vencerem o inimigo. Assim, tinha de tomar as medidas necessárias para que a vitória não acontecesse. Eu achava que era capaz de transformar um exército de homens num exército de sapos, apesar de a utilização desse feitiço, numa escala tão grande, estivesse, provavelmente, para além das minhas capacidades. Ou podia fazê-lo de um modo mais simples, como ela sugerira. Podia matar o Filho da Profecia. Não havia dúvida alguma de que, sem ele, a empresa não teria sucesso, mesmo que ele perdesse a vida no auge da batalha. No fim de contas, uma profecia era uma profecia e todos dependiam dela. Por que outra razão era Johnny que conduzia a campanha em vez de Sean de Sevenwaters, ou um chefe de guerra dos Uí Néill, ou até mesmo Bran de Harrowfield, que era um homem que nunca fora vencido? Por que não Eamonn, de Glencarnagh, o líder rico e influente? Mas aquela campanha não seria vulgar, não seria uma mera disputa territorial rapidamente resolvida. Era uma luta antiga, cheia de mistério e de simbolismo pesado. Eles tinham falhado contra os Bretões, no passado, porque não tinham Johnny. Só podiam vencer se o Filho da Profecia estivesse presente para os chefiar. Toda a gente sabia isso. Se perdessem o Filho da Profecia, perderiam a coragem e a esperança.

Muito bem, então. Teria de fingir colaborar com o plano da minha avó até ao fim. Usaria o amuleto mesmo até ao fim; desse modo, ela acreditaria que continuava a dominar-me. Então, quando chegasse a ocasião, em vez de fazer o que ela queria, desafia-la-ia; teria de me interpor entre ela e Johnny, para que ele pudesse vencer e salvar as Ilhas. Suponho que me castigará. Se me matar, talvez eu o mereça pelas coisas más que fiz.

Matutei naquilo, segurando a pena, imóvel, por cima do manuscrito. A batalha desenrolar-se-ia nas Ilhas; estas estavam próximas das terras dos Noruegueses e das dos gatos sem cauda. Uma longa viagem. Muito longe de Kerry e da propriedade de O'Flaherty em Ceann Na Mara. Ainda bem. Os barcos teriam uma longa viagem pela frente. Haveria, certamente, uma escala na rota, um qualquer porto seguro, onde as forças do Chefe se reuniriam às de Sean, de Eamonn e dos Uí Néill para o ataque final. Depois, haveria uma travessia a nado; uma travessia perigosa, a partir de um local a que eles chamavam Needle, para afundarem a armada dos Bretões. Um golpe de mestre, se conseguissem. Todos apostavam nisso. Então, suponho que fariam a travessia nos barcos, atracariam e chacinariam o inimigo. Certamente, não era o tipo de feito para o qual os homens levassem uma jovem prima. Para estar lá, precisaria de um outro tipo de transformação. Traças não. Desta vez, não. E também não tinha ajuda; os meus amigos Fomhóire parecia terem-me abandonado. No entanto, sentia-me capaz de o fazer. Escolheria outra forma, acompanharia a missão do Chefe e então... então, teria de regressar à minha forma e, durante uns tempos, estaria demasiado fraca para usar a arte. Era essa a grande falha no meu plano. Não fazia idéia alguma de quanto tempo duraria tal batalha; quão bem armados estariam os Bretões, quão difícil seria o terreno e que efeito a perda da sua armada poderia ter na determinação do inimigo. Não sabia durante quanto tempo a minha avó estaria disposta a vigiar-me e a esperar que eu agisse. Teria de voltar à minha forma e esconder-me até recuperar as forças. Johnny era capaz de ganhar a batalha sozinho. Eu via-lhe isso nos olhos. Mas, no fim, a minha avó acabaria por aparecer e ele precisaria de mim; e sem a arte eu não era nada.

O treino no mar estava a começar, com ou sem tempestades. Já não havia navios semi-construídos nos abrigos, antes pequenos barcos de muitos tipos fundeados na pequena praia, ou no ancoradouro da baía. Cada vez havia menos homens; soube que a partir de agora e até ao Verão, nenhum regressaria a Inis Eala. Todos os recursos iam para a campanha. Todos os homens trabalhavam com esse propósito e cada um tinha um papel a

desempenhar. Havia travessias todos os dias, desde que o mar o permitisse, e um grande movimento de homens e provisões.

Por vezes, quando não estava a chover, Coll e eu sentávamo-nos na falésia e ficávamos a olhar para aquilo tudo. Para ele era um intervalo agradável na sua luta contra a escrita, apesar de ser um rapaz inteligente. Para mim era agradável estar ao ar livre e sentir o vento nos cabelos. Gull deixara a responsabilidade da enfermaria para Liadan e agora trabalhava o dia todo nos barcos. A sua figura escura podia ser vista movendo-se agilmente nas docas e a sua voz chegava-nos trazida pelo vento, dando ordens curtas no convés. Parecia ensaiarem uma manobra particular, para norte da ponta do promontório atingida pela maré, entre ilhotas rochosas. O pequeno barco, remado por seis homens, mantinha-se para lá do redemoinho da corrente, os remos usados com grande habilidade para o manter imóvel até receberem uma ordem, deixando depois que a maré os transportasse para mar aberto. Praticaram aquilo vezes sem conta, indo e vindo e uma vez vi um homem na água gelada, nadando, com os outros inclinando-se para o puxarem para dentro do barco. Apesar da distância, identifiquei Johnny.

— O teu irmão é um grande nadador — observei, ajustando o xale em redor dos ombros por causa do vento.

— Também eu — respondeu Coll imediatamente. — Quando for grande, vou ser melhor do que ele. Vou nadar daqui até à outra margem. Nunca ninguém fez isso. — Fez-me lembrar Eilis. Talvez aquela espécie de confidência existisse em todas as famílias.

— Tu sabes nadar? — perguntou Coll. Abanei a cabeça.

— Não gosto muito da água.

— Se quiseres, eu ensino-te. No Verão. Se quiseres.

Apercebi-me, pelo seu tom de voz, que aquele era um gesto extremamente generoso.

— Obrigada — disse eu solenemente. — Talvez. Não sei bem se sou capaz de aprender.

— Toda a gente pode aprender — disse Coll. — É fácil.

Como andar a cavalo, pensei.

— Vais precisar de saber nadar se vais viver aqui — observou ele.

— Não me parece. Depois do Verão, já não.

— Não foi isso que Johnny disse. Ele disse que tu ias casar com um dos rapazes, provavelmente com Corentin, porque ele é inteligente e fala três línguas, mas talvez também com Gareth, porque ele é um sujeito simpático e paciente e que ficarias aqui na ilha. Foi o que ele disse. Mas não precisas de casar com eles se não quiseres — acrescentou ele apressadamente, sem dúvida ao ver a minha expressão de incredulidade.

Fui salva da resposta pela chegada inesperada do Chefe, que se dirigia na nossa direção vindo do pátio de treino.

— Coll! Tenho um recado para ti, filho. Vai ao cais e espera que Gull regresse. Diz-lhe que as provisões já chegaram à aldeia. Ele há de querer mandar alguém com um barco maior.

— Sim, Chefe. — Havia um olhar de orgulho no rosto de Coll enquanto descia rapidamente pelo carreiro abaixo, rápido como um cabrito. Eu fiz menção de me levantar e ir-me embora, mas o Chefe fez-me parar e surpreendeu-me, sentando-se a meu lado nas rochas e olhando para a baía. Seguiu-se um pequeno silêncio, silêncio esse que me fez aperceber que ele mandara Coll embora com essa finalidade.

— Os seus homens vão estar bem preparados para a campanha — comentei eu casualmente. — Gull está a treiná-los arduamente na arte da marinharia.

— Os homens de Johnny, não os meus — disse o Chefe calmamente. — Harrowfield não tem nada a ver com isto; sempre esteve à parte desta luta. Mas tens razão acerca de Gull. A sua perícia com barcos pequenos é inultrapassável. — Os seus olhos

cinzentos estavam fixos no barco que flutuava entre os ilhéus. — Cada um daqueles homens é o melhor no que faz.

— No entanto, é espantoso como um homem com tão poucos dedos consegue fazer tanta coisa. Isso deve exigir uma imensa força de vontade.

— É verdade.

Ele parecia bastante amistoso. Pensei que podia atrever-me a fazer-lhe outra pergunta.

— Como é que ele... como é que Gull perdeu os dedos?

A boca cerrada do Chefe distendeu-se num sorriso um tanto ou quanto desagradável.

— Um homem chamado Eamonn cortou-lhos com uma faca — disse ele em voz baixa.

Fiquei gelada.

— O quê? — murmurei.

— Aconteceu numa tentativa para conseguir informações acerca de mim. Eamonn queria ver-nos a ambos suplicar por misericórdia, antes de acabar conosco. Liadan nunca te poderia dizer isto, nem sequer o próprio Gull. A minha mulher prometeu a Eamonn o seu silêncio e Gull já pôs isso tudo para trás das costas. Mas eu acho que algumas promessas são feitas para serem quebradas. É bom que saibas isso. O homem com quem pensavas casar é um carniceiro, Fainne. As suas mãos cheiram a sangue e traição. Acredito que esta história nunca será contada; poucos a conhecem. Estás melhor longe dele e tens de te manter assim.

— Mas... — ia eu a dizer, mas o homem parecia ser bom e honrado. Ia a dizer que ele era um chefe respeitado e aliado do seu filho. Mas lembrei-me do que Eamonn dissera acerca do Homem Pintado, lembrei-me do brilho dos seus olhos quando se apercebeu de que eu poderia vingá-lo e, por isso, calei-me.

— Se o teu pai quer um bom casamento para ti — continuou o Chefe sempre a olhar para o local onde os homens deslizavam suavemente do barco para a água gelada, enquanto outros tentavam mantê-lo firme — não precisa de procurar fora de Inis Eala. Surpreender-me-ia muito se Ciarán ligasse a grandes aparatos, como a riqueza, a respeitabilidade, ou grandes propriedades. Ele gostaria de um bom homem para ti, um homem firme e aqui há muito por onde escolher. Terás pretendentes. Ainda não, claro; ainda não, ninguém lhes disse, não pode haver namoros antes do Verão e eles obedecem às regras. Mas mais tarde, haverá oportunidades. E há trabalho para ti, aqui. A comunidade tem falta de gente letrada.

— Fala do meu pai como se o conhecesse — disse eu surpreendida.

— Estive uma vez com ele. E com a tua mãe. Há muito tempo, muito antes de tu nasceres.

— Im... importa-se de me falar disso?

— Não te posso dizer tudo. Mas fiquei impressionado com Ciarán. Um jovem de força considerável; pelo menos, foi o que depreendi. Um homem assolado por grandes paixões, creio; amor, raiva, determinação. Nós encontramo-nos numas circunstâncias muito difíceis.

— E a minha mãe?

Ele pensou por um momento antes de responder. A sua mão continuou apoiada na rocha a seu lado; o desenho complexo percorria-lhe a pele como se fosse uma linguagem antiga, crítica.

— As circunstâncias também eram pouco... vulgares. Mas ela não era nada parecida com a irmã.

— Quer dizer — disse eu amargamente — que era fraca, estúpida e egoísta? Que a beleza era a sua única qualidade?

O Chefe virou a cabeça para mim. Os seus olhos estavam muito sérios; pareciam julgar-me.

— Toda a gente tem uma coisa única — disse ele. — Em algumas pessoas, essa qualidade tarda em se afirmar. Eu nunca julgaria um homem, ou uma mulher dessa maneira, Fainne. A tua mãe estava sob uma grande pressão quando eu fui incumbido de a tirar de onde estava. Ela era muito bela, sim, de uma beleza digna de uma história. Mas também estava confusa, ferida e assustada e a aparência de Gull, assim como a minha, pouco fizeram para a tranqüilizar. Depois disso, deixamos de ver Niamh. Ciarán tratou de que fosse assim. Mas posso dizer-te três coisas totalmente verdadeiras. A tua mãe era uma mulher extremamente corajosa. Uma pessoa que, como ela, vive persistentemente debaixo de um medo terrível, mostra mais bravura do que um guerreiro que vai para uma batalha sem pensar nas conseqüências. Ela amava profundamente Ciarán. Havia uma ligação entre eles que durou até ao fim, apesar de tudo. Uma ligação tão forte como... — ele parou.

— Tão forte como a que há entre si e Liadan? — perguntei eu suavemente.

Ele acenou com a cabeça.

— Qual é a terceira coisa? — perguntei.

— Essa pode magoar-te. Ouvimos dizer que ela se matou. Eu sei julgar os homens, Fainne, e as mulheres. Vi o olhar da tua mãe quando percebeu que estava salva, por fim, e que Ciarán iria buscá-la. Não era o olhar de uma mulher que deita fora uma inesperada segunda oportunidade. Quem te disse que ela se matou, mentiu-te.

— O meu pai acredita que sim — disse eu com a voz a tremer. — Como é possível não ter sido assim?

— Ficaste perturbada. Lamento. Mas devias ponderar nalgumas possibilidades. Se uma tal morte tivesse acontecido na minha própria casa, eu teria investigado intensamente. Uma queda de uma falésia, sem testemunhas, pode ser muita coisa. Suicídio, certamente. Mas também pode ser um acidente. Ou um assassínio.

— Um assassínio? Isso não é possível. Não estava lá ninguém senão nós e eu era uma criança. Não está a sugerir...

— Não, não estou. A tua mãe era o tesouro mais precioso de Ciarán. Porém, devias ter em atenção as minhas dúvidas. Eu não acredito que ela quisesse abandoná-lo alguma vez; ou que o tenha abandonado.

Fiquei ali quieta, a olhar para o mar enquanto sentia a cabeça encher-se com as lágrimas de uma dor antiga.

— Houve uma época — disse o Chefe calmamente — em que eu jurei que nunca seguiria esse caminho, o caminho da família e da comunidade, por causa dos perigos. Os laços do amor são muito fortes. Transportam uma dor muito maior do que qualquer dor física; dilemas insolúveis, que deixam apenas angústia e perda.

— Mas você seguiu-o, na mesma. O caminho. — Ele acenou com a cabeça.

— E não me arrependo. Mas, agora, é preciso evitar que fiquemos paralisados pelo medo. Os meus filhos falam muito bem de ti, Fainne. Respeitam-te.

Não respondi.

— Eu confio na opinião de Johnny. Ele acha que devias ficar aqui conosco.

— Mas?

— Não posso deixar de pensar na desconfiança de Liadan. As suas visões deixam-na pouco à vontade; e não fala delas. Eu compreendo, porque nem sempre a Visão mostra a verdade e agir de acordo com as suas mensagens seria como andar à deriva num mar de terror. Mas o que ela vê não a deixa dormir de noite. Custa-me acreditar que ela tenha medo de ti; no entanto, é o que parece. Assim, e a despeito da minha opinião, devo deixar claro uma coisa. Quem tenta fazer mal à minha mulher, ou aos meus filhos, tem de se haver comigo.

— Os medos dela são infundados. — À medida que falava, sentia o peso do amuleto suspenso no meu pescoço.

— Nesse caso, por que não lho dizes?

— Não sei se ela acreditará em mim — disse eu em voz baixa.

Estávamos perto de Imbolc, o festival que anuncia a Primavera e eu já estava em Inis Eala há tempo suficiente para saber os nomes das pessoas e ganhar um pouco mais da sua confiança. Também descobrira que Johnny não fazia ameaças em vão. Um dos jovens, ainda pouco habituado à vida da ilha, cometera o erro de tentar visitar uma rapariga sem ser convidado, à noite. Não testemunhei o que aconteceu entre ele e o seu líder, mas vi-o deixar a ilha sob escolta no dia seguinte, o rosto cor de cinza e os olhos traindo a angústia que sentia por esse erro tolo lhe ter tirado a oportunidade de fazer parte daquilo tudo. Era a única maneira, disse-me Johnny. E não havia perigo de aquele homem dizer o que vira. Fazia parte do treino, aprender sobre o destino que podia esperar aquele que fosse suficientemente estúpido para revelar qualquer segredo. O braço do Homem Pintado chegava longe.

Depois disso, os jovens ficaram muito tranqüilos durante um dia ou dois. O moreno e belo Corentin, que me oferecera cerveja variadas vezes e me falara da vida na sua Armórica natal, evitava-me. Quando ao sorridente Gareth, que era uma dos maiores amigos de Johnny, vivia sempre segundo as regras. O máximo que fazia era olhar para mim de relance, timidamente, de vez em quando. Agora, até ele era sombrio.

Todos eles sabiam que tais coisas podiam esperar. Sam e Ciem tinham planos para o Outono; um casaria com Brenna, a alfageme e ou outro com Annie, a jovem cozinheira. Para aquela gente, a vida, por vezes, podia ser difícil, mas, pelo menos, era honesta.

Consciente do pouco à vontade que reinava no acampamento, Johnny propôs uma viagem à outra banda para ir buscar provisões. Se bem que pudéssemos subsistir à base de peixe, cabrito e couves, cenouras e alho-porro bravo do jardim murado, não podíamos cultivar cereais na ilha, nem tínhamos gado, por isso era necessário, por vezes, comprar aveia ou cevada, queijo ou manteiga. E havia necessidade de provisões mais especializadas. Desta vez, Brenna iria à outra banda para trazer algum equipamento

que encomendara e, por isso, eu também fui autorizada a ir, já que era mais decente viajarmos juntas. Era interessante como Johnny não via necessidade de uma acompanhante, como, por exemplo, Biddy, ou outra das mulheres mais velhas. Era deliberado, pensei; assim, mostrava àqueles jovens que, apesar do que acontecera, confiava neles. O dia estava límpido e o mar agitado. Brenna ia conversando animadamente enquanto o barco subia e descia e eu, de dentes cerrados, mantinha os olhos na costa do outro lado, até que, por fim, a viagem terminou até chegar a hora de regressar. A escolha de Gareth e Corentin, por parte de Johnny, para nos guardarem, fora, talvez, um pouco cruel. Ambos iam armados até aos dentes. Brenna desatou o fardo que esperava por ela no armazém e começou uma inspeção apertada do conteúdo, murmurando para si própria. Eu observava Johnny, Godric e os outros, enquanto colocavam sobre os ombros vários pacotes e se dirigiam para o barco. A aldeia estava muito ocupada devido às carroças de mantimentos que tinham chegado recentemente; havia homens armados por toda a parte. Snake não corria riscos e mantinha uma força considerável naquele lado da água. Nenhum barco atravessava o canal e ninguém entrava sem autorização naquele lugar fortificado. Brenna não se apressava. Sentei-me num banco no exterior, gozando o dia límpido e achando o ar um pouco quente demais. Os meus pensamentos regressaram à ilha. Em breve teria de me aventurar e descobrir um lugar secreto para aperfeiçoar a transformação e avivar as minhas capacidades para a tarefa à minha frente. Talvez no dia seguinte, ou no dia a seguir.

— Fainne? — Dei um pulo ao ouvir a voz de Johnny.

— Chegou a hora de partir? — perguntei, levantando-me.

— Ainda não. Os rapazes hão de querer primeiro uma caneca de cerveja. Está além um tipo que diz conhecer-te.

— Um tipo? Que tipo? Deve ser engano. Não conheço ninguém. — Johnny sorriu.

— Tenho um pressentimento de que conheces este. Ele foi muito persistente.

Senti um arrepio pela espinha abaixo. Segui o meu primo, sem uma palavra, até onde estava amarrado um par de velhos cavalos, junto a uma fila de carroças. E ali, afagando o focinho de uma feia égua baia, estava um sujeito escanzelado, de cabelos pretos até aos ombros, um assomo de barba e uma argola de ouro numa das orelhas.

— Olá, Caracóis — disse Darragh.

Senti um baque no coração, que foi mais de horror do que de alegria. Se tivesse sido capaz, talvez tivesse dito a Johnny que o homem era um completo estranho para mim e ter-lhe-ia pedido que o mandasse embora. Mas nem sequer tinha voz; fiquei ali a olhar. E, subitamente, Johnny tinha desaparecido juntamente com o hesitante Corentin. Amaldiçoei o tato do meu primo.

— Estás com bom aspecto — disse Darragh. Consegui, finalmente, falar.

— Que estás a fazer aqui? Não devias estar aqui! Onde está Aoife?

Houve uma pausa.

— Vendi-a — disse ele.

Não podia estar a ouvir bem. Vendera-a, a bela Aoife, que fazia tanto parte dele que até parecia meio-humana? Aoife, que lhe dava tanta sorte?

— Vendeste-a? — repeti. — Impossível. — Darragh olhou para o chão.

— Um homem não rompe um contrato de trabalho e não percorre meio Erin sem ter com quê, Fainne. O acordo foi esse. O'Flaherty ficou com a égua. Ela há de ser bem tratada.

— Mas, porquê?

Silêncio. Ele olhou para mim e depois para longe. Pensei ver nos seus olhos uma nova mágoa, como se duvidasse da sabedoria da sua escolha.

— Aqui não há nada para ti — disse eu num sussurro feroz, furiosa com ele por ter vindo e comigo própria pelos sentimentos que se atropelavam dentro de mim, sentimentos que não tinham nada a ver com a filha de um feiticeiro quando esta tinha coisas mais importantes pela frente. — Não devias ter vindo. É perigoso. Tens de ir para casa, Darragh. Imediatamente.

— Ah — disse ele como que por acaso, mas eu podia ver a sua mão a tremer enquanto afagava o longo focinho do cavalo com dedos gentis. — Creio que não vou fazer isso.

— Tens de fazer! — disse eu com firmeza — Não podes ficar aqui! Vais arruinar tudo! Tens de partir imediatamente! Não posso fazer nada contigo aqui...

— Fazer o quê, Caracóis?

— Fazer o que tenho de fazer. Por favor, Darragh, por favor, se gostas um bocadinho de mim, vai-te embora, depressa, antes... antes... *Antes que a minha avó te veja.* Mas não podia dizer aquilo.

— Sabes, não é assim tão simples.

— Por que não? — Olhei para ele. Darragh olhou para cima, para além do meu ombro e, subitamente, lá estavam eles, quatro, Johnny e Gareth, Godric e Corentin, armados até aos dentes e com um aspecto feroz. Todos eles tinham a sua tatuagem especial no rosto; todos eles pareciam prontos a matar. Comparado com eles, Darragh era... uma espécie de cotovia no meio de aves de rapina. Exatamente no sítio errado.

Certamente que até ele via isso.

— Amigo teu? — perguntou Johnny, com um sorriso que não atingia os olhos.

— Conheço um pouco este jovem — disse eu rigidamente. — Há muito tempo.

— Como te chamas? — O olhar de Johnny era extremamente perscrutador. Achei o seu comportamento um pouco estranho. Não falara ele já com Darragh?

— Darragh, filho de Dan Walker, de Kerry.

— E qual é a causa da tua viagem até estas bandas? Surpreende-me que venhas até tão longe.

Darragh olhou de relance para mim.

— Pode-se dizer que vim à procura de uma velha amiga. Ajudei um homem com um cavalo, no caminho; apanhei uma boleia.

Johnny não fez qualquer comentário. Limitou-se a esperar. Por trás dele, Gareth mexeu-se pouco à vontade e ouviu-se o tinir de metal.

— Ouvi dizer — disse Darragh — ouvi dizer que poderiam precisar de homens, por estas bandas. Uma campanha qualquer. Vim oferecer os meus serviços.

— O quê? — exclamei eu, chocada, antes de me poder conter. Os companheiros de Johnny não fizeram qualquer tentativa para conter o divertimento.

— Estou a ver — disse Johnny polidamente. — E que sabes tu fazer, que aches que nos pode ser útil?

— Nada! — disse eu rapidamente antes que Darragh pudesse abrir a boca para responder. A minha voz não tinha nada de firme. — Nada! Este homem não sabe lutar, não sabe como usar uma arma, nunca matou ninguém na vida. Ser-te-ia completamente inútil. Acredita no que te digo.

Johnny olhou para mim calmamente e depois para Darragh.

— Ouviste a dama — disse ele. — Nós, aqui, precisamos de guerreiros. Não creio que te possamos utilizar, a não ser que saibas fazer outra coisa qualquer.

— Sei tocar gaita-de-foles — disse Darragh. — E tenho jeito para cavalos. Os guerreiros precisam de cavalos.

— Desta vez, não — disse Johnny. — Esta campanha será por mar. Talvez encontres trabalho nos estábulos deste lado, se demonstrares capacidades.

— Não. — A voz de Darragh era áspera. Olhei para ele, espantada. Não veria ele que era impossível? Como estava a ser tolo? Perdera o senso-comum? — Isso não me serve. Quero ir para a ilha. Posso aprender a lutar. Serei bom aluno. Você parece-me boa pessoa. Dê-me uma oportunidade, ao menos.

Johnny olhou de alto a baixo para ele.

— Não me parece — disse ele.

— É muito fino para ter o filho de um latoeiro no seu bando? Eu não tenho vergonha de ser filho de um nômade. E provarei o meu valor.

— Em Inis Eala — disse Johnny, que agora olhava para Darragh intensamente — estamo-nos nas tintas para as origens dos nossos homens. O que eles têm para oferecer é que conta. De onde vens?

— De Oeste. De Ceann Na Mara.

— Estou a ver. És persistente. Mas, como a minha prima aqui acaba de dizer, tu não és um guerreiro; e um músico, se bem que desejável, não é uma das minhas prioridades. Tens a certeza de que não sabes fazer mais nada?

Não digas, Darragh, disse-lhe eu em pensamento.

— Sei nadar — disse Darragh. — Um pouco.

— Já ouvi dizer — disse Johnny suavemente. — Bem, vou pensar. Talvez volte aqui antes do Verão. Se ainda estiveres por aqui, talvez voltemos a falar.

E, girando nos calcanhares, encaminhou-se para o barco, onde Brenna estava a supervisionar o carregamento do seu precioso fardo. Segui o meu primo cegamente, fazendo um esforço para respirar calmamente e para não olhar para trás. Fora uma coisa cruel, talvez; mas fora a decisão certa. Darragh não podia ir conosco. Não podia.

Os homens tiveram que remar com força contra a maré, no regresso e progredimos com lentidão. A minha mente estava perturbada e o meu coração pesado. Era uma tolice, mas o que mais me perturbava era não me ter despedido do meu amigo. Pelo menos, podia ter-lhe dito uma palavra amável; um aperto de mão, ou um beijo no rosto. Teria preferido nunca mais o ver, a encontrá-lo assim e não me despedir.

Os homens remavam com força de costas para a ilha e iam a falar de coisas a que eu não estava a prestar muita atenção.

— Tipo teimoso — observou Corentin.

— É preciso ser maluco para tentar semelhante coisa — sorriu Godric. — E contra a maré.

Johnny ia calado. Limitava-se a olhar para trás, para o local de onde saíramos, com o mesmo olhar calculista que eu vira no seu pai. Lembrei-me de ele dizer que era capaz de avaliar o caráter de um homem, ou de uma mulher. Olhei para ele e senti-me gelar de horror ao perceber o significado das suas palavras. Virei-me e olhei para trás.

Algures, entre o nosso pequeno barco e a costa, uma cabeça escura aparecia e desaparecia de vista nas águas agitadas. Ágil como uma sereia, aparecia para respirar e desaparecia depois nas águas turbulentas, para aparecer novamente após uma espera de fazer parar o coração.

— Lembro-me de tu dizeres que ele era um ótimo nadador — observou Johnny. — É o que vamos saber daqui a pouco.

Agarrei o braço de Brenna, aterrorizada. E as serpentes do mar? E o frio? E Coll não dissera que nunca ninguém o tinha feito?

— Johnny — disse eu em voz baixa. — É uma distância muito grande. Não vais...?

— Todos os homens devem passar por um teste. Mas, achas que deixaria o teu namorado morrer afogado? Além disso, precisamos dele. A meio caminho, talvez, ou um pouco depois. Ele

já percorreu uma distância maior do que qualquer um de nós e continua com uma boa braçada. Recolhemos os remos além, perto daquelas rochas e deixamos que ele nos apanhe.

— O tipo não sabe pegar numa espada; não tem estômago para matar um homem — resmungou Gareth. — Sabe nadar, e depois?

— É uma responsabilidade — queixou-se Corentin recolhendo o seu remo.

— Pode aprender — O tom de Johnny era sério. — Foi o que ele disse, não foi? E nós temos os melhores professores, em Inis Eala.

Fiquei para morrer. A minúscula figura ficou cada vez mais pequena, as ondas cada vez maiores e o ar cada vez mais frio, à medida que nos afastávamos da costa. As cristas pareciam ter longos dedos na ponta; e as depressões monstros de grandes dentes, traiçoeiros. Não sabia se o meu rosto denunciava algo. Johnny olhou para mim e a sua boca torceu-se um pouco, mas havia preocupação nos seus olhos e também alguma surpresa.

Brenna segurou-me na mão e disse:

— Tudo bem, Fainne. Nós já estamos quase nas rochas. Eles esperam lá por ele. — Gareth tinha o semblante carregado. Corentin tinha os lábios cerrados. Godric e Mikka tinham apostado se pescariam da água um latoeiro arrogante ou um cadáver. A cabeça doía-me, tal era a força com que cerrava os dentes. Agarrei firmemente a mão de Brenna e mantive os olhos naquele ponto escuro que aparecia e desaparecia.

Talvez tivesse sido ela, pensei. Talvez a minha avó o tivesse feito vir ali e agora forçava-me a vê-lo afogar-se, mostrando-me, assim, o preço da desobediência. Ela queria mostrar-me quão louca eu era, se achava que era forte.

— O teu rapaz é muito corajoso, Fainne — disse Brenna enquanto nos aproximávamos das rochas e Johnny ordenava aos rapazes que agüentassem o barco contra a maré.

— Eu acho é que é estúpido — murmurei, mas ela tinha razão, claro. Ele aproximou-se firmemente, como se não soubesse o que era o medo, como se não conhecesse as limitações de um ser mortal. A despeito do terror e da fúria, eu estava tão orgulhosa dele que pensei que o meu coração se ia partir em dois. — E não é o meu rapaz.

— Não? — perguntou Johnny. — Bem, uma coisa é certa. Não são as lições de esgrima que o fazem comportar-se assim.

Esperamos; os homens utilizaram a mesma técnica que tinham aperfeiçoado no promontório, contrabalançando com os remos o avanço da maré, o que mantinha o barco relativamente imóvel. Mantiveram-se ligeiramente afastados das rochas. A espera parecia interminável, mas a cabeça escura ficou cada vez menos parecida com uma criatura do mar e mais com a de um homem, o ritmo forte dos braços morenos e esbeltos podia ser visto no meio das ondas, assim como o rosto pálido e os olhos escuros, cheios de determinação. Por fim, ele atingiu o barco, foi içado e depositado, sem qualquer cerimônia, a meus pés, branco, tremendo e incapaz de dizer uma palavra. Os homens pegaram de novo nos remos e seguimos para casa.

Eu sentia as lágrimas, algures, mas não as podia limpar. Lágrimas de alegria, lágrimas dor, terríveis, lágrimas de medo e frustração. Tirei o meu xale e coloquei-lho sobre os ombros.

— Como te atreves a assustar-me assim? — disse-lhe eu em voz baixa, furiosa. — Devias ter vergonha!

Então, ele inclinou-se, apenas um pouco, encostou a cabeça ao meu joelho e eu ouvi-o murmurar por entre o bater dos dentes:

— N... n... não me obrigues a d... d... dizer adeus outra vez.

Nem a mais poderosa feiticeira do mundo teria conseguido impedir, naquele momento, que os meus dedos se movessem para lhe tocar no rosto e ficarem ali durante o espaço de um bater do coração. Vi um sorriso torcido nos seus lábios; então, retirei a mão e fechei os olhos. Não olharia para ele; no entanto, desejava-o

loucamente, desejava olhar, olhar e armazenar tudo, como um tesouro guardado para os dias de chuva. Queria aquecer-lhe as faces com as minhas mãos, atraí-lo ao meu peito até que parasse de tremer. Queria ver as cores regressarem às suas feições geladas, ver o seu doce sorriso e os seus olhos alegres. Queria o que não podia ter.

Era a minha grande fraqueza e se não a reprimisse agora, seria a minha perda, a de Darragh e a ruína da grande campanha de Sevenwaters. Seria o triunfo de Lady Oonagh sobre tudo o que era reto e bom. Essa fraqueza era a melhor ferramenta que a minha avó tinha para me manipular. Não podia permitir que isso acontecesse. Teria, de algum modo, de fazer com que Darragh compreendesse isso.

Assim, mantive os olhos fechados, sentindo com todas as fibras do meu corpo onde ele estava sentado, qual o seu aspecto, desejando que ficasse e desejando que se fosse embora, tudo isso despedaçando-me o coração.

Quando Darragh desembarcou em Inis Eala, tremendo e todo sujo, passou a ter uma reputação. Ninguém escapa ao efeito de uma tal demonstração de coragem. Aquela gente gostava daquilo. Era algo que compreendiam. E gostavam dele; como seria possível não gostar? Fosse a falta de pretensão, o sorriso torcido, ou o desejo de aprender, o que é fato é que ao fim de alguns dias já era amigo de toda a gente. Até Gareth e Corentin admitiram, resmungando, que o tipo trabalhava bem. Tinha de ser; havia muita coisa para aprender e faltava pouco tempo. Talvez Johnny esperasse um milagre.

Ainda bem que Snake se encarregou pessoalmente da educação de um nômade nas artes da guerra, o que significava que eu não via Darragh durante a maior parte do dia, por trás de muros altos, tomando conhecimento dos seus progressos apenas à hora do jantar. Assegurei-me de que ele ficava sentado bem longe de mim. Mantinha os olhos no prato, ou conversava com Brenna, ou com Annie, excluindo todos os outros. Se bem que desejasse ardentemente olhar para ele, não o fazia. Se bem que desejasse

ardentemente falar-lhe, assegurei-me de que não teria qualquer oportunidade.

O tempo começou a melhorar e a estação mudou. Imbolc tinha passado; estávamos quase na Primavera e eu tinha de agir com rapidez. Uma manhã encontrei Johnny sozinho, olhando para uns mapas na cabana que usávamos para efeitos de instrução.

Ainda era cedo; Coll ainda nem sequer tinha acordado.

— Johnny?

— Hum?

— Preciso de te dizer uma coisa. Pedir-te uma coisa. É importante.

Ele olhou para cima de olhos semicerrados.

— O que é, prima?

— D... Darragh. Ele não devia estar aqui. — Falei furtivamente, olhando em volta; uma tolice, era o que era. Se a minha avó se lembrasse de olhar, veria tudo, tinha a certeza. — Quero que o mandes embora.

Johnny ergueu as sobrancelhas.

— Eu tenho um trabalho para ele. É certo que o teu amigo ainda tem muito que aprender no que toca ao treino de combate; no que toca a tudo, para dizer a verdade. Mas ele está a aprender. Tem força de vontade e é esperto. E é rápido, ágil. Eu preciso dele, Fainne.

— Por favor — disse eu, furiosa por ouvir como a minha voz falhava. — Por favor, manda-o para casa. Darragh não é um guerreiro. Não tem nele a vontade de matar. Por favor, Johnny. Tu podes, perfeitamente, encontrar outro nadador. É... é muito importante. — Baixei o tom de voz. — Mais importante do que... parece.

Ele olhou para mim por um momento.

— Esta missão é fundamental, pode estar para além da nossa compreensão — disse ele solenemente. — Até o meu papel nela pode não atingir o que as pessoas esperam. — Havia uma tristeza nos seus olhos que eu não compreendia.

— Que queres dizer? — perguntei, despertando, alarmada, do meu próprio dilema pelas suas palavras.

— Parece fácil, ter o destino marcado desde que se nasce; um grande e glorioso futuro, o cumprimento de uma profecia antiga, nem mais, nem menos; a reconquista do solo sagrado de um povo. Para as pessoas é fácil: ganhar a batalha, reconquistar as Ilhas e regressar a Sevenwaters como herdeiro a seu devido tempo. Eu sei isso desde criança.

— Mas não é assim tão simples, pois não? — perguntei, recordando o que os Anciãos me tinham dito, aos bocados, e que eu nunca tinha percebido bem. — Não é só ganhar a batalha.

Johnny acenou com a cabeça.

— Acredito que não. Há algo por dizer nisto tudo, que não corresponde às expectativas desta boa gente; de modo nenhum. O destino não é nada glorioso. A minha mãe vê a minha morte, se bem que não o diga. E eu vejo algo parecido com a morte, mas que não é bem a morte; algo muito para além do destino do guerreiro. Quem sabe o que acontecerá? Isso assusta-me.

— Tu, assustado? — Achava aquilo difícil de acreditar. — Mas, eles têm tanta fé em ti. Não têm uma única dúvida.

— Eu não posso escolher o meu próprio futuro — disse Johnny. — E lamento muito isso. Mas farei o que devo fazer. Vencerei a batalha e enfrentarei o que estiver para vir com os olhos bem abertos. Mas o teu Darragh, por exemplo, é um homem que escolhe o seu destino. E este é o destino dele, Fainne. És capaz de lhe negar isso?

Mordi os lábios.

— Ele não sabe. Não sabe o que isto significa. Ele quer ajudar-me, ou proteger-me e é por isso que me segue, mas não percebe que é a pior coisa que pode fazer. Ele tem de ir para casa, Johnny. Por favor, manda-o embora.

Johnny ficou a olhar para mim.

— Tu mudaste desde que ele veio para cá — disse ele suavemente. — quase choras, a pedir por ele. Mas a escolha é dele, prima, não tua. E eu respeito a escolha de um homem. Além disso, precisamos dele Precisamos de cinco nadadores; e só temos quatro com a força e a resistência necessárias para levar a cabo a missão. Eu, o meu pai, Sigurd e Gareth. Foi um milagre o aparecimento deste filho de latoeiro. Não posso fazer o que me pedes.

Senti-me, mais uma vez, desesperada. Quem me poderia ajudar, se ele não queria?

— Fainne. — O tom de Johnny era gentil. — Eu raramente perco homens; eles são únicos no que fazem. Seria muito estúpido se, com tão pouco treino, mandasse um tipo para a frente de combate.

— Não é isso, se bem que também seja. É... é... — não lhe podia dizer. Não lhe podia dizer: *se o deixares prosseguir, ela coloca-lo-á em perigo e então... então...* não sei se terei forças para continuar. Não sei se o conseguirei suportar. No fim de contas, se critica calhar, fica provado que sou, apenas, um instrumento da minha avó.

— Tu tens visões? — perguntou-me ele. — Sombras de coisas que estão para acontecer, tal como a minha mãe?

Abanei a cabeça.

— Não. Mas fui avisada e... não, não te posso dizer. Não devia ter falado nisto. Vejo que não me ajudarás.

— Os meus instintos e o meu treino dizem-me que a minha decisão está certa — disse Johnny. — Não ponho um homem em risco, a não ser que seja necessário. Coll já chegou e é melhor eu ir-

me embora antes que me ponha a fazer exercícios com estilete e cera, coisa que nunca foi do meu agrado. Até logo, prima.

Falei com o Chefe, mas também não serviu de nada, porque o único argumento que pude usar com ele foi o da inexperiência de Darragh como guerreiro e como a sua ajuda, uma vez em terra, seria praticamente nula apesar de toda a sua força na água. E que preferia que ele não se deixasse matar ainda. O chefe escutou solenemente e depois disse-me que Snake estava muito satisfeito com os progressos do rapaz; para um tipo escanzelado, ele tinha bastante força de braços, muita perícia com o pau e não era mau de todo no combate sem armas, também. Talvez fosse coisa que se aprendesse na vida errante. Quanto à espada e ao punhal, esses precisavam de prática, mas ainda havia tempo. Quando tentei protestar, o chefe disse que a decisão era de Johnny e que confiava no juízo do filho — Além disso, não era o que o rapaz queria?

Havia uma última possibilidade. Liadan estava na enfermaria, moendo uma coisa acre qualquer num almofariz. Não havia mais ninguém. Esteiras vazias aguardavam as vítimas da guerra, de um acidente doméstico, ou de uma febre sazonal. Por cima da sua cabeça havia tranças de alho penduradas numa viga; e as prateleiras estavam cheias de frascos com ervas.

— Fainne! — exclamou ela, surpreendida, quando eu entrei. — Não estava nada à espera da tua visita. — Ela usava o seu vestido escuro do costume com uma túnica por cima, sóbria como o uniforme de uma enfermeira; os cabelos estavam presos com uma fita, mas os caracóis escapavam e caíam-lhe para a testa pálida. Franziu o sobrolho.

— Vens, sem dúvida, pedir-me que mande Darragh para casa? — perguntou ela enquanto moía o pó vermelho na tigela.

Olhei para ela.

— Aqui, toda a gente sabe tudo? — perguntei. A minha tia sorriu.

— Nós falamos uns com os outros, Fainne. Isso é costume nas famílias. Além disso, Darragh veio ter comigo.

— Ele o quê?

— Ele está muito preocupado contigo. E eu sei que tu estás muito preocupada com a segurança dele. Darragh sugeriu uma coisa que eu estou pronta a fazer, se tu concordares.

— Não tinha a certeza se queria concordar, mas, de qualquer maneira, perguntei:

— Que coisa?

— Vocês saírem daqui juntos e regressarem a Kerry. Desse modo, não o perdes; e ele terá o que veio aqui procurar. Podem estar bem longe antes de esta campanha começar. A salvo.

— A salvo? — repeti com alguma amargura. Ela estudou-me atentamente com os seus intensos olhos verdes. Esperei que não me estivesse a ler a mente. — Não ficaríamos de todo a salvo, tia. Não pode ser. Eu tenho de ficar aqui; não posso regressar a Kerry. Mas Darragh pode e deve. Ele não pertence a Inis Eala. Nem nunca quis pertencer. Ele só lhe apeteceu aparecer, sem ser convidado. Foi o que ele fez.

— A mim parece-me uma boa sugestão — disse ela suavemente. — Darragh foi muito convincente. Ele ama-te, Fainne. Não vês isso?

— Aquilo não é amor cortei eu. É... é teimosia. Ele acha que eu não sou capaz de tomar conta de mim própria. Não sabe o que é bom para ele e o que não é. Nunca soube.

— E tu? — perguntou Liadan. As suas mãos tinham deixado de trabalhar e estavam pousadas na mesa. — É o amor que faz com que queiras vê-lo longe daqui, quando ele arriscou a vida para estar perto de ti?

— A nossa espécie não sente o amor — murmurei, sabendo que era mentira. — Torna a vida demasiado complicada. Im...

impede-nos de fazer o que deve ser feito. Como o meu pai. O amor arruinou-lhe a vida.

— Ele tem uma filha — disse ela docemente. — Suponho que ele tem muito orgulho em ti. Tu és inteligente, és dotada e... astuta, tal como ele. E teimosa. Pergunta a Ciarán se ele está arrependido de ter conhecido a minha irmã antes de despedires assim, com tanta ligeireza, o amor. Põe-no de lado e não viverás a vida, apenas uma sombra de vida.

— De qualquer modo — disse eu não desejando continuar com a conversa — Johnny não deixará Darragh partir. Diz que precisa dele.

Liadan suspirou.

— Se tu também quisesses ir, eu falava com Johnny.

Abanei a cabeça.

— Tenho de ficar aqui. Não posso regressar a casa.

— Sim — disse ela com ar cansado, sentando-se num banco. — Já calculava; mas quis tentar, de qualquer modo. Darragh é bom rapaz, Fainne. Ele não merece isto.

— A culpa é dele — disse eu num murmúrio.

Ela acenou com a cabeça.

— Talvez tenhas razão. Os homens têm a mania de se meter onde não são chamados. Não vale a pena tentar mudar o rumo das coisas, mas nunca consegui... ficar quieta e deixar as coisas acontecerem como o meu tio Conor me aconselha. Acho que devemos seguir em frente, se pudermos. É assim que Darragh faz; ele tem uma grande força de vontade.

— Ele não sabe o que se passa — disse eu sem ênfase.

— E tu, sabes? — A sua voz era calma. Parecia que tinha pena de mim.

— Pelo menos — murmurei — sei o que tem de ser feito.

— E hás de chegar ao fim — disse Liadan num tom de voz que me assustou; um tom que falava de uma verdade incontestável. — Como, não sei, mas, tanto Johnny, como tu, estarão lá. Já o vi.

Fiquei gelada.

— O que é que viu? E Darragh?

— Eu não posso falar disso. Posso estar enganada.

— Não se pode dizer nada? Mesmo nada?

— O meu filho enfrentava a morte. E tu choravas. Choravas como quem perde um tesouro inestimável. Nunca vi uma dor assim.

Engoli em seco.

— Eu também vi essa parte. Se tiver de acontecer, acontecerá, suponho.

Liadan acenou com a cabeça.

— Devias pedir a Coll que te levasse, um dia destes, à ponta do promontório — disse ela num tom de voz totalmente diferente. A nossa conversa terminara e eu perdera a última oportunidade de conseguir mandar Darragh embora. — O tempo está a mudar; vêm aí dias claros. Precisas de te afastar das tuas tarefas, de respirar ar puro e de fazer exercício. Far-te-á bem. — O tom de voz dela era vulgar, como o de uma mãe qualquer. Algures, por trás de todos os medos que me enchiam a mente, achei que devia ser bom ter uma mãe que se preocupasse comigo. Talvez, se a minha mãe não tivesse morrido, tivesse sido assim. Talvez, se o Chefe tinha razão, ela nunca tivesse pensado em deixar-nos; talvez nos tivesse amado e tivesse esperança no futuro.

Nunca mais me esqueceria disso nem das palavras de Liadan: *Ele deve ter muito orgulho de ti, minha querida.* Guardaria essas palavras no coração e transformaria a minha história numa história viva, verdadeira e sem lágrimas. Não podia fazer outra coisa.

CAPÍTULO TREZE

Eles treinaram vezes sem conta o barco, a corrente e os nadadores. E Darragh estava entre eles enquanto deslizavam para a água gelada. Faziam-no durante o dia. Faziam-no à noite com lanternas na proa. Habituaram-se a fazê-lo com máscaras no rosto, roupas escuras e justas, de modo a parecerem-se com criaturas do oceano, verdadeiros filhos de Manannán. Faziam-no ao luar, sem as lanternas; eu ouvia-os a subir os degraus vindos da enseada, rindo. Parecia-me que eram muito temerários, um bando de camaradas, ligados por uma fé mútua e inabalável. Sentia-me preocupada por Darragh se ter transformado num deles tão rapidamente. E não era apenas o meu receio pela sua segurança que me dava noites de insônia. Era algo que eu tinha vergonha de admitir. Ele era meu e eu não queria partilhá-lo. Não queria que ele mudasse e se transformasse num homem duro e sem escrúpulos como os outros. Por vezes, o que me dava forças para continuar, era a imagem de Darragh, com o seu sorriso torcido, cavalgando tranquilamente o seu belo pônei branco por um carreiro iluminado pelo Sol entre sorveiras-bravas. Se perdesse isso, que me restava?

Então, Coll adoeceu. Um dia, teve uma ligeira dor de cabeça, coisa pouca, apenas o suficiente para o fazer resmungar um pouco mais do que o costume enquanto trabalhava. No dia seguinte, tinha febre e não saiu da cama. Eu não o fui ver. Fiquei à minha mesa, atarefada com a pena, registrando as qualidades medicinais de uma erva chamada escrofulária, geralmente conhecida como ficaria. Não falei com ninguém.

Liadan não esteve presente ao jantar, assim como Gull. O Chefe estava muito calado, mas isso não era nada invulgar. Johnny também não dizia grande coisa e pensei que me vigiava.

— O miúdo está mesmo doente — murmurou Biddy. — Está tão quente como um ferro em brasa e só diz disparates.

Retirei-me cedo para o meu canto, dizendo para mim própria que a criança recuperaria. A culpa era minha. Como podia ter-me esquecido?

Como me permitira arranjar outro amigo? Como fora possível ser tão tola, acreditando que a minha avó me deixaria em paz? Tinha acabado de acender a lâmpada quando me mandaram chamar. Estavam todos na enfermaria, Liadan sentada à cabeceira do filho. O Chefe e Johnny de semblantes carregados e silenciosos por trás dela, enquanto o miúdo transpirava, murmurava e virava a cabeça, sem descanso, de um lado para o outro.

Eu sou filha de um feiticeiro, recordei a mim própria enquanto avançava na direção deles. Mas não pareceu ajudar-me muito.

— Lamento que Coll esteja doente — disse eu com a maior calma possível. — Espero que seja apenas uma constipação e que melhore em breve. — Mantive as mãos unidas atrás das costas para as obrigar a ficar quietas.

— Senta-te, Fainne. — A voz de Liadan perdera o calor que tivera no nosso último encontro. Depois de me sentar no outro lado da cama do rapaz, como ela me indicara, vi que os seus olhos estavam vermelhos e inchados, e que a sua boca estava cerrada. A expressão do Chefe estava alarmantemente feroz e a de Johnny circunspecta, como se estivessem a pesar um dilema.

— Suponho que sabes por que razão te chamamos aqui — disse Liadan enquanto pegava num pequeno pano e o usava para enxugar a testa de Coll.

— Talvez seja melhor dizer-me. — Consegui manter a voz sob controlo apesar do bater do meu coração.

Então, foi o Chefe que falou numa voz muito suave, numa voz treinada para instigar o medo nos homens.

— A minha mulher disse-me que esta febre, tão alta, que apareceu de repente, não pode ter aparecido sem uma... intervenção exterior. — Havia uma pergunta no tom de voz, mas eu

não respondi. — Se o meu filho morrer os responsáveis não escaparão ao castigo.

— Ontem, Coll estava bem — disse Liadan e a sua voz tremia. — Corria, metia-se com toda a gente e estava perfeitamente. Não há razão para isto. Esta febre não responde, como devia, às gotas de ervas; ele está a arder, como se tivesse sido atingido por um dragão. Se não baixa dentro de pouco tempo, receio que ele não agüente. Fainne, foste tu que fizeste isto?

Hesitei. Se bem que estivesse à espera que me deitassem as culpas, não contava com uma confrontação tão direta da parte dela.

— Não, tia Liadan. — Seria imaginação, ou a minha voz parecia-me pouco segura? Na verdade, não fora eu a causadora; eu não lançara nenhum feitiço a nenhuma criança, nem nunca considerara tal hipótese, mesmo que a minha avó mo tivesse exigido; mesmo que me tivesse ameaçado com o maior dos castigos. Coll ainda era pequeno. Nunca o magoaria. Mas era, de qualquer modo, culpada. Se não fosse eu, a minha avó nunca teria reparado no miúdo. Nunca lhe passaria pela cabeça atingi-lo. Por isso, era como se tivesse usado a arte.

— Eu não faço magia desde que vim para Inis Eala — disse eu, o mais firmemente que consegui. — É a verdade. Não seria capaz de magoar Coll. Ele é meu amigo.

— Não seria um grande teste à tua vontade? — perguntou Johnny cuidadosamente. — Uma demonstração de força? Magoar um amigo em vez de um adversário?

Olhei para ele.

— Não há nada de errado com a minha vontade — murmurei, chocada por ele se ter aproximado tanto da verdade. — Eu não preciso de magoar crianças para a demonstrar.

E então senti um arrepio gelado na espinha, porque, claro, acontecera o incêndio, e Maeve. Magoar uma criança era algo que uma feiticeira era capaz de fazer sem a mínima hesitação; e eu era

uma feiticeira. Levei as mãos à cabeça para que eles não me vissem o rosto.

— Olha para nós, Fainne.

O Chefe tem de ser obedecido. Olhei para cima. Era como enfrentar um juiz que já tivesse decidido que eu era culpada, sem ouvir as provas. E isso magoava-me. Eu não queria ser assim julgada por aquela boa gente; pela minha gente.

— Eu não fiz isto — disse eu em voz baixa, levantando-me. — É verdade. Talvez... talvez seja só uma constipação. Talvez Coll melhore dentro de pouco tempo. Eu ajudo a tratar dele, se quiser. Eu...

— Eu não te quero perto do meu filho. — A voz de Liadan era áspera. — Eu vi o que aconteceu em Sevenwaters; não quis acreditar que fosses tu a responsável, mas sei que és capaz de fazer fogo quando te apetece. Sei que Ciarán permitiu que a sua mãe te... te influenciasse. Não admira que Eamonn fosse um boneco nas tuas mãos. Não admira que o teu rapaz esteja tão desesperado por te tirar daqui. Sabe das maldades que és capaz de fazer.

As suas palavras encheram-me de angústia e gelaram-me. Pouco tempo antes ouvira-a falar com afeição, como uma mãe. Mas a minha avó transformara essa afeição numa inimizade amarga.

— Não fui eu — disse eu de novo, sentindo a cabeça tonta e os olhos cheios de lágrimas que não podiam ser derramadas. — É verdade! Juro!

— Vai para o teu quarto até decidirmos o que fazer. — O Chefe falou calmamente, mas eu vi o olhar que ele lançou na direção do filho. — Se calhar, é melhor permitirmos que Darragh te leve para casa. Não podes continuar conosco depois disto.

— Mas, não tem provas! Não é justo! Não me pode mandar embora, não pode! Johnny? Com certeza não acreditas que eu faria tal coisa?

Johnny olhou para mim com um estranho sorriso, mas não disse nada. Que a deusa me valesse, estava tudo à ruir à minha volta, tudo. Um falhanço total; estaria a ira da minha avó por trás daquilo tudo?

— Por favor — disse eu a custo. — Por favor. Juro que não fui eu. Desta vez não fui eu.

Seguiu-se um momento de silêncio terrível. Então, Liadan disse.

— Que queres dizer, desta vez?

Emiti uma espécie de som, algo entre um soluço e um grito e de repente estava a fugir pela porta afora para a noite, para o escuro, correndo, correndo o mais depressa que o meu pé defeituoso me permitia, para longe da criança febril e dos olhos acusadores da minha família, para longe daquela boa gente com um objetivo brilhante, firme, na sua frente, para longe do meu amigo apanhado no meio de uma coisa de que não podia fazer parte, para longe através do pasto dos carneiros, para lá do muro, para lá. Corri até a cabeça me latejar, o coração batendo como um tambor e o respirar se transformar numa agonia. A Lua iluminava-me o caminho; as minhas botas batiam em pequenas pedras, escorregavam em grandes rochas molhadas e afundavam-se em areia mole. Subi pequenas elevações, desci, aos trambolhões, até pequenos vales, fui de encontro a arbustos e quase caí de uma falésia para o mar lá muito em baixo. Um acidente; e enquanto oscilava, pensei que seria uma saída. Mas recuperei o equilíbrio. Seria uma fraca solução e, assustada, ferida e confusa como estava, não me decidiria por ela. Havia uma coisa boa que podia fazer e apesar do que quer que fosse que se metesse à minha frente, fa-lo-ia. Faria com que o meu pai se orgulhasse de mim apesar de tudo. Continuei a correr. À luz da lua primaveril, a paisagem encheu-se de uma luz prateada, fazendo brilhar as rochas, tornando a areia cor de pérola e fazendo reluzir os arbustos, como se estivesse a passar por um reino desconhecido dos mortais. E havia sons estranhos: sobre o rugido do oceano ouviam-se gritos quase inaudíveis, tristes, como se fossem de uma grande criatura

das profundezas, chorando algo perdido, algum tesouro nunca recuperado. Havia uma angústia naqueles gritos, uma tristeza que estava para além de qualquer conforto.

Corri o mais depressa que pude até ao promontório a norte da ilha. Nunca olhei para trás em busca de pessoas com lanternas, ou archotes. Quem se importaria se eu caísse de uma falésia e partisse o pescoço? Por que se importariam se eu caísse ao mar e as águas negras como tinta me engolissem? Ficariam contentes por se terem visto livres de mim. Darragh estava enganado acerca da família e Liadan estava enganada acerca do amor. Ambas as coisas traziam, apenas, complicações desnecessárias. Era melhor não ter nem uma, nem outra.

Cheguei ao rochedo e havia uma entrada, um pequeno túnel com solo arenoso, que ia dar, talvez, até um abrigo e senti-me em casa. Ainda ofegante, com os cabelos sobre os olhos e as mãos estendidas para apalpar o caminho, entrei. Pensei em entrar apenas o suficiente para me abrigar do vento, enrolando-me, depois, sobre mim mesma, fechando os olhos com força e fingir, até de manhã, que não havia mais ninguém no mundo. Nem Coll, nem Liadan, nem Johnny, nem Darragh. E, especialmente, nem a minha avó. Estender-me-ia na areia e afasta-los-ia até o Sol nascer. Então, levantar-me-ia, regressaria e voltaria a ser forte.

Avancei na escuridão, os dedos tocando nas paredes de rocha de cada lado e movendo os pés com cuidado. Não fiz qualquer som. Algures, lá dentro, o túnel pareceu abrir-se; não conseguia ver quase nada, mas havia um movimento de ar, uma espécie de espaço e um barulho de água que não era o mar. Vislumbrei uma coisa branca à minha frente, no meio das sombras, como um pedaço de tecido, ou um rolo de penas. Estendi a mão e em vez de rocha dura, ou espaço vazio, os meus dedos tocaram em algo suave, quente e inegavelmente vivo. Dei um grito de medo, recuei, tropecei no vestido e caí dolorosamente no chão. Ouvi, em resposta, uma exclamação de alarme na escuridão e o som suave de passos afastando-se. Fiquei ali sentada, tentando recuperar o fôlego. Para dentro, para fora, Disciplina. Vi uma luz e depois o brilho da chama

de uma lanterna a aproximar-se. Levantei-me devagarinho, olhando para o homem que a transportava e pestanejando, incrédula. Ele olhou para mim. Sem dúvida, a expressão de choque nas suas feições pálidas era igual à minha. Mas não foi o susto provocado pelo encontro que me fez bater o coração. Não foi a semelhança daquele homem com o meu tio Sean e com Liadan, com o seu longo e pálido rosto, os cabelos escuros e as feições esbeltas, retas e inteligentes. Nem foi o seu traje e capa esfarrapados e os pés descalços que me chocaram. Foi a asa que ele tinha no lugar do braço esquerdo; uma coisa grande, brilhante; uma coisa cintilante, dourada, cor-de-rosa e bege à luz da lanterna. A minha avó dissera: Terás de ter cuidado com o tipo da asa de cisne.

— Tu fugiste — observou o homem ali a olhar para mim.

— Quem é você? — consegui dizer ainda sem respiração. A sua voz era muito estranha; sem sotaque, mas com a hesitação de quem fala uma língua que não é a sua.

— Parece que a minha história ainda não chegou a Kerry — observou ele secamente. — Vem. Tu correste durante muito tempo. Vais querer descansar e talvez beber alguma coisa. Eu não tenho uma fogueira, mas posso arranjar-te água fresca e um lugar para te sentares confortavelmente. Espero que não te tenhas magoado.

— Não é o fato de me ter magoado que constitui problema — disse eu azedamente, seguindo-o enquanto ele caminhava à minha frente pela gruta dentro. Na realidade, parecia não haver alternativa, senão segui-lo.

Chegamos a um local onde havia reentrâncias na rocha e uma pequena poça de água, que cintilava à nossa frente. Acima dela, a câmara abria-se para o céu; na água escura, as estrelas brilhavam, remotas e misteriosas. O homem pousou a lanterna e foi buscar uma pequena caneca de metal escuro. Inclinou-se, encheu-a na poça e eu ouvi-o murmurar umas palavras, umas palavras familiares. Passou-me a caneca com a mão direita. Eu estava a tentar não olhar para as penas, apenas meio-escondida pela velha capa esfarrapada.

— Obrigada — disse eu e bebi, sentindo a frescura e a pureza da sua oferta entrarem no meu corpo. O ritmo da minha respiração abrandou; acalmei-me. — Honra a terra quando tira dela — observei.

— Eu não sou um druida, pequena. A minha mãe ensinou-nos a respeitar aquilo que nos dá a vida. É uma lição que nunca mais se esquece.

— Ensinou-nos? — Procurei na minha memória. Conhecia a história, claro; mas, talvez por ter acontecido na família, eu não tenha acreditado. Mas devia ter acreditado.

Aquela criatura, meio homem, meio cisne, era obra da minha avó.

— Quer dizer você, Conor e os seus irmãos?

Ele inclinou a cabeça.

— E a minha irmã. Por que vieste aqui?

— Por acaso. Não sabia que havia aqui alguém. Nunca ninguém me disse nada. Eu só queria... eu só queria um lugar para me esconder. Só por um bocado.

— Nesse caso, encontraste um. Eles não vêm à tua procura?

— Eles não querem saber — disse eu miseravelmente, tão enredada na minha angústia que nem pensei na estranheza de estar a falar com um estranho. — Disseram que eu fiz uma coisa má, e eu não fiz, mas eles não acreditam. Ninguém quer saber onde estou.

— No entanto — disse o homem esfarrapado — talvez fosse melhor dar-lhes a saber. Então, podes ficar aqui sem que ninguém te perturbe, até recuperares.

— Dar-lhes a saber? — olhei para ele sem expressão. — Como? — Então, vi os seus olhos; profundos, sem cor, como luz em água parada, uns olhos que eram a imagem dos olhos de Sibeal. Não precisava que me respondesse.

Fiquei sentada nas rochas durante algum tempo, fui bebendo a água e vendo as sombras dançarem e oscilarem em redor da caverna à luz da lanterna. A poça de água estava imóvel; o sussurro fraco que ouvira antes tinha desaparecido. Aquele era um lugar de grande tranqüilidade; de imenso silêncio. Era como a pequena gruta por baixo de Favo de Mel; um lugar de limites. Respirei lentamente; a minha cabeça continuava a latejar.

— Este é um lugar onde os segredos são guardados — disse o homem numa voz suave. — Está protegido por forças mais antigas e mais fortes do que o tempo. Estou surpreendido por eles não te terem mandado vir comigo mais cedo, porque vejo que estás profundamente perturbada.

— O que é que me está a oferecer? Conselhos? Uma conversa? Eu tenho um amigo que está pronto para me oferecer ambas as coisas e não compreende que não preciso delas. Eu percorro o meu caminho. Por que razão havia de lhe dizer fosse o que fosse?

Ele esperou antes de responder.

— Eu não ofereço conselhos. Por vezes, vejo coisas, e por vezes falo delas. Tenho visitas, por vezes, que falam comigo. Os filhos de Liadan vêm cá muitas vezes. Ela não vem porque não precisa.

— Porque falam um com o outro através da mente?

— Tu não tens esse dom? Surpreende-me. — Franzi o sobrolho.

— Por que havia de o surpreender? Parece saber quem sou. A Visão não vem dos seus antepassados Fomhóire? A minha mãe não tinha esse dom, e o meu pai também não, as nossas capacidades são limitadas: Foi decretado assim pelos Túatha Dê, há muito tempo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Quem te contou essa história?

Não respondi.

— Os segredos, aqui, ficam bem guardados. Todos os segredos. Ninguém te falou de mim. Por isso, assustamo-nos um ao outro. O meu nome é Finbar.

— O meu é Fainne — disse eu rigidamente. — Como é possível ficarem bem guardados? Ninguém está seguro, Não enquanto...

— Enquanto usares isso em redor do pescoço?

Percebi que, durante a minha louca corrida o amuleto saíra do seu esconderijo e estava agora completamente visível no lado de fora do meu vestido. Levantei a mão num esforço vão para o esconder. O metal estava frio.

— Um feitiço muito poderoso — observou Finbar. — Se resististes à sua influência até agora, és, na realidade, a digna filha do teu pai. Reconheço o cordão.

— Reconhece? — O homem era cheio de surpresas.

— Oh sim. Foi Liadan que o fez e o deu à tua mãe quando ela se foi embora. Quem te deu esse amuleto, certamente não te deu o cordão.

— Não. Era eu que o tinha. E a mim parece-me...

— Ah sim — Finbar acenou com a cabeça. — Um neutraliza o outro o mais possível. Deves agradecer às mulheres fortes da tua família por esse talismã familiar, porque possui um poderoso feitiço de proteção. Não é um feitiço de feitiçaria, antes algo mais simples e puro. Liadan fê-lo com fibras das roupas de todos aqueles que viviam em Sevenwaters. Com isso, tentava, o melhor que podia, manter Niamh segura. A tua mãe era muito amada, sei que tu duvidas.

Olhei para ele, incapaz de encontrar palavras.

— Esse amuleto tem uma influência maligna e poderosa — disse ele solenemente. — Mas aqui, neste lugar, não pode

desempenhar a tarefa para que foi desenhado. Por que não o tiras?

Fiquei gelada de medo.

— Não! — murmurei. — Não! Não posso! Nem sequer podemos estar a falar disso, senão...

— Senão ela ouve-nos? Olha em redor, Fainne. Liadan disse-me que o teu pai te educou no conhecimento druídico; um conhecimento do padrão de todas as existências. Olha em redor com os olhos do espírito. Aqui, todos os segredos ficam guardados.

Nem sequer queria pensar na possibilidade de aquilo ser verdade. Deixara-me aterrorizada ao sugerir que retirasse o amuleto ali, com Darragh tão perto; não sabia que a minha avó viria ter comigo mal eu tirasse o cordão do pescoço? Olhei no escuro para a poça, silenciosa.

— Tens medo de falar. Na verdade, carregas um grande fardo, demasiado grande para ti; no entanto, carrega-o estoicamente, Fainne. Deves essa força aos ensinamentos do teu pai, creio. Não precisas de dizer nada; se quiseres, podes ficar aqui em silêncio até de manhã. Não tens razão para confiar em mim. Compreendo isso. Talvez ajude se te disser que sei o que significa estar só; longe de todos, sem uma alma que compreenda o meu dilema; nem um único amigo para me ajudar. Quando estamos assim isolados precisamos de ser muito fortes para prosseguir. Houve tempos em que quase desisti. Tinha tantas esperanças; tantos sonhos, grandes e maravilhosos, antes de Lady Oonagh aparecer e me transformar para sempre. Queria endireitar o mundo. Queria transformar os tiranos em homens honestos. Queria pôr fim à crueldade e à opressão. Eram esses os sonhos de um rapaz da tua idade, Fainne. Antes dos vinte, o fogo desses sonhos transformou-se em cinzas frias e eu tornei-me no que vês perante ti: uma coisa, nem homem, nem animal, uma criatura entre dois mundos, sem lugar em nenhum deles. Mas continuo aqui. Não escolhi o caminho da faca pequena e afiada, ou a falésia e o vôo para o esquecimento.

— Porquê? Por que não? Ficou aqui por querer vingar-se dela? — As suas palavras chocaram-me e fascinaram-me e eu esqueci-

me de ser cautelosa.

— Vingança? — Ele disse a palavra como se tivesse esquecido o seu significado. — Nunca pensei nisso. Se não tivemos a força para agir contra ela na ocasião, eu próprio, Conor e todos os outros juntos, como havia eu de a ter agora? Aconteceu há muito tempo. Sem dúvida, a feiticeira reforçou os poderes que foram desfeitos pela minha irmã. Não me atrevo a confrontá-la. Não conseguiria enfrentar isso uma segunda vez e perder de novo.

O seu rosto pálido estava calmo, mas havia um medo profundo por trás das suas palavras, que eu reconhecia, porque também o sentira ao olhar para os olhos cor de amora da minha avó.

Acenei com a cabeça.

— Nesse caso, por que razão continuou? — perguntei-lhe. Por que não acabou com tudo, como disse?

— Não tomaria esse caminho enquanto a minha irmã vivesse. Deitar fora a vida que ela reconquistara para nós seria desdenhar o seu sacrifício e o seu amor. Além disso, há o Johnny.

— Johnny? — Fiquei surpreendida. — Que tem ele a ver com isto?

Finbar sorriu. Pareceu-me que aquilo era uma coisa que ele fazia tão pouco, que quase esquecera como se fazia; como falar em voz alta.

— Ele é o Filho da Profecia, não é? Uma pessoa assim não pode crescer à solta. Não precisa, apenas, de desenvolver as forças do corpo. Conor podia ter feito melhor. Liadan arranjou-me um lugar seguro aqui. Eu não posso viver como os outros homens. Eu... eu não sou o mesmo de antigamente. Deves saber, como filha de Ciarán, que a mente de uma criatura selvagem difere da de um homem. Não sei aonde te levaram os ensinamentos do teu pai...?

— Já experimentei o que acaba de dizer — disse eu rigidamente. — Sei o que quer dizer. Há... instintos, que nos

chamam com muita força. Pode ser difícil ignorá-los, ao mesmo tempo que tentamos ser nós próprios.

— Então, já sabes. E podes imaginar o que acontece comigo. Desde esses tempos, desde que a feiticeira nos transformou que eu possuo um pouco das duas naturezas, homem e cisne. Nunca estou livre desses medos: do frio, da fome, dos dentes de um cão. É por isso que vivo aqui e não visito a aldeia. Liadan tem sido uma pessoa avisada e tem-me tratado bem. Pareces duvidosa, pequena. A tua tia há de saber, com o tempo, de que fibra és feita.

— Como é que sabe? — perguntei-lhe. — Teve uma visão?

— Não. Mas acredito. Vejo que não tiras o feitiço de feiticeira que trazes ao pescoço. Diz-me para que serve.

Olhei em volta e baixei a voz. Fechei a mão sobre o amuleto e senti de novo a dureza fria do metal.

— Tem a certeza que é seguro? — murmurei.

— Absoluta, pequena.

— É que... é que ela pode ver-me — disse eu num fio de voz. — De modo que pode vir atrás de mim e certificar-se de que faço o que ela quer. Ela não me vigia o tempo todo. Mas se lhe apetecer ver-me e ouvir-me, consegue, desde que eu use isto. Fica mais quente quando ela está próxima e quando está a olhar. E... — hesitei. — E... eu acho que há também outro tipo de controle. A única vez em que o tirei, tornei-me, de novo, eu própria, como antes. Capaz de ver com clareza; capaz de me recordar que posso ser boa, sábia e fazer bons juízos. Quando o uso, é fácil ver as trevas que há em mim. Sem o cordão, sem o talismã da família, não sei como poderia prosseguir.

— Por que não tiras essa coisa imediatamente, se só faz o mal?

— Porque — disse eu com a voz trêmula — a única vez que o fiz, ela ficou muito zangada, veio ter comigo e castigou-me.

À luz trêmula da vela, pareceu-me ver o rosto pálido de Finbar ficar ainda mais branco. Não havia dúvida de que partilhava o meu medo e o compreendia.

— Castigou-te como?

— Primeiro, magoou-me. Depois, quando viu que não dava resultado, ameaçou... ameaçou os que amo. Ela... ela fez-me fazer coisas muito más. Coisas que nunca mais posso fazer de novo. Só há uma pessoa, além dela e de mim, que sabe de tudo. Eu tenho um mal terrível dentro de mim; nunca pensei que seria capaz de magoar um inocente, mas magoei. Por minha causa morreram três excelentes pessoas. E agora, hoje, o meu primo Coll está doente e não fui eu a causadora, mas Liadan não acredita em mim e vão-me mandar embora.

— Eu posso dizer-lhe...

— Não! Não, não faça isso. Eles não podem saber a verdade. Disse que era seguro...

— Não te atormentes. Eu não revelarei o que tu queres manter em segredo. Por que razão a feiticeira havia de querer magoar o teu primo? O rapaz ainda é uma criança.

— Para me punir — disse eu hesitantemente.

— Punir-te porquê?

— Por... por lhe desobedecer. Por ser lenta. Eu ainda não agi contra ela, diretamente. Mas ela tem razão para duvidar da minha lealdade e mostra o seu poder ameaçando os... aqueles de quem gosto. Assim, comanda as minhas ações. Eu tenho sido muito tola. Aproximei-me de Coll e dos outros. Só serviu para lhe fornecer munições novas. Fui estúpida. Já tinha obrigação de saber.

— Uma lição muito difícil — disse ele solenemente. — Mas, agora, gostaria que pensasses numa teoria. Não tenho a certeza de que funcione, mas tenho fé. Acredito que esse amuleto tem outro propósito, além desse. Não te vou perguntar nada acerca da tarefa que a feiticeira quer que tu leves a cabo; tenho uma idéia do que

deve ser e compreendo as suspeitas de Liadan. Se fosse a ti, tentaria descobrir por que razão Lady Oonagh precisa tanto de te ter sob controlo. E aposto que esse feitiço é para ela, não só uma janela para os teus movimentos, mas também um freio para as tuas capacidades. Não é só o fato de ela poder limitar a tua força: uma força que provém de Ciarán, dela própria e de uma longa linhagem de humanos, de Fair Folk e dos próprios Fomhóire. Ela usa esse feitiço para te enfraquecer, porque sabe que tens a capacidade de a derrotar.

— O quê

— É só uma teoria. Pensa. Tu tiras o amuleto e imediatamente vês o teu caminho com clareza; és tu de novo, a filha de Ciarán, uma das filhas de Sevenwaters, forte e verdadeira. E ela vem logo a correr, antes que lhe escapes para sempre. Ela age assim por está aterrorizada com o que possas fazer. Uma vez, ela disse que eu era um velho inimigo e eu pensei no que isso significaria. Hoje, acho que ela viu nos meus olhos, mesmo quando me estava a transformar, a chama dos meus ideais de juventude: justiça, coragem, integridade. Talvez veja esse velho inimigo renascido em ti. Vê, de certeza, a tua força, porque tu possuis muitas coisas que eu nunca tive: a sabedoria de um druida, a arte de um feiticeiro e o sangue das quatro raças. O comportamento dela revela que sabe isto tudo e que o teme acima de tudo.

Afaguei o amuleto, distraída, e senti os lábios curvarem-se num sorriso hesitante.

— Acredita realmente nisso? Não está a dizê-lo só para me fazer sentir melhor?

A sua risada retiniu na abóbada silenciosa da gruta, espantando-me. Mas ele ficou de novo solene.

— Não, pequena. Isto são coisas grandes, importantes; assuntos desesperados. A mim, parece-me extremamente cruel que sejas tu a carregar esse fardo; mas tens uma grande força interior. Johnny também é forte, à sua maneira. — Ele suspirou. — Liadan teme pelo filho e com razão. Mas não é a ti que ela deve recear;

deve recear, antes, a falta de prontidão dele para a tarefa que tem pela frente.

— Ele parece ser bom homem — disse eu hesitantemente, sem compreender. — Um líder, muito sábio apesar da idade, bravo e equilibrado. Pelo menos, tem a percepção de que tem de fazer mais do que levar apenas o seu exército à vitória. Mas... mas está triste, ao mesmo tempo.

Finbar acenou com a cabeça.

— Sabe o que é que ele tem de fazer? Compreende o que os Fair Folk querem? — perguntei-lhe. — Ouvi dizer... disseram-me... que havia uma referência a uma espécie de sentinela, um guardião. O Vigilante da Needle. Na ocasião pareceu-me estranho. Mas há uma ilha chamada Needle. E... e eles disseram que os velhos costumes morreriam. Que a sabedoria da terra e do oceano, e o percurso do Sol e da Lua se perderiam para sempre, a não ser que a sentinela lá continuasse. É isso, de algum modo, que Johnny tem de fazer?

Finbar olhava espantado para mim.

— Estou a ver — disse ele lentamente — que outros, para além de Lady Oonagh, te têm guiado os passos. Quem te revelou essas coisas? Os Fair Folk?

— Não — disse eu suavemente. — Uns anciãos mais pequenos; criaturas da terra e do mar. Fomhóire. Têm-me protegido desde que ajudei um da espécie deles através da arte. Mas, aqui, não estão.

— Eles estão em toda a parte, acho eu — disse Finbar. — Mas não se mostram assim sem mais nem menos. Isso que disseste é maravilhoso.

— O tio tem a Visão. Diga-me. Liadan diz que viu Johnny e que me viu a mim, no fim. E o tio, o que é que viu? O que é que nos vai acontecer?

Mas o homem com a asa de cisne apenas abanou a cabeça.

— Não te posso dizer — disse ele. — Creio que te cabe a ti determinar o caminho; fazer com que a Visão seja verdadeira.

— Verdadeira e brilhante — disse eu suavemente.

— Devias descansar — disse Finbar. — É tarde e está frio. Tenho aí algures um cobertor. De manhã, o teu amigo há de vir buscar-te.

Eu hesitei.

— É possível que eu não volte aqui. Eles querem mandar-me embora. O Chefe e Liadan. Até Johnny acredita que eu lancei um feitiço sobre o irmão, para o adoecer. Se... se não puder voltar a falar consigo, gostaria de não perder o meu tempo a dormir. Pergunto a mim própria se...?

— Pergunta, pequena. Se te puder ajudar...

— Preciso de recobrar a minha força. Para fazer o que tenho de fazer, preciso de... de empregar um ramo da arte que é um tanto perigoso para quem o executa. Só o fiz uma vez e tive ajuda. Compreende o que quero dizer?

Finbar acenou com a cabeça.

— Acho pouco provável Johnny vir a ser persuadido a incluir-te nas suas forças especiais. Para lá estar, precisas de te transformar. E voltar à forma primitiva, acho. A visão de Liadan era acerca de uma rapariga, não de um peixe, ou um gafanhoto.

— A minha prima Sibeal disse-me para ter cuidado com gatos. Haverá necessidade de atravessar mar e terra para estar perto dos homens, mas, ao mesmo tempo, ser capaz de retirar rapidamente. Creio que, desta vez, terei de me transformar numa ave.

— Muito perigoso. E cansativo. Assisti a uma coisa parecida em Sevenwaters. Os jovens druidas têm de experimentar metamorfoses como parte da disciplina. Mas são mais mentais do que físicas e são sempre vigiadas. Isto é diferente. Ciarán tinha um talento especial para coisas assim.

— Eu sei. Foi ele que me ensinou. E disse-me para não o usar. Mas não tenho escolha. No entanto, há uma dificuldade. Como é que recobro as forças e a arte com a rapidez necessária para agir depois de voltar à minha forma? Na última vez fiquei tão fraca como um bebê durante três dias, sem um fragmento de magia. Se isso acontecer de novo, não posso fazer o que deve ser feito.

— Imagino que o que Ciarán te ensinou vai consideravelmente além das minhas capacidades. No entanto, há técnicas que te ajudarão. Essas podes aprender. Mas não numa noite, Fainne.

— Nesse caso, posso regressar aqui para te visitar?

— Serás mais do que bem-vinda, pequena. Mas o tempo urge.

Pensei na boca cerrada do Chefe e nos olhos vermelhos de Liadan.

— Talvez só tenha esta noite — disse eu — se eles me mandarem embora.

— Não é isso que eu quero dizer. Porém, podemos começar. Qual é que achas que é o "caroço" do teu treino? A essência?

— O conhecimento.

— Então, como só temos uma noite, vamos utilizá-lo para nos concentrarmos. Eu não sou druida; não tenho essas coisas na memória. Mas sei ouvir e posso ajudar-te, libertando-te a mente do que a confunde. De manhã estarás mais forte. Depois, veremos.

Sentamo-nos de pernas cruzadas junto da poça subterrânea e ele apagou a lanterna.

Quando os nossos olhos se acostumaram à profunda escuridão da noite primaveril, as minúsculas estrelas refletidas na poça pareceram mais brilhantes e mais próximas, duplicados preciosos das suas irmãs celestes. Os olhos do corpo fixaram-se naqueles pontos de luz. Os olhos da mente moveram-se para cima e para baixo, pairando no reino abobadado por cima de nós. Com a voz transformada num sussurro na profunda quietude da gruta, comecei a litania das perguntas e respostas.

Quem foram os primeiros na terra de Erín?

Os Anciãos. Os Fomhóire. Um povo das profundezas do oceano, dos poços e dos lagos. Gente do mar e dos mais escuros recônditos da terra. E quem veio depois?

Os FirBolg. Os homens-saco.

E depois deles?

Depois deles vieram os Túatha DéDanann, de Oeste...

Não se pode recitar todo o conhecimento numa noite. São precisos dezenove anos, na floresta, para que um homem, ou uma mulher, se tornem druidas; e muitas estações para memorizar a antiga sabedoria. Eu mal lhe toquei, mas continuei firmemente até pouco antes da madrugada, quando o céu começou a clarear e o primeiro e hesitante gorjeio flutuar no ar calmo, quando as aves começam a chamar o Sol. Finbar estava sentado, muito quieto a ouvir e eu sentia uma profunda calma, que parecia fluir da sua mente para a minha, como se, durante algum tempo, fôssemos apenas um. Ao mesmo tempo que os meus lábios repetiam as palavras rituais, os meus pensamentos eram visitados por imagens do passado, coisas boas que eu tinha quase esquecido. Lá estava o meu pai, o rosto pálido, de capa negra, os cabelos da cor de uma fogueira do solstício, mostrando a uma rapariguita como apontar o dedo e fazer com que umas pedrinhas subissem uma encosta. Nômades em viagem, de lenços coloridos, rindo, e uma criança escondida nos arbustos, observando e esperando. Maeve, sorrindo tristemente enquanto eu acomodo Riona a seu lado e me sento para lhe contar uma história. O som de uma gaita-de-foles. Algures, um pônei branco e um xale com as cores do arco-íris. E... muito débil, a pequena imagem de uma mulher, uma jovem frágil com grandes olhos azuis e cabelos cor de mel até à cintura. Sentada na areia, uma criança desenhando letras com o dedo e olhando, depois, para cima e a mulher a dizer: *Muito bem, Fainne*, sorrindo para a criança. Aquelas imagens iam e vinham enquanto eu continuava a litania. Senti o seu calor no coração e durante algum tempo não senti medo.

Lá fora o dia nascia. Calei-me. Finbar levantou-se, encheu a caneca e colocou-ma na mão. Reparei, de novo, como a água era fria; dava à cabeça uma estranha claridade.

— Não bebe? — perguntei-lhe. Ele abanou a cabeça.

— Parece que já não preciso dessas coisas. Comida, bebida, uma cama macia para passar a noite. Suponho que é estranho. Mas estou acostumado.

Bocejei.

— Que está a dizer? Que transcendeu a necessidade de um apoio físico e que vive apenas espiritualmente?

— Nada de tão impressionante, receio bem. Não sei dizer o que é; apenas que não consigo viver como um ou como o outro, como homem e como ave. No entanto, vivo. O castigo dela foi, no meu caso, muito efetivo, foi para a vida toda.

— Diga-me uma coisa. — Ele esperou polidamente.

— O tio estava tão assustado como eu quando deu de caras comigo. Eu ouvi-o. Mas decidiu confiar em mim, imediatamente. Não compreendo.

— Uma parte de mim vive assediada por medos, Fainne. Tenho medo dos sons das criaturas selvagens; tenho medo do gelo do lago; tenho medo do toque humano. A tua mão, na escuridão, teria sido o suficiente. Mas o teu rosto...

— O meu rosto? Sou assim tão monstruosa?

— Olhei para os teus olhos e vi os olhos de uma feiticeira — disse ele com uma sombra de voz. — Sem necessidade de qualquer luz, vi-os antes de eu próprio os ver. Isso fez-me recordar um momento de terror que nunca me chegou a deixar: o momento da mudança irrevogável. A perda da consciência humana; o roubo de vidas jovens e a destruição da inocência da minha irmã.

— L... lamento — disse eu inadequadamente. — Talvez eu me pareça com ela. Lamento se o assustei. Mas...

— Aprendi a olhar com profundidade. Liadan tinha razão para estar preocupada contigo. Eu acho que tu tens o poder de criar e de destruir; e só escolherás o caminho no fim.

As suas palavras chocaram-me e falei sem qualquer precaução.

— Serei suficientemente forte. Tenho de ser. De qualquer modo, dificilmente me poderá julgar. A sua vida parece a de uma criatura que está sempre escondida; sábia, talvez, mas é um triste fim para um jovem que um dia ardeu com o desejo de tornar o mundo melhor. Que aconteceu a esse fogo, que o tio fechou aqui, por baixo da terra?

Espantara-o, não havia dúvida. Provavelmente, nunca ninguém lhe tinha falado daquela maneira. Na verdade, fiquei instantaneamente arrependida. Ele fora tão amável comigo.

Finbar puxou para trás a capa gasta para mostrar a asa branca. Olhou para ela, como se fosse ao mesmo tempo um fardo e, ao mesmo tempo, um amigo.

— Eu não posso entrar no mundo dos homens — disse ele calmamente. — Uma deformidade destas chama não só a atenção, mas é também ridícula, motivo de chacota; um lugar, talvez, numa feira algures, para as pessoas me verem e deixarem que os seus filhos me atirem fruta podre. Seria uma mó no pescoço da minha família; embaraço, apenas. Aqui, posso partilhar as coisas que sei e o que sou longe das pessoas. É melhor assim.

— Disparate! — disse-lhe eu de modo cortante. — Aquilo a que chama deformidade é um sinal de honra. Um sinal da sua força e resistência, selecionando-o para um grande objetivo. Se permitir que os seus sonhos de rapaz morram, se se esquecer do que foi em tempos, a minha avó triunfou, na verdade, sobre o seu velho inimigo. Aqui, esconde-se da vida. No entanto, pede-me que vá em frente e tente ter uma visão. E a sua? Nós somos da mesma família. Certamente, todos nós temos um papel a desempenhar.

Seguiu-se um longo silêncio. Finbar olhou para mim e eu reparei como ele estava magro, um espectro, os ossos do rosto aparecendo por baixo da pele branca. Os seus estranhos olhos pálidos estavam raiados de sombra e o seu cabelo escuro estava baço e desgrenhado, como se nunca se tivesse preocupado em tratar dele.

— Mas eu sou um velho — disse ele, por fim.

— Em anos, talvez. Mas não parece. Na verdade, não parece mais velho do que o meu tio Sean. E pensa degenerar e morrer aqui. Que perda.

Ele não me respondeu. Ofendera-o, sem dúvida. As minhas palavras tinham sido uma fraca recompensa pela sua paciência e compreensão. Estava a formular uma desculpa quando se ouviu uma voz familiar a chamar no exterior.

— Fainne! Fainne, onde estás? — Franzi o sobrolho.

— Por que o mandaram a ele? — perguntei, irritada. — Fizera tudo para o evitar e agora teria de regressar com ele. Eu podia muito bem ir sozinha — resmunguei.

— Vem — disse Finbar calmamente. — Eu levo-te até à entrada. Quem é ele?

— Um amigo — funguei eu enquanto o seguia ao longo do túnel sombrio apenas iluminado pela luz da madrugada. — Seguiu-me até Inis Eala e agora não se quer ir embora. Mas tem de ir. E o tio sabe porquê.

Finbar não fez qualquer comentário, mas após uns momentos disse:

— Suponho que ele está aqui com um objetivo. Em todo o caso, pode ser que já seja demasiado tarde.

— Demasiado tarde?

— Demasiado tarde para o mandar embora.

Emergimos da entrada do túnel para uma manhã pálida e límpida. Longas nuvens esfarrapadas, tingidas de cor-de-rosa, enchiam o céu e os pássaros já tinham acordado, cantando energicamente em coro para o novo dia. E lá estava Darragh à minha espera, vestido de cinzento, o mesmo cinzento dos homens de Johnny. Pelo menos, pensei sinistramente, não tinha o rosto tatuado. Os seus olhos honestos e o seu sorriso doce continuavam os mesmos.

— Fainne! Estás bem, então. — O alívio no seu tom era indisfarçável.

— É claro que estou bem. Não era preciso teres vindo.

— Obrigado por teres vindo, meu rapaz. — Finbar falou de um modo um pouco estranho, como se não estivesse habituado a estranhos. — Eu sou tio de Fainne e asseguro-te que a tua amiga esteve em boas mãos. Agora, é melhor irem para casa e dizerem ao pequenito que penso nele e que vou visitá-lo assim que estiver melhor.

Então, Darragh deu um passo em frente, estendeu a mão num gesto de cumprimento e Finbar, nitidamente espantado, apertou-lha.

— Obrigado, meu senhor — disse Darragh, sorrindo. Nem uma única vez olhou para a asa de cisne; era como se não fosse diferente de outra parte qualquer do corpo do homem. — Obrigado por ter tomado conta dela. Ela nunca soube olhar por si própria como deve ser.

Nas feições austeras de Finbar apareceu um pequeníssimo sorriso.

— E tu tencionas fazer isso por ela — observou ele secamente. Darragh retirou a mão.

— Pode parecer ridículo um nômade misturado com guerreiros, senhores e visionários. Mas eu faço o que devo fazer. Se a estrada me trouxe aqui, é aqui que devo estar.

Finbar acenou com a cabeça. Mas já não sorria.

— Desde que compreendas a escolha que fizeste. Uma escolha muito difícil; com muitos perigos e poucas recompensas.

— Não é isso que me vai impedir — disse Darragh. Finbar virou-se para mim.

— Adeus, Fainne.

— Adeus e... obrigada.

— Se calhar, eu é que te devo agradecer. Foi uma visita muito esclarecedora. Não estava nada à espera.

Dito aquilo, Finbar voltou a entrar no túnel e desapareceu.

— É melhor irmos andando — disse Darragh, subitamente inquieto. — Tens a tua capa? Está frio e ventoso.

— Deixa-te de espalhafato, está bem? — disse eu, enquanto a tranqüilidade e a certeza do conhecimento começavam a desvanecer-se, substituídos pelos medos e pressentimentos familiares. Uma grande caminhada ao ar livre e eu com o amuleto.

Os meus dedos moveram-se para o tocar; não parecia estar quente. No entanto, era preciso despacharmo-nos.

— Faço uma corrida contigo até àqueles arbustos — disse Darragh inesperadamente. — É uma boa maneira de aquecermos. Pronta? Um, dois, três!

Os velhos hábitos levam tempo a morrer. Corri pelo estreito carreiro pedregoso, coxeando e sabendo que nunca lhe poderia ganhar. Corri o mais depressa que pude, coisa nada fácil depois de uma noite sem dormir. E ainda não comera nada. Podia ouvir os seus passos suaves atrás de mim, mesmo nas minhas costas.

Chegamos às rochas juntos. Juntos, os nossos dedos estenderam-se para tocar ao mesmo tempo na superfície rochosa. Era assim que terminavam todas as nossas corridas de infância; com ele sempre impassível, nada afetado. Darragh esperou que eu recobrasse o fôlego. O vento afastava-lhe os cabelos escuros do

rosto; a luz dourada da madrugada espalhava um brilho quente pela pele suave das suas faces e da sua fronte.

— Estava preocupado — disse ele. — Fugiste.

— Que havia de fazer? Ficar ali enquanto me acusavam de uma coisa que não fiz? Eles disseram que fui eu que fiz aquilo a Coll. Não é verdade. E agora o Chefe quer mandar-me embora.

— Já recuperaste o fôlego? Ótimo. É melhor irmos andando.

— Darragh? — murmurei.

— Sim?

— Coll. Ele...?

A sua expressão era grave.

— Eles não dizem grande coisa. Ele ainda está vivo, isso eu sei. Saberemos mais quando lá chegarmos.

Fiquei silenciosa, cheia de pensamentos sombrios.

— Eu disse-lhes — disse Darragh. — Eu disse-lhes que não foste tu.

— Tu o quê?

— Eles ficaram preocupados quando tu fugiste. Johnny perguntou-me se sabia para onde tu tinhas ido. Eu exigi uma explicação; e ele deu-me uma. Depois, fui ter com o Chefe e com a tua tia e disse-lhes que tu nunca poderias ter feito uma coisa daquelas.

Arrisquei um olhar de relance para ele.

— Por que é que disseste isso? Sabes melhor do que ninguém do que eu sou capaz. És o único a saber. Morreram pessoas. Por que me defendeste? Não sabias.

— Sabia — disse Darragh muito calmamente, dando-me a mão para me ajudar a passar por cima de um muro de pedra. — Não foste tu, pois não?

— É claro que não!

— Nesse caso...

— De qualquer modo, por que razão lhes foste dizer? Não é o que queres? Que eles me mandem embora?

Seguiu-se um pequeno silêncio.

— Pára com isso, Caracóis — disse ele asperamente. — Pára de lutar comigo. Pensas que não me dói, mas dói e eu não sei se consigo agüentar isto por muito mais tempo. Eu sei que não me queres aqui. Sei que estás zangada comigo por ter vindo. Mas continuamos a ser amigos, não? Não devias precisar de me perguntar essas coisas. Seja o que for que eu queira, não vou permitir que eles te castiguem por uma coisa que não fizeste. Qualquer pessoa vê que tu gostas do miúdo. Eu limitei-me a dizer a verdade, mais nada, e não o lamento. É sempre melhor dizer a verdade, mesmo se, com isso, não conseguimos o que queremos.

Eu não disse nada. A sua bondade enchia-me de vergonha. Subimos as pequenas colinas, atravessamos os pequenos vales, passamos pelos pastos escassos e pelas cabras descendo ao longo de carreiros íngremes sobre o mar. Tínhamos de nos apressar, mas, no entanto, de certo modo, eu queria ir devagar, porque as recordações enchiam-me a mente, recordações de Kerry, quando o mundo era um lugar simples e dois amigos podiam passar o dia inteiro ao ar livre sem qualquer temor ou estranheza mútuos. Apareceram, à distância, as primeiras casas da aldeia.

Caminhávamos em silêncio há já algum tempo. Então, ambos abrandamos o passo.

— Fainne? — Darragh parecia muito sério.

— O que é?

— Tu sabes que, em breve, me vou embora. No fim de contas, é para isso que aqui estou. Para ser um guerreiro. Vai haver uma missão e uma batalha. Quero que me dês a tua palavra em como vais ter cuidado contigo enquanto estou fora. Olha por ti e pensa

antes de fazer as coisas e... e tem cuidado. Quero que esperes aqui na ilha por mim.

Olhei para ele sem compreender.

— Esperar por ti? Creio que não posso prometer isso. Esperar porquê? — As suas faces coraram.

— Esperava que... que quanto tudo acabasse, a batalha e tudo o mais, me deixasses levar-te para casa. Para Kerry. Gostaria de fazer isso. Para junto do teu pai, de novo.

— Eu sei que não posso ter tudo o que quero; foi o que ele disse, o visionário, não foi? Mas eu gostava muito que tu ficasses livre de perigo, em casa, onde pertences. Vais comigo depois do Verão?

Ele fizera-me aquela oferta uma vez, eu dissera que não e sentira o coração chorar com saudades de casa. Mas, agora, senti apenas uma frieza desesperada.

— Não te posso prometer nada. Não sei o que vai acontecer; mas acho que nunca mais regressarei à enseada, Darragh. Cometeste um erro ao vir aqui. Acho que vais ficar desapontado.

— Ah, isso é que não. Eu estou aqui, tu estás aqui. É melhor do que nada. E estás aqui a falar comigo. Já é qualquer coisa. Se me esforçar, talvez por ocasião de Lugnasad consiga um sorriso. Seria ótimo.

— D... desculpa. Não tenho grandes razões para sorrir.

— Há sempre uma razão qualquer para sorrir, Caracóis. Coisas tolas; coisas boas. O som de um assobio à tardinha; a luz no cabelo de uma rapariga. Uma piada entre amigos. Tu é que te esqueceste, mais nada. Ah, o que é que se passa agora? Perturbei-te. Não foi minha intenção.

Era estranho como as suas palavras pareciam ter entrado numa pequena parte de mim e despertado sentimentos que eu queria deixar adormecidos, de maneira a poder continuar com o que tinha de fazer. A dor era tanta que levei as mãos ao rosto, com

medo das lágrimas. Elas estavam lá, logo abaixo da superfície. Mas a filha de um feiticeiro não chora.

— O que é, Caracóis? O que é que se passa? — Gentilmente, os seus dedos agarraram-me nas mãos e afastaram-nas do rosto. — Diz-me, querida. Diz-me o que se passa.

— N... não posso — murmurei, incapaz de não lhe olhar para os olhos, cheios de preocupação e algo mais que eu não queria interpretar. — Não te posso dizer.

— Podes sim. Nós somos amigos, não somos? — Uma das mãos aproximou-se para me afastar os cabelos das têmporas e ficou ali, afagando docemente.

— Eu... eu não quero que sofras. — Aquele pequeno murmúrio escapou-me apesar de todos os meus esforços. — Se te acontecer alguma coisa a culpa é minha e eu não sei se conseguirei suportar isso. — Fechei os lábios com força para impedir que mais palavras tolas se escapassem. O seu toque era de uma doçura tão grande que me senti derreter e tive medo de fazer uma coisa ainda mais estúpida, que era pôr-lhe os braços à volta do pescoço e abraçá-lo com muita força para o manter sempre junto de mim. Que se passava comigo? Dera em fraca à última da hora? Pestanejei e recuei.

— É melhor irmos — disse eu com um esforço terrível. A minha voz tremia como um vidoeiro no Outono. — Não devia ter dito o que disse. Por favor, esquece.

Recomecei a andar, a capa bem enrolada em redor do corpo. E Darragh caminhou a meu lado, calado, mantendo o mesmo passo.

— Talvez tu não possas prometer — disse ele uns momentos depois — mas eu posso. Prometo que nunca te deixarei sozinha. A não ser que não queiras. É só desta vez, é só esta campanha, porque dei a minha palavra a Johnny. Depois, será tudo diferente. Juro, Fainne. Não precisas de ter medo por mim. Estarei sempre presente quando precisares de mim. Sempre.

Quando ele disse aquela palavra, uma nuvem tapou o sol matinal. Seria um acidente?

Uma grande ave escura passou por cima de nós, gritando asperamente enquanto caminhávamos na direção da aldeia no mais completo silêncio. Seria um acaso?

Ainda era muito cedo; no entanto, já havia pessoas na rua. O fumo subia pelas chaminés e havia no ar um cheiro a peixe frito e panquecas. Os homens carregavam coisas na direção da enseada, decidida e silenciosamente. Johnny estava sentado numas pedras junto da muralha exterior, afiando uma faca e tendo a seu lado, empoleirado, um grande corvo. O animal virou a cabeça para o lado e fixou os seus pequenos e intensos olhos em mim.

— Fiacha! — exclamei. O meu coração bateu com força. — O meu pai está cá? — perguntei, dividida entre o medo e uma esperança impossível.

— Só o pássaro — disse Johnny metendo a faca na bainha. — A mãe disse que era provável que ele te fosse familiar, como foi para mim, um dia. Há muito tempo, tanto que já nem me lembro; ainda era bebê. O animal está aqui por alguma razão; segue-me por toda a parte. Talvez tenha uma mensagem para ti.

— Não me parece. Nunca consegui comunicar com esse corvo, mas também não estou muito interessada. Fiacha tem um bico muito aguçado. Falo por experiência própria.

Os meus dedos moveram-se instintivamente para tocarem no ombro, por baixo do vestido, onde o pássaro me picara há muito tempo. Tinha-me doído e, desde então, nunca mais gostara dele.

— E Coll, como é que ele está? — perguntei, fazendo um esforço.

— Melhor — disse Johnny com indiferença. — Está a comer papas de aveia e a resmungar por a mãe dizer que tem de ficar de cama.

Apeteceu-me dizer uma quantidade de coisas quando a imensa maré de alívio me percorreu, mas contive-me. De que valeria? Darragh estava menos circunspeto.

— Nesse caso, acho que deves a Fainne uma desculpa. — Ele olhou a direito para Johnny, de boca cerrada e olhos semicerrados; nunca vira aquela expressão no seu rosto.

— Tudo bem, Darragh — disse eu pousando-lhe uma mão no braço. — Foi um erro razoável, atendendo às circunstâncias.

— Não está nada tudo bem. — A sua voz era firme. — Tu ficaste perturbada e assustada. Está longe de estar bem. A tua tia devia pedir-te desculpa, se Johnny não o fizer.

— Infelizmente — disse Johnny suavemente — isto não prova nada. Fainne é tão capaz de desfazer este tipo de feitiços como de os fazer. Sei-o por experiência própria, amigo. E agora, já que estamos aqui, diz-me porque foste buscá-la sozinho em vez de levar Godric contigo? Não compreendes as ordens que te dão?

Darragh corou. Não gostei nada de o ver zangado. Ele nunca se zangava.

— Johnny — disse eu, metendo-me entre os dois. — Eu não dormi e não como nada desde o pequeno-almoço de ontem. Não quero saber do que pensas; sei qual é a verdade, Darragh também sabe e isso é suficiente para nós. Eu quero ir ver Coll e depois quero descansar. E Darragh tem trabalho para fazer, sem dúvida. Podemos parar com isto, por favor?

Johnny sorriu e olhou de relance para Darragh.

— Ela sempre foi assim? — perguntou ele.

Mas Darragh tinha o sobrolho franzido e não respondeu. Em vez disso, virou-se para mim com muita calma:

— Ficas bem?

Eu acenei com a cabeça, não confiando suficientemente em mim para responder.

Então, ele afastou-se sem uma palavra e um momento depois Johnny seguiu-o. O pássaro abriu as suas grandes asas brilhantes e voou atarás dele, em círculos, umas vezes à frente, outras vezes atrás. E eu esperei que a sua ligação com o meu pai fizesse dele mais um amigo do que um inimigo.

Coll estava mesmo melhor. Estava sentado na cama ainda um pouco corado, enquanto Liadan lhe ajustava as almofadas.

— Fainne! — exclamou ele quando eu entrei. Gull estava presente, empacotando coisas que estavam nas prateleiras, tintura e emplastros, pomadas e ungüentos. Sorriu para mim, os dentes brancos brilhando na pele escura como a noite. As suas mãos defeituosas moviam-se agilmente quando pegava num frasco minúsculo ou numa tigela delicada. — Onde tens estado? — continuou Coll. Os seus olhos estavam extremamente brilhantes; mas a mudança era notável.

— Na ponta norte — disse eu avançando até à cabeceira da cama. Coll deitou-se; a mãe aconchegou-lhe o cobertor, tapando-lhe o peito. Eu olhei para ela e ela devolveu-me o olhar calmamente. Não havia maneira de saber o que pensava, mas não vi uma desculpa nos seus olhos.

— Posso sentar-me um bocadinho? — perguntei-lhe.

Liadan acenou com a cabeça.

— Está bem, Fainne. Mas só um bocadinho.

Liadan levantou-se e foi ajudar Gull. Começaram uma conversa qualquer acerca de ferimentos de facas e se a verbena, ou a tintura eram melhores contra os maus humores.

— Foste mesmo até à ponta norte? — perguntou Coll. — Sozinha? De noite?

— Sim.

— Não tiveste medo.

— Por que havia de ter medo?

— Podias ter caído de uma falésia, ou partido uma perna. E o tio Finbar?

— Não fales tanto — disse-lhe eu firmemente. — Estiveste muito doente. Tens de descansar e ficar melhor para recomeçarmos as nossas lições, antes que te esqueças do que te ensinei.

Coll suspirou.

— Lições! Talvez seja melhor ficar na cama. Fainne?

— Hum?

— Eles disseram que talvez te fosses embora. Vais-te embora? — Olhei para Liadan.

— Não sei, Coll — disse eu.

— Talvez ainda não. — O tom da minha tia era solene. — Se continuares a fazer progressos com as tuas letras, pode ser que a deixemos ficar mais um pouco. Além disso, vou precisar da ajuda dela.

— Ótimo — disse Coll de modo sonolento. — Estou contente por não te ires embora. Isso aqui vai ficar tão calmo como uma tumba depois de toda a gente se ir embora. Até Cormack vai. — O garoto fechou os olhos.

Tardiamente, apercebi-me de uma coisa terrível. Os homens transportando fardos para a enseada. Gull empacotando medicamentos. Finbar dizendo que não havia tempo.

— Tia Liadan? — perguntei com a voz a tremer.

— O que é, Fainne?

— A... a campanha. Não era suposto ser só no Verão? — Seguiu-se uma espécie de silêncio delicado. Então, Gull falou.

— O Chefe joga com informações falsas — disse ele apertando a tampa de uma pequeno frasco de barro e metendo-o no fundo do saco. — Oficialmente é no Verão. Mas estamos para partir a qualquer hora e parece que vai ser agora.

— A... agora? Quer dizer... agora mesmo? Hoje? — O meu coração falhou um batimento.

Aquilo queria dizer que teria de fazer a transformação sem preparação, sem qualquer ajuda. Queria dizer que antes da madrugada veria Darragh entrar num daqueles barcos e navegar para a batalha.

— Amanhã — disse Liadan. — Hoje vamos fazer uma festa para nos despedirmos. Bran não irá enquanto Coll estiver em perigo. Mas...

— É tão cedo — disse eu, tremendo. — Tão cedo. Nunca pensei que fosse já.

Liadan surpreendeu-me. Sentou-se na cama a meu lado e passou-me um braço pelos ombros.

— Não é fácil dizer-lhes adeus — disse ela. — É como morrer um pouco; pedimos aos deuses por eles. Os homens não sabem o que é esperar. As mulheres suportam-no porque têm de o fazer. É o preço do amor. Suponho que, para ti, é a primeira despedida.

— Entre mim e ele não há nada disso — disse eu ferozmente, porque a sua amabilidade ainda era pior do que a sua desaprovação. — Ele não devia ir, mais nada. Ele não sabe o que está a fazer. Pelo menos, estes homens, Johnny e Snake, e o Chefe, pelo menos são guerreiros. É a profissão deles. Darragh é... é um inocente.

— Ah sim. — A mão de Liadan subiu e tocou-me no cabelo, afastando-o um pouco do meu rosto. Eu devia estar um susto, com olheiras e os caracóis todos emaranhados por causa do vento. — Por vezes, os inocentes passam por um campo de batalha incólumes, Fainne. É essa mesma qualidade que os protege. Esperemos que regressem todos sãos, salvos e vitoriosos. Mas, agora, acho que Coll precisa de descansar. E tu deves estar exausta e cheia de fome. Biddy e Annie levantaram-se cedo e devem ter feito um ótimo pequeno-almoço. Por que é que não vais comer,

gozar um pouco de companhia e depois dormir um pouco? Não podes mudar o que vai acontecer.

Gull tinha acabado de empacotar tudo e estava a atar o saco.

— Foi alguma vez com eles? — perguntei à minha tia. — Eles devem precisar desesperadamente de curandeiros nestas ocasiões.

— Um campo de batalha não é lugar para uma mulher. Mas, se me deixassem, ia, acredita; é como ter uma faca espetada no coração saber que estão longe, em perigo. Mas Bran nunca o permitiria. É demasiado perigoso. Gull vai com eles; é ele que vai tratar dos ferimentos deles. Entretanto, eu trato das coisas por aqui.

— Liadan?

Ela olhou para mim, mas eu não encontrei palavras para o que queria dizer. Ela sorriu levemente numa espécie de reconhecimento.

— Finbar disse-me que não temos outra hipótese se não confiar em ti — disse ela. — Se ele confia, suponho que também eu posso confiar. Tem mais razões para ter medo do que eu. E agora, vai. E não faças má cara. Temos de nos despedir destes homens com sorrisos e confiança e não com lágrimas. Essas ficam para depois, quando ficarmos sozinhas.

Comi, mas não muito. Sentia uma dor no estômago. Dormi e fui visitada por sonhos tão maus que nem os posso contar aqui. Acordei, lavei o rosto e mudei de roupa.

Penteei os cabelos de modo a caírem-me pelas costas abaixo. Em seguida saí e sentei-me no alto da falésia por cima da baía e pensei nas aves. O tempo estava calmo. Os barcos estavam fundeados, prontos para partir. Havia três grandes e muitos mais pequenos, alguns carregados de sacos e fardos e outros vazios. Suponho que levariam armas. Suprimentos. Deveriam acampar algures, no caminho. Não fazia a mínima idéia onde seria e eles não me tinham deixado olhar para os mapas.

Teria de voar e teria de ir logo a seguir a eles, porque, se não os encontrasse, atravessaria aquela extensão toda de água até as

minhas asas se cansarem e eu cair nas presas de uma criatura marinha qualquer. Isso se não morresse antes de frio. Pensei nos homens nadando de noite e estremeci. Certamente que no Verão seria melhor. Por que não tinham esperado até Beltane, pelo menos? O ar estava gelado; e o mar devia estar implacável.

Aves. Aves marinhas: gaivotas, andorinhas-do-mar, albatrozes. Boas para longas distâncias através do oceano, abençoadas com resistência e força. Mas talvez não tão boas em terra. Demasiado barulhentas; demasiado selvagens. Talvez fosse necessário aproximar-me; talvez fosse essencial ser discreta. Uma carriça; um pardal. Não. Demasiado vulneráveis, demasiado fracos. Um jantar saboroso para um predador alado qualquer. Sim, talvez um caçador, um açor, ou uma águia. Mas também não me pareceu. Qual era a ave mais pequena, mais simples, com pouco medo do homem e capaz de voar longas distâncias? Havia uns pequenos pássaros cinzentos em Kerry; apareciam, por vezes, quando eu estava sentada à sombra das pedras, pavoneando-se e olhando para mim na esperança de que eu tivesse alguns grãos, ou um pedaço de pão. Umas coisinhas rechonchudas, de cabeças e bicos pequenos. Chamavam-lhes pombos das rochas. As pessoas, por vezes, não enviavam pombos com mensagens? Mas havia a empada de pombo. Mas, se calhar, no sítio para qual nós íamos, as pessoas não gostavam muito de cozinhar. Um pombo era um pássaro pequeno, mas não demasiado pequeno. Tinha uma voz suave e doce e uma plumagem modesta, discreta. E voava muito bem. Era isso, então. Assim que eles partissem, faria a transformação e sem qualquer ajuda. E, no outro lado, teria de ser suficientemente forte.

Aquela gente já se tinha despedido muitas vezes antes, mas, mesmo para eles, era uma coisa pouco vulgar. Das outras vezes, era um grupo de homens que partia para uma missão qualquer, regressando algum tempo depois com uma baixa ou duas e um ou dois feridos, um sem um olho e o outro com um braço ferido, ou talvez um ombro. Estavam habituados a isso, disse-me Biddy enquanto estávamos sentadas na cozinha comigo a comer uma tigela de sopa. Não me podia dar ao luxo, naquela manhã, de estar fraca com uma jornada daquelas pela frente. Naqueles dias,

continuou Biddy, antes de o Chefe vir para Inis Eala, andavam fugidos o tempo todo, nunca estavam seguros, andavam sempre escondidos, ou arriscando as vidas numa missão impossível qualquer. Tinham a reputação de conseguir o que os outros não conseguiam. Ela já perdera um bom homem; só lhe restava esperar não perder outro.

Graças ao Chefe, os seus filhos tinham um ofício, não eram guerreiros, ficando, assim, na ilha. Mas Gull tinha de ir: não o podia impedir. A sua primeira lealdade era para com Johnny, disse ela retorcidamente enquanto borrifava com rosmaninho um carneiro que Annie virava no espeto. Johnny era filho do Chefe e o Chefe dera uma vida a Gull. Ela compreendia isso. O que não impedia que Gull fosse um perfeito idiota e ela havia de lho dizer. Um homem que já tinha passado os quarenta era demasiado velho para fazer um tal disparate e não merecia que uma mulher lhe mantivesse a cama quente para quando regressasse.

Mas desta vez era algo mais. Nunca antes, desde que tinham vindo para a ilha, construído a escola e a comunidade, tinham ido tantos para uma missão. O seu trabalho era ensinar as artes da guerra e não irem eles próprios para a guerra. Dizia-se que o Chefe não queria que eles fizessem parte daquele empreendimento. Ele, agora, era um proprietário, com responsabilidades diferentes, instalado em Harrowfield. Continuava a interessar-se por Inis Eala porque não o podia evitar; estava-lhe no sangue. Mas quisera ficar de fora daquela missão. Mas Sean de Sevenwaters era da família e eles deviam-lhe muito. Fora Sean que os ajudara a estabelecerem-se; que passara palavra no sentido de que, se alguém precisasse de homens bem treinados, seria em Inis Eala que os encontraria. E Sean era irmão de Liadan. Além disso havia Johnny, que era o herdeiro de Sevenwaters. E havia a profecia. E assim lá foram, todos eles, menos os velhos, os mais novos e aqueles cujo ofício não estava ligado às armas. Todos os jovens que nos tinham guardado de modo tão silencioso e inteligente; todo aquele bando estranho e capaz, com os seus estranhos nomes e trajes coloridos. Até o jovem Cormack foi; esse era, na verdade, um guerreiro.

Houve uma festa com carneiro, galinhas recheadas com alho e um pudim com especiarias e frutos. Houve cerveja, mas não em abundância; era preciso que as cabeças estivessem límpidas para poderem partir de madrugada. E depois houve música. Sam e Ciem tocaram até mais não poderem; a mulher da harpa excedeu-se, primeiro com uma giga e um reel e depois com uma ária flutuando das cordas tão docemente como uma música de fadas. Quando ela terminou alguém falou em dançar e a banda recomeçou.

Como era a última noite, parecia que homens e mulheres se podiam tocar, havia olhares e palavras sussurradas. Como os seus homens estavam ocupados com o assobio e o bodhrán, Brenna e Annie dançaram uma com a outra, dando risadinhas.

Os jovens puseram-se em pé e de repente não havia uma mulher no salão que não estivesse a girar e a bater palmas ao som da música enérgica e do ritmo trepidante. E a atividade não estava apenas reservada ao jovens. A grande Biddy dançou com o alto e magro Spider; a rapariga que criava galinhas andou às voltas com o feroz e cheio de cicatrizes Snake, resplandecente na sua túnica de pele de serpente. Gull levou Liadan para a pista, os dois rindo como velhos amigos. O Chefe não dançava.

Estava sentado muito quieto, os olhos cinzentos sempre fixos na figura esbelta e vestida com simplicidade da sua mulher enquanto ela passava por baixo do braço de Gull, ou girava graciosamente em redor dele, ou dava passos intrincados com ele por entre as filas de dançarinos. Eu compreendia o olhar do Chefe, intenso, esfomeado.

Estava a armazenar recordações, que durassem até regressar e tomá-la nos braços uma vez mais.

Johnny aproximou-se sorrindo, pediu-me para dançar e eu recusei polidamente.

Então, Gareth tentou o mesmo, tropeçando nas palavras, corando e eu disse que estava cansada. Corentin olhou para mim de sobrancelhas escuras franzidas e olhou para Darragh, mas não se aproximou. Darragh não dançava. Estava sentado perto de mim,

mas não demasiado perto e eu podia ver, pela maneira como os seus pés batiam no chão e os dedos estalavam que estava mortinho por fazer parte da festa. Aquele rapaz respirava música. Mas não se levantou e eu também não. O reel acabou e Liadan aproximou-se, corada e a sorrir, do Chefe. Não olharam um para o outro; a mão dele, simplesmente, estendeu-se para agarrar a dela quando ela se sentou a seu lado e as duas figuras aproximaram-se uma da outra. Como era a última noite, não se preocupavam com o que os outros pudessem pensar, já que o tempo era pouco. Mais uma! pediu o loiro Godric, que tinha Brenna como par. Aquilo demonstrava uma certa coragem, já que o namorado dela, Sam, estaria a observar cada movimento enquanto o seu braço de ferreiro batia no bodhrán. Mas o tocador de harpa estava cansado, queria descansar e beber um pouco de cerveja e Ciem dissera que era tempo de dançar um pouco com Annie.

— Darragh! — gritou Godric, sentindo-se frustrado. — Não disseste que sabias tocar gaita-de-foles? Que tal uma moda?

Darragh sorriu ligeiramente.

— Está guardada — disse ele.

— Então, vai buscá-la. Não há nada melhor do que uma gaita-de-foles para dançar.

Aquilo era verdade. Podia ver, pela expressão dos rostos de todos, que esperavam ouvir os sons rudes e trapalhões de um rapaz que teria aprendido a tocar em romarias, copiando o que ouvia na ocasião, ou talvez por tentativa. Poderia ter-lhes dito o contrário, mas não houve necessidade. Em breve, Darragh enchia o fole, metia-o debaixo do braço, os seus longos e finos dedos começavam a voar sobre os orifícios da cana e um rio de melodia enchia o ar, calando as vozes no grande salão.

Ficaram todos quietos e calados, até que Sam começou a bater o ritmo para a giga, os mais velhos juntaram-se batendo palmas e a dança recomeçou.

Armazenando recordações. O Chefe não era o único. Ele precisaria das suas até ao fim da campanha. Achei que as minhas teriam de ser para sempre. Mas não precisava de olhar para Darragh para perceber que não as poderia ter. Podia fechar os olhos e deixar que o som da gaita-de-foles formasse a imagem por mim: um rapaz de cabelos escuros em cima do seu belo pônei branco e por cima dele o grande e pálido céu de Kerry, o ar suave e o som do mar.

— Tudo bem, miúda?

Pestanejei e olhei para cima. Biddy estava ali ao pé de mim, ofegante do esforço, o rosto doce e largo muito corado e umas madeixas de cabelo formando um halo brilhante.

— Estás branca como o leite; espero que não estejas a adoecer.

— Estou bem. — Pelo menos, estava até Darragh ter terminado a frenética giga e com um olhar de relance para mim ter começado um lento lamento. A dança parou; os risos e as conversas morreram. Os pares ficaram de pé, mão na mão, ou sentados, muito quietos, os olhares adoçaram-se e aqui e a ali caiu uma lágrima enquanto a melodia pairava e descia tão graciosamente como uma andorinha, transformada em fina filigrana de luz e sombra pelo padrão intrincado da decoração do salão. Uma boa canção, tal como uma boa história, fala a cada ouvinte de maneira diferente. Faz surgir o que vai no espírito de cada um; acorda o que ele mal sabe ter lá dentro, tão tapado está pela desordem da vida de todos os dias, pela capa da auto-proteção.

Darragh tocava com o coração, como sempre e no fim descobri que, simplesmente, não conseguia suportar. Um pouco mais e choraria, ou gritaria, ou arrancaria o amuleto, gritando que não poderia fazê-lo e que ninguém me poderia obrigar. Mas fora bem treinada. Levantei-me silenciosamente e saí. Não para muito longe. Sentei-me no muro da horta, por baixo da Lua pálida. Lá dentro o lamento continuava; uma canção de amor e dor; uma canção de adeus, que falava do que podia ter sido. Cerrei os dentes, envolvi-

me nos meus próprios braços e recordei a mim própria que era filha de um feiticeiro e que tinha uma tarefa para fazer. Tinha de esquecer que era uma mulher e que Darragh era um homem e lembrar-me de que no dia seguinte seria uma criatura do ar, voando sobre o mar traiçoeiro. Tinha de me lembrar da minha avó e do mal que ela forjara; uma família quase destruída e uma casa despedaçada.

Finbar, um jovem transformado num fantasma ambulante. A morte das esperanças da minha mãe e dos sonhos do meu pai; tudo começara com ela. Tinha de me lembrar do que ela me obrigara a fazer e do que me obrigara a ser. Se isso não me desse a força de que precisava, estaria, então, perdida.

A música cessou. As luzes apagaram-se; as pessoas começaram a sair do grande salão e encaminharam-se para as suas camas. Eu esperaria, pensei, até que Brenna e as outras estivessem deitadas para entrar depois, silenciosamente. Não me apetecia falar. Precisava de todas as minhas forças, de toda a esperança e de toda a confiança. Mas, em vez disso, senti-me só, desanimada e cheia de medo. Como poderia transformar-me se não tinha fé? Agora que a música cessara, tinha de respirar fundo, como o meu pai me ensinara: lentamente, a partir da barriga; em três fases, como a água de uma grande cascata. E outra vez. O controle era tudo. Sem controle ficava à mercê de sentimentos e os sentimentos não eram outra coisa senão um obstáculo.

— Fainne?

Dei um salto. Ele estava ali na minha frente, eu não o ouvira nem vira.

— Assustaste-me! De qualquer modo, não podes estar aqui sozinho comigo, pelo menos de noite. É contra as regras.

— Que regras? — perguntou Darragh, erguendo-se para cima do muro a meu lado. — É melhor termos uma conversa. De manhã não temos tempo. Assustei-te mesmo?

— É claro que não.

— Saíste. Pensei que gostavas de me ouvir tocar.

— A música entristeceu-me. Darragh, é melhor ires-te embora, ou vou eu. Ainda há luzes acesas e há pessoas na rua. Pode alguém ver-nos.

— Somos apenas dois amigos a conversar, mais nada. Onde está o mal?

— Sabes muito bem que não é só isso. E agora vai-te embora, por favor. Não tornes isto mais difícil do que já é. — A minha voz tremia. Precisava de todas as minhas forças para não olhar para ele. Darragh não disse nada durante alguns momentos. Então, deslizou do muro e virou-se para olhar para mim, os seus olhos ao nível dos meus, para que não os pudesse evitar.

— Não é só isso? Que queres dizer? — A sua voz soava muito doce na escuridão. Por trás dele, através da porta meio aberta, podia ver o brilho da luz de uma lanterna e ouvir as vozes de Biddy e de Gull preparando-se para se deitarem.

— Nada. Esquece. Por favor.

— Que quiseste dizer com isso, Caracóis? — Ele estendeu uma mão, ergueu-me o queixo com ela e o seu olhar fez-me sentir extremamente esquisita. Fez-me querer fazer coisas que eu sabia não poder fazer.

— Não te posso dizer. — Olhei para ele, mantive as mãos muito quietas no colo e comecei a respirar profundamente: para dentro, dois, três; para fora, dois, três. Controle. Consegui não erguer uma mão para lhe tocar. Consegui não lhe rodear o pescoço com os braços e encostar o meu rosto ao dele, cedendo à grande onda de calor e desejo que me percorria o corpo. Era cruel. Por um instante, pensei que podia conseguir o que tanto desejava. Podia sorrir-lhe como sorrira a Eamonn, pedir-lhe que fechasse os olhos e beijá-lo como a minha avó me ensinara, de um modo que fazia com que um homem ardesse de desejo por uma mulher e fizesse tudo para a ter. E podia, também, fazer barulho, fazendo com que Gull, ou Biddy saíssem e nos apanhassem ali. Então, mandariam Darragh

embora e eu ter-lhe-ia salvo a vida. Mas não o podia fazer; nem sequer por essa razão. Ele era meu amigo. Era a única pessoa do mundo em quem eu confiava para além do meu pai. Não podia abastardar o que havia entre nós. Porém, o que mais desejava naquele momento, com todo o meu ser, era apertá-lo contra mim e despedir-me como namorada dele, com palavras ternas e o calor do meu corpo. Mantive-me muito quieta. Não disse nada. Mas não podia esconder os meus olhos.

— Caracóis? — disse Darragh cuidadosamente, como se tivesse visto algo em que não conseguia acreditar.

Toca-me outra vez, disse uma voz dentro de mim apesar de todos os meus esforços.

Põe os teus braços em redor da minha cintura e abraça-me. Só uma vez. Só esta vez. Mas Darragh virou as costas, cruzou os braços e a sua voz, quando falou, tremia com um sentimento qualquer que eu não conseguia compreender.

— É melhor ires — disse ele. — Vai, Fainne. Já é tarde. É melhor ires. — Deslizei do muro, subitamente frio. Que fizera eu de errado? Ele parecia zangado; no entanto, pensei...

— Vai, Fainne. — Ele continuava de costas voltadas para mim, de braços cruzados, como se a idéia de olhar para mim, ou de me tocar, fosse, subitamente, repugnante. Não sabia que podia doer tanto; era como se tudo o que me restava da minha infância se tivesse transformado em cinzas. Estendi uma mão e, por um instante, ela ficou pousada na manga dele.

— É melhor não fazeres isso — disse ele numa voz que me pareceu chocada e afastou-se como um cavalo nervoso.

— Nesse caso, boa-noite. — Fiz um esforço para que as palavras saíssem e lutei para conseguir controlar a respiração. Tinha de ser forte para a manhã seguinte, para a jornada. Não me podia permitir aquilo. Estava a desfazer-me por dentro.

— Adeus, Fainne. Não te metas em sarilhos enquanto eu estiver ausente.

Darragh continuava a não olhar para mim. Mas a sua voz era a mesma de sempre, forte e verdadeira. Afastei-me antes de dizer algo de que me arrependeria para sempre.

Passei pela grande casa onde Gull e Biddy estavam sentados à lareira, conversando docemente juntos. Todos faziam as suas despedidas, mas achei que nenhumas eram tão terríveis, ou definitivas, como as minhas. Cheguei à pequena cabana onde dormia, entrei e deitei-me na enxerga de olhos abertos. Duas das raparigas já ressonavam suavemente. A voz de Brenna chegou até mim num sussurro.

— Estás bem, Fainne?

— Hum — disse eu e puxei o cobertor para cima do rosto. Não estava nada bem e parecia-me que nunca viria a estar. Tinha feito tantas coisas erradas. Tinha magoado tanta gente, tal como dissera a criatura-mocho. *A nós parece-nos que te estás nas tintas para as baixas que deixas para trás.* Mas eu preocupava-me, o problema era esse. Era isso que me fazia resistir. Sentimentos. Amizade. Lealdade. Amor. Era muito mais fácil para uma feiticeira como a minha avó, que se estava nas tintas para o que deixava para trás. *O que interessa é o poder*, dizia ela. Quase conseguia ouvi-la naquele momento, bem dentro de mim; uma voz baixa, sombria, há muito tempo adormecida e agora, mais uma vez, acordada. *Tens de compreender isso, Fainne.*

Adormeci de dentes e olhos cerrados e o corpo feito numa pequena bola por baixo do cobertor. Sonhei com o fogo.

Darragh tivera razão. De manhã não houve tempo. Levantei-me antes da madrugada e ao sair do edifício da escola vi luzes na baía e ouvi passos ordenados de homens nos degraus. Ouvi velas a estalarem; a brisa de norte já soprava. À luz de uma vela encontrei um bocado de pergaminho, tirei a tampa do tinteiro e peguei na pena. Que havia de escrever? Como havia de dizer aquilo? Por fim, fui breve. *Tenho de me afastar por algum tempo. Peço desculpa.* Assinei o meu nome e espalhei areia pela folha para secar a tinta. Dobrei e selei a mensagem, escrevi o nome de Liadan na parte da

frente e coloquei-a num sítio onde o padre, ou o druida, a encontrariam. Em seguida, fui até ao local que escolhera, uma estreita plataforma logo abaixo do topo da falésia, de frente para a baía. Um maciço de arbustos raquíticos esconder-me-ia, dando-me, ao mesmo tempo, uma vista parcial da frota preparando-se para a partida.

Talvez devesse ter escolhido umas roupas mais próprias, visando o meu destino.

Talvez devesse ter roubado qualquer coisa de Cormack; vestida de guerreiro teria mais hipóteses de permanecer discreta quando regressasse à minha forma. Mas, em vez disso, estava corajosamente vestida. Usava um vestido simples às riscas azuis e verdes, a espécie de vestido que as raparigas nômades usam em ocasiões especiais, como uma feira de cavalos, por exemplo. Por cima tinha o xale mais bonito de todo o Erin, magnífico com as belas criaturas pintadas com todas as cores do arco-íris.

Tinha os cabelos soltos; os primeiros raios do Sol da manhã, tornavam-nos vermelhos. Estava vestida para mostrar que era eu própria, não pertencia a ninguém. Mas continuava a usar o amuleto, porque ia deixar aquele local de proteção e ia partir para o desconhecido. Sabia que, se o tirasse, ela apareceria. Ela não podia vir, pelo menos por enquanto. Tinha de me ver e acreditar que eu era leal até ao fim, desconhecendo o poder do cordão da minha mãe, desconhecendo que, por fim, eu começara a reconhecer a força que tinha em mim, a força que recebera do meu pai e da minha mãe. Não era ao mesmo tempo uma feiticeira e uma filha de Sevenwaters, uma poderosa mistura? Como a minha avó dissera, tudo tinha de acontecer de acordo com a profecia até ao fim, mesmo até ao fim. Então, compreenderia como tinha escolhido mal o seu instrumento de vingança.

Levava Riona metida no cinto; não a podia deixar para trás. Esperei enquanto os homens desciam e embarcavam; esperei enquanto as mulheres acenavam e diziam adeus. Esperei até os remos entrarem na água escura, até o vento encher as velas e os barcos começarem a navegar para leste, para fora da baía e para

mar aberto. Então, fechei os olhos e disse as palavras do feitiço. Com todo o meu ser, mente corpo, espírito, pensei: pomba. As palavras do feitiço vibraram através do meu corpo. Senti o poder na ponta dos dedos, nas solas dos pés, nos cabelos, para cima e para baixo na espinha, como uma grande corrente, transportando-me. Abri os olhos, abri as asas e voei.

CAPÍTULO CATORZE

Parecia simples. As aves batem as asas para cima e para baixo e vira para sul ou para norte, conforme a direção que quer tomar. E segue o bando até ao seu destino, descendo facilmente para aterrar numa árvore, num ulmeiro, por exemplo, com muitos poleiros. Mas não era nada simples.

Uma parte acontecia por instinto: bater as asas, seguir as correntes, sentir a luz e as sombras, sentir a distância, o calor e o frio e ajustar-me a tudo isso. Mas algo estava errado. Assim era perigoso. Ficava longe da comida, de um abrigo e de terra. E essas coisas chamavam por mim com enorme intensidade. Para trás. Volta para trás! Por aí não! E não havia nenhum pequeno ser do Outro Mundo para me guiar. Estava só, um pequeno monte de penas e ossos à deriva no ar, muito acima daquele mar setentrional gelado e cinzento onde os pequenos barcos, tripulados por homens corajosos, enfrentavam as enormes vagas. Os barcos. A missão. Algures, lá em baixo, ia o meu primo, o Filho da Profecia, a caminho da grande campanha da sua vida. Algures, lá em baixo, ia um nômade que mal conseguia distinguir entre o cabo e a ponta de uma espada. E que ia para a guerra por minha causa. Não me podia esquecer de quem era; do que era. A pomba era apenas um disfarce. A pomba levar-me-ia onde eu queria. Não me podia perder na sua consciência, ou estaria perdida.

Continuar a voar, continuar a bater as asas, porque os barcos moviam-se rapidamente no oceano, levados pelo mesmo vento norte que me levava a mim através do céu pálido. O mar está tão lá em baixo; mais lá em baixo do que a distância do alto de uma grande torre para o chão; uma distância maior do que um mergulho do alto de uma falésia; um mergulho que mataria antes que a água gelada pudesse fazer a sua função, ou que os cientes de uma criatura do mar rasgassem uma pequena vítima qualquer. À sua maneira, uma queda seria uma bênção.

Os meus olhos viam um mundo diferente; maior, mais luminoso, mais límpido. Era confuso, porque eu não via os objetos como padrões de luz ou de escuridão; ou as sombras acima de mim como sinal de perigo; ou manchas em baixo que poderiam ser lugares de repouso. Sentia o corpo suspenso no ar; transportado pela corrente. Parte humana, parte animal, via com a excelente visão da ave e lembrava a mim própria, constantemente, como eram as coisas e como devia agir. Barcos. Velas. Segue-os, dizia a minha parte humana. Casa, dizia a ave. Regressa a casa. É muito longe. Mas eu continuava, porque a única coisa que nunca me abandonava era o medo de ser demasiado lenta, ou demasiado fraca. Tinha medo de os perder de vista, perdendo-me, assim irremediavelmente.

Era uma grande distância. Não pensara que fosse assim; não fizera os cálculos num mapa, ou numa carta. O que era uma lamentável falta de autodisciplina. O meu pai nunca teria encetado uma tal viagem sem estar devidamente preparado. Mas tinha de continuar; não podia permitir que a minha avó ganhasse aquela batalha. A profecia falava numa grande vitória; o meu primo comandaria as forças de Sevenwaters e reconquistaria as Ilhas. Johnny velejava lá em baixo e eu devia segui-lo, porque, no fim, precisaria de mim. Senti um calor nas penas do peito; o amuleto continuava comigo, mesmo na forma de ave, e ela também. Os seus olhos estavam, mais uma vez, abertos, a sua presença toldava-me. Assim seja; leva-la-ia comigo até ao momento em que me viraria e a enfrentaria. Porque, no fim, ela estaria lá; não tinha a mínima dúvida. Estaria lá para ver e gozar o seu grande triunfo. Eu tinha de continuar. Mas estava cansada, o vento cada vez mais forte e o ar parecia mais frio. Não estavam os barcos mais longe, não por baixo de mim e à minha frente, mas à minha direita e eu a ser desviada para leste? Batia as asas, tentando encontrar um nível onde as correntes me ajudariam, mas sempre que olhava, os barcos pareciam mais pequenos e a terra para além deles mais distante. Iria aquele vento cruel afastar-me para as costas de Alba?

Senti, por cima de mim, uma sombra. Grande, rápida, um eco daquela presença sombria que aterrorizara o cavalo de Sibeal,

quase causando a morte da pequenita.

Medo, perigo. De asas bem abertas, inclinei-me, mergulhei e flutuei de volta a um nível mais alto, fora de alcance. A sombra moveu-se; pairou no ar, por cima e atrás, à espera. Terror, morte. Voei mais baixo, menos insegura, o pânico ameaçando desfazer o precário controle que eu exercia sobre aquele vôo nas asas do vento. As grandes vagas cinzentas do mar aproximaram-se; imaginei monstros com enormes dentes sob a sua superfície. A presença ameaçadora por cima de mim empurrava-me para oeste, fora do meu campo de visão mas perto, tão perto que senti as garras saídas e o bico ameaçador de um predador esfomeado. Flutuei, aterrorizada, enquanto o vento soprava e o mar cor de ardósia subia na minha direção, cada vez mais perto. Voltar para trás; voar de volta antes que fosse tarde demais, dizia o meu instinto. Espera, dizia a parte de mim que ainda era capaz de pensar. Controle; era essa a chave.

Mas não é fácil manter o controle quando a morte está tão perto como uma bicada. O terror dava força às minhas asas; o pânico deu lugar a um bater de asas firme, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Fixei a minha rota na direção sudoeste, voando baixo, acima da superfície do mar e a presença invisível atrás de mim acompanhou-me como se fosse a minha sombra. Esperava, a qualquer momento, o ataque final, o mergulho final. Continuei a voar e os barcos ficaram cada vez mais perto, cada vez mais perto; já via nitidamente as pequenas velas negras, castanhas e beges, os remos entrando e saindo da água e, por fim, reconheci as silhuetas de alguns dos homens: o Chefe com as suas tatuagens intrincadas; as feições escuras de Gutt; e Johnny, de pé à proa de um pequeno barco, protegendo os olhos contra o Sol enquanto olhava para Sul.

Atrás de mim e um pouco acima, algo reunia forças, talvez preparando o ataque. Depressa. Tinha de aterrar, tinha de encontrar um lugar num dos barcos, entre os homens, antes que aquelas garras se fechassem sobre mim e eu ficasse reduzida a um monte de penas e carne. Depressa. Mas onde? Onde estava a salvação?

E se, depois de aterrar, eu fosse apanhada e estrangulada para o jantar dessa noite?

Não tinha escolha. O animal atacou violentamente, destruidor, rápido e cheio de intenção. Desviei-me, evitando-o por uma unha negra e aterrei desastradamente, não na amurada do pequeno barco, não num cabo tenso ou num dos bancos de remador, mas no ombro de um dos homens, as minhas pequenas patas fincando-se instintivamente no pano macio da sua capa gasta. A coisa que me perseguia passou por mim e fez uma aterragem precisa na proa do barco, no sítio onde seguia o meu primo, imóvel e silencioso, os olhos fixos no oceano em frente. E era Fiacha, negro, de olhos brilhantes e bico afiado como uma faca; Fiacha, que me perseguira até eu chegar àquele lugar seguro. Agora que era um pássaro, ainda gostava menos dele.

— Ah — disse o homem em cujo ombro eu aterrara e ergueu a mão direita na minha direção. A pomba sentiu o perigo. Afastei-me, as patas agarrando-se ao tecido da capa do homem. E consegui ver-lhe o rosto; mesmo com a visão da ave conheci aquelas feições pálidas, magras e aqueles olhos sombrios, sem cor. Mesmo sem o vislumbre de penas brancas sob o traje esfarrapado soube quem era. — Que grande jornada — disse Finbar suavemente. Podia estar a referir-se a mim, a si próprio, ou a ambos.

Portanto, também viera. Contra todas as expectativas, respondera à minha chamada.

Gareth ia agarrado a um remo, as sobrancelhas carregadas devido ao esforço.

— Deve ter sido desviada pelos ventos tempestuosos — observou ele. — Uma criatura destas pertence a um sítio onde haja árvores, certamente, e não ao mar aberto.

— A minha mãe costumava fazer umas tartes de pombo ótimas, com alho-porro — acrescentou Godric.

— Desta vez não. — Finbar moveu o seu braço cuidadosamente; eu caminhei por ele acima e instalei-me no seu

ombro, debicando as penas. Fiacha, assim parecia, guiara-me com precisão para o lugar mais seguro que eu poderia encontrar, exatamente para o meio daqueles guerreiros ferozes. — É uma criatura muito delicada; podemos muito bem dar-lhe abrigo.

— Coisa rara — observou Gareth.

— O quê? — disse Godric franzindo o sobrolho e inclinando-se ao movimento do grande remo.

— Ele está a falar da plumagem. — A voz de Finbar era plácida. — Um pombo das rochas tem uma cor muito simples, uma variedade de cinzentos, mais nada. Nunca vi um assim, com uma crista tão vermelha. Um sinal de sorte, talvez. A deusa sorri para nós nesta campanha.

— Hum — disse Godric olhando para mim com um certo desapontamento. Sem dúvida, aquele esforço para fazer avançar o barco através daquele mar varrido pelo vento abria-lhe o apetite.

A hora da refeição chegou muito mais tarde e na ementa não havia tarte de pombo.

Já estava escuro e até o mais forte daqueles guerreiros tinha o rosto cinzento de exaustão. Navegamos por algum tempo à vista de terra, uma grande ilha, verde, a leste. Pensei se não seriam as costas da Bretanha, perto de Harrowfield, casa de Bran e de Liadan, que, curiosamente, tinham escolhido instalar-se na vizinhança do seu arqui-inimigo.

— Não é Northumbria — observou Finbar calmamente — é a ilha de Mannan. Acampamos aqui, descansamos um pouco e depois vamos ter com os nossos aliados. Ficaremos pouco tempo.

Os homens olharam para ele de modo estranho, achando esquisito que ele dissesse uma coisa que já todos sabiam, mas ele não pareceu perturbado. Na verdade, estivera sempre calmo e tranqüilo durante toda a viagem, como se, agora que decidira confrontar-se com os seus medos, estes tivessem deixado de o perturbar. Quanto a mim, continuava no seu ombro, onde Fiacha não me podia alcançar. Os barcos fundearam, ou foram puxados

para terra, os homens espreguiçaram-se, amaldiçoaram os corpos doridos, descarregaram os barcos e montaram o acampamento rápida e silenciosamente no escuro.

As nuvens tinham-se juntado durante todo o dia e a chuva começou a cair mal os homens tinham iniciado a sua frugal refeição, cozinhada numa pequena fogueira.

Houve uma retirada geral para todos os abrigos que foi possível encontrar. Johnny montara uma guarda bem armada no perímetro do acampamento, mas a chuva transformou-se num dilúvio e eu achei que só as rãs poderiam ficar no exterior naquela noite. Finbar puxou o capuz da sua capa sobre a cabeça e eu aninhei-me junto do seu pescoço, sequinha naquele pequeno abrigo. Fomos para um lugar onde as rochas se abriam para uma espécie de gruta pouco profunda. Ali, um homem podia sentar-se no chão relativamente seco, se bem que os céus se tivessem aberto lá fora.

Mas já outros tinham encontrado aquele refúgio antes de nós. Três jovens guerreiros estavam sentados no chão, quase invisíveis na escuridão, envoltos nas capas para se protegerem do frio: Waerfrith, Godric e Darragh. Afastaram-se para dar lugar a Finbar e este, quando se sentou, desceu o capuz e estendeu a mão para me afagar, como para se assegurar que eu estava sã e salva. Se eu estivesse na minha forma, teria usado a arte. Com a arte, teria acendido uma pequena fogueira para nos secar e manter-nos quentes. Estava frio, a Primavera apenas um sonho no coração da terra e a tempestade estava mesmo por cima de nós. A parte de mim que era uma pomba estava com medo; com medo do escuro, sentindo a estranheza de estar acordada tão perto da espécie humana. Esse frio fez-me tremer; fez-me mover os pés de modo irrequieto no ombro de Finbar, desejando ter um lugar seguro para dormir, escondida no meio dos ramos espessos de uma grande árvore ou nas reentrâncias de uma encosta rochosa. De regresso a Kerry e ao sol, sob as pedras eretas, debicando migalhas de pão deixadas por umas crianças que costumavam sentar-se ali

partilhando a sua pequena refeição. Era ali que devia estar uma pomba, não naquela gruta gelada.

A chuva amainou por um bocado e um fraco raio de luar entrou no nosso estreito abrigo.

— Pronto — disse Finbar num murmúrio. — Pronto. Não é preciso teres medo. Estás segura e entre amigos.

— O animal parece que se ligou a si, meu senhor — disse Godric, sorrindo. É engraçado, mas pensei que o animal da sua preferência seria um logo, ou uma águia, um animal forte e impressionante; não uma coisinha trêmula como essa.

— Os druidas não têm animais, estúpido — disse Waerfrith, dando-lhe um murro nas costelas. — Isso são os feiticeiros. O nosso senhor, aqui, não é nem uma coisa, nem outra.

Darragh não falava; olhava com atenção, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas.

— Eu não sou druida — disse Finbar calmamente. — O meu irmão acompanha Sean de Sevenwaters nesta campanha; ele é o mais sábio dessa espécie antiga e celebrará os augúrios e os rituais que um empreendimento destes requer. Eu estou aqui... eu estou aqui porque...

— Porque foi chamado — disse Darragh em voz baixa. Ele continuava a olhar para mim e então estendeu o braço, lentamente, para não me assustar, até que os seus longos e morenos dedos chegaram ao meu peito, quase me tocando. — Anda, pequenino — disse ele. — Anda, anda. Eu não te faço mal. Sabes que sou incapaz disso.

Havia algo na sua voz que me acalmava e chamava ao mesmo tempo. Talvez fosse a mesma coisa que levara o pônei branco a afastar-se da manada; a mesma coisa que fizera dele o único amigo de uma rapariguita solitária, na enseada. Então, eu receava ser vista; no entanto, morria de desejo de o ver naquele dia mágico do ano, quando os nômades regressavam a Kerry. Eu era desajeitada e não falava com Dan, Peg, Molly e com os pescadores; mas Darragh

partilhara os meus segredos mais profundos. Não gostava que me tocassem. Mas gostava que ele me tocasse.

— Anda, Caracóis — disse ele suavemente. — Anda.

Dei um pequeno passo com os meus pequenos pés de pássaro, depois outro e empoleirei-me cuidadosamente nos dedos que ele me estendia. Então, senti o calor da sua mão por baixo de mim, segurando-me enquanto me afagava a cabeça com um dedo e eu ouvia a sua voz, apenas um murmúrio.

— Isso mesmo. Isso mesmo, pequenina.

— Caracóis? — perguntou Waerfrith. — Que raio de nome é esse?

— Fica-lhe bem — disse Darragh em voz muito baixa. — Vê, ela tem um pequeno tufo de penas na cabeça, todo encaracolado.

— Ela? — Godric ergueu as sobrancelhas.

— Sem dúvida, ela — disse Finbar. — E agora é melhor tentarmos dormir, porque segundo me parece, só temos um dia para nos juntarmos e depois vamos estar muito ocupados durante algum tempo. Aqui pode não ser confortável, mas é seco.

Eu já dormira nos braços de Darragh e desejara não mais acordar. Agora, enquanto me aninhava, quente, na cova das suas mãos, tão perto do seu rosto que até sentia a sua respiração roçando-me nas penas, desejei algo diferente. Aquela noite estranha estava a ser um presente inesperado, porque pensara que nos despedíramos para sempre quando ele me virou as costas na escuridão de Inis Eala. Um presente, portanto, por poder estar assim tão perto, sentir o seu toque carinhoso e partilhar o seu sono inocente. Mas desejava, oh como desejava ser uma rapariga de novo e não estar ali mais ninguém. Havia um desejo em mim que quase me rasgava o coração, um desejo enorme de o abraçar; um desejo enorme de retribuir a mesma gentileza que ele me concedia com tanta generosidade, sem nunca pensar em si próprio.

Desejei ter voz de mulher, não a de uma ave, para lhe poder murmurar coisas ao ouvido. Dir-lhe-ia... Dir-lhe-ia...

Dormimos; e então chegou a madrugada. Um pássaro canta à alvorada e lança-se no céu, procurando luz e calor, comida e água. Mas eu não era um pássaro apesar da minha aparência. Quando um feiticeiro se transforma, não se torna no outro; simplesmente, converte-se, assemelhando-se a esse outro para iludir as pessoas. Se a transformação for bem sucedida, a essência da coisa escolhida sentir-se-á mais: os instintos, as mudanças de equilíbrio, a visão, a audição. No entanto, os melhores feiticeiros retém, ao mesmo tempo, a sua consciência. Um equilíbrio precário.

Enquanto na forma alterada, o feiticeiro não pode usar a arte. Quando me transformei na mulher do camponês e me confrontei com o trapaceiro na feira de cavalos, usei apenas a forma menor do Encantamento e, mesmo assim, parcamente, de modo a poder lançar encantamentos e feitiços, transformando um pássaro numa serpente, abrindo fechos e quase estrangulando um homem. Mas, agora, era impossível. Tudo o que podia fazer era ver e ouvir. Tudo o que podia fazer era manter-me afastada de Fiacha, observar aqueles homens e preparar-me para o dia seguinte.

Abandonei o abrigo das mãos de Darragh e o doce calor do seu corpo. Finbar estava acordado, imóvel, de pé, no exterior do abrigo, olhando para o céu pálido. A tempestade tinha passado; não havia o menor sussurro de brisa vinda de Oeste. A expressão de Finbar era estranha; os olhos imensos e brilhantes. Quando lhe pousei no ombro senti a sua respiração, lenta e deliberada. Assim, pensei, acalmava o coração agitado e a cabeça cheia de visões. Não lhe podia falar, mas, se tivesse voz, ter-lhe-ia oferecido umas palavras de reconhecimento: *Sei como te deve ser difícil vir aqui; enfrentar o terror que partilhamos. E saúdo-te pela tua coragem.*

— Bem, Fainne — disse Finbar calmamente. — Mais uma manhã. A última antes de começar a nossa grande campanha, se o meu irmão ler os sinais e os achar corretos. Hoje é dia de observação, creio; ver e ouvir. Nessa forma és vulnerável aos elementos, aos predadores selvagens e à falta de cuidado do

homem. De todos nós, só dois sabem quem tu és. O teu jovem sofre por te ver assim disfarçada, porque sabe que não te pode proteger. Não há lugar para uma criatura tão pequena numa grande batalha, nem numa missão secreta por mar. Quanto a mim, proteger-te-ei o melhor que puder. Partilhamos o mesmo inimigo e o mesmo medo, tu e eu. Mas não sei qual é o teu objetivo. Voarás para Norte, sem dúvida e regressarás quando te apetecer. Quero que saibas que estarei perto e te protegerei o melhor que puder.

Eu não podia responder e assim, à medida que o céu clareava e um bando de gaivotas passava por cima de nós, com a plumagem brilhando à luz da madrugada, abri as asas e voei, mal sabendo para onde ia e com que propósito.

Apesar de ainda ser cedo, os homens já se mexiam, emergindo dos seus abrigos, juntando-se em pequenos grupos, acendendo uma fogueira, preparando uma refeição qualquer com uma eficiência vinda da prática. Encontrei um poleiro nos ramos nus de uma velha macieira. Não estava bem escondida, talvez, mas sentia-me segura e bem colocada para ver e ouvir. Não sentia necessidade de comida nem de bebida; talvez não fizesse uma coisa nem outra até regressar à minha forma.

À nossa frente estava uma baía, não tão grande e aberta como a enseada da minha infância, mas um lugar seguro e secreto, com águas profundas e braços de terra altos e abrigados de ambos os lados. Os barcos maiores estavam fundeados e os mais pequenos estavam em terra, numa praia pedregosa. Além da frota de Johnny havia muitos outros barcos, alguns feitos de peles esticadas sobre uma armação, alguns de madeira, tudo barcos pequenos, rudes e fortes. Entre eles, quais cisnes imponentes no meio de um bando de patos, estavam três barcos muito maiores, vistosos nas suas linhas longas e ágeis, prancha curva contra prancha curva num perfeito equilíbrio, de proas altas e graciosas, cada uma delas com uma sereia, uma princesa e um deus da guerra com cornos esculpidos, parecendo cada um deles uma nave mística de uma história antiga: o barco em que um qualquer grande viajante navegou para encontrar o fim do mundo; o barco em que um guerreiro lendário

viajou para conquistar a sua dama e o seu reino. Nunca vira uns barcos assim. Cada um deles era suficientemente grande para, pensei, transportar uma força de combate considerável. Com o complemento dos remadores e um vento favorável, podiam ser utilizados em ataques ligeiros a barcos mais lentos ou a uma linha de costa pouco preparada, velejando rapidamente e desembarcando a sua carga de homens armados enquanto os habitantes indefesos ainda esfregavam os olhos de sono. Não tinha dúvida de que aqueles barcos pertenciam aos Finn-ghaill; eram os barcos dos Homens do Norte, iguais aos que o meu pai tinha devastado anos antes, em Kerry.

No entanto, não havia ali pânico. Por baixo da minha árvore, os jovens guerreiros do bando de Johnny comiam o pequeno-almoço e preparavam as suas armas como se fosse um dia como os outros. E lá estavam, também, os mais velhos, Snake, Gull e o próprio Chefe, conversando calmamente sem sequer um olhar para a visão terrível dos barcos fundeados nas águas calmas. Era como se ninguém tivesse visto a ameaça.

Tinham chegado outros homens, Johnny cumprimentava-os e eu vi que alguns deles traziam o símbolo dos dois colares interligados: o emblema de Sevenwaters. Outros traziam um símbolo diferente, as túnicas brasonadas com uma imagem a vermelho, uma serpente enrolada, devorando a própria cauda. E havia homens vestidos de verde: homens de Eamonn. A manhã ia ficando cada vez mais clara; após a tempestade, o ar parecia lavado e a terra respirava profundamente, como se a Primavera não estivesse longe. Por baixo do ramo onde eu estava empoleirada, um nômade terminava o seu magro pequeno-almoço, uma refeição comida de modo abstrato enquanto olhava para aqui e para ali como se procurasse alguma coisa perdida. Mudei ligeiramente de posição no meu ramo; ele olhou para cima e franziu o sobrolho. Um instante mais tarde, Finbar juntou-se a ele e falaram em voz baixa.

— Parece que vai haver um conselho; um encontro entre estes líderes todos, para tomarem uma decisão final. Tens de deixar que Fainne faça o que quer; não podes alterar o curso dos

acontecimentos. Não a podes proteger a partir deste ponto. Temos, simplesmente, de confiar na sua força para fazer o que tem de ser feito.

— Não está certo. — A voz de Darragh era tensa. Não gostei nada de o ouvir assim tão perturbado.

— No entanto — disse Finbar gentilmente — não podes fazer nada. Tens de a deixar fazer o que ela quer; ela tem de ficar por conta própria.

— É disso que tenho medo — disse Darragh.

O conselho teve lugar num sítio secreto e bem guardado. Acabei por pedir a ajuda de Finbar, porque não consegui voar para dentro do longo e baixo edifício onde os homens se iam encontrar e instalar-me, como que por acaso, numa das traves para ouvir as suas conversas secretas. Entrei na sala do conselho no ombro do vidente, meio escondida nas dobras da sua capa, meio oculta pelas tranças de cabelo escuro.

E vi, logo, por que razão não ouvira gritos de alarme nem setas disparadas face à vista daqueles elegantes barcos fundeados na baía. À mesa do conselho, juntamente com Sean de Sevenwaters e o seu tio Conor, juntamente com os chefes de guerra dos Uí Néill e do próprio Filho da Profecia, estavam vários homens grandes, com grandes rostos claros e longos cabelos entrançados. Usavam ouro nos pescoços e nas fivelas das suas capas; ouro delicadamente trabalhado sob a forma de machados de guerra, cabeças de cão ou sóis nascentes. Eram os líderes dos Finn-ghaill, os mesmos senhores da guerra vickings que tinham assaltado e pilhado as costas de Erin e da Bretanha durante anos. Aquela aliança era terrível. Como podia o meu tio Sean juntar-se àqueles selvagens, nem que fosse para assegurar a vitória sobre o seu pior inimigo? Mas, não tinha o meu tio dito algo acerca de uma disputa ter sido sanada por meio do casamento de um senhor de Tirconnell com uma mulher vicking?

Talvez, no fim de contas, não fosse assim tão impossível. Permaneci ali muito quieta, ouvindo, espantada.

Aquele conselho era muito seletivo. Do nosso bando apenas Johnny, o seu pai e Snake estavam presentes. Sean e Conor representavam Sevenwaters. O meu tio tinha um ar severo e cheio de intenção; Conor olhou uma vez na direção de Finbar e acenou em sinal de reconhecimento. Os Uí Néill pareciam cautelosos; os Homens do Norte falavam entre eles e um dos homens de Bran, um tipo grande, de barba escura, chamado Wolf, apareceu para se dirigir a eles na sua própria língua.

— Wolf traduzirá para nós — disse o Chefe calmamente. — Podemos começar? A manhã já vai longe; certamente que pouco mais há para ser resolvido nesta fase. Cada um de nós sabe o seu papel.

Um dos vickings fez um comentário ruidoso.

— Hakon pergunta: e estes lugares vazios na mesa? — traduziu Wolf. — Não estamos todos reunidos aqui? As decisões tomadas neste conselho devem ser aprovadas por todos, ou podemos contar com uma faca nas costas?

Sean franziu o sobrolho.

— Eamonn já está na ilha, acampado não muito longe. Há de estar a chegar. Devíamos esperar um pouco mais; Hakon fala sensatamente. Tal como o resto de nós, Eamonn foi trazendo os seus homens aos poucos e por várias rotas, de modo a não chamar a atenção para a magnitude da nossa campanha.

Então, um dos chefes de guerra dos noruegueses bateu as palmas e um rapaz trouxe um grande corno com bebida, que foi passado de mão em mão. Ocorreu-me, tardiamente, que aqueles vickings eram, não só, aliados da campanha, como aquele lugar lhes pertencia, uma colônia, talvez, na orla da ilha de Manannán.

Alguém, ali, fizera um grande negócio. Era evidente que ia ter de aprender muito acerca da guerra.

Houve alguma agitação na entrada e entraram três homens; homens vestidos de verde. Vi Eamonn atravessar a sala para tomar o seu lugar no conselho. Os seus homens sentaram-se à sua

esquerda e à sua direita, como que para o separar dos outros. Olhou ao longo da mesa e depois diretamente para os olhos cinzentos de Bran de Harrowfield.

— Bem, bem, bem — disse Eamonn afavelmente, sorrindo. — Há quanto tempo. Como está a tua encantadora mulher? Uma rapariga de talentos únicos, sempre disse.

O Chefe não respondeu. Em vez disso, o seu olhar passou por Eamonn como se ele não existisse. Virou-se para Sean e Conor.

— O tempo passa rapidamente — disse ele. — Tomemos uma decisão e continuemos.

— Estamos aqui reunidos — disse Sean solenemente. — Nesta reunião confirmamos o nosso plano de ação e renovamos a nossa promessa de nos apoiarmos mutuamente nesta aliança. O meu tio, o arquidruida, celebrará o augúrio e, se a deusa nos sorrir, amanhã de manhã testemunharemos a promulgação da nossa estratégia. Seguir-se-á, certamente, uma grande vitória. — O senhor de Sevenwaters olhou para Johnny. — O meu sobrinho lidera esta campanha. Johnny é o herdeiro de Sevenwaters; ao mesmo tempo, nasceu em Harrowfield, a propriedade bretã do meu pai. A profecia que nos guiou até este encontro final menciona-o como o líder destinado a levar-nos à vitória. Johnny é o Filho da Profecia; será ele a testemunhar o cumprimento da antiga verdade. Ele é a luz brilhante que nos guiará no triunfo contra Northwoods. As Ilhas serão nossas mais uma vez; o nosso inimigo será banido para sempre para as suas costas, para longe do nosso solo sagrado.

— Eu não questiono a capacidade do rapaz para liderar — disse um dos homens que usava o símbolo da serpente na túnica. — Mas, e o pai dele? Não há aqui lugar para a dúvida, quando um de nós é bretão e vizinho do chefe de guerra a quem nos opomos? Bran de Harrowfield partilha uma fronteira com Edwin de Northwoods. Na verdade, há, até, algum parentesco, tanto quanto sei. Quem nos garante que esta aliança se manterá, quando há Bretões contra Bretões?

— Não creio que isso seja problema — disse Eamonn suavemente, antes de Sean ou o Chefe conseguirem falar. — Esse homem nunca teve dificuldade, no passado, em mudar de campo, ou em virar-se contra os da sua própria espécie. O que é preciso é ter bastante prata para o engodar. É a única linguagem que ele compreende.

Seguiu-se um pequeno silêncio extremamente difícil. Os olhos de Snake semicerraram-se até ficarem duas perigosas fendas e a sua mão moveu-se na direção da espada. Ouviu-se o barulho do metal. Wolf não fez qualquer tentativa para traduzir. Bran, de dentes cerrados, manteve o seu controlo e não falou. Foi Johnny que se levantou.

— Meus senhores — disse ele — não há dúvidas nenhumas acerca da força desta aliança, nem da lealdade dos seus aliados. O papel do meu pai não será o de líder. Ele conseguiu para nós o apoio destes grandes chefes de guerra, Hakon e Ulf e o generoso empréstimo dos seus poderosos navios. Mas eu é que sou o líder, não Bran de Harrowfield. Estes homens estão sob o meu comando. Amanhã, o meu pai regressa a Harrowfield; ele não entrará em guerra contra Northwoods, a não ser que as suas fronteiras estejam ameaçadas. — Reparei que ele não falou em nadar nem em afundar barcos. Parecia que essa parte era secreta, mesmo para os aliados. — E agora — continuou Johnny calmamente — permiti que vos demonstre como se vai desenrolar este empreendimento; para que cada um saiba qual é o seu papel. Cada um de vós é vital; cada um de vós ficará separado até ao fim e deve desempenhar o seu papel independentemente e com precisão. Cada um de vós é responsável pelas suas próprias forças. Sem confiança, esta campanha está condenada ao fracasso.

Ouviram-se murmúrios e sons de concordância em redor da mesa. Eamonn sorriu torcidamente; o Chefe estava impassível.

— Se a deusa quiser — disse Johnny — a campanha começa esta noite mesmo. De madrugada teremos de estar em posição de ataque...

Observei-o enquanto andava para a frente e para trás, gesticulando e demonstrando, ao mesmo tempo que os seus olhos cinzentos brilhavam de esperança, iluminando a câmara solene com a chama do seu entusiasmo. E observei os homens ali presentes, cada um deles chefes de guerra experimentados, homens muito mais velhos e mais experientes do que aquele que lhes falava, homens habituados a comandarem, acostumados a tomar as suas próprias decisões. Escutavam-no petrificados. Nem um músculo se movia; nem um suspiro se ouvia. Com a sua voz confiante e uma esperança ardente no rosto, Johnny mantinha-os a todos silenciosos enquanto delineava o arrojado plano que os levaria a triunfar sobre o velho inimigo. Na verdade, eu estava tão impressionada com a autoridade do meu primo que perdi o curso do seu discurso durante algum tempo e não apanhei os pormenores todos. Não disse nada acerca da aventura planeada para essa noite. Não lhes falou do pequeno barco que partiria depois de anoitecer, transportando um grupo especial de cinco homens, incluindo ele próprio e Bran de Harrowfield e que seriam arriados do barco para a água gelada. Talvez o seu pai não desembarcasse na ilha, talvez não fosse visto com uma espada na mão enfrentando Edwin de Northwoods, mas, certamente, tencionava ajudar a afundar os cinco navios da frota de Northwoods naquela mesma noite. Eu sabia, mas era evidente que nenhum daqueles homens saberia. Johnny disse, apenas, que um dos barcos partiria primeiro e que, se tudo corresse bem, seria dado um sinal: uma bandeira vermelha para avançar. Antes da madrugada os três grandes navios dos Finn-ghaill estariam em posição, não com tripulações vickings, mas sim com os nossos próprios homens, os homens de Sevenwaters, de Inis Eala, os guerreiros dos Uí Néill e as forças de Sidhe Dubh e Glencarnagh, os homens de vermelho. Quando o Sol se levantasse, os Bretões levantar-se-iam das suas camas sem suspeitarem de nada. Então, da direção menos esperada, vindos do perigoso canal entre as rochas afiadas como facas, contornando o grande turbilhão a que chamavam Worm’s Mouth apareceriam os mortíferos navios com a sua carga de guerreiros armados. Hakon e Ulf comandariam os dois navios; Gull comandaria o terceiro. A sua habilidade guiaria aqueles navios através de águas até então julgadas impossíveis. Atacariam

rápida e ferozmente os Bretões antes de estes terem tempo de montar a defesa. Eu sabia, se bem que Johnny não o tivesse dito, que não haveria fuga possível para as forças de Northwoods. Os seus navios estariam destruídos; render-se-iam ou seriam aniquilados. Os homens do Uí Néill desembarcariam na Little Island, dissera Johnny, para subjugar as forças mais pequenas. O resto iria para a Greater Island e cercaria o acampamento inimigo. Por ocasião do crepúsculo do dia seguinte estaria tudo terminado.

A exposição de Johnny chegou ao fim, todos os homens se levantaram ao mesmo tempo, afastaram-se da mesa e com apertos de mão, palmadas nos ombros, sorrisos ferozes e palavras agressivas, aqueles estranhos aliados, companheiros de aventura, confirmaram uns aos outros o seu empenhamento; vickings e homens do Ulster, bretões e chefes de guerra de sangue real de Erin. Conor foi o primeiro a sair; havia ainda que interpretar oráculos e solicitar orientação aos deuses antes de ser tomada a decisão final: ou naquela noite, ou esperar. A estação ainda ia no princípio, tão no princípio que os elementos só eram previsíveis na sua imprevisibilidade. Por outro lado, quando mais cedo os aliados dessem o primeiro passo, mais eficaz seria o efeito surpresa.

Do meu vantajoso ponto de observação, sobre o ombro de Finbar, vi Eamonn aproximar-se do Chefe de mão estendida, num gesto de aparente amizade.

— Selemos, então, este acordo — disse ele com um estranho sorriso — já que parece que te tornaste respeitável e até tens lugar em mesas de conselho, em vez de agires traiçoeiramente, na escuridão.

Mas Bran limitou-se a olhar para ele por um momento, os olhos cinzentos frios como o aço e as feições tatuadas desprovidas de expressão, virando-lhe depois as costas, como se o que tivesse visto não tivesse qualquer importância. Olhei para o rosto de Eamonn e o que vi fez-me tremer. Raiva, ofensa, amargura, esperava ver essas emoções. Mas não esperava ver uma expressão de triunfo naqueles olhos sombrios.

No exterior daquela casa de conselho havia uma extensão de solo arenoso, bem nivelado. Em redor do seu perímetro estavam reunidos muitos homens, todos eles guerreiros, cada um com as cores do seu líder. Alguns empunhavam bandeiras: a serpente enroscada, que parecia ser o emblema do Uí Néill, os colares de Sevenwaters e a torre escura sobre um prado verde que era o emblema de Eamonn de Sídh Dubh e Glencarnagh. A casa de Harrowfield não estava representada; o Chefe, era evidente, não era um aliado oficial naquela campanha e desejava limitar a sua participação à missão daquela noite.

Conor avançou de bordão de vidoeiro na mão e começou a recitar, lentamente, as palavras solenes de um ritual de augúrio. Uma pequena coluna de fumo acre ergueu-se no ar: estavam a ser queimadas ervas de adivinhação. Abandonei o ombro de Finbar e voei para o telhado de troncos de árvore do edifício, um local de observação melhor. O druida desenhou um círculo; pediu a bênção aos quatro pontos cardeais e expressou o respeito de todos pelo poder dos elementos e pelas divindades a que cada um pertencia. Alguns dos presentes não eram crentes da velha fé; eu já vira cruzes em alguns pescoços e vira um homem que parecia ser um padre tonsurado entre as forças dos Uí Néill. De qualquer modo, todos eles estavam silenciosos; todos olhavam com intensidade para Conor no centro do círculo. Este fez aparecer um pequeno saco de pele de cabrito atado com um cordão dourado. Tirou os coelbrens, os delgados gravetos de vidoeiro com os sinais Ogbam gravados e, invocando a deusa, espalhou-os à sua frente no solo liso. Todos os olhares estavam pousados nele; todos, menos um. Eamonn estava ligeiramente afastado, flanqueado pelos seus guardas vestidos de verde. Nas suas feições continuava um pequeno sorriso estranho; o olhar presunçoso, antecipatório, de um gato que mantém o rato vivo, mas indefeso, nas suas garras. O grupo de homens fitou Conor enquanto o druida se inclinava para estudar a queda dos gravetos do augúrio. Mas Eamonn olhava para mim. Mexi-me no meu poleiro, pouco à vontade, tentando perceber como seria possível ele saber; como seria possível ele adivinhar. Inclinei a cabeça para debicar as penas nervosamente, abrindo uma pequena asa e dobrando-a de novo como vira aquele mocho

esfarrapado fazer. Tentei parecer como um outro pássaro qualquer, tratando dos seus assuntos numa manhã clara. O sorriso de Eamonn abriu-se num divertimento aparente; acenou ligeiramente em sinal de reconhecimento sem afastar os olhos de mim. Lembrei-me dele em Sevenwaters, sempre a olhar, observando silenciosamente, como se estivesse a juntar as peças de um quebra-cabeças, tentando tirar vantagem do que via. Pensei que ele nunca poderia descobrir aquele segredo, mas parecia que, mais uma vez, o subestimara.

O silêncio prolongou-se enquanto Conor perscrutava os gravetos, imóvel. O augúrio devia ser simples, só se procurava uma resposta: ir agora, ou esperar. Mas o arquidruida ficara muito pálido, com a fronte sem idade franzida. Os homens começaram a murmurar uns para os outros. Por que não dizia o tipo o que tinha visto? O oráculo mostrara algo assim tão terrível, que ele não pudesse dizer?

Conor ergueu a cabeça e olhou para o irmão. O medo de Finbar era quase palpável enquanto caminhava lentamente na direção do druida, uma figura direita, esbelta, com o seu traje gasto, a capa esfarrapada e a asa de cisne à vista de todos naquela manhã de Primavera. Ouviram-se algumas exclamações de surpresa rapidamente reprimidas. Vi um homem fazer furtivamente o sinal da cruz. Um cão ladrou, algures e o homem da asa de cisne parou momentaneamente. Senti um terror que ele sentiu como se fosse meu; também eu era meio selvagem. Mas Finbar não podia mudar. Sê forte, pensei. Sê forte como já foste, em tempos. Finbar recomeçou a andar e foi acocorar-se junto do irmão. Os dois homens estudaram os coelbrens de perto.

Nenhum deles falava. Talvez não fosse preciso. O silêncio espalhou-se de novo e os guerreiros ali reunidos começaram a sentir-se pouco à vontade.

— Diz-nos. — Foi Sean de Sevenwaters o primeiro o quebrar o silêncio, falando calmamente do sítio onde estava com os seus homens. — Quais são os sinais? A deusa sorri à nossa campanha?

— Vamos lá, homem, desembucha. — O chefe de guerra dos Uí Néill, que devia ser cristão, sabia muito bem que a ocasião dependia daquilo, porque os que lideravam a campanha não iriam em frente se os sinais não fossem favoráveis. Conor levantou-se com as feições solenes e calmas. Parecia-me que a sua máscara de serenidade se mantinha devido a uma grande força de vontade; por trás dela havia um pressentimento qualquer. As pregas do seu traje branco sombrias, mesmo à luz do Sol da manhã.

— Eu vou dizer a verdade — disse ele numa voz que parecia em surdina, mas que, de algum modo foi ouvida por toda a assembléia. — Os sinais não são todos bons. Há aqui uma obscuridade, uma escuridão que ensombra a nossa empresa, que condiciona todo o padrão. É como se nem as grandes forças do Outro Mundo tivessem a certeza. No entanto, a mensagem do oráculo é clara num aspecto. Devemos começar já, não devemos protelar. Amanhã de manhã a nossa frota chegará às costas das Ilhas e antes de o Sol se pôr a terra encher-se-á com o sangue daqueles que se atreveram a pôr o pé no nosso solo sagrado. Expulsa-los-emos, ou perecerão sob as nossas espadas; até ao último homem. Isto, juramos que é verdade.

Ouviu-se um grande rugido de aprovação vindo da multidão. Achei que as palavras de Conor tinham sido cuidadosamente escolhidas para provocarem aquele efeito. As reservas ao seu augúrio seriam rapidamente esquecidas; os homens pressentiam a vitória e agora puxavam as trelas como cães de caça. Talvez houvesse sangue e morte, mas qual é o guerreiro que acha que é o seu? Havia uma luz nos seus olhos e uma Primavera nos seus passos enquanto regressavam aos seus acampamentos para prepararem as armas, para dar os últimos retoques nos barcos, nas velas e nos apetrechos de guerra. Não viram a palidez nas feições de Conor, nem a sombra nos olhos claros e estranhos do seu irmão Finbar quando ambos falaram com Sean de Sevenwaters, com Johnny e com o Chefe. Não repararam no queixo severo de Sean, nem na determinação feroz do rosto do Filho da Profecia. Mas eu vi; e ouvi a voz da minha avó enquanto estava ali no telhado da casa do conselho. Uma voz há muito silenciosa, acordada agora no meu

íntimo enquanto o amuleto aquecia contra o meu peito. *Muito bem, Fainne. Muito bem, pequena. Está tudo a caminhar bem. Não me deixes ficar mal agora, tão perto do fim.*

O meu coração saltou quando a ouvi. Tinha razão; ela vigiava-me, sabia onde eu estava, mesmo na minha forma de pássaro. Conor vira uma sombra; eu sabia o que significava essa sombra e quando viria. A minha avó era a causadora e eu também, quer quisesse, quer não. Fui percorrida por um medo terrível ao recordar-me onde dormira a última noite, aninhada no calor das mãos de Darragh. Não me podia aproximar dele de novo; até que tudo terminasse. Nem a aproximaria de Finbar, já de si tão prejudicado pela sua crueldade. Tinha de passar o dia e a noite seguinte completamente sozinha.

Não havia muitas árvores. Alguns arbustos raquíticos e macieiras de ramos nus. Havia casas meio escondidas pela ondulação do terreno ou construídas quase sob o solo, com grandes montes de turfa sobre os telhados para as abrigar do vento e do gelo, que não ofereciam esconderijo a um pequeno pássaro contra uma raposa, ou um gato, ou os olhares indiscretos de um chefe de guerra com um interesse especial em resolver quebra-cabeças. Para não falar de Fiacha. Sabia que ele estava, de certo modo, do meu lado, mas continuava a tremer o seu bico afiado, as suas garras e a sua rapidez. Perto de Fiacha, talvez eu ficasse a salvo de alguns predadores. Mas a minha metade pássaro gelava de terror ao vislumbrar a sua forma negra quando ele seguia Johnny pelo acampamento, umas vezes à frente, outras atrás, acompanhando-o, velando por ele. Não me atrevia a aproximar-me.

Descobri um local nos arbustos perto do carreiro que ia dar ao ancoradouro. Não era um esconderijo; fiquei o mais imóvel que pude, tentando passar despercebida.

Maldita crista vermelha. O feitiço que usara para me transformar não falava nela; fora feita por um qualquer poder maligno e fazia com que aqueles que sabiam me pudessem identificar. Até Darragh descobrira; Darragh, que não sabia nada de magia.

O dia passou; os homens continuaram com os seus assuntos, rostos severos de concentração ou iluminados de esperança. Não tinham o medo da morte nos seus olhos. Passavam no carreiro mas não olhavam para mim. Mas uma vez, quando os guerreiros vestidos de verde desciam na direção dos barcos que pairavam graciosamente nas águas calmas, o chefe de guerra de Sídh Dubh e Glencarnagh fez uma paragem e fez sinal aos seus homens para continuarem. Ficou ali com a mão em pala sobre os olhos, como que inspecionando a frota, ou as nuvens ou o mar para lá da baía.

— Bem, Fainne — disse ele em voz baixa. — Que estranho encontro. Os meus homens haviam de achar que eu sou maluco, para estar aqui a conversar com uma criatura selvagem. Mas não posso deixar passar a oportunidade. Suponho que também esperaste aqui com esse objetivo. Estou em dívida contigo, minha querida. A informação que me mandaste serviu-me melhor do que podes imaginar. Finalmente, esta noite, o homem é meu; amanhã, depois da sua morte, o mundo será um lugar melhor. Oh, Fainne, o que fizeste por mim não tem preço. As suas estranhas palavras fizeram-me tremer. O olhar no seu rosto encheu-me de medo. Que informação? Eu não lhe mandara nenhuma informação. Que queria ele dizer?

— A explicação será simples — continuou ele. — Ninguém me poderá apontar o dedo. O homem, simplesmente, era demasiado velho para uma campanha destas. Será o que as pessoas vão dizer amanhã. Vai estar escuro e frio; a distância é grande e a tarefa é difícil, mesmo para um homem do seu valor. Mais valia ter mandado outro qualquer; mas ele era um homem que gostava de estar na primeira linha. Mas, então, já será tarde demais. — Ele sorriu e eu vi um brilho de maldade nos seus olhos. Pensei ouvir a voz da minha avó. *Oh sim, continua.*

— É estranho ver-te com essa forma — disse Eamonn, olhando para mim de relance e depois de novo para a água. — E daí, talvez não seja tão estranho assim. Creio que a nossa sociedade vai ser muito vantajosa para ambos. Essa forma que tu escolheste é muito vulnerável, minha querida. Tens de ter cautela; não quero que te

aconteça mal nenhum. Fico excitado só de pensar na nossa noite de casamento. Descobrirás um mundo completamente novo. Na verdade, temos uma vida nova pela frente, os dois. — Mexi-me nervosamente no poleiro, desejando que ele se fosse embora, já que não me sentia pronta para voar por não ter para onde ir. As suas primeiras palavras deixaram-me desorientada; tentei tirar algum sentido delas.

Apareceram outros homens no carreiro, por trás de Eamonn. Talvez Finbar, ou Darragh, não se preocupassem em ser vistos a conversar solenemente com um pequeno pássaro cinzento como se ele os compreendesse. Mas Eamonn era demasiado cioso da sua dignidade para ser apanhado numa tal tolice.

— Adeus — murmurou ele. — Cuida-te, minha querida. Não quero que te aconteça mal nenhum. — Então, continuou pelo carreiro abaixo e os outros atrás dele.

Ele sabia, portanto. Sabia da missão especial dessa noite e do terrível risco que seria corrido, naquela noite, por cinco homens, para se assegurarem de que os Bretões ficariam em desvantagem antes mesmo de a frota aliada tocar nas praias das Ilhas. Ele sabia e planeava atacar quando o Chefe estivesse mais vulnerável. Mas, como tivera conhecimento do segredo? Por que me agradecera por essa informação? Eu não lhe dissera nada. Não falara a ninguém do que sabia; a ninguém, exceto...exceto à minha avó. Subitamente, lembrei-me de lhe ter falado naquela missão específica, porque fora necessário convencê-la de que continuava a seguir as suas ordens. E ela conseguira, de algum modo, fazer com que Eamonn soubesse; fizera-o de modo a que ele pensasse que a informação provinha de mim. Devia ser coisa fácil; uma espécie de mensagem disfarçada; um sussurro na noite, quase como num sonho. Uma garantia, dissera ela. Teria de lhe dar uma garantia. E quando eu não lha dei, ela arranjou uma. Não confiava em mim; provavelmente, nunca confiara. O meu coração batia com toda a força e eu sentia o corpo gelado. Tinha de me aquecer. Tinha pouco tempo, o dia passava rapidamente e eu não sabia a que horas sairia o pequeno barco com os nadadores para alcançarem a frota bretã

nem a que horas regressaria. Tinha de lhes dizer que havia um traidor entre eles, que punha o seu desejo de vingança à frente da grande campanha. Mas como? Como era possível dizer-lhes? Eu era uma pomba; não podia falar e não me podia, ainda, transformar de novo em rapariga. Seria a batalha do dia seguinte que decidiria o fim das coisas; e para estar presente precisava de manter a minha forma atual, de maneira a poder voar para os seguir, e ser muito forte. Se me transformasse, o tio Sean recambiar-me-ia para Erin, por mais que lhe dissesse a verdade. Se isso acontecesse, não poderia fazer o que tinha de fazer, que era impedir que Lady Oonagh levasse a cabo a sua obra de destruição. Essa era a minha tarefa e só eu a podia levar a cabo. E, a longo prazo, isso era mais importante do que tudo o resto.

Como poderia avisá-los? Não sabia quais eram as intenções de Eamonn. Ele não iria com o grupo. Imagino o que o Chefe diria disso. Qual era o plano dele? Talvez o pudesse seguir e conseguisse ouvir algo. No entanto, seria o mesmo que nada, porque não poderia falar nem usar a mente. E só havia dois homens que sabiam da minha identidade, à exceção do próprio Eamonn. Finbar e Darragh. E também não me podia aproximar deles; não atrairia para eles o interesse da minha avó, porque seria colocá-los em grande risco e colocar nas mãos dela uma grande arma contra mim.

Voei de volta ao grande acampamento, frustrada por não poder regressar à minha forma natural. Empoleirei-me numa árvore; num cabo de tenda; num poste. Os homens trabalhavam em silêncio ou descansavam, preparando-se para um longo esforço sem dormir. Ouviam-se orações, de uma fé ou de outra. Sean conversava com Eamonn e com os chefes de guerra dos Uí Néill e olhava para os mapas. As feições pálidas de Eamonn estavam calmas e sérias; os seus olhos não revelavam qualquer sinal de loucura. Era como outro chefe de guerra qualquer, que planeia um saque com os seus aliados de sempre: parecia, numa palavra, digno de confiança. Johnny dedicava-se a outras ocupações. Vi-o deixar a área das tendas com mais três homens, os que o seguiriam nessa noite; Sigurd, Gareth e Darragh. Afastaram-se em silêncio, talvez para um

ensaio final para a arriscada manobra noturna. Algum tempo depois, descobri o Chefe na enseada com Snake e Gull a seu lado, examinando o pequeno barco de velas escuras; eles tinham velejado de um ilhéu para outro, em Inis Eala, manobrando como se aquela pequena embarcação fosse uma ave marinha. Voei sobre a espuma das pequenas ondas para aterrar, o melhor que pude, na proa do barco; mas, uma vez lá, não consegui pensar numa maneira de lhes fazer passar qualquer mensagem. Uma pomba não podia desenhar na areia, ou lançar os coelbrens, pressagiando um desastre. Uma pomba só podia abrir as asas ansiosamente e emitir pequenos e preocupados pios.

— O pássaro parece perturbado — observou Snake com um meio sorriso enquanto ajustava um cabo. — Anda para aqui como uma galinha que sabe que vai para a panela.

— Veio desde o Ulster num dos barcos, segundo ouvi — disse Gull. — Talvez seja um presságio.

— Um bom presságio, espero — disse Snake. — A criatura está bastante agitada; até parece que nos quer dizer qualquer coisa. Estes pássaros não são bastante tímidos?

— Nós não precisamos de boa sorte, nem de presságios. — As feições tatuadas do Chefe estavam solenes e os seus olhos cinzentos, iguais aos do filho, estavam límpidos e cheios de intenção. A luz do Sol brilhava-lhe na face não tatuada e, por um momento, até podia ser Johnny, ali, de pé. — Capacidade, planejamento e uma boa preparação são garantias de sucesso, como sempre foram em missões anteriores. Deixai o pássaro; talvez esteja perdido, talvez tenha sido afastado da rota pelo vento. Nós só precisamos da nossa força, não precisamos de bons ou maus presságios. Mas — disse ele, olhando de novo para mim. Mas não continuou e eu percebi que não tinha maneira de lhes dizer o que sabia. Então, subitamente, Gareth apareceu, descendo pelo carreiro, com uma expressão tensa nas feições amáveis e pálidas. O Chefe, que ajustava os cabos, endireitou-se lentamente.

— Então? — perguntou ele. O que é que se passa?

— Sigurd adoeceu. Disenteria; apareceu de repente. Não vai ser capaz de nadar.

A boca dura do Chefe cerrou-se ainda mais.

— Gull? Não lhe podes dar nada? Tens alguma poção para isto?

— É muito grave? — Gull já parara de fazer o que estava a fazer, pronto para correr para o acampamento, as suas escuras feições franzidas de preocupação.

— Muito. Vomita como se tivesse ingerido um veneno qualquer. Terias de fazer um milagre para conseguires pô-lo bom a tempo.

Senti um nó no estômago. Veneno. Só havia cinco nadadores e um deles era Darragh.

— E o substituto? — perguntou o Chefe calmamente. Como veterano que era, não entrou em pânico, limitando-se a avaliar a situação rápida e calmamente.

— Mikka? Não está à altura, Chefe. Magoou-se numa mão esta manhã, no treino; não vai poder usá-la hoje. Amanhã, na batalha, já deve estar bem, mas hoje não. Johnny diz que não arrisca.

Snake murmurou uma praga em voz baixa.

— Só temos inválidos, afinal de contas? — perguntou o Chefe suavemente. Ficamos descalços logo à primeira? Não acredito.

— Cormack diz que está pronto se lhe derem uma oportunidade — disse Gareth com alguma hesitação. — Ele nunca nadou uma distância tão grande, mas ele diz que consegue.

— Não me parece. — Havia um tom na voz do Chefe que não admitia réplica. — Posso arriscar a vida de um filho nesta missão, mas não a de dois. Cormack ainda é muito novo e não tem qualquer treino. Amanhã, ocupará o seu lugar entre os homens com orgulho; mas hoje, não. Temos de encontrar outro, porque temos de ser cinco, um por cada barco. Assim, só com quatro, é muito arriscado; com quatro, é uma loucura.

— Ninguém gosta de ser apanhado perto dos navios dos Bretões com uma máscara a tapar o rosto e um espigão na mão. Com cinco, atacamos juntos e retiramos juntos. — Gareth acenou com a cabeça, as feições rudes muito sérias.

— Johnny está a perguntar aos homens, discretamente — disse ele. Pode ser que haja um entre os Uí Néill, ou entre os homens de Lorde Eamonn.

Bran cuspiu com eficiência para o chão.

— Um dos Uí Néill, talvez; ou um dos noruegueses — disse ele. — Mas não confio em nenhum dos vestidos de verde.

Foi assim que partiram cinco homens para Sul, na escuridão, para a missão secreta, com um assassino a bordo. Foi assim que os vi partir sem poder fazer nada para os impedir. Na verdade, havia um dos homens dos Uí Néill que era um excelente nadador; os seus companheiros apoiaram-no e disseram muito bem da sua força e resistência. Tinha uns cabelos louros que lhe caíam pelas costas e um defeito físico qualquer, que fazia com que um ombro estivesse mais descaído do que o outro.

Coisa que não o impedia de nadar, disseram. Johnny testou-o naquele mar gelado, para lá da baía e declarou-se satisfeito. Mas o Chefe não estava nada satisfeito; mas não tinha outra hipótese se não aceitar o tipo. Não podiam esperar pela recuperação de Sigurd. Este estava reduzido a um destroço tremulo e suado, incapaz de guardar uma gota de água no estômago. Não estaria pronto no dia seguinte, nem no seguinte, nem no outro. E o druida dissera que tinha de ser agora.

Quanto a mim, vira aquele nadador antes. Talvez fosse um dos homens do Uí Néill. Pelo menos, usava o símbolo da serpente enroscada. Mas eu vira-o em Glencarnagh, através da greta de uma porta, num conselho secreto. Sabia que era um homem de Eamonn, um espião e um assassino.

Assim, quando partiram, não tive outra hipótese senão segui-los. Estava escuro; estava frio. O instinto de um pombo das rochas

era voar em busca de abrigo e esconder-se dos predadores noturnos. Mas eu voei para a escuridão cada vez maior com o coração a bater de terror; com medo das ondas, do escuro, do frio; dos mochos e dos outros predadores; de me perder, de voar por cima do mar até cair de exaustão. Mas tinha de ir, se bem que não pudesse fazer nada por eles. Se corresse mal, seria minha a culpa. Porque, quem mais sabia daquela missão secreta, senão eu?

Os cinco não iam sós. O ataque dependia do apoio; o pequeno barco tinha seis remadores e os nadadores iam silenciosos, sentados nos seus bancos, todos vestidos de negro e as cabeças tapadas por capuzes. Por baixo dos fatos de lã, os seus corpos tinham sido untados com gordura de ganso, de modo a protegê-los do frio. À luz do luar não se conseguia distinguir uns de outros. Cada um deles levava às costas um instrumento constituído por um longo cabo de madeira e um espigão de ferro na ponta com um gancho um palmo atrás. Cada um deles levava à cintura uma faca afiada; para um guerreiro, um ataque inesperado é sempre uma possibilidade, mesmo na missão mais meticulosamente planeada. Além disso, havia monstros marinhos.

A brisa era moderada; ergueram a pequena vela e o barco deslizou sobre a água com tanta rapidez e segredo como um habitante das profundezas. E eu segui-o, amaldiçoando a forma de ave que pertencia a uma criatura diurna; o instinto animal fazia vibrar cada poro do meu pequeno corpo por estar ali sozinha, de noite e incapaz de ver dois metros à minha frente. A Lua brilhava; segui a esteira de espuma deixada pela proa do barco, bem visível e os rostos pálidos dos remadores, que se inclinavam sobre os remos como um único homem. Apenas os nadadores usavam capuzes; a sua missão ia levá-los ao coração do território dos Bretões. Se fossem vistos seriam capturados, porque, tão perto da costa, estariam em inferioridade numérica. Não era preciso muita imaginação para adivinhar o que se seguiria, se Northwoods descobrisse as suas intenções. Maldito Darragh. Por que aparecera ele em Inis Eala? O rapaz era tão estúpido que não percebia que não se podia comparar com aqueles guerreiros temíveis, já que não

passava de um nômade? Não percebia que podia estar morto na manhã seguinte?

Sentia-me cada vez mais cansada. A noite estava muito fria: o abraço gelado do oceano parecia cada vez mais perto à medida que eu continuava, persistentemente, a voar. Não podia aterrar no barco. Darragh ver-me-ia. E ele já tinha bastante com que se preocupar. E poderia a minha avó estar a ver-me, mesmo naquela ocasião? O corpo doía-me; mal conseguia mover as asas para cima e para baixo. Se caísse estaria perdida para sempre. Tinha de continuar. Eu não era uma pomba, no fim de contas, era a filha de um feiticeiro. Tinha de ser forte, como o meu pai me ensinara. A uma ordem em voz baixa de Johnny, os homens começaram a arriar a vela. O movimento dos remos mudou. À proa do barco começou a ouvir-se um rugido, como se fosse a voz de um desafio vinda do próprio oceano, uma ameaça profunda. *Quem vem lá? Aproxima-te se te atreves.*

Não muito longe à nossa frente, à luz do luar, pude, for fim, ver terra, uma ilha rochosa tão pequena e alta que o seu cume parecia perfurar o céu escuro. A água espumava na sua base, branca e traiçoeira. E havia rochas perto, as suas formas pontiagudas quase invisíveis, com exceção dos sítios onde as suas superfícies escorregadias brilhavam sob a luz fria, ou onde o mar se atirava contra elas numa cortina de espuma. Os remadores mantiveram o barco mais ou menos imóvel.

Aquela manobra era como que uma segunda natureza para eles; tantas vezes treinada que quase a podiam realizar sem pensar.

— Prontos? Chegou a hora. — A voz de Johnny era calma. — Remai com força para a Needle; lembrai-vos do que vos disseram acerca da corrente. Não deixeis que os recifes vos puxem. Isto não é um treino, rapazes; só temos uma hipótese. A Worm’s Mouth não perdoa. Usai a sua força para passar. Havemos de passar. Força e vontade. E que a deusa nos ajude.

Ninguém respondeu, mas os remadores agarraram-se aos remos com mais força, pareceram abraçar-se uns aos outros e

então, com uma rapidez que me fez sobressaltar o coração, mergulharam as pás na água, remaram na direção das rochas afiadas como facas que rodeavam a ilha alta e escarpada e o barco deslizou, mais rápido do que o esforço humano julgaria possível. Uma tremenda corrente agarrara-o e a embarcação desapareceu num vazio de trevas onde o único ponto de referência era a superfície líquida e espumante da água. Certamente, o mar engolira-os e cuspi-los-ia de novo num jato de madeira despedaçada e ossos partidos. Nenhum homem podia sobreviver a um caldeirão fervente daqueles. Tinham desaparecido. Eu ficara sozinha na escuridão da noite. Em tempos, tivera medo de tomar banho nas águas calmas de um pequeno lago, com medo de me afogar. Abaixo de mim, o mar fervia e rugia, Abaixo de mim, a longa extensão estendia-se até ao acampamento; sem nada para seguir, como poderia eu encontrar o rumo? Diante de mim estava aquele canal impossível; a entrada secreta para o ancoradouro dos Bretões. Não admirava que ninguém tivesse pensado antes em o utilizar. Era intransponível; a tentativa era um ato totalmente estúpido. Mas Johnny não era estúpido. O Chefe não era louco. E algures, com os dois, estava Darragh, que não estaria metido naquilo se não fosse eu.

E algures, naquelas trevas, estava um homem com uma faca no cinto e a morte na mente. Com uma oração silenciosa a Manannan, reuni as minhas forças e voei atrás deles, através do turbilhão furioso, na direção das águas abertas.

O barco estava lá, depois do estreito canal e já os homens de capuzes negros deslizavam pela amurada para o abraço gelado do mar. Havia outras ilhas maiores não muito longe, brilhando como criaturas marinhas monstruosas. Algures, numa baía abrigada, estava fundeada a frota dos Bretões. Algures, naquelas encostas cobertas de erva, o acampamento fortificado de Northwoods abrigava um forte contingente de guerreiros habituados à guerra. Haveria arqueiros nas torres; guardas nos perímetros. Aqueles nadadores iam, agora, aventurar-se no coração do território proibido. Eu não podia segui-los; só serviria para chamar a atenção

para eles. Além disso, estava cansada, não conseguiria ir mais longe. Relutantemente, flutuei e aterrei na ré do barco.

Os remadores estavam sentados, quietos. Continuavam a manter o barco mais ou menos imóvel na água.

— Tu outra vez? — murmurou Waerfrith, que era o remador mais próximo de mim.

— O que é? — murmurou Godric.

— O amigo do druida — disse Waerfrith. — O amigo do latoeiro. Continua conosco. É um bom presságio. É bom.

— Eles vão precisar de todos os presságios que conseguirem — observou mais alguém.

— Está a chegar a hora. Ir lá, fazer o trabalho, sair, fazer o sinal de madrugada, trazer a frota. Não há grande margem para erro.

— Johnny não comete erros. — O tom de Godric era de confiança, se bem que ele mantivesse o tom de voz num sussurro. — Eles regressam a horas. Vai ser um golpe triplo em Northwoods; primeiro a frota, segundo o ataque deste lado contra todas as expectativas. Terceiro, o ataque dos noruegueses. Não vão estar à espera.

— Só o Chefe para conseguir o apoio de Hakon disse Waerfrith. Só demonstra que os favores dão jeito, por vezes.

— Ehhh — disse alguém, e eles calaram-se.

O tempo passou. A noite de Primavera estava muito fria; ericei as penas, mas o vento continuava forte. Os jovens guerreiros esperavam sem se queixar. Aquelas privações faziam parte do seu longo treino, da disciplina integral do seu modo de vida. Eu sabia bem o que era aquilo, ao recordar o Inverno em Favo de Mel. O frio aumentou. Pensei naqueles homens, dentro de água. Entre as garras geladas do oceano, a guarda vigilante de Northwoods e o traidor. As suas hipóteses pareciam ser bem pequenas. Se o traidor atacasse o Chefe morreria e a minha tia Liadan perderia o homem a quem chamava amante, marido e alma gêmea. Seria ela a suportar

o fardo da terrível vingança de Eamonn. Talvez fosse essa a sua verdadeira intenção, no fim de contas; puni-la por tê-lo preterido. E eu ajudara-o. Esperei, a tremer, enquanto a noite ia passando. Não haveria descanso para aqueles homens. Quando chegasse a madrugada a frota dos Irlandeses chegaria e invadiriam as Ilhas com os outros com arcos e flechas, clavas, machados e espadas, até que os Bretões lhes caíssem aos joelhos, rendidos, ou passados a fio de espada. Ia ser uma longa noite, mas o dia seria ainda mas longo.

Por fim, o luar desvaneceu-se e o céu começou a clarear, passando ao cinzento que anunciava a madrugada. Aqueles homens não tinham qualquer dúvida. Johnny era o seu líder e o Filho da Profecia. E todos estavam a par da reputação do Chefe. Ele nunca falhara uma missão, por mais difícil que fosse. Regressariam. Tinham de regressar. Por isso, ninguém disse: Onde estão eles, ou, Está a fazer-se tarde. Na verdade, ninguém disse uma palavra, mas à medida que a superfície do mar mudava, passando de uma cor escura como a tinta para um verde-profundo e as gaivotas começavam a andar em círculos em redor do barco, eu via as expressões severas dos homens e os seus maxilares cerrados, e fiquei alarmada. Quem melhor do que eu sabia o que teria atrasado os nadadores? Sempre empoleirada na popa do barco, tremendo de medo e de frio, vi as silhuetas das ilhas maiores tornarem-se lentamente mais claras à medida que o céu ia ficando cada vez mais vivo e duvidei se teria forças para voar até onde devia.

Talvez a minha visão de pássaro fosse realmente apurada, mas fui a primeira a vê-los, não mais do que alguns pontos na água, dirigindo-se para nós na crista e na vau das grandes vagas. Abri as minhas pequenas asas, desloquei-me ao longo da amurada do barco e tentei chamar a atenção dos homens, mas a voz de um pombo não foi feita para grandes alarmes, para chamamentos à ação. Mas os homens depressa avistaram os nadadores e meteram os remos na água para aproximar o barco, porque o regresso já era tardio; tinham de regressar ao ponto onde estariam visíveis para a frota que esperava, erguendo o sinal para o avanço; a bandeira vermelha. Se se demorassem, e Northwoods se apercebesse do

que estava a acontecer, dar-lhe-iam a oportunidade de montar uma sólida defesa, com navios ou sem navios. E isso não fazia parte do plano.

— Só vêm três — murmurou Godric quando a embarcação se aproximou. — Três... não, quatro... mas... Falta qualquer coisa — disse Waerfrith e fez sinal para que imobilizassem o barco. Os nadadores já estavam perto; eu conseguia ouvir as suas respirações apressadas e ver os seus olhos sombrios através dos buracos dos capuzes. E podia ver, também, que dos quatro homens, um deles vinha a boiar, seguro apenas pelo abraço de outro em redor do peito; e podia ver a ligadura vermelha de sangue, brilhante como uma papoila na superfície escura da água.

— Rápido disse uma voz. Ele está ferido. Puxai-o para bordo.

Era Gareth, que nadava ao lado do homem e que tentava erguê-lo para que Godric e Waerfrith o puxassem para bordo. A silhueta vestida de negro ficou estatelada entre os bancos dos remadores; Waerfrith puxou a máscara com dedos cuidadosos para revelar as feições brancas como a cal e o cabelo louro do homem de Eamonn. A luz da madrugada brincava nos seus olhos esbugalhados, nos lábios sem sangue e no metal do punhal que estava profundamente enterrado no seu peito.

— Este homem não está ferido, está morto — disse Godric, rolando o cadáver e colocando-o no fundo do barco, fora do caminho. — Puxai os restantes, depressa; já é quase dia.

Primeiro entrou Gareth, sinistramente silencioso. Em seguida um homem alto e magro. Murmurei uma oração de graças à deusa, se bem que tivesse algumas dúvidas de que ela tivesse preservado a vida de Darragh. Finalmente, o último homem, mais pequeno, bem constituído. Todos eles tiraram os capuzes. Godric passou-lhes um frasco de metal e todos eles beberam, tossiram e estremeceram. O silêncio era palpável.

— Onde está Johnny? — disse alguém finalmente, fazendo a pergunta que ninguém se atrevia a fazer.

— Perdemo-lo — disse Gareth pesadamente, levando novamente o frasco à boca e limpando os lábios com as costas da mão.

— Perdeste-lo? Que queres dizer com isso, perdeste-lo? Não pode ser.

O tom de Godric era de incredulidade.

Gareth olhou de relance para o Chefe que estava sentado a seu lado, silencioso.

— Afogado — disse ele. — Não sabemos o que aconteceu. A missão foi cumprida: cada um de nós fez um rombo num navio, como planeado. Mas quando nos juntamos para voltarmos para trás só éramos três. Procuramos, se bem que não tivéssemos tempo e nos arriscássemos a ser descobertos. Encontramos Felim a flutuar com uma faca no peito; mas nem sinal de Johnny.

O meu coração gelou; a luta terminara. Ela ganhara. A minha avó ganhara quase por acidente, antes, sequer, de eu me poder erguer contra ela. Não conseguira a vitória por meio de inteligência, ou sub-repticiamente, ou do uso da magia. Triunfara porque o assassino de Eamonn cometera um erro; confundira os homens na escuridão. Durante quanto tempo os dois homens teriam lutado na água antes de um vencer o outro, espetando-lhe o punhal no peito, fazendo-o esvair-se em sangue, e o primeiro ficar à deriva, talvez estrangulado, talvez afogado, talvez ele próprio vítima, também, de uma facada?

— Temos de ir. — O Chefe falou de novo de voz constrangida, como se estivesse a fazer um grande esforço para falar. — Os navios estão à espera. Não podemos protelar o ataque, ou o elemento de surpresa desaparecerá.

— Mas, Chefe! — O tom de Godric era de completo ultraje. — Não podemos deixá-lo ali!

Bran olhou para ele friamente.

— Está morto — disse ele e, apesar dos seus esforços, a sua voz tremeu. — Acredita, nós procuramos; procuramos até ao último momento possível. Afogou-se e foi levado pela maré. Houve aqui uma traição qualquer: mas parece que a única testemunha foi silenciada. Ele olhou para o homem morto estendido a seus pés.

— Como é que podemos ir sem Johnny? — perguntou um dos homens incrédulo. — Como é que podemos vencer a batalha sem o Filho da Profecia?

Houve um silêncio.

— Esta é a faca de Johnny — disse Waerfrith, olhando para o morto. — Era capaz de a reconhecer fosse onde fosse. Aposto que sei o que aconteceu. Estão a ver? A bainha da faca dele está vazia.

— A verdade descobrir-se-á; o culpado será punido. — O tom de voz do Chefe estava, de novo, sob controlo; era, de novo, o tom de voz de um veterano de guerra. — Por agora, temos de tomar uma decisão rápida. Içai a vela; seja qual for a escolha, temos de nos afastar rapidamente. Não podemos ficar aqui à espera de um milagre.

Por um momento pensei que os homens não lhe iam obedecer. Olharam para as águas vazias os rostos pálidos do choque. Não era apenas a perda do líder, era também a perda das suas vidas. No entanto, continuavam a ser profissionais. A vela foi erguida, os remos entraram na água e o barco começou, rapidamente, a afastar-se de terra.

— Nunca teria trazido este tipo para bordo se não fosse Darragh — disse Gareth. — Foi ele que o rebocou. Pensou que talvez ainda tivesse uma hipótese.

— Mais valia não se ter dado ao trabalho — resmungou Waerfrith. — O homem está morto e bem morto. Os Uí Néill vão ter de responder a uma pergunta ou duas antes de o dia acabar.

Darragh, por seu lado, estava silencioso. Talvez estivesse exausto, ou talvez estivesse chocado por aquela primeira visão de traição e morte. Permaneci por trás dele, fora do seu campo de

visão. O nosso pequeno barco deslizou através das vagas, rápido como uma gaivota e em breve surgiu a ordem para acenar e esperar.

— É este o ponto — disse Waerfrith. — Daqui podemos ser vistos pelo navio da frente; temos de dar o sinal. Vermelho para avançar; branco para adiar para outro dia. — Seguiu-se um silêncio.

— A frota foi afundada. A missão foi cumprida. Temos de erguer a bandeira vermelha — disse Gareth. Pensei ver lágrimas nas suas faces rudes.

— Como é possível fazermos isso? — cortou-lhe Godric a fala com a voz a tremer de raiva. — O nosso líder está morto. O Filho da Profecia morreu. Não admira que o druida não quisesse dizer-nos o resultado da adivinhação. Não podemos ganhar esta batalha sem Johnny.

— Ele tem razão — disse Waerfrith pesadamente. — A profecia é clara. Ide sem ele e sereis todos chacinados. Tudo depende de Johnny. Sem a sua liderança não pode haver vitória.

— A mim, parece-me — todos se viraram para Darragh quando ele falou calmamente — que podemos muito bem continuar. Temos navios ótimos, ótimos homens e aliados fortes a apoiar-nos. E afundamos a frota dos Bretões, o que faz com que partam para a batalha em desvantagem. E há algo ainda mais importante. Que quereria Johnny que fizéssemos? Quereria que os seus homens retirassem com medo de falharem, ou que mostrassem a sua coragem e lutassem pelo que ele ansiava? — O nômade fez uma pausa. — Eu sei que não sou nenhum guerreiro, mas parece-me que é uma questão de bom senso.

Oh, não, pensei. *Não é bom senso, é coragem louca. Vais morrer; vão morrer todos. Para casa. Salvai-vos, ao menos, já que parece que não se pode salvar mais nada.*

Mas Gareth olhou para Darragh surpreendido e acenou com a cabeça; Waerfrith coçou o queixo. Godric continuava hostil; era a dor, talvez, que lhe alimentava a ira.

— Não temos líder disse ele sinistramente. Como podemos erguer a bandeira para mandar avançar as forças dos aliados quando eles perderam a razão para continuar? A campanha seria uma mentira.

— Eu comando. — O Chefe falou muito calmamente, mas a sua voz era metálica.

— Tu, meu senhor? — Godric ergueu as sobrancelhas. — Podes ser um grande campeão, mas continuas a ser um bretão. Não juraste que te manterias à parte desta confrontação em nome das tuas tréguas com Northwoods? Como podes comandar-nos?

Bran virou os seus frios olhos cinzentos para o jovem guerreiro.

— O meu filho morreu — disse ele. — Passo eu a comandar.

Godric caiu em silêncio. Gareth respirou fundo e encolheu os ombros.

— Muito bem, homens — disse ele firmemente com as marcas das lágrimas ainda frescas nas suas feições amáveis. — Vamos fazer isto por Johnny. Se ele não pode pegar hoje na espada, usaremos as nossas para o honrar. Se ele não pode cumprir a profecia, nós podemos, pelo menos, assegurar que os homens de Erin não morrem sem uma boa luta. Mas pode ser que triunfemos.

Ele olhou de relance para o Chefe.

— Bem falado, rapaz. — Bran olhou em frente na direção da terceira ilha, para aquele alto e hirto pináculo de rocha, cuja base traiçoeira escondia o canal secreto, a Worm’s Mouth.

— Iça a bandeira vermelha — ordenou ele. — Esta é a madrugada na nossa grande aventura. Dormiremos, esta noite, o sono da vitória; ou o longo e sombrio sono da morte.

CAPÍTULO QUINZE

Foi uma visão de gelar o sangue; uma visão das velhas histórias. Os guerreiros içaram o pano vermelho no mastro e ao mesmo tempo que os primeiros raios de Sol se espalhavam pela água, iluminando a alta torre rochosa da Needle, a frota de Sevenwaters emergia do canal impossível; três grandes navios navegando com grande maestria contra o terrível turbilhão, as proas altas e orgulhosas na madrugada; e depois deles os barcos mais pequenos, os curraghs, de armação de vime e alcatroados, pequenos e simples barcos de pesca, cada um com o seu contingente de guerreiros. Assim que se viram livres das perigosas correntes provocadas pelo turbilhão, os barcos separaram-se. Um dos navios vickings rumou à ilha mais pequena com dois barcos mais pequenos na sua esteira, enquanto a maior parte da frota rumava à maior massa de terra, onde os navios dos Bretões estavam, agora, afundados; onde jazia o corpo do meu primo, algures, nos braços de Manannan mac Lir. O nosso curragh virou e seguiu-os. De um local escondido à proa Godric e Waerfrith tiraram as nossas armas, espadas e punhais, machados, facas e elmos; todos os homens tinham de estar preparados para desempenhar o seu papel, mesmo aqueles que tinham passado a noite na água. Não havia roupas secas para eles; um homem não podia combater se estivesse enregelado: Olhei para Darragh enquanto ele colocava por cima dos cabelos escuros um elmo e afivelava um cinto com uma espada, em seguida abri as asas e voei, porque uma batalha não é lugar para uma mulher, nem sequer para um pássaro mais pequeno do que o punho fechado de um homem.

Reuni todas as minhas forças e voei para a Greater Island sem querer saber de águias, açores ou predadores humanos, porque me parecia que aquela batalha estava para além do medo, para além da dor e que o corajoso estandarte de Sevenwaters devia ser içado, apesar de a aventura estar perdida antes mesmo de começar. Se o Filho da Profecia morrera, o grande objetivo dos Fair Folk não poderia ser conseguido. As Ilhas estariam perdidas; os velhos

costumes seriam esquecidos. Uma profecia era uma profecia. Os homens morreriam e enquanto isso Lady Oonagh rir-se-ia, rir-se-ia, ao mesmo tempo que o sangue daqueles jovens guerreiros se derramaria em vão. Mas eu não acreditava que ela vencesse com essa facilidade. No entanto, devia acreditar. Devido à minha imprudência, fizera com que ela vencesse.

Mas não podia ser. Não podia ser. Certamente não fora tudo em vão? As velhas histórias falam de grandes batalhas: dos feitos de heróis como Cu Chulainn; dos atos heróicos de Fionn mac Cumhaill e do seu bando de foras-da-lei. Todas elas falam de força e coragem, de triunfo e recompensa. Falam de inimigos desbaratados. Mas não falam do que eu vi naquele dia enquanto voava através das colinas cobertas de erva da Greater Island. Vi a luz do empenhamento nos olhos de um jovem guerreiro transformar-se em terror um instante antes de o machado do adversário lhe arrancar a cabeça dos ombros. Vi Snake, um guerreiro experimentado sem igual, chorar sobre o corpo do jovem Mikka estendido no chão num mar de sangue, com o sangue a sair em golfadas do seu próprio braço ferido; ouvi o jovem chamar pela mãe com a voz de uma criança subitamente acordada por um pesadelo.

O rosto de Snake estava atormentado e velho enquanto murmurava:

— Descansa, filho; lutaste com grande coragem e usou a sua faca para garantir a Mikka a dádiva de um sono sem sonhos. A rapidez daquilo fez-me parar o coração.

Nenhuma história pode descrever o olhar de um homem, quando ele se ergue depois de um ato daqueles e regressa à peleja com a lâmina ensangüentada na mão. Quanto aos homens de Johnny, brandiam as armas como Bran de Harrowfield; como se não se importassem de morrer. Uma tal força é terrível e os Bretões recuaram perante a luz sobrenatural dos olhos daqueles guerreiros.

Perdi Darragh de vista. Ele estava algures, no meio de tudo, mas as túnicas dos exércitos oponentes estavam cheias de lama e de sangue, e a confusão era geral. As forças de Sevenwaters

tinham conquistado o ancoradouro e a enseada ocidental; ali, era possível ver Gull a dar ordens rápidas; ali, as silhuetas dos mortos e dos estropiados eram estendidas nos abrigos que era possível arranjar. Nem todos puderam ser evacuados para ali. Havia muitos chacinados; de tarde, parecia que cada ondulação de terreno estava juncada de corpos de bretões e irlandeses e a água em redor da ilha estava vermelha do sangue dos dois velhos inimigos. Por entre os feridos andavam o arquidruida e o seu irmão, o homem com a asa de cisne. Talvez só pudessem murmurar uma palavra ou duas de conforto; talvez só pudessem pegar na mão de um homem enquanto ele gritava e se contorcia no chão, já para além de qualquer ajuda cirúrgica ou curandeira, aguardando que a deusa tivesse misericórdia e lhe concedesse o descanso final. Eu ficara chocada com o que Snake fizera, mas agora compreendia que fora um ato de misericórdia.

O dia passou e o crepúsculo estava a chegar. Falara-se de vitória antes de a noite cair. Mas era claro que não havia vitória alguma, pelo menos por enquanto. Os Bretões estavam bem armados e apesar do elemento surpresa, tinham-se reunido e formado uma defesa ordeira e disciplinada. No ponto mais alto da Greater Island havia um forte e foi para lá que retiraram quando o dia chegou ao fim. Por trás, tinha íngremes falésias que davam diretamente para o mar; o lado de terra estava protegido por um grande fosso, ao longo do qual corria um alto talude de terra, que protegia as casas, o depósito de armas e os armazéns de provisões. No centro estava uma poderosa torre de pedra, redonda e alta. Naquele lugar era possível resistir durante muito tempo. Mas não eternamente. Os Uí Néill já deviam ter conquistado os aquartelamentos da Little Island, porque eram superiores às forças bretãs ali instaladas. Talvez Sean de Sevenwaters só precisasse de esperar. Quando a noite caiu o exército retirou para o seu ponto de encontro. Uma estranha calma espalhou-se à medida que a luz ia desaparecendo; uma espécie de compreensão, como se cada lado reconhecesse as perdas do outro. Na verdade, em algumas bolsas de terreno, onde os mortos jaziam como brinquedos abandonados, podiam ser vistos pequenos grupos de homens com lanternas, inclinando-se para reunir os seus, e se um guerreiro grisalho de

Northwoods olhava e via um cara pálida do Ulster não muito longe fazendo a mesma coisa, desviava o olhar e continuava com o que estava a fazer. Apesar daquela paz enganadora, era sabido que na madrugada seguinte ambos os lados voltariam a pegar nas armas, avançando de novo e recomeçando a matança.

Nessa noite voei por cima dos dois campos e aprendi que um bretão e um irlandês derramam o mesmo sangue e sentem a mesma dor. O dia mostrara-me que a guerra traz ao de cima tudo o que há de mais bravo num homem. Ela deixa que a sua coragem brilhe. Em tempos de conflito, um homem simples pode tornar-se num herói. Mas há um vencido em todas as batalhas e esse vencido pode ser, também, um homem de grande bravura e resistência, valor e grandeza de coração. As histórias não falam de sangue e sacrifício; de angústia e perda. Junto da linha de costa havia pequenas fogueiras e em redor de cada uma estavam reunidos homens silenciosos, procurando no calor do fogo uma lembrança do lar e dos entes queridos tão longe. Tinham tido um dia bom, mas as perdas eram terríveis e nenhuma delas era pior do que a perda daquele que representava o triunfo certo; o Filho da Profecia. Ninguém o dizia, mas eu achava que todos eles o sabiam nos seus corações; sem Johnny, a vitória não seria verdadeira. Mas continuavam: por Sean, por Sevenwaters, pelo seu comandante na batalha, fosse ele Bran de Harrowfield, estranhamente presente entre eles e pegando em armas contra o seu próprio povo, ou os nobres chefes de guerra do Uí Néill. Estavam sentados tranquilamente em redor das fogueiras, olhando para o fogo. Não muito longe, abrigados em tendas improvisadas, os feridos jaziam e morriam. Alguns já estavam amortalhados para serem enterrados; se a batalha terminasse em breve, talvez pudessem ser levados para casa e pudessem ser sepultados com as lágrimas das mães, ou um lamento das namoradas, ou esposas. Entre os caídos estavam três dos bravos jovens guerreiros de Johnny. Mikka, que fora ajudado na agonia pela faca misericordiosa de Snake. A seu lado jaziam os dois amigos Waerfrith e Godric. Os homens contaram uma história que me fez chorar o coração: Waerfrith fora ferido com uma ferida na barriga e Godric carregara-o desde o cume e através do mais aceso da batalha. Quando estavam quase a chegar à

enseada e à segurança, um guerreiro bretão avançou em ar de desafio. Agüentando o amigo inconsciente, Godric estava demasiado lento para se mover, demasiado carregado para fugir; e não queria pousar o ferido para se salvar.

A espada do bretão apanhou-o no peito; e enquanto jazia ferido, viveu o suficiente para ver o inimigo enterrar a lâmina com eficiência no pescoço do homem que transportava. Assim, morreram juntos; seriam, para sempre, jovens, risonhos e terríveis. Naquele dia morreram os dois, além de muitos mais. No dia seguinte poderia calhar a vez a Gareth, ou a Corentin. Poderia calhar a Darragh. Tinham sido chacinadas, por causa daquelas ilhas, gerações de homens; os irmãos de Finbar e de Conor, os irmãos do seu pai, que, curiosamente, foi, também, meu avô. Eram a minha gente; mas os outros também, porque a minha linhagem era tanto de Harrowfield como de Sevenwaters, e os de Harrowfield eram parentes dos de Northwoods. Voei através da noite, sem prestar atenção ao perigo e pousei na muralha da fortaleza bretã. E ali, não muito longe, estava pousada uma grande ave de olhos fixos em mim, brilhantes e terríveis.

Descobri que já não tinha medo de Fiacha. O medo pareceu-me, subitamente, uma perda de tempo. A minha avó vencera; eu já não podia fazer nada. Só me restava ver, chorar e esperar que Lady Oonagh não aparecesse para gozar a vista, agora que a vitória final lhe pertencia. Assim, fiquei ali junto do corvo na muralha, olhando para o acampamento de Northwoods. Ouvi-os falar; vi-os chorar. Havia muitos mortos e ainda mais feridos. E tinha outro problema. Naquele posto avançado, há muito considerado seguro, alguns tinham as mulheres e os filhos, uma autêntica pequena aldeia. Agora, os seus líderes, de feições preocupadas, juntavam-se em redor do fogo para debater uma terrível escolha. Se os selvagens de Erin vencessem, se conseguissem penetrar na fortaleza, que aconteceria às mulheres? Chegaria a ocasião, talvez no dia seguinte, em que teriam de decidir se passariam a fio de espada as próprias mulheres, ou se as deixariam à mercê do invasor. O melhor seria, talvez, armá-las e esperar que tivessem a coragem de enterrar um punhal no próprio peito, ou no dos filhos, antes de

caírem vítimas do horror da violação, ou da brutalidade da tortura e da escravidão. Falavam dos homens do meu tio como se fossem monstros. Pensei naqueles jovens guerreiros, Johnny e os seus companheiros.

Pensei no amável Sean de Sevenwaters, no amável e risonho Gull e no Chefe, talvez um homem duro, mas, ao mesmo tempo, leal. Aquilo estava tudo errado; aquela longa guerra gerara um terror baseado na ignorância e na falta de compreensão.

Aqueles bretões de rostos severos não compreendiam que tudo o que Sevenwaters queria era que as Ilhas fossem deixadas em paz? Nenhum deles compreendia a razão de tudo aquilo?

Teria voado para longe, tentando encontrar um local qualquer abrigado para fazer uma vigília até chegar a madrugada raiada de sangue, mas o olhar de Fiacha era intenso. Algo nele me mantinha onde estava, olhando para Edwin de Northwoods, para um jovem de ombros largos que parecia ser o seu filho e mais quatro ou cinco.

Um era um padre cristão, tonsurado, de hábito religioso e uma cruz ao peito. Outro era idoso, de barba grisalha, de ombros caídos; demasiado velho para estar num lugar perigoso como aquele. Parecia terem chegado a uma decisão. As mulheres ficariam na torre com o Irmão Jerome. Ser-lhes-iam dadas facas. Quanto chegasse a hora escolheriam por si próprias.

— E agora vamos descansar, se pudermos — disse Edwin de Northwoods solenemente. — Amanhã continuamos a luta. Lutaremos até ao último homem. Não quero ser recordado como o cobarde que deixou fugir as ilhas. Rezai amigos, para que o Senhor não nos abandone. Rezai por um milagre.

Nesse preciso momento surgiu um clarão no ponto mais longínquo do recinto fechado, perto da torre redonda que era o seu último bastião de defesa, e um grupo de homens. Um transportava um archote; dois seguravam entre si um jovem guerreiro todo vestido de negro, um homem cuja pele se mostrava branca como a cal à luz do archote, cujo rosto estava ferido e inchado e cujos olhos brilhavam de desafio enquanto os bretões o arrastavam e levavam

diante de Edwin de Northwoods. O líder bretão olhou para o cativo; olhou fixamente para os ferozes olhos cinzentos, cuja jovem intensidade era aumentada pela tatuagem delicada na testa e nas faces, do lado esquerdo; o sinal do corvo.

— Vede o que a maré nos trouxe, meu senhor — disse um dos homens.

— Talvez — disse Edwin suavemente — seja este o nosso milagre. Com um prisioneiro destes, quem sabe se não faremos um bom negócio?; — O senhor de Northwoods virou-se para os seus capitães. — Sabeis quem é?

Ouviu-se um murmúrio de reconhecimento. Talvez não tivessem visto o homem antes, mas este parecia ser conhecido pelas descrições que se faziam dele. Johnny falou. A sua voz era suave; eu mal consegui ouvir as palavras. As suas roupas estavam encharcadas e o seu corpo hirto de frio. Perguntei a mim mesma quanto tempo estivera na água antes de o mar o atirar para as mãos do inimigo.

— Eles não negociam — disse ele. — O meu tio não comprometerá a missão por causa da minha vida, ou da minha segurança. Nós fazemos as coisas assim.

— Talvez não — disse Edwin em voz baixa. — Talvez Sean de Sevenwaters não faça as coisas assim, mas, e o teu pai?

Johnny ficou silencioso; não conseguia esconder a surpresa que lhe ia nos olhos.

— Oh sim — disse Edwin. — Ele está a lutar com eles; ele ergue a espada contra os seus. Achas que será capaz de ver morrer o filho por um princípio?

— Ele não faz acordos contigo; nem por mim, nem por ninguém.

Edwin cruzou os braços.

— Veremos isso em seu devido tempo. Creio que és capaz de ficar surpreendido.

Northwoods virou-se para os homens que o seguravam.

— Fechai-o bem durante esta noite. Montai uma guarda forte. Ele está todo molhado. Dai-lhe um cobertor.

— Ele está ferido, meu senhor — disse um deles hesitantemente. — E está a sangrar; e tem uma costela ou duas partidas. E está meio-afogado. Estou admirado por ter sobrevivido durante tanto tempo; atirado contra as rochas, ao que parece e, mesmo assim conseguiu nadar para terra. Encontrei-o por acaso.

— Ele morre esta noite?

— Não, meu senhor.

— Muito bem, então. Como já disse, dai-lhe um cobertor e fechai-o. Amanhã é outro dia.

Vi-os arrastarem o cativo; e vi como Edwin e os seus homens se afastavam para irem descansar, os rostos iluminados por uma nova esperança. Olhei para Fiacha e ele olhou para mim. Então, ele abriu as asas e voou para longe da ilha, rapidamente e a direito, rumando para sudoeste na escuridão da noite. Nunca gostara do seu modo de fazer as coisas.

Nessa noite atingi quase o pânico total. Johnny estava vivo; o Filho da Profecia sobrevivera contra todas as probabilidades. O meu coração saltava de alegria; a esperança renascia em mim. E com a esperança veio o terror. Afinal ainda não tinha acabado. Eu tinha hipótese de vencer, de fazer com que tudo desse certo. Mas, antes de tudo acabar, sabia que ela viria e eu teria de a enfrentar e teria de ser suficientemente forte. A batalha final, a única que contava, ainda não tinha acabado.

Fiacha tinha-se ido embora; os meus amigos do Outro Mundo pareciam ter desertado. Não procuraria a ajuda de Finbar. Não me revelaria a Conor, nem ao meu tio Sean. Não haveria mais vítimas espalhadas à beira do caminho. Venceria sozinha a ira da minha avó. Esperaria até que fosse dia, regressaria à minha forma e recuperaria, assim o esperava, as forças rapidamente. Porque não tinha dúvidas de que não conseguiria derrotar Lady Oonagh, a não

ser que usasse toda a magia, toda a vontade, toda a capacidade de controle que o meu pai me ensinara.

Talvez fosse a criança do fogo, mas a minha educação garantira-me que eu era uma criatura das falésias e das rochas, das grutas e dos lugares secretos e seria para esse canto selvagem da terra que me retiraria em busca de um lugar para mudar de forma. Não me esquecera da última vez e da fraqueza que se seguira à transformação. Tinha de ficar isolada, longe do campo de batalha e rezar para que as minhas forças regressassem antes de a minha avó perceber que o fim estava quase a chegar e se apressasse a testemunhar a vitória final. Então... então... não tinha a certeza do que faria, mas sabia que teria de fazer os impossíveis para mudar as coisas antes que ela tivesse conhecimento e viesse a correr para me forçar à sua vontade. Quando ela chegasse, teria de a enfrentar e esperar alguma ajuda, fosse ela humana ou do Outro Mundo. Parecia que, como nem os Fair Folk, nem os Fomhóire se mostravam, teria de fazer tudo sozinha. Tinha de esperar que, chegada a hora, tudo estivesse bem comigo. Concentração. Seria o que o meu pai me diria. Esvazia a tua mente, faz com que o teu espírito esteja receptivo. Então, encontrarás as respostas.

Havia um lugar na costa sul da Greater Island, não muito longe da fortaleza bretã, onde a terra se erguia em grandes falésias a partir do mar, hirtas e traiçoeiras. Vira lá um refúgio enquanto voava, nessa manhã. Um pouco abaixo do topo havia uma pequena plataforma, o que pressupunha reentrâncias, grutas pouco profundas, onde algumas plantas rasteiras suavizavam as paredes rochosas e o solo pedregoso permitia o espaço suficiente para que um homem, ou uma mulher, se sentasse em relativa segurança, olhando para a grande extensão de água abaixo e ao longe. Havia poucos esconderijos naquela ilha sem interesse, mas aquele era um deles e eu escolhi-o como o meu lugar de transformação precisamente por isso. Poderia recuperar ali as forças; poderia decidir ali o que fazer, quando e como. Uma coisa era certa: ninguém me podia ver na minha forma original até ao momento em que avançasse e desempenhasse o meu papel, no fim. Se agisse demasiado cedo, o meu tio Sean recambiar-me-ia para os barcos

com ordens expressas de que me mantivesse afastada. Se voltasse a ser rapariga antes de tempo, não me poderia mover com facilidade. Só tinha aquela hipótese.

Tudo dependia de Johnny. Ele estava prisioneiro; e era crucial para o resultado final.

Northwoods usa-lo-ia para conseguir uma troca e, provavelmente, fa-lo-ia de imediato, antes que se perdessem mais homens. Logo de manhã, pensei. Qual seria o acordo? A vida de Johnny em troca da retirada Irlandesa? Se fosse isso, as forças do meu tio ficavam com um grande dilema. Sabiam que não podiam vencer a batalha sem o Filho da Profecia. Sacrificá-lo era admitir a derrota e continuar a lutar significava a morte. A profecia era bastante clara. Mas eu não achava que abandonassem a luta para o salvar. Como Johnny dissera, não era o modo deles de fazerem as coisas. Vira a luz nos olhos deles enquanto carregavam para a batalha; o olhar nos rostos severos enquanto seguiam o estandarte de Sevenwaters para a refrega, gritando o nome do líder. Não tinha a certeza, mas a retirada parecia-me fora de questão.

Teria de agir cedo, nesse caso, antes que a minha avó visse, e soubesse, como era fácil vencer. O Filho da Profecia estava prisioneiro; seria simples acabar com a sua vida e com as esperanças deles mediante um rápido e espetacular ato de magia. Seria simples tomar o caminho mais fácil, permitindo que Northwoods fizesse tudo sozinho. Porque ela tinha razão; tudo se centrava em Johnny. Era melhor desfazer o feitiço já, na escuridão, naquela pequena depressão rochosa, com o mar espumando lá em baixo, batendo e recuando. Era melhor encostar-me o mais possível às paredes da falésia, não fosse o diabo tecê-las. Certamente que teria tempo; tempo para recobrar forças e encaminhar-me para o centro da ação quando chegasse a madrugada. Movimentei-me cautelosamente ao longo da estreita plataforma com os meus pequenos pés de pássaro, procurando um local onde as reentrâncias fossem maiores e fornecessem maior abrigo. Dei um passo, dois, e da escuridão saiu uma mão para me apanhar. O meu coração gelou de medo e lancei um pio estrangulado.

— Não é preciso isso. — A voz era suave; a voz que tantas vezes acalmara animais assustados. — Pronto. Pronto. Eu largo-te, se é isso que queres. Não te quis assustar. Descobriste o mesmo lugar que eu para te esconderes, não descobriste? É um lugar ótimo para se estar sozinho, ou com um amigo. Muito parecido com Kerry, com o céu e o mar, não é? Darragh — retirou a mão lentamente e sentou-se de pernas cruzadas na rocha. Não era assim tão surpreendente, de fato, que cada um de nós tivesse pensado naquele canto, que nos fazia recordar os Verões descuidados da nossa infância. Fora num refúgio como aquele que murmuramos um ao outro os nossos maiores segredos.

Eu sabia que devia ir procurar outro lugar qualquer para o meu objetivo. A última coisa que eu queria era chamar a atenção de Lady Oonagh para Darragh. Por que razão tentara afastá-lo de mim vezes sem conta? Mas não me conseguia mover. Ali, na escuridão, empoleirada no alto da falésia por cima do mar traiçoeiro, com ele a meu lado, senti-me, finalmente, segura.

— Caracóis? — disse Darragh em voz baixa. Eu não lhe podia responder, mas mantive-me imóvel nas rochas, junto dele. — Quero dizer-te uma coisa — continuou ele e eu pude ver, na escuridão, que ele torcia as mãos e franzia o sobrolho. — Vi coisas terríveis, aqui. Suponho que também viste. Coisas que nunca imaginei ver, nem nos meus piores pesadelos. E fiz coisas de que não me orgulho. Provei que era capaz de lutar; mas não me parece certo derramar o sangue de um tipo qualquer apenas porque é de uma raça diferente. — Ele olhou para as mãos. — Sempre pensei que acabaríamos por ir para casa, sabes, para Kerry, quando isto acabasse. Pensei que bastava esperar, ficar contigo e agüentar. Mas... mas isto é diferente, não é nada do que eu esperava. Amanhã vai haver mais mortes e eu vou-me juntar a eles porque é para isso que aqui estou. E tenho um pressentimento de que, desta vez, não haverá amanhã, Caracóis. Não gosto nada de te pedir isto, mas vou-to pedir de qualquer maneira, porque me parece que não tenho mais nada a perder. Se eu morrer, se for esse o meu destino, eu... eu gostaria muito de te ver uma última vez. Quer dizer, ver-te como tu és na realidade, como rapariga. Dizer-te adeus como deve ser. Há coisas

que gostaria de te dizer; coisas que só sou capaz de dizer se... mas... não, esquece. Não seria seguro para ti, é evidente. Não quero que te arrisques.

Aquilo sempre fora a minha fraqueza e a minha loucura. Tentara lutar, mas agora não conseguia resistir àquela voz gentil, hesitante, a mesma a que o pônei branco selvagem também não conseguira resistir. Desejava loucamente que ele me tocasse, desejava loucamente confortá-lo, também, com a minha voz, ficar junto dele uma vez mais, silenciosamente, como há tantos anos atrás. Ericei as penas, disse mentalmente o feitiço e transformei-me.

Ouvi a exclamação de surpresa de Darragh e senti as suas mãos agarrarem-me quando ele se pôs rapidamente de pé. Arfei e disse:

— Não digas a ninguém... não digas a ninguém onde estou... promete... — e então o seu rosto desvaneceu-se e as estrelas por cima de mim começaram a rodopiar loucamente. Caí de joelhos e desmaiei.

Entrei numa inconsciência mais profunda do que um abismo; uma escuridão desprovida de quaisquer sonhos. Só voltei a mim quando a madrugada já tocava o céu com os seus primeiros raios dourados. Abri os olhos; senti um cansaço terrível, que me percorria o corpo como se tivesse combatido numa longa batalha. Percebi que tinha a cabeça no colo de Darragh e senti a sua mão afagar-me os cabelos. Durante um longo momento não me mexi, mas depois fiz um esforço, sentei-me e a seguir levantei-me, estendendo as mãos para me agarrar às plantas quando a minha visão se enevoou e a cabeça me começou a andar à roda. Darragh pôs-se de pé num instante, as suas mãos nos meus braços, amparando-me. Que a deusa me valesse, mal me conseguia manter de pé, mal conseguia pensar, quanto mais realizar um grande feito de magia. Não poderia ser útil a ninguém naquelas condições. E já era dia.

— Eh lá... devagar... devagarinho — disse Darragh, amparando-me com um forte abraço. Ele estava carrancudo; os seus olhos escuros estavam extremamente sérios ao perscrutar-me

o rosto. — Sou louco — disse ele de modo insípido. — Não devia ter prometido. Tu estás doente, Fainne, precisas de ajuda. Deixa-me ir buscar alguém... deixa-me dizer a alguém...

— Não! — Consegui reunir forças suficientes para o impedir, a minha voz áspera devido ao terror. — Não, não vás! Eu tenho de ficar sozinha para fazer isto... — as minhas palavras saíram ao mesmo tempo que uma onda de náusea me percorria, seguida de um forte desejo de chorar. Não ia conseguir, não ia conseguir de maneira nenhuma.

Controle. Força. Eu era filha de um feiticeiro, com uma missão para cumprir.

— Fainne! — recomeçou Darragh.

— Não — disse eu, dando à minha voz, com grande esforço, um tom frio. — Não digas. Não digas nada. Vai e deixa-me só. Eu fico bem. Eu sei olhar por mim própria. E agora, vai, Darragh. Estou a ouvir vozes de homens. Tens uma batalha pela frente.

Darragh olhou para mim.

— É mesmo isso o que tu queres? Que eu vá passar uns tipos a fio de espada e que te deixe aqui sozinha, numa falésia, incapaz de te manteres de pé, a quilômetros de casa, sem ninguém que olhe por ti? É isso? Não foi o que disseste antes.

Ele tirou-me as mãos dos braços. Consegui agüentar-me agarrando-me às plantas com as duas mãos e encostando-me à rocha. Onde estavam os Fomhóire quando eu precisava tanto deles?

— Por favor, vai — disse eu em voz sumida. — Já falta pouco tempo. Fá-lo por mim. — Oh, por favor, fazei com que ele vá, antes que seja demasiado tarde.

Houve um pequeno silêncio.

— Está bem — disse ele. — Está bem. Nesse caso, adeus. — Mas não se afastou. Em vez disso, rodeou-me com os braços e abraçou-me com força, senti-lhe os dedos nos meus cabelos, o

calor do seu corpo contra o meu e, num instante, tudo mudou; porque eu desejava-o loucamente, desejava-o com toda a força do meu ser. Não podia fazer nada. Agarrei-me a ele, beijei-o e por um longo momento esqueci a minha avó, esqueci tudo, tudo, menos aquela doçura.

— Oh, Caracóis — murmurou Darragh, afagando-me o pescoço com a mão, por baixo dos cabelos. — Desculpa. Desculpa.

— Desculpa? — consegui dizer. — Por que estás a pedir desculpa?

— Queria tanto salvar-te. Fiz os possíveis. Desculpa se as coisas não aconteceram de maneira diferente para nós. Gostaria de ter sido bom para ti.

Por um momento os seus braços apertaram-me ainda mais e eu senti o seu coração bater contra o meu. Abri a boca para lhe dizer que não tinha percebido nada; eu é que não tinha sido boa e nunca poderia ser. Mas antes que pudesse dizer fosse o que fosse, ele afastou-se e eu vi o que ele tinha na mão.

A princípio não acreditei. Mas, quando percebi, foi como se me tivessem espetado uma faca no coração. Olhei e pestanejei. Levei os dedos ao pescoço e enquanto a pele se me ia arrepiando de medo, procurei dentro do vestido e soube que tinha sido traída pelo meu melhor amigo.

— Dá-me isso! — sibilei. Vi o seu rosto ficar branco e o maxilar cerrar-se. — Darragh! Dá-me isso!

Darragh não disse nada e afastou-se um pequeno passo, sempre segurando na mão o amuleto de bronze e o forte e inquebrável cordão que o segurava.

— Dá-mo! Como foste capaz? Como foste capaz de me tocar dessa maneira, dizer essas coisas, quando foi só para... Darragh, tens de me dar isso! Não sabes o que estás a fazer!

Aproximei-me e tentei tirar-lho, mas ele era demasiado rápido; além disso, era muito mais forte do que eu. Sempre fora.

— É melhor assim — disse ele.

— Como podes dizer isso? Tu não sabes nada! Não percebes nada! Oh, depressa, depressa, dá-me isso! Vais fazer com que sejamos os dois amaldiçoados!

Mas Darragh ficou ali, teimoso, com as mãos atrás das costas, olhando para mim com uns olhos que pareciam cheios de tristeza.

— Estás enganada, Caracóis. Todos dizem a mesma coisa. Lorde Sean, Lady Liadan, Johnny, e até o Chefe. Esta coisa é maldita. Está a pôr-te louca; está a fazer com que fiques louca. É por isso...

— É por isso o quê? — disse eu, perturbada pela possibilidade de uma conspiração disparatada qualquer me impedir de os salvar a todos. São todos loucos e o tempo foge. Não compreendes? Assim que o tirar ela sabe imediatamente, vem à minha procura e eu ainda não tenho forças para... oh, por favor...

Por cima de nós, as nuvens começavam a formar-se, estranhas, encasteladas, cinzento-escuras, espessas como um capote de lã e trazendo com elas um vento frio.

Por cima de nós, as gaivotas gritavam numa espécie de aviso. Pensei ouvir a voz familiar, se bem que ainda distante, uma voz que gelava o coração. *Fainne. Fainne, onde estás?*

Ela estava a chegar. Já estava a chegar, trazendo consigo o vento e as nuvens. Estava a chegar e ia matar e estropiar até que eu me dobrasse à sua vontade. Formulei mentalmente as palavras de um feitiço para forçar Darragh a ir-se embora; para fazer com que a sua mão largasse o que ele achava um tesouro. Murmurei as palavras e tentei encontrar a vontade. Mas não houve nada. A minha mente estava vazia, esgotada; e o meu espírito completamente vazio por causa da transformação. Não tinha um único fragmento de magia em mim.

Darragh ia andando de costas ao longo da saliência; obedecia às minhas ordens e ia-se embora. Não muito longe, eu conseguia ouvir vozes de homens e o tinir de metal contra metal.

— Por favor, Darragh — murmurei, usando a única arma que me restava e avançando na direção dele com a mão levantada para lhe tocar na face.

— Não — disse ele rigidamente. — Guarda esses truques para os teus chefes de guerra. Não os tentes comigo. Se não confias em mim e não me dizes o que te vai no coração, é melhor não fazeres nada. — O seu tom era feroz, quase irado; quando lhe toquei no rosto senti lágrimas nos dedos. Fiquei gelada; não me podia mexer, se bem que ouvisse a voz da feiticeira algures, sobre o oceano. *Atreves-te a desobedecer-me, pequena? Atreves-te a fazer troça de mim, finalmente?*

Abri a boca para dizer algo, qualquer coisa. Então, olhei para os olhos dele e as palavras faltaram-me. Naquele momento, vi como ele tinha mudado; como o rapaz de sorriso torcido e com o mundo todo pela frente se tornara pálido e cansado, de olhos sombrios e com olheiras, como se transportasse aos ombros uma carga de trabalhos. E vi o que ele me fizera.

— Caracóis? — disse ele muito suavemente.

Olhei para ele, esperando que ele tivesse caído em si e me devolvesse rapidamente o amuleto; que mo desse e se salvasse.

— Talvez eu tenha feito isto porque eles me pediram — disse ele. — Mas é só uma parte. Também o fiz por ti. Senti-me obrigado.

— Obrigado? — murmurei, ao mesmo tempo que o vento aumentava, soprando do mar e o ar ficava cheio de neblina salgada e gritos de aves. — Obrigado como?

Ele olhou para os meus olhos e abanou lentamente a cabeça, como se de incredulidade.

— Obrigado a defender-te. Dos que te querem fazer mal e de ti própria. Por amor, Caracóis.

E antes de eu me poder mexer, antes de o poder deter, ele ergueu o braço, atirou o amuleto e eu vi-o, brilhando à luz do Sol, ultrapassar a plataforma e cair, cair na direção do oceano

esfomeado lá em baixo. O meu coração parou de terror. No meu íntimo, ouvi uma voz dizer “Não, oh não, oh não” vezes sem conta. Enterrei o rosto nas mãos e registrei, vagamente, que a voz era a minha.

— Caracóis? — A voz de Darragh era agora mais gentil, desaparecida a ira. Não conseguia responder-lhe. Se aquilo era amor, então eu estivera certa o tempo todo; o amor não passava de confusão e dor.

— Tenho de ir — disse ele. — Tens razão, há uma batalha para travar. Não posso ficar de lado, tenho de ajudá-los; pelo menos, enquanto usar as cores de Johnny.

— Não... — comecei a dizer com as mãos estendidas, como uma cega.

— Ehhh — disse Darragh e estendeu uma mão para me afagar o cabelo, para arrumar um caracol desgarrado. — Já chega.

Então, inclinou-se para me dar um beijo na face, o tipo de beijo que um rapaz dá a uma rapariga quando ambos são muito novos e demasiado tímidos para dizer o que sentem. Fechei os olhos, mas não consegui fechar os ouvidos ao som da voz da minha avó.

— Adeus, Caracóis — disse Darragh. — Tem cuidado contigo. — Esperei pelo que ele diria a seguir, mas o silêncio manteve-se e quando voltei a abrir os olhos ele tinha desaparecido.

Como se fosse uma criança a brincar, contei lentamente até cem. Esperei até que ele desaparecesse por completo e caminhei aos trambolhões ao longo do parapeito, passei por cima das rochas e olhei para terreno aberto. No campo de batalha, ele jogaria a sua sorte juntamente com os outros. Talvez fosse um dos escolhidos e escapasse com vida. Comigo a seu lado estaria, certamente, condenado.

O céu estava cheio de nuvens escuras e a neblina salgada cobria a enseada. Os poucos arbustos rasteiros que se agarravam à paisagem escarpada inclinavam-se rendidos; aproximava-se uma

tempestade, uma tempestade cuja ferocidade tinha origem na fúria de uma feiticeira. Não havia tempo para nada. Que podia eu fazer?

Ela estava a chegar e eu não tinha armas para a batalha, nenhumas, senão o meu pobre corpo cansado e a minha mente confusa, deprimida; senão o meu espírito maculado e o meu coração traiçoeiro, que se sentia como se o tivessem dilacerado.

Fiquei a balouçar à beira da falésia enquanto o vento me chicoteava os cabelos para a frente do rosto, como se fosse uma bandeira. *Pensa, Fainne. Concentra-te.* A bandeira vermelha da vitória. Eu tinha a minha. Não usava as cores de Sevenwaters, antes as minhas, num xale tão deslumbrante quanto encantador, tão cheio de vida e prodígios quanto a própria terra. Talvez o meu espírito estivesse maculado e o meu coração dilacerado, não podendo eu voltar a ser o que era; não podendo, nunca mais, dizer o que sentia, por mais que quisesse. Mas o espírito de Darragh brilhava; o seu coração era o melhor e mais verdadeiro de todo o Erin. Enquanto usasse a sua dádiva, a sua dádiva de amor, poderia ir em frente. E tinha Riona, ainda metida no meu cinto, de vestido cor-de-rosa amarrotado e olhos escuros pensativos. Riona era como se fosse da família; recordava-me de quem eu era, realmente, filha. Muito bem, portanto. Esquecer os membros doridos, a cabeça confusa e os olhos cheios de lágrimas por derramar. Comecei a andar, seguindo o som de vozes vindo da pequena elevação acima de mim. Não valia a pena tentar esconder-me. A paisagem era quase toda igual. Assim que chegasse ao topo daquela elevação, eles ver-me-iam.

— Por aí não, estúpida.

Ouvi um bater de asas e uma pequena perturbação na estrutura das coisas. Ouvi um som de fratura na terra e um breve ribombar. Na minha frente apareceu uma pedra de tamanho médio que não estava ali antes e junto dela uma criatura parecida com um mocho, de nariz arrebitado e botas vermelhas.

— Não vás para ali — aconselhou-me a criatura-mocho. — A coragem é uma coisa muito bonita, mas precisas de ter cuidado com

ela.

— Que outra coisa posso fazer? — perguntei em voz sumida, por fim aliviada por ter chegado alguma ajuda. A feiticeira vem a caminho; sinto-o. Tenho de agir agora. E não há lugares onde me possa esconder. Que posso eu fazer senão sair daqui e dizer-lhes... dizer-lhes...

O ser-rocha tossiu solenemente e ficou silencioso. A criatura-mocho ergueu as sobrancelhas espessas.

— Dizer-lhes o quê? Que achas que eles deviam ir-se embora? Ora vamos, usa a cabeça. Usa o teu treino. Nós podemos ajudar-te. Podemos dar-te cobertura; temos talento para isso, para desaparecermos, por assim dizer. Mas a solução está nas tuas mãos, rapariga do fogo, não nas nossas. Tens de ser tu a descobrir a última peça do quebra-cabeças. O teu pai não te ensinou a procurar respostas? Esta está ao teu alcance; mas tens de a descobrir antes de Lady Oonagh, ou desapareceremos todos.

Franzi o sobrolho, exasperada.

— Isto não é um jogo estúpido qualquer! Não depende tudo disto? O futuro das Ilhas, o futuro dos Fair Folk, dos Fomhóire e dos humanos? Como é possível depender tudo de... de um enigma? Por que é que vocês não me dão a resposta, malditos sejam?

Seguiu-se um pequeno silêncio.

— Uma profecia é uma profecia — observou finalmente o ser-rocha. — É assim. Infelizmente, depende tudo de ti. Mas nós ajudamos-te no que pudermos. Mas não te podemos dizer como. Isso é com os humanos. É por isso que os Fair Folk estão na retaguarda, mesmo agora. Mortos por avançarem e fazerem alguma coisa, todos eles. Mas não podem. Como já te disse, uma profecia é uma profecia.

Pareceu-me ouvir, em redor de nós, um clamor, uns gritos, e não eram gritos de gaivotas, antes um som de raiva, alguém à procura, um som sobrenatural, que me fez ranger os dentes. *Onde estás? Não penses que me enganas. Atreve-te a desobedecer-me e*

eu destruo-te. Na última vez, ela demorara um dia inteiro a chegar. Desta vez, seria mais rápida.; ela não me podia ver sem o amuleto, mas sabia que estava perto.

Não demoraria muito.

Comecei a andar e quando me aproximei da beira da falésia olhei para uma pequena fila de arbustos de aspecto penugento que não estava lá momentos antes; uma pedra redonda que parecia ter nascido, num instante da simples encosta varrida pelo vento.

— Esconde-te — murmurou a criatura-mocho. — Esconde-te até chegar a ocasião. Só terás uma hipótese, uma única. — A criatura escondeu-se comigo nos arbustos; a rocha cheia de musgo à minha esquerda, com a sua boca parecida com uma fenda, muito perto de mim, de modo a esconder-me o mais possível.

— E Fiacha? — perguntei enquanto esticava o pescoço para olhar na direção da fortaleza bretã. — Ele também faz parte disto tudo? Ele foi-se embora e deixou-me sozinha.

— Oh sim. Essa criatura já desempenhou um papel e voltará a desempenhar outro, sem dúvida. Ele tem ligações poderosas. Mas tu pareces não gostar dele.

Tremi.

— E não gosto. Ele salvou-me a vida, creio, no vôo do Ulster para aqui. Mas nunca gostei dele.

— Por que não? — A voz do ser-rocha era agora sumida e suave.

— Porque...

E, subitamente, fiquei sem palavras. Subitamente, a última peça do quebra-cabeças entrou no seu lugar, o meu coração deu um baque parecido com o som de um sino antigo e a minha cabeça reconheceu a verdade inacreditável; a solução era tão espantosamente simples que não tinha pensado nela antes. Os meus dedos subiram para coçar um pequeno local no meu ombro, por baixo do vestido; e pensei que se tivesse tido a coragem para

tirar o amuleto antes, talvez tivesse pensado nisto, e as pessoas não teriam sofrido nem morrido. Talvez.

— Ela não sabe — disse eu hesitantemente. — A minha avó. Tenho a certeza que não sabe, ou não me teria enviado para aqui.

— Suspeita — disse a criatura-mocho. — Não isto, exatamente; mas pressente o teu poder, e procura assegurar-se de que o usas apenas para os seus fins.

— Não admira que tenha medo de mim — disse eu num murmúrio. — Mas... mas eu, agora, não tenho magia nenhuma. Nenhuma. Demora muito tempo a regressar depois de uma transformação. Dias, talvez. Como posso eu fazer alguma coisa sem a arte?

— Terás de fingir — disse o ser-rocha como quem não quer a coisa. — Os humanos são fáceis de enganar. Nós ajudamos-te, se pudermos. Faz de conta. Confunde-os com surpresas. Até os teus poderes regressarem.

— Usa o que puderes — aconselhou a criatura-mocho. — Usa o que existe, como os druidas. A magia natural do Sol e da Lua, do vento e da água, das rochas e do fogo. Extrai-lhes esse poder e canaliza-o para os teus objetivos.

— Mas... — Encolhi os ombros, exasperada, enquanto o meu coração continuava a bater desordenadamente com a descoberta que acabara de fazer; a verdade que mudava tudo. E essa revelação enchia-me de consternação e terror; ao mesmo tempo que me enchia de orgulho e esperança. As coisas terríveis que eu fizera já não importavam.

Já não importava o caminho maldito que a feiticeira preparara para mim. Já não importava a minha fraqueza. Seria a filha do meu pai.

Os aliados tinham aproveitado bem o tempo. Num breve espaço de tempo, desde a madrugada, tinham avançado através da ilha até ao perímetro da fortaleza de Northwoods, de modo que as suas forças estavam agora colocadas ao longo da parte exterior do

fosso, por baixo da muralha de terra. Ainda não tinham entrado, porque Edwin tinha um forte contingente de arqueiros postado no alto das defesas, encoberto, e toda a gente sabia da perícia dos bretões com o arco. Em vez disso, pareciam esperar algo. Por baixo de um ponto central na muralha, onde umas fortificações de pedra marcavam uma espécie de posto da guarda, os líderes dos irlandeses esperavam do outro lado do fosso. Estavam ali todos. No centro estava Sean de Sevenwaters, solene e pálido, com a sua túnica arvorando os colares interligados, simbolizando este mundo e o outro, os humanos da floresta e os seres misteriosos, cujo futuro dependia, naquele dia, da espécie humana. Também lá estava Eamonn de Glencarnagh, magnificamente vestido de verde, afastando uma madeixa de cabelo da testa enquanto semicerrava os olhos para perscrutar sinais de movimento nas fortificações. O seu rosto estava sombrio; talvez o seu sono tivesse sido visitado por pesadelos, nos quais o menor dos erros nega a um homem o seu tão desejado premio. Algo insignificante, como um pai e um filho muito parecidos um com o outro, ambos vestidos de preto e dentro de água. Presentes, também, os chefes de guerra dos Uí Néill, ricamente vestidos e armados; e Bran de Harrowfield, pálido, com Snake e Gull a seu lado, juntamente com os do bando de Johnny que tinham sobrevivido ao primeiro dia. O grande Gareth, de rosto amável; o intenso e simpático Corentin; e Darragh. E, para minha surpresa, o arquidruida Conor, muito direito e solene no seu traje branco e com o colar dourado em redor do pescoço; e a seu lado o irmão Finbar, o homem da asa de cisne. Estavam todos um pouco afastados dele, respeitavam-no, mas uma diferença daquelas tem tendência para engendrar medo, mesmo no mais duro dos homens. No entanto, Darragh não o temia. Darragh compreendia as criaturas selvagens; conhecia-as tão bem que as pessoas diziam que ele era, também, meio selvagem. Sabia como transformar, com paciência, o medo em amor.

Aquela reunião era, certamente, precursora de um grande acontecimento. Deviam ter lançado um ultimato: rendei-vos, ou destruímos a fortaleza; desisti ou pomo-vos cerco e matamos-vos à fome. E agora aguardavam a resposta. Ou talvez fosse Northwoods a lançar um ultimato, porque no topo da muralha de terra apareceu

um pequeno grupo de bretões, um com uma bandeira branca, denotando que pretendiam parlamentar. Ouviu-se um murmúrio entre os homens de Erin; um tinir de metal, um arrastar de pés.

— O meu senhor de Northwoods deseja discutir as condições — gritou um dos guerreiros bretões do outro lado do fosso, tentando fazer-se entender por cima do rugido do vento. O homem falou na língua de Erin, com um sotaque forte. A bandeira branca agitava-se furiosamente, ameaçando lançar-se no ar a qualquer momento. O rapaz que a transportava mantinha-a presa a um pau com dificuldade. — Ele tem uma proposta. Se Sean de Sevenwaters e os seus chefes de guerra avançarem até ao ponto por baixo da torre, ele também avançará. Isto no pressuposto de que não haverá qualquer ataque de ambos os lados, até que as partes com as negociações. O meu senhor está de boa-fé.

Vi Sean olhar para Conor, de sobrancelhas erguidas e este acenar levemente com a cabeça. Talvez estivessem à espera daquilo. Northwoods tinha sido forçado a refugiar-se por trás da sua última linha de defesa e não podia fugir da ilha. Que outra coisa poderia fazer, senão render-se? Mas havia dúvida nas feições duras do Chefe, nos olhos semicerrados de Snake e também no rosto solene do meu tio quando disse a um dos homens para responder de acordo com a proposta. Aquilo parecia fácil demais. Era uma vitória simples, apesar das baixas; e a profecia?

Então, de entre os bretões reunidos na torre, apareceu um homem que eu já sabia ser Edwin de Northwoods. Na noite anterior, à luz da fogueira, parecera cansado de morte, oprimido por terríveis hipóteses. Agora vestia uma armadura completa e sobre ela uma túnica castanho-avermelhada, a sua barba estava aparada e o cabelo afastado do rosto. A sua expressão era calma e a voz firme.

— Lorde Sean. Tu conheces-me, creio. Os teus chefes de guerra compreendem a minha língua?

— O meu druida traduz. — O meu tio falou na língua dos bretões. No fim de contas, era a língua nativa do seu pai. — Que queres, Northwoods? Nós estamos à tua porta; estás à nossa

mercê. Ganhaste juízo, finalmente, e vens negociar a salvação dos teus homens? — Havia um tom de impaciência na voz de Sean. Conor olhou para ele de relance e depois traduziu as suas palavras para irlandês num tom uniforme.

— É verdade. — O vento uivava; Northwoods ergueu a voz para que este pudesse ser ouvida para lá do fosso. — Venho debater um acordo contigo, Sevenwaters, mas não o que tu imaginas. Quero a salvação dos meus homens e de todas as famílias aqui presentes. Quero um barco e creio que tu mo darás, além de muito mais.

As sobrancelhas de Sean ergueram-se.

— Não imagino como poderemos chegar a outro acordo, senão o de concordares em abandonar as Ilhas imediatamente e regressares com os teus homens a Inglaterra. Quero uma garantia, assinada e selada, de que Northwoods nunca mais porá os pés nestas costas. Posso ser magnânimo, se assim o desejar. Está a chegar um navio de Harrowfield, capitaneado pelo meu sobrinho mais novo, Fintan. Os teus homens podem embarcar nesse navio com alguma dignidade. Mas nenhum regressará a Inglaterra enquanto tu não jurares que não voltas a pôr os pés nestas Ilhas. São estas as minhas condições.

— Harrowfield! — Edwin virou-se para um lado e cuspiu para o chão. — Harrowfield, cujo senhor está entre os teus homens, um traidor? Não entro nesse barco, nem que a minha vida dependa disso.

— A escolha é tua — disse Sean, indiferente. — Aceita e retira em segurança. Recusa e serás corrido. Morrerão todos e as Ilhas serão nossas uma vez mais. A mim, pouco me importa o que possas vir a escolher.

Seguiu-se uma pausa.

— Verás — disse Northwoods cuidadosamente que quem dita as condições sou eu e serás tu que terás de escolher. O bretão virou-se para os seus guardas. — Tragam-no — ordenou e olhou de

novo para Sean. — Tenho aqui algo que te pertence, algo que, se calhar, pensas ter perdido. Quanto pagarás, penso eu, para o recuperares?

Então, um dos guardas subiu os degraus até chegar ao ponto mais alto do posto, empurrando na sua frente um prisioneiro cujas mãos estavam atadas atrás das costas; um prisioneiro cujos olhos exaustos estavam, no entanto, cheios de esperança e desafio; cuja pele clara tinha, indiscutivelmente, a marca do corvo.

— Doce Jesus Cristo! — exclamou Snake. — Ele está vivo!

Senti a grande onda de excitação que percorreu as forças irlandesas, Está vivo, o Filho da Profecia está vivo, sem qualquer reserva. Estava de volta; Johnny estava de volta. Afinal, não o tinham perdido. O que queria dizer que venceriam; tinham de vencer. A profecia assim o dizia.

Os olhos cinzentos do Chefe brilharam. Estava ainda mais pálido do que Johnny e aproximou-se do ombro de Sean, a olhar para a figura do filho, de mãos atadas atrás das costas. Parecia ser o único a ver, para além do júbilo do momento, o perigo da situação. Johnny encontrou o olhar de Bran e acenou levemente com a cabeça.

Pensei que ele queria dizer: *Eu sou o líder. Eu resolvo isto.*

— Pretendes oferecer-nos esse prisioneiro em troca de um barco? — perguntou Sean. Vi a sua mão apertar com força o punho da sua espada, mas a sua voz era firme. — Não terás nada sem me garantires que abandonas este território, com ou sem prisioneiro. Nós não negociamos assim, Northwoods, pensei que nos conhecesses melhor.

Edwin cruzou os braços.

— Estás a fazer batota, Lorde Sean. Eu sei quem é este rapaz. Conheço a profecia que guia a tua gente, a história que diz que Sevenwaters não pode recuperar este território sem o guerreiro dessa história antiga; o guerreiro que traz a marca do corvo, descendente do Erin e de Inglaterra. E este é o vosso escolhido.

Pergunta aos teus homens o que acontecerá se eu lhe cortar a garganta. Pergunta-lhes se terão vontade de continuar se ele morrer agora mesmo. Sem este rapaz nunca vencereis. A sua morte seria a morte das vossas esperanças, o fim dos vossos sonhos.

— A morte dele está nas tuas mãos, Northwoods! — gritou Bran de Harrowfield, incapaz de ficar calado. O Chefe falou na língua bretã, que era a sua. — Não nos julgues precipitadamente. Atreve-te a fazer mal ao meu filho, e tens o destino traçado. Os nossos anos de tréguas terminarão, e eu varrer-te-ei da face da terra juntamente com os teus filhos!

Ouviu-se um arrastar de pés entre os homens; Conor estava sinistramente silencioso. O que é que ele está a dizer? alguém perguntou. O que é que o bretão está a dizer? Conor tossiu para aclarar a voz.

— Diz-nos o que queres, Northwoods. — A voz de Sean era pesada. — Qual é o teu preço para a liberdade de Johnny?

— O mesmo que pensavas pedir-me, Sevenwaters. — A voz do líder bretão era agora mais calma; talvez pressentisse alguma fraqueza; talvez pressentisse a vitória. — A retirada total das Ilhas por parte das tuas tropas e uma garantia assinada, na qual afirmarás nunca mais tentares invadi-las. Renuncia totalmente a este território. Deixarás aqui um dos navios; podes ficar com os outros para transportar as tuas tropas e as dos teus duvidosos aliados. Eu também posso ser generoso. Quanto ao meu vizinho de Harrowfield, tornarei público este ato de traição por toda a Northumbria e mais além. Talvez encontre o seu território menos seguro do que pensava, daqui em diante.

— Não podemos aceitar tais condições. — O rosto de Sean estava tão cinzento como a morte. — As Ilhas são nossas. É nossa missão recuperá-las. Concordar com essa proposta é troçar dos nossos pais e dos pais deles, que morreram por esta causa. Não o farei.

— Não? — O tom de voz de Northwoods tornou-se, subitamente, selvagem. — Muito bem, então. — O bretão tirou uma

faca do cinto e encostou-a à garganta de Johnny. Ouviu-se um rugido de ultraje vindo dos guerreiros reunidos em redor do perímetro do fosso e as espadas e os punhais foram desembainhados em simultâneo. Aqui e ali, pequenos grupos de homens avançaram. De trás da muralha veio o som de setas a serem encostadas às cordas dos arcos e estes a serem esticados prontamente.

Ergui-me um pouco, sabendo que devia agir, mas ainda pouco certa.

— Agora? — perguntei com alguma incerteza para o local onde a criatura-mocho estivera a observar a cena em silêncio. Mas em vez dos seus olhos redondos e zombeteiros, vi um olhar tão escuro como amoras num rosto tão pálido como o meu, só que enrugado, velho e coroado por uma cabeleira branca e selvagem.

— Não, Fainne — disse a minha avó numa voz baixa que me transformou a espinha em gelatina. — Agora não. Isto é demasiado interessante para ser interrompido. Não adoras quando os homens discutem? Eu digo-te quando deves avançar. Só no fim, pequena. — Não conseguia parar de tremer; ela trespassava-me com o olhar, como um predador fixando uma presa, o terror impedindo qualquer fuga. Depois de toda a panóplia do vento, das nuvens e das vozes sinistras, acabara por aparecer atrás de mim tão sutilmente como uma sombra.

— Onde está o amuleto? — sibilou ela subitamente. — Que lhe fizeste? Tu prometeste-me. Prometeste que nunca o tirarias. Mentiste-me, Fainne. Como sei que não me trairás agora, no fim? — E pareceu-me que ela ficou maior, mais escura, deixando de ser uma velha maluca para se transformar numa grande rainha, misteriosa e poderosa. Não admirava que os Fomhóire tivessem desaparecido para debaixo da terra, por assim dizer.

— Eu não a trairei, avó. — Poderia não ter um grão de magia em mim, mas continuava a ser a filha do meu pai, disciplinada, autocontrolada. Mantive a voz firme e o olhar calmo. — Receio que o amuleto se tenha perdido. Eu estava escondida nas falésias e ele

caiu ao mar. Mas já não preciso dele. A avó está aqui ao pé de mim, no fim de contas.

— Vai ajudar-me quando chegar a ocasião?

Até esbocei um sorriso, se bem que por baixo estivesse gelada de terror.

— Por que hás de precisar de ajuda?

— Ehhh. Eles estão a mexer-se. — Passava-se qualquer coisa junto do fosso. Sean e os seus líderes tinham formado um pequeno grupo e estavam a conferenciar. Quanto aos guerreiros, faziam um barulho terrível; o significado das palavras do líder bretão tinha-se espalhado e eles estavam furiosos. Ao longo do fosso, Snake estava a dispor os guerreiros de Inis Eala para prevenir qualquer assalto, qualquer ato suicida de heroísmo. Só um ataque em massa poderia esperar penetrar naquelas defesas, já que a parte superior estava cheia de arqueiros. Gareth e Corentin faziam-nos recuar, assim como os mais velhos, Wolf, Rat e muitos outros. No lado sul, onde a muralha de terra dava lugar às falésias escarpadas, última barreira defensiva, pensei ver Darragh no meio deles, de faca na mão. Virei-me rapidamente para a minha avó.

— Que dilema — disse ela com um pequeno sorriso. — Sevenwaters não pode ganhar, seja qual for a escolha. Se deixarem que o rapaz morra, perdem; está na profecia. Se negociarem a vida dele, serão obrigados a retirar. É uma questão de honra.

— A mim, parece-me — disse eu, observando o debate e vendo Finbar olhar na direção de Johnny, no alto da torre, oscilando ligeiramente, pálido como a morte — que, seja o que for que eles decidam, vão ter dificuldade em reter os homens. Johnny inspira uma grande lealdade. Estes homens farão tudo por ele.

E, quase como se tivesse tido a mesma idéia, Finbar aproximou-se do meu tio Sean e começou a falar-lhe em voz baixa. Espalhou-se, pela multidão, um estranho silêncio; quando Finbar acabou, o silêncio era total. Até o vento caíra.

Sean de Sevenwaters endireitou os ombros e olhou de novo para o seu velho inimigo.

— Nós temos uma contraproposta — gritou ele.

— Ouviste as minhas condições — rugiu Edwin de Northwoods. — Não falei em compromisso nenhum.

— Pelo menos, ouve o que eu tenho para dizer — disse Sean. — Tu disseste muita coisa acerca da profecia. É tudo verdade, porque este lugar é o coração da nossa fé; para nós não é um mero ancoradouro, mas sim um símbolo da nossa ligação à terra. Mas não espero que tu compreendas isso; mas pressinto que sabes o que significa para estes homens. Estrategicamente, a tua posição é fraca, tão fraca que, sem esse refém, sereis escorraçado daí antes do cair da noite. Creio que sabes isso, Lorde Edwin. Mas tu não és louco. Sabes que, se esse homem morrer, nós não podemos vencer. Eles podem pôr a tua fortaleza a ferro-e-fogo e chacinar todos os bretões dentro dela, mas não seria uma vitória. Sem o Filho da Profecia, sem a sua intervenção, esta guerra não pode terminar.

— E depois? — O olhar de Edwin era penetrante; talvez adivinhasse o que vinha a seguir.

— E depois, pergunta-lhe. Pergunta a Johnny, que é o herdeiro de Sevenwaters e ao mesmo tempo teu parente, qual é a decisão que deve ser, aqui, tomada. Ele que determine. Ele é o nosso líder. Os homens aceitarão a sua decisão.

E quando Conor traduziu, ouviu-se, desta vez, uma grande aclamação da parte dos irlandeses, fazendo tremer o chão com o seu poder.

— Bando de loucos — resmungou a minha avó. — Arriscar tudo com aquilo. O rapaz está meio-morto, pelo aspecto. Nem se consegue ter de pé como deve ser. Que raio de decisão é que ele vai tomar? Ele não pode escolher a própria morte. Ainda bem que estás aqui, Fainne, para fazer isto por mim, senão ainda me escapava tudo por entre os dedos outra vez. E não podemos permitir que isso aconteça, pois não?

— Não avó.

Edwin falou com o prisioneiro e este respondeu-lhe qualquer coisa. O bretão não tinha grande escolha e eu achei que ele sabia. Ele tinha apenas o prisioneiro como moeda de troca e o melhor que podia esperar era poder embarcar sem ser molestado, podendo, eventualmente, regressar mais tarde. Edwin era um combatente experimentado. Talvez, lá dentro, soubesse que assim que cortasse a garganta de Johnny era um homem morto, assim como todos os outros.

Johnny deu um passo hesitante em frente e olhou para baixo, para a multidão dos seus homens. Fez-se um profundo silêncio.

— Isto não pode ser decidido assim. — A sua voz era firme, mas fraca; devia estar a fazer um grande esforço para a manter controlada. A expressão do seu rosto era de profunda exaustão. — Homens de Sevenwaters, de Glencarnagh e de Sídhe Dubh; homens de Inis Eala e de Tirconnell. Sugiro que regulemos isto com um combate singular. O vencedor fica com as Ilhas; o vencido fica com um salvo-conduto para as suas costas, com a promessa de nunca mais voltar. É tempo de acabar com a matança; que cessem as perdas. Ambos os lados aceitam a proposta e submetem-se-lhe.

Se eu for derrotado neste combate, não haverá brechas nestas muralhas, nem chacinas indiscriminadas. Um combate limpo; um fim limpo. Se eu morrer, regressareis a Erin e nunca mais reclamareis estas Ilhas. — O jovem virou-se para Northwoods. — Combaterei com o campeão que escolheres entre os teus guerreiros. Se ele for vencido, aceitarás a oferta do meu tio, levando para Inglaterra os teus homens no navio que o meu irmão traz de Harrowfield. O meu pai vai contigo; ele é teu vizinho e parente e eu acredito que ele apenas combateu porque pensava que eu tinha morrido. Sanarás as tuas questões com ele. Concordas com esta proposta?

Edwin olhou para ele.

— Tu? Combateres com um dos meus guerreiros? Estiveste um dia inteiro no mar, estás ferido e... — O bretão deteve-se.

Johnny abriu a boca num pequeno sorriso.

— Nesse caso, estás em vantagem — disse ele calmamente.

E assim se jogaria o destino das Ilhas e o cumprimento da profecia: num combate entre dois homens. As tropas de Sevenwaters ficaram excitadas, extasiadas. Os homens sabiam da capacidade de Johnny com a espada; melhor ainda, sabiam do seu papel quase mítico na profecia e, nas suas mentes, não podia perder. Nem ouviram as últimas palavras de Edwin; nem viram, como eu vi, o Filho da Profecia meio afogado, exausto, com as costelas partidas e o corpo martirizado a ser conduzido para uma cela para passar a noite. Achavam que ele era sobre-humano; mas, por mais coragem e qualidade que tivesse, não passava de um mortal cansado e ferido.

Ouvi Bran argumentar ferozmente com os outros: Ele não pode combater! Combato eu! Deixem-me! e, por sua vez, Conor, Sean e Finbar dizerem-lhe que a profecia tinha de se cumprir; que a estranha decisão de Johnny devia estar certa. Parecia acreditarem que ele venceria, contra todas as probabilidades, porque estava escrito.

De qualquer modo, Snake continuava com a sua guarda postada ao longo do fosso; ele sabia que os seus homens não romperiam as linhas, mas tinha os outros debaixo de olho, especialmente os vestidos de verde.

Quanto à minha avó, ria para si própria e tinha um sorriso de orelha a orelha.

— Oh, isto vai ser fácil, Fainne, muito fácil. Quase uma vergonha, a sério, um rapaz tão novo, tão bravo, se bem que nunca haverá outro Colum de Sevenwaters. Mas este parece ser, também, um belo espécime: ombros largos, pernas fortes. Fainne? Estás a ouvir? Presta atenção, rapariga! Tens de estar pronta quando eu disser. Sabes o que tens a fazer?

— Sei, avó — murmurei, com os punhos fechados com tal força que as unhas se me enterraram nas palmas das mãos.

— Achas que tens coragem?

— Tenho, avó. — Oh sim, tinha coragem. A arte é que era o problema. Ainda não sentia o seu poder; continuava tão fraca que mal me conseguia ter de pé. E não podia testá-la; estávamos ambas escondidas por trás de uns arbustos e de umas pedras e não podia permitir que ela soubesse quão indefesa estava. Tinha de sair dali e esperar, quando dissesse as palavras do feitiço, que acontecesse alguma coisa.

— Tens a certeza? — A minha avó olhava para mim de sobrancelhas franzidas, os seus penetrantes olhos, escuros como contas, perscrutando-me o rosto.

— Certeza absoluta — disse-lhe, com a voz firme como uma rocha e devolvendo-lhe o olhar com uns olhos que eu sabia serem o espelho dos dela.

Eu achava uma loucura, uma coisa inacreditável, que Johnny se arriscasse daquela maneira, estando tão fraco. Mas os homens confiavam na sua opinião e por um momento pareceu-me que tinham razão. Não devia ter-me sentido surpreendida, talvez, já que ele era filho de Inis Eala, nascido e criado ao som da espada e da lança.

Ele era bom; tão bom, de fato, que em breve se tornou óbvio que sem a desvantagem da sua fraqueza, dos seus ferimentos e de uma costela ou duas partidas, venceria o seu adversário com toda a facilidade. Mas o campeão bretão também era capaz e era forte. Parecia que também Northwoods pensava arriscar, porque o jovem de ombros largos que circulava ali, abaixo de mim, manobrando a espada, não era outro senão o filho de Edwin, que estivera a seu lado durante a noite em conselho. O equilíbrio e o simbolismo davam àquele combate a ressonância de uma velha história.

Os homens estavam reunidos num grande círculo. De um lado, o lado mais afastado do fosso e da muralha, estavam os homens de Erin e do outro os guerreiros de Northwoods, porque tinham de estar presentes para proteger o seu campeão e assegurarem-se que o combate era leal. Os homens de Inis Eala continuavam a patrulhar,

cautelosos e vigilantes, assegurando-se de que as coisas não se descontrolariam. Apesar do acordo entre os líderes, a situação continuava no fio da navalha e o menor lapso de disciplina poderia provocar um banho de sangue. Ainda no dia anterior aqueles homens se tinham esquartejado e esmagado as cabeças uns dos outros, enquanto davam gritos de guerra. Era um milagre estarem todos juntos, de armas embainhadas. Por isso, os homens de Johnny andavam pela orla da multidão, de mãos nas espadas e de olhos semicerrados. E no centro do espaço aberto, em redor do qual a multidão se amontoava, combatiam os dois jovens.

Usavam as suas pesadas espadas, girando e esquivando-se, as armas assobiando no ar, os seus grunhidos e arquejos como contraponto àquela música mortal. Não tinham escudos; aquele era um combate direto e brutal, que, certamente, não duraria muito. Johnny estava cansado. Podia vê-lo pelo modo como movia os pés, lutando por conseguir equilíbrio. Podia ver uma mudança nos seus firmes olhos cinzentos, como se sentisse a morte perto. Se ele perdesse, perderia tudo.

O filho de Edwin sangrava de um profundo ferimento no ombro e de um corte na coxa. O seu rosto estava corado do esforço e encharcado em suor. Johnny estava mortalmente pálido; pressenti uma sombra sobre ele e senti-me gelar. Chegaria o momento, em breve, em que ele seria atirado ao chão com a arma do outro na garganta e eu teria de correr e... e...

O filho de Edwin deu uma estocada e desta vez o equilíbrio de Johnny não foi perfeito. O seu pé escorregou; ele oscilou por um instante e a arma do seu adversário rasgou-lhe a roupa e a carne. Os olhos de Johnny abriram-se um pouco; a sua boca abriu-se e fechou-se. O filho de Edwin deu um passo atrás; ergueu de novo a espada; preparou-se para o golpe final. Johnny deu um passo em frente com firmeza, rodou nos calcanhares e o seu pé atingiu o punho do seu adversário, fazendo-lhe saltar a arma da mão. A pesada espada voou através do ar, ao mesmo tempo que a multidão arquejava em uníssono. Um momento mais tarde, o bretão estava estendido no chão e Johnny estava em cima dele com a ponta da

sua espada a um dedo da garganta do seu oponente. Johnny estava vestido de preto; mas eu podia ver como o sangue corria do grande corte que o filho de Edwin lhe fizera e como o rosto do meu primo ficava cada vez mais pálido, ao mesmo tempo que o Sol saía de trás das nuvens para iluminar aquela cena com um brilho fantasmagórico.

Por um momento, Johnny ficou completamente imóvel e a multidão, silenciosa, esperou. Os líderes estavam todos juntos no mesmo grupo. Sean, Conor, Eamonn e Bran de Harrowfield não muito longe; os meus olhos procuraram Finbar e encontraram-no estranhamente sozinho na parte mais afastada do círculo. Apesar de estar escondida, pareceu-me que ele estava a olhar diretamente para mim e, mais estranho ainda, pensei ouvir o que lhe ia na mente.

Agora seria uma boa ocasião. Nós ajudamos-te.

— Agora seria uma boa ocasião — murmurei. — Não acha?

— Ehhh — sibilou a minha avó, subitamente de mau humor. — O que é que ele está a dizer?

Os olhos de Johnny pareciam duas lagoas escuras; a sua boca estava severamente cerrada. O jovem olhou para o seu pai e depois para Sean. E olhou para o rosto cor de cinza de Edwin de Northwoods.

— Isto é um combate de morte? — perguntou ele polidamente com a voz de um homem muito perto da inconsciência.

Ouviu-se um rugido vindo da multidão e, depois, silêncio. Parecia-me que, fosse qual fosse a resposta, estávamos à beira de um desastre. E se havia alguém cuja capacidade de discernimento respeitava, esse alguém era Finbar. Levantei-me, saí lentamente do meu esconderijo, os braços ao longo do corpo e os cabelos em turbilhão por causa do vento. A bandeira vermelha, sinal para avançar. O meu coração batia desordenadamente de terror.

Por trás de mim, a minha avó deu uma risada, deliciada.

— Muito bem, Fainne, muito bem! Faz com que me orgulhe de ti, pequena!

Não tinha um único fragmento de magia em mim. Os meus ajudantes do Outro Mundo tinham-se ido embora. A minha avó estava ali a olhar para mim. E eu a coxear, desarmada, uma rapariga com um vestido às riscas e um xale macio, com uma boneca presa no cinto e um exército de guerreiros ferozes resmungando e abrindo alas para me deixar passar. Porquê, não sei. Talvez não passasse de uma surpresa, aparecer ali uma rapariga naquela ilha isolada, no meio de uma grande campanha. Talvez alguns pensassem que eu era uma criatura do Outro Mundo. À medida que me aproximava do espaço aberto onde continuavam os dois guerreiros completamente imóveis, o silêncio ia aumentando. O sangue das duas raças caía no chão, misturando-se.

Continua, parecia sussurrar a voz da minha avó. Olhei por cima do ombro; ela vinha mesmo atrás de mim, de capa negra, capuz negro, e parou na orla da multidão, observando cada um dos meus movimentos. *Acaba. Acaba com ele. Ele já está meio-morto. É simples. Rápido, antes que ele mergulhe essa espada no pescoço do bretão com as forças que lhe restam. Depressa. Eles estão todos a olhar. Estão todos a olhar. Quero ver as caras deles quando o Filho da Profecia se engasgar com o próprio sangue. Fá-lo por mim, e por todos os da nossa espécie.*

Não estava muito longe de Johnny, que continuava à espera. Dez passos, talvez.

Muita coisa pode acontecer no espaço entre dez passos. Olhei em redor do círculo; vi o rosto chocado do meu tio Sean, a expressão horrorizada de Eamonn e as feições solenes e compreensivas de Conor. Vi o aceno de compreensão e aprovação de Finbar. E vi a confusão e a dúvida nos rostos do bretão e do irlandês. E, para lá do círculo, vi outros esperando silenciosamente, de olhar intenso e perscrutante: uma mulher mais alta do que qualquer mortal, pálida como a neve da Primavera, com longos e sedosos cabelos negros; um homem com uma coroa de chamas,

cujo traje flutuava em redor do seu corpo como uma cortina de fogo vivo. E havia outros, muitos outros, seres com caracóis brilhantes como algas e peles translúcidas como vidro; criaturas encantadoras vestidas de penas e bagas, ervas e folhas, líquen. Casca de árvore e musgo. Todos mais altos do que se poderia imaginar e todos a olharem para mim. *Chegou a hora*, pareciam dizer, apesar de ser eu, talvez, a única a vê-los e a ouvi-los. Chegou a hora, por fim. Os Fair Folk tinham chegado. Mas não me iam ajudar. Teria de fazer tudo sozinha.

— Vai, Fainne — apressou-me a voz da minha avó. — Agora. Só há uma maneira. Mata-o. Agora, rapariga!

Dei mais um passo e depois outro. Estava quase a meio do círculo. Então, ouviu-se um grito na língua dos bretões:

— É um truque! Detenham a rapariga!

Ouvi uma espécie de assobio no ar por trás de mim e um ofegar; ouvi alguém a correr na minha direção e fui afastada brutalmente para o lado, de modo que me estatelei no chão e fiquei com algo pesado em cima de mim. Ouviu-se um rugido de vozes, o som de armas a serem desembainhadas e a voz do meu tio Sean a gritar:

— Não! Calma! Para trás!

Lutei para me pôr de pé, desalojando o peso morto de cima de mim. Havia sangue no meu vestido, muito sangue; o vestido cor-de-rosa de Riona estava escarlate. Jazia um homem a meus pés e era o seu sangue que me ensopava, porque fora trespassado por uma lança e a sua ponta rebarbada saia-lhe do corpo e arrepanhava-me o vestido. O homem sufocava; um rio vermelho saía-lhe às golfadas da boca e do nariz, enchendo-lhe a túnica verde. Quanto tentei tocar-lhe na testa, para lhe afastar os cabelos castanhos que lhe caíam para os olhos agonizantes, ele disse uma palavra, numa voz arquejante, que podia ser o meu nome e caiu de costas, morto. Contra todas as probabilidades, fora Eamonn que agira daquele modo, por impulso, salvando-me a vida; contra todos os padrões, morrera como um herói. Fiquei gelada. Não podia haver mais coisas

daquelas. Não podia haver mais sangue. Nem mais mortes. Aquilo tinha de parar. Eu tinha de parar aquilo.

— Para trás! — gritou Snake. — Já não podes fazer nada!

— Temos de fazer as coisas como deve ser! — Era a voz de Edwin. — Mantenham a disciplina, homens! Fizemos um acordo e honra-lo-emos.

— Ouvistes Lorde Edwin! Mantenham as fileiras! Para trás! — Agora era a voz de Sean de Sevenwaters, cujos homens clamavam agora por sangue; porque fora uma lança bretã que matara Eamonn de Glencarnagh, se bem que me fosse destinada. Pouco faltava para que aqueles guerreiros, sedentos de vingança, violassem a atravessassem a guarda montada pelos homens de Snake e se lançassem uns contra os outros mais uma vez, matando-se até que toda a ilha se transformasse num mar de sangue.

Um círculo. Um círculo de proteção. Era do que eu precisava. E tinha de ser de fogo, porque o fogo era fácil e assustava as pessoas, o suficiente para manter os guerreiros afastados. Ergui os braços, disse um feitiço e girei no lugar onde estava. Sabia que ainda não tinha a força suficiente para aquele simples truque; a única coisa que conseguiria seria uma minúscula comichão na ponta dos dedos, demasiado fraca para provocar uma simples faísca. No entanto, à medida que girava e apontava, as chamas saíram da minha mão estendida, de modo que Johnny, o jovem bretão e eu própria ficamos circundados por um anel de fogo de três palmos de altura e suficientemente quente para afastar os homens. Estávamos salvos, pelo menos por enquanto. Do outro lado do círculo apareceu Finbar com o seu braço estendido e a grande asa aberta. E do lado oposto, Conor, o arquidruida, fez o mesmo, os braços bem afastados e as mãos abertas num gesto de poder. O círculo em chamas correu dele para o irmão e de novo para ele. Era ótimo, de certo modo, ter druidas na família.

A minha avó continuava à espera na orla do círculo, uma figura esbelta, vestida de escuro, silenciosa, enquanto eu me encaminhava para Johnny. Mesmo então, enquanto me aproximava

dele, não sabia exatamente o que diria, ou como faria a diferença, sem a arte. Mas todos eles esperavam; os guerreiros, o vidente, o druida e os líderes de Inglaterra e de Erin. Por trás dos homens, num plano mais alto, estavam reunidas muitas criaturas pequenas, uma criatura-mocho, uma rocha musgosa com uns buracos no lugar dos olhos, um pequeno arbusto com a folhagem a fazer de dedos; uma lebre, uma carriça, uma coisa parecida com água e com a forma de uma criança. E a toda a roda, por trás de todos, os Fair Folk, guardiões dos segredos da terra, detentores dos mistérios da nossa fé; até eles tinham a respiração suspensa, aguardando as minhas palavras.

Mas eu não tinha magia. Era apenas uma rapariga, e um fraco exemplo do gênero. Não tinha virtude nem nobreza. Não era capaz de inspirar os homens, como Johnny. Não conseguia encantar as criaturas selvagens, como Darragh. Não sabia como curar um homem de um ferimento, não sabia nadar, nem dançar. Sem a arte, não era nada.

Usa o que existe, dissera-me o Fomhóire; a magia natural da terra e da água, do ar e do fogo. Magia de druida. Usa-a. E no momento em que me coloquei ao lado de Johnny, o céu começou a escurecer. A manhã já ia a meio; as nuvens tinham-se dispersado tão rapidamente como se juntavam, e o céu estava limpo. Mas o brilho do Sol começou a desvanecer-se e caiu sobre a terra um crepúsculo sobrenatural, como se o dia se tivesse transformado num estranho anoitecer. Os homens começaram a murmurar, pouco à vontade; alguns fizeram sinais na direção do ar acima deles.

— Depressa, Fainne! Onde está a tua coragem? Despacha-te! — a minha avó estava a ficar cada vez mais impaciente.

Também eu teria ficado com medo daquela escuridão se outras coisas não me tivessem já deixado quase inconsciente de terror; o sangue de Eamonn, a voz da minha avó e a minha própria terrível fraqueza. Concentra-te. Controla-te. Pensei no meu pai e no tanto que lhe devia e ajoelhei junto do bretão, de modo que Johnny não o poderia matar sem pôr em risco a minha própria vida.

— Fainne! Que estás a fazer? — sibilou o meu primo. Agora que estava perto, podia ver como as suas mãos tremiam; em breve seria incapaz de suportar o peso da sua espada. Quanto ao bretão, tinha o rosto branco como a cal e jazia numa poça de sangue. O céu ficou mais escuro e o anel de fogo brilhou na estranha obscuridade matinal. Por fim, as palavras vieram-me à mente.

— Eu sou Fainne de Kerry, filha do feiticeiro Ciarán! — gritei eu numa voz tão solene quanto possível. Tinha de ser rápida, ou os dois homens sangrariam até à morte onde estavam, e teria sido tudo inútil. — Venho de uma grande linhagem de magos. Estou aqui para vos pedir que baixeis as vossas armas e que abandoneis este lugar para sempre. Vede como o céu escurece; é um sinal de aviso para todos. Chega de sangue derramado nestas Ilhas; chega de tantas gerações de vidas perdidas. O Filho da Profecia está vivo e regressou e a grande demanda dos Fair Folk aproxima-se do seu fim. Os vossos filhos estão aqui, feridos, próximos da morte. O seu sangue ensopa a terra que vos divide. Sois capaz de os perder apenas por causa da vossa sede de poder? Retirai, salvai-vos e não luteis mais! Olhei para cima. — Parecia, na verdade, que uma sombra do Outro Mundo encobria a luz do Sol; era o suficiente para fazer com que o coração se apertasse de medo. Ouvi uma voz vinda da orla do círculo ardente, pensei que era a de Corentin, traduzindo as minhas palavras para a língua dos bretões, de modo a que todos compreendessem. E então os guerreiros ali reunidos começaram a olhar para trás de si nervosamente, os olhos deslizando por aquelas figuras altas e misteriosas, que continuavam silenciosas; cujo olhar parecia antigo e sábio sob aquele estranho céu escuro. — O Sol esconde a sua face — continuei. — A meu lado, Johnny tirara a espada da garganta do bretão; os dois olhavam espantados para mim. — Deveis sair deste lugar, porque as minhas palavras são verdadeiras quando digo que nenhum homem poderá viver aqui a partir de amanhã; ficar nestas costas é como medir a vossa vida pelo percurso do sol, desde que nasce, a leste, até se pôr no oceano — As palavras pareciam fluir da minha boca sem que eu as pensasse; na verdade, mal compreendia o que estava a dizer. — As Ilhas são o Último Lugar. Não são para as mãos ansiosas dos homens; nem os Bretões, nem os do Ulster, nem os Noruegueses,

nem os Pictos as poderão possuir a partir de hoje, porque se desvanecerão nas brumas do mistério e só se revelarão aos viajantes do espírito. Homens de Erin, homens de Northumbria, ouvi-me. Esta longa guerra terminou.

O céu ficara ainda mais escuro, quase como se já fosse noite. O Sol estava obscurecido, um mero anel dourado, o seu centro escondido por uma qualquer sombra maligna. A estranha luz deu às minhas palavras um poder para além do normal e os homens em redor resmungavam e murmuravam, e alguns gritavam de medo, ou chamavam um deus ou outro, para que os salvasse. Alguns já se estavam, até, a afastar-se da multidão, dirigindo-se para os navios.

— A rapariga não fala senão a verdade. — O meu coração bateu com força quando ouvi a voz de Lady Oonagh. Ela puxou para trás o capuz escuro e deu um passo em frente, de modo a ficar na orla do círculo ardente, as chamas lambendo-lhe a bainha do vestido, mas sem o queimarem. Era como se fosse insensível ao seu calor. Não usava a sua imagem de anciã, antes o disfarce de uma mulher alta, bela, de pele branca, cabelos ruivos e uma voz doce e forte como a de uma cotovia. — A retirada é a vossa única hipótese, pobres e loucos guerreiros humanos. Tudo para nada, estas mortes, estas perdas; para nada. A profecia nunca será cumprida; não passa de uma série de disparates de alguns velhos druidas, senis e ignorantes. Aqui não há vencedores, senão os da minha espécie: Eu, Lady Oonagh e a minha neta Fainne, que se mostra agora como ela própria, uma feiticeira tão poderosa como eu!

A minha avó virou-se para mim e, à medida que falava, vi o meu tio Sean a olhar para mim, horrorizado; e Bran de Harrowfield, de rosto severo, avançando para o círculo de fogo, inconsciente do perigo e sendo puxado por Gull e Snake, um de cada lado. Ninguém passaria aquela barreira, exceto um feiticeiro mais forte do que o que a tinha feito.

— Agora, Fainne! — A minha avó deu uma risada de satisfação malvada. — Agora, como planeamos! Mata o rapaz; acaba com esses novos-ricos e com os seus patrões do Outro Mundo. Acaba

com essa farsa da profecia. O tipo até já nem pode com as pernas; e os dedos já não conseguem segurar a arma. Faz como me prometeste, acaba com ele!

Ouviram-se gritos de ultraje na multidão; Ouvi Bran gritar:

— Não!

Senti a raiva e a frustração dos homens à nossa volta, tanto do Ulster como dos bretões. Porém, nenhum poderia entrar dentro do círculo enquanto ele ardesse; a decisão estava nas minhas mãos. Olhei para cima e senti uma profunda dor ao ver aqueles homens, que me tinham tratado com tanto respeito e amizade, olharem para mim como se eu fosse uma criatura demasiado louca para ser contemplada. Gareth, Corentin, Gull, Snake e até o meu tio Sean, olhavam para mim com ar chocado e com repugnância. Talvez eu não merecesse melhor.

Johnny caíra de joelhos; tinha uma mão encostada com força a um dos lados do corpo, os dedos cheios de sangue. O filho de Edwin estava deitado de costas, os olhos abertos e a respiração ofegante.

— Depressa, pequena! — disse a feiticeira. — Usa a arte! Ou usa a espada, se quiseres. Vamos! Ele tem de morrer pela tua mão!

— Lamento, avó — disse eu polidamente, com a voz a tremer como uma folha de Outono. — Creio que não posso fazer isso.

Vi o seu rosto mudar; estremeci ao ver a expressão dos seus olhos. Com aquele olhar, uma feiticeira era capaz de transformar, por meio do terror, um simples mortal em pedra. Para lá da minha avó podia ver Conor, ainda de braços abertos, mantendo o círculo protetor. Lady Oonagh podia ser insensível ao fogo, mas não podia entrar naquele espaço encantado; ela tentava entrar, as sobrancelhas franzidas de fúria.

Talvez uma força, mais forte do que todos nós, a estivesse a impedir.

— O quê — gritou ela. O céu continuava escuro; o vento ergueu-se de novo, um vento lamentoso, estranho, que lhe chicoteava o vestido. Umas sombras estranhas espalharam-se à sua volta, no chão, e ela pareceu enorme e ameaçadora. Os seus olhos eram fendas num rosto branco como a cal, os lábios vermelhos como sangue e os dentes autênticas facas afiadas. À sua esquerda e à sua direita o círculo de fogo começou a abrandar e a morrer.

— Agüenta, irmão! — gritou Conor. As suas mãos tremiam; por trás de mim ouvi o lamento de dor e de medo de Finbar. Ela estava a fazer o máximo para o quebrar, e era muito forte. O druida e o vidente, no fim de contas, não passavam de mortais. Se eu, ao menos, não estivesse tão fraca, se tivesse apenas um fragmento do meu verdadeiro poder.

— Atreves-te a desobedecer-me, rapariga? Tu, um aborto, uma atrasada mental, com uma mãe imbecil e com as tuas estúpidas noções de amor e lealdade? Ou tens fraca memória ou pensas que sou excepcionalmente estúpida.

E então ela virou-se e olhou para o fosso e para a muralha de terra, para o local onde as fortificações davam lugar à falésia virada para sul. Ali só havia ninhos de aves e pequenas plantas suspensas. Ali não havia saliências suficientemente grandes para um homem ou uma mulher descansarem; não havia lugares seguros na superfície alcantilada. Em vez disso, o solo erguia-se gentilmente, parava e lá em baixo, muito lá em baixo, estava o mar. Snake postara os seus homens no alto para prevenir incursões prematuras ao fosso e por cima da muralha de terra; postara-os exatamente naquela extremidade. E quem melhor para ficar mesmo na extremidade, o lugar mais fácil de vigiar, onde nada poderia passar, senão um nômade que não queria ser um guerreiro?

— Agora — disse Lady Oonagh com a respiração alterada. — Agora, oh, agora vais fazer o que te digo. Porque isto não suportas tu!

A atenção de Darragh tinha-se desviado do seu dever; estava a olhar para cima, para um bando de andorinhas-do-mar que voava por cima da cabeça dele numa formação perfeita, talvez em busca da Primavera. Quando percebi, todo o meu corpo gelou de terror e vi a feiticeira mandar subir o vento, arrasando os homens à passagem, atirando-os por terra com a sua força. A rajada apanhou Darragh desprevenido, chicoteando-lhe o cabelo escuro para trás, rasgando-lhe a capa curta e fazendo-a subir em espiral, para cima, para cima, para céu aberto. Ele cambaleou, tentou agarrar-se a uma rocha, a um arbusto, a qualquer coisa; mas não havia nada a que se pudesse agarrar e a violenta rajada atirou-o para trás, sempre para trás, os seus pés cada vez mais próximos do ponto onde o chão desaparecia e o grande espaço se abria para o mar. Os homens começaram a correr na sua direção com o vento por trás, mas muito lentamente, muito lentamente. Gareth, com os seus grandes ombros, Corentin, com os seus cabelos escuros, gritando: Agüenta-te! Já vamos! Era evidente que não iam chegar a tempo.

— Agora! — gritou Lady Oonagh com os olhos escuros, cor de amora, fixos em mim e a boca rosnando, selvagem como uma doninha. — Faz o que digo! Faz o que te digo! Mata o rapaz, ou o teu latoeirozinho morre! Faz o que te digo, maldita sejas! Faz o que te digo, ou ele morre!

Johnny estava a meu lado, ajoelhado, os seus firmes olhos cinzentos virados para mim. Vi a morte neles, mas não vi medo. Só podia ser ele o Filho da Profecia, um modelo de coragem e dignidade. Sem ele, o povo de Sevenwaters voltaria, uma vez mais, a andar à deriva, sem objetivo, mais uma vez na escuridão. Sem ele, não valeria a pena; sem ele, nada valeria a pena.

— Não posso — murmurei e soube o que era sentir o coração despedaçado.

Eu sabia um feitiço. Sabia um pequeno feitiço, bem ensaiado quando era ainda criança e ainda não sabia o que era o amor. Pára. Cai. Devagarinho, agora. Eu sabia aquele truque, nunca partira um único vidro. Mas não tinha nenhuma magia em mim.

Não precisava de olhar. Com os olhos fechados e as duas mãos no rosto, vi tudo. Vi a fúria louca nos olhos da feiticeira, uma luz maldita. Vi o vento pegar em Darragh como se ele não fosse mais pesado do que uma folha de Outono, vi o modo cruel como Lady Oonagh o manteve suspenso por um momento, mesmo por cima do precipício, provocando-me, insultando-me, como se um grito, uma palavra, um simples suspiro, ainda o pudesse trazer de volta, se eu quisesse. E vi como, no fim, o nômade transformou a sua longa e última descida para o esquecimento numa coisa maravilhosa e bela, numa coisa tão bela como as últimas notas do lamento de uma gaita-de-foles. Porque ele não caiu, antes torceu o corpo no ar, colou os braços ao corpo e mergulhou de cabeça, rápido e a pique, como uma andorinha, na direção do abraço implacável do mar frio, na direção das rochas afiadas como facas e da agitação branca das vagas.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Alguém gritava. Alguém berrava, um terrível som de angústia que fazia gelar o sangue, um som de esfrangalhar os nervos. Um som que faria tremer o mais forte dos homens. Os meus punhos estavam metidos nas órbitas dos meus olhos; o meu maxilar estava cerrado com toda a força; a minha cabeça vibrava de dor. Por fim, aprendera a fazer uma coisa que sempre acreditara não poder ser feita pela filha de um feiticeiro. Aprendera a chorar. Chorei como nenhuma rapariga chorara antes, um rio de lágrimas, uma torrente de dor. Fiquei ali a chorar a minha dor ao vento, enquanto Lady Oonagh olhava para mim com um sorriso no rosto. A meu lado, Johnny estendeu um braço para o seu adversário estendido no chão.

— Vamos — disse ele. — Acabou. Precisamos ambos de cuidados médicos e depois precisamos de falar. Deixa-me ajudar-te. — O bretão fez um esforço e pôs-se de pé; ficaram os dois a meu lado, amparando-se um ao outro.

— Ainda não. — Ela ainda não acabara; não se deixava enganar facilmente. — Se calhar, pensas que ganhaste; achas que eu não posso levar a tarefa até ao fim sem a tua ajuda. Rapariga tonta. Puseste de lado a única pessoa que se preocupava contigo e para nada. Eu vou quebrar este círculo; vou destroçar esta gente como antes, há muito tempo. Um a um, estes filhos de Sevenwaters, e depois mato-vos a ambos; mato o Filho da Profecia e mato-te a ti, neta desobediente.

Ouvi o meu tio Sean gritar:

— Não! — E avançou, para ser atirado para trás pelas chamas que nos protegiam; vi a minha avó erguer as mãos e enviar um raio verde ao longo do círculo ardente, um raio que atingiu primeiro Finbar e o fez cair de joelhos, gemendo de dor. Conor estava pronto e tentou agüentar, mas o seu rosto ficou cinzento e os olhos adquiriram uma expressão de aflição.

— Depressa, Fainne! — disse ele. — Não conseguimos agüentar isto por muito mais tempo. Ajuda-nos!

Mas eu não podia. A arte estava a regressar, mas lentamente, os meus dedos picavam-me, o meu sangue já corria com mais rapidez e eu podia senti-lo percorrer-me como uma profunda ira, crescendo, crescendo, inexorável, imparável. Mas continuei ali imóvel, gelada pela dor, paralisada pela perda, dos dois filhos de Sevenwaters e de Northumbria, ambos em risco de sangrarem até à morte se eu não os ajudasse.

— Qual há de ser o primeiro? — sibilou Lady Oonagh, mostrando os dentes como um gato, e enviou outro raio através do círculo, vermelho desta vez, da cor do sangue.

Finbar gritou e ela riu-se. Pude ver uma espécie de fumo a sair das penas da sua asa; o seu rosto estava pálido, cor de cinza, e aterrorizado. Mais uma vez e ele ficaria incapaz de lhe fazer frente. Ela ergueu os braços bem alto com um sorriso terrível no rosto e, quando o fez, o céu começou a clarear de novo, o Sol a emergir da sua estranha obscuridade e uma grande ave voou através do círculo, passando tão perto dos olhos da feiticeira que ela tentou esquivar-se; passando para pousar no ombro de uma figura vestida de escuro que aparecera entre os espectadores, tão abruptamente como se o tivesse feito com um passe de mágica. A feiticeira ergueu de novo as mãos e pareceu atrair faíscas do ar para os seus dedos. O seu corpo ficou vestido de luz. Parecia muito mais alta do que qualquer mulher mortal.

— Tu — guinchou ela. — Tu, que me desafiaste uma vez, tu, que suportaste o que nenhum homem poderia suportar, desta vez vou acabar contigo.

A feiticeira baixou os braços e apontou-os para Finbar, que ajoelhou arfando de dor, os olhos ainda límpidos e conscientes, enquanto tentava agüentar o fogo protetor.

— Agora! — sibilou ela e a estranha chama pareceu fluir dos seus dedos e atravessar o círculo. A silhueta vestida de escuro puxou para trás o seu capuz e ergueu as mãos, ao mesmo tempo

que afastava os braços, as palmas para cima, um eco da postura de Conor. As faíscas nos dedos da feiticeira zumbiram e morreram.

— Acho que não, mãe — disse Ciarán, imóvel, com o corvo empoleirado no seu ombro. O seu olhar era franco e o seu rosto estava pálido, mas calmo. Para quem estivera doente, às portas da morte, parecia bem. Ela mentira-me. Manipulara-me e eu acreditara nela. Quantas mais das suas ameaças seriam isso mesmo, falsidades venenosas que usava para me aterrorizar?

— Tu — cuspiu ela, furiosa. — Como te atreves a meter-te nisto, pobre de espírito, com a cabeça cheia de noções druídicas! Não admira que a tua filha tenha falhado no fim! Foste tu o causador, tu e aquela tua mulherzinha, a tua preciosa Niamh, com as suas maneiras suaves e cabeça vazia. Ainda bem que me livrei dela, ou nunca conseguiria nada da rapariga. Mas Fainne não correspondeu às minhas expectativas. Perdeu a coragem quando mais precisava dela.

O meu pai avançou um passo, muito lentamente. Parecia que podia atravessar o círculo com a maior das facilidades.

— Que disse? — perguntou ele suavemente.

— A rapariga não presta. É igual à mãe. — Houve uma mudança na voz de Lady Oonagh, como se estivesse surpreendida, ou assustada. Por cima de nós, o Sol começou a emergir; o dia ficou cada vez mais brilhante.

— Não foi isso. Disse que se livrou de Niamh. Que quis dizer com isso, mãe?

— Um pequeno acidente, nada mais. Uma escorregadela na falésia. Um pequeno empurrão e lá foi ela para o esquecimento. Ela não prestava para ti, Ciarán. Podias ter sido um grande homem; um homem de poder e influência. Ela estragou-te e enfraqueceu a rapariga. Tinha de ir.

O rosto do meu pai corou de fúria. Havia um tal perigo naquele olhar que até uma feiticeira era capaz de vacilar. Quanto a mim, as suas palavras fizeram-me estremecer de horror. Conhecia-a bem,

mas não a sabia capaz de uma coisa tão maldosa. Fora ela que lhes dera cabo da vida, nem Sean, nem Conor, nem um marido cruel, ou uma família desinteressada. Os olhos do meu pai pareciam duas pedras de gelo. A sua voz estava mortalmente calma.

— Portanto, chegamos a isto — disse ele olhando para a mãe do outro lado do círculo. — Um teste de vontades; um teste de força. Mas primeiro... — O meu pai olhou para Johnny, que estava junto de mim com Edwin apoiado no seu ombro. Eu conseguia ouvir a respiração dos dois jovens; era difícil dizer qual dois estava mais pálido. — Saiam do círculo — disse-lhes Ciarán calmamente. — Saiam, que eu protejo-os. — Senti, mais do que vi, o efeito do feitiço que ele estava a usar, uma capa protetora, invisível, a toda a prova, envolvendo os dois jovens guerreiros. O meu pai não conseguiria agüentar aquele encantamento por muito tempo, mas, entretanto, era um escudo que nenhuma espada, flecha, lança, ou feiticeira poderia penetrar. Envoltos naquele feitiço, podiam atravessar, imunes, a barreira ardente. Johnny hesitou, sentindo, sem dúvida, a magia, mas compreendendo lentamente o seu significado através da bruma da exaustão e dos ferimentos.

Olhei para o meu primo.

— É melhor ires — consegui dizer com a voz alquebrada e áspera, porque as lágrimas ainda me corriam pelas faces abaixo. — Vai, vai buscar ajuda, declara umas tréguas. Toda a gente tem de estar longe daqui ao anoitecer. Vem aí uma vaga, e uma bruma; não é seguro para ninguém.

Palavras, de novo, que pareciam vir de fora da minha mente; palavras que tinham um sentido curioso. Johnny olhou para mim.

— Mas... — disse ele fracamente.

— Ehhh — disse eu. — Vai correr tudo bem. Vai, pede a Gull que te trate esse ferimento. Resolve as tuas questões com os Bretões. O teu papel é esse; liderar. Não precisamos de ti aqui.

— Fainne...

— Vai, Johnny. Confia em mim. Eu sou da tua família. — Vi a cabeça da feiticeira virar-se na minha direção quando eu disse aquelas palavras. Os seus olhos semicerraram-se.

No momento em que a sua atenção se afastou, o círculo de chamas amainou um pouco e os dois jovens saltaram por cima dele, protegidos pela capa do feitiço do meu pai e caindo nos braços dos curandeiros que os aguardavam. Bran de Harrowfield e Edwin de Northwoods dirigiram-se para cada um dos filhos; conduziram os dois feridos para um lugar seguro. As forças de Inis Eala continuavam a controlar a multidão; os guerreiros resmungavam cada vez mais.

Tinham vindo ali na expectativa de uma boa batalha, não de uma exibição de truques de magia que transformavam o dia em noite mesmo diante dos seus olhos. O meu pai voltou a erguer os braços e o fogo aumentou de novo. A feiticeira sorriu ligeiramente; os seus dentes aguçados brilhavam à luz das chamas. Deu um passo, dois passos no interior do círculo. Não demorara muito a descobrir uma entrada.

Ciarán mantinha-se calmo e firme com as chamas por trás de si. No seu ombro, Fiacha estava imóvel como uma estátua. Por trás do meu pai, o fogo continuava a arder furiosamente. Conor continuava quieto e silencioso, de braços estendidos, mantendo o círculo inquebrável, ao mesmo tempo que no lado oposto Finbar fazia o mesmo, acocorado, com o rosto pálido, parecendo um fantasma, os olhos escurecidos de dor. Mãe e filho enfrentavam-se a menos de seis passos do sítio onde eu estava ajoelhada, a minha cabeça ainda tonta por saber que a minha mãe tinha sido assassinada, tendo vivido com uma mentira aqueles anos todos, uma mentira que enchera de culpa e vergonha os dias do meu pai. Ele acreditara, durante aquele tempo todo, que o seu amor por Niamh não fora suficiente; acreditara, durante aquele tempo todo, que ela preferira deixá-lo. Perante aquela nova dor, o meu coração encolheu-se perante o vazio da perda que nunca poderia ser reparada, nem que vivesse três vezes mais do que um humano. A minha boca não conseguia segurar a dor, mas no meu íntimo a

canção da dor berrava como uma bansheem, carpindo, gritando, alto e bom som, como um caco de vidro retorcendo-se nas minhas entranhas. E se bem que sentisse a magia voltar, cada vez mais forte, poderosa e verdadeira, não me conseguia mexer; fiquei ali no chão, paralisada pelo choque e pela angústia.

Para lá das chamas, a multidão de guerreiros caíra em silêncio, com exceção de alguns resmungos e sussurros; orações, talvez. Aquilo estava para além da experiência de qualquer homem normal, fosse ele um guerreiro endurecido, um padre cristão, um pescador ou um pastor, chamados às armas para servir o seu chefe de guerra. O terror empalidecia-lhes as feições; o fascínio mantinha-os pregados ao chão perante o espetáculo que se desenrolava diante dos seus olhos.

— Portanto — disse Lady Oonagh e pareceu-me que o seu poder tenebroso aumentava enquanto olhava para o filho; estava mais alta, mais grandiosa e os seus olhos cor de amora brilhavam de maldade no rosto suavemente pálido e terrível. — Portanto, achas que te podes bater comigo; tu, meu filho fracote, corrompido pelos druidas, infectado pela família, mutilado pelo amor. Já te esqueceste de quem te deu à luz, amostra de feiticeiro, para tentares, agora, futilmente, aliás, salvar estes loucos e as suas patéticas ilhas de pedra? Ou estás, simplesmente, a tentar proteger a tua filha, que acaba de provar ser como tu, sem préstimo algum? Olha para ela ali toda enroscada, a tremer, um destroço patético! Que grande feiticeira! Preocupou-se mais com o latoreirozinho do que com a tarefa que lhe propus, confundiu tudo, no fim, deixou escapar tudo. E agora não tem nada, nem poder, nem influência, nem amante, nem família, porque eles vão expulsá-la quando souberem o que ela fez. Estropiou crianças, matou druidas, espiou, insinuou-se no meio deles com a destruição no coração. Não há regresso possível para a tua preciosa aluna, Ciarán. Devias tê-la visto nos braços de Eamonn. Ter-te-ia aberto os olhos para a verdade. Oh sim, ela herdou uma ou duas coisas da mãe. Niamh era boa na cama, não era? Por que outra razão havias de ter querido uma cabeça tonta como aquela?

Os olhos da minha avó permaneceram fixos no meu pai enquanto falou; nunca deixaram o seu rosto. Os lábios dele estavam cerrados, assim como os maxilares; os seus olhos ardiam de raiva. Mas não perdeu o controlo. Senti que cada um esperava pelo momento em que a guarda do outro baixasse; o instante da oportunidade. O ar parecia estralejar de magia; feitiço e contrafeitiço na mente, mas não ainda nos lábios, guerreavam-se no ar por cima do círculo ardente. A silhueta escura de Fiacha estava contornada por pequenas faíscas. O meu próprio corpo formigava de magia; sentia a sua força nas mãos, nos pés, ardia-me no coração.

— Acabou, mãe — disse Ciarán calmamente. — Há aqui forças reunidas contra si que nem imagina. Falhou. O jovem guerreiro continua vivo para liderar os seus homens; vejo a paz nos seus olhos, as tréguas na força do seu braço. A sua aventura não tem razão de ser. E se Fainne não conseguiu levar a cabo a tarefa que lhe propôs, diga-me, diga-nos a todos, por que razão não a levou a cabo a senhora?

Oonagh devolveu-lhe o olhar. O seu olhar já não era o de uma dama bela, de aspecto real, antes mudara de novo; vi uma caveira por trás da pele esticada, vi o olhar nos seus olhos e soube que era de medo.

— Isso não quer dizer nada! — retorquiu ela. — O rapaz não presta para nada! Filho da Profecia! Ah! Ele não tem categoria para fazer o que lhe foi destinado. Que interessa se vive ou morre? Vós é que perdestes, todos! Tudo isto se transformará em poeira e cinzas, por mais que façais. Poeira e cinzas, desolação e desespero!

— Responda-me — disse o meu pai com a mais calma das vozes e eu vi Fiacha a descer do seu ombro e a deslizar pelo braço estendido, como se se preparasse para levantar vôo. — Responda à minha pergunta. Não? Então eu respondo por si, mãe. Mandou a minha filha matar o Filho da Profecia porque não o podia fazer por si própria. Não o podia fazer porque a sua força está a fraquejar, dia-a-dia, a cada estação que passa. À medida que minha filha crescia, trabalhava e estudava e se tornava forte na arte, os seus poderes iam diminuindo. A mãe nunca recuperou da derrota que sofreu às

mãos dos humanos. Nunca mais será o que foi. Não consegue destruir o segredo das Ilhas. Admita. Perdeu, quando imaginava que este seria o seu grande momento de triunfo.

Lady Oonagh pestanejou. Por um ínfimo momento os seus olhos desfocaram-se e nesse momento Fiacha levantou vôo, as grandes asas abertas, rápido como uma seta na direção do seu rosto. Ela foi rápida: os seus olhos tornaram-se de novo acerados e com um pequeno som, um pequeno estalo, levantou a guarda. Uma mão subiu e uma bola de luz verde começou a perseguir o corvo enquanto ele voava em círculos sobre a sua cabeça, inclinando-se e mudando de direção para escapar ao seu fogo terrível. A ave não podia fugir; ela mantinha-a preso a si. O feitiço reduzi-lo-ia a cinzas quando o tocasse. Os meus dedos moveram-se sutilmente e Fiacha passou a ser um corvo minúsculo, do tamanho de uma abelha, um pequeno ponto negro, fugindo do feitiço com a mesma facilidade com que um peixe escapa a uma rede de pesca e procurando refúgio num pequeno arbusto que talvez estivesse ali, ou não, no momento anterior. O meu pai limitou-se a lançar uma olhadela na minha direção.

Oonagh olhou para o filho.

— O que é isto? — troçou ela. — Um jogo de truques? O cão caça o gato, o gato caça o rato, o rato caça a abelha e assim por diante? Certamente que estamos acima dessas habilidades. E estás errado. Eu tenho mais poder do que tu, muito mais do que eles.

O seu olhar de escárnio percorreu o grande círculo de guerreiros estupefatos, passou pelo rosto cor de cinza de Conor, pelas feições duras de Sean, pela figura acocorada e arfante de Finbar e passou pelas figuras altas e estáticas dos seres do Outro Mundo, que estavam por trás, silenciosas, observadores solenes.

— Tu nunca soubeste como derrotar o teu inimigo, Ciarán; nunca soubeste e nunca saberás.

Então, ela transformou-se. Ela era fantástica com o Encantamento, melhor ainda do que o meu pai; vira-a demonstrá-lo muitas vezes quando se punha em frente do espelho, em Favo de

Mel e me mostrava uma rapariga afetada, uma rainha maravilhosa, uma serpente coleante, ou um gato. Mas nunca me mostrara aquilo.

Transformou-se no espaço de um batimento de coração e no lugar dela apareceu uma rapariga de dezoito anos, de faces pálidas delicadamente coradas, de olhos grandes, sinceros e azuis como o céu de Verão, de cabelos avermelhados como o cobre, que lhe caíam pelos ombros. Usava um vestido violeta e nos pés tinha uns sapatos de pele de cabrito, de dança. Ouvi a exclamação de choque do meu tio Sean e ouvi a encantadora rapariga, que não era a minha mãe, dizer: “Ciarán?” com uma voz suave, doce, que tremia de alegria, hesitante. Vi o olhar no rosto do meu pai; baixara a guarda e, por um momento, ficou indefeso. A rapariga tinha algo na mão, meio escondido nas pregas sedosas do vestido; algo brilhante, algo mortal. Abri a boca para o avisar, para fizer um feitiço, qualquer coisa, mas também hesitei; a rapariga olhou para mim com uns olhos cheios de amor; era a minha mãe...

Finbar mexeu-se. Rápido como a luz do Sol, levantou-se, entrou no círculo correndo, voando, a asa aberta para deter o raio letal que a rapariga lançou na direção do peito do meu pai quando ergueu o braço. Finbar caiu aos pés da minha avó, atingido pelo feitiço que era dirigido ao seu irmão, as penas da asa branca queimadas e um corte sangrento no peito, onde a capa, a túnica e a carne tinham sido atingidos por aquele raio mortal. Ficou ali, inofensivo, fumegando, sem forças. Ciarán continuou mudo, os seus olhos não no homem moribundo a seus pés, mas na figura na sua frente, agora uma velha desdentada e de cabelos brancos desgrenhados.

— Matou o meu irmão — disse Ciarán com uma voz parecida com a de uma criança. — Matou-o.

Conor lançara um grande grito de angústia quando vira cair Finbar. Começou a entoar um cântico, as palavras doces caindo como lágrimas no silêncio agreste. Vi o rosto de Sean torcer-se de dor; senti uma dor dilacerante no coração, eu, que pensava não poder suportar mais nenhuma tristeza. Quando o som das

gargalhadas da minha avó se elevaram no ar, o meu pai ajoelhou-se junto do irmão e pegou-lhe na mão sem se preocupar com o perigo.

— Que a terra te receba e te abrigue — disse Ciarán suavemente. — Que as águas te levem gentilmente para a tua nova vida. Que o vento de oeste te leve depressa e em segurança. O fogo já tu o tens, irmão, forte e subtil, porque foste filho do espírito. Deste a tua vida por mim; não desperdiçarei essa dádiva. Tens a minha palavra; palavra de irmão.

Então, Finbar sorriu, morreu e, por um momento o céu escureceu, como se uma sombra tivesse passado por cima de nós. E quando pestanejei de novo, pareceu-me que o homem que jazia ali sem vida era um homem que nunca fora tocado pelo mal, um homem sem qualquer desfiguração, porque tinha os dois braços abertos e os seus olhos límpidos olhavam para o céu, como se procurassem uma resposta que devia estar longe, muito longe, no reino onde estava a sua família com os corações atingidos pela dor da perda.

Então, o meu pai ergueu-se, virou-se para a feiticeira e a expressão no rosto dela mudou quando viu o olhar do filho. Não podia permitir que ele fizesse aquilo; um filho não podia ser o instrumento do castigo da mãe. Essa tarefa cabia-me a mim; chegara a minha hora.

— Não, pai — disse eu calmamente, levantando-me e avançando. — É a minha vez. A sua parte terminou.

A cabeça de Lady Oonagh virou-se rapidamente para mim, de novo; os seus lábios abriram-se. Parecia pressentir a vitória.

— Fainne — arrulhou ela — minha querida, como és valente. Mas é melhor ficares de fora. Isto está para além dos teus poderes limitados. Vê como estás fraca. A transformação tirou-te as forças. Não sejas louca, querida. Deixa isto para o teu pai.

Então, os seus olhos abriram-se muito, engoliu em seco e as suas mãos apertaram-se com força quando sentiu o meu feitiço, um feitiço que a prendeu onde estava, capaz de ver, capaz de falar, mas

incapaz de se libertar. Vi, no seu olhar selvagem, que me subestimara por completo.

— Esperta — disse ela com esforço. — Ensinei-te bem. Seja, faz o que tens a fazer. De qualquer maneira, é inútil. Eu ganhei esta batalha apesar dos vossos truquezinhos manhosos. Talvez Sevenwaters não a tenha perdido; mas as Ilhas perderam-se e o grande objetivo dos Fair Folk frustrou-se. Oh sim, eles estão ali a ver; olha por cima do ombro e vê-los-ás, A Dama da Floresta e o Senhor do Fogo, os dos Rios e do Oceano, das montanhas altaneiras e das grutas profundas. Sevenwaters não pode vencer. O Filho da Profecia está vivo, mas não pode levar a cabo a profecia. Simplesmente, não foi feito para isso.

Os lábios do meu pai abriram-se num pequeno e estranho sorriso, olhou para mim e eu olhei para ele.

— Que queres dizer? — perguntou Conor. O seu rosto estava cheio de lágrimas; parecia velho e gasto. — Johnny liderou os seus homens corajosamente, quase pagando com a sua vida. Triunfou no campo de batalha e as Ilhas foram conquistadas por Sevenwaters. Que mais queres?

Lady Oonagh riu-se, um riso jovem, descontraído, como o toque de minúsculas campainhas.

— A batalha só foi parcialmente vencida, meu pequeno druidazinho. O que vem depois é que conta. O Filho da Profecia tem de ficar aqui como vigilante; uma longa vigília, nem mais nem menos do que a guarda dos mais ínfimos segredos do conhecimento; os mistérios que os Fair Folk guardam com tanto zelo. Ele tem de subir lá acima ao topo daquele pináculo, além, no mar, e ficar lá o resto da sua vida, só, guardando tudo isso. Sem o Vigilante da Needle, os velhos mistérios degenerarão, morrerão e com eles os Fair Folk. Talvez isso não esteja escrito na profecia, mas é verdade. Pergunta a Ciarán. Ele percebeu que é assim. Pergunta àqueles grandes senhores e senhoras dos Túatha Dê, que eles dizem-te.

— O Vigilante da Needle? — A voz de Sean era áspera, chocada, amarga, desapontada. Ele tem de viver lá, na cela por baixo das sorveiras-bravas, sozinho? Johnny é o herdeiro de Sevenwaters; ele é um chefe de guerra, futuro guardião do túath, vital para a segurança e bem-estar do nosso povo. Estás a dizer que, no fim, depois desta chacina, destas baixas todas, a verdadeira batalha não foi ganha? Que a profecia não se cumprirá se Johnny não fizer esse sacrifício para restabelecer o equilíbrio?

Seguiu-se um silêncio. Então, Conor levou as mãos ao rosto e inclinou a cabeça.

— Está tudo perdido — disse ele. — Porque o rapaz não pode fazer isso; todos o sabemos. — Johnny é um guerreiro; o seu coração bate ao ritmo da espada, não ao lento desenrolar do Conhecimento. A sua mãe traçou-lhe o destino, há muitos anos, quando o levou para fora da floresta. Ele não é um sábio, não é nenhum místico; num lugar assim não dura mais do que um ano, de Sambain a Sambain, antes de enlouquecer. Johnny não é capaz; e se a verdade é essa, então foi tudo para nada.

— Sábias palavras, irmão — disse Ciarán solenemente. — O rapaz deve regressar a Sevenwaters e, a seu devido tempo, deve tomar o lugar a que tem direito no esquema das coisas. Ele será o guardião da floresta e do povo e desempenhará o seu papel com nobreza, tal como o seu tio faz agora.

— Ah! — disse Lady Oonagh de modo cortante, lutando ainda por se libertar do feitiço que eu lhe fizera. — Portanto, concordas comigo. Como vês, tive sempre razão. Os Fair Folk estão acabados.

— Não consigo acreditar, mas parece que é verdade — disse Conor numa voz pesada de derrota.

— Não é, não — disse o meu pai. — Uma profecia não é assim tão simples. Tem muitos enigmas, assim como o próprio Conhecimento. Tal como um quebra-cabeças, pode ter mais do que uma solução.

Senti a meu lado uma pequena perturbação do ar; um agitar de penas. E no outro lado um leve ranger, um ligeiro rolar de pedras. Subitamente, estava rodeada de Fomhóire. E um restolhar, umas fungadelas e uns gorjeios disseram-me que outros se aproximavam.

— Hum, hum! — disse a criatura-mocho. Em redor do círculo, os homens mantinham-se num silêncio completo, a olhar; não havia um divertimento daqueles há muitos anos e o mais estranho era que se tinham esquecido de ter medo. — Não deste por nós, creio. Mais uma vez. Mas não faz mal. Vamos, Fainne. Chegou a hora de dizer a verdade. Chegou a hora de lhes falar na boa idéia que é ficar com algo de reserva, por assim dizer, no caso de as coisas não correrem como planeamos. Os Fair Folk não compreendem assim, mas nós estamos cá há mais tempo, há muito mais. Sabemos o valor da segurança.

— Tio — disse eu, engolindo as lágrimas que pareciam teimar em rolar-me pelas faces e pestanejando para poder fixar o rosto muito cansado de Conor enquanto me aproximava dele. — Nem tudo está perdido. Johnny não pode ir para a Needle para que a profecia se cumpra; mas eu posso.

— Tu? — Fora Sean que falara, franzindo o sobrolho ferozmente. Era evidente que estava longe de saber ao certo de que lado eu estava.

— É verdade — disse o meu pai, aproximando-se e colocando-se a meu lado. A sua voz era profunda e ressonante. — Havia um padrão, montado pelos Fair Folk. Liadan mudou-o. Ela assegurou-se de que o seu filho não desempenharia o papel que lhe estava destinado. Mas a profecia não fala de um homem, ou de guerreiros, ou de batalhas. Fainne, é melhor explicares tudo ao teu tio.

Olhei para ele.

— O pai sabia — disse eu quase sem poder respirar, dividida entre o espanto e a ira. — Sempre soube e não me disse?

Ciarán abanou a cabeça; uma sombra de um sorriso torceu-lhe a boca severa.

— Suspeitava, mais nada; não podemos saber estas coisas. Se tivesse a certeza, talvez te tivesse dito, minha filha. Mas talvez não. Se tivesse a certeza, a tua jornada teria sido diferente; e o seu fim talvez não tivesse sido o mesmo. Deste modo, os teus erros fortaleceram-te, as dificuldades prepararam-te para a longa vigília que tens pela frente.

— O quê? — explodiu Lady Oonagh, ainda firmemente presa pelo meu feitiço. — Que estás tu a dizer, miserável? Não pode ser! A rapariga não tem nenhuma marca... ela não pode ser a Filha da Profecia!

Virei-me de novo, de modo que a feiticeira me pudesse ver bem.

— A avó disse que a minha educação tinha sido insuficiente — disse-lhe. — Uma coisa que o meu pai me ensinou foi a resolver quebra-cabeças; procurar sinais. Eu teria sabido isto antes se tivesse estudado as palavras da profecia com mais atenção. Ela fala de uma criança de Erin e de Inglaterra, que, ao mesmo tempo, não é, nem uma coisa, nem outra. A minha mãe, que a avó tanto despreza, era uma das filhas de Sevenwaters, uma criança da floresta. Mas o pai dela era Hugh de Harrowfield, um bretão, que, por escolha própria, casou com uma mulher de Erin e viveu toda a sua vida exilado da sua terra natal. O meu pai é feiticeiro, mas também ele é um dos filhos de Sevenwaters; na verdade, filho de Lorde Colum, em tempo um grande líder do povo da floresta, até que a avó o apanhou na sua armadilha; até que o seu desejo de vingança lhe fizesse perder o juízo. Os humanos de Sevenwaters, então, lutaram contra si e triunfaram; e triunfaram, de novo, hoje. Eu sou, na verdade, filha de Erin e de Inglaterra; no entanto, não sou, nem uma coisa, nem outra. Transporto no meu sangue a semente de quatro raças, a herança dos ancestrais Fomhóire e a linhagem dos Fair Folk através de si, avó. A avó não é descendente do povo que despreza através de uma linhagem de párias?

O corpo da minha avó tremia de fúria e incredulidade.

— Isso não quer dizer nada! — cuspiu ela. — Palavras espertas, argumentos astuciosos, porcarias de druida! Tu nunca poderás levar a cabo a profecia! Os Fair Folk não podem vencer! E a marca do corvo? Patética, aborto de rapariga, como te atreves? Tu não és nenhuma heroína; és uma fraca e uma inútil, tal como a tua mãe!

Os meus dedos tocaram no cabelo cor de manteiga de Riona e no seu vestido manchado de sangue. A meus pés, Finbar estava estendido por terra, o cabelo escuro emaranhado em redor da cabeça, as feições pálidas e tranqüilas. Mais longe do lado de lá do círculo, o corpo de Eamonn jazia onde caíra. Não fora ele eu teria morrido e Lady Oonagh teria vencido a batalha. As palavras já não me feriam. Tudo o que sentia era um enorme vazio. O meu coração estava paralisado. Mas sabia que iria em frente, tinha de ir, ou todas aquelas perdas teriam sido para nada.

— Está enganada, avó — disse eu calmamente. — As profecias são um pouco como a Visão, creio. Mostram-nos as coisas distorcidas, ou sutilmente mudadas, de modo que precisamos de ser bons a resolver quebra-cabeças para as compreendermos. — Afastei o decote do meu vestido e os meus dedos tocaram na minúscula cicatriz que ainda marcava a pele branca do meu ombro. — Fiacha picou-me aqui, uma vez, quando eu era criança. Os bicos dos corvos são afiados; ainda tenho a cicatriz. Como vê, os grandes Mistérios são sempre insondáveis. Na verdade, eu tenho a marca do corvo. Eu sou filha de Erin e de Inglaterra. Sou, em todos os aspectos, a Filha da Profecia, tanto quanto Johnny. Além disso...

— Além disso — disse Conor, compreendendo subitamente tudo — foste criada como druida, quer o teu pai o tivesse feito de propósito, quer não. Foste criada na disciplina, foste habituada às dificuldades e aprendeste o Conhecimento. Foste criada com amor na solidão e treinada na arte da magia.

— Que estás tu a dizer? — Sean olhou para mim, aparentemente dividido entre um entendimento horrorizado e uma promessa de esperança.

Mas eu fiquei subitamente muito cansada, tão cansada que mal sabia como lhe responder; e, perante os meus olhos, a minha avó começou a lutar contra o feitiço, tentando desatar os laços invisíveis com as mãos ossudas e a boca, de dentes aguçados, num esgar de raiva.

— Não! — sibilou ela. — Não pode ser!

— Creio que pode — disse o meu pai tranquilamente, aproximando-se de mim e colocando-me uma mão no ombro; para me passar a sua própria força. — Creio que reconhecerá, mãe, que cometeu um grande erro ao partilhar o seu conhecimento comigo, deixando, depois, de me prestar a menor das atenções. Como druida, também eu aprendi a resolver quebra-cabeças e a respeitar o resultado. Como feiticeiro, aprendi a jogar e jogo sempre para ganhar. A mãe exigiu que a minha filha obedecesse à sua vontade; e ao fazer isso, fabricou a arma da sua própria destruição. Na forja da sua crueldade, com os seus testes de vontade e resistência, criou a Filha da Profecia e o instrumento da sua queda. Eu preparei-a o melhor que soube; a mãe aperfeiçoou-a.

— Vem.

Houve um súbito silêncio, porque aquela era uma voz diferente e os homens recuaram, espantados. De quatro posições no círculo avançaram quatro seres maravilhosos, todos eles mais altos do que qualquer homem ou mulher de linhagem humana e tão brilhantes como se o Sol tivesse aparecido de novo sobre aquela desolada encosta. Eram Túatha Dê; tinham estado a observar e tinham esperado até que aquele combate, aquele debate, terminasse. E agora avançavam, de rostos pálidos e solenes e vozes límpidas como água a correr sobre seixos, ou o som distante de uma trovoada de Outono.

— Eu sou Deirdre da Floresta. — Uma mulher avançou na minha direção com uma mão longa e branca estendida. O cabelo caía-lhe pelas costas numa cortina escura e sedosa; os seus olhos eram do azul-profundo do céu ao crepúsculo, da cor das pregas da sua capa. — O tempo passa. Estamos prontos.

— Vem, Filha do Fogo. — Fora um homem que falara, se se podia chamar homem àquela maravilhosa criatura; o seu cabelo era de um vermelho-brilhante, um halo de chamas que dançava e faiscava em redor da sua cabeça. Os seus olhos também faiscavam; maliciosos, perigosos. — A tua longa tarefa aguarda-te. Vamos.

— Nós acompanhamos-te. — Aquele ser tinha uma voz parecida com a do oceano, suave e poderosa, um som parecido com as ondas que ecoavam nas grutas de Favo de Mel.

— O mar leva-te. — Não era capaz de dizer como ela era, apenas que era uma coisa da água, transparente se bem que real, um ser móvel, sempre a mudar, com cabelos frondosos e olhos selvagens, as mãos e os pés fluídos como o fluxo e refluxo da maré nas poças das rochas.

— Ainda não! — disse o quarto ser e todos se viraram para ele. Esse era pouco mais do que uma perturbação do ar; a sugestão de um vestido difusamente brilhante, o brilho agora presente e agora ausente de um par de olhos profundos, o esplendor de uns cabelos parecidos com pequenas jóias movendo-se sob a brisa. — Isto tem de acabar agora. Avança!

Uma voz de comando que não podia ser desobedecida; uma voz de poder. Mas aquelas palavras não eram para mim. O feitiço que eu lançara desfez-se abruptamente, provocado por uma magia maior. Senti as mãos do meu pai nos meus ombros, segurando-me firmemente enquanto Lady Oonagh avançava na minha direção com passos pouco certos, estendendo os longos dedos predadores.

— Vou destruir-te! — guinchou ela, tremendo da cabeça aos pés e a ameaça nos seus olhos negros era suficiente para gelar a mais forte das vontades. Vou-te rasgar, membro por membro, minha fracalhota!

À sua volta, os grandes senhores e damas dos Túatha Dê Danann continuavam imóveis e silenciosos. Eu sentia as mãos do meu pai, fortes e quentes; senti o seu amor naquele toque. Conor entoava cânticos antigos em voz baixa. A barreira de chamas

continuava a arder, mantendo afastados aqueles que poderiam ainda tentar uma intervenção com espadas, ou lanças.

Não senti qualquer medo enquanto a via aproximar-se, se bem que o veneno dos seus olhos fosse real e assustador. Não senti nada senão um enorme vazio e o conhecimento do meu próprio poder.

— Deves ser tu a fazer isto, Fainne — disse a Dama da Floresta calmamente. — Está escrito. Acaba com as trevas. Usa o que aprendeste.

Assim, olhei diretamente para os olhos da minha avó, que eram um reflexo dos meus e disse as palavras de um pequeno feitiço há muito aperfeiçoado sob a sua tutela. Sempre fora boa naquilo e a magia fluiu através de mim com tanta força e segurança como nos velhos tempos de Kerry, nos tempos antes de eu ter saído de casa e ter aprendido que o amor é a mais cruel das coisas. Um momento antes de ela mudar, vi o reconhecimento nos seus olhos, a certeza da sua própria derrota; e terror.

— De todo o mal que fez — murmurei — há uma coisa, só uma, que nunca esquecerei. Mas não vou matá-la. Pode tentar a sua sorte, como todos nós.

Então, estalei os dedos e a terrível feiticeira transformou-se numa galinha, cacarejando e debicando aqui e ali, a meus pés, assustada com a multidão. Estalei os dedos de novo e apareceu uma pequena serpente, deslizando, enroscando-se, brilhando, escura como amoras, procurando fugir até eu a transformar numa barata. Algures, atrás de mim, ouvi um agitar de penas, uma ligeira mudança do estado das coisas. Movi a mão e murmurei; a barata transformou-se num rato rechonchudo, bem alimentado pelo grão da estação passada. O animal desatou a correr, porque estava ali perto uma pedra musgosa, boa para uma criatura selvagem se esconder. Mas quando o rato se aproximou, a pedra rolou sutilmente e afastou-se; e, num instante, mergulhou um pássaro, rápida e mortalmente, para subir de novo com a criatura aos guinchos firmemente preso no bico. O mocho andrajoso pousou no topo da

pedra musgosa; engoliu uma vez e a última coisa que vi do rato foi a sua cauda pendurada do bico. O mocho engoliu de novo e o rato desapareceu. Nenhum de nós disse uma palavra.

— Vem, Fainne. — A Dama da Floresta estendeu de novo a sua mão pálida e suave, indicando-me o caminho. — Chegou a hora. — Ela virou-se para os homens ali reunidos, para Sean, para Conor e para os líderes de Inglaterra e de Erin. — A rapariga disse a verdade — disse ela. — Cuidado com o aviso dela, e com o meu. Depois de hoje, ninguém deve ficar aqui. Depois da noite que se aproxima, nenhum pé humano deve pisar estas costas, salvo os desta rapariga. Usai os navios que tendes, levai os vossos homens sem tardar e navegai até porto seguro. Porque se ficardes nestas Ilhas morrereis. A profecia cumpriu-se. A demanda terminou. Ide para vossas casas e recomeçai as vossas vidas.

— Neste momento, os vossos filhos discutem os termos da paz — disse o senhor dos cabelos em chamas, a sua voz tão solene e profunda como um trovão. — Uma paz que vai ser conseguida com facilidade por um homem tão sábio e corajoso como a Filha da Profecia. Para que não haja dúvidas, o jovem também desempenhou o seu papel; sem ele, a batalha não teria sido vencida, porque é ele que dá aos vossos homens o ânimo que os sustenta. Sem ele não haveria paz entre Northwoods e Sevenwaters; entre Harrowfield e o seu vizinho. Johnny é nosso filho; a sua linhagem é a nossa.

Ouvi por trás de mim uma ligeira tosse; os Anciãos apareceram para exprimir uma opinião algo diferente, mas não naquele ponto.

— O rapaz é um exemplo raro e brilhante para todos vós. Segui-o e gozareis a paz em ambos os lados da água. Segui-o e podereis preservar as vossas terras e a vossa floresta por mais algum tempo. Por mais algum tempo.

Havia uma profunda tristeza por trás daquelas comoventes palavras.

— Vem, Fainne.

Não me podia recusar a segui-los; chegara a hora, na verdade. Os guerreiros dispersavam rapidamente; alguns, sob as ordens de Snake, dirigiam-se já para o ancoradouro para carregarem os navios e prepararem-se para a partida. Havia muitos homens para transportar e era necessário um milagre de organização. Mas os homens de Inis Eala eram bons naquelas coisas. Ao anoitecer estariam todos a caminho, em segurança. Alguns guerreiros vestidos de verde levantavam o corpo de Eamonn e retiravam-lhe a lança. Alguns homens de Sevenwaters cobriam o corpo andrajoso e tranqüilo de Finbar com um pano branco que ostentava o símbolo de Sevenwaters, os dois colares interligados. Sean olhava para o posto da guarda, porque Edwin de Northwoods continuava à espera.

— Só um momento — disse eu aos meus guias do Outro Mundo; achei que, como aquela separação era para sempre, podiam conceder-me um pouco mais de tempo. Virei-me para o meu tio, o senhor de Sevenwaters.

— Diga às suas filhas que nunca as esquecerei — disse eu o mais firmemente que pude. — Elas ensinaram-me o que é uma família e muitas outras coisas. Gostaria que Eamonn tivesse uma despedida como deve ser, com luzes, música e honras militares, porque, apesar de ter cometido muitos erros, no fim morreu corajosamente. E diga a Maeve... diga-lhe que lamento, que lamento muito.

Havia dor nos olhos de Sean, mas também um certo respeito. O senhor de Sevenwaters acenou com a cabeça e beijou-me nas duas faces, mas não disse uma palavra.

— Adeus, tio — disse eu a Conor.

— Adeus, minha querida. — A sua expressão era muito séria. — Esta despedida é para sempre. Gostaria de poder ajudar-te. És tão nova para esta missão tão grande. Tão nova, com a vida inteira pela frente.

— Parece que isso não tem importância — sussurrei, e as lágrimas começaram, de novo, a cair-me pelas faces. — Mas vou em frente, já que só sirvo para isto.

— Só? — disse Conor. — Que só tão grande e maravilhoso, minha querida.

Ele não compreendeu. Nenhum deles compreendia o vazio que eu sentia. Virei-me para o meu pai.

— Pai?

Ciarán olhou para mim com o rosto muito pálido e os olhos escuros ainda circunspetos.

— Tenho uma grande fé em ti, filha — disse ele. — Sempre tive. Uma grande fé e um grande orgulho. E amo-te muito. Nunca te esqueças disso.

— Pai, vai regressar? A Sevenwaters? Eles precisam de si. Conor está velho e cansado. Chegou a hora de os laços familiares se reatarem e de a sabedoria da sua espécie recuperar o seu lugar na floresta. E há lá uma rapariguita que pode vir a ser uma grande mística, se a ensinar. Eu provoquei muito mal, pai, mas só pensava em proteger os que amo. Queria que o pai não sofresse e... e...

As minhas palavras caíram no silêncio.

— Tu foste muito forte; suficientemente forte por todos nós, no fim de contas. Vou pensar no teu pedido. — Ele olhou para a silhueta envolta num pano branco, aos nossos pés. — Talvez tenha chegado a hora para que todas estas feridas sarem. Adeus, filha. — O meu pai inclinou-se para me beijar na testa. — Que a mão da deusa te ampare; que o Sol aqueça os teus dias e que a Lua ilumine os teus sonhos.

— Adeus, pai. Ficará sempre no meu coração.

Mas parecia-me, enquanto os Fair Folk me conduziam à praia, onde um barco negro esperava, que o meu coração estava vazio, limpo de tudo o que possuíra e que nunca mais se voltaria a encher. Parecia não ter importância o que me aguardava, o perigo e a solidão da minha tarefa. Parecia não ter importância o que deixava para trás. Eles não compreendiam. Os Anciãos tinham razão. Eu deitara fora o meu único tesouro.

Só percebi o que perdera quando já era demasiado tarde.

O barco afastou-se da praia sem uma vela ou um remo, sem um marinheiro que o conduzisse à Needle. Por trás de mim, na praia, os Fair Folk observavam a minha partida, solenes e silenciosos. Aconcheguei Riona nos meus braços como se fosse ainda uma criança, enquanto o barco se afastava cada vez mais rapidamente.

— Não foi justo — sussurrei, furiosa. — Darragh era tão bom, nunca fez nada de mal e ela matou-o; tudo por minha causa. E Finbar morreu por minha causa, porque fiz com que ele viesse aqui. Ninguém compreende. Ninguém sabe. Eles esperam que eu me sinta como uma espécie de heroína; como se sentisse em mim uma grande fé. Mas eu só sinto um vazio muito grande.

E pareceu-me ouvir a voz silenciosa da boneca enquanto olhava para os seus olhos escuros, impenetráveis. *Eu sei*, disse ela. *Eu, feita por Niamh com as suas próprias mãos, ponto a ponto; eu sei o que é o amor.*

Olhei para trás, para a praia, onde Conor e o meu pai estavam lado-a-lado, ambos de mão erguida em sinal de adeus. As suas figuras ficaram cada vez mais pequenas e, por fim, deixei de as ver, enquanto o pequeno barco prosseguia levado pela corrente na direção das rochas traiçoeiras da Needle. Fechei os olhos e entreguei-me ao que tinha pela frente.

Os Fair Folk viajam mais depressa do que o vento de oeste; com mais subtileza do que uma sombra. Estavam à minha espera quando o barco se aproximou da Needle, penetrou numa gruta por baixo das rochas e parou abruptamente junto de uma saliência rudemente talhada. Uma espécie de ancoradouro, se bem que nenhum outro barco maior do que aquele pudesse atracar ali. A Dama da Floresta estendeu de novo a mão, ajudando-me a sair da embarcação e conduzindo-me por uns degraus impossíveis acima, talhados na rocha íngreme. Como seria possível viver naquele lugar? A mínima rajada de vento podia atirar-me pela falésia abaixo; e como sobreviveria? Vi-me a esperar por uma morte solitária

comendo algas e um qualquer marisco ocasional apanhado nas rochas com os dedos em sangue. Uma vida de eremita. Era possível, evidentemente. Havia aquele lugar, em Kerry, Skelligs, e os monges que ali tinham sobrevivido durante as invasões vickings, no meio da pilhagem e da matança, no meio das tempestades de Meán Fómbaire dos Invernos rigorosos. Ano após ano, tinham-se mantido agarrados àquele pináculo, o isolamento fortalecendo-lhes a fé e estimulando-lhes as mentes, tornando-os mais conscientes para contemplar os grandes mistérios. Eu não compreendia a fé Cristã. Os meus estudos sugeriam-me que ela não tinha, de algum modo, respeito pelas coisas que existem: o poder da terra e do Sol, a força da água e a pureza do ar. São essas as pedras basilares da velha fé, porque sem elas, sem o conhecimento da Lua e das estrelas, sem a compreensão de todas as existências, como podemos nós compreender a existência das coisas? Nós fazemos parte de todas essas maravilhas, como um recém-nascido está ligado à sua mãe; se não sabemos isso, não nos conhecemos a nós próprios. Há tantas manifestações de beleza: o rápido gamo e o salmão esguio; a delicada carriça, a misteriosa estrela-do-mar, o forte carvalho e o esbelto vidoeiro. E as coisas para além do conhecido, que só raramente se mostram: os seres impenetráveis e instáveis do Outro Mundo, que caminham a nosso lado ao longo das nossas curtas vidas, visíveis apenas quando querem, ou quando nós próprios aprendemos a passar essa fronteira. Em Sambain podemos vê-los, ou com sonhos, ou em visões; mas já não é como era, quando os Anciãos caminhavam pela terra e a fronteira quase não existia entre as grandes coisas que existem e aqueles que são os seus guardiões. Quanto aos humanos, somos uma pequena parte de um grande todo, muito pequena; no entanto, cada um de nós é precioso, uma jóia de grande valor e cada um de nós é diferente. Os Fair Folk talvez não pensassem assim, supunha eu. Não podiam compreender como a perda da vida de um simples humano podia ser tão pesada, porque os seus pensamentos estavam concentrados no grande esquema das coisas; eu só era importante pelo papel que ia desempenhar para eles.

Chegamos ao topo dos degraus. Eu estava ofegante e tonta, porque não comera nada desde que saíra de Inis Eala. Ali, a

superfície íngreme dava lugar a um pequeno planalto abrigado por uma parede natural de rocha. Havia sorveiras-bravas, espessas, com folhas e bagas, se bem que ainda não estivéssemos na Primavera. O vento não atingia aquele pequeno espaço abrigado; na verdade, era estranhamente calmo, como se estivesse isolado do resto do mundo, das tempestades e do frio, do passar das estações, talvez, até, do tempo. No centro do espaço brotava uma nascente, por entre as pedras, fazendo uma pequena poça na base da rocha antes de correr, por um estreito canal, até à beira e cair no mar, lá em baixo. Junto da poça estava uma caneca. Ou alguém vivia ali, ou vivera; ou o lugar fora preparado para mim.

— Há muito tempo — disse a Dama da Floresta — que um homem, ou uma mulher, não vivem neste lugar. Em tempos houve um druida. Mas foi diferente; A Needle está desabitada desde que os homens e as mulheres, e os pais deles, e os pais dos pais deles têm memória. Quase a perdemos. Sevenwaters deixou escapar as Ilhas; os invasores cortaram as árvores sagradas e conspurcaram a nascente sagrada; caminharam pelas grutas da verdade. Mas não viram nada. Não compreenderam nada. Os mistérios só se revelam a uns poucos, apenas àqueles que compreendem o sentido das coisas.

— Se é assim — perguntei-lhe — por que não deixar as coisas como estão? Por que precisais de uma humana fraca como eu para ficar aqui por vós e tomar conta do local como uma espécie de... de guarda? Este local não se guarda a si mesmo? Não podeis manter os humanos afastados por meio de magia? Brumas, monstros, tempestades? Por que precisais da Filha da Profecia?

O terrível Senhor apareceu a seu lado. Eu já reparara no seu estilo, um tanto resplandecente; parecia dado a súbitas chuvas de faíscas e raios coloridos de luz.

— Ah — disse ele com um sorriso severo. — A explicação está nas palavras. Uma profecia deve ser respeitada. Nós podemos ajudar um pouco, mas no fim é ela que governa o desenrolar dos acontecimentos. Há muito tempo que sabemos que os nossos dias estão contados; há muito tempo que sabemos que esta profecia

deve ser cumprida se quisermos preservar aquilo que é precioso para todos. A nossa era está a chegar ao fim. Os Anciãos continuarão, apesar de fracos, mas possuem, no entanto, a sabedoria da própria terra, a capacidade de se misturarem, de se confundirem na bruma das coisas, de resistirem. As capacidades dos Túatha Dê são outras. Em tempos fomos realmente grandes, governamos o reino de Erin, supremos e poderosos. Na verdade, brilhamos; nós éramos a personificação dos mistérios e dos prodígios, da magia e do encantamento. Mas as coisas mudam. Nesta era da espécie humana, são poucos os nossos lugares de refúgio. A floresta de Sevenwaters é um dos últimos; e enquanto Lorde Sean ali governar e depois dele o seu filho Johnny, podemos caminhar sob os seus carvalhos em segurança. O arquidruida é um dos verdadeiros filhos de Sevenwaters; ele velará pela velha fé e inspirará outros. E Ciarán também terá o seu tempo e a sua influência, porque, no fim de contas, também é filho dela. O homem tem bom coração e tem muito para dar. Todos eles conseguirão uma estação, um ano, uma vida para a floresta e para os seus habitantes. Mas há de chegar o tempo, em breve, em que até as velhas árvores cairão sob o machado para garantir ao homem as suas terras de pastorícia, as suas aldeias, as suas torres e as suas muralhas. O homem tenciona, na sua ignorância, conquistar a própria terra, forçar o oceano à sua vontade. E, assim, matará o corpo da mãe que lhe deu a vida; e não saberá o que faz. Os velhos costumes serão esquecidos, Fainne, por mais que façamos. Está a começar uma nova era; uma era de trevas, durante a qual aqueles que andam pela terra se verão afastados das coisas que lhes deram a vida.

— Sem ti, tudo se perderá. — O ser que falara parecia ser feito apenas de ar e luz; tudo o que eu conseguia ver dele era os seus olhos luminosos e as tranças douradas do seu cabelo. — Porque, enquanto os mistérios permanecerem vivos no coração de uma simples criatura humana, enquanto o conhecimento da nossa espécie estiver guardado no seu coração, não desapareceremos para sempre, ficaremos apenas à espera, sonhando, até que cheguem novos tempos de mudança, do renascimento da verdade sagrada, da compreensão do grande círculo da existência.

— Tens de manter tudo isso vivo, Fainne — disse o ser semelhante à água, cujos cabelos longos esvoaçavam em redor dos seus ombros como delicadas algas. Pensei ver neles peixes minúsculos, brilhantes, entrando e saindo daquela frondosidade. — É essa a tua missão.

— Mas... — comecei eu a dizer, com uma pergunta óbvia na ponta da língua.

— Vem, nós mostramos-te.

A Dama da Floresta pegou-me na mão e guiou-me até à parede de rocha e então eu vi uma abertura, uma mera fenda escondida, que poderia passar por uma irregularidade da superfície, ou uma sombra.

— Há aqui muito mais do que parece — disse ela solenemente. — Esta entrada não é fácil de encontrar; porém, é aqui que guardamos o que nos resta. Uma vez lá dentro, descobrirás que isto é muito maior do que imaginas.

— Tal como o espírito brilha e parece demasiado grande para caber na pequena concha do corpo, assim é este lugar — disse solenemente o ser parecido com a água. — O mundo interior é maior e mais complexo do que o exterior, mais profundo e intrincado. Verás muitas coisas; verás o que era, o que é e o que será. Verás e recordarás.

E foi, na verdade, como eles disseram. A fenda na rocha deu lugar a uma passagem e a passagem deu lugar a uma gruta muito maior em altura e comprimento do que a estreita plataforma dava a entender que seria possível. E havia outras grutas de cada lado da câmara central; através de uma abertura vislumbrei a luz dourada de uma lâmpada, um lugar para dormir, com almofadas e lençóis de linho e um cobertor que parecia a pele de uma grande criatura selvagem. Os meus olhos esbugalharam-se.

— Vê, Fainne.

O objetivo daquela câmara central tornou-se-me evidente de imediato, criada que fui no conhecimento dos mistérios e práticas

rituais. Ao meio havia uma grande bacia de bronze, pouco profunda e vazia; junto dela estava um jarro ornamentado do mesmo material, colocado numa laje de granito. Por cima daqueles vasos cerimoniais o teto da gruta elevava-se em arco; e no centro abria-se para o céu. Pareceu-me que o buraco redondo nas rochas fora feito com precisão, assim como as pedras de Kerry, cada uma com a sua posição e propósito. Aquela abertura deixava ver um pedaço de céu azul, sem nuvens. Era, talvez, meio-dia, talvez um pouco mais. Naquela noite poderia olhar para cima e ver uma estrela; ou a escuridão aveludada, profunda e tranqüila. Em determinadas épocas do ano os raios do Sol penetrariam pela abertura, tocando na água ritual como um fogo vivo. Aquela gruta era parecida com aquela que Finbar habitara em Inis Eala. Um lugar antigo. Um lugar seguro. Os braços da deusa abraçavam-na, o seu corpo maternal amparava-a. Se havia um local onde era possível preservar os velhos costumes, mantê-los intactos na memória e no bater do coração da espécie humana, era ali. Mas por quanto tempo? Abri a boca para fazer a pergunta e o ser parecido com o oceano apontou a sua mão parecida com algas para a bacia de bronze, enchendo-a instantaneamente com água límpida. Fechei a boca sem dizer palavra. O Senhor que era mais ar do que substância inclinou-se, soprou para a água e a sua superfície tornou-se viva com uma miscelânea de minúsculas imagens, brilhantes como flores de Verão, movendo-se e mudando num padrão complexo e estonteante.

— Vem, Filha do Fogo — disse o Senhor com os cabelos em chamas. — Nós mostramos-te.

A Dama da Floresta pegou-me na mão esquerda e ele na direita e, juntos, olhamos para a água. Havia ali tanta coisa, tanta; estava tudo misturado e fragmentado, mas naquele movimento intrincado eu via coisas familiares que desapareciam logo a seguir; um peixe contorcendo-se no solo; gaiolas a abrirem-se, animais voando rapidamente; um fogo e o rosto de um homem contorcido de dor. Fechei os olhos com força.

— Eu não sei adivinhar o futuro — disse eu secamente. — Não presto para isso. Se é esta a tarefa que querem que eu faça, escolheram a rapariga errada.

— Concentra-te — disse a Dama.

— Controla-te — disse o Senhor ardente. — Tu achas isto difícil, não porque não tenhas a habilidade, mas porque a tens em grande quantidade. Tens de estreitar os teus horizontes; fixa-te numa época, num lugar, numa seqüência. Encontra um padrão e fecha tudo o resto até precisares. Aqui encontras todas as existências, Fainne. Aqui encontras o que aconteceu: o movimento eterno das estrelas, as vozes das rochas antigas, os mistérios das profundezas do oceano. Aqui podes ver as histórias da nossa espécie, da tua e da outra. Podes ver o que é: neste momento o teu pai e os outros estão a abandonar as costas da Greater Island, neste momento os Bretões estão a caminho de casa, deixando para trás a sua promessa de paz. O comandante do navio que os leva é um primo teu, que nunca conheceste: Fintan, herdeiro de Harrowfield. Para eles, o futuro é brilhante; breve, mas brilhante.

— Verás estas coisas — disse a Dama — e ser-te-á mostrado o futuro, ou o que pode ser o futuro. Há um perigo nisso que, estou certa, compreenderás. Foste escolhida para isto, Fainne, por seres o que és. Para ti não há barreiras; nada impedirá o teu conhecimento acerca dos reinos mais altos da arte, se é a isso que aspiras. Aquela que te disse o contrário mentiu-te, assim como mentiu ao teu pai. Mesmo então, mesmo quando eras criança, ela sentiu o poder que havia em ti; um poder, no fim, muito maior do que o dela. O seu erro foi acreditar que poderia canalizá-lo com a sua vontade. Ela subestimou a força de Ciarán e a tua. É um paradoxo, porque sem o seu sangue, o sangue dos banidos, não terias a força suficiente para esta missão. Lady Oonagh era um de nós. Os da sua espécie são as nossas sombras, os nossos reflexos, que caminham a nosso lado, mantendo o equilíbrio. Um não pode existir sem o outro. No entanto, estamos em guerra, eternamente. Portanto, foi ela que te deu a força que tens. Tu tens uma profunda compreensão das coisas, apesar de seres tão nova. Essa capacidade, que ainda

não dominas por completo, será desenvolvida por nós. Oh sim — ela ergueu as sobrancelhas, sorrindo para o meu ar de surpresa — nós vimos cá, de vez em quando, pelo menos até estares devidamente instalada. E agora olha outra vez; escolhe apenas uma imagem e concentra a tua mente nela. Faz com que ela se mostre. Bloqueia o resto.

Olhei para a água, recordando a pequena Sibeal e a sua concentração total, silenciosa. Ela só tinha oito anos. Eu tinha muito que aprender. No meio daquele movimento caótico de imagens, houve uma que me atraiu. Três crianças deitadas numas rochas, junto de um lago. O lago de Sevenwaters, não muito longe da fortaleza. Era Verão; duas delas tinham as mãos metidas na água e observavam os peixes. A terceira, um rapaz de cabelos escuros, estava deitado de costas com os braços estendidos, olhando para o céu. O rapaz era parecido com Coll; tinha uns ares do meu tio Sean. Mas eu só conhecia um homem com aqueles olhos, profundos, sem cor, salvo a da sabedoria. Não havia dúvida de que a imagem que eu estava a ver era muito antiga e aquela criança era Finbar, olhando para lá do sítio onde o seu irmão e irmã brincavam, para o seu estranho destino. A pequena imagem mudou, mas ficou a mesma. As rochas, o lago e os patos castanhos nadando nele. As três crianças, filhas de Sevenwaters. Continuava a ser Verão, mas um Verão diferente e as crianças também eram diferentes. Dois gêmeos, um rapaz e uma rapariga, visionários e de cabelos escuros, estendendo os braços para tentar tocar no peixe que nadava por entre os caniços; e outra rapariga, encantadora como um espírito de Outono, com os seus grandes olhos azuis e longa cabeleira avermelhada. A criança pequena de cabelos escuros, que era a minha tia Liadan, disse qualquer coisa, Sean acotovelou-a nas costelas e a minha mãe riu-se, as suas feições doces, puras, iluminadas pela alegria. Aproximei o rosto da água, querendo ver mais, querendo ver aquela criança como fora naquele tempo, antes de ter perdido a alegria de viver. Sibeal, de pernas cruzadas na mesma pedra à beira do lago e com as mãos no colo. Os seus olhos pareciam não ver nada e pareciam ver tudo. Olhou para mim e sorriu; e a imagem desapareceu.

— Depressa aprendes — disse a Dama da Floresta enquanto eu pestanejava e esfregava os olhos. — Depressa aprendes a ficar com essas coisas na mente e no espírito; a preservar o que tem valor. Recita o Conhecimento, observa os rituais. O Sol e a Lua proteger-te-ão; o mar será a tua fortaleza e as pedras vivas o teu refúgio. Protege o laço misterioso entre a terra e a vida que vive nela e a nossa grande mãe sustentar-te-á.

Senti-me ligeiramente fraca e espantada. Talvez as minhas perguntas não tivessem importância, na realidade. A missão que me tinham confiado era muito importante; devia sentir-me honrada. Mas eu não sentia nada, salvo o vazio no coração e a dor das minhas lágrimas.

— Queres perguntar-nos algo, antes de partirmos? — A Dama da Floresta falou-me com gentileza; mas eu não me esquecia de quem ela era. Aquela gente não sabia nada acerca da espécie humana; para eles, as nossas vidas não tinham conseqüência no desenrolar das coisas.

— Gostaria de saber — aventurei eu.

— O quê, minha filha?

— Tenho duas perguntas. Uma rapariga humana precisa de comida, de calor e de roupa para vestir; e meios para poder ter calor no Inverno. Estou preparada para estar sozinha; isso não tem nada de novo para mim. Mas, como vou arranjar tempo para levar a cabo os deveres que vós me exigis, se tenho também de esgravatar nestas rochas estéreis para viver? Não sei pescar à linha, mas...

Os quatro riram alto, profundamente, uma espécie de música atravessando a câmara.

— Terás tudo o que necessitares — disse o Senhor ardente. — Através de um ato de inesperada gentileza, ganhaste estranhos e leais amigos.

— Os Anciãos assegurarão que terás tudo o que precisas. Na verdade, insistiram para que pudessem ficar com esse dever só

para eles. Que estranhas criaturas. Não terás necessidade de... pescar. — E rompeu de novo às gargalhadas.

— Muito bem — disse eu olhando em volta e tentando perceber quantos olhos nos estariam a observar. Os Anciãos sabiam disfarçar-se; nunca se sabia que pequena sombra, que montão de pedras poderia, sem aviso, transformar-se numa criatura viva. Pelo menos, teria alguma companhia. — Mas há outra coisa em que parecem não ter pensado — disse eu. — A minha avó disse-me que a nossa espécie vive muito tempo. Como temos o mesmo sangue que vós, o nosso tempo de vida é superior aos dos outros humanos. Mas eu não sou eterna. Posso manter estes segredos a salvo até ser velhinha, como Lady Oonagh. Mas, eventualmente, morrerei, e os segredos perder-se-ão comigo.

Os olhos líquidos do ser-oceano abriram-se e as suas frondosas sobrancelhas ergueram-se.

— Oh não — disse ele, surpreendido. — Os segredos não morrem contigo; as coisas não se passam assim. A nossa visão é muito maior do que a vida de um único guardião.

— Ensinarás à tua filha estas coisas, de modo que ela possa continuar a tua missão; com o tempo, ela passará esse conhecimento à filha dela. Vai demorar muito tempo, oh, tanto tempo, antes que este Conhecimento possa ser conhecido, de novo, pelo mundo. É por essa razão que escondemos as Ilhas, esta noite, do mundo dos humanos. Uma grande onda passará por aqui; e elevar-se-á uma grande bruma, que as esconderá. Os viajantes bem podem procurá-las, mas nenhum as encontrará.

— A minha filha — disse eu de modo indiferente. — Estou a ver. Corrigi-me se estiver errada, mas eu pensava que era preciso um homem, tanto como uma mulher, para fazer um filho. O pai dessa criança vai ser um caranguejo, ou uma gaivota, talvez? Ou tencionam fazer com que um marinheiro naufrague e me venha bater à porta, para que eu possa ter um uso conveniente para ele?

Seguiu-se um silêncio súbito. Talvez eu não tivesse percebido qualquer coisa. Os quatro grandes seres dos Túatha Dê olharam

para mim solenemente. Então, o Senhor do fogo estendeu uma mão e ali, na minha frente, surgiu uma frágil bola de vidro, suspensa no ar, tão encantadora e brilhante como uma estrela.

— Tu conheces o feitiço — disse ele. — Mostra-nos.

Olhei para ele horrorizada, emudecida por tanta crueldade. Mordi as palavras que me vieram aos lábios. Cai. Alto. Agora, suavemente. Como se atreviam? Como se atreviam a fazer aqueles truques?

A bola não se esmagou no chão. Caiu, parou e ficou suspensa a um palmo da superfície rochosa. Mas não fora eu a fazer o feitiço. A bola brilhava, refletindo o fogo dos cabelos ardentes do Senhor. Este avançou e apanhou-a.

— Estás a ver? — disse ele suavemente. — Tu não és a única que sabe fazer este passe de magia.

— Caranguejos, gaivotas, marinheiros naufragados; não me parece — disse a Dama da Floresta. — Creio que somos capazes de fazer melhor do que isso.

Senti um baque no coração. Aterrorizada com a possibilidade de ter percebido mal, sussurrei:

— Que quer dizer?

— Que espécie de pai necessitaria essa criança, a crescer neste local tão isolado? — meditou ela. — Uma criança assim precisaria de ser desembaraçada, alegre e sábia. Precisaria de ser capaz de trepar e saber equilibrar-se; e a respeitar as criaturas selvagens que nos rodeiam neste local cercado pelo mar. Seria útil ter um pai que a ensinasse a nadar, já que a mãe não pode. E que mais, diz-me?

— Que está a dizer? — A minha voz fraquejou de angústia e eu tremia como um vidoeiro no Inverno. Temia que me estivessem a atormentar, porque não podia ser verdade, certamente; como seria possível? As falésias eram altas, as rochas eram aguçadas e o

oceano era gelado. Mas... a esperança cresceu em mim como a seiva na Primavera, doce e forte.

— Um pouco de música para ajudar a passar o tempo — disse o Senhor feito de ar e luz.

— Um pouco de riso, um pouco de doçura. Paciência e uma razão para continuar. Acho que isso se chama amor.

— Pareceu-nos que só tínhamos uma possibilidade — disse o ser oceano.

— Quer dizer... quer dizer que ele está vivo? — Mal me atrevia a formular as palavras com medo da resposta. Pensei que o meu coração me ia saltar do peito, porque batia como um tambor. — Salvaram-no? Mas, como é possível? Como pôde ele sobreviver àquele mar traiçoeiro depois de um mergulho daqueles? E onde está ele? Não me mintam, por favor...

— Silêncio, filha. Nós partimos, em breve. Este assunto não é simples, porque não foi fácil arrancá-lo às garras da morte. — A Dama da Floresta falava com ar solene; havia uma sombra na sua expressão. — Foi necessário fazer uns ligeiros ajustamentos nas coisas para que isto fosse possível. E ele ainda não está aqui. Não virá ter contigo assim com tanta facilidade, porque terás de fazer outra espécie de teste; um teste que destinaste a ti própria.

— Que teste? — Fiquei gelada de novo, desconcertada pelas suas palavras. — Que tenho de fazer?

Ela suspirou.

— Ele seguiu-te até ao fim do mundo. Desistiu de tudo o que mais amava por ti. Tu tremes de alegria, agora, que sabes que está vivo; no entanto, mandaste-o embora vezes sem conta. Talvez demasiadas; talvez, desta vez, ele não queira regressar, sabendo que não conseguirá suportar outro não.

Os quatro começaram a desvanecer-se, preparando-se para partir. As suas formas ficaram transparentes e atenuadas, até que

só lhes podia ver os olhos, tristes, orgulhosos e não sem alguma piedade.

— Digam-me! Por favor, por favor, digam-me o que devo fazer!

A Dama da Floresta foi a última a partir. A sua voz pareceu-me tão frágil e efêmera como o suspiro da brisa nas folhas de uma grande floresta, um restolhar suave de despedida.

— Deves ir até ao mar e esperar por ele — disse ela. — Só terás uma oportunidade. Se a perderes, perdê-lo-ás para sempre. Deves abrir o teu coração e dizer a verdade. Ah, ainda não — acrescentou ela quando eu me precipitei para a entrada. — Só ao anoitecer. Tens que esperar que o tempo mude. Só então poderás trazê-lo para casa. A sua figura indistinta enevoou-se e desapareceu. Quando o azul-claro do fim de tarde começou a extinguir-se e a escurecer, como se um pincel tivesse passado pela vasta extensão do céu para o pintar da cor da lavanda, ou da tonalidade das asas de uma pomba, ou da cor do líquen de uma pedra, saí descalça para o exterior, desci os degraus rudemente talhados até onde as grandes rochas lisas se erguiam sobre o mar, na costa sul da Needle. Havia ocasiões em que a água lavava a superfície fendida daquelas pedras monumentais; mesmo naquele momento, nos seus cantos escondidos havia pequenas poças, cada uma com o seu delicado quinhão de vida; frágeis criaturas marinhas, agarradas, frondosas anêmonas e minúsculos peixes iridiscentes, do tamanho de pestanas. Mas agora a superfície da grande rocha estava seca; sentei-me ali de pernas cruzadas, as costas direitas e fixei o olhar nas águas cada vez mais escuras. Senti o calor armazenado naquela pedra antiga e o abraço amigo da terra, fazendo entrar a vida do Sol no meu corpo.

As palavras chegaram-me em silêncio como uma vez, em tempos. *Esta rocha é a tua mãe, tem-te na palma da mão Este calor é o teu pai, ele dá-te a sua vida, o seu espírito e a sua força.* Apesar de toda a serenidade da hora e do local, o meu coração batia com força à medida que a luz se esvaía; o mar estava cada vez mais escuro e eu não via nenhum nadador no seu abraço frio, nenhuns filhos, ou filhas, de Manannan mac Lir brincando na rebentação

enquanto o Sol descia a oeste, algures para lá das verdes colinas de Kerry. A água sussurrava aos meus pés, banhando as velhas pedras, rolando-as, como se estivesse a lavar coisas antigas e a substituí-las por novas. Uma grande inundação; um grande rio de lágrimas. Mas as lágrimas nunca seriam suficientes para lavar o que eu fizera. Se o mar atirasse para aquela praia selvagem um tesouro, quem menos do que eu, uma simples filha de feiticeiro, mereceria recebê-lo, que magoara tanta gente com os seus disparates? Como poderia isso tudo ser remediado?

As palavras vieram-me de novo, secretas, nascidas do sopro do vento de oeste, suspirando nas grandes ondas do mar. Este sopro é uma promessa, uma dádiva de amor e lealdade. A maré muda, todas as coisas mudam, e renascem. A terra sofre e resiste, o oceano estremece, esperando a renovação. As coisas boas perecem e a inocência morre. Mas a esperança sobrevive se o Guardião mantiver a fé, na Needle. Esta é a verdade.

Tremi ao ouvir aquelas palavras, mas continuei sentada nas rochas, porque me parecia que não podia fazer outra coisa senão esperar e ter esperança. Se perdesse a esperança, então não me restaria mais nada, absolutamente nada.

Percebi um súbito movimento nas águas cada vez mais escuras que não era certamente devido apenas às ondas, ou às brilhantes algas emaranhadas nascidas do seu seio. Eram... eram criaturas, de corpos esguios, criaturas marinhas de cabeças redondas, brincando, mergulhando, dançando nas ondas, as suas formas a verdadeira essência do elemento móvel, fluído, que habitavam com tanta alegria. Semicerrei os olhos e olhei com atenção. Sim, eram selkies; cinco ou seis movendo-se em círculos.

De vez em quando erguiam as cabeças, a pele escura e macia brilhando à última luz do dia e fixavam os olhos líquidos, queixosos, em mim, ali sentada nas rochas da Needle. Certamente que iriam aproximar-se. E ali, onde eu estava sentada, onde a rocha se inclinava suavemente para entrar no mar, uma delas poderia sair e... e... mas elas não vinham e o Sol estava a desaparecer no horizonte, a ocidente e estava a ficar escuro. Devia ser o meu castigo, talvez,

por me ter atrevido a ter esperança de que, no fim de contas, poderia receber um presente tão grande, abraçar mais uma vez o homem que amava tanto e que pensava ter perdido para sempre. Era o meu castigo por me atrever a acreditar, nem que fosse por um só momento, que a deusa me acharia digna de tal coisa. Murmurei o seu nome enquanto as selkies se afastavam da ilha, cada vez mais, até eu mal conseguir vê-las à luz do crepúsculo.

— Darragh — sussurrei, como uma rapariga tola, apaixonada. — Oh, por favor. Por favor.

— Tens de fazer melhor do que isso — disse uma vozinha seca à minha esquerda. Olhei para baixo. Desta vez nem se dera ao cuidado de se transformar; era o pequeno e desgrenhado mocho, sem bem que não tivesse visto nenhuma ave a voar, ou a pousar. — Tens de fazer melhor do que isso e depressa. A noite está a chegar; em breve estará escuro e será demasiado tarde.

— Pensa, rapariga, pensa — disse uma voz profunda e de cana rachada à minha direita, uma voz que parecia vir das próprias rochas; seria aquela fenda uma espécie qualquer de boca e seria aquele buraco redondo, ornamentado com uma concha, uma espécie de olho? Os Fomhóire estavam por toda a parte. Tinham sobrevivido, dessa maneira, durante eras incontáveis, enquanto outros eram chacinados, ou exilados.

— Pensa — disse de novo a voz. — Usa a cabeça. Recorda.

— Não consigo — murmurei. — Não o vejo. É demasiado tarde, se calhar. — Mas, não estava uma selkie na água, sob aquela luz crepuscular, os seus olhos brilhantes olhando na direção de terra, relutante em seguir as outras para leste, para o abrigo das baías das ilhas maiores? Ela esperou; mas não esperaria eternamente. Que tinha eu de fazer?

Não podia chamar; aquilo era uma criatura selvagem, a minha voz assusta-la-ia.

— Pensa, Fainne. Recorda-te. Recorda-te.

— Cantar — murmurei, à medida que me ia lembrando. Darragh tocando gaita-de-foles, docemente, chamando-me, tentando fazer com que eu fosse ter com ele. Que dissera ele? Algo acerca de focas, era isso. Aposto que não és capaz de cantar para chamar as focas dissera ele. Que a deusa me ajudasse. Como podia eu cantar para chamar aquela criatura, eu, com a minha voz de cana rachada, que mais parecia a voz de uma criatura dos pântanos? Olhei para os olhos escuros e líquidos da selkie, ela olhou para mim e eu soube que era precisamente isso que devia fazer; que a minha voz era a única que podia atraí-lo. Porque, por mais rachada que fosse, não era a voz do amor?

— Despacha-te — insistiu a criatura-mocho. — Senão, quando escurecer por completo, será demasiado tarde.

Na verdade, no mar, a selki virou a cabeça para olhar para as outras; e virou-se de novo para olhar para mim. Assim, respirei fundo e comecei a cantar. A minha voz era fraca e desafinada; um pequeno fio de som foi levado pelo vento, certamente uma canção demasiado pequena para chegar até à criatura que boiava nas ondas. A selkie olhava para mim.

— Muito bem — disse a criatura-mocho, mentindo nitidamente.

— Mais — encorajou o ser-rocha. — Mais. Mais alto. Ele está a ouvir-te. Depressa.

Na verdade, parecia que ela me ouvia, porque se aproximou e eu imaginei ver algo, como que um reconhecimento, nos seus estranhos olhos, escuros, tristes, como a solidão do mar. Recomecei. O calor das grandes rochas fluiu através de mim, o vento de oeste deu-me forças e a voz do mar emprestou um profundo contraponto ao fluxo hesitante da minha melodia. Cantei enquanto a luz desaparecia e a água ficava escura como tinta, enquanto as sombras estendiam os seus braços para mim e o céu ficava da cor violeta escura do crepúsculo. A minha voz era um farrapo patético de sons mal-formados na vasta extensão daquele lugar remoto, a canção não tinha forma e as palavras eram hesitantes. Mas a canção vinha-me do coração e pus nela todo o

meu amor e desejo há muito escondidos. Tudo o que eu nunca lhe dissera, porque não podia. Cantei para o crepúsculo, esperando a chegada da noite.

A última luz do dia esfumou-se. A meus pés, entre o mar e a terra, a selkie esperava, a sua cabeça escura e suave mal visível à tona da água, os olhos redondos fixos em mim. A minha cação aproximou-se do seu fim hesitante. Estendi a mão enquanto o crepúsculo se transformava em noite e os meus dedos apertaram a mão forte de um homem. Puxei com todas as minhas forças enquanto as lágrimas me escorriam de novo pelas faces e por fim, nas rochas junto de mim, estendido, a tremer à luz difusa da Lua, estava o meu amado, ensopado, tremendo dos pés à cabeça e completamente nu. Acocorei-me junto dele, rodeei-o com os braços e perguntei a mim mesma porque duvidara de que ele regressaria para mim. Não fora ele sempre o mais leal dos amigos?

— Desculpa — murmurei. — Desculpa, Darragh, desculpa por te ter feito isto.

Ele pestanejou e virou a cabeça para um lado e para outro, como se não soubesse bem se era uma foca ou um homem. Talvez, a acreditar nas histórias, ele, de futuro, não fosse uma coisa nem outra. Tremia tanto que eu sentia os espasmos por todo o meu corpo. Tentei tirar o xale, pensando rodeá-lo com ele.

— Desculpa — disse eu de novo por entre lágrimas de alegria e tristeza. Darragh pôs-se cautelosamente de pé. O seu corpo, à luz da Lua, era pálido; pálido, nu e muito, muito belo. Engoli em seco.

— É possível viver — aqui continuei, desejando que ele falasse, mas sentindo medo, também, porque abrira o meu coração e comecei a pensar se não teria sido uma tolice. No fim de contas, ele virara-me as costas uma vez, quando eu desejara tanto que ele me tocasse. — Há comida, água e abrigo. Mas pouco mais. Não podemos deixar este lugar. Desculpa. Por minha causa perdeste tudo o que poderias vir a ter.

Darragh olhou para mim naquela meia escuridão.

— Tu sempre disseste que não s... sabias cantar — observou ele com os dentes a bater. Gostava muito de ouvir essa canção outra vez. Foi a canção mais bonita que eu jamais ouvi. Cantas-ma mais uma v... vez, se eu te pedir com jeitinho?

Senti as faces corarem.

— Talvez — disse eu. — Mas, agora, temos de arranjar forma de te secar, antes que morras de frio.

— Eu sei de uma ou duas — disse Darragh, também ele corando intensamente. Ele estendeu os braços para mim, eu estendi os meus para ele sem me preocupar com a falta de roupa e senti o bater firme do seu coração contra o meu corpo, tão bom, tão bom, que pensei morrer de doçura.

— Darragh — disse eu. — Aqui não há nada para ti. Nada senão eu, as aves marinhas e o tempo. Isto não é vida para ti. — De qualquer modo, continuei agarrada à única coisa que tinha; compreendia, agora, que algumas coisas são demasiado preciosas para serem abandonadas.

— Tudo o que sempre desejei foi ter-te a meu lado e a estrada à nossa frente — disse Darragh. — Isto é a mesma coisa.

— Não é lá grande estrada — disse eu, sentindo o desejo subir-me pelo corpo acima, sentindo a necessidade de me manter chegada a ele, irresistível.

— Uma grande aventura. — A voz de Darragh soou doce nos meus cabelos. — É o que é. — O seu corpo estremeceu de novo, profundamente e eu afastei-me.

— Diz-me uma coisa — disse eu. — Aquela noite em Inis Eala, quando tocaste a gaita-de-foles e me perturbaste. Por que me viraste as costas? Por que não me disseste adeus com um beijo, ou um abraço? Eu pensava... eu pensava...

— Rapariga tonta — disse Darragh gentilmente. — Nunca percebeste, pois não? Nunca chegaste a perceber como te amo, como te desejo, de tal modo que quase não conseguia impedir-me

de te tocar, sabendo que, se começasse não conseguiria parar e com medo de te fazer algo que te assustasse e te fizesse fugir para sempre? Acontece conosco, homens, Caracóis, este querer; mesmo agora... — ele olhou para o próprio corpo nu e de novo para cima — mesmo agora, cheio de frio, sabes...? — E sorriu torcidamente.

— Vem, então — disse eu com voz trêmula, estendendo uma mão para ele — não percamos mais tempo.

E, juntos, começamos a longa subida para o calor do abrigo; para uma nova vida.

Porque parecia que o destino dele era o meu destino e o meu o dele, ali, naquele lugar marginal, naquele lugar onde a terra e o fogo, o ar e a água se encontravam e separavam de novo, doce e misteriosamente, numa dança eterna.

EPÍLOGO

Nos anos que se seguiram à grande batalha pelas Ilhas, muitas histórias se contaram acerca dos acontecimentos que tiveram lugar e suas conseqüências. Durante algum tempo contou-se algo parecido com a verdade; uma história que até poderia ser História. Essa história dizia que Sean de Sevenwaters desafiara os Bretões com a ajuda dos seus aliados e sob a liderança de um jovem chamado Johnny, um guerreiro de poderes quase sobrenaturais. Essa vitória foi tal, que Northwoods renunciou para sempre à disputa por esse território. No entanto, de certo modo, Edwin não perdeu.

Formaram-se novas alianças entre os velhos inimigos. Com o tempo, a filha de Northwoods casou com o herdeiro de Harrowfield e assim, ironicamente, por meio da paz, finalmente, os dois grandes domínios de Northumbria conseguiram exatamente que o vilão Richard de Northwoods desejou um dia: uma só grande propriedade, forte, no noroeste de Inglaterra. Houve uma aliança ainda mais estranha, a que se fez entre Northwoods e Sevenwaters, nada mais nada menos do que uma promessa de paz e boa vontade entre Bretões e Irlandeses. Isso foi obra de Johnny, que resultou em longos anos de felicidade e prosperidade em ambos os lados do mar. Ninguém falou muito da batalha em si; todos sabiam que tinha havido coisas estranhas, como o uso de navios muito parecidos com os dos Finn-ghaill e a intervenção de uns estrangeiros muito poderosos e como tudo tinha acabado, no fim, num combate singular entre dois homens. Alguns disseram que tinha havido uma mulher e outros um ogre, ou uma fada; mas muitos acharam isso fruto da imaginação.

À medida que o tempo passou, as histórias desenvolveram vida própria. Os pescadores, especialmente, gostavam de as contar entre eles nas noites frias à volta da fogueira, enriquecidas pelos efeitos de uma boa caneca de cerveja. O que era engraçado era que todos falavam das Ilhas e como elas tinham sido

reconquistadas, finalmente, com grande coragem e habilidade. Mas quando se perguntava a alguém onde eram essas ilhas, ninguém parecia capaz de o dizer com exatidão. Alguns diziam que eram a sul de Man, mas não tinham a certeza, porque todos eles tinham navegado até lá nos seus curraghs e todos sabiam que não havia ilhas nenhuma por ali, apenas umas rochas batidas pelas marés. Alguns diziam talvez para Norte, mas outros discordavam. Fosse onde fosse o local original das Ilhas, já lá não estavam; pelo menos, não eram capazes de as encontrar.

Mas, por vezes, ouviam uma história acerca de um tipo, ou outro, que tinha visto qualquer coisa e quando se juntam essas histórias todas, fica-se com uma bem estranha, quase inacreditável; no entanto, eles acreditavam, ou quase. Um tipo remando sozinho e uma bruma aparecendo subitamente, como que por magia e quando ela se ergueu, por momentos, viu um grande pilar de rocha, como que uma torre construída por gigantes, só que aquela estava no meio do mar com as ondas a esmagarem-se nela. E, por vezes, via-se gente lá, à noite, sentada nas rochas ao luar, ou subindo e descendo a falésia como se fossem caranguejos, tão agilmente se moviam por aquela encosta íngreme. Gente pequena, como se fossem crianças, de cabelos tão vermelhos como as folhas de uma faia no Outono; e por vezes um homem e uma mulher, mas tudo o que se conseguia ver deles era um mero avistamento, antes de a bruma se fechar de novo sobre eles. Um tipo viu luzes, mesmo no topo, e outro jurou ter visto uma criatura com uma capa de penas e botas encarnadas; mas os outros disseram-lhe que era imaginação. Um outro disse que havia lá muitas focas, nas rochas, no lado sul; e uma mulher sentada à beira da água a cantar. Uma sereia, pensou ele que era. Disparate, disseram os outros. Mas continuam a contar essas histórias.

As histórias fazem-me rir. Vejo os homens no meu espelho de água límpida e à medida que os anos vão passando vejo a nossa história transformar-se num estranho reflexo distorcido dela própria, tornando-se mais aceitável para as pessoas, sem o sangue e as mortes, sem a crueldade, os erros terríveis, o desperdício e, eu sorrio e vejo-a passar. Ouço a minha filha recitar o conhecimento e

elogio-lhe os esforços, Muito bem, Niamh, mas não demasiado, ou não terá nada por que lutar. Dou-lhe tempo para brincar com o pai e o irmão mais novo. Riem, cantam e contam histórias sentados ao sol sob as sorveiras-bravas. Fazem assobios de ossos de baleia e inventam novos nomes para os peixes, para os pássaros e para a fugidia criatura de rocha. Não vêem qualquer estranheza nos Fomhóire.

Danny talvez nos deixe quando crescer; mas nós achamos que fica. Ele, aqui, tem duas casas, o mar e a terra, divertindo-se na liberdade de um e agradecendo o calor da outra. O destino da nossa filha será mais difícil. Para ela, talvez os Fair Folk façam naufragar um viajante, um homem de coragem e visão, que se sinta atraído por este lugar escondido pelas brumas e se deixe capturar pelo amor.

Daqui a muito tempo. Depois do meu tempo, do tempo da minha filha e do tempo da filha dela. Veremos coisas terríveis nas grutas da verdade; veremos a pilhagem da terra, a degradação dos oceanos, o desaparecimento das grandes florestas. Veremos a crueldade do homem e a sua ganância, o desaparecimento da velha fé em quase todos os corações. Mas virá o tempo. Tem de vir; não o disseram os próprios Fair Folk? Finalmente, a sabedoria triunfará, quando o mundo estiver quase perdido; e o homem descobrirá a sua ligação com a terra, em tempos sua mãe. Esta é a grande e solene verdade e nós cumpri-la-emos fielmente.

Aprendi muitas coisas na minha jornada para a Needle. Aprendi muita coisa acerca de lealdade, coragem e perdão. Aprendi que o amor é a mais cruel das coisas e a mais maravilhosa. Aprendi que se encontram amigos nos sítios mais estranhos, se soubermos procurar. A minha vida, aqui, é mais rica do que se pode imaginar; a deusa foi, sem dúvida, boa para nós. Concedeu-me a dádiva maravilhosa da segunda oportunidade; e eu não a desapontarei.